



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL
FACULDADE DE ARQUITETURA

**A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE
GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS**

PAULA SILVA GAMBIM

Porto Alegre

2007

PAULA SILVA GAMBIM

**A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE
GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS**

Dissertação de mestrado em Planejamento Urbano
e Regional
Para a obtenção do título de mestre em
Planejamento Urbano
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Planejamento
Urbano e Regional
Faculdade de Arquitetura

Orientador

Maria Cristina Dias Lay, PHD

Porto Alegre

2007

G191i Gambim, Paula Silva

A influência de atributos espaciais na interação entre grupos heterogêneos em ambientes residenciais / Paula Silva Gambim ; orientação de Maria Cristina Dias Lay. — Porto Alegre : UFRGS, Faculdade de Arquitetura, 2007.

302 p. : il.

Dissertação (mestrado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura. Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional. Porto Alegre, RS, 2007.

**CDU: 728.222(816.51)
711.6
711.41
316.454.5**

DESCRITORES

**Habitação popular : Porto Alegre (RS)
728.222(816.51)**

**Distribuição espacial
711.6**

**Morfologia urbana
711.41**

**Interação social
316.454.5**

Bibliotecária Responsável

Elenice Avila da Silva – CRB-10/880

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS

PAULA SILVA GAMBIM

Dissertação de mestrado submetida à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial, exigido pelo o Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional - PROPUR, para obtenção do título de Mestre em Planejamento Urbano na área de concentração da Percepção e Avaliação Ambiental.

Prof. Dr. João Farias Rovati - Coordenador do PROPUR

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Dias Lay - Orientador

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Dias Lay - Moderadora – PROPUR/UFRGS

Prof. Dr. Antônio Tarcísio Reis - PROPUR/UFRGS

Prof. Dr. João Farias Rovati - PROPUR/UFRGS

Prof^a. Dr^a. Luciana Correa do Lago - IPPUR/UFRJ

Porto Alegre, 20 de novembro de 2007.
(Data de defesa)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, incansáveis no apoio e dedicação aos filhos, exemplos de vida e de fé.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me conduziu nesta caminhada.

À minha orientadora, Maria Cristina Dias Lay, pela sua incansável dedicação, por ter partilhado comigo seus conhecimentos e experiências, pela sua paciência e por acreditar no meu trabalho, transmitindo-me confiança, segurança e tranquilidade.

Aos meus pais, como sempre, presentes com seu amor, confiança e orações, e pelo interesse com que acompanharam esse trabalho.

Ao Fábio, meu amor, pelo carinho e apoio permanentes e pela compreensão da minha ausência.

Aos meus irmãos, Beta, Naldo e Júnior, amorosos, pacientes e prestativos, durante toda a pesquisa. À Beta, especialmente, pela ajuda na finalização deste trabalho.

Aos meus cunhados, em especial Camila e Gabriel, presentes com o seu apoio.

Aos amigos e colegas que dividiram as angústias e o conhecimento durante o período de aprendizado e pesquisa. Lembro a Carolina, a Luciana, a Clarissa, o Mateus e a Carla.

À UFRGS e a CAPES pela oportunidade do conhecimento.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

O processo de urbanização acelerada e a segmentação espacial no ambiente urbano no último século aponta para a heterogeneidade dos grupos sociais que coabitam a cidade e destaca os problemas como violência e segregação que surgem da relação entre os grupos. Não existem estudos conclusivos sobre as variáveis que afetam a interação social entre grupos heterogêneos em contato nos ambientes urbanos. Este estudo investiga os efeitos dos atributos espaciais na interação de grupos socioeconômicos distintos residentes em áreas urbanas comuns caracterizadas por transformações físicas ou sociais. Baseado na área de Ambiente-Comportamento, este estudo foi realizado em três áreas consolidadas da cidade de Porto Alegre, ocupadas por moradores de renda média e alta, nas quais houve inserção recente de moradores de baixa renda através de projetos de reurbanização e regularização fundiária. Foi avaliado o desempenho dessas áreas em relação aos diferentes níveis de interação social, a partir da satisfação dos moradores e da caracterização do perfil comportamental no uso dos lugares do bairro. Buscou-se o entendimento de quais atributos espaciais e composicionais mais afetam a interação social entre os moradores dos grupos distintos, seja no uso simultâneo dos espaços ou no desejo de não se relacionar com o outro grupo. Os procedimentos metodológicos adotados apoiaram-se em múltiplos métodos. A coleta de dados consistiu de duas etapas. Na Etapa 1 foram realizados levantamento físico das três áreas selecionadas (habitação social e entorno), aplicação de entrevistas e mapas mentais entre moradores dos dois grupos socioeconômicos e utilização de recursos de SIG. Na Etapa 2 os dados foram adquiridos a partir de questionários, observações comportamentais e levantamento fotográfico. A análise de dados utilizou estatística não-paramétrica, recursos de SIG, análise sintática e análise de gráficos de visibilidade, possibilitando a complementaridade dos resultados obtidos, incrementando a compreensão e validade da investigação. Os dados evidenciam que a interação social entre os grupos socioeconomicamente distintos pode ser favorecida: (1) pela adequação da estrutura do ambiente construído, que aumenta as possibilidades de apropriação do espaço aberto e de acessibilidade das atividades, de modo simultâneo pelos grupos distintos; (2) pela maior semelhança entre as edificações da habitação social e do entorno, que podem favorecer o uso indistinto dos lugares do bairro e a maior identificação com a vizinhança; e (3) pela existência de equipamentos de comércio e serviços básicos, instituições de ensino, praças e espaços adequados para caminhar no bairro, que favorecem o uso comum dos lugares do bairro pelos dois grupos sociais e aumentam a intensidade de apropriação dos espaços abertos. A percepção de heterogeneidade entre os moradores favorece o sentimento de que existem grupos distintos no bairro e segregação no uso dos lugares; quanto maior a heterogeneidade, mais intenso tende a ser o controle territorial por parte dos moradores e menor o desejo de uso dos espaços abertos. A pesquisa realizada sustenta a importância dos atributos físico-espaciais para a compreensão do comportamento dos diferentes grupos que coabitam na cidade. Destaca-se que características dos espaços urbanos, especialmente resultantes das decisões projetuais aplicadas à habitação social, podem minimizar os efeitos da heterogeneidade entre os grupos distintos definidos em função das intervenções nas políticas públicas. Os resultados aqui obtidos ampliam o entendimento da interação social entre grupos socioeconomicamente distintos residentes em áreas urbanas comuns, podendo, assim contribuir para novas pesquisas sobre o tema e para intervenções urbanas mais adequadas às necessidades humanas.

Palavras chave:

Interação social, heterogeneidade socioeconômica, habitação social, adequação espacial.

ABSTRACT

Due to the accelerated urbanization process and spatial segmentation of the cities during the last century, there is great concern about violence and segregation that might result from an increasing heterogeneity of populations living in the same urban environment. Evidence about which variables might affect social interaction between different socioeconomic groups has not been presented so far. This research empirically addresses the effects of spatial attributes on social interaction of different socioeconomic groups in local neighborhoods, in a comparative study of three central urban areas in Porto Alegre. In these areas, characterized by high and medium income population, low-income groups were introduced through re-urbanization projects. In order to investigate the physical and compositional attributes related to the interactional process, the different levels of social interaction were evaluated by residents' attitudes and spatial behavior in the local environment, regarding the simultaneous activities or the desire of separation between groups. The methodological procedures consisted of multiple methods used in the research area of Environment Behavior. The data collection was done in two steps. The first assessed the description of the physical aspects of the three selected areas, resident interviews and application of mental maps. The second step is organized into collection procedures (questionnaires, observations to produce behavioral maps, and photography) and analyses of the data (non-parametric statistic, use of GIS resources, syntactic analyses and graphic of visibility analyses). The multiple techniques enhanced the comprehension and the validity of the investigation. Results showed that social interaction between different socioeconomic populations are affected by: (1) adequacy of the physical structure of built environment, which increases appropriation of open spaces and to accessibility to the desired activities; (2) physic similarities of the buildings between social housing and the neighborhood context, allowing better use of local streets and the identification of the collective image (the group); and (3) the existence of facilities such as groceries and basic services, educational institutions, public places for leisure and well pavement conditions to walk, allowing common activities in the neighborhood and increasing appropriation of urban spaces. The perception heterogeneity between neighbors affects the feeling that there are different populations in the place and segregation in the use of the neighborhood: heterogeneity can stimulate territorial control and reduce the desire of using open spaces. This research shows evidence that physical attributes are relevant to understand the behavior of different populations living (in contact) in the cities. It demonstrates that project decisions related to regularization for social housing can be improved when concerned of certain physical aspects that help to reduce the effects of heterogeneity for social interaction. The findings improve the comprehension of social interaction between different socioeconomic groups living in the same neighborhood. It is expected that it can arouse interest to develop further studies on the subject, as well as motivate urban policies more congruent to human needs.

Key-words:

Social interaction, socioeconomic heterogeneity, social housing, environmental adequacy.

SUMÁRIO

<u>AGRADECIMENTOS</u>	5
<u>RESUMO</u>	6
<u>ABSTRACT</u>	7
<u>SUMÁRIO</u>	8
<u>LISTA DE TABELAS</u>	13
<u>LISTA DE FIGURAS</u>	16
1 <u>INTRODUÇÃO GERAL: DEFINIÇÃO E IMPORTÂNCIA DOS GRUPOS E OS PROBLEMAS NA INTERAÇÃO SOCIAL</u>	21
1.1 INTRODUÇÃO	21
1.2 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA	21
1.2.1 Importância da formação dos grupos e a interação social nos espaços urbanos	21
1.2.2 Heterogeneidade na atualidade	22
1.2.3 Transformações no ambiente urbano e os efeitos na interação social entre grupos distintos	24
1.2.4 A segregação do espaço urbano brasileiro e a habitação social	25
1.2.5 Delimitação do problema de pesquisa	29
1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA	30
1.4 ESTRUTURA E CONTEÚDO DO TRABALHO	30
2 <u>IDENTIFICAÇÃO DOS CONDICIONANTES NA INTERAÇÃO SOCIAL DE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM ÁREAS RESIDENCIAIS</u>	32
2.1 INTRODUÇÃO	32
2.2 CONCEITOS SUPORTE PARA ENTENDER A INTERAÇÃO SOCIAL NO AMBIENTE URBANO	33
2.2.1 Imagem e Desempenho Ambiental	33
2.2.2 Ambiente construído como suporte às atividades humanas	34
2.2.3 Interação Social	36
2.2.4 Comportamento espacial	37
2.2.4.1 Privacidade	38
a. Espaço pessoal	38
b. Território	39

2.2.4.2	<u>Comportamento territorial</u>	39
	<i>a. Tipos de território</i>	41
2.3	CARACTERIZAÇÃO DA INTERAÇÃO SOCIAL EM AMBIENTES RESIDENCIAIS URBANOS	43
2.3.1	A interação social na vizinhança	43
2.3.2	Sistema de lugares e sistema de atividades	45
2.4	CARACTERIZAÇÃO DOS FATORES CONTEXTUAIS INFLUENTES NA INTERAÇÃO SOCIAL	46
2.4.1	Caracterização da estrutura do ambiente construído	47
2.4.1.1	<u>Tamanho de uma vizinhança e quantidade de habitações</u>	47
2.4.1.2	<u>Dinâmica do movimento na área de vizinhança e potencial de contato social</u>	48
2.4.1.3	<u>Acessibilidade no ambiente residencial</u>	50
2.4.1.4	<u>As calçadas no ambiente residencial</u>	52
2.4.1.5	<u>A presença da vegetação</u>	53
2.4.1.6	<u>As faixas para circulação de veículos no ambiente residencial</u>	53
2.4.2	Aparência e uso	55
2.4.2.1	<u>Aparência das edificações</u>	55
2.4.2.2	<u>Percepção de Segurança</u>	56
2.4.2.3	<u>Heterogeneidade do ambiente construído</u>	58
2.4.3	Adequação dos equipamentos e atividades existentes no ambiente residencial	59
2.5	CARACTERIZAÇÃO DOS FATORES COMPOSICIONAIS INFLUENTES NA INTERAÇÃO SOCIAL	61
2.5.1	Estilo de vida e definição do grupo	62
2.5.1.1	<u>Estilo de vida e status socioeconômico</u>	63
2.5.1.2	<u>Estilo de vida e tempo de moradia</u>	64
2.5.1.3	<u>Estilo de vida e composição familiar</u>	64
2.5.1.4	<u>Estilo de vida, sistema de atividades e alocação do tempo ..</u>	65
2.5.2	Heterogeneidade e homogeneidade percebida: efeitos na interação dos grupos	65
2.6	CARACTERIZAÇÃO DOS FATORES CONTEXTUAIS E COMPOSICIONAIS INTERDEPENDENTES INFLUENTES NA INTERAÇÃO SOCIAL	67
2.6.1	Comportamento territorial, imagem do lugar e interação social	67
2.6.1.1	<u>Comportamento territorial: barreiras físicas e a interação social</u>	67
2.6.1.2	<u>Imagem do grupo e personalização do território</u>	69
2.7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
3	<u>METODOLOGIA</u>	72
3.1	INTRODUÇÃO	72
3.2	PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS	72
3.3	ESTRUTURA METODOLÓGICA E HIPÓTESES DE PESQUISA	73
3.4	DEFINIÇÃO DO ESTUDO DE CASO	74
3.5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	80
3.5.1	Etapa 1: Caracterização e seleção das áreas de análise para o estudo de caso	81
3.5.1.1	<u>Crítérios de seleção das áreas de análise</u>	81
3.5.1.2	<u>Métodos de coleta de dados</u>	81
3.5.1.3	<u>Caracterização das áreas pré-selecionadas</u>	84
3.5.1.4	<u>Caracterização das áreas selecionadas para o estudo de caso</u>	85
3.5.1.4.1	<i>Caracterização da Área 1</i>	86
3.5.1.4.2	<i>Caracterização da Área 2</i>	90
3.5.1.4.3	<i>Caracterização da Área 3</i>	95
3.5.1.5	<u>Síntese das áreas selecionadas e conclusão da Etapa 1</u>	99
3.5.2	Etapa 2: Complementação do levantamento de dados	100

3.5.2.1	<u>Entrevistas</u>	100
3.5.2.2	<u>Levantamento Fotográfico</u>	100
3.5.2.3	<u>Observações de comportamento</u>	100
3.5.2.4	<u>Questionários</u>	101
3.5.3	Métodos de análise de dados	105
3.5.3.1	<u>A interação humana e a utilização de recursos de SIG</u>	106
3.5.3.2	<u>Análise estatística dos dados</u>	107
3.5.3.3	<u>Análise sintática</u>	111
3.5.3.4	<u>Análise de Visibilidade</u>	111
4	<u>ANÁLISE DOS ATRIBUTOS QUE INFLUENCIAM A INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HERETEROGÊNEOS</u>	113
4.1	INTRODUÇÃO	113
4.2	CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO E DO PADRÃO COMPORTAMENTAL NO AMBIENTE RESIDENCIAL	114
4.2.1	Área 1: Caracterização do ambiente construído	114
4.2.1.1	<u>Estrutura fundiária e densidade de edificações na Área 1</u>	114
4.2.1.2	<u>Dinâmica de movimento na Área 1</u>	116
4.2.1.3	<u>Acessibilidade Visual na Área 1</u>	118
4.2.1.4	<u>Espaços abertos públicos no ambiente residencial na Área 1</u>	119
4.2.1.5	<u>Aparência das edificações na Área 1</u>	123
4.2.1.6	<u>Usos e equipamentos existentes na Área 1</u>	126
4.2.2	Área 1: Apropriação dos espaços abertos e potencial de interação social na vizinhança	128
4.2.2.1	<u>Atividades realizadas na Área 1</u>	128
4.2.2.2	<u>Atividades associativas na Área 1</u>	132
4.2.2.3	<u>Interação social entre vizinhos na Área 1</u>	133
4.2.3	Área 2: Caracterização do ambiente construído	134
4.2.3.1	<u>Estrutura fundiária e densidade de edificações na Área 2</u>	134
4.2.3.2	<u>Dinâmica de movimento na Área 2</u>	136
4.2.3.3	<u>Acessibilidade Visual na Área 2</u>	138
4.2.3.4	<u>Espaços abertos públicos no ambiente residencial na Área 2</u>	139
4.2.3.5	<u>Aparência das edificações na Área 2</u>	142
4.2.3.6	<u>Usos e equipamentos existentes na Área 2</u>	145
4.2.4	Área 2: Apropriação dos espaços abertos e potencial de interação social na vizinhança	147
4.2.4.1	<u>Atividades realizadas na Área 2</u>	147
4.2.4.2	<u>Atividades associativas na Área 2</u>	152
4.2.4.3	<u>Interação social entre vizinhos na Área 2</u>	153
4.2.5	Área 3: Caracterização do ambiente construído	154
4.2.5.1	<u>Estrutura fundiária e densidade de edificações na Área 3</u>	154
4.2.5.2	<u>Dinâmica de movimento na Área 3</u>	156
4.2.5.3	<u>Acessibilidade Visual na Área 3</u>	157
4.2.5.4	<u>Espaços abertos públicos no ambiente residencial na Área 3</u>	159
4.2.5.5	<u>Aparência das edificações na Área 3</u>	162
4.2.5.6	<u>Usos e equipamentos existentes na Área 3</u>	164
4.2.6	Área 3: Apropriação dos espaços abertos e potencial de interação social na vizinhança	167
4.2.6.1	<u>Atividades realizadas na Área 3</u>	167
4.2.6.2	<u>Atividades associativas na Área 3</u>	172
4.2.6.3	<u>Interação social entre vizinhos na Área 3</u>	172

4.2.7	Comparação entre a intensidade de uso nas Áreas e o sistema de atividade e lugares utilizado pelos moradores	174
4.2.7.1	<u>Uso do bairro de moradia</u>	174
4.2.7.2	<u>Uso de outros bairros</u>	176
4.2.7.3	<u>Uso do centro</u>	177
4.2.7.4	<u>Associação entre o uso do bairro, de outros bairro e do Centro</u>	178
4.2.7.5	<u>Associação entre o uso da área e a interação social</u>	179
4.3	CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL COMPOSICIONAL E DO ESTILO DE VIDA DOS MORADORES	180
4.3.1	Status socioeconômico dos grupos	180
4.3.2	Tempo de moradia	184
4.3.3	Composição familiar e o uso dos espaços privados e semiprivados	185
4.3.4	Meios de transporte, alocação do tempo e principais atividades (trabalho e escola)	187
4.4	VERIFICAÇÃO DOS ATRIBUTOS MAIS EFETIVOS NA INTERAÇÃO SOCIAL ENTRE GRUPOS SOCIOECONÔMICOS DISTINTOS	192
4.4.1	Hipótese 1: relações entre a estrutura do ambiente construído, apropriação dos espaços abertos e interação social	192
4.4.1.1	<u>Adequação do tamanho dos quarteirões, densidade e uso</u>	192
4.4.1.2	<u>Adequação das calçadas e uso</u>	194
4.4.1.3	<u>Adequação da vegetação e uso</u>	195
4.4.1.4	<u>Adequação do fluxo de veículos e uso</u>	196
4.4.1.5	<u>Associação da estrutura do ambiente construído e o uso e a interação social no bairro</u>	197
4.4.2	Hipótese 2: relações entre aparência das edificações e interação social	200
4.4.2.1	<u>Lugares identificados pelos moradores em função da aparência ou da segurança</u>	200
4.4.2.2	<u>Aparência do bairro e nível de satisfação com as edificações</u>	205
4.4.2.3	<u>Percepção de segurança e uso e associação com a satisfação com a aparência</u>	206
4.4.2.4	<u>Heterogeneidade do ambiente construído</u>	207
4.4.2.5	<u>Associação entre aparência, segurança, homogeneidade do ambiente construído e interação social</u>	208
4.4.3	Hipótese 3: relações entre equipamentos existentes na área, atividades realizadas e interação social	211
4.4.3.1	<u>Adequação dos equipamentos e usos na Área</u>	211
4.4.3.2	<u>Lugares usados e distâncias entre a moradia e a atividade realizada</u>	214
4.4.3.3	<u>Associação entre adequação dos equipamentos e a interação social</u>	219
4.4.4	Hipótese 4: relações entre a percepção de heterogeneidade entre grupos e a interação social	221
4.4.4.1	<u>Percepção da homogeneidade entre moradores</u>	221
4.4.4.2	<u>Associação entre Percepção da heterogeneidade entre moradores e a interação social</u>	223
4.4.5	Hipótese 5: relações entre comportamento territorial, imagem dos grupos e interação social	224
4.4.5.1	<u>Comportamento territorial: barreiras físicas e a interação social</u>	224
4.4.5.2	<u>Imagem do grupo e personalização do território</u>	230
4.4.5.3	<u>Associação entre comportamento territorial, percepção de homogeneidade e interação social</u>	232
4.5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	234
5	CONCLUSÕES E RELEVÂNCIA DOS RESULTADOS	239
5.1	INTRODUÇÃO	239

5.2 PROBLEMA DE PESQUISA, OBJETIVOS E MÉTODOS	239
5.3 HIPÓTESES	240
5.4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	242
5.5 LIMITAÇÕES DA PESQUISA	248
5.6 RELEVÂNCIA DOS RESULTADOS E SUGESTÕES	249

<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	252
--	-----

ANEXOS

ANEXO A Tabela utilizada para realização do levantamento físico	260
ANEXO B Síntese das principais características de cada área, quando comparados os dois grupos sociais	261
ANEXO C1 Síntese levantamento físico: Área 1 – Condomínio Jardim Planetário	262
ANEXO C2 Síntese levantamento físico: Área 2 – Condomínio Residencial dos Anjos	263
ANEXO C3 Síntese levantamento físico: Área 3 – Condomínio Residencial Princesa Isabel	264
ANEXO D Entrevista realizada com os moradores na Etapa 1 do levantamento	265
ANEXO E1 Síntese da entrevista: Área 1 – Condomínio Jardim Planetário	267
ANEXO E2 Síntese da entrevista: Área 2 – Condomínio Residencial dos Anjos	269
ANEXO E3 Síntese da entrevista: Área 3 – Condomínio Residencial Princesa Isabel	271
ANEXO F1 Instruções gerais quanto ao preenchimento do questionário	273
ANEXO F2 Questionário aplicado aos moradores	277
ANEXO F3 Freqüências do questionário aplicado	278
ANEXO G Tabelas síntese dos mapas comportamentais	289
ANEXO H Local da comunidade religiosa por área e por tipo de morador.....	291
ANEXO I Local da instituição de ensino dos filhos por área e por tipo de morador .	292
ANEXO J Locais atraentes, não atraentes, inadequados às características do bairro e inseguros (e evitados)	293
ANEXO L Locais utilizados para a realização de atividades (compras, lazer e esporte) e distâncias local-moradia	297
ANEXO M Caracterização das barreiras físicas e da personalização dos espaços privados e semiprivados	302

LISTA DE TABELAS

Tabela 3.1:	Classes sociais de acordo com diferentes instituições brasileiras	79
Tabela 3.2:	Principais características para classificação dos estilos das edificações ..	82
Tabela 3.3:	Síntese das principais características de cada área, quando comparados os dois grupos sociais	99
Tabela 3.4:	Definição dos períodos das observações de comportamento realizadas por área	101
Tabela 3.5:	Distribuição das vilas mínimas por área do estudo comparativo	103
Tabela 3.6:	Operacionalização das variáveis conforme definição das hipóteses de pesquisa	104
Tabela 3.7:	Dimensões e variáveis de acordo com as perguntas do questionário	107
Tabela 3.8:	Procedimentos para a realização da análise estatística dos dados	109
Tabela 3.9:	Variáveis do questionário relacionadas à caracterização da estrutura do ambiente construído	109
Tabela 3.10:	Exemplo de escores para a estrutura do ambiente construído	110
Tabela 3.11:	Intervalos adotados para a classificação da correlação de Spearman	111
Tabela 4.1:	Quantidade e dimensão dos quarteirões na Área 1	115
Tabela 4.2:	Diferenças quanto ao tamanho de lotes e edificações da habitação social e do bairro e caracterização dos acessos às edificações na Área 1	115
Tabela 4.3:	Valores das medidas sintáticas para as ruas da Área 1	117
Tabela 4.4:	Medidas de visibilidade na Área 1	119
Tabela 4.5:	Proporções dos espaços públicos e privados na Área 1	120
Tabela 4.6:	Caracterização dos eixos viários na Área 1	120
Tabela 4.7:	Caracterização da largura e manutenção das calçadas na Área 1.....	121
Tabela 4.8:	Arborização na Área 1	122
Tabela 4.9:	Caracterização dos elementos construtivos das calçadas na Área 1	122
Tabela 4.10:	Estilo das edificações na Área 1	123
Tabela 4.11:	Altura das edificações na Área 1	124
Tabela 4.12:	Estado de manutenção das edificações na Área 1.....	125
Tabela 4.13:	Caracterização dos usos das edificações na Área 1	126
Tabela 4.14:	Proporção entre os usos diversos e o uso residencial na Área 1	126
Tabela 4.15:	Uso dos espaços semiprivados ou semipúblicos por tipo de morador na Área 1	131
Tabela 4.16:	Caracterização dos indicadores da interação social na vizinhança por grupo de morador – Área 1	133
Tabela 4.17:	Associação entre variáveis relacionadas à percepção de apoio mútuo na vizinhança	133
Tabela 4.18:	Quantidade e dimensão dos quarteirões na Área 2	135
Tabela 4.19:	Diferenças quanto ao tamanho de lotes e edificações da habitação social e do bairro e caracterização dos acessos às edificações na Área 2.	135
Tabela 4.20:	Valores das medidas sintáticas para as ruas da Área 2	137
Tabela 4.21:	Medidas de visibilidade na Área 2	138

Tabela 4.22: Proporções dos espaços públicos e privados na Área 2	139
Tabela 4.23: Caracterização dos eixos viários na Área 2	140
Tabela 4.24: Caracterização da largura e manutenção das calçadas na Área 2	141
Tabela 4.25: Arborização na Área 2	141
Tabela 4.26: Caracterização dos elementos construtivos das calçadas na Área 2	142
Tabela 4.27: Estilo das edificações na Área 2	143
Tabela 4.28: Altura das edificações na Área 2	143
Tabela 4.29: Manutenção das edificações na Área 2	144
Tabela 4.30: Caracterização dos usos das edificações na Área 2	145
Tabela 4.31: Proporção entre os usos diversos e o uso residencial na Área 2	146
Tabela 4.32: Uso dos espaços semiprivados ou semipúblicos por tipo de morador na Área 2	151
Tabela 4.33: Caracterização dos indicadores da interação social na vizinhança por tipo de morador – Área 2	153
Tabela 4.34: Quantidade e dimensão dos quarteirões na Área 3	155
Tabela 4.35: Diferenças quanto ao tamanho de lotes e edificações da habitação social e do bairro e caracterização dos acessos às edificações na Área 3	155
Tabela 4.36: Valores das medidas sintáticas para as ruas da Área 3	157
Tabela 4.37: Medidas de visibilidade na Área 3	158
Tabela 4.38: Proporções dos espaços públicos e privados na Área 3	159
Tabela 4.39: Caracterização dos eixos viários na Área 3	160
Tabela 4.40: Caracterização da largura e manutenção das calçadas na Área 3	160
Tabela 4.41: Arborização na Área 3	160
Tabela 4.42: Caracterização dos elementos construtivos das calçadas na Área 3	161
Tabela 4.43: Estilo das edificações na Área 3	162
Tabela 4.44: Altura das edificações na Área 3	163
Tabela 4.45: Manutenção das edificações na Área 3	163
Tabela 4.46: Caracterização dos usos das edificações na Área 3	165
Tabela 4.47: Proporção entre os usos diversos e o uso residencial na Área 3	166
Tabela 4.48: Uso dos espaços semiprivados ou semipúblicos por tipo de morador na Área 3	170
Tabela 4.49: Caracterização dos indicadores da interação social na vizinhança por tipo de morador – Área 3	172
Tabela 4.50: Comparação entre o número de usuários nas ruas estudadas por área ...	174
Tabela 4.51: Relação entre os indicadores de uso do bairro de moradia, de outros bairros e do Centro	178
Tabela 4.52: Caracterização da escolaridade, da renda familiar e da ocupação por área e grupo de morador	181
Tabela 4.53: Associação entre renda familiar, status na ocupação do morador e escolaridade do morador	182
Tabela 4.54: Variação do status socioeconômico por grupo de morador	183
Tabela 4.55: Diferenças e semelhanças quanto ao tempo de moradia por grupo de morador	184
Tabela 4.56: Associação do tempo de moradia com indicadores de uso dos espaços semiprivados ou privados, dimensões da interação social na vizinhança e uso do bairro, de outros bairros e do centro	185
Tabela 4.57: Caracterização da composição familiar por área e grupo de morador	186
Tabela 4.58: Uso dos espaços semiprivados ou semipúblicos por área e por tipo de morador	186
Tabela 4.59: Meios de locomoção utilizados por área e por grupo de morador	188
Tabela 4.60: Local de trabalho por área e por morador	189
Tabela 4.61: Local da instituição de ensino dos filhos por área e por grupo de morador ...	190
Tabela 4.62: Relação entre os indicadores de adequação da estrutura do ambiente construído e uso	198

Tabela 4.63: Caracterização dos elementos influentes na percepção de heterogeneidade do bairro, por área e por tipo de morador	208
Tabela 4.64: Relação entre os indicadores de satisfação com a aparência, percepção de segurança e heterogeneidade do ambiente construído	209
Tabela 4.65: Diferenças estatísticas no uso e equipamentos entre moradores do bairro e da habitação social	213
Tabela 4.66: Variação das distâncias entre moradia-equipamento por área e por tipo de morador	214
Tabela 4.67: Relação entre os indicadores de adequação dos equipamentos e uso	219
Tabela 4.68: Associação entre variáveis da percepção de homogeneidade entre moradores	222
Tabela 4.69: Relação entre o indicador de percepção de homogeneidade entre moradores e os grupos	223
Tabela 4.70: Relação entre os indicadores do comportamento territorial entre moradores e os grupos	232

LISTA DE FIGURAS

Figura 3.1:	Evolução urbana da cidade de Porto Alegre entre 1960 e 1990	75
Figura 3.2:	Rendimento médio em salários mínimos dos responsáveis por domicílio, por ROP de Porto Alegre – 2000	76
Figura 3.3:	Índice de qualidade de vida, considerando o sub-índice renda, por ROP de Porto Alegre – 2004	76
Figura 3.4:	Percentual da população, por ROP em relação a Porto Alegre – 2000	76
Figura 3.5:	Distribuição das 17 vilas nos bairros da ROP – centro e identificação dos 5 projetos de reurbanização realizados na área	78
Figura 3.6:	ROP 16 - Centro e localização das unidades de análise	85
Figura 3.7:	Comércio e serviços na rua Jerônimo de Ornelas	86
Figura 3.8:	Comércio e serviços na rua Jerônimo de Ornelas	86
Figura 3.9:	Implantação da Área 1	87
Figura 3.10:	Vista Praça M. Joaquim de Queiroz	88
Figura 3.11:	Vista do acesso ao Observatório Planetário	88
Figura 3.12:	Vista rua Santana esquina rua Laurindo	88
Figura 3.13:	Vista da rua Engenheiro Vespúcio de Abreu	88
Figura 3.14:	Edificação na rua Santana	88
Figura 3.15:	Vista da rua Jacinto Gomes	88
Figura 3.16:	Implantação do Condomínio Jardim Planetário	89
Figura 3.17:	Casa térrea – 1 dormitório	89
Figura 3.18:	Sobrado – 2 dormitórios.....	89
Figura 3.19:	Sobrado – 3 dormitórios	89
Figura 3.20:	Acesso rua Santa Teresinha	90
Figura 3.21:	Acesso rua Luiz Manoel	90
Figura 3.22:	Acesso rua Olimpo de Oliveira	90
Figura 3.23:	Implantação da Área 2	91
Figura 3.24:	Vista da Av. Ipiranga em direção aos Bairros Petrópolis e Jardim Botânico ..	92
Figura 3.25:	Vista da rua Dario Pederneiras: rua arborizada e de caráter residencial....	92
Figura 3.26:	Vista da rua Gonçalves Ledo: rua de caráter residencial	92
Figura 3.27:	Vista da Praça Ruy Teixeira.....	92
Figura 3.28:	Vista da rua La Plata: edificações contemporâneas de 1 e 2 pavimentos ..	93
Figura 3.29:	Vista da rua Dario Pederneiras: a inserção de novas edificações no bairro	93
Figura 3.30:	Vista da rua Veríssimo Rosa (à leste da av. Ipiranga)	93
Figura 3.31:	Vista a partir do acesso ao Condomínio dos Anjos, para o noroeste	93
Figura 3.32:	Vista do Condomínio dos Anjos, relação com o entorno	93
Figura 3.33:	Vista a partir do acesso ao Condomínio dos Anjos, para o sudeste.....	93
Figura 3.34:	Implantação do Condomínio dos Anjos.....	94
Figura 3.35:	Planta baixa e Fachada do bloco tipo do Condomínio dos Anjos	94
Figura 3.36:	Vista Hospital Ernesto Dorneles.....	95
Figura 3.37:	Vista do Palácio da Polícia.....	95
Figura 3.38:	Vista do Comércio na av Azenha.....	95

Figura 3.39: Implantação da Área 3.....	96
Figura 3.40: Edificação multifamiliar na av. Bento Gonçalves.....	97
Figura 3.41: Edificação multifamiliar na av. Princesa Isabel.....	97
Figura 3.42: Edificação popular na rua Leopoldo Bier.....	97
Figura 3.43: Vista do Condomínio Princesa Isabel a partir da av. Bento Gonçalves.....	97
Figura 3.44: Vista do Condomínio Princesa Isabel a partir da esquina da av. Princesa Isabel com av. João Pessoa.....	97
Figura 3.45: Implantação do Condomínio Princesa Isabel.....	98
Figura 3.46: Planta baixa e Fachada do bloco tipo do Condomínio Princesa Isabel.....	98
Figura 3.47: Lojas do Condomínio Princesa Isabel na av João Pessoa.....	99
Figura 3.48: Creche do Condomínio Princesa Isabel.....	99
Figura 3.49: Área interna do Condomínio Princesa Isabel.....	99
Figura 4.1: Estrutura Fundiária da Área 1.....	114
Figura 4.2: Mapa de edificações e localização dos acessos à edificação na Área 1.....	116
Figura 4.3: Mapas das medidas sintáticas da Área 1.....	117
Figura 4.4: Mapa Fundo-Figura da Área 1.....	118
Figura 4.5: Mapas das medidas de visibilidade da Área 1.....	119
Figura 4.6: Praça João Paulo I: espaço contemplativo.....	120
Figura 4.7: Praça Del. C Gadret.....	120
Figura 4.8: Praça Dr. Júlio Bolzano.....	120
Figura 4.9: Mapa de eixos viários da Área 1.....	120
Figura 4.10: A falta de manutenção das calçadas no Jardim Planetário.....	121
Figura 4.11: Av. Ramiro Barcelos: calçadas largas e arborização.....	121
Figura 4.12: Rua Sta Teresinha: calçadas bem mantidas e arborizada intensa.....	121
Figura 4.13: Mapa de arborização na Área 1.....	122
Figura 4.14: Calçadas bem mantidas, telefone público, iluminação e guarita de segurança na av. Ramiro Barcelos.....	122
Figura 4.15: Praça Júlio Bozano: calçadas largas e arborização.....	122
Figura 4.16: Telefone público, ponto de ônibus, caixa de correio e cadeiras junto ao comércio na av. Santana.....	122
Figura 4.17: Mapa de estilo das edificações na Área 1.....	123
Figura 4.18: Edificações protomodernas na rua Eng. Vespúcio de Abreu.....	124
Figura 4.19: Edifícios modernos na rua Santa Teresinha.....	124
Figura 4.20: Edificações historicistas na rua Santana.....	124
Figura 4.21: Mapa de altura das edificações na Área 1.....	124
Figura 4.22: Mapa de manutenção das edificações na Área 1.....	125
Figura 4.23: Edificações com manutenção regular na rua Laurindo.....	125
Figura 4.24: Edificações com manutenção ruim na rua Jacinto Gomes.....	125
Figura 4.25: Edificações do Jardim Planetário se diferenciam do entorno pelo estilo, altura e manutenção.....	125
Figura 4.26: Mapa de uso residência e de comércio e serviços básicos na Área 1.....	126
Figura 4.27: Colégio Santa Rosa de Lima na rua Santa Teresinha.....	127
Figura 4.28: Campus da Saúde da UFRGS.....	127
Figura 4.29: Comércio na rua Jerônimo de Ornelas.....	127
Figura 4.30: Fábrica da Panvel, na rua Gomes Jardim.....	127
Figura 4.31: Comércio e serviços na rua Santana, parte sul da av. Ipiranga.....	127
Figura 4.32: Residência do Jardim Planetário com bar e lancheria.....	127
Figura 4.33: Moradores utilizando o comércio na rua Jacinto Gomes.....	128
Figura 4.34: O uso do comércio na rua Jerônimo de Ornelas.....	128
Figura 4.35: Moradores passeando nas calçadas na rua Laurindo.....	128
Figura 4.36: Mapa síntese das observações comportamentais – manhãs – Área 1.....	129
Figura 4.37: Mapa síntese das observações comportamentais – tardes – Área 1.....	130
Figura 4.38: Moradores do bairro sentados na rua Jacinto Gomes.....	131
Figura 4.39: Crianças e adultos em frente à residência - Jardim Planetário.....	131
Figura 4.40: Moradores do Jardim Planetário no “redondo.....	131

Figura 4.41: Praça central no Jardim Planetário, usada apenas pelos moradores do conjunto	132
Figura 4.42: Crianças do Jardim Planetário brincando na Praça João Belém	132
Figura 4.43: Funcionários de um escritório após almoço na Praça Del. C. Gadret.....	132
Figura 4.44: Moradores do bairro na Praça Dr. Júlio Bozano.....	132
Figura 4.45: Crianças e jovens na Praça Joaquim de Queiroz ao sair da escola	132
Figura 4.46: Funcionários de um escritório na Praça Joaquim de Queiroz	132
Figura 4.47: Estrutura Fundiária da Área 2	134
Figura 4.48: Mapa de edificações e localização dos acessos à edificação na Área 2	136
Figura 4.49: Mapas das medidas sintáticas da Área 2.....	136
Figura 4.50: Mapa Fundo-Figura da Área 2	138
Figura 4.51: Mapas das medidas de visibilidade da Área 2	139
Figura 4.52: Mapa de eixos viários na Área 2	140
Figura 4.53: Rua Eça de Queiroz, uma das ruas mais arborizadas	140
Figura 4.54: Rua La Plata, limite dos bairros Petrópolis e Jardim Botânico	140
Figura 4.55: Cruzamento ruas Euclides da Cunha e av. Ipiranga	140
Figura 4.56: Calçadas adjacentes ao Condomínio dos Anjos	141
Figura 4.57: Condomínio dos Anjos e a precariedade do entorno	141
Figura 4.58: Calçadas bem mantidas – rua Eça de Queiroz	141
Figura 4.59: Mapa de arborização na Área 2.....	141
Figura 4.60: Rua Itaboraí, Bairro Jardim Botânico	142
Figura 4.61: Edificações na Rua Euclides da Cunha, Bairro Santana/Partenon.....	142
Figura 4.62: Área de ocupação irregular, rua La Plata.....	142
Figura 4.63: Mapa de estilo das edificações na Área 2.....	143
Figura 4.64: Mapa de altura das edificações na Área 2	143
Figura 4.65: Rua Machado de Assis, casas bem mantidas	144
Figura 4.66: Edificações residenciais na rua Euclides da Cunha	144
Figura 4.67: Edificações multifamiliares na rua Dário Pederneiras	144
Figura 4.68: Rua Eça de Queiroz, a inserção das novas edificações.....	144
Figura 4.69: Mapa de manutenção das edificações na Área 2.....	144
Figura 4.70: Edificações típicas da av. Ipiranga.....	145
Figura 4.71: Vista da fachada do Condomínio dos Anjos.....	145
Figura 4.72: Vista do Condomínio dos Anjos e entorno imediato.....	145
Figura 4.73: Vista da av. Ipiranga	146
Figura 4.74: Creche particular na Rua Eça de Queiroz.....	146
Figura 4.75: Acesso à creche comunitária da ONG Odomode.....	146
Figura 4.76: Vista da FEPLAN na av. Ipiranga.....	146
Figura 4.77: Mapa de uso residencial e de comércio e serviços básicos na Área 2	146
Figura 4.78: Ferragem na av. Ipiranga esquina da rua C. Corte Real	147
Figura 4.79: Comércio na base de um edifício residencial na av. Ipiranga.....	147
Figura 4.80: Propriedade do DEP, usada como área de lazer	147
Figura 4.81: Mapa síntese das observações comportamentais – manhãs – Área 2.....	148
Figura 4.82: Mapa síntese das observações comportamentais – tardes – Área 2.....	149
Figura 4.83: Moradores do bairro caminham na rua Dario Pederneiras	150
Figura 4.84: Pessoas concentram-se nas paradas de ônibus na av. Ipiranga.....	150
Figura 4.85: Moradores usam comércio do edifício na esquina da av. Ipiranga e rua Veador Porto.....	150
Figura 4.86: Moradores do bairro caminham na rua Dario Pederneiras	150
Figura 4.87: Seguranças particulares na rua Corte Real.....	150
Figura 4.88: Crianças do Condomínio dos Anjos caminham pela av. Ipiranga.....	150
Figura 4.89: Moradores concentrados em frente ao Condomínio dos Anjos.....	150
Figura 4.90: Moradora do bairro cuidando do jardim na rua La Plata.....	151
Figura 4.91: Moradores do bairro brincando no recuo de jardim, rua Gonçalves Ledo ..	151
Figura 4.92: Crianças brincando no acesso do Condomínio dos Anjos.....	151

Figura 4.93: Moradores se reúnem no acesso do Condomínio dos Anjos	151
Figura 4.94: Moradores usam a praça Ruy Teixeira	152
Figura 4.95: Babas e crianças do bairro deslocam-se em direção à Praça.....	152
Figura 4.96: Usuários não moradores no posto de gasolina, rua Gonçalves Ledo.....	152
Figura 4.97: Estrutura Fundiária da Área 3	155
Figura 4.98: Mapa de edificações e localização dos acessos à edificação na Área 3	156
Figura 4.99: Mapas das medidas sintáticas da Área 3	156
Figura 4.100: Mapa Fundo-Figura da Área 3	158
Figura 4.101: Mapas das medidas de visibilidade da Área 3	158
Figura 4.102: Praça Princesa Isabel.....	159
Figura 4.103: Parada de ônibus - av. João. Pessoa	159
Figura 4.104: Avenida Azenha, via larga e de fluxo intenso	159
Figura 4.105: Mapa de eixos viário na Área 3.....	160
Figura 4.106: Mapa de arborização na Área 3.....	160
Figura 4.107: Rua Domingos Crescêncio, rua arborizada e local	161
Figura 4.108: Condomínio Princesa Isabel, calçada em boas condições.....	161
Figura 4.109: Av. João Pessoa, mobiliário urbano e arborização	161
Figura 4.110: Bancas de revista na rua Domingos Crescêncio.....	161
Figura 4.111: Mapa de estilos das edificações na Área 3	162
Figura 4.112: Edificações de estilo e alturas variadas na rua Domingos Crescêncio.....	162
Figura 4.113: Casas populares na rua Leopoldo Bier.....	162
Figura 4.114: Edifício em estilo Art Déco na av. João Pessoa	162
Figura 4.115: Mapa de alturas das edificações na Área 3.....	163
Figura 4.116: Mapa de manutenção das edificações na Área 3	163
Figura 4.117: Edifícios em frente ao Condomínio Princesa Isabel, na esquina da av. João Pessoa	164
Figura 4.118: Casas térreas e sobrados na rua Onofre Pires	164
Figura 4.119: Condomínio Princesa Isabel (esquerda) se assemelha na altura ao entorno imediato	164
Figura 4.120: Instituto do Coração.....	165
Figura 4.121: Palácio da Polícia	165
Figura 4.122: Comércio na av. Azenha	165
Figura 4.123: Estacionamento av. Azenha	165
Figura 4.124: Mapa de uso residencial e de comércio e serviços básicos na Área 3.....	166
Figura 4.125: Praça Henrique Halpen – av. Princesa Isabel	166
Figura 4.126: Comércio básico na av. Santana	166
Figura 4.127: Comércio no térreo do Condomínio Princesa Isabel.....	166
Figura 4.128: Mapa síntese das observações comportamentais – manhãs – Área 3	168
Figura 4.129: Mapa síntese das observações comportamentais – tardes – Área 3... ..	169
Figura 4.130: Calçada junto ao Instituto do Coração.....	167
Figura 4.131: Colégio Inácio Montanha na av. Azenha	167
Figura 4.132: Terminal João Pessoa.....	167
Figura 4.133: Parada de ônibus na av. Azenha	167
Figura 4.134: Comércio na av. Bento Gonçalves.....	170
Figura 4.135: Comércio na rua Domingos Crescêncio	170
Figura 4.136: Taxistas na esquina da rua Santana.....	170
Figura 4.137: Moradores no acesso do Condomínio Princesa Isabel na av. João Pessoa....	170
Figura 4.138: Uso nos espaços semiprivados de um edifício da Área.....	171
Figura 4.139: Moradores conversando na rua Domingos Crescêncio	171
Figura 4.140: Jovens junto ao acesso do Condomínio Princesa Isabel.....	171
Figura 4.141: Uso nos espaços semiprivados do Condomínio Princesa Isabel	171
Figura 4.142: Praça Henrique Halpen	172
Figura 4.143: Crianças do condomínio no Terminal João Pessoa	172
Figura 4.144: Gráfico da associação entre ocupação e escolaridade.....	182
Figura 4.145: Gráfico da associação entre renda familiar e escolaridade.....	182

Figura 4.146: Gráfico da associação entre renda familiar e ocupação	182
Figura 4.147: Gráfico de associação entre tempo de moradia e o grupo de morador.....	184
Figura 4.148: Análise de Correspondência entre local de estudo dos filhos e local de trabalho	191
Figura 4.149: Análise de Correspondência entre tempo de locomoção casa-trabalho e local de estudo dos filhos	191
Figura 4.150: Lugares identificados na Área 1	201
Figura 4.151: Lugares identificados na Área 2.....	202
Figura 4.152: Lugares identificados na Área 3.....	204
Figura 4.153: Mapa dos equipamentos usados pelos moradores segundo as entrevistas....	218

1 INTRODUÇÃO GERAL: A DEFINIÇÃO DOS GRUPOS SOCIAIS E OS PROBLEMAS NA INTERAÇÃO SOCIAL

1.1 INTRODUÇÃO

As relações sociais, destacadas no contato entre grupos heterogêneos, têm sido discutidas nos meios acadêmicos e políticos em função dos seus efeitos no ambiente urbano, tais como violência, segregação ou intolerância com as diferenças manifestadas entre eles. Em decorrência disto, este estudo se propõe a investigar os atributos que influenciam a interação social entre grupos socioeconômicos distintos residentes em áreas urbanas comuns.

São apresentados, neste capítulo, o tema e o problema de pesquisa, a partir da breve compreensão da importância dos grupos, da questão territorial, da interação social e dos problemas decorrentes da heterogeneidade no ambiente urbano. E após, são descritos os objetivos da investigação e a estrutura deste trabalho.

1.2 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA

1.2.1 Importância da formação dos grupos e a interação social nos espaços urbanos

Desde as comunidades primitivas é possível verificar a existência de territórios habitados por indivíduos com objetivos comuns, que partilham um determinado espaço físico e admitem benefícios dessa relação (Taylor, 1988; Altman & Chemers, 1989). Em comunidades agrícolas, por exemplo, os homens organizavam-se no espaço, demarcando seus territórios e definindo vários níveis de distanciamento e intimidade com os outros (Czarnowski, 1991). A diferenciação social e espacial é entendida como princípio que possibilita o surgimento das cidades (Benevolo, 1997).

A partir da industrialização, as mudanças tecnológicas são refletidas no aumento da especialização da função da rua e na diferenciação do seu uso pelos diferentes grupos

sociais, reforçando e mantendo a estratificação da sociedade. Na evolução dos centros urbanos, as definições e diferenciações do sistema vão se tornando tanto mais complexas quanto a própria sociedade (Levitas, 1991).

A diferenciação nas cidades pode ser sentida no padrão de estrutura física urbana, nas diversas malhas e sistemas de distribuição, nos padrões de comportamento e, também, nos diferentes modos de setorização da cidade e da composição dos agrupamentos nas áreas residenciais (Altman et al, 1989). Partindo da premissa de que a arquitetura do lugar trata de uma situação relacional entre padrões físico-espaciais e expectativas sociais, Vogel (1985), por exemplo, entende que os elementos arquitetônicos configuradores do espaço, tais como o conjunto de casas de uma rua, remetem a um sistema de signos que revelam a segmentação do espaço, traduzem status, religião, identidade étnica, situações econômicas.

O ambiente urbano consiste nos meios sociais, culturais e físicos que se correlacionam no espaço a partir do fluxo contínuo de interações. É no meio físico que ocorrem as inúmeras relações entre pessoas, objetos e o próprio espaço. Na medida que elas ocorrem, o espaço é transformado em um lugar significativo. A partir do uso e dos valores atribuídos ao ambiente, essas relações são organizadas na forma de padrões (atitudes e comportamentos), que podem favorecer as interações entre os homens e o ambiente físico (Rapoport, 1978; Altman & Zube, 1989).

A vida pública que acontece no espaço urbano constitui-se como parte fundamental na formação e manutenção dos grupos sociais (Levitas, 1991). No espaço público das cidades as pessoas realizam suas atividades e trocas com os outros e a comunidade se confirma na identificação do indivíduo, como parte de um grupo (Carr, 1992). Portanto, o ambiente físico é componente fundamental no processo sócio-evolutivo, de modo que não há como entender esse processo ignorando o lugar onde ele ocorre (Guilford, apud Uzzel et al 2002).

1.2.2 Heterogeneidade na atualidade

Na atualidade, a questão territorial parece ser destacada em função da dinamicidade dos diversos grupos humanos e do próprio espaço físico. Segundo Haesbaert (2004), a intensificação da mobilidade, derivada das novas tecnologias e da condição do Estado capitalista, resulta num processo de transformação acelerada do ambiente físico e das funções exercidas por um grupo social nesse espaço. O espaço (de acordo com aspectos econômicos, políticos e ambientais) e os grupos sociais (de acordo com etnia, status social, ocupação, nível de renda) apresentam diferentes e múltiplas funções como, também, diferentes capacidades de mobilidade e de reação aos processos de transformação das cidades.

Nesse sentido, Rapoport (2003) aponta para a crescente heterogeneidade percebida nas cidades, como reflexo de processos migratórios, inculturação, mobilidade social e questões tecnológicas. Ele destaca a necessidade de compreender e identificar, nos ambientes urbanos atuais, que grupos existem, quem pertence a que grupo e o que difere em cada grupo. Não obstante, em face da crescente violência urbana entre esses diferentes grupos, Stokols (1995) entende que são necessários estudos que relacionem a estrutura multicultural da sociedade e as características do ambiente construído, de forma a impulsionar estratégias de controle ou manipulação do problema.

Os bairros, territórios ou comunidades menores constituem um tipo de agrupamento social, que é definido a partir de um número reduzido de pessoas e tem a função de intermediar família e o amplo grupo heterogêneo definido pela cidade (Rapoport, 1978). Eles constituem algumas das variadas formas e níveis de organização da sociedade, usados para superar a tensão social e reforçar a identidade pessoal, identificando os semelhantes e distinguindo os diferentes (Altman et al, 1989). Por isso, essas áreas são consideradas um elemento poderoso para comparações e generalizações, a partir do enfoque de diferentes culturas (Rapoport, 2003).

Destaca-se que o espaço urbano foi submetido no último século a inúmeras alterações (aumento de tamanho, densificação, especialização e zoneamento) (Choay, 1965 apud Moser et al, 2002). A expansão do ambiente urbano e o alto grau de diferenciação dos papéis sociais resultaram no aumento de contatos efêmeros entre os habitantes e de estratégias individuais de sobrevivência, em detrimento de princípios de coesão e identidade dos grupos (K.E. Sadalha & Stea, 1978 apud Moser & Fleury-Bahi, 2002; Uzzel & Badenas, 2002).

Do ponto de vista de Stokols (1995), os diversos estudos, que têm sido realizados nos últimos 30 anos, apontam para a importância de investigar as implicações existentes entre o ambiente e os grupos sociais (comunidades, áreas residenciais ou de escala global), de modo a propiciar o melhor entendimento do processo da interação humana, do fomento da comunidade e de outros aspectos que permitam a adequação de políticas, de projetos urbanos e de projetos arquitetônicos às necessidades humanas.

Por exemplo, na busca de compreender o comportamento social no meio físico, vários autores (entre outros, Altman & Chemers, 1989; Rapoport, 1978, 1985, 1986; Talem, 2000) destacam a importância de identificar as diferenças sócio-culturais na convivência dos indivíduos. Muitos estudos têm avaliado as implicações existentes entre componentes físicos do espaço e a dimensão interpessoal-social do comportamento (por exemplo, Bonaiuto & Bonnes, 2004; Moser & Fleury-Bahi, 2002; Uzzel et al, 2002). Apesar da importância dessas relações, parecem existir poucos estudos que tratem das conseqüências

das diferenças populacionais (tais como culturais, sociais e econômicas) nos relacionamentos sociais. Parece não haver, também, investigações empíricas e sistematizadas sobre o tema, em especial na relação com adultos (Altman & Chemers, 1989; Sodeur, 1986).

1.2.3 Transformações no ambiente urbano e os efeitos na interação social entre grupos distintos

De modo especial em espaços urbanos consolidados, como por exemplo, em bairros residenciais existentes nas áreas centrais de uma cidade, existem características físico-espaciais facilmente identificadas, apesar do caráter urbano dinâmico. O traçado viário, o padrão de parcelamentos fundiários, os equipamentos urbanos (edificações institucionais) e as tipologias residenciais (embora dinâmicas do ponto de vista da permanência no ambiente construído) proporcionam a leitura e a caracterização de um lugar (Rossi, 2001). Esse conjunto de características é completamente interligado com a ação humana, pois corresponde a padrões de comportamento que se verificam nas relações sociais e nos usos presentes nesses espaços (Rossi, 2001; Levitas, 1991).

Portanto, ao identificar esses aspectos objetivos do ambiente, também são verificados grupos comuns, que estão associados com o lugar e diferenciados de outras áreas da cidade (Levitas, 1991; Rapoport, 1978). A organização de indivíduos com estilos de vida comuns, em territórios, trata da possibilidade de localizar fisicamente o sentimento de pertencer a um grupo (Rapoport, 1978). A compreensão do relacionamento entre os grupos tem na especificidade do lugar um elemento fundamental, já que as características do espaço implicam uma imagem comum, relativa aos valores e às percepções de mundo, e, também, uma definição do tipo de vida que acontece, quanto à quantidade e o tipo de interações presentes e desejadas num espaço (Rapoport, 1978; Taylor, 1988; Altman & Chemers, 1989).

Alterações físicas ou sociais, num ambiente pré-existente, implicam na adaptação e transformação de territórios (Billig & Churchman, 2003). Mudanças físicas (realizada com alteração da estrutura viária do espaço, ou com a edificação de conjunto residencial) e mudanças no perfil dos indivíduos (a partir, por exemplo, da inserção de um novo grupo social) são percebidas pelos moradores ou usuários do lugar. Isso determina que moradores, novos e antigos, precisam redefinir, ou definir, a imagem do lugar e os limites do território referentes a cada grupo, seja a partir de padrões de uso e de comportamento, seja na alteração do próprio espaço (Rapoport, 1985).

Assim, no processo de transformação do ambiente urbano e na caracterização dos diferentes grupos que habitam a cidade, a literatura destaca dois aspectos. De um lado, o

ambiente físico, em função das suas características (tipo de malha urbana, padrão de recuos de jardim, dimensionamento das calçadas, estilo arquitetônico dos edifícios) pode influenciar a interação entre os grupos, favorecendo-a ou negando-a (por exemplo, Skjaeveland & Garling, 1997; Taylor, 1988; Bonnes & Secchiaroli, 1995). Por outro, as características socioeconômicas são definidoras de padrões de comportamento no espaço e implicam em valores aceitos e reconhecidos por certos indivíduos, permitindo a diferenciação de outros grupos e propiciando a maior ou menor interação e identificação deles (Taylor, 1988; Rapoport, 1978; Altman & Chemers, 1989).

1.2.4 A segregação do espaço urbano brasileiro e a habitação social

Segundo a literatura (por exemplo, Maricato, 2000; Ribeiro, 2005) o processo de diferenciação social e espacial, que caracteriza a urbanização das cidades, é marcado no Brasil, pela forte segregação e segmentação do espaço urbano em função dos grupos sociais. Isso é, em parte, resultado de uma urbanização acelerada e inadequada que, potencializada a partir de 1980, promove a desarticulação urbana.

A habitação e suas condições (localização e adequação construtiva e ambiental), um dos elementos de reprodução da força do trabalho, varia com as trajetórias históricas das formações socioeconômicas (Schmidt et al., 2007). De modo especial, a partir da fase do taylorismo-fordismo, as cidades ganham nova função e dimensão, passando a ser espaço de recrutamento da força de trabalho, num cenário onde é alta a escala de produção. Para o Brasil, destaca-se que o crescimento urbano sempre se deu na exclusão social, desde a emergência do trabalhador livre na sociedade, apresentando como consequência problemas na habitação (Maricato, 2000).

Até 1930, o Brasil ainda está concentrado na economia agrária. De 1930 até o fim da Segunda Guerra Mundial, a industrialização para substituição das importações favorece o fortalecimento do mercado interno e a modernização da sociedade. Todavia, é só a partir do fim da Guerra que, numa nova etapa industrial, modificações no padrão de produção e consumo impulsionam mudanças significativas no modo de vida dos consumidores, na habitação e nas cidades: desde a ocupação do solo urbano até o interior da moradia são verificadas transformações e modernizações profundas (Maricato, 2000).

Destaca-se que estas transformações não ocorrem de modo homogêneo nos espaços urbanos, já que, em países periféricos como o Brasil, o fordismo é truncado, favorecendo regime de acumulação intensiva para certos setores (o empresarial), mas não quanto à relação salarial (consumo), o que resulta em problemas de compatibilidade dinâmica entre produção e realização (Schmidt et al., 2007). O novo padrão de consumo dos bens não-duráveis e do espaço urbano, principalmente da habitação (um dos principais

vetores de crescimento), atendeu apenas uma parte da classe trabalhadora e, principalmente, setores médios e altos. Os mais pobres (do setor formal e informal) ficam excluídos e participam precariamente deste processo (Maricato, 2000).

Neste contexto, o Banco Nacional de Habitação (BNH), integrado ao Sistema Financeiro, criados no regime militar (a partir de 1964), destacam o espaço urbano como centro da política de desenvolvimento no País e permitem as mudanças na imagem das cidades (verticalização), no seu processo de produção e no mercado imobiliário. Se, por um lado, os financiamentos introduzidos favorecem o crescimento e a melhora da vida urbana, por outro, não há democratização do acesso à terra, sendo menos de 1/5 dos recursos coletados destinados à habitação de baixa renda. As poucas intervenções estatais para as populações carentes são inadequadas ao desenvolvimento urbano racional: os conjuntos de habitação popular são construídos longe dos locais de trabalho e dos serviços, favorecendo o aumento do custo de vida para esses grupos e encarecendo a ampliação da infraestrutura, que precisa ser estendida até locais distantes (Schmidt et al., 2007; Maricato, 2000).

Destaca-se que, na fase anterior à do capitalismo, a organização social no nível do bairro continha instituições e mecanismos que amorteciam os efeitos do pauperismo inerente ao capitalismo e assumiam o papel de resistência à desestruturação social. No entanto, com as transformações econômicas, em especial desde meados da década de 70, introduz-se um processo de re-configuração da natureza e da composição da pobreza urbana, o que promove a desestruturação social, transformando as relações entre os pobres urbanos e o restante da cidade (Ribeiro, 2005).

De modo especial, esse processo de isolamento dos pobres é verificado a partir do declínio econômico, nas décadas de 80 e 90, sobre uma sociedade brasileira já desigual. O aumento do desemprego, das relações informais de trabalho e da pobreza nas áreas urbanas (Maricato, 2000) são favorecidos pela diminuição das oportunidades de acesso ao emprego urbano nos circuitos econômicos hegemônicos das cidades, por causa da segmentação do mercado de trabalho (alta e baixa qualificação), e pela diminuição do compartilhamento dos serviços, equipamentos urbanos e dos espaços públicos (Ribeiro, 2005).

O aprofundamento da segregação e da segmentação dos grupos sociais identifica, já na década de 80, dois efeitos: o surgimento de vastas regiões (morros, várzeas e alagados, especialmente) ocupadas por populações homogeneamente pobres; e a violência urbana (Maricato, 2000). Cristalizam-se, assim, dois mundos paralelos, um legal, definido pelos bairros urbanos, atendidos por serviços e infraestrutura – ocupados por grupos de rendas

médias e altas – e outro, de vilas e favelas, caracterizadas pela ilegalidade e inadequação urbana – ocupadas pelos grupos pobres e excluídos (Ribeiro, 2005).

Em razão dessa segregação urbana e em função das desigualdades sociais eminentes inúmeros problemas se tornam evidentes, tais como a intolerância entre os grupos (Ferreira, 2000) e o aumento da violência urbana, que é relacionado, de maneira intrínseca, às metrópoles, particularmente ao espaço metropolitano ilegal e à exclusão (Maricato, 2000).

A ampliação das desigualdades sociais e a separação dos segmentos médios (principalmente) e baixos, materializadas pelo afastamento territorial dos diferentes grupos na cidade e pelo distanciamento nos padrões de comportamento e sociabilidade (com a criação de subculturas, especialmente, entre os mais pobres), reduzem as oportunidades de contato e interação informais dos pobres com as demais classes sociais (Ribeiro, 2005).

Dentro deste panorama, algumas soluções, ainda que inadequadas ou insuficientes, surgem nos últimos trinta anos. Em meados da década de 70, a população excluída busca se mobilizar, alcançando infraestrutura mínima. Com o fim da ditadura, os movimentos populares crescem e há aumento da pressão sobre as instituições do Estado para regularização da posse de terrenos e das áreas ocupadas. Em meio à crise econômica e financeira e às transformações políticas da década de 80, são os municípios que passam a assumir (o que até então era função do Estado através do BNH) o desenvolvimento de ações na área da moradia popular (Schmidt et al., 2007; Cardoso & Ribeiro, 2002). Para Cardoso & Ribeiro (2002), três aspectos, em especial, facilitam essa mudança: o novo modelo de financiamento, de inspiração clientelista, baseado no apoio a projetos desenvolvidos sob a iniciativa local; a redefinição das competências e da distribuição dos recursos públicos na Nova Constituição Federal (1988); e a iniciativa de governos municipais progressistas, comprometidos com políticas sociais e de democratização da gestão.

A realização e efetividade dessas políticas de regularização têm sido amplamente discutidas. Um dos aspectos levantados pela literatura (por exemplo, Lago, 2004) destaca a importância dos programas, instituídos a partir das ZEIS (Zonas urbanas específicas – de interesses social), para o processo de democratização da cidade, questionando os seus efeitos em termos de garantia dos princípios de igualdade de direitos urbanos e de respeito às diferenças entre os grupos, numa sociedade extremamente desigual. Para Cardoso & Ribeiro (2002), o processo descentralizado das políticas habitacionais tem revelado o potencial das gestões locais em ampliar a eficácia e a democratização dessas práticas, embora o alcance real (em termos de redução do déficit) e a capacidade concreta de implementação não estejam claros. Considerando, nesse sentido, o alcance desses

projetos, Schmidt et al. (2007) destaca que as ações realizadas na esfera do município têm sido caracterizadas por poucos meios (situação econômica geral do país) e aparelho estatal pouco permeável a inovações, resultando em programas com problemas qualitativos quanto ao desempenho do ambiente construído e à inadequação dos projetos propostos aos usuários (Schmidt et al., 2007).

Dentre as políticas habitacionais voltadas para redução do déficit ou inadequação habitacional, realizadas pelos municípios na última década, identificam-se alguns programas tais como urbanização do assentamento (33,3% das oportunidades habitacionais oferecidas), regularização fundiária (29,5%), oferta de lotes (22,3%) e construção de unidades (19,1%) (Cardoso & Ribeiro, 2002). Exemplos podem ser dados com os programas habitacionais do DEMHAB, em Porto Alegre (D'Ávila, 2000) e com o projeto Favela Bairro, no Rio de Janeiro (Conde & Magalhães, 2004).

No caso de Porto Alegre, a partir da década de 80, através da administração do Partido dos Trabalhadores, são realizadas adaptações pragmáticas do aparelho municipal e desenvolvidas políticas habitacionais inovadoras. A criação do Orçamento Participativo (OP) é expressão dessas inovações, priorizando áreas carentes do município e atendendo a reivindicações dos próprios moradores desses locais (Schmidt et al., 2007). A re-inserção e regularização de comunidades carentes em áreas consolidadas e centrais da cidade, ocupadas irregularmente por essas populações, caracterizam alguns dos projetos realizados.

Na implementação desses projetos verificam-se questões relativas à segmentação social e à segregação do espaço urbano, destacado-se as possibilidades de violência e de intolerância entre os grupos e a redução das possibilidades de interação social entre as diferentes populações socioeconômicas que compartilham um ambiente urbano comum. Apesar desses problemas, parece importante salientar a existência de estudos que sugerem efeitos positivos nas atitudes e nos valores de pessoas socialmente exitosas, a partir da proximidade territorial (Bidou-Zachariasen, 1996; Kaztman, 2001 apud Ribeiro, 2005). Por tudo isso, considerando essas novas políticas públicas, interessadas em minimizar os problemas da carência habitacional e da segregação social, fica evidente a necessidade de compreender os efeitos do ambiente construído na interação de grupos socioeconômicos diversos, em contato no ambiente urbano, e de verificar os principais fatores que podem atuar na redução dos conflitos sociais entre eles.

1.2.5 Delimitação do problema de pesquisa

Esta pesquisa está inserida na área de Ambiente-Comportamento, campo do conhecimento que trata de estudos multidisciplinares que investigam a relação mútua entre o ambiente físico construído e o comportamento humano (Moore, 1987 apud Garling & Golledge, 1989). O conhecimento adquirido através desses estudos busca apoiar técnicas para melhorar a qualidade dos ambientes humanos, propondo conceitos e modelos para compreensão da natureza das relações entre o homem e o ambiente e capacitando arquitetos e urbanistas para projetar espaços mais congruentes com as necessidades humanas (Lang, 1987).

Parte-se da constatação de que grupos socioeconômicos homogêneos tendem a morar em ambientes urbanos comuns e adequados aos seus estilos de vida. Se esse ambiente é modificado, seja a partir de uma reurbanização ou da inserção de um novo grupo de características socioeconômicas diferentes daquela existente no local, é gerado um processo de adaptação e transformação dos territórios e dos padrões de uso e comportamento no espaço. A existência dos diferentes grupos no mesmo ambiente pode favorecer a interação social, no contato passivo e uso simultâneo dos lugares, ou o conflito social e a violência. No entanto, conforme a literatura, não existem estudos conclusivos sobre a influência das variáveis físico-espaciais na interação social entre grupos heterogêneos residentes em áreas urbanas comuns. Este estudo questiona, assim, quais atributos mais favorecem ou prejudicam a interação social, se as características socioeconômicas dos grupos ou as do ambiente construído.

A efetividade de ocupação dos ambientes projetados, como ocorrem, quais as relações sociais presentes, de que tipos são e que efeitos provocam na convivência dos indivíduos e na utilização do espaço são aspectos relevantes para indicar o desempenho de um ambiente urbano, informando o que funciona e o que não funciona a partir da perspectiva dos moradores do local (por exemplo, Lay, 1992; Lay & Reis, 1993). A análise sistemática desses elementos e fenômenos possibilita a ação eficaz sobre os problemas espaciais (Tsiomis, 1996; Santos, 1988), pois orienta arquitetos e urbanistas sobre como a forma dos ambientes e os objetos que o compõem suportam anseios e necessidades dos usuários (Rapoport, 2003; Lang, 1987).

Nesse sentido, baseado na avaliação de desempenho do ambiente construído, o problema de pesquisa trata da compreensão de atributos espaciais e atributos socioeconômicos que influenciam na interação social entre grupos socioeconômicos distintos residentes em áreas urbanas comuns. Essa investigação desenvolve-se a partir de uma análise comparativa em áreas selecionadas na cidade de Porto Alegre, nas quais foram identificadas as reurbanizações a partir da regularização de habitações populares e da

(re)inserção dessas comunidades de baixa-renda em espaços urbanos existentes e consolidados, caracterizados por população de renda média e alta.

1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

Com base na linha de pesquisa adotada, este estudo pretende, inicialmente, contribuir para a compreensão do funcionamento dos espaços urbanos na relação com a heterogeneidade dos grupos sociais em contato e apoiar o desenvolvimento de uma metodologia adequada para avaliar o desempenho dos ambientes projetados de nossas cidades, enquanto promotores de interação social.

Busca, de modo especial, compreender como projetos urbanos de inserção de unidades de habitação social, implementados em políticas do Estado voltadas à promoção de habitação para grupos de baixa renda, se relacionam com os espaços do entorno, verificando os efeitos na apropriação dos espaços e na interação social entre os grupos distintos em contato, nesses ambientes urbanos.

E, por fim, em função das generalizações admitidas, esse estudo se propõe, também, a apontar para a viabilidade ou necessidade de correção de projetos de reurbanização, incentivando a articulação de novas políticas interessadas no problema do déficit habitacional e na segregação sócio-espacial.

1.4 ESTRUTURA E CONTEÚDO DO TRABALHO

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos. Neste primeiro, foram definidos o tema e o problema de pesquisa a partir da breve compreensão sobre os grupos sociais e a sua importância no surgimento e diferenciação dos espaços urbanos, os efeitos da interação social entre os diferentes grupos e, de modo especial, foi contextualizada a realidade brasileira em função dos espaços segregados e da exclusão social, destacando-se os novos programas habitacionais que surgem como solução para esses problemas.

O segundo capítulo embasa a caracterização teórico-conceitual deste trabalho. A partir da revisão da literatura, são destacados o processo de interação social e o papel do ambiente construído e do mecanismo de privacidade no padrão de comportamento e sociabilidade dos indivíduos. Em função da caracterização da interação social na vizinhança e da abordagem dos fatores contextuais e composicionais relacionados ao comportamento e à interação social entre os indivíduos, são destacadas as variáveis de pesquisa implicadas na interação social entre grupos socioeconomicamente distintos, residentes em ambientes urbanos comuns.

No terceiro capítulo, são sintetizadas as hipóteses de pesquisa e apresentada a estrutura metodológica do trabalho. A partir da descrição do estudo de caso, dos procedimentos e critérios para a seleção da amostra e da definição dos métodos de coleta e de análise de dados, são definidos os meios para a operacionalização das variáveis de pesquisa e a investigação das hipóteses.

No quarto capítulo, são analisados e discutidos os resultados obtidos na pesquisa, segundo os múltiplos métodos nos quais se baseia esta investigação. Através dos resultados é verificada a sustentação ou não das hipóteses propostas.

O quinto capítulo contempla a conclusão geral do trabalho. São revistos os objetivos e os principais resultados obtidos na dissertação, bem como são estabelecidas a relevância e as implicações deste estudo para a compreensão da problemática aqui abordada, tanto no nível teórico-científico como para as práticas das políticas urbanas.

2 IDENTIFICAÇÃO DOS CONDICIONANTES NA INTERAÇÃO SOCIAL DE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM ÁREAS RESIDENCIAIS

2.1 INTRODUÇÃO

No capítulo 1, constatou-se a importância e a necessidade de compreender o processo de interação social entre grupos heterogêneos que residem em áreas urbanas comuns em decorrência de projetos de reurbanização. Por um lado, a identificação das características socioeconômicas dos grupos e, por outro, a adequação do ambiente construído estão implicadas no tipo de interação social que ocorre entre eles e que pode resultar em relacionamento harmonioso, em conflito ou segregação.

Nos diversos estudos que tratam da interação social, relações recíprocas e dependentes entre os ambientes físico e social são reconhecidas, havendo o entendimento de que o ambiente construído não apenas afeta como é afetado pelo ambiente social (Rogoff & Altman, 1987 apud Dixon, 2001; Werner et al., 2002; Bonnes & Secchiaroli, 1995). Estes dois aspectos não têm, necessariamente, igual importância e influência, mas são compreendidos como uma unidade, na qual cada um deles pode ser alternadamente influente ou influenciado pelo outro (Moore & Golledge, 1976 e Holahan, 1978 apud Bonnes & Secchiaroli, 1995, p. 155).

Neste capítulo, serão revisados conceitos suportes para a compreensão da interação social e identificados os atributos contextuais (características físicas do ambiente) e composicionais (características sociais e culturais) que podem afetar o tipo e intensidade de uso e interação social em áreas urbanas residenciais, quando coabitam grupos distintos de moradores.

2.2 CONCEITOS SUPORTE PARA ENTENDER A INTERAÇÃO SOCIAL NO AMBIENTE URBANO

2.2.1 Imagem e Desempenho Ambiental

Segundo Lynch (1997), a imagem de um lugar é caracterizada por três aspectos indissociáveis, cada um com funções específicas: identidade, estrutura e significado. A identidade implica no reconhecimento de um lugar e diferenciação dos demais. A estrutura trata da forma do lugar e das suas relações (configuração) com os espaços adjacentes. Por último, o significado trata do sentido funcional ou afetivo que o lugar adquire para o observador (Lynch, 1997).

A imagem pode variar entre observadores diferentes, todavia, as pessoas se valem da organização de imagens para estabelecer e pontuar sua identidade, (Lynch, 1997; Rapoport, 1978). Na medida em que ela se torna familiar a um grupo de indivíduos, favorece, também, a criação de um senso de coerência e de identidade do lugar, desempenhando, além de uma função de orientação e organização das atividades que acontecem, um papel social. Este último permite, através da identificação e associação de sinais comuns, a unificação de um grupo e a comunicação entre seus membros (Lynch, 1997).

Portanto, a organização simbólica do ambiente construído, bem como a possibilidade de leitura do espaço a partir de imagens claras e reconhecíveis pode gerar, no grupo que habita um lugar, menor insegurança, menor ansiedade e maior confiança, favorecendo o pertencimento e a familiaridade com o lugar (Lynch, 1997). Segundo, Marsh (1973 apud Rapoport, 1978), o ambiente legível e estável, também, permite identificar e aceitar melhor os estranhos.

Lynch (1997) argumenta que a imagem ambiental é formada a partir de um processo interativo e bilateral entre observador e objeto, onde, através da *percepção* e da *cognição*, as informações assimiladas do espaço são armazenadas e organizadas. Nesse sentido, entender como o espaço é assimilado pelos indivíduos que o habitam é fundamental para reconhecer como os elementos influenciam a vida cotidiana do indivíduo e a que atitudes e comportamentos correspondem. A imagem formada é definida na associação do ambiente físico (qualidade materiais do meio) com o ambiente percebido (que trata dos ambientes preferenciais definidos de acordo com os sistemas de valores sociais e individuais, variáveis com a cultura, no tempo, no lugar real e determinada por necessidades específicas). Primeiramente, a partir do processo de *percepção*, há a apreensão ou captação sensorial direta dos atributos ambientais presentes no meio físico. Isso fornece as bases do conhecimento do mundo e é fundamental para o funcionamento do indivíduo, para que ele

possa se orientar e se informar das atividades do ambiente (Appleyard, 1970 apud Lay, 1992: 33). Num segundo momento, mas de forma indissociável, a *cognição* permite a compreensão e conhecimento do meio a partir de esquemas, noções e significados (Lynch, 1997). Essa avaliação do ambiente, que é consequência do processo de percepção, é motivada pelas necessidades específicas (funcionais, sociais e afetivas) de um grupo ou indivíduo no espaço, implicando em sentimentos e ações, limitados pelas características do ambiente natural e construído e pelo perfil do indivíduo (Lang, 1987). Os dois processos correspondem a atitudes e padrões de comportamento que implicam a utilização do ambiente, a realização de atividades, a previsão de possibilidades de ação, o manejo do espaço e a possibilidade de solucionar problemas que possam surgir.

Esse processo de avaliação diz respeito ao desempenho ambiental, segundo valores dos usuários do espaço, e pode ser entendido a partir de indicadores, tais como níveis de satisfação e observação sistemática do uso efetivo do espaço, conforme aplicação no estudo de Lay (1992). É na utilização de conceitos relacionados à satisfação e ao comportamento do usuário, como base de avaliação, que se torna possível identificar elementos de desenho urbano e características ambientais que significativamente afetam a vida das pessoas em um dado lugar (por exemplo, Lay & Reis, 1993). Neste trabalho, a satisfação do usuário e o seu comportamento no espaço serão adotados para medir o desempenho do ambiente construído. Com isso, se espera verificar a capacidade do ambiente em corresponder às necessidades de interação social dos grupos de usuários.

2.2.2 Ambiente construído como suporte às atividades humanas

A compreensão do ambiente como um sistema, ou seja, como uma unidade complexa, na qual os diversos componentes estão relacionados e são interdependentes, é descrita de forma semelhante por diversos autores (Itellson, 1960 apud Rapoport, 1978; Altman & Chemers, 1989; Rapoport, 1978; Lynch, 1973; Lang, 1987). O sistema ecológico ou social é caracterizado por meios social, cultural e físico, que coexistem segundo um mecanismo de associação e de trocas.

Essa compreensão reafirma homem e ambiente como uma unidade de análise, na qual são inseparáveis aspectos psicológicos, contextuais e temporais (Altman e Rogoff, 1987 apud Bonnes & Secchiaroli, 1995). Assim, o ambiente é constituído de inúmeras associações entre seus elementos físicos e seus habitantes (Rapoport, 1978). Essas relações são estruturadas e facilitadas a partir da organização do espaço e, por conseguinte, implicam na definição de atividades humanas e de significados que advém de sinais, materiais, cores, formas e da paisagem construída. Além disso, o ambiente é

temporal, podendo ser analisado a partir da seqüência temporal de atividades ou segundo ritmos em que as atividades se desenvolvem.

Dentro dessa organização espacial, as pessoas têm um conjunto de motivações e necessidade que são simultaneamente condicionadas pelos ambientes físico, cultural e social (Lang, 1987). O ambiente se constitui de “affordances”, suas propriedades ou características materiais e imateriais que permitem a apropriação e o uso do espaço urbano. Por exemplo, diferentes padrões de ambiente construído tratam de diferentes características de configuração, forma e material que possibilitam distintos padrões de atividades e experiências (cognitivas ou perceptivas) num dado lugar. A expressão “recursos do ambiente” busca significar nessa pesquisa o termo “affordance”, indicando que a composição do ambiente, seus componentes e características definem o uso potencial de um ambiente (Lang, 1987).

Todavia, como afirma Lynch (1973), um lugar existente e o objetivo para o qual ele é desejado são dois aspectos intimamente interconectados do ambiente. Assim, os inúmeros recursos e facilidades do ambiente somente são percebidos e usados em função das motivações e necessidades dos indivíduos (Lang, 1987). Essa noção de interdependência entre um ambiente físico específico e os objetivos e as expectativas relacionadas a ele sustenta que não é suficiente a existência de recursos possibilitadores de uma atividade qualquer se esses não estiverem de acordo com as expectativas e necessidades do usuário (Lang, 1987; Michelson, 1987).

Essa interdependência dos dois sistemas, o ambiental e o de atividades, remete ao conceito de congruência (Michelson, 1987), no qual é destacado, que apesar de o ambiente físico ser fundamental para a definição do comportamento humano, vários fatores culturais e sociais também influem na definição de preferências, motivações, experiências individuais e sociais (Lang, 1987; Rapoport, 1978; Michelson, 1987). Estes sistemas interagem mutuamente e permitem a compreensão do ambiente a partir da sua capacidade de facilitar a realização dos objetivos humanos.

Em síntese, as características humanas (psicológicas, sociais e culturais) são expressas no ambiente. Ou seja, o espaço físico é um aspecto fundamental do ambiente e tem impacto nos meios biológico, social e psicológico, limitando o que é possível fazer e apontando para novas atividades possíveis de serem desenvolvidas num lugar (Lynch, 1973, p. 2). Por isso, conforme afirmam alguns autores (por exemplo Bentley, 1985; Lang, 1987) e é confirmado no estudo de Lay (1992), questões como congruência e fatores de ajuste entre a ação humana e o ambiente, destacam a responsividade do lugar, em função da capacidade do ambiente construído em oferecer recursos adequados à satisfação das

necessidades dos usuários a partir da possibilidade de realização das atividades humanas desejadas num lugar.

2.2.3 Interação Social

A interação social trata da comunicação entre os indivíduos através da fala, de sons e de contatos, que podem ser manifestados sob as diversas formas de comportamento humano e de atitudes em relação ao meio (Lang, 1987). Essa interação se constitui de um movimento cíclico de ação e reação, que serve para atender necessidades funcionais e afetivas dos indivíduos.

A dimensão espacial é central no modo de pensar e agir humano (Kaplan & Kaplan, 1981), sendo o comportamento dependente de uma localização geográfica precisa (Bonnes & Secchiaroli, 1995) e significando que a interação social entre diferentes grupos está, necessariamente, referenciada a um entorno específico (Lang, 1987: 75). Além disso, a dimensão espacial é inseparável dos significados que o ambiente construído pode assumir para o comportamento humano (Bonnes & Secchiaroli, 1995). E, portanto, as relações sociais, manifestadas no espaço, são dependentes de estímulos sociais e conseqüentes respostas, num processo contínuo que envolve ao menos dois indivíduos.

Os diversos objetos produzidos pelo homem e o próprio ambiente físico transformado pela ação humana fazem parte da comunicação (Lang, 1987). Conseqüentemente, edificações e espaço aberto, que caracterizam o ambiente construído, na medida que tratam de estímulos e respostas, interferem no processo de interação social enquanto meios de comunicação.

A relação entre o meio físico e os indivíduos, os padrões de comportamento e as regras sociais que regulam a intensidade e o tipo de interação presente, tratam de um sistema social inserido numa cultura específica e dependente de um meio-físico também específico. Essa relação intrínseca entre o meio social e os padrões do ambiente físico é destacada na literatura (por exemplo, Rapoport, 1978, 1985, 2003; Hillier & Hanson, 1984). Rapoport (1978), por exemplo, entende que os fluxos contínuos de interações entre os meios social, cultural e físico transformam o espaço em um lugar significativo. Entende-se, assim, como afirmam Altman & Chemers (1989), que no uso do espaço, a partir de valores a ele atribuídos e em função de necessidades específicas, surgem padrões reconhecíveis por um grupo de indivíduos, favorecendo e facilitando a interação.

Nesse sentido, o surgimento de um grupo acontece no reconhecimento de interesses comuns entre os indivíduos, a partir de um mecanismo de identificação pessoal e diferenciação do outro, reduzindo os efeitos da tensão social que emerge da interação entre

peças com diferentes valores, interesses e práticas sociais (Siegel, 1970 apud Rapoport, 1978). No fenômeno da aglomeração urbana, os bairros ou agrupamentos residenciais ocorrem como um elemento intermediário entre a família e os grupos heterogêneos da cidade (Rapoport, 1978), exercendo significativa influência no processo de urbanização do século XX e no atual (Taylor, 1988).

A interação social, portanto, compreende um mecanismo de comunicação a partir da definição de um sistema social, caracterizado por indivíduos com valores e objetivos comuns e por um ambiente físico, adequado às atitudes e aos padrões de comportamento existente: se nenhum fator comum é encontrado, não há como haver interação social (Gehl, 1987). Para Altman & Chemers (1989), no entanto, pouca atenção tem sido dada às semelhanças e diferenças culturais relativas às percepções do ambiente construído e à definição das relações interpessoais. Em face da diversidade e urbanização atuais (Rapoport, 2003; Haesbaert, 2004), parece importante verificar como os diversos tipos de agrupamentos humanos na cidade se inter-relacionam e quais as implicações do espaço urbano existente.

2.2.4 Comportamento espacial

Segundo alguns autores (entre outros, Altman & Chemers, 1989; Taylor, 1988), o comportamento espacial humano implica possibilidades de interação social, definidas pela organização física do espaço e pelo estilo de vida dos usuários: o espaço físico permite prever comportamentos e atividades possíveis, expressando, também, como as pessoas se utilizam dele. De forma similar, como argumenta Canter (1991, apud Skajaveland & Garling, 1997), o uso efetivo de um lugar trata de regras e comportamentos comuns, presença de funções e papéis desejados, que implicam valores e sentimentos compartilhados por um grupo de pessoas

O estudo do comportamento espacial investiga o funcionamento e o significado das relações sociais. A dimensão espacial tem particular importância quanto a definição de relações de proximidade entre as pessoas e quanto ao tipo de mensagens que emergem na definição de limites geográficos (Bonnes & Secchiaroli, 1995). Para Eduard Hall (apud Bonnes & Secchiaroli, 1995, p. 85) a dimensão espacial é um fenômeno comunicativo primário, já que são as distâncias interpessoais que informam as características de uma interação aos participantes e observadores.

2.2.4.1 Privacidade

A privacidade é um mecanismo que auxilia na definição de distâncias e de limites para a regular a interação entre as pessoas (Altman & Chemers, 1989). Segundo Lang (1987), embora exista discordância na definição de privacidade (por exemplo, os trabalhos de Westin, 1970 apud Lang, 1987; Altman & Chemers, 1989; Taylor, 1988), é comum o entendimento de que trata da habilidade de indivíduos ou grupos de controlar suas interações.

Sendo compreendida como um processo dinâmico de regulação, a privacidade envolve muitos níveis de comportamento e opera como um sistema social correlacionando a especificidade do contexto e as circunstâncias sociais (Altman & Chemers, 1989, p. 99; Bonnes & Secchiaroli, 1995). A regulação de privacidade trata de mecanismos ambientais, comportamento verbal e não-verbal, comportamento ambientalmente orientado e práticas culturais. Para Altman & Chemers (1989), a combinação desses mecanismos permite substituir, compensar ou ampliar um ou outro efeito e, assim, reflete o desejo de interação, variando de lugar para lugar e em função dos tipos de relação social existentes.

A satisfação de privacidade é uma necessidade universal (Lang, 1987). Atende a indivíduos e grupos, interligando aspectos da identidade pessoal e do grupo e servindo para o gerenciamento da interação social (Altman & Chemers, 1989; Bonnes & Secchiaroli, 1995). Contribui, ainda, segundo diversos autores revisados por Lang (1987, p. 45: Hall, 1959; Goffman, 1963; Lyman and Scott, 1967; Skabursis, 1974; Sommer, 1969; Altman, 1975) para o encontro de outras necessidades humanas tais como segurança, conexão com um grupo ou lugar e auto-estima.

Aspectos relativos ao *espaço pessoal* e ao *território* são mecanismos comportamentais, identificados por Altman & Chemers (1989), que facilitam a regulação da privacidade.

a. *Espaço pessoal:*

Na literatura (Altman & Chemers, 1989), o espaço pessoal é definido em função da área física que circunda um indivíduo, ou seja, cada sujeito está no centro do seu próprio *espaço pessoal*. Esse fenômeno de demarcação de limites trata de definir distâncias mínimas entre uma pessoa e os outros (Sommer 1959, apud Bonnes & Secchiaroli, 1995), na busca de manter o nível apropriado ou desejável de contato. Esse conceito está relacionado à idéia de um espaço exclusivo, cujos limites, apesar de flexíveis e dinâmicos,

(Altman & Chemers, 1989), permitem a definição de sentimentos de proximidade e invasão (Goffman, 1963 apud Lang, 1987; Taylor, 1988).

Apesar de o espaço pessoal ser uma importante variável comportamental e de grande parte da pesquisa dessa área estar voltada para a definição dos significados que guiam as pessoas no uso do espaço, Lang (1987) argumenta que essas definições não oferecem contribuições consideráveis para o entendimento do ambiente construído. Portanto, essa variável não será considerada neste estudo.

b. Território:

A definição de território está intimamente ligada à organização do espaço físico. O território implica numa área geográfica personalizada e marcada, de forma a permitir o seu controle por parte dos indivíduos (Sommer, 1969 apud Bonnes & Secchiaroli, 1995). Os limites e fronteiras, nesse caso, são rigidamente definidos com elementos físicos ou simbólicos, manifestados através de símbolos, sinais, objetos ou áreas limitantes, ou ainda, a partir do uso do espaço (Taylor, 1988). Trata, portanto, de um mecanismo de regulação que sugere a compreensão dos espaços físicos dentro de um processo conjunto, no qual estão integrados o conceito de privacidade e os mecanismos de definição de barreiras e limites (Altman & Chemers, 1989): o território tem funções sociais (status, identidade) e físicas (lugar para realizar uma ou outra atividade, lugar de um grupo), atendendo necessidades psicológicas básicas e necessidades cognitivas e estéticas (Lang, 1987).

Bonnes & Secchiaroli (1995) apontam para o interesse recente de relacionar a definição do território às características do contexto social, como uma forma de compreender de que modo o espaço se torna parte do processo de identidade pessoal e social. Essa compreensão busca substituir as abordagens que entendem o comportamento territorial sob aspectos de violação do território ou de uma relação de causa e efeito entre território e comportamento. Com base nisso, a seguir, serão abordados o comportamento territorial e a sua importância para a relação entre os indivíduos.

2.2.4.2 Comportamento territorial

O comportamento territorial ou a territorialidade é fundamental na compreensão do comportamento humano e da sua relação com o espaço, pois, como foi visto, é um mecanismo de regulação de limites que trata da comunicação de uma pessoa ou de um grupo (Lang, 1987).

Cabe ressaltar que há diferenciação entre privacidade e territorialidade (Edney, 1976 apud Taylor, 1988) embora este delineamento seja complicado. Enquanto o conceito de privacidade é menos dependente do lugar, estando focado na relação específica da pessoa, a partir da regulação de limites no processo de relacionamento com outros. No funcionamento territorial, a importância do ambiente físico se torna evidente, já que acontece em função do controle (físico ou simbólico) do espaço físico. Destaca-se que o funcionamento territorial é um dos processos que permite definir os níveis de privacidade desejado a partir das relações com a movimentação de estranhos numa área delimitada.

Conforme sugere Rapoport (1978), o comportamento que surge num espaço, relativo às relações entre os membros de um grupo e entre diferentes grupos, é entendido nas definições de barreiras e limites espaciais (Bonnes & Secchiaroli, 1995; Altman & Chemers, 1989) e, também, a partir de lugares a serem percorridos e usados (Paulsson, 1952 & Lewin, 1951 apud Rapoport, 1978). As redes de relações são dependentes dos lugares e dos sistemas de usos deles (Rapoport, 1978). A definição do território permite, assim, a organização social em termos espaciais (Sommer, 1969 apud Bonnes & Secchiaroli, 1995).

De acordo com os mecanismos do funcionamento territorial, apresentados por Taylor (1988), podemos identificar elementos e fatores que influenciam na organização e no tipo de território, bem como conseqüências ou funções relativas aos diversos aspectos do comportamento territorial. Segundo o mesmo autor, o território subentende três elementos que o sustentam, assim, *marcas* (símbolos físicos), *atitudes* (preferências e satisfação) e *comportamentos* se inter-relacionam e suportam um ao outro numa área territorial específica. Os *fatores* que influenciam no comportamento territorial são *culturais*, *sociais*, *individuais e físicos*. Eles modelam o significado ou a imagem de um lugar, a partir das definições e sentimentos dos indivíduos e do grupo em relação ao espaço.

O comportamento territorial, segundo argumentam alguns autores (Bonnes & Secchiaroli, 1995; Taylor, 1988), está relacionado com as definições do grau e do tipo de ligação entre os indivíduos e as diferentes partes do ambiente, envolvendo um sistema estruturado de transações entre pessoas e o lugar: a delimitação do território, a partir de marcas e personalização do espaço, permite a distinção de uma entidade social de outra, evoca a possibilidade de defesa contra estranhos e reforça o sentido de responsabilidade sobre o lugar. Barreiras e limites (simbólicos ou visuais) delimitam os espaços e funcionam como sinais da comunidade, fortalecendo o senso de territorialidade (Brown e Altman, 1983 apud Bonnes & Secchiaroli, 1995). Existem, por tudo isso, conexões muito intensas entre o comportamento territorial e os fatores sócio-culturais.

Por fim, o funcionamento da territorialidade implica em conseqüências positivas e negativas do convívio social no espaço físico, apontados por diversos autores (Taylor, 1988;

Edney, 1976 apud Altman & Chemers, 1989; Bonnes & Secchiaroli, 1995), que são sentidos: 1) na estrutura sócio-espacial, organizando a vida humana nos níveis de comunidade, de grupos grandes ou pequenos e do indivíduo; 2) na caracterização da individualidade e da identidade de um grupo; 3) na redução de conflitos dentro e fora de uma comunidade; 4) na redução de stress; 5) no facilitamento dos processos sociais, tais como o planejamento, antecipação dos comportamentos dos outros, engajamento em atividades, e 6) nas facilidades de realizar funções e satisfazer necessidades, permitindo o funcionamento de atividades diárias como cuidar de crianças e buscar alimento, a partir de uma rotina regular e de um lugar qualificado e adequado .

a. *Tipos de território:*

Muitos autores (por exemplo, Hussein El-Sharkawy, 1979 apud Lang, 1987; Altman & Chemers, 1989; Taylor, 1988), buscam identificar os diversos tipos de território, relacionando controle, personalização do espaço e comportamento de um grupo/indivíduo. Altman (1975 apud Bonnes & Secchiaroli, 1995) define três tipos de territórios, considerando a centralidade psicológica que um território pode apresentar na vida do usuário e a duração da ocupação deste espaço.

Os *territórios primários* estão associados à identidade da pessoa, ocupando grande parte do tempo na vida dos indivíduos e exercendo importância central no cotidiano de cada um (Altman & Chemers, 1989). Conforme Bonnes & Secchiaroli (1995), a extensão desse território pode ser exemplificada na casa de cada pessoa, e a aplicação desse conceito entendida no modo de personalização dos espaços domésticos e em como eles refletem características distintivas e individuais dos moradores.

Os *territórios secundários*, em relação aos *primários*, apresentam menor centralidade e duração na vida dos indivíduos e são caracterizados pelo controle sócio-espacial exercido por uma comunidade (Bonnes & Secchiaroli, 1995; Altman & Chemers, 1989): estes territórios dizem respeito às ruas e espaços públicos e semipúblicos da vizinhança como, por exemplo, o pequeno comércio que serve a uma determinada área. Geralmente estão associados a desentendimentos e conflitos, já que subentendem acesso público e apropriação restrita do lugar (por exemplo, por grupos específicos). Estes espaços necessitam ser nitidamente demarcados por elementos físicos, mensagens ambientais ou por normas culturais de acessibilidade e uso, para que possam funcionar, caso contrário, inúmeros problemas, tais como falta de identidade do lugar, insegurança e conflitos sociais podem emergir, conforme evidencia trabalho realizado por Lay (1992).

Os *territórios públicos* são o terceiro tipo desta classificação e dizem respeito aos espaços de uso temporário. Não são centrais na vida dos indivíduos e constituem-se em lugares de acesso permitido a um grande número de pessoas. São exemplos um banco de um ônibus, o banco de uma biblioteca pública, mesas de restaurante e outros (Altman & Chemers, 1989).

Particular interesse é dado às características e aos efeitos relativos ao território secundário, pois é nesse âmbito que se estabelece a relação entre o nível do indivíduo e da sociedade, entre a residência e a cidade. Segundo Warren & Warren (apud Rofé, 1995), o mecanismo territorial no nível da vizinhança é intermediário e possibilita a integração urbana, fazendo a ponte entre as dimensões pessoal e pública, o que permite à vizinhança integrar os moradores locais à cidade como um todo, a partir do desenvolvimento da identidade local.

A compreensão deste comportamento territorial, característico de uma área de vizinhança, como mecanismo regulador das interações sociais e como gerador de identidade (Altman & Chemers, 1989), é base para o estudo da inter-relação de diferentes grupos sociais num ambiente residencial comum. Além disso, a interação social que ocorre no nível da vizinhança, compreendendo um mecanismo de comunicação caracterizado por indivíduos com valores e objetivos comuns (Lang, 1987), trata de atividades sociais (padrão de comportamento) nas quais os moradores de um determinado lugar estão envolvidos (Unger and Wandersman, 1985 apud Al-Homoud and Tassinari, 2004). Reitera, por fim, que o comportamento humano é espacialmente localizado e dependente tanto de um espaço físico dotado de características específicas, possibilitadoras de certos padrões de atividade, quanto das motivações e necessidades dos indivíduos (por exemplo, Lynch, 1973; Lang, 1987; Michelson, 1987).

Com base nestes conceitos e em estudos (entre outros, Basso, 2001; Billig & Churchman, 2003; Dixon, 2001; Rapoport, 1985; Moser & Fleury-Bahi, 2002; Bonaiuto & Bonnes, 2004) que investigam o comportamento humano em áreas residenciais urbanas e a influência do espaço físico na interação social, foram identificadas as variáveis relevantes para a compreensão e avaliação dos fatores que exercem maior influência na interação de diferentes grupos sociais em áreas residenciais urbanas. Elas são apresentadas a seguir.

2.3 CARACTERIZAÇÃO DA INTERAÇÃO SOCIAL EM AMBIENTES RESIDENCIAIS URBANOS

2.3.1 A interação social na vizinhança

Segundo Kim & Kaplan (2004), a interação social na vizinhança está relacionada às oportunidades de contato social formal (planejado) e informal (casual) pelas quais moradores podem desempenhar com qualidade os seus relacionamentos. Outros estudos (por exemplo, Argyle & Henderson, 1984 apud Skjaeveland et al., 1996; Skjaeveland et al., 1996, 1997; Kim & Kaplan, 2004; Al-Homoud & Tassinary, 2004; Haggerty, 1982) destacam a idéia de vizinhança na interação social observável e na troca de ajuda, informações ou objetos entre vizinhos. Esses estudos têm buscado estabelecer uma relação entre componentes da interação social e as características físicas e composicionais (ou sociodemográficas) do ambiente, numa tentativa de quantificar a interação e verificar a influência desses aspectos quanto a existência, favorecimento ou diminuição das relações humanas.

Skjaeveland et al. (1996, 1997), apresentam suporte empírico para a distinção de quatro dimensões: (1) atos de apoio na vizinhança; (2) conexão com a vizinhança; (3) desavenças na vizinhança; (4) e laços sociais superficiais) que caracterizam a interação social na vizinhança.

De acordo com estudos realizados (entre outros, Kim & Kaplan, 2004; Skjaeveland & Garling, 1997), os *atos de apoio mútuo na vizinhança* consistem da combinação de sentimento de proteção e ajuda mútua e influenciam na redução de stress. Esses comportamentos parecem sofrer influência dos componentes do ambiente residencial – espaços semiprivados, aparência visual, controle, ambientes para sentar, quantidade de residências, amplitude do espaço, tipo de entrada, espaço aberto estruturado (Skjaeveland & Garling, 1997; Kim & Kaplan, 2004), sendo as marcas territoriais, como personalização e manutenção, os componentes de efeitos mais expressivos (Al-Homoud & Tassinary, 2004). Apesar disso, é ainda influenciada por fatores composicionais, já que na ampliação e intensificação das formas de contato social (maior intimidade), parece ser reduzida a importância dos fatores ambientais e ampliada a influência dos fatores sociodemográficos (Haggerty, 1982; Kim & Kaplan, 2004).

O *relacionamento social na vizinhança* trata do reconhecimento dos aspectos negativos como conflitos ou insatisfações. Skjaeveland & Garling (1997) argumentam que estes aspectos não têm sido muito investigados na literatura, mas são influentes no desejo de contato social no lugar (Merry, 1987 apud Skjaeveland et al., 1996). Por exemplo, Ebbsen et al. (1976 apud Skjaeveland et al., 1996) identificou que a formação de inimizades

em relação à formação de amizades é mais dependente da proximidade física e, Kim & Kaplan (2004) observaram que a percepção de quantidade elevada de residências está associada à falta de privacidade e atua como obstáculo à interação e que a maior possibilidade de interação sócio-espacial pode ser entendida, também, como aspecto negativo.

A *ligação com a vizinhança* é definida em função de ligações positivas com as áreas próximas à residência. É entendida a partir da composição social e das características físicas relacionadas à atratividade do lugar e à possibilidade de realização das atividades desejadas. Engloba, ainda, sentimentos de comunidade, confiança e conexão com o lugar, bem como formação de redes de amizades e pequenos grupos, (Cobb, 1976 apud Kim & Kaplan, 2004; Skjaeveland & Garling, 1996,1997). Essa dimensão está mais associada ao prestígio de uma área do que à quantidade de interação social possível (Haggerty, 1982). É a dimensão que parece sofrer menor influência direta das variáveis físicas, sendo muito dependente das variáveis composicionais (ou sociodemográficas).

A última dimensão, os *laços de amizade na vizinhança*, é definida por contato social informal entre residentes que não são vizinhos de porta ou não se conhecem intimamente (Fleming et al., 1985; Khermouch, 1995; Oldenburg, 1989 apud Kim & Kaplan, 2004), tratam da interação social local sem laços afetivos, como contato visual e conversas rápidas (Greenbaum, 1982 apud Skjaeveland & Garling, 1997). Essas relações parecem importantes, porque podem favorecer o surgimento de relações de amizade (Festinger et al., 1950 apud Skjaeveland & Garling, 1997; Taylor, 1988). Espaços como caminhos, escadas, acessos comuns para residências são alguns dos componentes do ambiente residencial que parecem favorecer altos níveis de contato social e, conseqüentemente, formação de relações pessoais (Skjaeveland & Garling, 1997). Essa dimensão, segundo alguns estudos realizados (Skjaeveland et al., 1996, 1997; Haggerty, 1982) parece ser a mais influenciada pelos componentes do ambiente construído, independentemente dos fatores composicionais.

Portanto, as quatro dimensões da interação social na vizinhança parecem muito úteis à compreensão da interação social entre grupos heterogêneos. A literatura suporta que amizades e relações íntimas sejam dependentes de aspectos de homogeneidade entre os grupos (por exemplo, Gans, 1976; Tallen, 1999; Rapoport, 1978; 1986; 2003), o que sugere a não existência de interação social mais íntima entre populações socioeconomicamente distintas residentes em áreas comuns. Dessa forma, são destacadas, a partir das quatro dimensões identificadas, as semelhanças ou as diferenças entre os grupos, quanto à intensidade e ao tipo de interação social e à influência do ambiente construído para maior ou menor relacionamento social entre os moradores.

2.3.2 Sistema de lugares e sistema de atividades

A abordagem de multi-lugares ou sistema de lugares, adotada por alguns autores (por exemplo, Bonnes & Secchiaroli, 1995; Rapoport, 1978; 1986; 2003; Bonaiuto et al., 2004) propõe a compreensão do ambiente em função dos diversos espaços urbanos, entendendo que os sistemas são definidos por lugares imediatos e distantes e em função das atividades e funções que acontecem neles. Consta-se que esses lugares são hierarquicamente organizados a partir das noções de exclusão ou inclusão e proximidade ou distanciamento derivadas das experiências individuais e coletivas das pessoas (Bonnes & Secchiaroli, 1995; Lang, 1987).

Segundo Rapoport (1986, p. 162) a compreensão do que acontece em um lugar depende do que acontece nos outros lugares e, também, da organização das atividades em função das regras culturais, dos tempos de uso de cada lugar, do padrão de integração e separação dos lugares, da congruência da localização dos lugares no sistema, da variedade e complementaridade entre eles. Ainda, a experiência humana dos lugares tende a ser organizada de acordo com diferentes níveis, incluindo progressivamente sistemas mais amplos (Bonnes & Secchiaroli, 1995).

Diferentes atividades envolvem complexas interações entre o ambiente físico, cultural e pessoal existente e percebido e esse aspecto é destacado por Rapoport (1986, 2003) em função do grau de suporte ou responsividade ambiental. Portanto, considerando as atividades ou os sistemas de atividades realizados nos diversos tipos de lugar (residência, vizinhança/bairro, centro ou periferia), as relações sociais e sócio-espaciais têm sido investigadas nos vários lugares urbanos (Bonnes & Secchiaroli, 1995).

Rapoport (2003) afirma que o estudo das relações sociais, quanto à sua extensão espacial é fundamental. Por exemplo: pessoas com muitos recursos econômicos, por terem acesso a mais atividades distribuídas pela cidade, parecem apresentar menor ligação com a vizinhança e menor necessidade de acesso ao comércio e serviços locais que pessoas com menos recursos (Ahlbrandt, 1984 apud Talen, 1999). O ajuste entre o ambiente e o comportamento e a diversidade de lugares e de atividades definidas por um grupo depende das características do indivíduo (ciclo de vida, capacidade física, características de rendas, origem) (Lang, 1987). De acordo com Rapoport (2003), quanto maior a incongruência do sistema seja por questões de idade, saúde, recursos ou preconceitos, maior a importância das redes de relações sociais.

Estudos destacam o papel das áreas residenciais (vizinhança/bairro) na organização do sistema de atividades dos habitantes (Bonnes & Secchiaroli, 1995; Rapoport, 2003; Rofé, 1995). As atividades parecem ser reguladas como uma função das atividades que acontecem na residência, assim, habitantes parecem realizar atividades específicas no

centro ou na periferia em função do tipo de atividades que realizam na residência ou na vizinhança (Bonnes & Secchiaroli, 1995).

Além dessa distinção, centro, periferia, vizinhança e residência, a distribuição das atividades e a compreensão das redes de relações podem, também, estar ancoradas em instituições específicas, com as quais os grupos são identificados e pelas quais são suportados, já que conforme Rapoport (2003), tanto as diversas áreas da cidade como essas instituições tratam de status e preferências relativos ao estilo de vida de cada grupo.

Por fim, os sistemas de atividades tendem a ser organizados pelos indivíduos, como uma função de dois sub-lugares em especial (casa – vizinhança, ou casa – centro, ou vizinhança – centro), embora possam ser definidos a partir de mais sub-lugares ou exclusivamente em função de um sub-lugar (Bonnes & Secchiaroli, 1995). Cada grupo caracterizado por um tipo e lugar de atividade é definido por um padrão sócio-demográfico e por características residenciais (tempo de residência no bairro e tempo gasto no bairro) e também pelas associações entre o sistema de atividades realizadas na cidade e no bairro e avaliações de satisfação residencial com a vizinhança (Bonaiuto et al., 2004).

Portanto, a compreensão da interação social entre grupos heterogêneos no ambiente residencial parece ser dependente do sistema de atividades definido por cada grupo. Apesar disso, ainda há poucas evidências empíricas. A identificação de diferenças quanto à utilização do diversos lugares (casa, vizinhança, centro, periferia) parece ser determinante para a definição da interação nas áreas próximas às residências e será verificada neste estudo.

2.4 CARACTERIZAÇÃO DOS FATORES CONTEXTUAIS INFLUENTES NA INTERAÇÃO SOCIAL

O comportamento espacial dos indivíduos é geograficamente localizado e dependente da organização do ambiente, considerando os aspectos de congruência entre um ambiente construído e necessidades de seus usuários (ver item 2.2.4). A organização do espaço é entendida não apenas como possível antecedente do comportamento ambiental, mas como expressão dos usos que as pessoas fazem do espaço (Bonnes & Secchiaroli, 1995, p.83).

Nesse sentido, considerando a interação social num ambiente residencial, é destacado que o espaço, em função da maneira como é configurado e de acordo com os elementos físicos presentes, influencia o contato entre as pessoas, favorecendo ou desencorajando a interação (Canter, 1970; Festinger et al., 1950 apud Lay, 1998). Algumas variáveis espaciais parecem ter maior relevância (Festinger et al., 1950 apud Skjaeveland &

Garling, 1997), como a oportunidade de contato social passivo, a proximidade com os outros (por exemplo, estudo de Gans, 1976) e espaços apropriados para a interação (por exemplo, Moser & Fleury-Bahi, 2002). A importância do espaço público (no caso de áreas residenciais, o espaço aberto próximo à residência) é destacada enquanto possibilitador da interação social (Carr et al., 1992).

2.4.1 Caracterização da estrutura do ambiente construído

Autores afirmam que os diversos atributos físico-espaciais estão relacionados a significados, interpretados pelos indivíduos em função de seus valores e padrões de comportamento (Rapoport, 1978; Altman & Chemers, 1989; Garling & Golledge, 1987). A combinação de elementos que favorecem a interação social, embora não garanta a realização dessas práticas sociais, parece indicar que determinadas ações sejam viáveis. Além disso, na busca de compreender a interação entre grupos diferentes, é necessário estar atento às diferenças culturais, já que grupos diferentes (ver item 2.2.3) apresentam necessidades diversas de interação e de preferências quanto ao tipo e quantidade de espaço.

2.4.1.1 Tamanho de vizinhança e quantidade de habitações

A literatura destaca que variações no tamanho de uma vizinhança influem na quantidade de interação sócio-espacial (Taylor, 1988). Associado a isso, o fator proximidade é destacado pela possibilidade de promover o contato face-a-face dos indivíduos, incentivando o contato social (Gans, 1976; Taylor, 1988).

Dois aspectos merecem atenção. Primeiro, qualidade e intensidade de interação entre indivíduos estão condicionadas ao conhecimento e à confiança mútua. Isso implica que o aumento do tamanho do grupo pode não facilitar a interação na vizinhança porque as oportunidades de contato estariam divididas entre mais membros, dificultando o reconhecimento dos moradores de uma área (Taylor, 1988). Como consequência, as atividades sociais existentes entre mesmos grupos de moradores estariam acontecendo apenas em algumas quadras de um bairro. Por exemplo, num estudo realizado em Seattle, EUA, por Moudon et al. (2006), a percepção de variáveis relacionadas à vizinhança levou à definição geográfica dessa área resultando em valores inferiores a 1 Km de extensão linear para o espaço utilizado por uma pessoa.

O aumento da quantidade de unidades residenciais de uma área implica maior quantidade de acessos privados na relação com espaço público (Talen, 1999; 2000),

sugerindo maior probabilidade de encontros entre os residentes, ao entrarem e saírem das suas edificações, e favorecendo a interação social entre eles. Além disso, comprimento (relativo a quadra) e largura da rua também estão associados ao favorecimento de encontros no ambiente (Khalil & Zimring, 1997). Como foi demonstrado num estudo em Portland, nos Estados Unidos, bairros com alta densidade de trabalhadores e moradores, com maior número de intersecções entre as ruas e mais espaços verdes e áreas públicas abertas para recreação tendem a ter maior número de pessoas caminhando (Li et al., 2005), incrementando as possibilidades de contato social entre os moradores.

O tamanho de uma vizinhança e a quantidade de habitações podem ser definidos em função do padrão de assentamento do lugar, sendo explicitados no dimensionamento do quarteirão e nas intersecções entre as ruas, no parcelamento dos lotes e no número de acessos para o espaço privado. Essas variáveis possibilitam compreender que o tipo de interação que acontece num lugar é expresso no padrão de ocupação da área (Altman & Chemers, 1989) e, portanto, serão utilizadas, nesse estudo, para verificar o potencial de interação social entre os grupos socioeconômicos distintos.

2.4.1.2 Dinâmica do movimento na área de vizinhança e potencial de contato social

O padrão de movimento favorecido pela configuração da malha urbana afeta a compreensão do ambiente residencial pelos usuários (Rofé, 1995). Vários estudos (entre outros, Hillier, 1988; Hillier et al., 1993; Khalil & Zimring, 1997) têm demonstrado que o potencial movimento de pessoas em uma determinada área está relacionado com propriedades sintáticas do espaço. Hillier et al. (1987) entende que esse campo de encontro é gerado a partir de propriedades bem definidas (distribuição, densidade e previsibilidade ou predicabilidade) de um sistema, em função das características do layout e da relação com as áreas de entorno.

A compreensão do sistema urbano, na abordagem da análise sintática, descreve a cidade em termos de uma malha deformada definida numa estrutura axial (Hillier, 1988). De acordo com Hillier et al. (1987), um ambiente urbano é caracterizado por um sistema fixo de espaços e por um conjunto móvel de indivíduos associados a ele. Essa distinção define a primeira dimensão do sistema. A segunda dimensão trata do reconhecimento das propriedades locais (associação com a área de vizinhança) e globais (posição relativa ao sistema como um todo), e, também, da relação entre essas.

Essas propriedades podem ser medidas e quantificadas, permitindo a compreensão do potencial de movimento gerado pela malha urbana. Para o sistema local, existem a conectividade (define para cada linha, quantas outras linhas estão diretamente conectadas)

e o controle (oportunidade de movimento que cada espaço representa para seus vizinhos imediatos). Para o sistema local, há a integração global (profundidade topológica média de uma linha em relação a todas as outras do sistema) e a integração local (profundidade topológica média de uma linha em relação a todas as outras dentro de um raio especificado) (Hillier & Hanson, 1984; Hillier et al., 1987).

A medida de integração global é a que melhor prediz o potencial de movimento (Hillier et al., 1987; Hillier, 1988; Hillier et al., 1993). O padrão de movimento é uma função do padrão de integração da estrutura urbana e pode ser analisado matematicamente a partir da decomposição da malha em um sistema de linhas (mapa axial). As linhas mais integradas são denominadas núcleos de integração e constituem, umas com as outras, circuitos anelares que se conectam em diversas direções, abrangendo todo o sistema. Esses núcleos são importantes, porque tratam de eixos integrados e potencialmente mais utilizados (percorridos) por todo o sistema.

Os campos de encontro e de co-presença são definidos em função do padrão de movimento e são dependentes, de modo especial, da posição de cada espaço na estrutura global, mais que na local. Duas medidas dependentes das propriedades sintáticas são destacadas (Hillier et al., 1987; Hillier, 1987): (1) na correlação entre valores de conectividade e integração global define-se a *inteligibilidade*, importante na definição do potencial de encontro e co-presença, permitindo compreender o sistema global a partir do local, o que é percebido pelo usuário, em função do número de conexões de uma via com outras vias; (2) na correlação entre valores de integração global e local define-se a *sinergia*, que permite verificar como os espaços integrados localmente se articulam com aqueles integrados globalmente e como eles estruturam a localização das atividades e o padrão de movimento de um nível para o outro.

Segundo essas propriedades, Hillier et al. (1993) demonstram que existe uma correspondência entre a presença de pessoas, equipamentos (comércio ou edifícios institucionais) e o padrão configuracional do espaço. A medida de integração global é destacada, nesse conjunto, como princípio gerador de movimento. No entanto, os equipamentos urbanos são verificados como atratores (multiplicadores logarítmicos dos padrões de movimento definidos pela configuração), e podem ser positivos, estimulando o movimento, ou negativos, desestimulando-o.

Por fim, potencial de encontro e co-presença define uma comunidade virtual porque tem a forma de um grupo e trata de uma interação potencial (não efetiva) entre seus membros (Hillier et al., 1993). Por isso mesmo, as variáveis sintáticas (conectividade, controle, integração local e global, profundidade), influenciando o movimento de pedestres,

favorecem o contato entre as pessoas que não necessariamente têm alguma relação entre si e promovem, assim, atividades sociais no ambiente (Khalil & Zimring, 1997).

Essa discussão das propriedades configuracionais do ambiente, a partir da análise sintática, busca destacar que certas ruas de uma cidade estão localmente conectadas e globalmente integradas, definindo, assim, maior probabilidade de co-presença de distintos indivíduos num mesmo espaço. Para Hanson & Hillier (1987 apud Rofé, 1995) espaço e sociedade podem ser estruturados de forma a maximizar a probabilidade de encontros entre pessoas de diferentes categorias. Considerando a congruência entre malha urbana, equipamentos e movimento, verifica-se que a centralidade da malha urbana (em termos de integração e núcleos de integração) influi na localização dos equipamentos no ambiente, e que esses potencializam, ainda mais, a predisposição de movimento e encontro de pessoas, na medida que favorecem a maior quantidade e diversificação das atividades. Conseqüentemente, a interação social entre os grupos parece ser potencializada num dado local, tanto pela possibilidade de utilizar um espaço enquanto percurso (circulação), como no uso efetivo do espaço para realização de determinadas práticas desejadas, no sentido de satisfazer o estilo de vida de um indivíduo.

O grau de centralidade de um espaço em relação à cidade como um todo, o grau de deformação da malha e a profundidade do sistema estarão influenciando na localização de equipamentos e atividades e, possivelmente, na interação entre grupos sociais distintos, que potencialmente terão maior ou menor chance de estar utilizando um mesmo espaço para realização de atividades comuns ou distintas. Nesse sentido, parece importante compreender a dinâmica de movimento e o potencial de co-presença em áreas urbanas onde coexistem grupos distintos, verificando a localização diferenciada dos grupos e dos equipamentos e atividades em relação ao potencial de interação social entre eles.

2.4.1.3 Acessibilidade no ambiente residencial

A estrutura do ambiente construído está fortemente associada à noção de acessibilidade, que é condição básica para a existência de atividades num lugar (Carr et al., 1992) e, conseqüentemente, para a existência de atividades sociais (Gehl, 1987). Para Carr & Lynch (1981 apud Lay, 1992, p. 78), a acessibilidade está definida em termos dos direitos sobre o espaço aberto - acesso físico ao espaço aberto, liberdade de uso do espaço e possibilidade de mudança do espaço pelos usuários. Lynch (1985 apud Basso, 2001, p. 51) ainda acrescenta que a equidade de acesso e a diversidade de atividades acessíveis aos diferentes grupos da população são condições básicas para a definição geral para o uso do ambiente.

A literatura destaca a questão da acessibilidade em relação a três importantes aspectos: o físico, o visual e o simbólico (Carr et al., 1992). Estudos realizados (por exemplo, Gehl, 1987; Lay, 1992; Moudon, 2006) indicam que a acessibilidade física pode ser entendida em termos de distâncias, percepção da quantidade de espaço disponível para realização de atividades (por exemplo, Gehl, 1987; Skjaeveland & Garling, 1997) e existência de barreiras físicas (Carr et al., 1992; Skjaeveland & Garling, 1997). Gehl (1987) argumenta que a acessibilidade visual é destacada pela possibilidade de perceber, simultaneamente, o que acontece nos espaços públicos e privados (o que é confirmado pelo estudo de Basso, 2001), facilitando a percepção de potencial de perigo ou segurança de um lugar (Carr et al., 1992) e a existência de percursos e caminhos conectados e atraentes (Gehl, 1987; Carr et al., 1992; Skjaeveland & Garling, 1997). Por fim, a acessibilidade simbólica é verificada na possibilidade de identificar sinais (pessoas e objetos) indicativos de que alguém ou algo é ou não bem vindo ao espaço (Carr et al., 1992).

A distância foi apontada na literatura como fator relevante para a criação e manutenção de relações de vizinhança e amizade, mas sem influência nas relações familiares. No caso das relações de vizinhança, num bairro residencial do Cairo, elas aconteceram, na sua maioria, numa extensão de até 25 metros do local de moradia de um indivíduo (Khalil & Zimring, 1997).

Espaços próximos às casas são entendidos como elemento de ligação entre os indivíduos e a sociedade local (Taylor, 1988). Por exemplo, espacialidade ou amplitude do espaço percebida a partir das residências indicou a existência de espaço disponível (visibilidade entre público e privado) e compatível (presença de objetos e elemento decorativos) para interação com a vizinhança, estimulando o contato social (Skjaeveland & Garling, 1997).

Para Gehl (1987), a percepção da amplitude do espaço, ainda, está associada às distâncias aceitáveis (400 ou 500 metros) para percorrer ou realizar uma atividade e à qualidade do percurso em termos de segurança e estímulos (visuais e atividades) presentes.

Além disso, certos elementos de design ou tipos de comércio e serviços presentes num lugar explicitam preferências, gostos e padrões relativos ao poder aquisitivo do indivíduo, informando, assim, sobre as pessoas esperadas e bem vindas num lugar, atraindo-as para o uso desses espaços (Carr et al., 1992).

Nesse sentido, a acessibilidade a espaços e atividades no ambiente é entendida como geradora de um processo de auto-reforço. Indivíduos e eventos podem influenciar e estimular um ao outro: presença de atividades e pessoas influi positivamente para maior uso e interação no lugar, a ausência desestimula o uso e a interação, ou, ainda, atividades não

estimuladas e suportadas umas pelas outras reduzem consideravelmente o uso e a interação (Gehl, 1987).

Os três tipos de acesso – físico, visual e simbólico – interagem, apontando, mais claramente ou mais tenuamente, para quem pode entrar no espaço e para quem tem o controle de uso do espaço (Carr et al., 1992). Parece, no entanto, conforme indicam resultados apresentados por Lay (1992), entre outros, que a acessibilidade visual (associada à acessibilidade simbólica), mais que a física, define o maior ou menor uso dos espaços, já que associam atratividade do lugar em termos de preferências relativas aos estilos de vida (Carr et al., 1992; Skjaeveland & Garling, 1997), percepção de segurança e diversidade de usos (Gehl, 1987; Carr et al., 1992; Lay, 1992).

Por tudo isso, a avaliação da possibilidade de interação social entre grupos diferentes no ambiente residencial parece estar intensamente relacionada à acessibilidade do espaço. Destacadamente, a acessibilidade visual, enquanto facilitador da percepção de quem pertence a um lugar ou pode usar esse lugar, tende a indicar a possibilidade de interação social entre moradores de grupos distintos, em áreas urbanas comuns. A influência da acessibilidade visual entre os grupos distintos será verificada em termos de possibilidade de identificação deles, um pelo outro, e favorecimento da interação social entre eles em função da maior ou menor visibilidade.

2.4.1.4 As calçadas no ambiente residencial

As ruas atuam como principal lugar de contato e de passagem, permitindo variadas trocas e ações sociais (Gzarnowski, 1991). A importância das calçadas no ambiente residencial é destacada, principalmente em função da sua capacidade em permitir aos usuários desenvolver atividades no espaço da rua (Gehl, 1986 apud Skjaeveland, 2001). Nesse sentido, as calçadas também incrementam a interação social, pois caminhar pelas ruas do bairro favorece o contato social e o aumento da identidade e fortalece o vínculo com o lugar (Gehl, 1986 apud Skjaeveland, 2001).

Apesar do destaque da rua na intensificação do contato social, também é possível verificar diferenças de uso e atitudes em relação ao espaço. Essas diferenças tanto reforçam a diversidade dos estilos de vida dos diversos grupos, como reafirmam a estratificação social (Levitas, 1991). Como verificado por Basso (2001), a utilização dos espaços das ruas para práticas sociais é inversamente proporcional a faixa de renda.

De qualquer modo, as caminhadas na rua, atividades favorecedoras de contato passivo, parecem ser motivadas ou desmotivadas por diversas variáveis, que contribuem para a qualidade do ambiente construído (Alexander et al. apud Kim & Kaplan, 2004).

Nessas condições, a existência de calçadas (Kim & Kaplan, 2004; Talen, 2000) e o dimensionamento e a pavimentação adequados à circulação podem intensificar o uso social (Basso, 2001). Outros fatores, ainda, são presença de vegetação (Basso, 2001; Kim & Kaplan, 2004; Sullivan, Kuo & DePooter, 2004), presença de elementos motivadores ou atratores, tais como pequeno comércio, bares e restaurantes (Moudon et al., 2006), existência de equipamentos e mobiliário urbano e, também, existência de iluminação artificial adequada, aumentando a sensação de segurança e permitindo o uso por maior período de tempo (Basso, 2001).

2.4.1.5 A presença da vegetação

A vegetação tem sido destacada quanto aos seus efeitos na interação social. A literatura sugere que a presença de vegetação em áreas comunais, junto aos ambientes residenciais, exerce grande influência na produção do senso de comunidade (Francis, Lindsey & Rice, 1994 apud Kearney, 2006) e no estreitamento de laços sociais entre adultos (Kweon, Sullivan & Wiley, 1998 apud Kearney, 2006). Além disso, a existência de elementos naturais ou áreas verdes foi associada ao uso mais intenso dos grupos e à maior diversidade de faixas etárias presentes no ambiente, quando comparadas a áreas com menor presença de elementos naturais (Coley, Kuo & Sullivan, 1997 apud Sullivan, Kuo & Depooter, 2004). Taylor, Wiley, Kuo & Sullivan (1998) sustentam, ainda, que quando existem áreas gramadas ou com árvores, há maior presença de adultos e mais crianças envolvidas em atividades diárias. Nesse sentido, tem sido demonstrado que o engajamento em atividades sociais é maior em espaços com vegetação (Sullivan, Kuo & Depooter, 2004) do que em espaços sem vegetação ou com vegetação escassa, sugerindo que este fator aumenta as oportunidades de interação social de áreas como ruas ou espaços públicos de lazer (Kearney, 2006).

Considerando, portanto, a influência da vegetação nas práticas sociais manifestadas nos espaços de lazer e das ruas, parece necessário verificar se os efeitos de incremento do uso desses espaços pelos grupos, inclusive a partir da diversificação etária, estariam, também, relacionados à diversidade social dos grupos em contato.

2.4.1.6 As faixas para circulação de veículos no ambiente residencial

A interação social parece ser influenciada, também, pela quantidade e tipo da via veicular. Segundo Appleyard & Lintell (1972) níveis de interação social, extensão territorial e reconhecimento do ambiente foram inversamente correlacionados com a intensidade de

tráfego. Vias com tráfego intenso estão associadas a menor interação social e atividades nas ruas, enquanto vias de tráfego leve estão associadas a maior interação e atividade nas ruas (Appleyard & Lintell, 1972; Gehl, 1987; Taylor, 1988).

Para Gehl (1987) sendo o tráfego da e para a casa a atividade mais realizada, considerando todas as que acontecem no espaço público das áreas residenciais, a capacitação do espaço para que simultâneas atividades aconteçam – circulação veicular ou peatonal, brincadeiras e jogos infantis, atividades em torno da residência – incrementaria o uso do espaço e o contato entre as pessoas.

Os efeitos da circulação de veículos em relação ao uso podem ser exemplificados com dois estudos. Num deles, realizado em áreas residenciais na Noruega, verificou-se que a criação de ruas com estacionamento favoreceu brincadeiras e jogos infantis e relações de amizade entre os adultos (Skjaeveland, 2001). O aumento dos laços de amizade, e não do contato casual entre os moradores como sugerido na literatura (Gehl, 1987; Gans, 1976), pareceu ser devido ao surgimento de uma atividade (conversas com vizinhos) anteriormente desejável pelos moradores, mas apenas compatível com o ambiente construído após as alterações nele realizadas (Skjaeveland, 2001). No outro, realizado em Portland, o número de interseções entre as ruas, identificado como promotor do movimento de pessoas no espaço aberto, só passou a contribuir para caminhadas quando os residentes perceberam que as condições do tráfego de veículos associadas às interseções das ruas eram seguras (Li et al., 2005).

Além disso, o perfil dos usuários também parece estar relacionado à intensidade de tráfego da via. Num estudo realizado na cidade de São Francisco, EUA, pessoas de reduzido poder aquisitivo, entre eles idosos, famílias com filhos, solteiros, casais jovens e inquilinos em geral, foram associados às áreas de tráfego intenso (Appleyard & Lintell, 1972).

Como Appleyard & Lintell (1972) demonstraram, há diferentes perfis de moradores nos diferentes tipos de rua. Essa ocupação é tanto decorrente da necessidade de fácil acesso aos recursos do ambiente construído (pessoas idosas), como influenciada pelas condições financeiras dos indivíduos. Por isso, considerando a quantidade de interação propiciada pelo tipo de via e pela intensidade de atividades simultâneas, parece importante avaliar o significado do desejo de interação e privacidade relativo a cada grupo social. Assim, é necessário verificar efeitos da intensidade do tráfego e padrão da via quanto à interação social entre grupos heterogêneos.

2.4.2 Aparência e uso

2.4.2.1 Aparência das edificações

Espaços atrativos convidam as pessoas a permanecerem no lugar por mais tempo, aumentando a possibilidade de encontrar outras pessoas com preferências e necessidades comuns (Kaplan et al., 1989; Nasar, 1989 apud Skjaeveland & Garling, 1997). A atratividade está relacionada com questões de projeto do espaço e da qualidade das experiências favorecidas pelo ambiente físico, havendo implicações da qualidade do ambiente construído para atratividade do lugar e uso (Gehl, 1987, p. 183).

A avaliação do lugar é consequência de uma resposta estética, segundo Nasar (1997, p.152), ou seja, uma resposta afetiva experienciada pelos indivíduos (de diferentes ocupação, instrução, renda, etc.) num dado ambiente construído e em relação aos atributos desse ambiente. Por exemplo, num estudo realizado por Lay (1992), os moradores avaliaram a aparência visual de um condomínio residencial com base na percepção dos atributos que expressavam ou não seus valores e com base na percepção das qualidades espaciais do lugar, como resultado, surgiram comportamentos espaciais compatíveis com a avaliação. Portanto, aspectos como estilo arquitetônico, variações de altura, cor, e forma do edifício, vistas agradáveis a partir da residência e manutenção contribuem para a atratividade do ambiente (Cooper & Sarkissian, 1986 apud Lay, 1992, p. 88; Skjaeveland & Garling, 1997), propiciando diferentes respostas estéticas.

A aparência das áreas residenciais pode ter grande influência na criação da imagem social, expressando valores, atitudes, gostos (Becker, 1977 apud Lay, 1992: 90) e comunicando o padrão funcional e a estrutura social do lugar (Rapoport, 1985). A aparência ambiental contribui para a distinção e identificação dos diferentes grupos (Rapoport, 1985; 2003; Taylor, 1988; Twigger-Ross & Uzzel, 1996). A sua avaliação está associada à reputação do lugar e também à de seus moradores (Becker, 1977 apud Lay, 1992: 93; Twigger-Ross & Uzzel, 1996).

Segundo alguns autores (Rapoport, 1985, 2003; Nasar, 1997) a preferência por um padrão de ambiente construído é o resultado de uma escolha, sendo o julgamento das características físicas de um lugar depende do reconhecimento e da compreensão de um estilo por um grupo. Por isso, a importância da aparência do lugar é destacada na sua função de comunicar características sociais. A literatura aponta para diferenças de significados atribuídos a residências por grupos de diferente formação educacional e ocupacional (Nasar, 1989; Lang, 1990 apud Nasar, 1997). Existe, assim, relação entre atratividade física de uma área residencial, o aumento do uso (Gehl, 1987, Lay, 1992; Basso, 2001), da interação com a vizinhança (Lay, 1992; Basso, 2001; Skjaeveland &

Garling, 1997) e dos sentimentos de identidade (Lay, 1992; Skjaeveland & Garling, 1997), de pertença à comunidade (Lay, 1992; Kin & Kaplan, 2004, Basso, 2001) e de ligação com o lugar (Cullen, 1961 apud Gehl, 1987; Lay, 1992; Basso, 2001).

Existe uma relação dinâmica entre o ambiente residencial e o processo de identificação social (Twigger-Ross & Uzzel, 1996). Além disso, a constituição da identidade, apoiada na identificação com o lugar, também trata da regulação dos contatos sociais (Taylor, 1988; Altman & Chemers, 1989). Segundo Uzzel & Badenas (2002) a coesão social (sentimento de comunidade e presença de práticas sociais) contribui para a identidade do lugar, assim como uma forte identidade facilita a coesão social. Nesse sentido, os quatro princípios relacionados à formação da identidade – distinção, continuidade, auto-estima e auto-eficácia (Breakwell's apud Twigger-Ross & Uzzel, 1996) – estão implicados na percepção e avaliação do ambiente (Twigger-Ross & Uzzel, 1996). Este estudo buscará associar a avaliação da aparência do lugar em termos de distinção (identificação com a vizinhança a partir das edificações), continuidade (continuidade física e temporal das edificações como forma de identificação) e auto-estima (avaliação positiva e prestígio da área). O princípio de auto-eficácia será avaliado a partir da idéia de ambiente gerenciável e coesão social (Uzzel & Badenas, 2002) (ver item 2.4.3, a seguir).

A literatura destaca que a interação entre grupos heterogêneos no espaço está relacionada à percepção da homogeneidade ou diversidade dos indivíduos (Rapoport, 1978). A interação social, que é incrementada a partir da satisfação com a qualidade ambiental, é, também, influenciada pela avaliação da aparência do ambiente em termos da possibilidade de distinção ou identificação dos grupos. Portanto, parece necessário verificar se a identificação das características das edificações dos diferentes grupos de um lugar influencia a interação social entre eles.

2.4.2.2 Percepção de Segurança

A percepção de segurança está relacionada a aspectos socioeconômicos e físicos (por exemplo, Perkins, Meeks & Taylor, 1992; Basso, 2002). Para Ferraro (1994 apud Perkins & Taylor, 1996) o medo trata das respostas emocionais e dos sentimentos de vulnerabilidade em face de condições perigosas ou possibilidades de crime. O sentimento de segurança dos moradores, portanto, tende a ser justificado pela percepção de desordem física e social no ambiente (entre outros, Perkins, Meeks & Taylor, 1992; Perkins & Taylor, 1996), bem como por elementos relativos ao comportamento territorial (Taylor, 1988) e aspectos da configuração espacial associados com o espaço defensivo (Newman, 1996).

Diversos estudos indicam os efeitos da insegurança na vida de uma comunidade em espaços urbanos: para Liska, Sanchirico & Reed (1988) foi identificado que a insegurança influencia a liberdade das pessoas em mover-se pelo lugar onde vivem, existindo um efeito recíproco entre o sentimento de insegurança e um comportamento social mais restritivo (uso de certos lugares e não uso de outros, hábitos mais restritos à residência); de forma semelhante, Basso (2001) demonstra que a percepção de segurança aumenta o uso dos espaços abertos públicos (Basso, 2001); e, também, Perkins, Meeks & Taylor (1992), revelam que a presença de relações sociais na quadra ou no bairro parecem ajudar os moradores a alcançar maior sentimento de segurança e coesão social, de forma que moradores menos confiantes na própria vizinhança tendem a ser mais inseguros e a ter comportamentos mais restritivos (Taylor, 1996).

Considerando, pois, a influência da segurança no uso do ambiente e, também, na possibilidade de interação social entre moradores, destaca-se na associação com os aspectos da aparência do bairro (item 2.4.2.1) a questão da percepção de desordem física e social.

A desordem na comunidade se refere a condições e eventos sociais e físicos que existem num determinado local. Moradores incapazes de manter a qualidade de vida comunitária, comportamentos ilegais ou suspeitos e duvidosos que podem estar relacionados com conflitos sociais, moradores sem teto, bêbados e traficantes são entendidos como indicadores de desordem social, enquanto aspectos ambientais como lixo, vandalismo, casas abandonadas e/ou vazias, carros abandonados, lotes/terrenos descuidados e a falta de manutenção e a degradação de espaços públicos e privados de uma propriedade, em geral, são percebidos como desordem física (Perkins & Taylor, 1996; Perkins, Meeks & Taylor, 1992).

Quanto maior a presença de desordem física e social e quanto maior a percepção dessa desordem pelos moradores, maior o sentimento de insegurança; destacando-se, no entanto, maiores coeficientes de correlação entre esse sentimento e os problemas físicos do que entre os sociais (Perkins & Taylor, 1996). Inclusive, foi encontrado em alguns estudos, a maior relação entre a presença de degradação do ambiente e a percepção de insegurança do que entre esta e o sentimento de vulnerabilidade ao crime (Maxfield, 1987 apud Perkins & Taylor, 1996). De modo especial, quando e onde os moradores percebem as incivildades do ambiente como reflexo da quebra do controle territorial, eles sentem insegurança (Perkins, Meeks & Taylor, 1992), o que se reflete no declínio das atividades na vizinhança (Perkins & Taylor, 1996).

Observa-se, ainda, que aspectos socioeconômicos dos moradores influenciam a percepção de desordem e de insegurança (Perkins et al., 1990). O tempo de moradia e a

escolaridade foram relacionados às atitudes em relação à desordem física e social percebidas, tendo o primeiro demonstrado maior influência nessa percepção (Taylor, 1996). Moradores residentes em propriedades com maior número de desordens (lixo, grafite, má conservação) perceberam tanto mais desordem no ambiente, como demonstraram maior insegurança (Perkins & Taylor, 1996).

Por fim, os efeitos da existência e/ou percepção de desordem social e, especialmente, de desordem física (vandalismo, degradação ou falta de manutenção do ambiente, lixo) no sentimento de segurança parecem ser percebidos no comportamento dos moradores, influenciando o não uso de certos lugares do bairro e o declínio de atividades sociais. Isso sugere que a percepção de insegurança inibe a interação social, principalmente, entre grupos de moradores sócio-economicamente distintos. A identificação da heterogeneidade dos moradores, percebida, entre outros aspectos, partir das edificações do bairro, pode não apenas estar relacionada a aspectos de tipo e estilo da edificação, mas também, às questões de manutenção em função das diferenças de poder aquisitivo para manter o ambiente residencial. Investigações empíricas serão realizadas para verificar se as diferenças de manutenção do ambiente residencial dos diferentes grupos sociais afetam a percepção de segurança e o uso no lugar e as possibilidades de interação social entre eles.

2.4.2.3 Heterogeneidade do ambiente construído

Como os diferentes grupos podem perceber o ambiente residencial de forma diferente, os espaços têm significados variados, em função do estilo de vida de cada grupo, podendo ser símbolo de status e prestígio, de segurança ou de uma vida reclusa. Cada uma dessas percepções está associada a diferentes usos do espaço. Os vários componentes de um lugar comunicam as características sociais de seus membros. A avaliação dos ambientes residenciais, portanto, trata de escolhas por um ou outro lugar, e pode gerar alteração e personalização do ambiente ou adaptação do comportamento e do estilo de vida para tornar o espaço físico mais congruente (Rapoport, 1985). Embora essas percepções impliquem na forma do ambiente construído, a satisfação residencial está associada aos relacionamentos interpessoais na vizinhança (Moser & Fleury-Bahi, 2002).

Na visão de alguns pesquisadores (Sibley, 1988, 1995 apud Dixon, 2001, p. 598), espaços altamente classificados ou associados a um determinado grupo, em função da aparência ou do comportamento social, parecem enfraquecer ou limitar as possibilidades de contato entre indivíduos com diferentes estilos de vida. Para outros, as diferenças culturais dificultam a comunicação e podem elevar o preconceito (Simpson & Yinger, 1965 apud Billig & Churchman, 2003). Existe, também, a idéia de que encontros entre diferentes populações

podem estimular a integração e reduzir tensões sociais (Massey, 1985 apud Billig & Churchman, 2003). Há, portanto, pontos de vista contraditórios quanto à percepção da heterogeneidade do ambiente residencial e seus efeitos na interação dos indivíduos.

Por tudo isso, relacionar a percepção de heterogeneidade do ambiente construído à satisfação com a aparência e à percepção de segurança de um lugar parece permitir compreender as implicações desses aspectos quanto à identificação do morador com o lugar de moradia e à influência no potencial de interação entre grupos de moradores distintos num mesmo espaço urbano.

2.4.3 Adequação dos equipamentos e atividades existentes no ambiente residencial

A possibilidade de realizar atividades diárias e interagir socialmente na vizinhança, a partir da presença de equipamentos adequados e necessários às atividades do morador como lojas, escolas, áreas verdes, confere ao morador um sentido de auto-eficácia, contribuindo para a identificação com a vizinhança (Uzzel & Badenas, 2002). O conceito de auto-eficácia, definido por Bandura (1977 apud Twigger-Ross & Uzzel, 1996), é entendido a partir do sentimento de confiança do indivíduo em realizar um ato ou completar uma tarefa desejada. Ele está intimamente ligado com o sentimento de bem-estar (Leibking, 1992 apud Twigger-Ross & Uzzel, 1996) e à idéia de um ambiente capaz de permitir ao indivíduo escolher como pode alcançar seus objetivos e realizar atividades necessárias num determinado lugar (Winkel, 1981 apud Twigger-Ross & Uzzel, 1996).

A adequação dos equipamentos e das atividades existentes num lugar remete ao conceito de “robustez” (Bentley et al., 1985, p. 9), que trata de como o projeto do espaço físico está relacionado à possibilidade de usar um determinado espaço para diferentes atividades, e, também, à “liberdade de ação” (Carr et al., 1992, p. 152), entendida a partir da habilidade para realizar atividades desejadas, utilizando o espaço a fim de satisfazer necessidades e reconhecendo seu caráter público.

Conforme afirmam Altman & Chemers (1989), espaços públicos, como parques e centros comunitários, são apropriados e atividades são incorporadas pelos grupos na definição de determinados usos e fixação de espaços comportamentais. Eles servem de símbolos de prestígio, aumentam as possibilidades de encontros entre os indivíduos e contribuem para o sentido de lugar, fortalecendo ou gerando a noção de comunidade (Talen, 2000). Também as atividades comerciais como pequenos comércios, padarias e lancherias funcionam no ambiente residencial como centros comunitários (Altman & Chemers, 1989). Conforme afirmam Twigger-Ross & Uzzel (1996), a existência desses lugares de caráter público trata da possibilidade de realizar atividades comuns numa área, fortalecendo

sentimentos de unidade e identidade do grupo. Por exemplo, a proximidade de pequeno comércio e restaurantes, entre outras características espaciais, foram associadas positivamente à quantidade de caminhadas na vizinhança num estudo realizado por Moudon et al. (2006), sendo confirmado por alguns autores (White, 1987 apud Moudon et al. 2006; Basso, 2001) que essas atividades favorecem a interação e os laços afetivos na comunidade.

Todavia, usos institucionais, comerciais ou industriais, presentes no ambiente residencial, não garantem uma ocupação contínua do espaço e podem causar, nos períodos em que não há uso, sentimentos de insegurança. Nas vizinhanças onde há descontinuidades no espaço (terrenos ou casas abandonadas) há prejuízos no controle territorial exercido pelos moradores no lugar (Taylor, 1988). De acordo com resultados apresentados por Moudon et al., 2006, a presença de grandes complexos de escritórios e de muitos equipamentos educacionais, por exemplo, foi relacionada negativamente ao desejo de caminhada numa área residencial. Com efeito, como argumenta Taylor (1988), quando moradores não têm motivações para o uso de um lugar, há menor possibilidade de leitura social e física do ambiente, não há sentimento de responsabilidade por ele e, conseqüentemente, há prejuízo para a identificação dos membros da comunidade.

Também a presença de atividades ou pessoas desejáveis ou indesejáveis tem relação direta com o uso do espaço (Carr et al., 1992). O comportamento territorial, que surge a partir da definição de usos e espaços associados a cada grupo, regula o tipo de interação entre estranhos e conhecidos (entre diferentes grupos) (Altman & Chemers, 1989). O balanço dos usos e atividades presentes numa área pública está associado com a possibilidade ou impossibilidade de co-existirem diversas atividades e grupos atuando num espaço. O maior problema da diversidade dos grupos em contato é a incompatibilidade ou a coincidência de usos e necessidades sem, em contrapartida, haver espaços adequados e tempos de usos diversificados e satisfeitos pelos recursos existentes (Carr et al., 1992).

Segundo estudo de Billig e Churchman (2003), numa vizinhança de Tel Aviv caracterizada por populações sócio-econômicas diferentes (judeus de origem local e outros de origem européia) a existência da separação física dos ambientes residenciais e de serviços públicos separados para cada grupo contribuiu para uma avaliação positiva da qualidade de vida, sustentando a preferência dos grupos em não se relacionarem. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que a forte demarcação e classificação dos espaços, em função dos grupos, propiciam o aumento da identidade de um grupo, fortalecendo o sentimento de comunidade, conforme é sustentado pelo estudo de Lay (1992), esses comportamentos parecem também enfraquecer a possibilidade de interação entre grupos diferentes como argumenta Dixon (2001).

A adequação dos equipamentos e das atividades existentes num lugar, enfim, está relacionada à interação social e ao fortalecimento da identidade de um grupo. Apesar disso, diferenças socioeconômicas entre os indivíduos são manifestadas na utilização dos espaços e implicam a satisfação, ou não, com a interação dos diferentes grupos. Assim, este estudo buscará entender como os equipamentos do espaço são apropriados pelos grupos, verificando o uso simultâneo dos lugares pelos diferentes grupos e a o potencial de interação social entre eles na realização das diversas atividades.

2.5 CARACTERIZAÇÃO DOS FATORES COMPOSICIONAIS INFLUENTES NA INTERAÇÃO SOCIAL

Alguns estudos (por exemplo, Altman & Chemers, 1989; Dixon, 2004; Billig & Churchman, 2003) têm observado aspectos relativos ao comportamento espacial, na utilização de espaços comuns por grupos distintos, e o reflexo dessa diversidade na indução ou redução do contato social. Para Gehl (1987, p. 103) processos de integração implicam varias atividades e categorias de pessoas funcionando em conjunto ou paralelamente, enquanto processos de segregação implicam o funcionamento separado e grupos divergentes uns dos outros. Apesar da importância dessas relações, parecem existir poucos estudos que tratem das conseqüências das diferenças populacionais (culturais, sociais, econômicas...) nos relacionamentos sociais. Parece não haver, também, investigações empíricas e sistematizadas sobre o tema, em especial na relação com adultos (Altman & Chemers, 1989; Sodeur, 1986).

O processo de definição de um grupo e de distinção dos demais é uma função cultural e, portanto, está relacionado a uma imagem comum, a uma organização interna reconhecida pelos indivíduos do grupo, a valores e preferências, influenciando diretamente no tipo de comportamento e padrão de atividades presentes. A literatura indica que pessoas com valores similares e expectativas similares tendem a agrupar-se em lugares homogêneos (Rapoport, 1978).

Apesar desse processo de agrupamento ser natural, os critérios para que isso aconteça variam em função do lugar e no tempo. Diferenças culturais, relativas a aspectos étnicos, sócio-econômicos e muitos outros, implicam maior ou menor necessidade de interação, bem como, diferentes graus de tolerância à diversidade ou homogeneidade dos grupos em contato (Rapoport, 1978; Altman & Chemers, 1989). Por isso, pode ou não surgir conflitos a partir das diferentes necessidades de distinção e separação de indivíduos e grupos (Altman & Chemers, 1989).

Valores, símbolos, percepções, crenças e regras sociais, caracterizam a cultura (Altman & Chemers, 1989) e são compartilhados num grupo, manifestando-se a partir do comportamento e do ambiente (Rapoport, 1978, 2003; Altman & Chemers, 1989). A compreensão da cultura a partir das diversas variáveis que a constituem, tais como estrutura familiar, rede de relações, status, instituições representativas e preferências, viabiliza a definição de um grupo e do seu relacionamento com o ambiente construído. O entendimento do grupo em função dos aspectos que o identificam como homogêneo (preferências, atividades e lugares usados) possibilita a análise e a comparação (Rapoport, 2003).

2.5.1 Estilo de vida e a definição do grupo

O estilo de vida refere-se ao modo de ação de um indivíduo ou grupo, refletindo uma escolha consciente em termos de uso dos recursos disponíveis – tempo, dinheiro, energia, envolvimento com os outros (Michelson & Reed, 1970 apud Michelson, 1987, p. 179; Rapoport, 1985, 1986, 2003). Nesse sentido, estilo de vida é entendido pelas atividades e pelo sistema de atividades que constituem a vida diária de uma pessoa. E isso é útil para a análise do comportamento e dos ambientes, já que a idéia de um sistema de atividades associado ao estilo de vida destaca os conceitos de congruência e responsividade entre o ambiente e os usuários, reforçando o conceito de ambiente comportamental no qual está explícita uma interação entre um lugar, as atividades relacionadas a ele, e um grupo específico de pessoas.

Segundo (Rapoport, 2003), dimensões diferenciadas, como ciclo de vida, sexo, etnia, ocupação, renda, são formas de compreender os grupos sociais na sua relação com comportamento, projeto e ambiente. No entanto, por permitirem apenas uma análise segmentada, necessitam estar associadas ao estilo de vida para a compreensão.

A análise do estilo de vida dos indivíduos é ampla (Michelson, 1987; Rapoport, 2003), permitindo associar diversas variáveis sociais - grau de parentesco, estrutura familiar, ocupação, redes de relacionamento, status, identidade e instituições representativas - às peculiaridades de um grupo. Para Michelson, (1987), a associação dessas variáveis ao estilo de vida permite a compreensão dos papéis e tipos de ação humana, considerando a legitimidade e a identificação dos grupos na sociedade e num dado período de tempo. Essa associação caracteriza valores, expectativas de vida e padrões de comportamento aceitáveis, manifestados a partir do sistema de atividades de um grupo.

O estilo de vida é dependente de um ambiente construído adequados às atividades e às necessidades estéticas dos indivíduos e capaz de responder às necessidades de espaço, tempo e comunicação de um grupo (Rapoport, 2003).

A análise, a partir da compreensão do estilo de vida de um grupo e com base no seu sistema de atividades, é factível em áreas residenciais (Rapoport, 1987). Além disso, as relações sociais presentes no ambiente construído são associadas ao padrão de assentamento em que um grupo está (Michelson, 1987), ao tipo de residência, ao sistema de uso dos lugares e à organização espaço-temporal, influenciando também nos mapas mentais e no padrão de comportamento (Rapoport, 1978).

Por tudo isso, quatro aspectos do estilo de vida são associados – o status socioeconômico, o tempo de moradia, a composição familiar e a alocação do tempo – como forma de compreender e diferenciar os grupos quanto ao padrão de uso do espaço urbano e de interação social.

2.5.1.1 Estilo de vida e status socioeconômico

O status é definido em função de um padrão de estratificação a partir de aspectos financeiros, de poder e de prestígio. Ele permite a caracterização das diferenças quanto aos recursos materiais e sociais entre os grupos, o que é pertinente para a avaliação de adequação do ambiente, do comportamento e do projeto arquitetônico e urbano (Michelson, 1987).

Segundo (Rapoport, 1985), o status afeta a possibilidade de escolha, já que esta é dependente da natureza e da quantidade de um bem desejado, e dos recursos disponíveis para a aquisição desse bem. Afirma, ainda, que essa questão de escolha e de recursos reflete aspectos econômicos e políticos e é manifestada a partir de atividades e problemas intrínsecos ao estilo de vida de um grupo.

A divisão espacial da cidade em vizinhanças ou bairros socialmente diferentes ocorre através de um processo natural de escolha, na qual indivíduos e grupos buscam ou são forçados a buscar lugares para morar e para trabalhar de acordo com seus recursos econômicos e características sócio-políticas (Frick, 1986).

Além disso, verificando especificamente os efeitos nas relações sociais, verifica-se num estudo realizado na cidade de Campo Grande (Basso, 2001) que o nível de renda dos indivíduos, que é componente do status socioeconômico, influi na intensidade de uso dos espaços da rua para atividades sociais, embora não na rede de relações dentro ou fora do próprio bairro.

Diferenças de status socioeconômico parecem, assim, auxiliar a diferenciação de grupos heterogêneos que residem em áreas urbanas comuns, permitindo a identificação do padrão de uso do bairro e de interação social característicos de cada grupo e a influência desses aspectos para o contato social entre eles.

2.5.1.2 Estilo de vida e tempo de moradia

O tempo de moradia também caracteriza o estilo de vida dos moradores, sendo associado à realização de atividades sociais nas ruas próximas à residência (Basso, 2002). Em áreas urbanas, os residentes apresentam diferenças no tempo de moradia: bairros mais consolidados tendem a apresentar moradores mais antigos que áreas mais novas e nas quais há transformações freqüentes ou inserções de novas populações. Isso sugere padrões de comportamento variados entre os moradores, especialmente quanto às atividades sociais.

O tempo de moradia permite avaliar, portanto, diferenças de relacionamento social e padrão de uso do lugar entre grupos heterogêneos que residem em áreas urbanas comuns.

2.5.1.3 Estilo de vida e composição familiar

Em função do grupo social, diferenças na composição familiar podem ser identificadas (Rapoport, 1998). Por exemplo, num estudo sobre as metrópoles brasileiras (Ribeiro & Lago, 2000), foi identificado que famílias maiores ocorrem com mais freqüência em posições socioeconômicas inferiores (menor qualificação ocupacional, menor renda, menor escolaridade), enquanto famílias unipessoais são mais comuns nas posições superiores.

O maior número de crianças ou maior número de idosos na residência, famílias sem filhos, com pais que trabalham fora, são aspectos que se relacionam também à faixa etária dos indivíduos e que influenciam diferentemente o padrão de uso dos espaços abertos devido às necessidades, aos recursos de tempo e de dinheiro (Rapoport, 1998). Como conseqüência dessas variações, possibilidades de relações sociais no bairro de moradia podem ser afetadas quando diferentes populações residem na mesma área (Sodeur, 1986).

Crianças tendem a utilizar espaços mais próximos à moradia para atividades de lazer, mas dependem de adultos (Eubank-Ahrens, 1987 apud Basso, 2001), em decorrência disso, locais onde há muitas crianças são propícios às relações sociais, promovendo certa cooperação entre os pais ou responsáveis (Sodeur, 1986). Já adolescentes têm a tendência de realizar atividades em grupos, podendo ou não utilizar espaços próximos à residência (Eubank-Ahrens, 1987 apud Basso, 2001). De modo especial, é verificado que a maior presença de crianças e adolescentes favorece a maior densidade de uso nos espaços abertos (Basso, 2002).

O padrão de comportamento dos adultos caracteriza as piores condições de contato social no ambiente residencial, seja porque apresentam maior mobilidade nos espaços, escolhendo lugares diversos para suas atividades, seja porque suas atividades são limitadas pelos horários de trabalho, reduzindo o tempo de permanência no bairro de moradia (Sodeur, 1986).

Idosos, apesar da maior flexibilidade e disponibilidade de tempo, apresentam menor mobilidade que adultos. Atividades contemplativas, como observar a vizinhança, tendem a ser associadas a essa faixa etária.

Por tudo isso, as diferenças nas atividades realizadas pelos moradores devido à composição familiar e às faixas etárias favorecem a identificação das diferenças entre os grupos heterogêneos residentes em áreas urbanas comuns e permitem a verificação do potencial de interação social entre eles.

2.5.1.4 Estilo de vida, sistema de atividades e alocação do tempo

A caracterização dos grupos devida aos recursos de tempo, dinheiro e atividades possíveis ou desejadas afeta a organização que se faz da estrutura urbana em função do uso dos diversos lugares da cidade (Bonnes & Secchiaroli, 1995), da alocação do tempo no bairro de moradia e da importância dada à vizinhança (Rapoport, 1978).

Nesse sentido, Schölsser (1981 apud Sodeur, 1986) sugere que diferenças relativas à ocupação (qualificação profissional) e à jornada de trabalho (turnos e quantidade de horas) influenciam a frequência, intensidade e padrão de contatos sociais. Segundo Sodeur (1986), diferenças entre moradores, quanto à alocação dos recursos de tempo e de dinheiro, afetam a distribuição das atividades no espaço e, conseqüentemente, podem afetar o nível de interação entre indivíduos num mesmo lugar, embora, existam poucas evidências empíricas para isso.

Portanto, a literatura sugere que a realização e a distribuição de atividades, tais como, trabalho e estudo fora ou dentro do bairro de moradia, afetam a alocação do tempo e parecem permitir a diferenciação das possibilidades de interação social entre grupos heterogêneos residentes em uma área urbana comum. Estas relações serão verificadas neste estudo.

2.5.2 Heterogeneidade e homogeneidade percebida: efeitos na interação dos grupos

Rapoport (1978) argumenta que pessoas com valores e expectativas sociais similares tendem a formar grupos homogêneos: as variáveis culturais (como por exemplo,

status socioeconômico, estrutura familiar e etnia) estruturam o comportamento e ajudam a explicar o uso ou o não uso dos lugares urbanos, caracterizando diferentes expectativas em termos de heterogeneidade e homogeneidade. Nesse sentido, aspectos de semelhança na composição social influenciam o comportamento territorial e, conseqüentemente, regulam a interação em um dado lugar. Em áreas residenciais, por exemplo, a semelhança percebida entre vizinhos é refletida no controle mais intenso das áreas próximas à casa, como sugere Taylor (1988). Por outro lado, o aumento da distância social entre grupos que coabitam uma determinada área pode levar a contatos negativos entre os grupos (Lang, 1987), ou ainda influenciar os grupos a defender seus territórios mais vigorosamente (Taylor, 1988).

Nessa compreensão, grupos com mais características em comum tenderiam a ter maior interação, enquanto a heterogeneidade poderia favorecer conflitos (Rapoport, 1978). Por exemplo, num estudo realizado em bairros de Israel (Billig & Churchman, 2003) foram observadas diferentes reações quanto à possibilidade de interação social entre grupos heterogêneos e homogêneos: num primeiro bairro, a falta de delimitação física entre dois grupos socioeconômicos muito diferentes se manifestou em limites sociais, como o desejo de não conhecer e não querer ver o outro grupo, reduzindo a área residencial à unidade de moradia e favorecendo o conflito da população em contato; num segundo bairro, a presença de barreiras visuais e físicas pareceu sustentar a preferência e satisfação dos grupos socioeconômicos distintos de não se relacionarem, aumentando o senso de responsabilidade em cada grupo; já num terceiro bairro, onde as diferenças socioeconômicas eram menores, puderam ser encontradas semelhanças nos espaços físicos, houve forte senso de pertencimento ao lugar e moradores não demonstraram insatisfação com o outro grupo ou a distinção entre “eles” e “nós”. Verifica-se, no entanto, para uma pesquisa realizada numa comunidade residencial de classe média nos Estados Unidos, que a coesão social, baseada na semelhança de status socioeconômico, foi atraente em alguns aspectos, mas também houve insatisfação com a falta de diversidade entre os moradores (Kim & Kaplan, 2004).

Apesar de homogeneidade, coesão social e tamanho do grupo influenciarem o comportamento territorial, regulando a interação (Taylor, 1988), não está evidenciado que a homogeneidade do grupo favoreça as relações sociais (Rapoport, 1978). Mesmo assim, são verificados efeitos positivos na presença da homogeneidade nos grupos (Rapoport, 1978), bem como efeitos negativos, tais como conflitos entre grupos, na existência da heterogeneidade (por exemplo, Gans, 1976; Rapoport, 1978; Altman & Chemers, 1989).

Por tudo isso, a percepção da homogeneidade ou da heterogeneidade entre grupos distintos residentes em áreas urbanas comuns parece ser um indicador importante para

verificar o grau de identificação entre os indivíduos. É, portanto, necessário avaliar se essa percepção afeta as possibilidades de interação social entre os diferentes grupos.

2.6 CARACTERIZAÇÃO DE FATORES CONTEXTUAIS E COMPOSICIONAIS INTERDEPENDENTES INFLUENTES NA INTERAÇÃO SOCIAL

2.6.1 Comportamento territorial, imagem do lugar e interação social

Como foi visto anteriormente (item 2.2.4.2), o comportamento territorial, organiza e qualifica a interação social, definindo o que, como, onde e quando realizar alguma atividade. Em complemento, fatores culturais influenciam o tipo de território, como é percebido e como indivíduos e grupo se sentem em relação ao lugar (Taylor, 1988). Isso implica que diferenças de estilo de vida serão refletidas em termos de comportamentos julgados apropriados a um determinado espaço público e, também, na percepção daquilo que é público, do que é privado e da gradação entre ambos (Rapoport, 2003).

A organização do ambiente construído depende, assim, das imagens desejadas e entendidas como ideais. Como mostram alguns estudos, pessoas cujo status socioeconômico é mais elevado, por exemplo, tendem a apresentar maior espaço pessoal, níveis mais altos de privacidade e maior controle territorial que pessoas cujo status é menor (Lang, 1987). Nesse sentido, o comportamento territorial está intimamente associado à formação da imagem que as pessoas tem de si mesmas e da relação desejada com os outros.

As atividades de delimitação do território através de barreiras físicas e ou simbólicas são influenciadas pela composição social (Taylor, 1988) e permitem que os grupos desenvolvam e expressem sua personalidade e seus valores através do ambiente construído, permitindo a criação de uma imagem coletiva e favorecendo a identidade e autodefinição do grupo (Altman & Chemers, 1989). A compreensão e organização da imagem, a partir do seu significado e dos elementos que a constituem, permitem analisar as diferenças entre os grupos, bem como associar essa imagem à posição social e ao sentimento de auto-estima (Rapoport, 1978).

2.6.1.1 Comportamento territorial: barreiras físicas e a interação social

A delimitação do espaço por indicadores geográficos, objetos e símbolos constitui-se num sistema significativo e envolvente (relativo à imagem do lugar), que permite identificar e

diferenciar quem pertence ou não ao território (Altman & Chemers, 1989; Taylor, 1988), afetando o nível de satisfação e ligação com o lugar (Taylor, 1988; Lang, 1987).

A diferenciação das barreiras físicas e simbólicas e a variação dos gradientes de visibilidade de um lugar, apoiadas na utilização de cercas, grades e jardins, definem o controle do acesso de um território (Rapoport, 1978), capacitando os indivíduos a regular a interação com os outros (Dixon, 2001; Altman & Chemers, 1989; Taylor, 1988) e revelando níveis de privacidade (Taylor, 1988) e de segurança desejados no ambiente (Newman, 1972 apud Lang, 1987; Lay, 1998; Wilson-Doenges, 2000).

Manifestações quanto ao desejo de interação e à necessidade de privacidade e de segurança no ambiente construído, expressas através dos meios utilizados para demarcar o território, variam de acordo com os grupos sociais (Appleyard, 1979 apud Taylor, 1978). O comportamento dos indivíduos na interface de contato com os outros (ex.: espaços semiprivados ou privados em frente à residência) pode ser visto como um esforço de corresponder a um padrão esperado e desejado a partir da aparência e das atividades manifestadas (Goffman, 1959). Assim, ao mesmo tempo em que os grupos buscam reforçar sua unidade, eles necessitam de distinção e separação dos outros grupos, num processo de diferenciação que pode ser mais tênue ou mais rígido em função de características culturais (Altman & Chemers, 1989).

A literatura sustenta que a clara definição do espaço residencial, em termos físicos e sociais, está associada à maior possibilidade de controle do território (por exemplo, Taylor, 1988; Altman & Chemers, 1989). As semelhanças quanto ao comportamento territorial em termos de organização e uso dos espaços tendem a facilitar a identificação da composição social, favorecendo, também, a produção da imagem mental do lugar entre os indivíduos (Lynch apud Rofé, 1995). A manutenção da imagem tende a ser motivada por diversas necessidades, seja de identificação ou para evitar atitudes indesejadas de outros usuários (Goffman, 1959). Destaca-se, assim, que variações na composição social (maior ou menor heterogeneidade) tenderiam a explicar diferenças no comportamento territorial entre os grupos, manifestando-se na maior ou menor apropriação dos espaços, no sentimento de identificação com o lugar e na existência ou não de conflitos devidos às diferenças identificadas.

Por exemplo, em estudo realizado em dois conjuntos residenciais em Porto Alegre (Lay & Reis, 1994), foi verificado que a insatisfação com a configuração do lugar, com os usos nos espaços semiprivados e privados, com o barulho de vizinhos e de crianças afetou a atitude emocional dos moradores em relação ao conjunto, motivando um comportamento destrutivo e o conflito social, através de manifestações tais como falta de manutenção, negligência no cuidado com os lugares do bairro, vandalismo e grafite.

Como sugerem alguns autores (entre outros, Taylor, 1988; Altman & Chemers, 1989; Gehl, 1987), tanto a possibilidade de regulação do contato social como a maior utilização de ambientes residenciais têm sido verificadas como fatores influentes na interação social dos moradores de uma área. Considerando os argumentos apresentados na literatura, para o estudo de interação entre grupos heterogêneos residentes em áreas urbanas comuns, é preciso verificar a imagem comunicada através das barreiras físicas e simbólicas, definidas pelos moradores, e das atividades realizadas nos espaços privados e semiprivados. Ainda, a partir da definição do comportamento territorial dos moradores parece ser possível verificar se há ou não uma identificação comum entre os grupos distintos e a influência dessas diferenças na interação social entre eles.

2.6.1.2 Imagem do grupo e personalização do território

A personalização é o papel ativo que as pessoas exercem, imprimindo significado pessoal na imagem do ambiente físico (Lerup, 1977 apud Lay, 1992, p. 89), que trata de uma expressão de preferências estéticas e do esforço de melhor ajustar o ambiente aos padrões e atividades desejados (Lang, 1987). Boa manutenção e limpeza tendem a estar associados com a personalização do ambiente residencial, revelando, ainda, moradores satisfeitos com a aparência externa e interna da habitação (Reis, 1998).

Elementos de embelezamento e cuidados com os ambientes residenciais auxiliam no controle territorial na medida que favorecem a criação da imagem do lugar, indicando aos usuários status, valores, gostos e funcionando como meios de comunicação e referência (Lay & Reis, 1994). Nesse sentido, detalhes físicos presentes no espaço, tais como murais, nome do lugar, comportamentos comuns, jardins e ornamentos, tornam-se símbolos, identificando os membros de um grupo e aumentando o senso de conexão com o lugar (Taylor, 1988; Carr et al., 1992).

Boa manutenção e personalização dos lugares são percebidas como sinais de responsabilidade e cuidado com o lugar, favorecendo o sentimento de confiança mútua, facilitando as relações sociais entre os vizinhos e ampliando o controle da presença de estranhos (Taylor, 1988). Tomando como exemplo um estudo sobre conjuntos residenciais em Porto Alegre (Lay & Reis, 1994), a aparência externa foi identificada como sinal de status e revelou boa ou má reputação dos moradores, em função do nível de manutenção e cuidado demonstrado nos espaços semiprivados e privados junto aos edifícios. Nesse caso, a introdução de elementos de personalização, não apenas afetou a auto-estima e a identificação com o lugar, como favoreceu a interação social entre os moradores.

Enfim, a partir da personalização dos espaços privados e semiprivados parece possível identificar a imagem desejada e manifestada por um grupo. Por isso, parece importante, em função de semelhanças ou diferenças entre grupos heterogêneos, residentes em áreas urbanas comuns, verificar o potencial de identificação e o nível de satisfação com o nível de personalização dos espaços privados e semiprivados, realizada pelos moradores, relacionando essas atitudes ao diferentes grupos de moradores e ao potencial de interação social entre eles.

2.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na revisão da literatura, foram identificados atributos físicos e composicionais que poderiam afetar a intensidade de interação social entre moradores de grupos socioeconomicamente distintos, residentes em áreas urbanas comuns, conforme segue:

a. Diferenças quanto à estrutura morfológica do ambiente construído implicariam menor ou maior intensidade de uso dos espaços abertos públicos próximos ao lugar de moradia, e respectivamente, maior ou menor probabilidade de contato (interação social) entre os moradores.

b. A percepção de homogeneidade física no ambiente construído estaria associada à identificação de um grupo, favorecendo o contato social. Nesse sentido, na existência de grupos socioeconômicos distintos residentes em áreas urbanas comuns, semelhanças na caracterização dos espaços de moradia de cada grupo tenderiam a favorecer maior contato (interação social) entre eles.

c. A existência de equipamentos próximos à residência, favoráveis à realização das atividades desejadas e necessárias aos moradores, tenderia a favorecer a intensidade de apropriação das áreas adjacentes, e respectivamente, a maior probabilidade de contato (interação social) entre os moradores.

d. A percepção de homogeneidade quanto ao grupo socioeconômico tenderia a estimular a interação social entre os moradores, enquanto a percepção de heterogeneidade tenderia a favorecer a insatisfação com o contato social entre os moradores.

e. Diferenças no comportamento territorial manifestado pelos moradores dos grupos socioeconomicamente distintos (barreiras e uso nos espaços próximos à residência, controle territorial e personalização) tenderia a favorecer a distinção da imagem dos grupos, ampliando a percepção de heterogeneidade e reduzindo o potencial de interação social entre eles.

Não obstante, na existência de grupos de moradores socioeconomicamente distintos residentes em áreas urbanas comuns, parece pendente a questão da relevância de atributos

contextuais sobre os composicionais, ou vice-versa, quanto à influência que exercem na intensidade de interação social entre os moradores desses dois grupos.

Por fim, para a verificação das relações identificadas, são investigadas áreas urbanas consolidadas, caracterizadas pela existência de grupos de moradores socioeconomicamente distintos. Os procedimentos metodológicos estão definidos a seguir, no Capítulo 3.

3 METODOLOGIA

3.1 INTRODUÇÃO

No capítulo anterior foram discutidos e identificados os atributos que parecem influenciar a intensidade de interação social entre grupos socioeconomicamente distintos residentes em áreas urbanas comuns.

Neste capítulo, a partir da síntese do problema de pesquisa e de seus objetivos, são formuladas as hipóteses e é estabelecida a estrutura metodológica para operacionalização das variáveis.

Também, a caracterização do estudo de caso e dos critérios para seleção das três áreas de análise é abordada, seguida de uma breve descrição dessas áreas. Por fim, os procedimentos metodológicos, fundamentados no campo de estudos de Ambiente e Comportamento, são definidos na exposição dos múltiplos métodos de coleta e análise dos dados.

3.2 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS

O problema de pesquisa trata da compreensão do processo de interação social entre grupos socioeconomicamente distintos, residentes em áreas comuns da cidade. Destaca, para tanto, áreas urbanas cujo tecido é consolidado e caracterizado por uma transformação urbana decorrente da inserção (ou re-inserção) de um grupo socioeconômico distinto dos moradores originalmente existentes.

Conforme identificado na literatura, a modificação de um ambiente urbano, em termos da configuração espacial ou quanto à caracterização sócio-cultural dos moradores, tem efeitos na identificação da imagem do lugar e na definição dos padrões de uso e comportamento. Semelhanças e diferenças na caracterização dos aspectos contextuais e composicionais desses ambientes urbanos tendem a estar associadas com a interação

social, seja no sentido de favorecê-la, inibi-la, promover o conflito ou a intolerância entre os grupos socioeconomicamente distintos, residentes nessas áreas.

Neste sentido, partindo da premissa de que atributos contextuais (relativos às características físico-espaciais) e composicionais (relativos à composição socioeconômica) têm influência na intensidade e no tipo de interação social, este estudo tem por objetivo verificar quais aspectos do ambiente construído e quais aspectos das características socioeconômicas dos moradores influenciam mais fortemente a intensidade de interação social entre grupos socioeconômicos distintos residentes em áreas comuns. A partir daí, busca-se, também, identificar se há relevância dos atributos contextuais sobre os composicionais, ou vice-versa, quanto à influência que exercem na interação social.

3.3 ESTRUTURA METODOLÓGICA E HIPÓTESES DE PESQUISA

Esta pesquisa investiga os fatores contextuais e fatores composicionais que afetam o favorecimento da interação social entre grupos distintos em áreas urbanas consolidadas, caracterizadas por moradores de rendas média e alta, nas quais ocorreu a inserção (ou re-inserção) de população de renda baixa.

A fim de verificar quais fatores são mais efetivos é necessário compreender (1) as relações entre o nível de satisfação com os atributos contextuais e o tipo e intensidade de uso e (2) as relações entre atributos composicionais e tipo e intensidade de uso. Para tanto, cinco hipóteses são investigadas:

i. Quanto mais a estrutura do ambiente construído apoiar a acessibilidade às atividades e à apropriação dos espaços abertos públicos próximos ao lugar de moradia, maior a probabilidade de interação social (contato) entre os moradores de grupos socioeconômicos distintos existentes na mesma área.

ii. Quanto maior a semelhança entre a aparência das edificações da habitação social e das edificações da área em geral, maior a probabilidade de interação social (contato) entre os moradores dos dois grupos socioeconômicos.

iii. Quanto mais os equipamentos próximos à residência apoiarem as atividades desejadas e necessárias aos moradores da habitação social e aos moradores do bairro, maior a intensidade de apropriação da área e maior a probabilidade de interação social (contato) entre os dois grupos socioeconômicos.

iv. Quanto menor a percepção de heterogeneidade entre moradores da habitação social e moradores do bairro, maior a semelhança quanto à intensidade de interação social dentro do mesmo grupo de moradores e entre os dois grupos socioeconômicos.

v. Quanto maiores as diferenças em relação à manifestação do comportamento territorial dos moradores dos grupos socioeconômicos distintos, maior a distinção da

imagem dos grupos e a percepção de heterogeneidade e menor o potencial de interação social entre eles.

As hipóteses de pesquisa serão investigadas através de um estudo de caso. Conforme terminologia utilizada acima, será adotado nesta pesquisa: (1) **Área** para a área de análise caracterizada pela inserção dos novos moradores; (2) **moradores do bairro** para grupo original residente na área; (3) **habitação social** para a área inserida no tecido urbano consolidado e (4) **moradores da habitação social** para o grupo inserido.

3.4 DEFINIÇÃO DO ESTUDO DE CASO

Foi adotada como estudo de caso a cidade de Porto Alegre. A escolha baseou-se na existência de diversas intervenções urbanas, caracterizadas pela reurbanização de áreas irregulares em tecido urbano central e consolidado e nos quais houveram modificações quanto à configuração espacial ou quanto à composição social ou, ainda, ambos.

O município de Porto Alegre (Fig. 3.1), capital do estado do Rio Grande do Sul, apresenta uma área de 496,1 Km² distribuída entre a parte continental e um conjunto de ilhas. A população de 1.360.590 habitantes (segundo IBGE 2000) apresentou taxa média geométrica de crescimento anual de 0,93%, no período de 1991-2000, enquanto o país cresceu 1,63%. O fenômeno de crescimento menos acentuado é identificado, neste período, nas principais capitais brasileiras.

A recente redução do índice de crescimento nas maiores cidades é destacada em função de dois aspectos:

De um lado, durante as décadas de 1940 e 1990 (Figura 3.1), o processo de urbanização em Porto Alegre, tal como em outras cidades brasileiras e latino-americanas, apresentou um ritmo acelerado (Ferreira, 2000), impulsionando a expansão de alguns setores urbanos através da informalidade de acesso à terra e à habitação (Panizzi, 1990), e caracterizando o cenário desigual da cidade em função da existência de áreas regulares (atendidas pela infraestrutura e serviços urbanos) e de áreas irregulares (identificadas pela informalidade, pela inadequação físico-constructiva da habitação, e pela ausência de infraestrutura urbana).

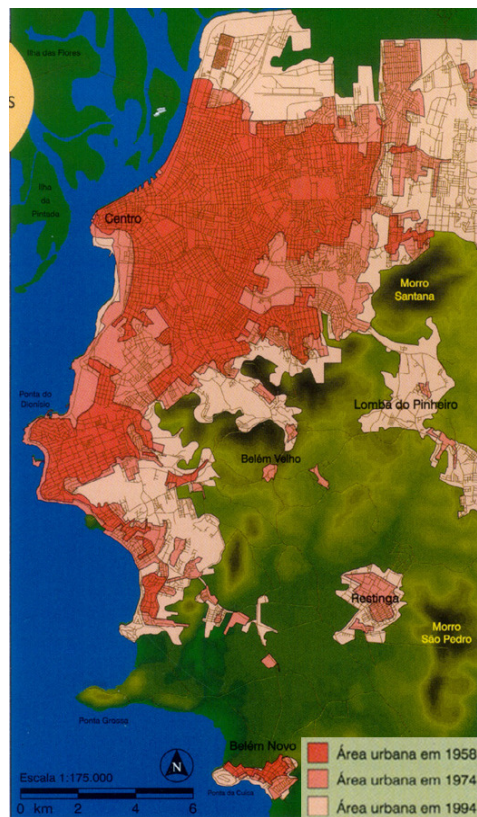


Figura 3.1: Evolução urbana da cidade de Porto Alegre entre 1960 e 1990.

Por outro lado, a redução do crescimento acelerado da cidade, não repercutiu na diminuição das áreas informais. Ao contrário, nas décadas de 1980 e 1990, esse processo de crescimento desigual foi agravado (Jauregui, 2003; Maricato, 2000). Como demonstram dados relativos à irregularidade fundiária, em Porto Alegre, conforme Secretaria do Planejamento do Município (Green, 2004 apud Smolka & Damásio, 2006), o crescimento anual das áreas informais atinge 4%, enquanto é em torno de 1,35% para o município em geral. Isso pode ser ainda evidenciado pelos estudos da Unidade de Pesquisa do Departamento Municipal de Habitação, DEMHAB (Moraes, 2000), nos quais o crescimento populacional do município entre 1991 e 1999 foi de 6% para a população residente em áreas regulares e de 11% para população em domicílios de núcleos e vilas irregulares. Moradores de aglomerados subnormais, caracterizados pela ocupação desordenada ou pela ausência da posse da terra ou título de propriedade, que em 1990 somavam 22,11% (Moraes, 2000) da população do município, em 2004 passaram a constituir 25,5% desta (Green, 2004 apud Smolka & Damásio, 2006).

As figuras a seguir destacam a distribuição espacial da renda da população e da qualidade de vida no ambiente urbano porto-alegrense.

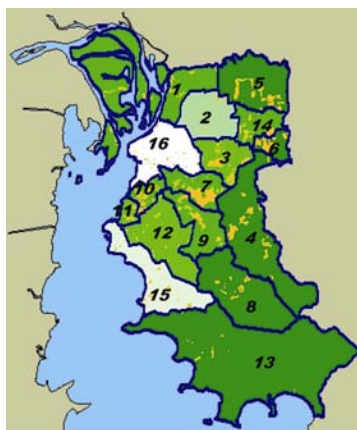


Figura 3.2: Rendimento médio em salários mínimos (SM) dos responsáveis por domicílio, por ROP de Porto Alegre - 2000 (Censo IBGE).

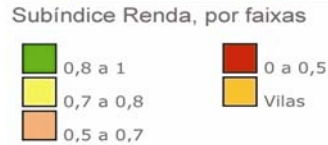
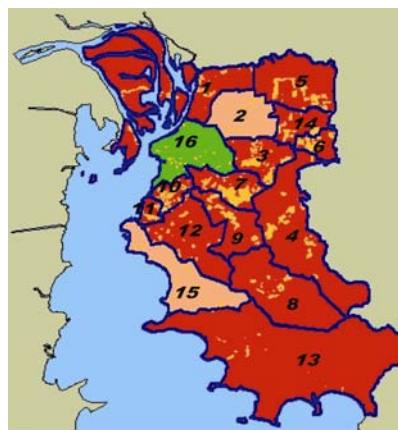


Figura 3.3: Índice de Qualidade de Vida (ICV), considerando o Sub-índice Renda, por ROP de Porto Alegre – 2004 (PMPA).

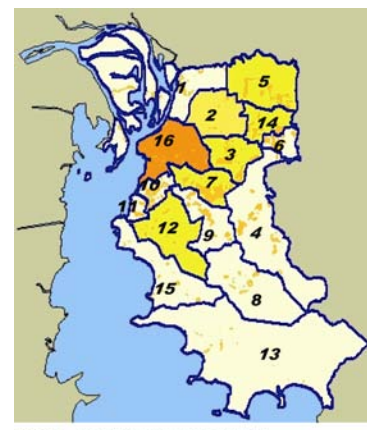


Figura 3.4: Percentual da População por ROP em relação a Porto Alegre – 2000 (Censo IBGE).

Notas: ROP: Região do Orçamento Participativo; Números em preto nas figuras 1, 2 e 3 representam as 16 regiões do orçamento participativo: (1) Humaitá – Navegantes – Ilhas, (2) Noroeste, (3) Leste, (4) Lombas do Pinheiro, (5) Norte, (6) Nordeste, (7) Partenon, (8) Restinga, (9) Glória, (10) Cruzeiro, (11) Cristal, (12) Centro Sul, (13) Extremo Sul, (14) Eixo Baltazar, (15) Sul, (16) Centro. PMPA: Prefeitura Municipal de Porto Alegre. (Fonte: OBSERVA, 2006).

A distribuição das habitações sociais (irregulares e áreas reurbanizadas), identificadas como “vilas” nas Figuras 3.2, 3.3 e 3.4, é destacada. Conforme UPE-DEM HAB (apud Moraes, 2000), 87,23% das famílias brasileiras residentes em áreas informais, são caracterizadas por precariedade das condições de moradia e têm renda familiar inferior a cinco salários mínimos. Além disso, entre 1998 e 1999, foram identificados 73.057 domicílios em 390 núcleos e vilas irregulares.

Com base nesse cenário, uma das estratégias para o desenvolvimento urbano no município foi a introdução do Orçamento participativo (1989) e a subsequente criação das ROPs (Regiões do Orçamento Participativo), a fim de buscar a descentralização dos investimentos públicos e de favorecer condições mínimas de habitabilidade à cidade como um todo, inclusive às áreas irregularmente ocupadas (Smolka & Damásio, 2006). Dentro desse processo, programas de regularização fundiária (1990) passaram a ser implementados através da concessão do Direito Real de Uso (regularização jurídica) e da urbanização dessas áreas informais, por meio de recursos do Município (Alfonsin, 2006).

Nos projetos habitacionais e de regularização fundiária identificados anteriormente, o objetivo é a re-inserção da população pobre através da requalificação dos espaços urbanos existentes e da adequação da infra-estrutura como forma de reduzir o déficit da habitação no local. Essas obras, coordenadas pelo corpo técnico do DEMHAB, envolvem durante o processo de projeto e implantação das habitações a participação de arquitetos, urbanistas,

engenheiros e assistentes sociais do município, num trabalho integrado com a comunidade beneficiada.

Alguns desses empreendimentos são caracterizados pela reurbanização em áreas urbanas de estrutura social e física consolidada e cuja população dominante é definida por grupos de renda média ou alta. Nesses casos, a nova política habitacional difere de estratégias anteriormente implementadas, pois, ao contrário, não promove o remanejamento da população pobre para áreas mais distantes. Assim, de modo especial nas áreas centrais da cidade, a re-inserção destes grupos tem sido controversa, tanto em função das diferentes realidades sociais dos moradores do bairro e dos moradores da habitação social, quanto pelas características dos projetos executados que parecem não atender às necessidades e expectativas dos usuários.

Nesse sentido, tendo por objetivo identificar e compreender o fenômeno da interação social entre grupos socioeconomicamente distintos residentes em áreas comuns, foi adotada a realização de uma pesquisa comparativa, capaz de permitir generalizações sobre as categorias e tipos de ambientes (Lay & Reis, 1995). Para a pré-seleção das áreas de análise foram definidos dois condicionantes:

- Áreas residenciais centrais e consolidadas quanto à estrutura físico-espacial da cidade e nas quais houve projetos de reurbanização.
- Diferenças entre o nível sócio-econômico do grupo de moradores pré-existente na área e do grupo inserido ou re-inserido no projeto de reurbanização.

Primeiramente, são identificadas 102 obras de regularização fundiária ou habitacional realizadas de 1989 a 2003 (DEMHAB, 2003), e uma obra realizada em 2005/2006 (PMPA, 2006) no Município.

Por conseguinte, a ROP 16 – Centro é destacada pelos maiores índices de qualidade de vida (Figura 3.2), pela maior concentração de população com renda familiar alta (superior a quinze salários mínimos) (Figura 3.3) e pelo maior número de moradores em relação às demais áreas da cidade (Figura 3.4). A ROP Centro, definida pelo Sistema Municipal de Gestão do Planejamento (PDDUA, 2000) como *Cidade Radiocêntrica*, é entendida, como a região mais consolidada do município, está estruturada por um sistema viário bem definido, apresenta a maior parte dos lotes urbanos ocupados, as mais altas densidades, as melhores condições de infra-estrutura e a maior diversidade de funções urbanas do município (Menegat et al., 1998).

Nesta região são identificados dezessete núcleos irregulares e vilas, que correspondem a 4,35% do total existente na cidade (Moraes, 2000). Desses núcleos, cinco foram objeto de projetos de reurbanização (DEMHAB, 2003; PMPA, 2006), conforme Figura 3.5, a seguir:

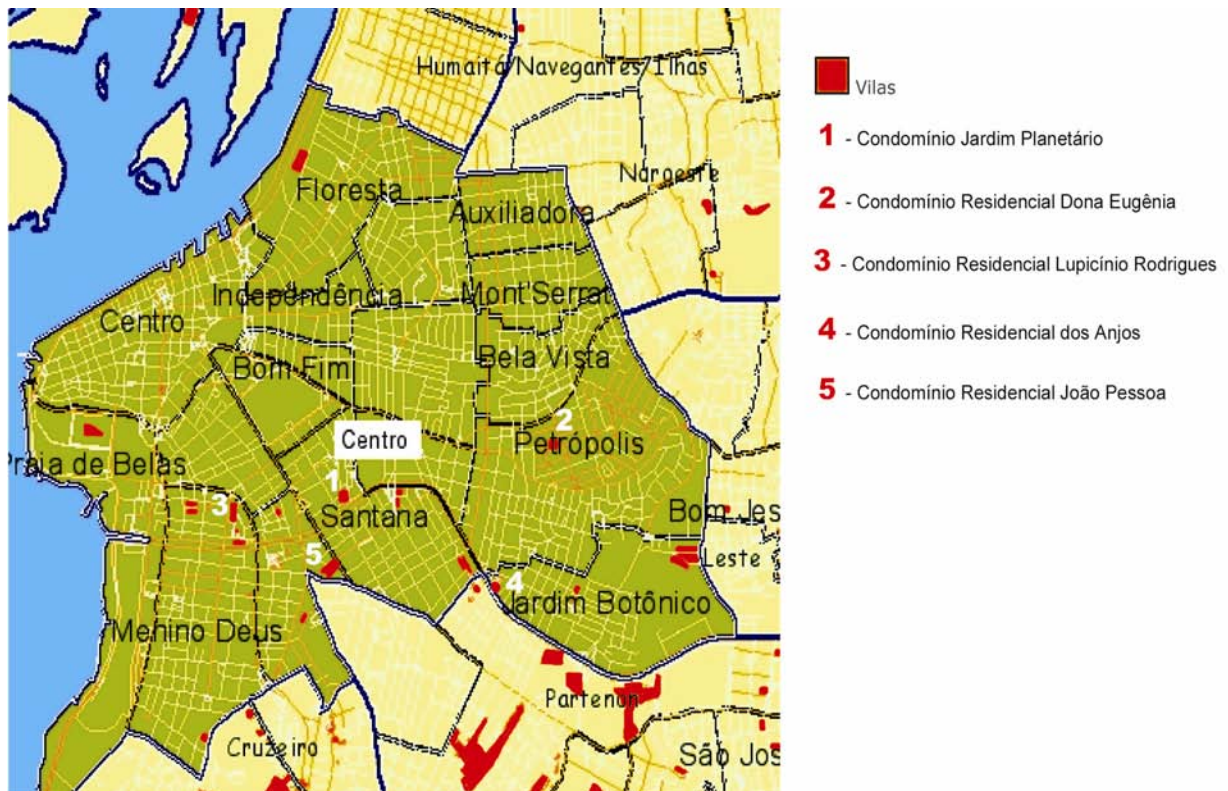


Figura 3.5: Distribuição das 17 vilas (núcleos de habitação social – manchas em vermelho) nos bairros da ROP Centro e identificação dos 5 projetos de reurbanização realizados na área (Fonte: OBSERVA, 2006)

Nesta pesquisa, a identificação de diferenças entre o nível sócio-econômico do grupo de moradores pré-existent na área e do grupo (re)inserido foi condicionada à compreensão de classe social, atendendo à discussão da literatura no capítulo 2.

Diversas definições para a classificação social são verificadas. Com base no PNDA 2004 (IBGE, 2005), são identificadas 7 classes, considerando faixas de renda mensal familiar. Em função do critério de ocupação, existem as classes EGP, descritas segundo duas posições distintas nas relações de trabalho: empregadores e/ou proprietários e empregados (Ribeiro & Scalón, 2001). Além dessas, as classificações realizadas pelos meios de comunicação e publicidade também associam valores (ideais, imagens, gostos) e padrões de comportamento, por isso, o *Critério Brasil*, definido pela ABA (Associação Brasileira de Anunciantes), a partir da renda e poder de consumo (Almeida, 2006), será também levado em consideração. A tabela 3.1, abaixo, embora mereça interpretação cuidadosa, já que os dados se originam de fontes de pesquisa diversas (IBOPE, IBGE) e estão vinculados a objetivos distintos (classificação sócio-ocupacional ou econômica), destaca as seguintes associações:

Tabela 3.1: Classes sociais de acordo com diferentes instituições brasileiras

PNDA 2004 ¹	EGP ²	Critério Brasil ³		Grupos associados à Habitação de interesse social ⁴
		Grupo	Faixa de renda	
Mais de 20 sal mínimo	Profissionais, administradores e gerentes (<i>service relationship</i> ou relação de trabalho envolvendo ampla delegação de autoridade aos empregados).	A1	Mais de 22,5 sal. mínimo	
Mais de 12,5 a 20 sal mínimo	Trabalhadores não manuais de rotina (contrato misto, ou seja, a relação de trabalho geralmente envolve um nível baixo de delegação de autoridade aos empregados e ao mesmo tempo permite que o empregador exerça algum grau de supervisão direta do trabalho).	A2	Mais de 12,5 a 22,5 sal. mínimo	
Mais de 5 a 12 sal. mínimo	Pequena burguesia ou pequenos proprietários com ou sem empregados (empregadores ou empregados por conta própria). Empregadores e proprietários rurais.	B 1 B2	Mais de 7,5 a 12,5 sal. mínimo Mais de 5 a 7,5 sal. mínimo	
Mais de 3 a 5 sal. mínimo Mais de 2 a 3 sal. mínimo	Técnicos e supervisores do trabalho manual e trabalhadores manuais qualificados ("contrato de trabalho restrito", mas envolvendo um grau mínimo de delegação de autoridade no caso dos supervisores).	C	Mais de 2 a 5 sal. mínimo	25,26%
Mais de 1 a 2 sal. mínimo	Trabalhadores manuais não qualificados (contrato de trabalho restrito).	D	Mais de 1 a 2 sal. mínimo	61,97%
Até 1 sal. mínimo	Trabalhadores manuais não qualificados no setor rural (contrato de trabalho restrito). (Esse grupo é amplamente absorvido pelo dos trabalhadores manuais não qualificados, conforme deslocamento para área urbana).	E	Até 1 sal. mínimo	

Notas: (1) Fonte: IBGE (2005); (2) Classes sociais segundo EGP: adaptação conforme classes sociais utilizadas no projeto CASMIN (Comparative Analysis of Social Mobility in Industrial Nations), segundo dados do PNDA de 1973, 1988 e 1996 (Ribeiro & Scalon, 2001); (3) Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) - Fonte: MIDIA BRASIL (2000); ABEP (2003) com base nos dados do IBOPE – 2000 e ; (4) habitação de interesse social conforme faixas de renda e déficit habitacional (Moraes & Anton, 2000).

Dentre as classificações adotadas no Brasil, Scalon (1998) ressalta aquelas que utilizam as categorias ocupacionais utilizadas pelo PNDA e pelo Censo, permitindo o estabelecimento de grupos de status socioeconômicos a partir de esquemas hierarquizados. Associadas à definição ocupacional são identificadas outras variáveis, por diferentes autores, tais como: (1) renda e educação (Ribeiro & Lago, 2000; Scalon, 1998); (2) posição da ocupação, renda e número de empregados (Barros, 1986); ou, ainda, (3) instrução do responsável, área residencial, características físicas da moradia e conforto doméstico (Guidi e Duarte, 1969 apud Silva, 1981) são inseridas, permitindo identificação de homogeneidades entre grupos. Por isso, a compreensão dos grupos sociais, segundo as classes A1, A2, B1, B2, C, D e E, será adotada nesta pesquisa em associação com variáveis comumente presentes na literatura (ver item 2.5.1): sexo e idade dos moradores na residência, escolaridade, renda familiar, estrutura familiar, ocupação (Rapoport, 2003).

Com base na seleção da ROP Centro e da verificação da existência das áreas de regularização fundiária, foram confirmadas as diferenças entre os moradores do bairro e da habitação social para as cinco inserções, conforme apresentado na Figura 3.5 (Condomínio Jardim Planetário, Condomínio Residencial Dona Eugênicia, Condomínio Residencial Lupicínio Rodrigues, Condomínio Residencial dos Anjos e Condomínio Residencial Princesa Isabel). De modo geral, as áreas de entorno foram caracterizadas por grupos de renda

superior a 12 salários mínimos (classes A1, A2 e B1), enquanto a habitação social, como já explicitado, apresenta renda de até 5 salários mínimos (Classes C, D e E).

Dessa forma, foram pré-selecionadas cinco áreas de análise, cada uma delas, posteriormente investigadas quanto a adequabilidade para a realização do estudo de caso (ver Etapa 1, p. 60).

3.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo da interação social no ambiente residencial implica na compreensão de experiências multivariadas, ou seja, caracterizadas por múltiplas dimensões que precisam ser assumidas na avaliação do espaço urbano. Portanto, é necessário identificar aspectos pessoais, sociais e culturais, associá-los à caracterização da estrutura morfológica do espaço urbano e, também, a atividades necessárias e desejadas pelos moradores e à ocorrência dessas em lugares próximos ou distantes ao ambiente residencial.

Neste estudo, serão utilizados métodos de Avaliação Pós Ocupação, abordando a satisfação dos usuários com o ambiente e o comportamento manifesto dos usuários como parte integrante da avaliação do desempenho do ambiente construído (Lay & Reis, 1995). Portanto, avaliações físicas e comportamentais, relativas ao ambiente residencial urbano e implicadas na interação social entre grupos sociais distintos, serão operacionalizadas a partir das variáveis selecionadas.

A fim de contemplar todas as associações entre as diversas dimensões verificadas, as técnicas e os procedimentos de coleta e análise de dados precisam ser complementares e flexíveis, permitindo a verificação de aspectos qualitativos do ambiente residencial e, possibilitando medições (medidas) quantitativas abrangentes (Canter, 1997). A utilização simultânea de vários métodos e técnicas de coleta e análise de dados tornam mais efetiva a operacionalização das avaliações pós-ocupação (Lay & Reis, 1995). Por isso este estudo realizará levantamentos de campo (observações, entrevistas, questionários e levantamentos físicos) e levantamentos de arquivo, combinando técnicas de coleta de dados e, subseqüentemente, distintos métodos de análise, favorecendo, assim, a apreensão das informações relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

A estrutura metodológica para o estudo de caso consistiu de duas etapas distintas e consecutivas. A Etapa 1 teve por objetivo a apreensão das cinco áreas pré-selecionadas e a escolha das mais adequadas às necessidades da pesquisa. Após a seleção das áreas de análise, passou-se à Etapa 2, na qual foi ampliada a caracterização do ambiente construído e do perfil composicional dos moradores e foram analisadas as variáveis para verificação da hipótese de pesquisa.

3.5.1 Etapa 1: Caracterização e seleção das áreas de análise para o estudo de caso

É realizada, a seguir, uma breve descrição dos critérios adotados para seleção das áreas de análise, tendo sido pré-identificadas cinco áreas congruentes com os condicionantes desse estudo, segundo apresentado anteriormente.

3.5.1.1 Critérios de seleção das áreas de análise

Os critérios de seleção das áreas de análise foram definidos, permitindo a compreensão das cinco áreas pré-selecionadas e favorecendo a eliminação daquelas menos adequadas aos objetivos da pesquisa. Os critérios pressupõem:

1. Diferentes tamanhos (número de unidades e área de implantação) dos projetos de habitação social inseridos no contexto consolidado, de forma a possibilitar efeitos diferenciados quanto à percepção da intervenção urbana realizada e da presença do grupo inserido.

2. Diferenças entre as áreas de análise na relação existente entre as edificações pré-existentes e a habitação social a fim de avaliar a adequação das características físicas às necessidades dos moradores de cada área. A identificação de diferentes projetos de regularização fundiária e de diferentes relações entre habitação social e área de entorno estão sujeitas às variáveis definidas para a análise, considerando:

a. Continuidade ou descontinuidade das características morfológicas: estrutura fundiária, circulação de pedestres e veículos, espaços abertos públicos de lazer, arborização e equipamentos e mobiliário urbano.

b. Caracterização das edificações: uso, estilo, altura e manutenção.

c. Existência de equipamentos (espaços abertos públicos de lazer, escolas, clubes, igrejas, comércio, etc) na área.

d. Caracterização do comportamento territorial a partir da constituição dos espaços semiprivados ou privados, da identificação da personalização desses e na verificação de elementos de controle territorial (cercas, grades ou muros).

3.5.1.2 Métodos de coleta de dados

De acordo com critérios definidos, os dados foram coletados, conforme segue:

a. Aquisição de informação relevante sobre o perfil da população existente nas áreas pré-selecionadas (população do projeto de habitação social e do contexto consolidado), através de dados do senso e de informações fornecidas por instituições governamentais.

b. Aquisição de informações sobre as características das cinco áreas de estudo pré-selecionadas, a partir de plantas, aerofotogramétricos, fotos aéreas, imagens digitais e arquivos de cad disponibilizados por instituições governamentais.

c. Levantamento e registro das características físicas: A extensão de cada área de estudo teve como base a distância de 400 metros, indicada na literatura (Gehl, 1987) como aceitável para percorrer e, entendidas aqui como locais passíveis da interação social entre os dois grupos sociais. Assim, cada uma das áreas de estudo foi limitada desde o acesso principal do conjunto edificado da habitação social até 400 metros lineares no desenvolvimento de todas as ruas existentes no entorno. O levantamento detalhado das características físicas das 5 áreas pré-identificadas permitiu a caracterização desses ambientes a partir da identificação dos aspectos implicados nos critérios de seleção (ver tabela para levantamento físico no Anexo A). Dentre as classificações utilizadas no levantamento são destacadas a seguir a definição tipológica e a caracterização da divisa e do recuo de jardim.

i. Definição tipológica: Entendendo que a definição do tipo envolve uma classificação taxonômica de características comuns a grupos de edificações tais como forma, organização das partes, técnicas construtivas, uso, estilo, e significado simbólico (Rossi, 2001), foi adotada nessa pesquisa uma classificação das características, associadas à definição de tipo, favoráveis as análises desejadas:

- O *uso* partiu do conceito de área-residência (edificações residenciais) e elementos primários (equipamentos educacionais, comunitários, de saúde, de segurança e de comércio e serviços) (Rossi, 2001, p. 115);

- *Altura, estilo, material construtivo, padrão de aberturas, tipo de cobertura e manutenção e período da edificação* foram utilizados para identificação geral das características de cada área. Para a verificação do estilo das edificações foram utilizadas as definições conforme Tabela 3.2, a seguir:

Tabela 3.2: Principais características para classificação dos estilos das edificações

Classificação	Estilo*	Principais características
1 (século XX)	Arquitetura Popular ¹	4 características principais: Simplicidade (de forma e materiais). Adaptabilidade (de elementos e estilos às circunstâncias locais). Criatividade no emprego de materiais construtivos (madeira, palha, pau-a-pique, cerâmica) e ausência de materiais sofisticados. Forma plástica resultante da técnica e materiais empregados.
	Arquitetura para habitação social ²	Construção massificada de uso habitacional – racionalismo funcional: adaptação da arquitetura para habitações sociais realizadas nas décadas de 20 a 40. Utilização de materiais pré-fabricados e de baixo custo. Revestimentos em argamassa alisada. Sem ornamentos. Simplicidade de forma e de materiais (ausência de materiais construtivos sofisticados) são a regra, tal como na Arquitetura Popular.

(continuação) Tabela 3.2: Principais características para classificação dos estilos das edificações:

Classificação	Estilo*	Principais características
2 (1850 até 1930)	Historicista ou Eclético ³	Princípios arquitetônicos: axialidade, simetria, centralidade. Emprego simultâneo de elementos construtivos associados a diversos estilos do passado (colonial, clássico, gótico) ou a concepções artísticas ou regionais. Principais elementos: Utilização de elementos industrializados em ferro como gradis (em sacadas ou janelas) Paredes e paramentos em alvenaria de tijolos rebocadas com argamassa alisada ou cimento penteado imitando bloco de pedras. Aberturas com vergas retas ou em arco pleno, encimadas por elementos decorativos. Presença de balcões nos pavimentos superiores Platibandas coroando as fachadas Elementos decorativos (florais ou geométricos) como arcos e frontões, (pilastras e cornijas) moldados em argamassa.
3 (1930 até 1950)	Art Déco Arquitetura "Protomoderno" ⁴	Art Déco e outros estilos inspirados no racionalismo e na busca de compatibilizar técnicas e forma à industrialização foram agrupados por características formais comuns. Uso de formas geométricas simples e domínio da linha reta. Uso de pedra, ferro, cimento penteado, mica e vitrais nos elementos construtivos. Ornamentação caracterizada por molduras longitudinais retilíneas envolvendo portas, janelas e escadas. Utilizado em muitos dos primeiros prédios de apartamentos construídos, e estabelecimentos comerciais até a década de 1940.
4 (1950 até atualidade)	Arquitetura Moderna ⁵	Características gerais: Volumes geométricos simples (cubo), ângulo reto. Utilização de elementos pré-fabricados e materiais como concreto, aço, vidro e cerâmica. Ausência de ornamentos Características dos edifícios de apartamento em Porto Alegre: Edificações podem estar centralizadas e recuadas das divisas laterais ou coladas às divisas. Volume: bloco superior de apartamentos e térreo recuado Composição da fachada: malha quadrangular no bloco superior e reentrâncias no pavimento térreo. Em alguns casos o recuo no pavimento térreo é substituído por loja ou marcação do pavimento com pedra ou pilares se seção circular ou ovalar. Pastilhas e elementos cerâmicos marcam setores e volumes da malha quadrangular (edifícios mais simples têm marcações apenas com reboco).
4 (1950 até atualidade) (continuação)	Arquitetura Contemporânea ⁶	A arquitetura contemporânea não pode ser identificada com uma forma ou tamanho específicas, mas denota todos as edificações mais recentes, desenvolvidas desde a década de 1980. De modo especial, algumas tendências podem ser identificadas: - Preocupação com o contexto físico e cultural, demonstrados através da recuperação de elementos tradicionais (reciclagens) - Apropriação superficial do pós-modernismo na utilização de adereços clássicos e ornamentos de estilos anteriores - Abandono de padrões formais e utilização de mecanismos estruturados em regimes urbanísticos Materiais mais recentes produzidos pela indústria da construção moderna (cerâmica, vidro, estrutura metálica) e o período de construção da edificação auxiliam nessa classificação.
3 (século XX)	Arquitetura Industrial	Volumes simples e retangulares (galpões ou pavilhões) Ausência total de ornamentos. Reduzido número de portas e janelas – utilização de esquadrias de ferro Revestimento com reboco alisado ou placas cerâmicas Cobertura metálica aparente

Notas: *Fontes utilizadas: (1) Weimer, 2005, (2) Gympel, 2001; (3) Weimer, 1992; Albernaz & Lima, 1998; (4) Albernaz & Lima, 1998; Kiefer & Luz, 2000; (5) Ströher, 2001; (6) Marques, 2000; Sarkis, 2002.

ii. Caracterização da divisa e do recuo de jardim: A verificação do comportamento territorial nas edificações foi definida a partir de elementos relacionados (1) à privacidade, entendidos nos elementos de marcação da divisa (jardins, cercas, grades ou muros) e na visibilidade da edificação e (2) aos sinais físicos da existência de atividades nos espaços semiprivados ou privados das edificações (recuos de jardim).

Para a caracterização da divisa e do recuo de jardim, descreveu-se o lote a partir da relação da edificação com os limites do terreno e com o espaço público. Essas relações favoreceram a associação com os diferentes padrões de uso nos espaços semiprivados e privados e, também, a associação com os grupos socioeconômicos. Conforme Rossi (2001, p. 36-37), a forma dos lotes, sua formação, sua evolução está ligada à história da propriedade urbana e à história das classes ligadas a cidade, assim, “o contraste no desenho dos lotes confirma a existência da luta de classes”.

d. Entrevistas e mapas mentais: As entrevistas foram utilizadas para aprofundar a caracterização geral do objeto de estudo e como base de informação para a elaboração de questionário aplicado na Etapa 2. Os mapas mentais tratam de desenhos realizados pelos usuários, permitindo inferir o modo como o usuário percebe o ambiente construído (Lay & Reis, 1995). A utilização conjunta dessas técnicas é comum nos estudos de ambiente-comportamento. Foram realizados entrevistas e mapas mentais com cinco moradores da habitação social e cinco moradores do bairro, em cada uma das áreas (ver entrevista e exemplos de mapas mentais no Anexo D). Os objetivos foram identificar os limites físicos da vizinhança percebidos pelos moradores e identificar semelhanças ou diferenças quanto aos dois grupos socioeconômicos em cada área.

3.5.1.3 Caracterização das áreas pré-selecionadas

As informações coletadas foram utilizadas, num primeiro momento, para a caracterização das áreas a partir de tabelas de freqüências (realizadas no programa estatístico SPSS) (Anexo B: tabela com síntese das informações das áreas pré-selecionadas; Anexo C1, C2, C3: tabela de características das áreas selecionadas) e da produção de plantas em Autocad (desenvolvidas em função do levantamento físico e com base na documentação existente). O reconhecimento das áreas foi, ainda, ampliado, a partir das entrevistas e dos mapas mentais realizados e sintetizados em quadros de freqüência de respostas (ver Anexos E1, E2, E3 – tabela síntese das áreas selecionadas).

Na comparação das características físicas das áreas (Anexo B: tabela com síntese das informações) destacaram-se o Condomínio dos Anjos, por apresentar as maiores diferenças em relação ao entorno, e o Condomínio Princesa Isabel, para o qual foi identificado o menor número de características diferentes do entorno. Estas são as duas primeiras áreas selecionadas. Por conseguinte, duas áreas foram excluídas: o Condomínio Lupicínio Rodrigues pela insegurança do local e dificuldade de aplicação de entrevistas junto aos moradores, e o Condomínio Dona Eugênia pela existência de apenas 15 unidades residenciais, o que poderia dificultar as análises estatísticas. Restou o Condomínio Jardim

Planetário, caracterizado por diferenças peculiares em relação ao entorno (baixa visibilidade) e em relação aos demais conjuntos de habitação social implantados, sendo destes, o único caracterizado por uso unifamiliar (casas térreas e sobrados).

3.5.1.4 Caracterização das áreas selecionadas para o estudo de caso

As áreas selecionadas para a análise são identificadas nesse estudo conforme segue:

1. Área 1: Condomínio Jardim Planetário (habitação social) e bairro ou área (área consolidada onde está inserida a habitação social).

2. Área 2: Condomínio dos Anjos (habitação social) e bairro ou área (área consolidada onde está inserida a habitação social).

3. Área 3: Condomínio Princesa Isabel (habitação social) e bairro ou área (área consolidada onde está inserida a habitação social).

A figura 3.6, a seguir, apresenta a ROP 16 – Centro e localiza cada uma das áreas selecionadas.

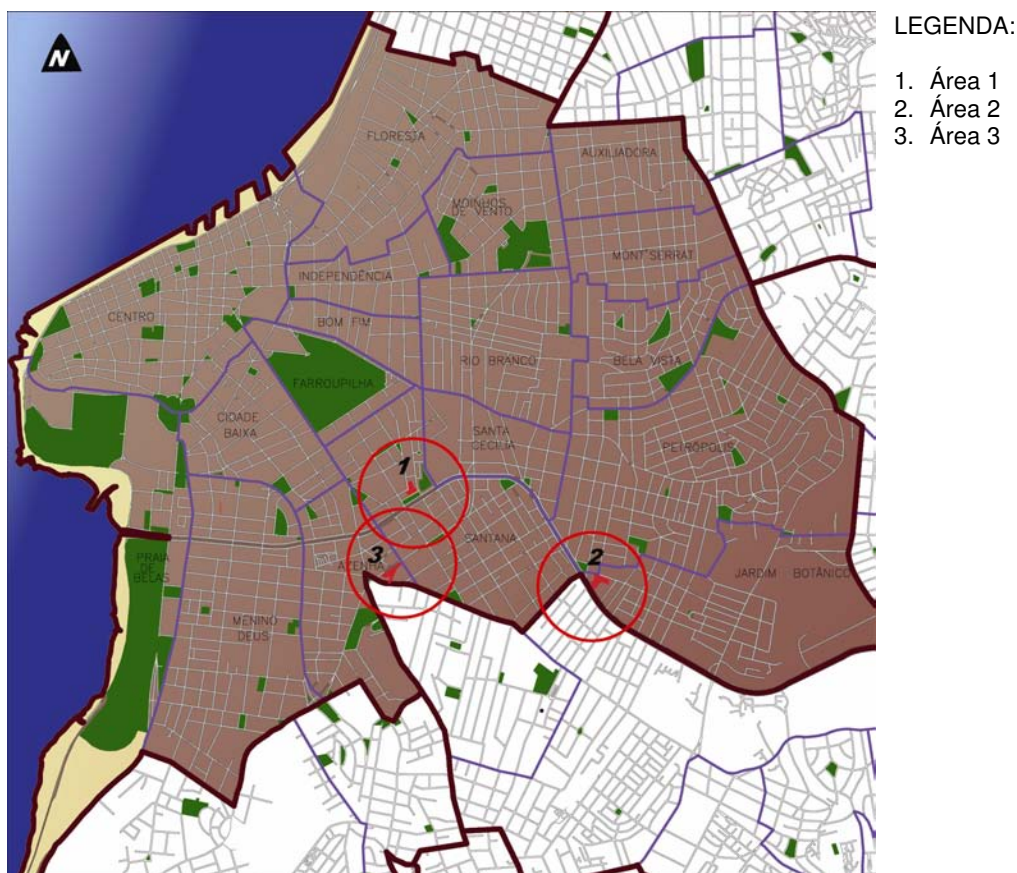


Figura 3.6: ROP 16 - Centro e localização das unidades de análise.

A seguir, é realizada uma breve descrição das características das áreas e dos projetos de habitação social inseridos.

3.5.1.4.1 Caracterização da Área 1

A Área 1 (Figura 3.9) faz parte dos bairros Santana e Santa Cecília. A Área está localizada próxima ao Bairro Centro e é caracterizada por topografia plana e favorável a ocupação (Menegat et al., 1998), constituindo um dos locais mais densos de Porto Alegre. O bairro Santana¹ (onde se insere a habitação social e a maior parte da área) apresenta 8.299 domicílios e densidade populacional de 142 hab/ha. O rendimento médio dos responsáveis pelo domicílio é de 13,93 salários mínimos (SPM, 2006) (dados do Bairro Santana).

A estrutura viária favorece a interligação com os bairros da cidade em função da proximidade com importantes eixos viários, como a av. João Pessoa, av. Protásio Alves e av. Ipiranga. Além disso, a existência de ruas locais e coletoras favorece a transição de áreas mais residenciais para outras ruas tais como a Santana e Jerônimo de Ornelas (Figuras 3.8 e 3.9) onde há estabelecimentos de comércio e serviços e transporte coletivo.



Figura 3.7: Comércio e serviços na rua Jerônimo de Ornelas



Figura 3.8: Comércio e serviços na rua Jerônimo de Ornelas

De modo particular, a localização da av Ipiranga (ver Figura 3.6) caracteriza duas regiões, a norte e a sul, apesar dos aspectos comuns identificados quanto à densidade, proximidade dos equipamentos e facilidade de transporte.

A porção norte apresenta maior uso residencial, além de maior diversidade de equipamentos de apoio, como comércio e serviços básicos, espaços abertos públicos de lazer e instituições de ensino elementar, médio e superior. Já na porção sul, o uso residencial é menor e se fazem presentes outros usos como o Palácio da Polícia e comércios e serviços de maior porte (depósitos, laboratórios e edifício de escritórios).

¹ Dados relativos ao Bairro Santa Cecília não foram considerados porque somente prédios da UFRGS estão nesse bairro.



Figura 3.9: Implantação da Área 1

Destaca-se na Área (Figura 3.9) a existência de 6 praças (Praça Del C. Gadret, Praça João Belém, Praça Joaquim de Queiroz – Figura 3.10, Praça Dr. Júlio Bozzano e Praça central no Jardim Planetário), 11 estabelecimentos educacionais, dentre escolas de

ensino médio e fundamental, unidades da Universidade Federal (UFRGS), e o Planetário – Observatório Astronômico (Figura 3.11).



Figura 3.10: Vista Praça M. Joaquim de Queiroz



Figura 3.11: Vista do acesso ao Observatório Planetário



Figura 3.12: Vista rua Santana esquina rua Laurindo

A maior parte das ruas é arborizada, com vegetação de grande e médio porte. As calçadas, em geral com boa manutenção (Figura 3.12), apresentam poste de iluminação, telefones públicos, caixas de correio, bancas de revista, de comida e de chaveiro, pontos de táxi e paradas de ônibus.

As construções apresentam boa manutenção (Figura 3.13), em geral, e o uso residencial predomina no espaço (ver síntese levantamento físico – Anexo C1). Edificações multifamiliares de até quatro pavimentos construídas em estilo moderno e protomoderno são as mais comuns (Figura 3.14). Grande parte dos lotes apresenta edificações alinhadas aos recuos laterais, mas destacam-se algumas ruas onde não existem recuos de jardim, como na rua Jacinto Gomes (Fig. 3.15).



Figura 3.13: Vista da rua Engenheiro Vespúcio de Abreu



Figura 3.14: Edificação na rua Santana



Figura 3.15: Vista da rua Jacinto Gomes

O projeto de regularização fundiária dessa área, o condomínio Jardim Planetário (Figuras 3.16 a 3.19), foi implantado entre 1991 e 1995. Internamente, existe um sistema de eixos de circulação (acessos internos) conectados a área de entorno através de 5 acessos, em conformidade com os limites do conjunto: rua Santa Teresinha, ao norte, rua Dr. Olinto de Oliveira, ao sul, rua Jacinto Gomes, a leste, e rua Luiz Manoel, a oeste.

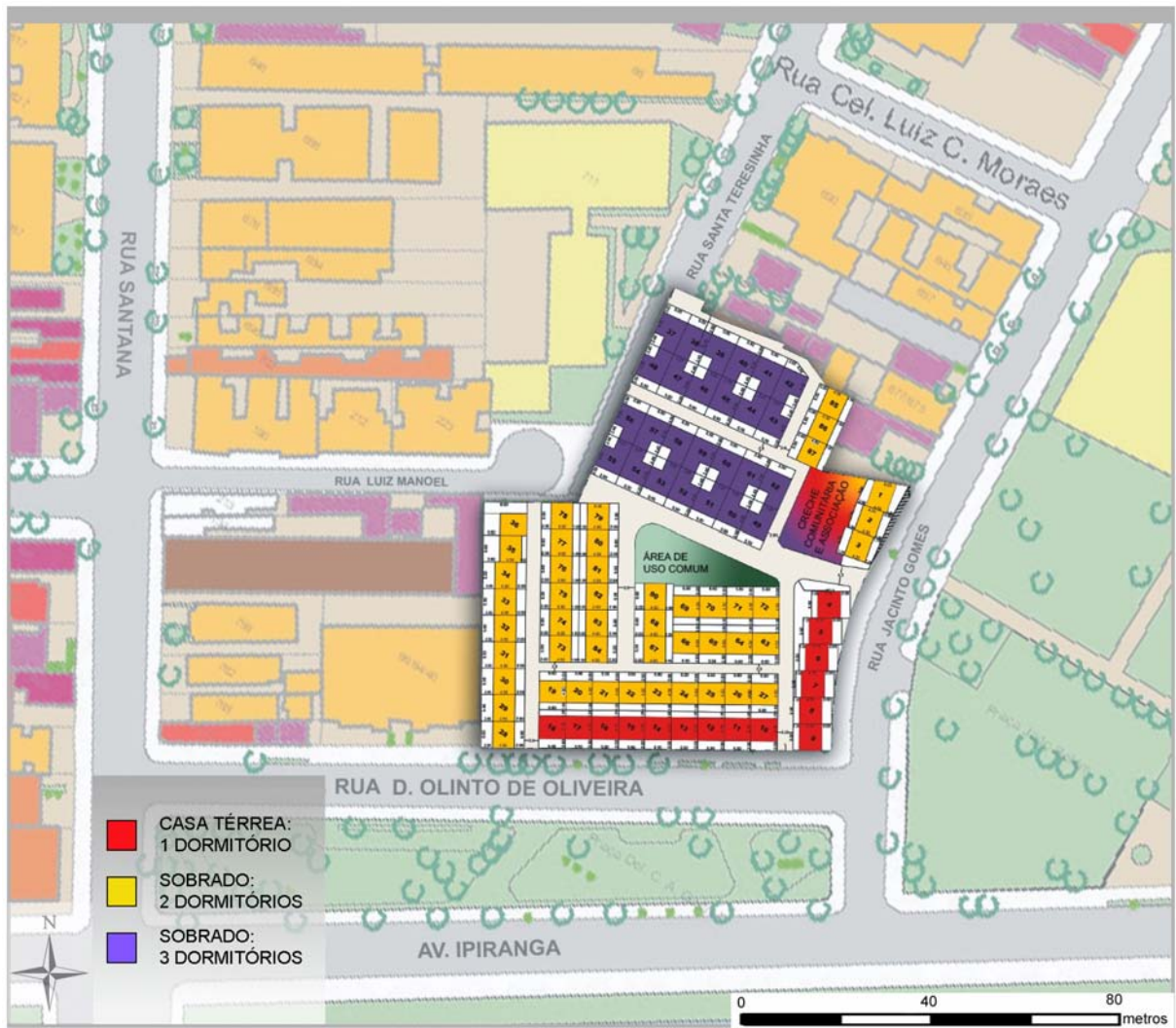
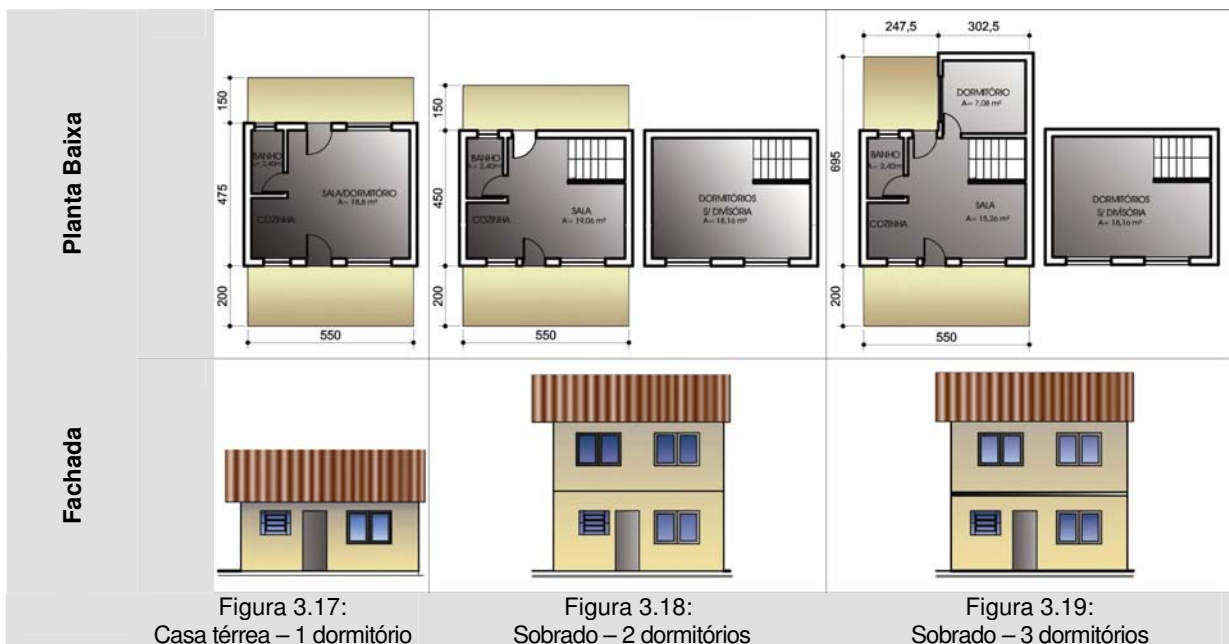


Figura 3.16: Implantação do Condomínio Jardim Planetário

Nota: (1) São 93 unidades residenciais, mas 3 unidades não constam desse mapa, pois são construções posteriores, localizadas próximas à rua Santa Teresinha, mas são identificadas na implantação da Área 1 (Fig. 3.9) e nas plantas no capítulo 4. (2) A projeção das edificações acima não apresenta as modificações realizadas pelos moradores, pois trata do projeto original. Atualmente, diversas unidades construíram sobre os recuos, o que é identificado na implantação da Área 1 e nas plantas no capítulo 4.



O traçado proposto no Jardim Planetário rompe com o traçado da área, reduzindo a área pública de circulação de 15,0 a 30,0 m para 2,5 a 4,0 metros. Além disso, nas ruas Santa Teresinha (Figura 3.20) e Luiz Manoel (Figura 3.21), o eixo de veículos é eliminado no contato com o conjunto em função da redução da caixa de rua, e junto às ruas Jacinto Gomes e Dr. Olinto de Oliveira (Figura 3.22) há duas praças limítrofes (Praça João Belém e Praça Del. C. A. Gadret) e a av. Ipiranga adjacente.



Figura 3.20: Acesso rua Santa Teresinha



Figura 3.21: Acesso rua Luiz Manoel



Figura 3.22: Acesso rua Olinto de Oliveira

O conjunto é constituído de 93 unidade habitacionais caracterizadas por edificações unifamiliares de 1 ou 2 pavimentos, setorizados segundo implantação apresentada na Figura 3.16. Esteticamente, as construções são identificadas como arquitetura popular (vide Figuras 3.17 a 3.19), e estão, na maioria dos casos, em estado ruim ou regular de manutenção, algumas estão em estado precário.

Observa-se que diversas edificações sofreram modificações a partir da construção sobre os recuos frontais e de fundos, atendendo a carência de espaço interno. Os principais usos contemplados nas adaptações realizadas são a ampliação da área de descanso, de lazer (churrasqueiras ou áreas para refeições) e de serviço (lavanderia).

O Jardim Planetário apresenta, no centro da implantação, um espaço aberto com depósito de resíduo sólido (papel ou papelão) coletado por moradores do local, e uma creche comunitária, onde também está localizada a associação do condomínio.

3.5.1.4.2 Caracterização da Área 2

A Área 2 (Figura 3.23), localizada na interseção de quatro bairros, o Jardim Botânico, o Petrópolis, o Partenon e o Santana, apresenta a densidade mais baixa das áreas estudadas. A densidade média² da área é de 91,69 hab/ha e a renda média é de 12,03 salários mínimos.

² Média ponderada, considerando a proporção de cada bairro na área de análise: 33,1% Bairro Jardim Botânico (57 hab/ha – 13,72 sal min), 30,5% Bairro Petrópolis (105 hab/há – 13,72 sal min), 20,3% Bairro Partenon (83 hab/há – 7,54 sal min), 16,6% Bairro Santana (149 hab/há – 13,93 sal min) (adaptação dados SPM, 2006).

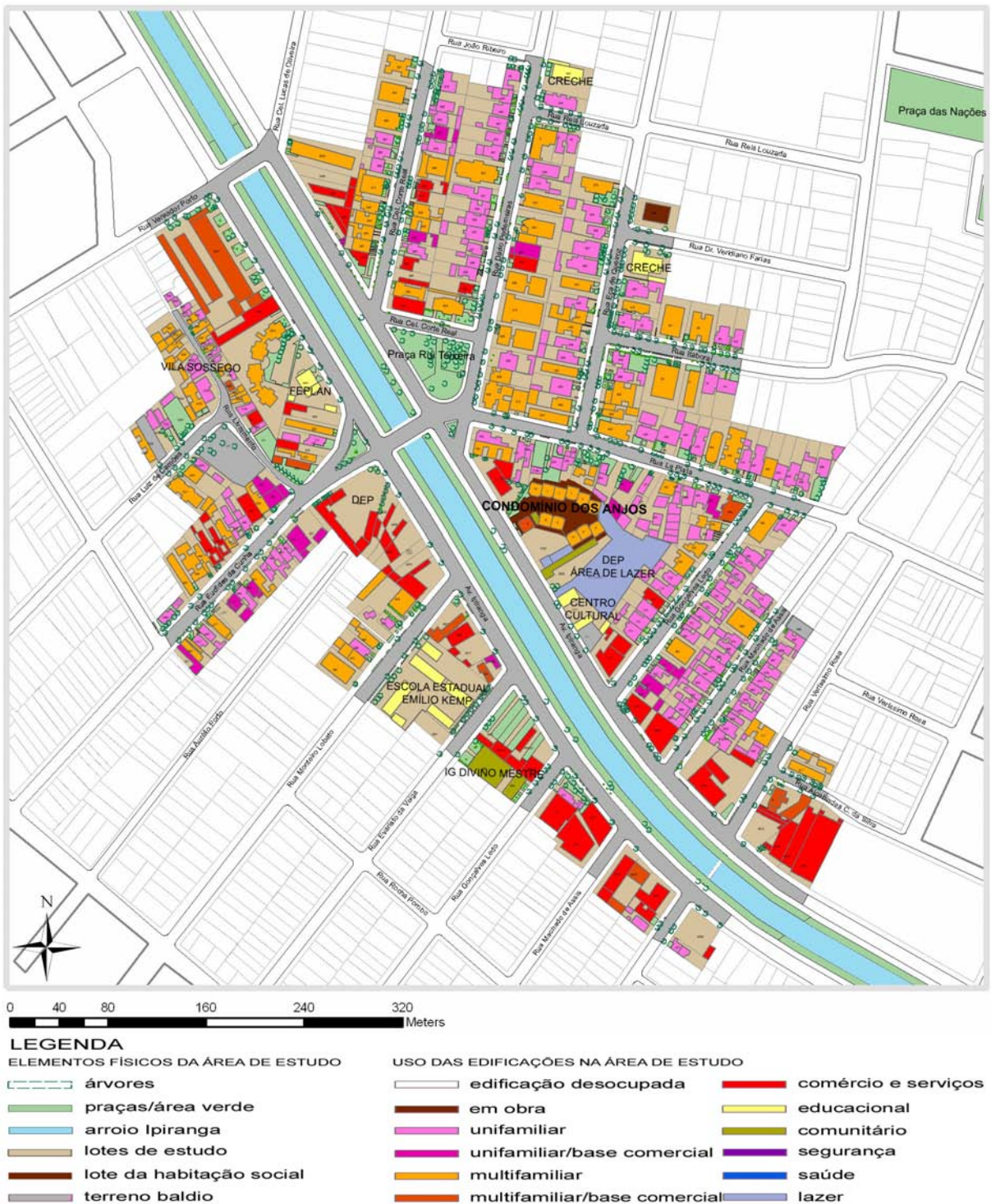


Figura 3.23: Implantação da Área 2

As características são peculiares quanto à topografia e aos eixos viários, favorecendo a diferenciação das ruas, em correspondência com o bairro de origem. O Arroio Dilúvio delimita, a leste, os bairros Petrópolis e Jardim Botânico, caracterizados pela topografia acidentada que finda junto ao arroio, e, a oeste, os bairros Santana e Partenon que se encontram em terreno plano. Os limites do bairro, definidos pelas entrevistas (ver Anexo E2) e mapas mentais coincidem com os limites estabelecidos pela municipalidade.

A estrutura viária apresenta alta acessibilidade para diversos bairros da cidade, pois além da existência da av. Ipiranga (Figura 4.24), há importantes eixos de circulação nas adjacências, como as ruas Lucas de Oliveira e Barão do Amazonas.



Figura 3.24: Vista da Av. Ipiranga em direção aos Bairros Petrópolis e Jardim Botânico.

O uso residencial predomina na área (Figuras 3.25 e 3.26), sendo mais freqüentes as habitações unifamiliares (42%, 136 de 324). Dentre os equipamentos existentes, são destacados um único espaço público de lazer (Praça Rui Teixeira – Figura 4.27), que não apresenta uso intenso, creches particulares, uma escola estadual de ensino fundamental, uma escola de samba, e dois centros comunitários (usados por moradores da habitação social ou vilas próximas).



Figura 3.25: Vista da rua Dario Pederneiras: rua arborizada e de caráter residencial



Figura 3.26: Vista da rua Gonçalves Ledo: rua de caráter residencial



Figura 3.27: Vista da Praça Ruy Teixeira

As ruas são em geral arborizadas, havendo vegetação de grande porte. As calçadas, em estado regular ou bom de manutenção, apresentam larguras entre 4 e 4,5 metros. Pouca diversidade de mobiliário urbano é identificada, a maior parte guaritas de segurança ou lixeiras. Paradas de ônibus estão localizadas nos eixos que dividem os quatro bairros, av. Ipiranga, rua La Plata e rua Euclides da Cunha. Os principais meio de deslocamento são o transporte coletivo ou os veículos particulares.

As edificações, maioria em estilo moderno ou contemporâneo, apresentam boa manutenção, além disso, são, em geral, mais recentes quando comparadas às das Áreas 1 e 3. Predominam construções de 1 e 2 pavimentos (Figura 4.28), embora novas inserções,

caracterizadas por edifícios de uso multifamiliar com até 12 pavimentos, estejam alterando a fisionomia da área (Figura 3.29 e 3.30). Grande parte dos lotes apresenta edificações centralizadas no terreno e com recuo de jardim. Os espaços semiprivados resultantes, em estado bom ou regular de manutenção, são delimitados por grades, muros e jardins.



Figura 3.28: Vista da rua La Plata: edificações contemporâneas de 1 e 2 pavimentos



Figura 3.29: Vista da rua Dario Pederneiras: a inserção de novas edificações no bairro.



Figura 3.30: Vista da rua Veríssimo Rosa (à leste da av. Ipiranga)

A habitação social (Figuras 3.34 e 3.35) Condomínio Residencial dos Anjos, implantada em 2001, está localizada na av. Ipiranga, adjacente a um posto de gasolina e a uma escola de samba.

Apesar da alta visibilidade do condomínio a partir da avenida, o caráter arterial desse eixo viário e a configuração das ruas da área reduzem intensamente a acessibilidade visual entre moradores do bairro e da habitação social. O condomínio está visualmente desconectado da área de entorno e funcionalmente (por causa dos usos adjacentes) isolado, como demonstram as figuras 3.31, 3.32 e 3.33.

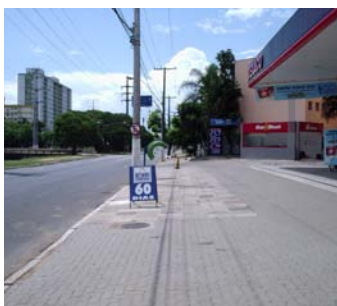


Figura 3.31: Vista a partir do acesso ao Condomínio dos Anjos, para o noroeste



Figura 3.32: Vista do Condomínio dos Anjos, relação com o entorno



Figura 3.33: Vista a partir do acesso ao Condomínio dos Anjos, para o sudeste

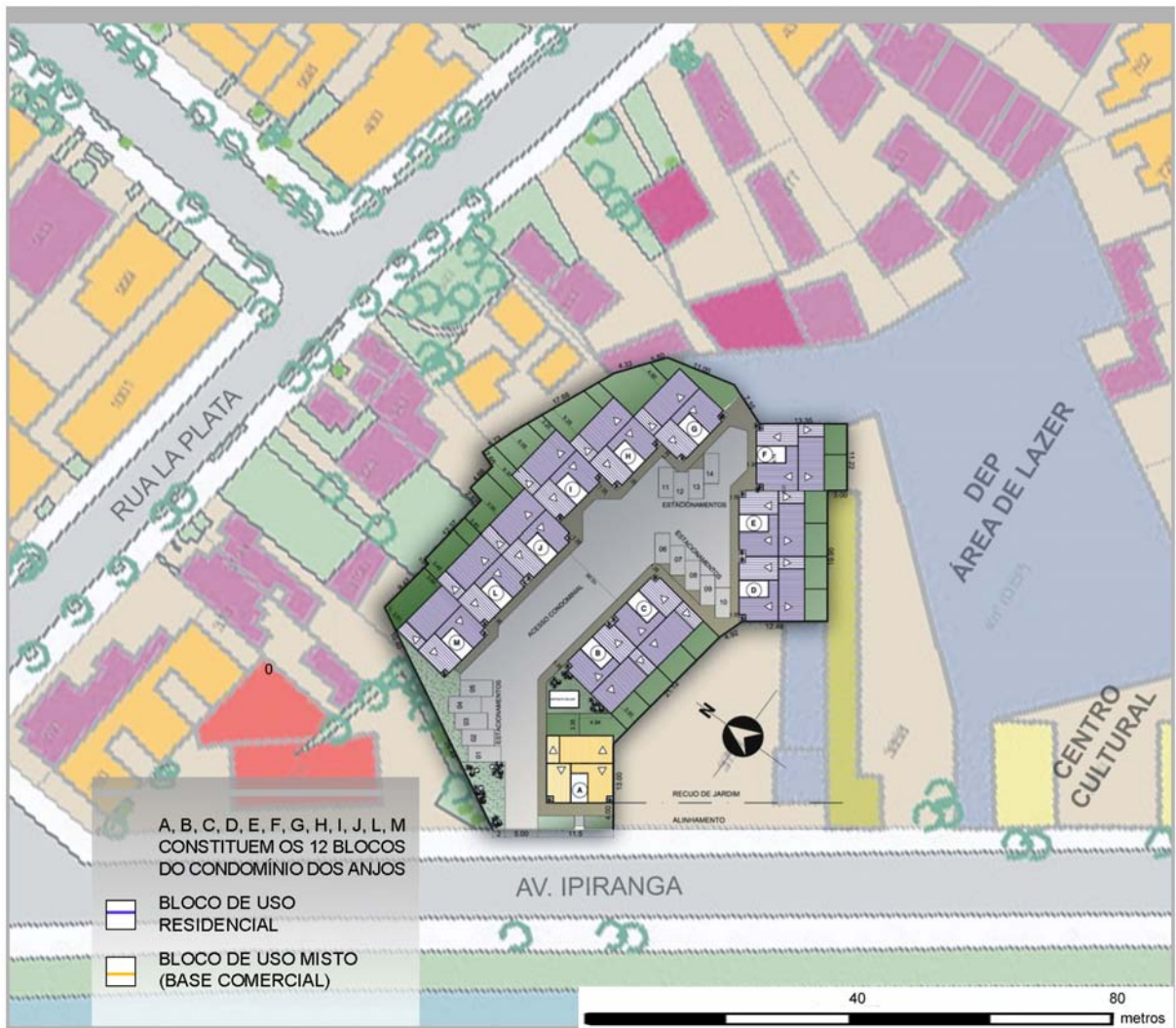


Figura 3.34: Implantação do Condomínio dos Anjos

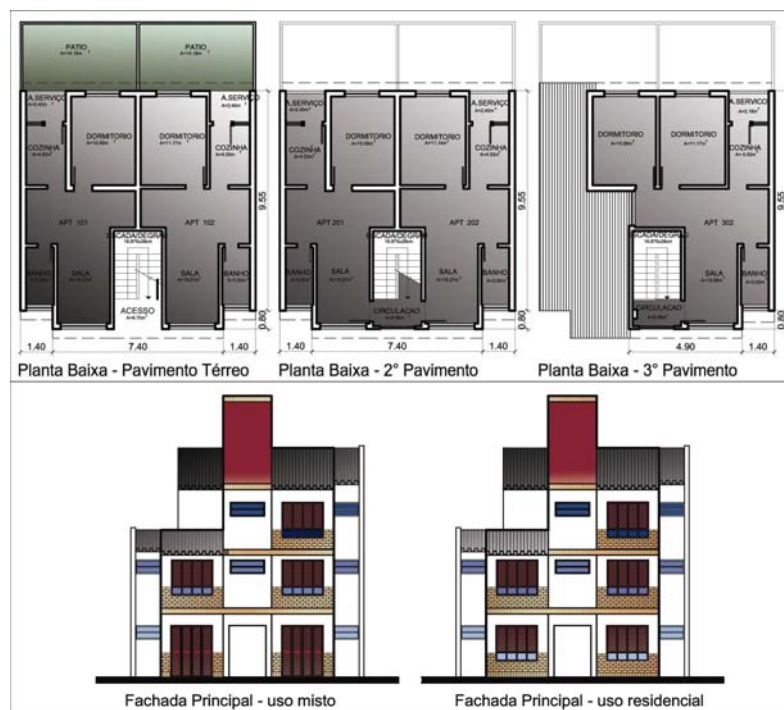


Figura 3.35: Planta baixa e Fachada do bloco tipo do Condomínio dos Anjos

O conjunto é constituído de 72 unidades habitacionais, distribuídas em 12 blocos de apartamento. As edificações de 3 pavimentos apresentam-se com manutenção regular e são esteticamente caracterizadas como arquitetura para habitação social. Os apartamentos apresentam um ou dois dormitórios, conforme Figuras 3.34 e 3.35, e são acessados a partir de um pátio central de uso semiprivado. Apenas o bloco A está diretamente conectado com o passeio público, diferenciando-se dos demais pela existência de comércio na base do edifício.

O espaço condominial é freqüentemente utilizado para diversas atividades como descanso, brincadeiras de criança e estacionamento de veículos. Além disso, existe uma associação do condomínio num terreno próximo.

3.5.1.4.3 Caracterização da Área 3

A Área 3 (Fig. 3.39) está localizada na interseção dos bairros Santana, Azenha e Santo Antônio. É caracterizado por topografia plana e apresenta densidade habitacional média³ da área de 125,43 hab/ha e renda média familiar de 12,12 salários mínimos.

A estrutura viária é caracterizada por importantes eixos arteriais que favorecem a acessibilidade, destacando a área como um importante espaço de conexão para a cidade. As vias mais importantes existentes são Av. Princesa Isabel, Av. Bento Gonçalves, Av. Azenha, Av. Oscar Pereira e Av. João Pessoa.



Figura 3.36: Vista Hospital Ernesto Dorneles



Figura 3.37: Vista do Palácio da Polícia



Figura 3.38: Vista do Comércio na av Azenha

Comparada às Áreas 1 e 2, esta apresenta a maior quantidade de equipamentos urbanos como estabelecimentos de comércios, hospitais, instituições educacionais e sedes de serviços municipais e inúmeros centros religiosos. Dentre esses, destacam-se: o Hospital Ernesto Dorneles (Figura 3.36), o Instituto de Cardiologia, o Palácio da Polícia (Figura 3.37), o eixo comercial na Av. Azenha (Figura 3.38), um dos mais importantes da cidade e o

³ Média ponderada, considerando a proporção de cada bairro na área de análise: 41,7% Bairro Santana (149 hab/há – 13,93 sal min), 40% Bairro Azenha (107 hab/há – 10,73 sal min), 20,3% Bairro Santo Antônio (112 hab/há – 11,03 sal min) (adaptação dados SPM, 2006).

Terminal João Pessoa. Existem, também, duas praças (Praça Henrique Halpen e Praça Princesa Isabel), localizadas nos limites de avenidas de fluxo intenso.



Figura 3.39: Implantação da Área 3

Das três áreas de análise, esta é a menos arborizada e a que apresenta calçadas mais estreitas (3 m a 3,5m, ver Anexo C3). Os passeios, em geral, em estado regular de manutenção, estão equipados com telefones públicos, lixeiras, bancas de revista e de

comida e paradas de ônibus. Via de regra, essa diversidade de mobiliário urbano acontece nos eixos arteriais e não nas vias locais.

O uso residencial constitui 56% (ver anexo C3) das edificações da área. Sendo mais comum a existência de habitações unifamiliares em vias locais ou de fluxo moderado e habitações multifamiliares nas vias de maior fluxo de veículos. As edificações apresentam, em geral, 1 a 4 pavimentos. Os estilos arquitetônicos observados variam mais que nas Áreas 1 e 2 (Figuras 3.40 e 3.41), entretanto, nota-se a presença da arquitetura popular (Figura 3.42) na identificação de casebres de madeira e de casas construídas com materiais mais simples.



Figura 3.40: Edificação multifamiliar na av. Bento Gonçalves



Figura 3.41: Edificação multifamiliar na av. Princesa Isabel



Figura 3.42: Edificação popular na rua Leopoldo Bier

A habitação social Condomínio Princesa Isabel (Figuras 3.45 e 3.46) foi implantada em duas fases: 2005 e 2006. Está inserida na intercessão de 3 eixos arteriais da área (av. Princesa Isabel, av. Azenha e av. João Pessoa) e adjacente a um terminal de transbordo de transporte público (Terminal João Pessoa). Para cada um dos 3 eixos, existe um acesso para o condomínio (Figuras 3.43 e 3.44).

A localização do conjunto é destacada pela alta visibilidade e acessibilidade em relação ao bairro, o que diferencia sua implantação dos projetos Jardim Planetário e Condomínio dos Anjos identificados nas Áreas 1 e 2.



Figura 3.43: Vista do Condomínio Princesa Isabel a partir da av. Bento Gonçalves



Figura 3.44: Vista do Condomínio Princesa Isabel a partir da esquina da av. Princesa Isabel com av. João Pessoa

Constituído de 230 unidades habitacionais distribuídas em 30 blocos de apartamento, o condomínio (Figuras 3.45 e 3.46) apresenta edificações em bom estado de manutenção, mesmo porque são muito recentes. A arquitetura do conjunto não se diferencia visivelmente do entorno e apresenta características formais mais elaboradas que as

edificações do Jardim Planetário e do Condomínio dos Anjos, apesar disso, é identificada como habitação social em função dos materiais utilizados, especialmente nas esquadrias, da modulação e do padrão arquitetônico.

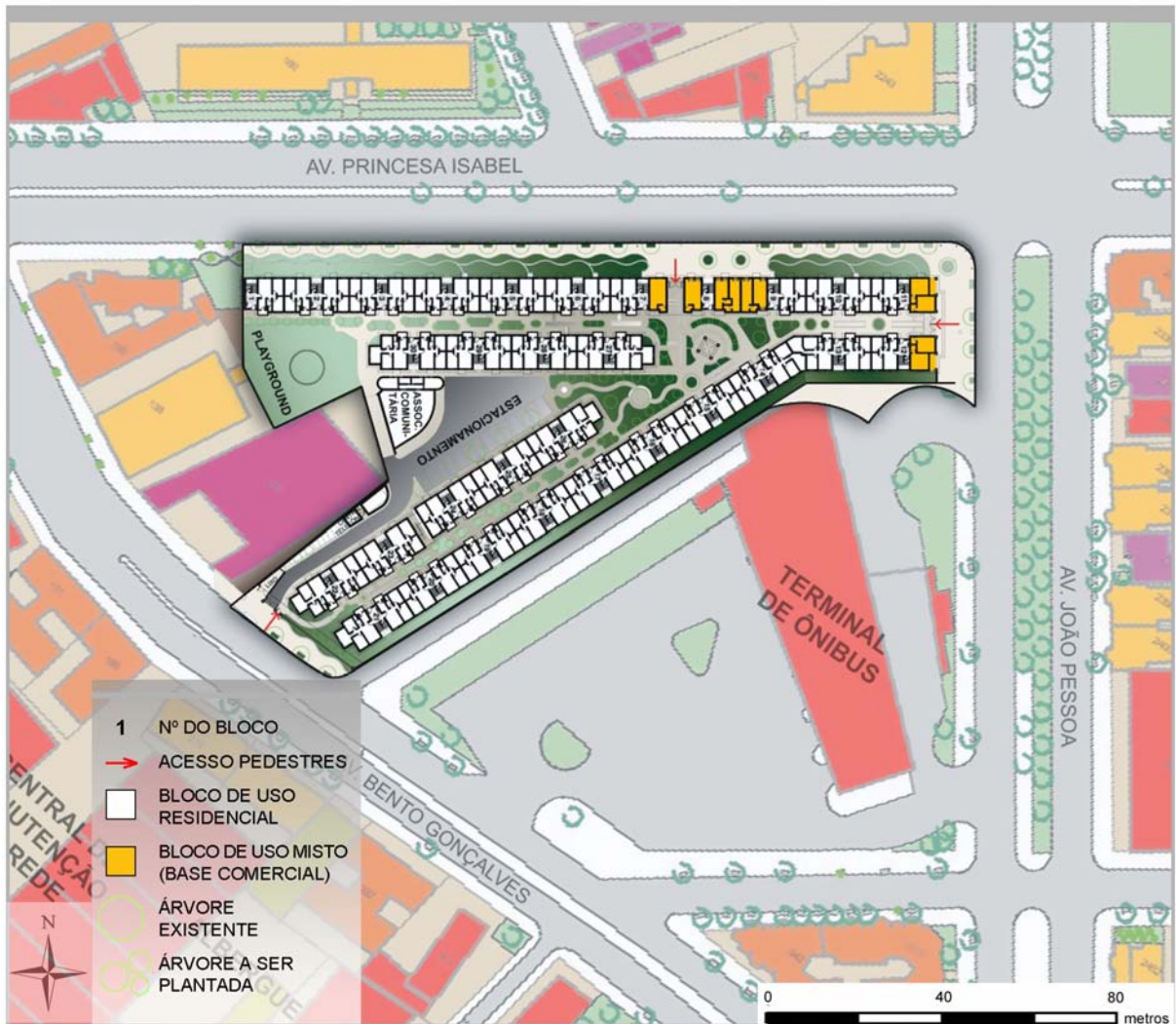


Figura 3.45: Implantação do Condomínio Princesa Isabel

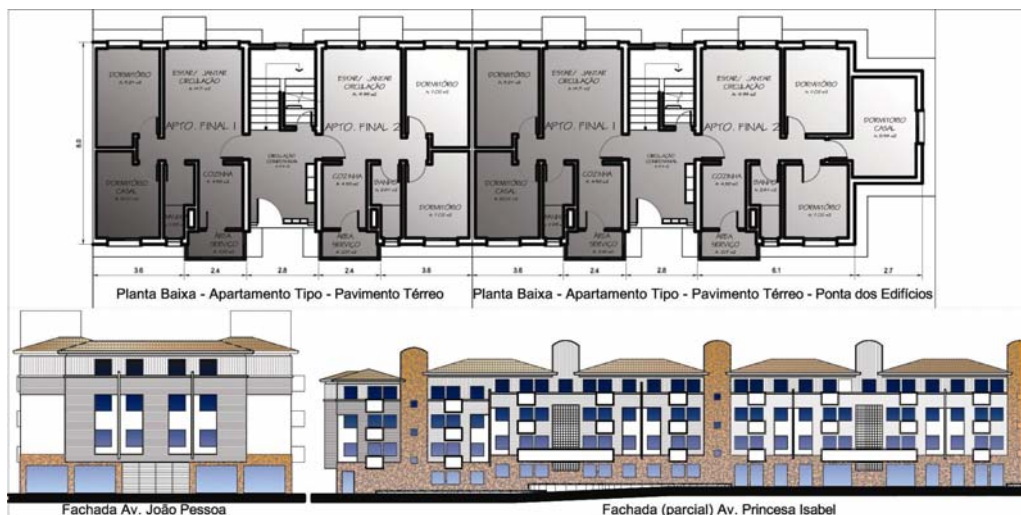


Figura 3.46: Planta baixa e Fachada do bloco tipo do Condomínio Princesa Isabel



Figura 3.47: Lojas do Condomínio Princesa Isabel na av João Pessoa



Figura 3.48: Creche do Condomínio Princesa Isabel



Figura 3.49: Área interna do Condomínio Princesa Isabel

Existe, ainda, uma área de comércio na base dos edifícios junto às avenidas Princesa Isabel e João Pessoa (Figura 3.47). Internamente, o condomínio apresenta diversos espaços de convívio: associação comunitária com creche (Figura 3.48), área de playground, estacionamento e quiosque central (Figura 3.49).

3.5.1.5 Síntese das áreas selecionadas e conclusão da Etapa 1

A seguir, é apresentada a síntese, para cada área de análise, das principais características definidas a partir do levantamento físico.

Tabela 3.3: Síntese das principais características de cada área, quando comparados os dois grupos sociais

Caracterização da variável		Relação do bairro com as edificações da habitação social existente						
		Jardim Planetário		Condomínio dos Anjos		Condomínio Princesa Isabel		
Tamanhos (n° de unidades residenciais) da habitação social		93 unidades		72 unidades (12 blocos de apartamento)		240 unidades (30 blocos – 5 edifícios)		
Diferenças entre habitação social e área do bairro em geral	Grupo social	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro	
	Morfologia	Dimensão lotes	44 m ²	150 a 1000 m ²	2600 m ²	500 m ²	6690 m ²	107 a 1500 m ²
		Largura e pavimentação das calçadas	2 m grês	> 3 m basalto	> 3,5 m basalto	> 3 m basalto	> 3,5 m basalto	> 3 m basalto
		Uso, estilo e altura	Edificação unifamiliar (1 e 2 pavimentos)	Edificação multifamiliar (2 a 4 pavimentos)	Edificação multifamiliar (3 pavimentos)	Edificação unifamiliar (1 pavimento)	Edificação multifamiliar (4 pavimentos)	Edificação unifamiliar e multifamiliar (1 ou 2 pavimentos)
		Fluxo veículos	Médio	Médio	Intenso	Médio	Intenso	Intenso e médio
	Legibilidade	Posição das edificações	Recuo frontal	Recuo frontal e sem recuo	Recuo frontal e ocupações fundo do lote	Recuo frontal	Recuo frontal	Recuo frontal e sem recuo
		Uso do espaço semiprivado	Área de serviço / estar	Jardim	Lazer e estacionamento	Jardim	Jardim	Jardim
		Fechamento dos lotes	Grades ou muro baixo	Grades e “porta e janela”	Grades	Jardim permeável	Grades	Grades e “porta e janela”
		Visibilidade das edificações	variada	alta	variada	alta	variada	alta
	Acessibilidade visual entre habitação social e moradores do bairro		Baixa		Média		Alta	
Equipamentos e espaços abertos públicos próximos		Mais de 15 equipamentos (19)		Menos de 15 equipamentos (12)		Menos de 15 equipamentos (19)		

3.5.2 Etapa 2: Complementação do levantamento de dados

Os dados coletados nos levantamentos físicos, a partir de plantas, fotos ou elementos disponibilizados pelos órgãos institucionais são utilizados como apoio para a elaboração de questionários e observações de comportamento. Nessa etapa, foram adotados os seguintes procedimentos:

Além das informações adquiridas anteriormente, materiais relativos aos projetos de habitação social, como plantas originais e dados sobre o perfil de moradores dessas áreas, foram adquiridos junto ao DEMHAB, órgão municipal responsável pelos projetos. Os arquivos municipais também são utilizados como fonte das informações sobre o fluxo de veículos e o padrão das vias.

3.5.2.1 Entrevistas

As entrevistas, usadas anteriormente como instrumento de reconhecimento da área, foram importantes para esclarecer dúvidas de observações e questionários realizados, permitindo aprofundar aspectos específicos do estudo. Além disso, comentários dos usuários realizados durante o levantamento dos dados (questionários e observações de comportamento) foram considerados para a melhor compreensão dos aspectos avaliados.

3.5.2.2 Levantamento fotográfico

O levantamento fotográfico de usos e da área foi realizado para complementação dos dados coletados

3.5.2.3 Observação de Comportamento

A observação sistemática de pessoas utilizando os ambientes construídos permite produzir informações sobre as atividades das pessoas, sobre regularidades de comportamento, sobre usos e lugares onde acontecem, permitindo, assim, inferir onde e como o ambiente interfere na ocorrência de comportamentos e atividades dos usuários (Lay & Reis, 1995).

Na compreensão do sistema de atividades relativo a um grupo, Rapoport (1986) destaca como básica a definição das classes de atividades a serem observadas. Portanto, sendo o objetivo a identificação da interação social entre os grupos distintos, as atividades foram definidas em sete categorias: (1) ficar parado em pé; (2) ficar parado sentado; (3)

caminhar (deslocamento); (4) passear ou correr (com cachorro/fazer exercício), (5) brincar/jogar; (6) andar de bicicleta; e (7) realizar trabalhos no espaço da rua (manutenção, jardinagem ou outras atividades).

A categorização dos usuários a serem observados foi baseada no ciclo de vida (faixas etárias) dos moradores: (1) crianças (até 13 anos); (2) jovens (de 14 a 19 anos); (3) adultos (de 20 a 60 anos); e idosos (acima de 60 anos). Quando possível, foi realizada a identificação do grupo social na ocupação dos distintos lugares da área de análise

Os percursos para observação do comportamento foram definidos conforme a simultaneidade dos aspectos: (a) inclusão do quarteirão da habitação social, (b) inclusão dos lugares mais freqüentemente utilizados, considerando as informações obtidas durante a primeira etapa do levantamento, (c) existência de edificações com usos diferenciados, considerando a presença de áreas residenciais e de serviços e comércio básicos, sempre que possível e (d) identificação dos eixos mais integrados (integração global - Rn) definidos nos mapas de análise sintática em cada área.

A definição dos períodos de observação consistiu na pré-verificação de horários com maior freqüência de uso pelos moradores durante manhãs e tardes. As observações foram realizadas durante duas semanas consecutivas, nos sete dias da semana, duas vezes ao dia (manhã e tarde), em cada uma das áreas, conforme a Tabela 3.4 a seguir:

Tabela 3.4: Definição dos períodos das observações de comportamento realizadas por área

	Semana de observações	Turno da manhã	Turno da tarde	Tempo médio de percurso	Distância percorrida
Área 1 - Bairro Santana (Condomínio Jardim Planetário)	22/10/2006 a 04/11/ 2006	11:30	17:30	45min	1410 m
Área 2 - Bairro Jardim Botânico e Bairro Petrópolis (Condomínio Residencial dos Anjos)	05/11/2006 a 18/11/ 2006	10:45	17:30	30min	1520 m
Área 3 - Bairro Azenha e Bairro Santanta (Condomínio Residencial Princesa Isabel)	19/10/2006 a 02/11/ 2006	10:30	17:40	30min	1300 m

Os dados sistematicamente coletados foram registrados em plantas baixas, digitalizadas em Autocad, produzidas a partir do levantamento físico da Etapa 1 e posteriormente inseridas no ArcGIS. A informação adquirida favorece a compreensão do uso nas diferentes áreas, complementando as análises definidas nos questionários.

3.5.2.4 Questionários

Os questionários têm por objetivo a identificação de regularidades entre grupos de pessoas através da comparação e quantificação das respostas individuais, considerando um

número significativo de respondentes. Eles são apropriados para medir atitudes e níveis de satisfação dos usuários em relação a diversos aspectos técnicos, funcionais ou comportamentais do ambiente construído, permitindo coletar grande quantidade de dados, os quais através da comparação e análise estatística possibilitam produzir generalizações (Lay & Reis, 1995).

A definição do questionário foi baseada nas variáveis da pesquisa (cap. 2). As questões formuladas buscaram medir percepções, atitudes e aspirações dos moradores com relação a:

a. variáveis contextuais: (1) características morfológicas da área (densidade, dimensão de quarteirões, acessibilidade da área, calçadas, vegetação e fluxo de veículos); (2) aparência das edificações e percepção de segurança; (3) existência e uso de equipamentos do bairro.

b. variáveis composicionais: (4) estilo de vida dos moradores e status socioeconômico, composição familiar e tempo de moradia e percepção de homogeneidade entre moradores;

c. variáveis dependentes: (5) comportamento territorial; (6) intensidade de interação social entre vizinhos (adaptação Multidimensional Measure of Neighboring – Medida multidimensional de relações sociais na vizinhança – Skjaeveland et al., 1996; Skjaeveland & Garling, 1997; Skjaeveland, 2001).

Perguntas fechadas de escolha simples baseadas na escala Likert (com cinco pontos), variando entre “concordo muito” e “discordo muito” foram adotadas na maior parte do questionário. Algumas questões abertas foram necessárias, particularmente, para identificação de lugares ou equipamentos do bairro utilizados no mapa da área de estudo (ver anexos F1, F2, F3).

Falhas, imprecisões e falta de clareza relativas ao questionário e à possibilidade de compreensão dos dois grupos sociais foram testadas. Primeiramente, foi aplicada uma versão preliminar do questionário a duas pessoas com o perfil dos moradores do bairro, para verificação do tempo de duração e de aspectos gerais de compreensão da estrutura e vocabulários utilizados. A partir da correção da versão preliminar, foram eliminadas perguntas redundantes e, então, aplicado o piloto da forma que segue:

- para respondentes com o perfil dos moradores do bairro: 5 questionários foram aplicados pessoalmente e 5 foram entregues e realizados individualmente sem a presença do pesquisador)

- para respondentes com o perfil dos moradores da habitação social, 5 questionários foram aplicados pela pesquisadora.

A definição da amostra de respondentes foi estruturada conforme os estratos socioeconômicos pré-estabelecidos em dois grupos “moradores da habitação social” e “moradores do bairro”. Foi definida uma amostra mínima de 30 moradores para cada grupo de respondentes em cada uma das áreas. Os questionários foram aplicados segundo os seguintes critérios:

- moradores da área de estudo, no limite dos 400 metros lineares medidos a partir da habitação social;
- representatividade dos moradores do bairro (distribuição dos respondentes por todas as quadras do bairro) e dos moradores da habitação social (distribuição dos respondentes pelas quadras ou blocos de apartamentos do conjunto);
- idade mínima de 18 anos;
- disposição dos moradores em participar.

De acordo com esses critérios, os questionários foram aplicados diretamente pela pesquisadora ou entregues àqueles que se dispuseram a respondê-lo individualmente, constituindo a amostra de respondentes conforme mostra a Tabela 3.5:

Tabela 3.5: Distribuição das amostras mínimas por área do estudo comparativo

Área de análise	Amostra entre moradores da habitação social	Amostra entre moradores do bairro			Amostra total por área de estudo
		Questionários aplicados pessoalmente	Questionários válidos respondidos pelos moradores (entregues*)	Total	
Área 1	30	21	14 pessoas (31)	35	65
Área 2	30	21	16 pessoas (31)	37	67
Área 3	31	27	4 pessoas (15)	31	62

Nota: entregues* representa o n° de questionários entregues aos moradores do bairro que se dispuseram a respondê-los individualmente; 2 questionários foram anulados na Área 1, 3 anulados na Área 2 e 2 anulados na Área 3.

A taxa de resposta dos questionários entregues a moradores para serem completados individualmente foi de 51,6% para a Área 2, 45,16% na Área 1, e de 26% na Área 3, sugerindo variação semelhante à ocorrida em outros estudos (Kim & Kaplan, 2004; Wilson-Doenges, 2000), descrita em torno de 25% a 40%. Esse método de aplicação dos questionários demonstrou ser eficiente nas áreas 1 e 2, durante a pesquisa, reduzindo o tempo de coleta de informações e possibilitando a realização da coleta em duas semanas, juntamente com as observações de comportamento (em horários alternados). Isso não ocorreu na Área 3, onde o número de moradores do bairro que aceitaram responder os questionários individualmente foi reduzido, fazendo com que o período de coleta de informações se estendesse por mais tempo.

Questões associadas à identificação de lugares no aerofotogramétrico anexado ficaram, em diversos casos, incompletas, sendo respondida apenas a parte referente a pergunta objetiva. Isso não inviabilizou o uso destes questionários, mas limitou a abrangência da pesquisa quanto aos lugares comuns aos dois grupos socioeconômicos.

A seguir é apresentada na Tabela 3.1 a síntese das variáveis e o procedimento utilizado para coleta de dados:

Tabela 3.6: Operacionalização das variáveis conforme definição das hipóteses de pesquisa

Operacionalização das Variáveis Conforme Definição das Hipóteses de Pesquisa			Método de coleta dados		
Caracterização dos usos e da interação social na Área	Comportamento favorável ao contato social com a rua	Verificação de usos menos reclusos ao interior da residência e diferenças entre os grupos.	Questionários Observação de comportamento		
	Uso dos espaços semiprivados e privados	Verificação do tipo de atividade realizada nos espaços semiprivados e privados e identificação de diferenças entre os grupos.	Questionários Observação de comportamento		
	Atividades associativas	Verificação de comportamento mais associativo e dos lugares utilizados	Questionário		
	Interação social na vizinhança	Laços sociais na vizinhança	Verificação do grau de intimidade e sentimento de amizade entre vizinhos.	Questionários Observação de comportamento	
		Conexão com a vizinhança	Verificação do sentimento orgulho e identificação a vizinhança.		
		Atos de apoio na vizinhança	Verificação do sentimento de proteção e ajuda mútua.		
		Desavenças na vizinhança	Verificação de inimizades ou insatisfação com a vizinhança (pessoas ou ambiente).		
Sistema de lugares e atividades	Identificação das atividades (lazer, trabalho, estudo, esporte, compras diárias, compras específicas) realizadas pelos indivíduos, diferenciando e localizando usos na residência, na área da vizinhança, no centro ou em outros bairros. Associação entre atividades e lugar de realização das atividades e grupo social para a verificação das possibilidades de interação dos dois grupos a partir desses critérios.	Questionários			
Hipótese 1: Quanto mais a estrutura do ambiente construído apoiar a acessibilidade de atividades e a apropriação dos espaços abertos públicos próximos ao lugar de moradia, maior a probabilidade de interação social (contato) entre os moradores de grupos socioeconômicos distintos existentes na mesma área.					
Relação entre atributos contextuais ou contextuais e a interação social	Caracterização morfológica do ambiente construído	Tamanho e densidade da vizinhança	(1) Definição da área da vizinhança a ser analisada, considerando área com limites inferiores a 1Km. (2) Definição da estrutura fundiária do lugar (traçado e parcelamento), diferenciando tamanho dos lotes, quantidade de espaço público e privado. (3) Definição da quantidade de acessos privados em relação ao tamanho da quadra e quantidade de edificações habitacionais no ambiente.	Levantamento de arquivo Levantamento Físico	
		Acessibilidade	Acessibilidade de Física	Observação das distâncias entre equipamentos e as unidades residenciais (do projeto de habitação social e do contexto consolidado). Verificar as distâncias entre as unidades residenciais dos dois grupos, identificando a presença ou não de barreiras físicas para realização de atividades. Associar a discussão da acessibilidade à definição do potencial de movimento a partir da análise das variáveis sintáticas.	Levantamento de arquivo Levantamento Físico
			Acessibilidade de Visual	Observação o acesso visual dos espaços em termos de visibilidade das edificações residenciais, visibilidade do projeto de habitação social pelas habitações do contexto consolidado e vice-versa e a percepção da amplitude do espaço para realização de atividades e para o sentimento de segurança. Associar a discussão da acessibilidade visual à definição dos campos visuais.	Entrevistas Questionários Observação de comportamento
	Espaços abertos públicos no ambiente residencial	Passeios e espaços de lazer	Quantificação, dimensionamento e estado da pavimentação das calçadas, bem como existência ou não de mobiliário urbano, iluminação e pequenas edificações como bancas de revista ou comida ou guaritas. Verificação do uso nas calçadas em associação com as características do lugar.	Levantamento de arquivo Levantamento Físico	
		A presença da vegetação	Quantificação da vegetação (arborização) para ruas e para áreas verdes (parques e praças) e identificação de áreas ajardinadas ou gramadas. Verificação do uso diferenciado dos espaços na presença ou não de árvores, considerando também a satisfação com o espaço.	Entrevistas Questionários Observação de comportamento	
		Circulação de veículos	Verificação do padrão viário: intensidade de fluxo de veículos, largura da rua e existência ou não de estacionamento junto à calçada. Verificação dos diferentes padrões viários no uso das ruas.		
	Hipótese 2: Quanto maior a semelhança na aparência das edificações da habitação social e das edificações da área em geral, maior a probabilidade de interação social (contato) entre os moradores dos dois grupos socioeconômicos.				
	Aparência (agradabilidade manutenção das edificações)	Semelhança e diferenças quanto às edificações	Verificação do uso, do estilo arquitetônico e da altura das edificações, dos materiais construtivos e da manutenção. Associação das características da área (1) à satisfação ou insatisfação com o lugar, (2) à continuidade física das características da área e (3) à identificação e distinção dos grupos de moradores na área.	Levantamento Físico Entrevistas Questionários	
		Percepção de Segurança	Verificação da percepção de segurança associada à aparência do ambiente construído e à percepção dos grupos socioeconômico distinto e à influência destes aspectos uso dos lugares do bairro.		

(Continuação) Tabela 3.6: Operacionalização das variáveis conforme definição das hipóteses de pesquisa:

Operacionalização das Variáveis Conforme Definição das Hipóteses de Pesquisa		Método de coleta dados	
(continuação) Relação entre atributos contextuais ou contextuais e a interação social	Hipótese 3: Quanto mais os equipamentos próximos à residência apoiarem as atividades desejadas e necessárias aos moradores da habitação social e aos moradores do bairro, maior a intensidade de apropriação das áreas adjacentes e maior a probabilidade de interação social (contato) entre os dois grupos socioeconômicos.		
	Equipamentos presentes próximos ao lugar de moradia e atividades realizadas na área	Verificação dos equipamentos existentes, identificando espaços que fortalecem a identidade do grupo e estimulam a interação social (comércio de abastecimento básico e pequenos serviços, parques, praças e centros comunitários) e espaços que parecem inibir o uso das ruas e o controle do espaço (equipamentos institucionais, edifícios de escritório ou serviços de porte intermediário ou grande e equipamentos industriais). Relacionar a satisfação com o lugar aos equipamentos usados e necessários a cada grupo.	Levantamento Físico Entrevistas Questionários Observação de comportamento
	Hipótese 4: Quanto maior a percepção de homogeneidade entre moradores da habitação social e moradores do bairro, maior a semelhança quanto à intensidade de interação social dentro do mesmo grupo de moradores e entre os dois grupos socioeconômicos.		
	Hipótese 5: Quanto mais semelhante a manifestação do comportamento territorial dos moradores da habitação social e dos moradores do bairro, maior a semelhança quanto a intensidade de interação social dentro do mesmo grupo de moradores e entre os dois grupos socioeconômicos.		
	Estilo de vida e definição do grupo	Caracterização dos grupos segundo o estilo de vida, tendo por base as variáveis sociodemográficas (status socioeconômico, composição familiar e o tempo de moradia) e as atividades diárias (escola e trabalho) realizadas em associação ao meio de transporte e a ao tempo de deslocamento.	Questionários
Estilo de vida e percepção de homogeneidade	Verificação da percepção de homogeneidade dos grupos que co-habitam a área, verificando presença ou não do sentimento de identificação com o bairro.	Questionários	
(continuação) Comportamento territorial	Definição do tipo de barreiras físicas	Verificação da percepção de privacidade na delimitação dos espaços semiprivados e privados, e associação com o uso nesses espaços. Definição da posição da edificação (em relação aos recuos) verificação dos usos nos espaços semiprivados e privados	Levantamento físico Questionários Observação de comportamento
	Controle territorial	Percepção de segurança, privacidade e aparência em função das barreiras físicas	
	Imagem do grupo e personalização do território	Verificação da presença de marcas de personalização dos ambientes (ornamentos, manutenção, limpeza, ajardinamento ou embelezamento dos lugares). Relacionar essas características à satisfação com o lugar, à identificação ou não do grupo distinto e ao uso das áreas próximas à residência.	

3.5.3 Métodos de análise de dados

Conforme Kruskal e Wish (1978 apud Lay, 1992), a utilização de múltiplos meios é válida e útil, pois favorece a complementaridade de compreensão de dados e aumenta a validade dos resultados. Nesse sentido, dados obtidos através de levantamentos físicos, mapas mentais, observações de comportamento, entrevistas e questionários foram quantificados e analisados através de instrumentos apropriados e disponíveis. Sistemas de informação geográfica (SIG), estatística não-paramétrica, análise sintática espacial e análise de gráficos de visibilidade foram utilizados nesse estudo.

Dados de questionários e dados obtidos através de levantamento físico (utilizados na produção das plantas baixas de cada área) foram tabulados no SPSS/ PC (Statistical Package for Social Sciences) e mapas mentais e entrevistas sintetizados no EXCEL,

possibilitando a criação de um banco de dados com informações de diferentes origens e favorecendo a síntese dos diversos mapas temáticos na junção do banco de dados com as informações gráficas através do ArcGIS (programa que trabalha com sistema de informações geográficas). De acordo com a viabilidade de tempo e recursos informacionais disponíveis, o maior número de elementos passíveis de serem representados graficamente, como vias, quarteirões, lotes, edificações, vegetação, tipo de fechamento da edificação, elementos e mobiliário urbano, usos e pessoas relativos às observações de comportamento, identificação dos limites do bairro do morador e dos lugares apreciados ou usados (segundo solicitação do questionário) foram digitalizados em AUTOCAD, e inseridos no ARCGIS. A utilização simultânea desses quatro recursos (programas computacionais) permitiu a quantificação (frequências), a análise estatística e a espacialização dos dados da pesquisa, favorecendo a compreensão dos resultados e a operacionalização das variáveis para a verificação das hipóteses de pesquisa.

3.5.3.1 A interação humana e a utilização de recursos de SIG

O Sistema de Informações Geográficas (SIG) consiste em um sistema de acessibilidade instantânea que pode agrupar uma variedade de tipos de informações e recursos e de um conjunto de ferramentas analíticas para manipulação e análise das informações (Golledge, 2002). A metodologia utilizada nesse sistema constitui-se num processo computadorizado de sobreposição de diferentes camadas representativas dos elementos que compõem o universo em estudo (Golledge, 2002; Talem, 2005). A composição das camadas produz um mapa multifuncional, no qual as camadas podem ser agregadas ou dissolvidas e ao qual está associada uma base de dados digitais, passível de análises matemáticas ou estatísticas espacialmente definidas (Golledge, 2002).

Nesse sentido, para as 3 áreas de estudo selecionadas foram associados o Banco de dados do SPSS (exportado para .dbf) e dados digitalizados no CAD, através do ARCGIS 9.1. Esse processo constou das seguintes etapas:

- a. Importação dos dados de CAD para o software ARCGIS 9.1;
- b. Exportação dos layers (camadas) digitalizados para o formato shape, agrupando-os de acordo com os objetivos de análise;
- c. Definição do sistema de referência para cada uma das novas camadas (shape) definidas anteriormente, já que os dados anteriores em CAD não estavam geo-referenciados;
- d. Criação de uma coluna de identificação na planilha do banco de dados a ser associada ao ARCGIS 9.1;

e. Criação de uma coluna idêntica à anterior no ARCGIS 9.1 para cada elemento com informações a serem associadas. Nesse caso, cada uma das 1196 edificações para as quais existiam dados, foram numeradas de acordo com a planilha do SPSS

f. Após as colunas de identificação definidas, é feita a associação dos dados;

g. Definição das diversas camadas para visualização em função das variáveis e dos objetivos da análise, utilizando funções como *intersect*, *union*, *erase*, *clip*, *buffer*;

h. Análise descritiva do ambiente simulado utilizando ferramentas como *table operations*, *table statistics*, *calcule values*, *distance between points*.

i. Exportação de alguns dados (limites do bairro percebidos pelos moradores) para o SPSS/PC a fim de permitir novas análises estatísticas.

A criação de uma interface integrada do banco de dados e dos dados digitalizados e geo-referenciados figura como etapa fundamental para visualização, interpretação e análise dos dados. A integração dos modelos descritivos do ambiente com informações auxiliares como características sociodemográficas, práticas comportamentais ou hábitos, permite a representação e a interpretação do conjunto de aspectos sociais e físico-ambientais que constituem a realidade. A combinação da análise do ambiente construído com as atividades realizadas pelos usuários do espaço surge como ferramenta fundamental para interpretação dos fatores influentes nas relações sociais presentes no espaço urbano.

3.5.3.2 Análise estatística dos dados

A compreensão das diversas dimensões desse estudo é multivariada, o que sugere muitas associações entre as variáveis observáveis e a relação delas com cada uma das dimensões. Para Canter (1997), a associação das variáveis e dos sistemas parece não poder ser respondida por testes lineares ou ortogonais, sendo adequada a utilização de estatísticas não paramétricas.

A seguir (Tabela 3.7) são sintetizadas as dimensões e as variáveis da pesquisa, associando o número da questão correspondente no questionário:

Tabela 3.7: Dimensões e variáveis de acordo com as perguntas do questionário

Dimensão	N° da questão	Subgrupo variáveis	Indicadores e descrição dos objetivos de pesquisa
Satisfação com a área	9 a 30 - 31	-	Preferências quanto ao ambiente construído e satisfação com o bairro
	34-35	hectares	Percepção dos limites do bairro relacionados ao sentimento de estar em casa (utilização de SIG - limites físicos)

(continuação) Tabela 3.7: Dimensões e variáveis de acordo com as perguntas do questionário:

Dimensão	N° da questão	Subgrupo variáveis	Indicadores e descrição dos objetivos de pesquisa		
Intensidade de uso na área	39-40	SG1-1	Comportamento favorável ao contato social com a rua		
	66	SG1-2	Uso dos espaços semiprivados ou privados		
	101-102	SG1-3	Participação em atividades associativas: Verificar onde os grupos sociais distintos podem estar realizando atividades comuns e as diferenças entre os grupos sociais.		
	86-89	SG9-1	Atos de apoio mútuo na vizinhança	Interação social na vizinhança (SG9)* Verificação do grau de interação social, observando a percepção da heterogeneidade do lugar como fator de comparação entre grupos e comparação dos efeitos das 3 áreas (ambiente construído).	
	90-92	SG9-2	Insatisfação com a interação social na vizinhança		
	93-94	SG9-3	Ligação com a vizinhança		
	96	SG9-4	Laços íntimos com os vizinhos		
	103-110	SG10-1	Uso do bairro	Sistema de lugares e atividades Verificação dos lugares usados igualmente pelos grupos sociais distintos, e as possibilidades contato social a partir desses usos (Associar resultados com os mapas do GIS).	
	111-114	SG10-2	Uso de outros bairros		
	115-116	SG10-3	Uso do centro		
118-122	-	Permite espacializar lugares usados pelos moradores das três áreas, verificando onde os grupos sociais têm possibilidade de interação (contato). (Utilização do GIS – distâncias entre local de moradia e locais utilizados)			
Atributos contextuais, composicionais e variáveis dependentes	41-44	SG2_1	Dimensão do quarteirão e uso	Caracterização da estrutura do ambiente (SG2)* Verificação da apreciação/satisfação do ambiente físico pelo morador: verificar como o ambiente é percebido e como tem relação com o uso do lugar (Spearman + mapas comportamentais + mapas das áreas);	
	45-50	SG2_2	Calçadas e uso		
	51-52	SG2_3	Vegetação e uso		
	55-56	SG2_4	Fluxo de veículos e uso		
	53-54	SG3_1	Percepção de segurança e uso	Aparência das edificações e uso Verificação da apreciação/satisfação do ambiente físico pelo morador: comparar as três áreas verificando as diferenças entre moradores da habitação social e do bairro e a influência dessa percepção no uso dos lugares (identificação de lugares: inseguros, atraentes, não-atraentes, inadequados).	
	57-64	SG3_2	Aparência do bairro e satisfação		
	32	SG4	Heterogeneidade percebida no ambiente construído		
	72-83	SG5	Existência e uso dos equipamentos da área Verificar diferenças quanto à satisfação com equipamentos presentes e uso desses equipamentos.		
	123 a 129	SG6	Status socioeconômico	Estilo de vida do morador Caracterização das diferenças e semelhanças quanto ao estilo de vida dos moradores do bairro e da habitação social em função de status socioeconômico, composição familiar, tempo de moradia, e tempo de deslocamento para realização de atividades.	
	1 a 8	-	Caracterização do local e tempo de moradia		
	97-100	-	Atividades e tempo de deslocamento		
	36-37 + 87	SG7	Percepção de homogeneidade		
	visibilidade + tipo fechamento	SG8_1	Tipo de barreiras utilizadas nos espaços privados e semiprivados	Comportamento territorial Verificar diferenças quanto à definição do espaço para os grupos sociais distintos, verificando a percepção dos limites do território de um e outro grupo (se há) (uso dos espaços semipúblicos junto à residência) (levantamento físico: diferenças quanto ao grau de personalização do espaço: cuidado dos jardins, mobiliário/equipamentos existentes - ArcGIS/SPSS).	
69-70	SG8_3	Percepção de segurança, privacidade e satisfação com a aparência em função das barreiras físicas			
67-68	SG8_2	Personalização dos espaços privados semiprivados e satisfação com a imagem coletiva			

Nota: * sigla entre parênteses indica que variáveis (já agrupadas) foram somadas para criação de um indicador geral

A combinação das variáveis para descrição dos indicadores, conforme mostra a Tabela 3.7, foi adotada para a medição e a associação dos diferentes aspectos e dimensões da pesquisa, permitindo a operacionalização das hipóteses de pesquisa quanto ao relacionamento dos fatores composicionais e contextuais com a interação social. Todos os dados dos questionários, entendidos como variáveis nominais e ordinais, foram analisados quantitativamente no programa SPSS/ PC, através de testes não-paramétricos. A redução dos dados para construção dos indicadores é descrita cronologicamente na Tabela 3.8:

Tabela 3.8: Procedimentos para a realização da análise estatística dos dados

	Procedimento Estatístico	OBJETIVO
1	Freqüências Gerais	Visualização geral dos resultados. Verificação dos lugares identificados pelos moradores para posterior espacialização no mapa de Porto Alegre (ARCGIS).
2	Realização do “reability analysis”, com a utilização do alpha de Cronbach para cada subgrupo de variáveis, conforme Tabela 3.6	Verificação da consistência interna dos subgrupos, verificando o sentido de cada questão do questionário (se positivo ou negativo) e invertendo o sentido da questão quando necessário, para possibilitar posterior somatório dos escores das variáveis de cada subgrupo.
3	Definição dos escores para cada subgrupo e grupo de variáveis (indicador) (conforme Tabela 3.6), a partir do somatório dos escores das variáveis relativas a cada subgrupo: 1. Transorm 2. Comput (somatório das variáveis) 3. Definição do subgrupo (nova coluna)	Reduzir as informações para posterior identificação dos componentes (subgrupos e grupos) mais influentes a partir de testes de correlação.
4	Tabulações cruzadas (χ^2 , phi, Cramér’s V) para todas as questões do questionário: 1 - questão X grupo 2 – questão x área 3 – questão x área (isolando por tipo de morador) 4 – questão x morador 5 – questão x morador (isolando por áreas de estudo)	Verificação das diferenças entre os 6 grupos (2 grupos sociais em cada uma das 3 áreas de estudo). Os 5 testes buscam avaliar se o fator composicional e o fator físico (área) influenciam na diferenciação das respostas.
5	Análise de correspondência para grupos de variáveis nominais passíveis de sua aplicação.	Definição de gráficos complementares a tabulação cruzada para identificação de diferenças entre os 6 grupos em estudo.
6	Aplicação dos testes Mann-Whitney e Kruskal-Wallis para todos os subgrupos e grupos definidos anteriormente.	Verificação das diferenças entre os 6 grupos (2 grupos sociais em cada uma das 3 áreas de estudo). Os 5 testes buscam avaliar se o fator composicional e o fator físico (área) permanecem influenciando as respostas após a definição dos grupos e subgrupos.
7	Testes de correlação de Spearman dentro dos subgrupos, considerando os 8 indicadores (SG1, SG2, SG3, SG4, SG5, SG6, SG7, SG8), e, entre todos os subgrupos de variáveis, conforme Tabela 3.6. Os testes de correlação são realizados: 1 – comparando os 6 grupos 2 – isolando por tipo de morador 3 – isolando por área de estudo 4 – isolando área de estudo e tipo de morador	Identificação das correlações significantes e verificação de diferenças na ocorrência das correlações quando isoladas os grupos por tipo de morador e por área de estudo, conforme as 4 variações realizadas no teste.

Como exemplo, é demonstrada a seguir (Tabela 3.9) a redução do indicador de *caracterização morfológica do ambiente construído*:

Tabela 3.9: Variáveis do questionário relacionadas à caracterização da estrutura do ambiente construído

			Caracterização morfológica do ambiente construído
41-44	SG2_1	Dimensão do quarteirão e uso	Verificação da apreciação/satisfação do ambiente físico pelo morador: verificar como o ambiente é percebido e como tem relação com o uso do lugar (Spearman + mapas comportamentais + mapas das áreas);
45-50	SG2_2	Calçadas e uso	
51-52	SG2_3	Vegetação e uso	
55-56	SG2_4	Fluxo de veículos e uso	

Conforme passo 2 na tabela 3.8, foi necessário verificar a consistência interna das questões através da análise de relação entre variáveis medida pelo *alpha de Cronbach*. O sentido das questões precisava ser o mesmo para cada subgrupo (sg2-1, sg2-2, etc) de modo que o somatório fosse coerente. Neste indicador a estrutura do questionário objetivava dar maior escore para o maior uso, por isso, as questões 42, 43, 46, 48, 49, 55, 56 tiveram sua pontuação invertida.

Assim, supondo que um morador respondesse o questionário conforme as indicações em vermelho, os escores por variável agrupada e o escore total para o indicador desejado, seriam os indicados na Tabela 3.10, a seguir:

Tabela 3.10: Exemplo de escores para a estrutura do ambiente construído

Grupo de variável e questões relacionadas		Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Escore por variável agrupada
Dimensão do quarteirão e uso	41. As quadras têm um tamanho adequado e por isso acho agradável caminhar por elas.	3	2	1	9
	42. Não sei se as quadras têm tamanhos adequados porque não costumo andar a pé.	1	2	3	
	43. Utilizo o carro para ir aos lugares que preciso, sejam eles próximos ou distantes.	1	2	3	
	44. É seguro andar pelo bairro porque há sempre o movimento de moradores entrando ou saindo dos edifícios ou casas.	3	2	1	
Calçadas e uso	45. As calçadas têm largura adequada para a quantidade de pessoas que as utilizam.	3	2	1	13
	46. As crianças costumam brincar nas calçadas.	1	2	3	
	47. As calçadas do bairro têm uma aparência legal.	3	2	1	
	48. Os moradores não costumam manter e limpar as calçadas (consertando alguma coisa ou plantando árvores e flores).	1	2	3	
	49. As ruas não são bem iluminadas à noite.	1	2	3	
	50. As ruas do lugar onde moro são bem equipadas, existem telefones públicos, lixeiras e caixas de correio.	3	2	1	
Vegetação e uso	51. As árvores e a vegetação existentes são um dos aspectos mais bonitos do lugar onde moro.	3	2	1	6
	52. Gosto muito de caminhar pelas ruas arborizadas do lugar onde moro.	3	2	1	
Fluxo de veículos e	55. O fluxo de veículos nas ruas dificulta as caminhadas no lugar onde moro.	1	2	3	6
	56. Sinalizadores e faixas de trânsito existentes no lugar onde moro não são suficientes para dar segurança às pessoas que caminham nas ruas.	1	2	3	
Escore total para o indicador (SG2) da estrutura do ambiente construído					34

Esse procedimento de criação de escores para os grupos de variáveis e indicadores foi necessário em função da necessidade de relacionar todas as dimensões (variáveis definidas para a hipótese) entre si, através de testes de correlação de Spearman, a fim de verificar a influência na intensidade de uso e interação social em cada uma das áreas. A

estrutura do questionário foi definida, desde a concepção, por grupos de variáveis de acordo com os indicadores desejados.

Para os testes de correlação de Spearman foram adotados os intervalos representados na Tabela 3.11, conforme adaptação da classificação de Rowntree, sugerida por Lay e Reis (2005).

Tabela 3.11: Intervalos adotados para a classificação da correlação de Spearman

Intensidade de correlação	Classificação
0,0 a 0,3	Fraca, baixa
0,3 a 0,5	Moderada
0,5 a 0,7	Forte, alta
0,7 a 0,9	Muito forte, muito alta
0,9 a 1	Excepcional

Os dados obtidos nos diversos testes estatísticos foram sintetizados em tabelas e gráficos, sempre que se fez conveniente, para melhor representação dos resultados e compreensão da análise. Os dados com valores de significância iguais ou superiores a 0,05, foram considerados estatisticamente relevantes.

3.5.3.3 Análise sintática

A medição das variáveis sintáticas foi utilizada para avaliar o potencial de movimento nas três áreas de estudo, apoiando análises. O mapa axial da cidade de Porto Alegre utilizado foi construído sobre o levantamento cadastral aerofotogramétrico, pelo professor Décio Rigatti. As medidas sintáticas dos sistemas axiais (*conectividade, controle, profundidade, integração global e integração local, sinergia e inteligibilidade*) foram produzidas a partir do software MINDWALK 1.0, e definidas em termos de mapas axiais (mapa de cores) e gráficos axiais (informação alfanumérica).

Cabe destacar que as medidas sintáticas são endereçadas e calculadas a cada uma das linhas do sistema global (toda a cidade), no entanto, como a investigação proposta trata da análise de áreas selecionadas do contexto urbano, foram produzidos tabelas e mapas parciais dos subsistemas definidos. Além disso, valores de *Sinergia* e da *Inteligibilidade* do sistema foram calculados para cada área, considerando exclusivamente os subsistemas.

3.5.3.4 Análise de Visibilidade

Gráficos de visibilidade foram realizados no programa DEPHTMAP, tendo por objetivo verificar a acessibilidade da habitação social em relação aos espaços do entorno.

A área de análise foi delimitada desde o centro da habitação social, considerando um raio de 400 metros. Edificações que constaram do levantamento físico tiveram suas projeções representadas graficamente, para os demais espaços foram representados apenas os limites dos lotes. Muros altos e pequenas edificações, como chaveiros, pontos de táxi e ônibus e bancas de revista, comida e segurança, também foram adicionados na análise. Árvores não foram consideradas, pois tendo sido graficadas como círculos, não foram reconhecidas no programa que utiliza somente linhas retas.

Os gráficos de visibilidade foram produzidos na resolução de 5 m (grid 5), valor arbitrário definido especialmente em função do tempo de processamento dos dados (em torno de 7 horas para cada área).

Foram analisadas as propriedades *controle* e *controlabilidade*, para medidas locais, e *integração visual*, para medidas globais e produzidos mapas de visibilidade a partir das análises (Turner, 2004).

As propriedades de visibilidade analisadas são definidas a seguir, conforme Turner (2004):

a. *Controle visual* trata de quanto se pode ver a partir de um local. Quanto maior o campo de visibilidade a partir de um lugar, maior o controle visual desse lugar. No entanto, para haver alto controle, os espaços vistos devem, ainda, apresentar pouco acesso visual (controle visual) para outros lugares.

b. *Controlabilidade* trata de áreas que podem ser visualmente observadas de outros pontos do sistema. Quanto mais pontos do sistema observam uma área, maior a sua controlabilidade. Destaca-se que essas áreas bastante visíveis (controláveis) podem, simultaneamente, ter grande acesso visual a outros lugares.

c. *Integração visual* está relacionado com o potencial de movimento. Essa propriedade faz uma adaptação do conceito de integração global aplicado às linhas axiais do sistema. Assim, os campos visuais mais integrados são os que apresentam maior potencial de visualização em comparação aos outros pontos do sistema, tendendo a favorecer maior co-presença e potencial de movimento.

4 ANÁLISE DOS ATRIBUTOS QUE INFLUENCIAM A INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HERETEROGÊNEOS

4.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, são apresentados e analisados os resultados da investigação sobre as relações existentes entre atributos contextuais, atributos composicionais e a intensidade de interação social entre grupos socioeconômicos distintos.

Pressupondo que atributos físico-espaciais do ambiente construído são mais influentes que os atributos socioeconômicos para o favorecimento da interação social entre grupos distintos residentes em áreas urbanas comuns, para cada área de análise é verificado se:

i. Quanto mais a estrutura do ambiente construído apoiar a acessibilidade de atividades e a apropriação dos espaços abertos públicos próximos ao lugar de moradia, maior a probabilidade de interação social (contato) entre os moradores de grupos socioeconômicos distintos, existentes na mesma área.

ii. Quanto maior a semelhança entre a aparência das edificações da habitação social e das edificações da área em geral, maior a probabilidade de interação social (contato) entre os moradores dos dois grupos socioeconômicos.

iii. Quanto mais os equipamentos próximos à residência apoiarem as atividades desejadas e necessárias aos moradores da habitação social e aos moradores do bairro, maior a intensidade de apropriação da área e maior a probabilidade de interação social (contato) entre os dois grupos socioeconômicos.

iv. Quanto menor a percepção de heterogeneidade entre moradores da habitação social e moradores do bairro, maior a semelhança quanto à intensidade de interação social dentro do mesmo grupo de moradores e entre os dois grupos socioeconômicos.

v. Quanto maiores as diferenças quanto à manifestação do comportamento territorial dos moradores dos grupos socioeconômicos distintos, maior a distinção da

imagem dos grupos e a percepção de heterogeneidade e menor o potencial de interação social entre eles.

As 5 hipóteses são exploradas a seguir. Primeiramente, são definidos, para cada área, as características físicas, o padrão comportamental e o perfil composicional dos moradores. Em seguida, as hipóteses são medidas segundo a avaliação do desempenho dos espaços, verificando a influência das variáveis selecionadas na revisão da literatura e explorando os atributos contextuais e composicionais mais efetivos na interação social entre os grupos socioeconômicos distintos.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO E DO PADRÃO COMPORTAMENTAL NO AMBIENTE RESIDENCIAL

Para essa verificação serão realizadas, para cada área de análise, a caracterização do ambiente construído e a descrição do tipo e intensidade de uso.

4.2.1 Área 1: Caracterização do ambiente construído

4.2.1.1 Estrutura fundiária e densidade de edificações na Área 1

A estrutura fundiária da Área 1 é destacada na Figura 4.1, a seguir:

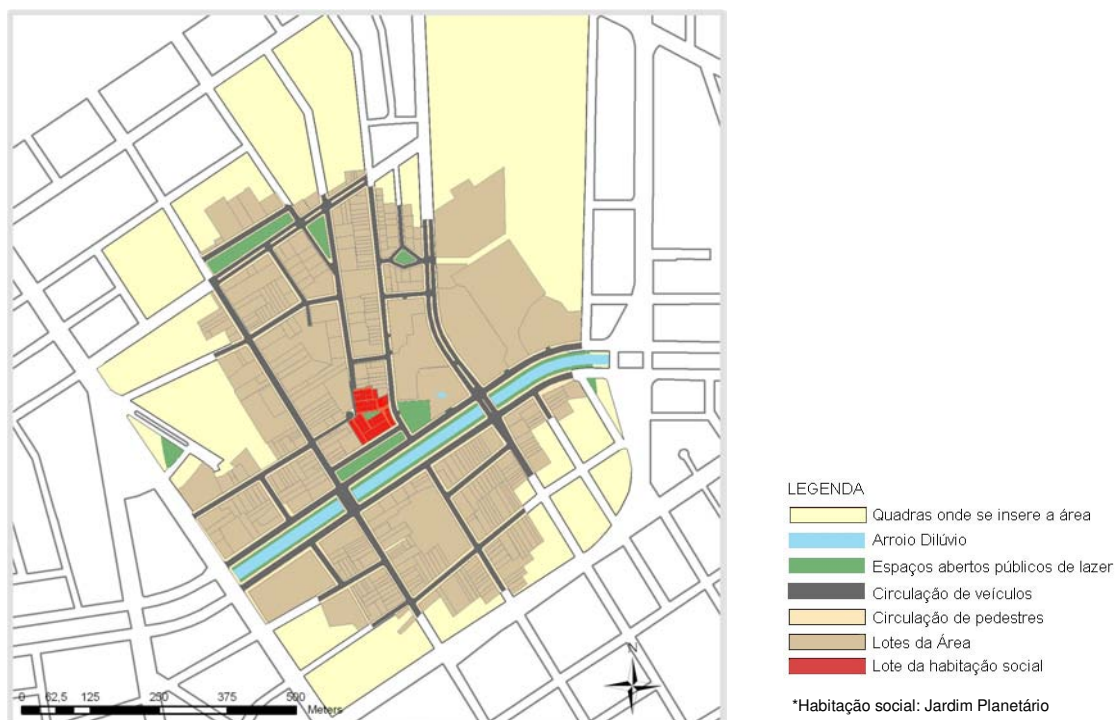


Figura 4.1: Estrutura Fundiária da Área 1

Com 44,41 hectares, a Área 1 apresenta quarteirões de forma e dimensões variadas, os quais propiciam a conexão entre as ruas a cada 1,05ha, em média, conforme verificado na Tabela 4.1:

Tabela 4.1: Quantidade e dimensão dos quarteirões na Área 1

	Quarteirões				Interseções		
	Nº de quarteirões	Perímetro	Perímetro do quarteirão do Jardim Planetário	Área	Área do quarteirão do Jardim Planetário	Nº de interseções	Nº interseções por hectare
Média	41	506,34 m	552,78 m	16097m ²	12160,0m ²	42	1,05
Desvio Padrão		285,79 m		27965m ²			

Nota: Quarteirões que tangenciavam ou interseccionavam o círculo com raio de 400 m foram consideradas para a análise de área

As variações no tamanho dos quarteirões e no número de interseções entre as ruas descrevem diversas opções de deslocamento pela área, influenciando no potencial de contato entre moradores a partir dos trajetos e conexões existentes.

O quarteirão onde se encontra a habitação social apresenta dimensão 32,38% menor que a média observada na Área. Além disso, está adjacente a seis conexões, duas dessas, em especial, junto aos acessos do condomínio (entre as ruas Santa Teresinha e Luiz Manoel e entre as ruas Jacinto Gomes e Olínto de Oliveira). Isso sugere que moradores do Jardim Planetário sejam favorecidos pela maior facilidade de circulação na Área que moradores do bairro.

A área dos lotes (Figura 4.1) apresenta variação de 255% (Tabela 4.2), implicando grandes diferenças no tamanho das edificações (variação de 175%) e nas distâncias entre elas e entre seus acessos (variação de 112%), como destaca a Tabela 4.2. Como consequência, existem possibilidades muito variadas de contato social entre os moradores da área, propiciando diferentes níveis de privacidade devidos à proximidade com as edificações adjacentes.

Tabela 4.2: Diferenças quanto ao tamanho de lotes e edificações da habitação social e do bairro e caracterização dos acessos às edificações na Área 1

	Lotes				Edificações		Acessos				
	Nº total de lotes na área*	Nº lotes por hectare	Área dos lotes de estudo	Área do lotes Jardim Planetário	Área das edificações de estudo	Área das edificações do Jardim Planetário	Nº total de acessos	Nº acessos/hectare	Nº acessos Jardim Planetário ²	Menor distância acessos na Área	Menor distância acessos Jardim Planetário
Média	491	11,05	615,14 m ²	49,5 m ²	260,50 m ²	32,98 m ³	650	14,63 acessos/ha	95 (14,64%)	7,5 m	4,99 m
Desvio Padrão			1570,37 m ²		456,35 m ²	7,06 m ²				8,43 m	0,18 m

Quando comparados valores médios da Área e da habitação social, verificam-se dimensões muito inferiores para o Jardim Planetário: a área dos lotes é 91,95% menor, a das edificações, 87,34% menor e a distância entre os acessos, 33% menor (ver Figura 4.2). O que sugere, em geral, maior potencial de encontros e menor privacidade nos espaços

adjacentes à residência para da habitação social que para moradores do bairro, significando que diferentes padrões de comportamento são favorecidos pela estrutura espacial na Área 1 e junto ao Jardim Planetário.

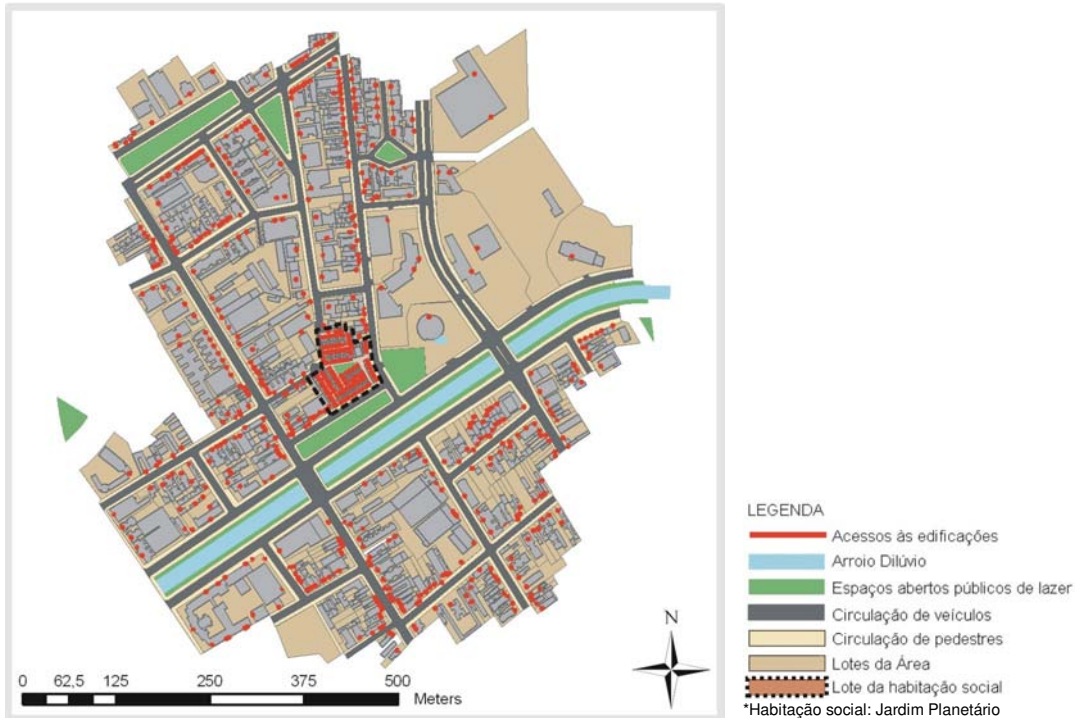


Figura 4.2: Mapa de edificações e localização dos acessos à edificação na Área 1

Considerando as quatro extremidades do conjunto, as distâncias dos acessos entre um grupo socioeconômico e o outro são relativamente pequenas (7,0 m, 16,0 m, 18,0 m e 23,0 m) e assemelham-se às distâncias entre os acessos percebidos na Área em geral. Devido à proximidade, há facilidade de encontros entre os moradores dos dois grupos socioeconômicos e semelhanças no potencial de contato social entre moradores do bairro e entre esses e os moradores do Jardim Planetário.

4.2.1.2 Dinâmica de movimento na Área 1

A figura 4.3 e a Tabela 4.3 destacam as propriedades sintáticas relativas à estrutura espacial da Área 1:

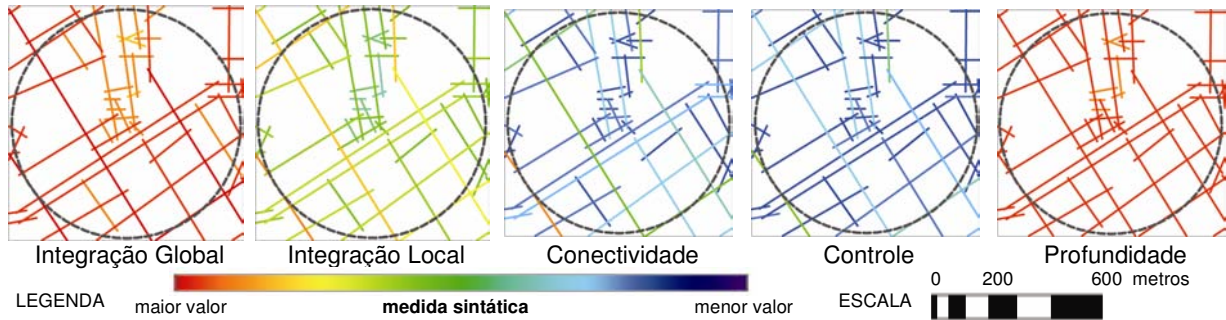


Figura 4.3: Mapas das medidas sintáticas da Área 1

Tabela 4.3: Valores das medidas sintáticas para as ruas da Área 1

Nome da rua	Integração Global	Integração Local	Conectividade	Controle	Profundidade
Praça Dr. J. de A. Bozano	0,4523	1,7857	3	0,6742	7
Praça Dr. J. de A. Bozano	0,4523	1,7857	3	0,6742	7
Acessos internos (ABCD) J. Planetário	0,4532	1,6771	2	0,35	7
Acessos internos (ABCD) J. Planetário	0,4532	1,6771	2	0,35	7
Rua Cel. Luiz C. Moraes	0,4532	1,9687	2	0,1909	7
Rua Luiz Manoel (acesso J. Planetário)	0,4651	2,2761	4	0,6409	6
Rua Delegado Grant	0,4669	2,2018	3	0,4028	6
Travessa Ferreira de Abreu	0,471	2,369	4	1,2292	6
Rua Jacinto Gomes	0,4719	2,6857	11	3,6458	6
Rua Eng. Vespúcio de Abreu	0,4726	2,372	2	0,2292	6
Rua Zaccaro Faraco (UFRGS)	0,473	2,4381	2	0,3718	6
Travessa Borges Fortes	0,4731	2,6204	3	0,6294	6
Rua Santa Teresinha	0,4729	2,6815	10	3,0125	6
Praça M Joaq Queiroz	0,4755	2,3639	2	0,2167	5
Rua Dr. Olinto de Oliveira	0,4756	2,658	6	1,3242	5
Travessa Mario Rigato	0,4768	2,2251	2	0,254	6
Rua Vieira de Castro	0,4772	2,7858	6	0,997	6
Rua Vitória	0,4781	2,2021	2	0,1769	5
Rua Luiz Manoel	0,4803	2,9617	5	0,927	5
Rua Laurindo	0,482	3,0673	6	0,9985	5
Rua Prof. Freitas F. Castro	0,482	3,0767	6	0,8429	5
Rua Leopoldo Bier	0,4859	3,091	9	2,1206	5
Rua Bernardo Pires	0,4862	3,1713	8	1,1885	5
Av. Ipiranga	0,4863	3,1156	6	0,8301	5
Rua Jerônimo de Ornelas	0,4923	3,5677	16	3,4175	5
Rua Gomes Jardim	0,4927	2,9965	10	1,5811	4
Rua Ramiro Barcelos	0,4945	3,6511	26	5,1557	5
Rua Santana	0,4973	3,5456	20	3,1781	4
Av. João Pessoa	0,4975	3,9855	37	7,3338	4
Rua São Luiz	0,5	3,3368	13	2,3524	4
médias	0,476363333	2,67802	7,7	1,509863333	5,533333333
Sinergia do sistema parcial (somente linhas axiais da área)	Inteligibilidade do sistema parcial (somente linhas axiais da área)				
Correlação entre integração global x integração local	0,93421417	Correlação entre conectividade X integração global	0,68067151		

Considerando as medidas globais, a Área apresenta alta *integração global* (R_n) (valor médio: 0,476 – valor alto, considerando o sistema de Porto Alegre) no sistema axial da cidade de Porto Alegre e destaca, quanto à *integração local* (R_n3), a av. João Pessoa e as ruas Ramiro Barcelos, Santana e Jerônimo de Ornelas pela condição de integradoras do sistema local ao sistema global.

Para as medidas locais, os maiores valores de *conectividade* e *controle* também acontecem com os eixos de maior *integração local* identificados anteriormente, destacando a importância dessas vias para acessibilidade e movimentação na Área. Isso pode ser

verificado pela concentração, nesses espaços, de diversos equipamentos, tais como comércio, serviços e transporte coletivo. Os eixos de maior *profundidade*, os acessos internos do Jardim Planetário e a Praça Dr. Júlio Bozano, caracterizam as Áreas mais segregadas do sistema, nas quais podem ser identificados, respectivamente, moradores da habitação social e moradores do bairro.

A compreensão da *inteligibilidade* e da *sinergia*, a partir da existência de eixos mais integrados do sistema global coincidentes com os mais conectados ao sistema local, e em função da existência da maior organização ou hierarquia na malha urbana, pode ser verificada na configuração de um anel a partir dos eixos mais integrados (r. Santana, av. Princesa Isabel, r. São Luiz, av. Ramiro Barcelos e av. Jerônimo de Ornelas), para os menos integrados, permitindo a transição de espaços de maior concentração de atividades para outros mais restritos aos moradores.

Observa-se, contudo, que a localização do Jardim Planetário, nos eixos menos integrados, menos conectados e, também, mais profundos da Área implica a segregação desse espaço, a redução do potencial de co-presença e, conseqüentemente, a menor possibilidade de interação social entre os dois grupos socioeconômicos.

4.2.1.3 Acessibilidade Visual na Área 1

A leitura do mapa fundo-figura (Figura 4.4) destaca a relação entre os espaços abertos e edificados e as diferenças do “grão” do parcelamento fundiário: por um lado, a Área é favorecida pelos espaços abertos públicos de lazer, por outro, a av. Ipiranga



Figura 4.4: Mapa Fundo-Figura da Área 1

determina a divisão da Área em duas partes.

Observando a permeabilidade entre espaços, verifica-se que o Jardim Planetário é limitado por barreiras físicas ou visuais, que o separam da Área: as praças limítrofes, reforçadas pela presença da av. Ipiranga conformam um lado da barreira, enquanto eixos de circulação, com a largura reduzida nas proximidades da habitação social, constituem a outra barreira.

Essas características diminuem a

visibilidade da Área 1 para a habitação social, e vice-versa, e inibem a continuidade dos fluxos de pedestres e veículos entre esses espaços, reduzindo as possibilidades de contato social entre moradores do bairro e da habitação social.

A Figura 4.5 e a Tabela 4.3 destacam a visibilidade do Jardim Planetário em relação à Área 1:

Tabela 4.4: Medidas de visibilidade na Área 1

	Controle Visual	Controlabilidade Visual	Integração Visual
Valor mais baixo na Área 1	0,150	0,010	2,5
Valor mais alto na Área 1	2,0571	0,485	11,67
Circulações internas do Jardim Planetário	0,27	0,016	5,69
Acesso n rua Santa Teresinha	1,07	0,058	6,68
Acesso na rua Luiz Manoel	0,80	0,11	5,08
Acesso na rua Olinto de Oliveira	0,81	0,27	8,47
Esq. Olinto de Oliveira e Jacinto Gomes	1,8	0,27	10,54

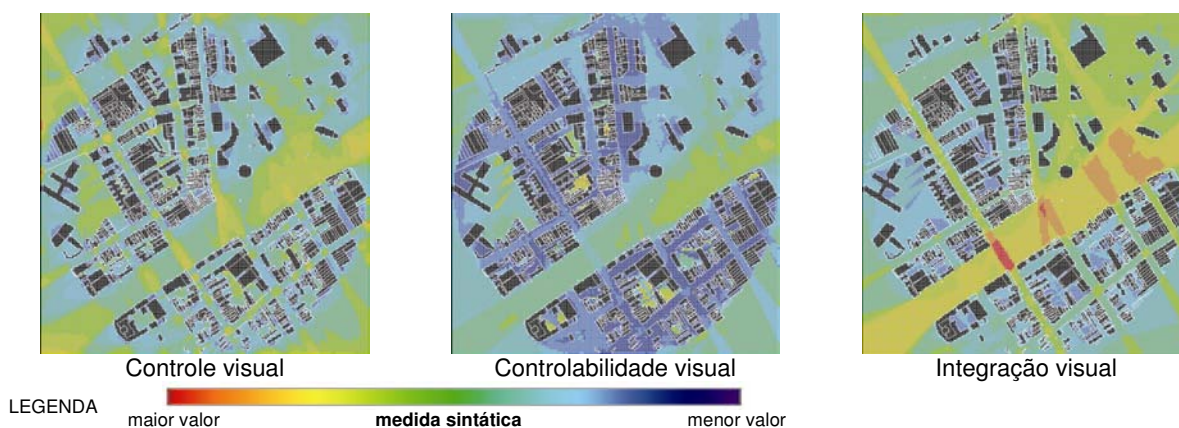


Figura 4.5: Mapas das medidas de visibilidade da Área 1

Valores pequenos de *controle visual* e *controlabilidade visual* nas circulações internas do Jardim Planetário e nos acessos às ruas mais conectadas ao bairro (em direção à rua Santana ou Santa Teresinha) reforçam a baixa acessibilidade visual entre espaços da habitação social e da Área em geral, como identificada no Mapa Fundo-Figura (Figura 4.4). No entanto, valores mais altos de integração visual, identificados na rua Jacinto Gomes, em especial, junto à esquina com a rua Dr. Olinto de Oliveira, implicam em maior potencial de movimento, sugerindo que nessa localização exista maior probabilidade de contato social entre moradores do bairro e da habitação social.

4.2.1.4 Espaços abertos públicos no ambiente residencial na Área 1

A tabela 4.5 apresenta a distribuição dos espaços públicos e privados na Área 1.

Tabela 4.5: Proporções dos espaços públicos e privados na Área 1

	Espaços privados e semiprivados (lotes)	Espaços abertos públicos			
		Espaços públicos de lazer (praças, parques e áreas verdes)	Circulação de pedestres	Circulação de veículos	Arroio Dilúvio
Área (% em relação área total da Área 1)	30,21 ha (68,01%)	1,12 ha (6 praças) (2,50%)	5,29 ha (11,92%)	6,46 ha (14,55%)	1,3 ha (3,01%)
Total		14,20 ha (31,98%)			
		44,41ha			

A maior parte (67,89%) dos espaços abertos públicos da Área é destinada ao deslocamento e às atividades de pedestres, destacando-se, sobretudo, a existência de 6 praças: área de convivência (Jardim Planetário), Praça João Belém e Praça M. Joaquim de Queiroz, Praça João Paulo I (figura 4.6), Praça Del. C. Gadret (Figura 4.7) e Praça Dr. Júlio A. Bozano (Figura 4.8). A habitação social, em especial, tem acessibilidade direta a 3 praças (praças Del. C. Gadret, João Belém e área de convivência do conjunto).



Figura 4.6: Praça João Paulo I: espaço contemplativo



Figura 4.7: Praça Del. C Gadret



Figura 4.8: Praça Dr. Júlio Bozano

Além disso, na caracterização dos espaços de circulação de veículos (Figura 4.9 e Tabela 4.6), identifica-se que grande parte das vias é coletora ou local, o que tende a reforçar as possibilidades de utilização da Área pelos moradores.

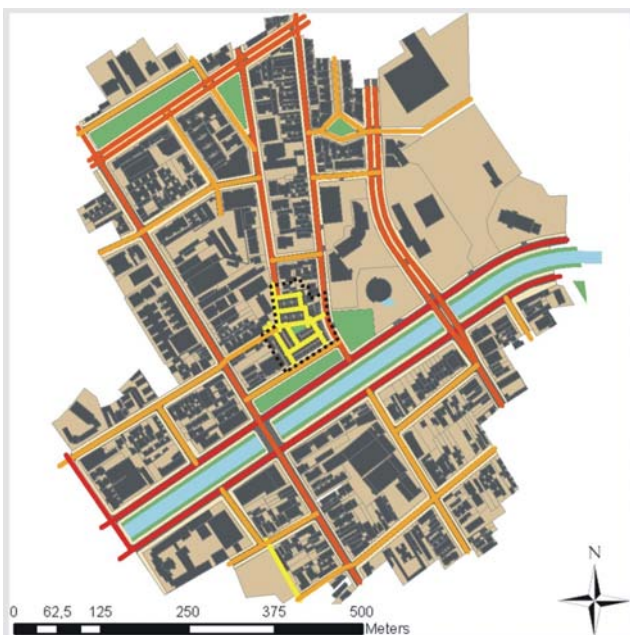


Figura 4.9: Mapa de eixos viários da Área 1

Tabela 4.6: Caracterização dos eixos viários na Área 1

	Via Arterial	Via Coletora	Via Local	Via de Pedestres
Somatório dos eixos viários (% Proporção tipo de via na Área 1)	1708 m (19,6%)	3323 m (38,2%)	3088 m (35,4%)	596 m (6,8%)
Total	8715 m			

Nota: Eixos viários com canteiro central existente foram quantificados como dois eixos.

TIPO DE VIAS
 — arterial
 — coletora
 — local
 — pedestres
 lote da habitação social
 *Habitação social: Jardim Planetário

Destacam-se 4 vias coletoras, as ruas Santana, Jerônimo de Ornelas e Jacinto Gomes e av. Ramiro Barcelos, pois concentram transportes coletivos e comércio, exercendo função importante para a Área, apesar do fluxo relativamente intenso de veículos, em especial, no final da tarde.

O Jardim Planetário, embora próximo a uma via arterial (av. Ipiranga), não parece prejudicado em termos de uso dos espaços abertos adjacentes, em razão da existência de uma via local e de uma praça intermediando o contato direto dessas habitações com o fluxo intenso de veículos.

Apesar disso, como demonstra a Tabela 4.7, a maior parte (65,2%) das calçadas no condomínio é estreita (2,0m), apresentando pior manutenção e pior qualidade de revestimento que as da Área em geral. As calçadas do condomínio são revestidas de pedra Grês ou bloquetes de concreto, estando 85,9% em estado ruim de manutenção. Já as da área de entorno são na maioria revestidas de basalto e apresentam manutenção regular.

Tabela 4.7: Caracterização da largura e manutenção das calçadas na Área 1

	Largura do passeio público ¹			Estado de conservação das Calçadas(%) ¹				
	< 1,5 m	3 m < X > 1,5m	> 3 m	Bom	Regular	Ruim	Precário	Em obra
% em relação ao total da Área 1	2,2%	26,7%	71,2%	6,9%	51,8%	38,2%	2,9%	0,2%

Nota: 1. As percentagens (%) consideradas quanto à largura da calçada são definidas em função do lote lindeiro. As calçadas não foram quantificadas por metro linear ou quadrado, trecho a trecho.

Na diferenciação entre espaços dos moradores do bairro e da habitação social na Área, as piores condições das calçadas do Jardim Planetário (Figura 4.10) tendem a desfavorecer o uso e a circulação junto ao condomínio, em especial por moradores do bairro, influenciando na redução do potencial de encontros nesse local.



Figura 4.10: A falta de manutenção das calçadas no Jardim Planetário



Figura 4.11: Av. Ramiro Barcelos: calçadas largas e arborização



Figura 4.12: Rua Sta Teresinha: calçadas bem mantidas e arborizada intensa

De modo geral, a Área apresenta vegetação arbustiva e árvores de médio e grande porte distribuídas pelas ruas (ver Figura 4.13 e Tabela 4.8). A porção norte, em relação à av. Ipiranga, apresenta maior número de árvores, destacando-se a av. Ramiro Barcelos (Figura 4.11) e as ruas Jerônimo de Ornelas e Santa Teresinha (Figura 4.12). A existência das praças também contribui para a maior arborização da área.



Tabela 4.8: Arborização na Área 1

Nº total de árvores	1245
Nº árvores/ hectare	28,0 árvores /ha

Nota: A vegetação arbustiva não consta desta quantificação, mas foi observada e está representada nos mapas comportamentais.

LEGENDA

- Árvores
 - Arroio Dilúvio
 - Espaços abertos públicos de lazer
 - Circulação de pedestres
 - Lotes da Área
 - Lote da habitação social
- *Habitação social: Jardim Planetário

Figura 4.13: Mapa de arborização na Área 1

Além disso, a Área apresenta variedade de elementos urbanos (utilitários e mobiliário) e de pequenas edificações (por exemplo, Figura 4.14), como demonstra a Tabela 4.9:

Tabela 4.9: Caracterização dos elementos construtivos das calçadas na Área 1

	Iluminação	Utilitários e mobiliários (total: 337)*							Pequenas edificações					
		Correio	Lixeira	Mobiliário	Telefone público	Barreira	Grade-proteção	Semáforo	Banca de comida	Banca de revista	Chaveiro	Guarita de segurança	Parada de ônibus	Ponto de táxi
% em relação ao total da Área 1	261	3 0,9%	35 10,4%	187 55,1%	41 12,2%	47 13,9%	3 0,9%	21 6,2%	1 2,7%	4 10,8%	4 10,8%	7 18,9%	16 43,2%	5 13,5%
Nº de elementos / ha de espaço público	18,4 postes/ha	266 (18,8 utilitários/ha) Favorecem o uso				71 (5 utilitários/ha) Controlam o movimento			37 (2,6 edificações/ha)					

Nota: *Mobiliário representa: bancos, cadeiras, mesas e brinquedos infantis em praças; Barreiras: frades ou similares.



Figura 4.14: Calçadas bem mantidas, telefone público, iluminação e guarita de segurança na av. Ramiro Barcelos



Figura 4.15: Praça Júlio Bozano: calçadas largas e arborização



Figura 4.16: Telefone público, ponto de ônibus, caixa de correio e cadeiras junto ao comércio na av. Santana

A maior parte desses elementos urbanos está relacionada com a realização de algum tipo de uso, favorecendo o potencial de encontros entre moradores que circulam ou utilizam os recursos disponíveis do lugar. Os destaques são feitos para o mobiliário, nas praças (Figura 4.15) e nos passeios junto aos bares (Figura 4.16), e para as pequenas edificações (chaveiros, bancas e ponto de táxi), na av. Jerônimo de Ornelas.

4.2.1.5 Aparência das edificações na Área 1

A maior parte das edificações na Área (Tabela 4.10) apresenta estilo moderno ou contemporâneo, destacando-se, todavia, no lado Norte da av. Ipiranga (Fig. 4.17), a existência de muitos edifícios em estilo protomoderno.



Tabela 4.10: Estilo das edificações na Área 1

	% em relação à área ocupada total
Popular	11%*
Historicista/Eclético	6%
Art Deco/Protomoderno	17%
Modernista/Contemporâneo	46%
Industrial	15%
Sem edificação ou em obra	5%

Nota: (1) Percentagens calculadas em função da área construída e não do n° de edificações; (2) Lotes baldios ou sem edificação foram considerados na área total; (3) * indica características da habitação social.

LEGENDA

Estilo das Edificações

- Terreno baldio
- Popular
- Historicista/Eclética
- Art Deco/Protomoderna
- Modernista/Contemporânea lazer
- Industrial
- Em obra
- Lote da habitação social

Figura 4.17: Mapa de estilo das edificações na Área 1

Algumas ruas apresentam homogeneidade em relação aos estilos (por exemplo, Figura 4.18): na rua Santa Teresinha (Figura 4.19) há predominância de edificações modernas, enquanto na rua Luciana de Abreu e na praça Dr. Júlio Bozano predominam edificações protomodernas. Outras, no entanto, são muito heterogêneas, como a Santana (Figura 4.20) e a Jerônimo de Ornelas, onde existem edificações ecléticas, ladeadas por protomodernas, modernas e contemporâneas.



Figura 4.18: Edificações protomodernas na rua Eng. Vespúcio de Abreu



Figura 4.19: Edifícios modernos na rua Santa Teresinha



Figura 4.20: Edificações historicistas na rua Santana

A edificações na Área são de altura intermediária (Figura 4.21 e Tabela 4.11). Predominam edifícios de 1 a 4 pavimentos, embora aqueles em estilo moderno ou contemporâneo apresentem alturas maiores (5 a 8 pavimentos). Portanto, as ruas mais homogêneas apresentam predominantemente um determinado estilo e uniformidade quanto às alturas.



Figura 4.21: Mapa de altura das edificações na Área 1

Tabela 4.11: Altura das edificações na Área 1

	% em relação à área ocupada total
1 pavimento	20% *
2 pavimentos	18% *
3 pavimentos	14%
4 pavimentos	22%
5 a 8 pavimentos	18%
mais de 10 pavimentos	4%
sem edificação ou em obra	5%

Nota: (1) Percentagens calculadas em função da área construída e não do n° de edificações; (2) Lotes baldios ou sem edificação foram considerados na área total; (3) * indica características da habitação social.

LEGENDA

Altura das edificações

Terreno baldio	7 pavimentos
1 pavimento	8 pavimentos
2 pavimentos	9 pavimentos
3 pavimentos	10 pavimentos
4 pavimentos	11 ou mais pavimentos
5 pavimentos	Em obra
6 pavimentos	Lote da habitação social

Em geral (Figura 4.22 e Tabela 4.12), as edificações estão em condições regulares de manutenção e apresentam padrão de acabamento alto e médio (por exemplo, Figura 4.23): nos revestimentos predominam o reboco alisado com molduras e detalhes sobre as aberturas e as pastilhas cerâmicas, as esquadrias são na maioria em madeira ou em PVC, panos de vidro são utilizados em algumas edificações contemporâneas de escritórios.



Tabela 4.12: Estado de manutenção das edificações na Área 1

	% em relação à área ocupada total
Bom	15%
Regular	61%
Ruim	17%
Precário	2%
sem edificação ou em obra	5%

Nota: (1) Percentagens calculadas em função da área construída e não do n° de edificações; (2) Lotes baldios ou sem edificação foram considerados na área total.

LEGENDA

Estado de conservação das edificações

- Terreno baldio
- Boa
- Regular
- Ruim
- Precária
- Em obra
- Lote da habitação social

Figura 4.22: Mapa de manutenção das edificações na Área 1

As ruas com maior número de edificações em estado ruim ou precário se destacam na Área, em especial em alguns trechos nas ruas Luiz Manoel e Jacinto Gomes (Figura 4.24), no lado Norte da av. Ipiranga, e as ruas Prof. Freitas e Castro e Gomes Jardim, no lado Sul.



Figura 4.23: Edificações com manutenção regular na rua Laurindo



Figura 4.24: Edificações com manutenção ruim na rua Jacinto Gomes



Figura 4.25: Edificações do Jardim Planetário se diferenciam do entorno pelo estilo, altura e manutenção

O Jardim Planetário é caracterizado por casas térreas e sobrados, em estilo popular, com baixo padrão de acabamento, revestimento em reboco alisado sem detalhes construtivos e com aberturas em esquadria metálica (ver Figura 4.25). As edificações apresentam condições ruins ou precárias de manutenção.

As características do conjunto da habitação social, em associação com a homogeneidade da Área, em termos de estilo, altura e manutenção das edificações, destacam as diferenças entre moradores do bairro e da habitação social. As piores condições do Jardim Planetário tendem a desestimular o uso de áreas lindeiras por moradores do bairro, reduzindo o potencial de contato social entre eles e os moradores da habitação social.

4.2.1.6 Usos e equipamentos existentes na Área 1

A Área 1 apresenta diversidade de usos (Tabela 4.13). Os mais freqüentes são as edificações residenciais multifamiliares, os equipamentos de comércio e serviços e as instituições educacionais.

Tabela 4.13: Caracterização dos usos das edificações na Área 1

	Terrenos baldios ou edificações desocupadas	Edificações em obra	Edificações unifamiliares	Edificações unifamiliares c/ comércio e serviço	Edificações multifamiliares	Edificações multifamiliar c/ comércio e serviço	Equipamentos de comércio e serviço	Equipamentos comunitários	Equipamentos educacionais	Equipamentos de lazer cultura/esporte	Equipamentos de saúde	Equipamentos de segurança
N° edificações	11	4	149	41	175	35	75	3	13	1	-	9
% em relação área total construída	3,86%	1,47%	7,52%	3,80%	36,99%	6,09%	19,50%	1,01%	13,26%	0,19%	-	6,32%
Área construída¹	516 (13,89 ha)											

Nota : (1) Terrenos baldios ou ocupados sem edificação foram considerados na sua área total; terrenos com edificação tiveram a área considerada em função da área construída

A presença de escolas de ensino fundamental e médio e de unidades da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) tende a incrementar o número de pessoas na área, intensificando a circulação de pessoas nos espaços abertos públicos adjacentes. Além disso, a proximidade de equipamentos de apoio ao uso residencial (Figura 4.26 e Tabela 4.14), tais como mini-mercados, padarias, farmácias e lancherias e, também, a existência de espaços públicos de lazer (6 praças) incrementa as possibilidades de realização das atividades desejadas em áreas próximas a residência, o que tende a favorecer o uso da área em geral.



Tabela 4.14: Proporção entre os usos diversos e o uso residencial na Área 1

	Área 1	
	N° edifícios	% em relação área total construída
Edificações residenciais	390	57,4%
Equip. exclusivamente de comércio e serviço básico	11	1%
Outros usos	115	41,6%

Nota: (1) Percentagens calculadas em função da área construída e não do n° de edificações; (2) Lotes baldios ou sem edificação

- LEGENDA
- Usos Residencial X Comércio e Serviços básicos
 - Edific. residencial unifamiliar
 - Edific. residencial multi-familiar
 - Edific. resid. uni. c/ comércio e serviços
 - Edific. resid. mult. c/ comércio e serviços
 - Comércio e serviços básicos
 - Outros
 - Lote da habitação social
 - *Habitação social: Jardim Planetário

Figura 4.26: Mapa de uso residência e de comércio e serviços básicos na Área 1

Na parte norte da av. Ipiranga, destacam-se três escolas de ensino fundamental (duas estaduais e uma particular) (por exemplo, figura 4.27), o Campus da Saúde da UFRGS (Figura 4.28), o observatório astronômico Planetário e comércio e serviços básicos distribuídos ao longo das ruas Santana, Jerônimo de Ornelas (Figura 4.29) e, em menor quantidade, na Jacinto Gomes.



Figura 4.27: Colégio Santa Rosa de Lima na rua Santa Teresinha



Figura 4.28: Campus da Saúde da UFRGS



Figura 4.29: Comércio na rua Jerônimo de Ornelas

Na parte sul, destacam-se o Palácio da Polícia, a fábrica das farmácias Panvel (ocupando metade de um quarteirão – Figura 4.30), laboratórios e depósitos aleatoriamente distribuídos, uma escola técnica de saúde na rua São Luiz e comércio e serviços básicos localizados, especialmente, nas ruas Santana (Figura 4.31), Leopoldo Bier e São Luiz.



Figura 4.30: Fábrica da Panvel, na rua Gomes Jardim



Figura 4.31: Comércio e serviços na rua Santana, parte sul da av. Ipiranga



Figura 4.32: Residência do Jardim Planetário com bar e lancheria

No Jardim Planetário, de modo especial, estabelecimentos de comércio (Figura 4.32) foram adaptados nos recuos de jardim ou na parte térrea de algumas edificações. O uso destes é majoritariamente realizado por moradores da habitação social.

4.2.2 Área 1: Apropriação dos espaços abertos e potencial de interação social na vizinhança

4.2.2.1 Atividades realizadas na Área 1

Observações sistemáticas das atividades realizadas nos espaços abertos pelos moradores e usuários em geral foram realizadas e sintetizadas nos dois mapas comportamentais apresentados a seguir (Figuras 4.36 e 4.37 – p. 108 e 109).

De acordo com essas observações e com os questionários realizados na Área 1, ruas, praças e o comércio local são muito utilizados. Dias da semana e de fim de semana apresentam grande movimento de pessoas (Anexo G –Tabela G.1), indicando que a Área é utilizada para circulação e acesso às atividades diárias (trabalho, escola) e para lazer e descanso (uso de praças e calçadas).

Os deslocamentos e as atividades contemplativas, como ficar parado em pé ou sentado, são os usos mais freqüentes (Anexo G –Tabela G.2), tendo sido identificados, principalmente, nos acessos de estabelecimentos comerciais (Figura 4.33) e de edificações residenciais multifamiliares (como o edifício n° 667 na rua Santana) e, ainda, junto a pequenas edificações (ex.: paradas de ônibus, bancas de revista – Figura 4.34). Essas observações corroboram as atividades identificadas nos questionários, similarmente por moradores do bairro e do Jardim Planetário, tais como o hábito de caminhar (83,1%), uso do comércio e dos serviços do bairro (86,2%) e uso das calçadas para conversar com vizinhos (36,9%) (Figura 4.35).



Figura 4.33: Moradores utilizando o comércio na rua Jacinto Gomes



Figura 4.34: O uso do comércio na rua Jerônimo de Ornelas



Figura 4.35: Moradores passeando nas calçadas na rua Laurindo

A variedade de usos observados aponta a diversidade de faixas etárias dos moradores (Anexo G –Tabela G.3). Para atividades como andar de bicicleta e brincar predominam crianças e adolescentes; trabalhos na rua como jardinagem, manutenção de calçadas e vendas ambulantes são, em geral, realizados por adultos; e ficar parado na frente dos edifícios ou em bancos de praça é mais freqüente para adultos e idosos.



LEGENDA

- Lotes da área de análise
- Lote da habitação social
- Espaços públicos de lazer
- Arroio Dilúvio

USO DAS EDIFICAÇÕES

- Edificação residencial uni ou multifamiliar
- Edificação residencial uni ou multifamiliar c/ comércio no térreo
- Equipamento de comércio e serviços
- Equipamentos diversos (comunitário, educação, segurança, saúde)
- Terreno baldio / desocupado / abandonado / em obra

USUÁRIOS

- Crianças
- Adolescentes
- Adultos
- Idosos

ATIVIDADES

- Atividades recreativas (ex.: brincar, jogar bola)
- Ficar parado em pé
- Ficar sentado
- Caminhar/deslocar-se
- Caminhar ou correr (exercício)
- Andar de bicicleta
- Trabalhar (ex.: cuidar jardim, lavar carro, vendedor ambulante)

BARREIRAS FÍSICAS - ESPAÇOS SEMPRIVADOS / PRIVADOS

- Muro baixo
- Muro alto
- Grade ou tela metálica (alta e baixa)

UTILITÁRIOS E MOBILIÁRIO URBANO

- Mobiliário diverso - playground
- Mobiliário diverso - bancos, cadeiras, mesas
- Lixeira
- Poste de eletricidade
- Poste de iluminação
- Semáforo
- Telefone público
- Caixa de correio
- Elementos fixos p/ propaganda
- Frades
- Grade de proteção/contenção

PEQUENAS EDIFICAÇÕES

- Ponto de Táxi
- Ponto de ônibus
- Chaveiro
- Banca de comida
- Banca de revista
- Guarita de segurança

VEGETAÇÃO

- Árvores
- Vegetação arbustiva
- Vasos e elementos decorativos
- Vegetação rasteira

ÁREA 1
 MAPA COMPORTAMENTAL
 SÍNTESE MANHÃS (FIGURA 4.36)



LEGENDA

- Lotes da área de análise
- Lote da habitação social
- Espaços públicos de lazer
- Arroio Dilúvio

USO DAS EDIFICAÇÕES

- Edificação residencial uni ou multifamiliar
- Edificação residencial uni ou multifamiliar c/ comércio no térreo
- Equipamento de comércio e serviços
- Equipamentos diversos (comunitário, educação, segurança, saúde)
- Terreno baldio / desocupado / abandonado / em obra

USUÁRIOS

- Crianças
- Adolescentes
- Adultos
- Idosos

ATIVIDADES

- Atividades recreativas (ex.: brincar, jogar bola)
- Ficar parado em pé
- Ficar sentado
- Caminhar/deslocar-se
- Caminhar ou correr (exercício)
- Andar de bicicleta
- Trabalhar (ex.: cuidar jardim, lavar carro, vendedor ambulante)

BARREIRAS FÍSICAS - ESPAÇOS SEMPRIVADOS / PRIVADOS

- Muro baixo
- Muro alto
- Grade ou tela metálica (alta e baixa)

UTILITÁRIOS E MOBILIÁRIO URBANO

- Mobiliário diverso - playground
- Mobiliário diverso - bancos, cadeiras, mesas
- Lixeira
- Poste de eletricidade
- Poste de iluminação
- Semáforo
- Telefone público
- Caixa de correio
- Elementos fixos p/ propaganda
- Frades
- Grade de proteção/contenção

PEQUENAS EDIFICAÇÕES

- Ponto de Táxi
- Ponto de ônibus
- Chaveiro
- Banca de comida
- Banca de revista
- Guarita de segurança

VEGETAÇÃO

- Árvores
- Vegetação arbustiva
- Vasos e elementos decorativos
- Vegetação rasteira

ÁREA 1
 MAPA COMPORTAMENTAL
 SÍNTESE TARDES (FIGURA 4.37)

A verificação de cadeiras e pessoas paradas em pé nas calçadas (Figura 4.38), em especial nas ruas onde edificações não apresentam recuo de jardim (como nas ruas Jacinto Gomes e Laurindo) e o uso de espaços privados e semiprivados suportam as respostas do questionário (Tabela 4.15) quanto ao hábito de conversar com vizinhos ou simplesmente observar o movimento (36,9% de todos os moradores) e, também, de utilizar os espaços privados e semiprivados em frente às edificações para lazer ou descanso.

Tabela 4.15: Uso dos espaços semiprivados ou semipúblicos por tipo de morador na Área 1

Uso dos espaços privados e semiprivados	Morador do Jardim Planetário	Morador do bairro	Média de atividades ¹	
			Morador do Jardim Planetário	Morador do bairro
Cuidar de jardins	13 (43,3%)	13 (37,1%)	45,72	22,10
Brincadeiras de crianças	23 (76,7%)	11 (31,4%)		
Praticar esportes	13 (43,3%)	13 (37,1%)		
Descansar	26 (86,7%)	16 (45,7%)	U, chi ² =143,500 sig.= 0,000	
Estacionar	10 (33,3%)	9 (25,7%)		
Apenas como circulação	0	13 (37,1%)		
Secar roupa	21 (70%)	0		

Nota: 1. Os valores tratam das médias dos valores ordinais (relativos ao somatório do número de atividades realizadas pelo morador nos espaços privados ou semiprivados, obtidos a partir do teste Mann-Whitney - U). Quanto maior o valor, mais atividades diferentes o morador realiza.

As observações confirmam as diferenças entre os grupos, apontando para maior uso dos espaços adjacentes à residência pelos moradores do Jardim Planetário (Figura 4.39), o que é verificado, especialmente, devido à presença de crianças nas imediações desse conjunto (em frente às residências e nas calçadas próximas) e em função da concentração de adultos no bar no acesso do conjunto, na rua Jacinto Gomes, e no “Redondo” (espaço circular no prolongamento das ruas Santa Teresinha e Luiz Manoel, muito usado pelos moradores da habitação social – Figura 4.40).



Figura 4.38: Moradores do bairro sentados na rua Jacinto Gomes



Figura 4.39: Crianças e adultos em frente à residência - Jardim Planetário



Figura 4.40: Moradores do Jardim Planetário no “redondo”

Na rua Santana, diversos moradores, predominantemente do bairro, realizam corridas e caminhadas e andam de bicicleta, confirmando as repostas dos respondentes quanto ao uso das ruas da Área como local para lazer ou exercício físico (69,2% dos moradores em geral).

A observação dos usos nos espaços públicos de lazer do bairro indica alta concentração de moradores de diversas faixas etárias, sustentando o verificado nos questionários (uso de praças por crianças – 83,1% e uso de praças pelo respondente adulto

– 67,7%). Todavia a identificação de certos ambientes comportamentais implica na separação de atividades de moradores do bairro e do Jardim Planetário (Figura 4.41): a Praça João Belém (Figura 4.42), junto ao Observatório Planetário, é intensamente usada por crianças e adultos do Jardim Planetário, embora, aos fins de semanas pela manhã, moradores do bairro também a utilizem para caminhar; a Praça Del. C. Gadret é utilizada por crianças do Jardim Planetário, especialmente em frente aos acessos do conjunto, e por funcionários de um escritório adjacente (Figura 4.43), para descansar no intervalo do almoço; a Praça Dr. Júlio Bozano, é freqüentada por crianças e funcionários da UFRGS, no turno da manhã, e, à tarde, por crianças, adultos e idosos (exclusivamente moradores do bairro, segundo entrevistas realizadas – Figura 4.44); a Praça Joaquim de Queiroz apresenta moradores da habitação social e do bairro, sendo predominantemente utilizada, no final da manhã, por crianças e jovens quando da saída da escola (Figura 4.45), e, no final da tarde, como circulação para acesso ao supermercado Bird (na rua frontal), local de descanso de funcionários de empresas adjacentes (figura 4.46) e para atividades de lazer de usuários de todas as faixas etárias.



Figura 4.41: Praça central no Jardim Planetário, usada apenas pelos moradores do conjunto



Figura 4.42: Crianças do Jardim Planetário brincando na Praça João Belém



Figura 4.43: Funcionários de um escritório após almoço na Praça Del. C. Gadret



Figura 4.44: Moradores do bairro na Praça Dr. Júlio Bozano



Figura 4.45: Crianças e jovens na Praça Joaquim de Queiroz ao sair da escola



Figura 4.46: Funcionários de um escritório na Praça Joaquim de Queiroz

4.2.2.2 Atividades associativas na Área 1

A participação de atividades associativas não é intensa, estando essas localizadas na Área ou em outros lugares da cidade. Moradores do Jardim Planetário freqüentam a associação de moradores do conjunto, comunidades religiosas ou clubes, poucos (13,3%) não estão engajados em nenhuma comunidade. Ao contrário, muitos moradores do bairro

(48,6%) não realizam nenhuma atividade associativa. As mais comuns, dentre aqueles que as realizam, são as comunidades religiosas e o uso de academias e clubes. A possibilidade de interação entre os dois grupos de moradores nessas atividades é extremamente pequena, apenas em relação às comunidades religiosas, na qual há um local comum de uso entre eles (Igreja São Francisco, no Bairro Santana – Anexo H – Tabela H.1).

4.2.2.3 Interação social entre vizinhos na Área 1

A tabela 4.16 apresenta as diferenças entre moradores do bairro e do Jardim Planetário quanto às dimensões que caracterizam a interação social na Área 1.

Tabela 4.16: Caracterização dos indicadores da interação social na vizinhança por grupo de morador – Área 1

	Médias ordinais ^{1,2}				
	Apoio mútuo na vizinhança	Relacionamento na vizinhança	Ligação com a vizinhança	Laços de amizade na vizinhança	Interação social na vizinhança (indicador geral)
Morador do Jardim Planetário	29,18	30,03	31,68	33,72	29,58
Morador do bairro	36,27	35,54	34,13	32,39	35,93

Nota: 1. Os valores tratam das médias dos valores ordinais (relativos ao somatório das variáveis relacionadas a cada dimensão da interação social, obtidos a partir do teste Mann-Whitney - U). Quanto maior o valor, maior o favorecimento da interação. 2. Não há diferenças estatisticamente significativas entre os moradores, mas as médias indicam tendências no comportamento.

Moradores do bairro tendem a perceber maior apoio e melhores relações sociais na vizinhança e maior ligação com os vizinhos que os moradores do Jardim Planetário, enquanto, estes tendem a ter maior quantidade de laços de amizade na Área.

Tabela 4.17: Associação entre variáveis relacionadas à percepção de apoio mútuo na vizinhança

Associações		Amostra total de respondentes
Satisfação com moradores do bairro e:	Percepção de homogeneidade entre moradores do bairro.	Spearman, $c=0,214$, $sig.=0,003$
	Possibilidade de ter a companhia de vizinhos.	Spearman, $c=0,321$, $sig.=0,000$
	Percepção de amizades na vizinhança	Spearman, $c=0,205$, $sig.=0,004$
Possibilidade de ter a companhia de vizinhos e:	Percepção de amizades na vizinhança	Spearman, $c=0,289$, $sig.=0,000$

Na caracterização do *apoio mútuo na vizinhança* (Tabela 4.17) verifica-se que as três variáveis, *satisfação com os moradores do bairro*, *a possibilidade de ter a companhia de vizinhos quando necessário* e *a percepção de amizades*, estão correlacionadas entre si. Além disso, *a satisfação com os vizinhos* é influenciada pela *percepção de homogeneidade entre moradores*. Isso sugere que a rede de relacionamentos sociais dos moradores na Área 1 é favorecida pelo potencial de suporte afetivo, pela satisfação com os vizinhos e pela percepção de mais semelhanças entre eles.

Para o *relacionamento social na vizinhança* (ver componentes deste indicador na Tabela 3.7 e Anexo F2), há correlação entre a *percepção de desavenças entre vizinhos* e o *sentimento de insegurança* (Spearman, $c.=0,318$, $sig=0,001$). A existência de conflitos entre

vizinhos, portanto, prejudica o contato social na Área, o que ocorre, em especial, entre moradores do Jardim Planetário, para os quais há maior identificação de problemas (barulho e desavenças entre vizinhos) e maior percepção de insegurança.

Na *ligação com a vizinhança* (ver componentes deste indicador na Tabela 3.7 e Anexo F2), o *sentimento de estar em casa*, na Área, correlaciona-se à *satisfação com a própria moradia* (Spearman, $c=0,318$, $\text{sig}=0,001$) e à *percepção de que a Área favorece o contato com amigos ou família* (Spearman, $c=0,318$, $\text{sig}=0,001$). Entre moradores do Jardim Planetário, de modo especial, a percepção de não pertencer à Área e de entender que a moradia em outro lugar da cidade favoreceria o contato com amigos, diminui o sentimento de ligação com a vizinhança.

A caracterização da *interação social* (ver componentes deste indicador na Tabela 3.7 e Anexo F2) da Área 1 não implica, necessariamente, em contato social entre os dois grupos, mas caracteriza o padrão de comportamento social destes. Os moradores da Área, em geral, apresentam comportamentos semelhantes em relação à interação social na vizinhança. Todavia os resultados sugerem que moradores do conjunto percebem maior número de amizades e maior conflito social na Área, enquanto moradores do bairro estão mais satisfeitos e se sentem mais conectados à vizinhança.

4.2.3 Área 2: Caracterização do ambiente construído

4.2.3.1 Estrutura fundiária e densidade de edificações na Área 2

A estrutura fundiária da Área 2 é destacada na Figura 4.47, a seguir:



Figura 4.47: Estrutura Fundiária da Área 2

Com 25,59 hectares, a Área 2 apresenta quarteirões (de formas) retangulares em geral, com áreas que variam em torno de 70,8%. As intersecções entre as ruas acontecem a cada 0,87 hectares, em média, conforme verificado na Tabela 4.18:

Tabela 4.18: Quantidade e dimensão dos quarteirões na Área 2

	Quarteirões				Intersecções		
	Nº de quarteirões	Perímetro	Perímetro do quarteirão do Condomínio dos Anjos	Área	Área do quarteirão do Condomínio dos Anjos	Nº de intersecções	Nº de intersecções por hectare
Média	42	587,47 m	663,08 m	15784,5 m ²	22342,2 m ²	22	0,87
Desvio Padrão		295,53 m		11178,5 m ²			

Nota: Quarteirões que tangenciavam ou intersecionavam o círculo com raio de 400 m foram consideradas para a análise de área

Se comparada à Área 1, a Área 2 apresenta menor número de intersecções entre as ruas e, conseqüentemente, menos opções de deslocamento, reduzindo o potencial de contato entre moradores.

O Condomínio dos Anjos localiza-se num quarteirão caracterizado por cinco conexões com outras ruas, embora apresente dimensões 29% maiores que a média observada na Área. As menores opções de percurso a partir do condomínio (até 400 m de deslocamento), devidas ao menor número de conexões entre as ruas em geral e a maior dimensão do quarteirão da habitação social fizeram da Área 2 a menor das áreas de análise. A redução da área de abrangência desde o Condomínio dos Anjos implica menor potencial de encontros entre moradores da habitação social e moradores do bairro.

A área dos lotes na Área 2 (Figura 4.47) apresenta variação média (50%), implicando maior regularidade na dimensão das edificações e nas distâncias entre os acessos. Isso sugere maior semelhança no potencial de encontros entre moradores na Área e nos níveis de privacidade, devido à proximidade com edificações adjacentes.

Tabela 4.19: Diferenças quanto ao tamanho de lotes e edificações da habitação social e do bairro e caracterização dos acessos às edificações na Área 2

	Lotes			Edificações		Acessos					
	Nº total de lotes na área*	Nº lotes por hectare	Área dos lotes de estudo	Área do lotes Condom. dos Anjos	Área das edificações de estudo	Área das edificações Condomínio dos Anjos	Nº total de acessos	Nº acessos/hectare	Nº acessos Condom. dos Anjos ²	Menor distância acessos na Área	Menor distância acessos Condomínio dos Anjos
Média	321	12,54	490,86 m ²	2961,56 m ²	260,50 m ²	103,075 m ³	382	14,93 acessos/ha	12 (3,14%)	10,41 m	10,07 m
Desvio Padrão			514,96 m ²		456,35 m ²	-				7,08 m	9,87 m

Quando comparados valores médios da Área e da habitação social, conforme a Tabela 4.19, verifica-se para o Condomínio dos Anjos que: a área dos lotes é 6 vezes (600%) maior e a das edificações 60% menor (12 blocos de apartamento).

As edificações da Área e do condomínio (Fig. 4.48) estão afastadas 79,0 metros, diferindo muito das distâncias mínimas observadas em geral e implicando na redução do potencial de encontros entre os dois grupos socioeconômicos.

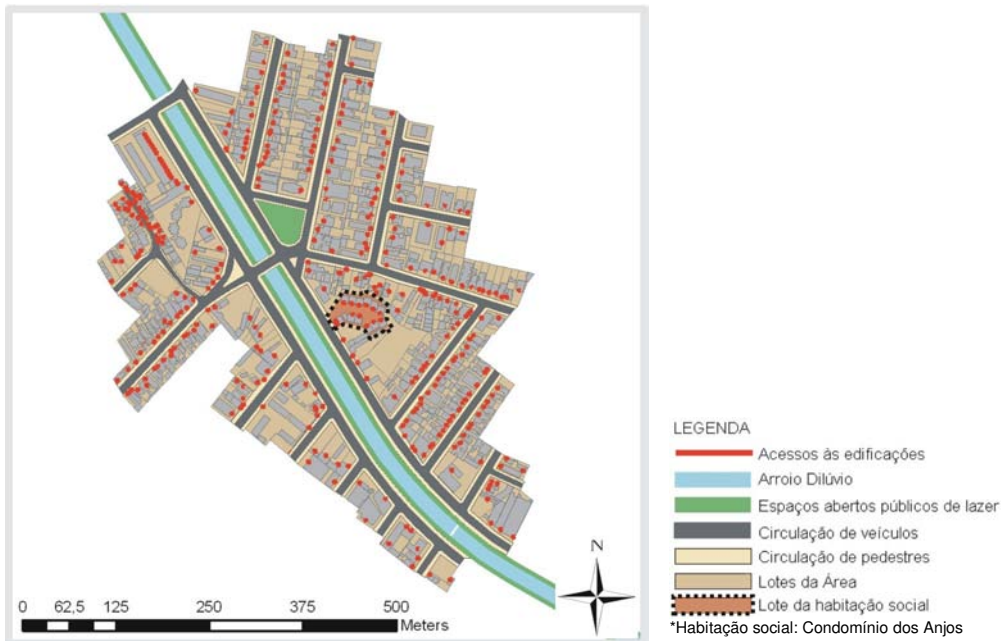


Figura 4.48: Mapa de edificações e localização dos acessos à edificação na Área 2

Além disso, os 12 blocos de apartamentos do condomínio conectam-se a um pátio central que dá acesso à rua, caracterizando uma relação de maior proximidade e menor nível de privacidade entre moradores da habitação social, influenciando um padrão de comportamento distinto para esses moradores e para os moradores do bairro, cujas edificações estão, em geral, diretamente conectada ao espaço da rua.

4.2.3.2 Dinâmica do movimento na Área 2

A figura 4.49 e a Tabela 4.20 destacam as propriedades sintáticas relativas à estrutura espacial da Área 2:

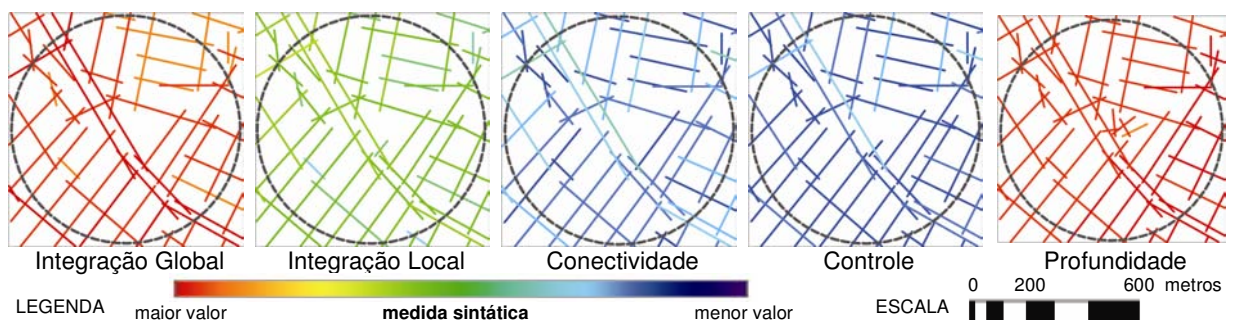


Figura 4.49: Mapas das medidas sintáticas da Área 2

Tabela 4.20: Valores das medidas sintáticas para as ruas da Área 2

Nome da rua	Integração Global	Integração Local	Conectividade	Controle	Profundidade
Rua Dr. Veridiano Farias	0,4534	1,9036	2	0,225	4
Rua Reis Louzada	0,4617	2,1217	3	0,35	4
Rua Itaboraí	0,4631	1,9605	2	0,35	3
Rua João Ribeiro	0,4662	1,8478	2	0,25	4
Acesso pedestre	0,4687	1,4831	2	0,5333	4
Rua Alcebíades C. da Silva	0,4685	1,7797	3	0,5095	3
Rua Eça de Queiroz	0,4731	2,8654	10	2,5667	3
Rua Itaboraí	0,4757	2,2626	4	0,95	2
Rua La Plata	0,4768	2,4601	6	1,125	3
Rua General Tibúrcio	0,4793	2,2001	3	0,3269	4
Rua Machado de Assis	0,4801	2,2539	5	1,2417	2
Rua Livramento (Vila do Sossego)	0,4805	2,0529	1	0,0833	5
Rua Livramento (Vila do Sossego)	0,4805	2,1545	3	0,75	5
Rua Dário Pederneiras	0,4818	2,6824	8	1,9658	3
Rua Veríssimo Rosa (Bairro J. Botânico)	0,4844	2,23	5	1,025	2
Rua La Plata	0,4853	2,3095	5	0,6838	1
Rua Monteiro Lobato	0,4854	2,3017	5	1,05	3
Rua Euclides da Cunha	0,4858	2,6422	6	0,8853	4
Rua Cel. Corte Real	0,487	2,7333	8	1,7853	3
Rua Gonçalves Ledo (Bairro J. Botânico)	0,4875	2,1534	3	0,4436	3
Rua Euclides da Cunha	0,49	2,5109	6	0,8778	3
Rua Evaristo da Veiga	0,4925	2,3213	5	0,7167	3
Rua Machado de Assis	0,4933	2,4922	4	0,5472	2
Rua Luis de Camões	0,4947	2,9086	8	1,2219	3
Rua Gonçalves Ledo (Bairro Partenon)	0,4975	2,7123	6	0,7722	2
Rua Cel. Lucas de Oliveira	0,4994	2,9974	7	0,8762	3
Av. Ipiranga	0,5005	2,9919	13	3,2864	3
Rua Veríssimo Rosa (Bairro Partenon)	0,501	2,6315	5	0,6472	2
Av. Ipiranga	0,502	2,7865	10	2,0364	3
Rua Veador Porto	0,5027	3,2611	12	2,4833	4
médias	0,48328	2,400403333	5,4	1,01885	3,1
Sinergia do sistema parcial (somente linhas axiais da área)		Inteligibilidade do sistema parcial (somente linhas axiais da área)			
Correlação entre integração global x integração local	0,765400598	Correlação entre conectividade X integração global	0,64229363		

Nota: Algumas ruas aparecem duas vezes em função dos diferentes segmentos que as compõem.

Considerando as medidas globais, a Área apresenta alta *integração global* (RN) no sistema axial da cidade, e destaca, quanto à *integração local* (Rn3), eixos que integram o sistema local ao global: na porção leste da av. Ipiranga, as ruas Eça de Queiroz, Dário Pederneiras, Cel. Corte Real e Ce. Lucas de Oliveira; na porção Oeste, as ruas Veador Porto, Cel. Luís de Camões, Gonçalves Ledo e Euclides da Cunha.

Alguns eixos identificados também são importantes em relação às medidas locais, apresentando valores altos de *conectividade* e *controle*, especialmente na porção leste da Ipiranga, onde eixos perpendiculares às avenidas Protásio Alves e Ipiranga definem a acessibilidade à Área. Entretanto, o sistema axial é pouco *profundo*, não havendo a identificação de áreas segregadas (exceto Vila do Sossego) e de certa forma homogêneo.

Valores médios de *sinergia* e *inteligibilidade* caracterizam a menor diferenciação na hierarquia da malha urbana: com exceção da Av. Ipiranga, não há vias mais integradas localmente e globalmente que possam ser destacadas pela concentração de atividades e usos, embora, ruas Euclides da Cunha e La Plata estejam associadas à distribuição principal dos fluxos de veículos.

O Condomínio dos Anjos localiza-se num dos eixos com grande integração global e local e com valores elevados de conectividade e controle. A isso se associa o aumento do potencial de co-presença no lugar, o que favorece o contato social. Todavia, identificadas a importância global desse eixo no sistema axial, sugerindo maior co-presença de “estranhos” (não moradores), as distâncias entre edificações dos dois grupos socioeconômicos da Área e a inexistência de atividades voltadas ao uso residencial nas adjacências do condomínio, verificam-se possibilidades reduzidas de contato social entre moradores do bairro e da habitação social.

4.2.3.3 Acessibilidade Visual na Área 2

A leitura do mapa fundo-figura (Figura 4.50) destaca o parcelamento fundiário homogêneo, a presença da av. Ipiranga, dividindo as duas porções da Área e reduzindo as possibilidades de ligação entre um lado e outro, e os diferentes padrões de traçados que

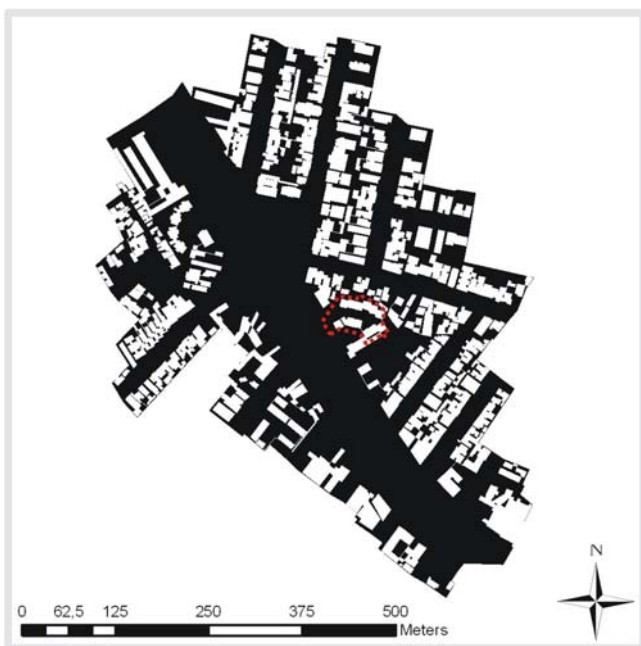


Figura 4.50: Mapa Fundo-Figura da Área 2

se diferenciam marcando o encontro de quatro bairros distintos.

O quarteirão de proporções triangulares (onde se localiza o Condomínio dos Anjos) e a av. Ipiranga, marcam a descontinuidade dos eixos de circulação de veículos e pedestres. Como consequência, há a redução dos fluxos de pedestres das áreas adjacentes em direção ao condomínio, desfavorecendo o contato social entre os moradores do bairro e da habitação social.

Como destacam as Figura 4.51 e a Tabela 4.21, a fachada principal do Condomínio dos Anjos, embora situada em um eixo de alta *integração visual*, está intermediariamente visível (*controlabilidade*) a outros espaços.

Tabela 4.21: Medidas de visibilidade na Área 2

	Controle Visual	Controlabilidade Visual	Integração Visual
Valor mais baixo na Área 2	0,22	0,04	3,30
Valor mais alto na Área 2	2,44	0,35	10,50
Acesso interno do Condomínio dos Anjos	0,77	0,04	4,16
Acesso na av. Ipiranga	1,62	0,26	9,52

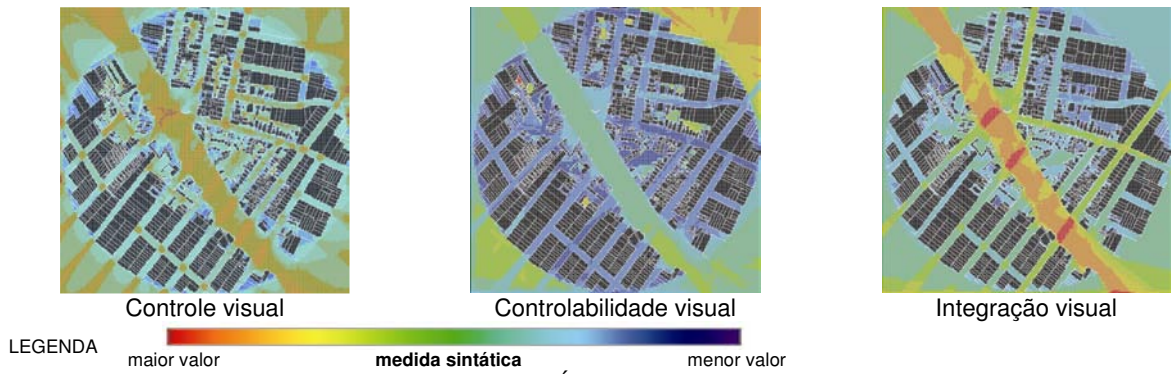


Figura 4.51: Mapas das medidas de visibilidade da Área 2

Essa integração, em geral associada ao maior potencial de co-presença, parece não influenciar o movimento na área devido à impossibilidade do deslocamento na av. Ipiranga através dos espaços de maior acessibilidade visual (cruzamentos da av. Ipiranga com as ruas Evaristo Veiga e Gonçalves Ledo). A exceção é o cruzamento entre as ruas Euclides da Cunha, av. Ipiranga e a Praça Ruy Teixeira, local, que por causa da acessibilidade visual e por permitir a conexão entre as partes leste e oeste do bairro, implica a maior probabilidade de contato social entre moradores do bairro e da habitação social na Área 2.

Além disso, o acesso às edificações do condomínio é realizado (para 11 dos 12 blocos) através de um pátio central, não acessível visualmente à Área, em razão da configuração, sendo usado exclusivamente por moradores da habitação social.

4.2.3.4 Espaços abertos públicos no ambiente residencial na Área 2

A Tabela 4.22 apresenta a distribuição dos espaços públicos e privados na Área 2. Em torno da metade dos espaços abertos públicos da Área estão destinados aos pedestres, existindo apenas uma praça (Praça Ruy Teixeira), que localizada num local acidentado, nos limites do Bairro Petrópolis, favorece o uso apenas na parte mais plana.

Tabela 4.22: Proporções dos espaços públicos e privados na Área 2

	Espaços privados e semiprivados (lotes)	Espaços abertos públicos			
		Espaços públicos de lazer (praças, parques e áreas verdes)	Circulação de pedestres	Circulação de veículos	Arroio Dilúvio
Área (% em relação área total da Área 2)	15,76 ha (61,57%)	0,21 ha (1 praça) (0,82%)	5,29 ha (12,23%)	4,14 ha (16,16%)	2,36 ha (9,21%)
		9,83 ha (38,43%)			
Total		25,59 ha			

A existência de maior quantidade de vias locais (Tabela 4.23) apóia o caráter residencial da área (por exemplo, figura 4.53). Apesar disso, a via arterial (av Ipiranga)

representa isoladamente quase um terço dos espaços de circulação de veículos. O fluxo intenso da av. Ipiranga, somado à presença do Arroio Dilúvio e à baixa frequência de conexões entre um lado e outro da via (Fig. 4.52), reforça a barreira física, inibindo a circulação e o uso de pedestres nessas imediações.



Tabela 4.23: Caracterização dos eixos viários na Área 2

	Via Arterial	Via Coletora	Via Local	Via de Pedestres
Somatório dos eixos viários (% Proporção tipo de via na Área 1)	1521 m (30,4%)	1040 m (20,8%)	2249 m (44,8%)	201 m (4,0%)
Total	5011 m			

Nota: Eixos viários com canteiro central existente foram quantificados como dois eixos.



Figura 4.52: Mapa de eixos viários na Área 2

Dois vias coletoras, as ruas La Plata (Figura 4.54) e Euclides da Cunha (4.55), concentram o maior fluxo de veículos (moderado) nos espaços mais internos da Área. Elas funcionam como um dos importantes pontos de conexão dos bairros próximos com as avenidas Ipiranga e Bento Gonçalves e estão servidas de transporte público, o que tende a incrementar o uso nesses eixos, apesar da maior intensidade de circulação de veículos.



Figura 4.53: Rua Eça de Queiroz, uma das ruas mais arborizadas

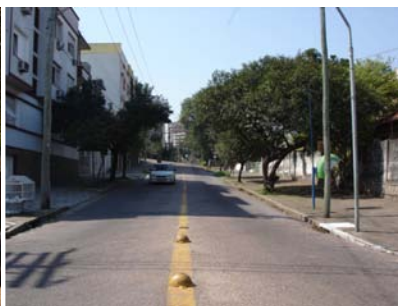


Figura 4.54: Rua La Plata, limite dos bairros Petrópolis e Jardim Botânico



Figura 4.55: Cruzamento ruas Euclides da Cunha e av. Ipiranga

Para o Condomínio dos Anjos, a localização desprivilegiada na av. Ipiranga é, ainda, associada às condições precárias das calçadas adjacentes a leste (Figura 4.56), desde a esquina da rua Gonçalves Ledo.



Figura 4.56: Calçadas adjacentes ao Cond. dos Anjos



Figura 4.57: Condomínio dos Anjos e a precariedade do entorno



Figura 4.58: Calçadas bem mantidas – rua Eça de Queiroz

O passeio em frente ao Condomínio (Figura 4.57) apresenta características semelhantes às que predominam no entorno (por exemplo, 4.58) (ver Tabela 4.24), tais como largura de 4,5 metros, revestimento em basalto e condições regulares de manutenção. Entretanto, o fluxo intenso de veículos da av. Ipiranga e as calçadas lindeiras estreitas (2,5 a 3,0 m) e sem revestimento (areia) desfavorecem o uso dessa face do quarteirão, reduzindo o potencial de encontros entre moradores do bairro e da habitação social.

Tabela 4.24: Caracterização da largura e manutenção das calçadas na Área 2

	Largura do passeio público ¹			Estado de conservação das Calçadas(%) ¹				
	< 1,5 m	3 m < X > 1,5m	> 3 m	Bom	Regular	Ruim	Precário	Em obra
% em relação ao total da Área 2	11,1%	1,9%	87%	15,1%	47,4%	24%	13%	0,3%

Nota: 1. As percentagens (%) consideradas quanto à largura da calçada são definidas em função do lote lindeiro. As calçadas não foram quantificadas por metro linear ou quadrado, trecho a trecho.

A arborização intensa (Figura 4.59 e Tabela 4.25), característica da Área em geral, especialmente nos bairros Petrópolis e Jardim Botânico, não acontece junto à habitação social, favorecendo a visibilidade e possibilitando a identificação das diferenças entre o condomínio e o entorno, principalmente, na associação da imagem do condomínio com a precariedade dos espaços vizinhos.



Figura 4.59: Mapa de arborização na Área 2

Tabela 4.25: Arborização na Área 2

Nº total de árvores	768
Nº árvores/ hectare	30,01 árvores/ha

Nota: A vegetação arbustiva não consta desta quantificação, mas foi observada e está representada nos mapas comportamentais.

LEGENDA

- Árvores
- Arroio Dilúvio
- Espaços abertos públicos de lazer
- Circulação de pedestres
- Lotes da Área
- Lote da habitação social

*Habitação social: Condomínio dos Anjos

Muitos elementos urbanos (utilitários e mobiliário) e pequenas edificações estão presentes na Área (Tabela 4.25), embora apresentem pouca diversidade. As guaritas de segurança, que constituem o elemento mais freqüente nos espaços abertos, não sugerem maior uso pelos moradores. Apesar disso, cadeiras, bancos, mesas e brinquedos infantis, tendem a sugerir a presença de moradores (ou outros usuários) nos lugares em que foram identificados: vários espaços semiprivados ou privados (nos recuos de jardim), nos postos de gasolina adjacentes ao Condomínio dos Anjos, numa edificação à esquina da av. Ipiranga e na Praça Ruy Teixeira.

Tabela 4.26: Caracterização dos elementos construtivos das calçadas na Área 2

	Iluminação	Utilitários e mobiliários (total: 212) *							Pequenas edificações					
		Correio	Lixeira	Mobiliário	Telefone público	Barreira	Grade-proteção	Semáforo	Banca de comida	Banca de revista	Chaveiro	Guarita de segurança	Parada de ônibus	Ponto de táxi
% em relação ao total da Área 2	124	-	49 12,9%	81 24,5%	28 11,7%	42 19,8%	30,8%	93,6%	-	-	-	12 52,2%	10 29,4%	1 4,2%
Nº de elementos/ha de espaço público	4,85 postes/ha	186 (18,9 utilitários/ha) Favorecem o uso				71 (7,22 utilitários/ha) Controlam movimento			23 (2,35 edificações/ha)					

Nota: *Mobiliário representa: bancos, cadeiras, mesas e brinquedos infantis em praças; Barreiras representam: frades ou similares

Dentre todos os elementos construtivos é destaca a presença de uma parada de ônibus quase em frente ao Condomínio dos Anjos, o que representa possibilidade de contato social entre moradores do bairro e da habitação social, apesar da existência de outras paradas mais acessíveis em termos de conexões com a Área em geral.

4.2.3.5 Aparência das edificações na Área 2

A maioria das edificações da Área (Figura 4.63 e Tabela 4.27) apresenta estilo moderno ou contemporâneo. Destaca-se a existência de diferenças entre o lado leste da av. Ipiranga, onde há maior qualidade formal (Figura 4.60), e o lado oeste, onde esta é menor (Figura 4.61).



Figura 4.60: Rua Itaboraí, Bairro Jardim Botânico



Figura 4.61: Edificações na Rua Euclides da Cunha, Bairro Santana/Partenon



Figura 4.62: Área de ocupação irregular, rua La Plata



Figura 4.63: Mapa de estilo das edificações na Área 2

Tabela 4.27: Estilo das edificações na Área 2

	% em relação a área ocupada total
Popular	15%*
Historicista/Eclético	12%
Art Deco/Protomoderno	2%
Moderno/Contemporâneo	55%
Industrial	7%
Sem edificação ou em obra	10%

Nota: (1) Percentagens calculadas em função da área construída e não do n° de edificações; (2) Lotes baldios ou sem edificação foram considerados na área total; (3) * indica características da habitação social.

LEGENDA

Estilo das Edificações

- Terreno baldio
- Popular
- Historicista/Eclética
- Art Deco/Protomoderna
- Modernista/Contemporânea lazer
- Industrial
- Em obra
- Lote da habitação social

Edificações em arquitetura popular, nos lados leste e oeste da avenida, permitem a identificação de algumas áreas de ocupação irregular. Residências de moradores de baixa renda são encontradas na rua La Plata (Figura 4.61), fazendo limite com os fundos do Condomínio dos anjos, e na rua Livramento (Vila do Sossego).

As edificações de 1 e 2 pavimentos (ver Fig. 4.64 e Tabela 4.28), muitas delas casas térreas ou sobrados (Figuras 4.65 e 4.66), reforçam o caráter residencial e a baixa densidade na Área 2.



Figura 4.64: Mapa de altura das edificações na Área 2

Tabela 4.28: Altura das edificações na Área 2

	% em relação à área ocupada total
1 pavimento	43%
2 pavimentos	17%
3 pavimentos	10%*
4 pavimentos	8%
5 a 8 pavimentos	9%
mais de 10 pavimentos	6%
sem edificação ou em obra	9%

Nota: (1) Percentagens calculadas em função da área construída e não do n° de edificações; (2) Lotes baldios ou sem edificação foram considerados na área total; (3) * indica características da habitação social.

LEGENDA

Altura das edificações

- Terreno baldio
- 1 pavimento
- 2 pavimentos
- 3 pavimentos
- 4 pavimentos
- 5 pavimentos
- 6 pavimentos
- 7 pavimentos
- 8 pavimentos
- 9 pavimentos
- 10 pavimentos
- 11 ou mais pavimentos
- Em obra
- Lote da habitação social

O bairro Petrópolis, em relação aos demais bairros, apresenta o maior número de edifícios de uso multifamiliar (Figura 4.67), com alturas superiores a 4 pavimentos. Apesar disso, toda a Área tem apresentado transformações com a inserção de exemplares mais recentes (arquitetura moderna ou contemporânea), em geral, com mais de 8 pavimentos (Figura 4.68).



Figura 4.65: Rua Machado de Assis, casas bem mantidas



Figura 4.66: Edificações residenciais na rua Euclides da Cunha



Figura 4.67: Edificações multifamiliares na rua Dário Pederneiras



Figura 4.68: Rua Eça de Queiroz, a inserção das novas edificações

As edificações, em geral, apresentam condições regulares ou boas de manutenção como mostram a Tabela 4.29 e a Figura 4.69:

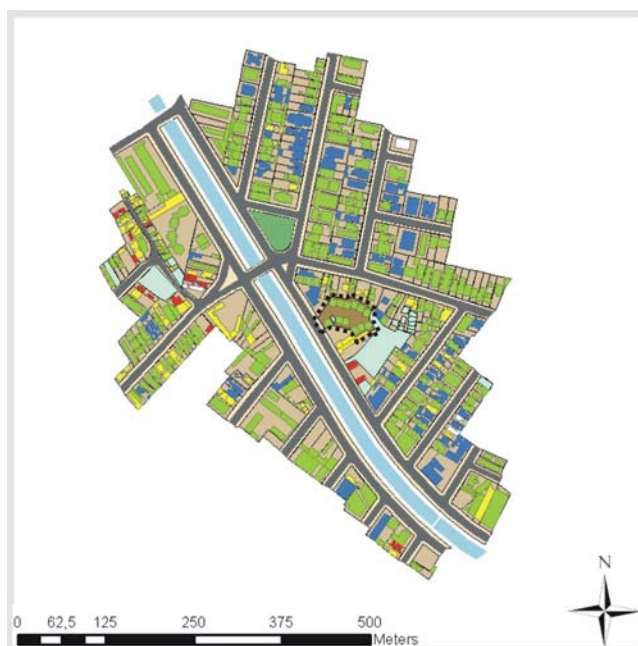


Figura 4.69: Mapa de manutenção das edificações na Área 2

Tabela 4.29: Manutenção das edificações na Área 2

	% em relação à área ocupada total
Bom	20%*
Regular	58%
Ruim	11%
Precário	1%
Sem edificação ou em obra	10%

Nota: (1) Percentagens calculadas em função da área construída e não do n° de edificações; (2) Lotes baldios ou sem edificação foram considerados na área total; (3) * indica características da habitação social.

O padrão de acabamento das construções na Área é alto, em especial no lado leste da av. Ipiranga. Predominam os revestimentos cerâmicos e nas esquadrias, o uso do vidro, da madeira e do alumínio.

As ruas Eça de Queiroz, Dario Pederneiras e Itaboraí são destacadas pela qualidade formal e boa manutenção das edificações. E a av. Ipiranga, na Área, é destacada pela

existência de edificações de baixa qualidade (Figura 4.70), em geral galpões de alvenaria com esquadrias de ferro, com conservação ruim ou regular.

O Condomínio dos Anjos (Figura 4.71) apresenta linguagem formal identificada com a habitação social. É caracterizado por blocos de apartamentos de 3 pavimentos, com revestimento em reboco alisado, detalhes em cerâmica e aberturas com esquadrias metálicas (ferro). As edificações apresentam condições regulares de manutenção.



Figura 4.70: Edificações típicas da av. Ipiranga



Figura 4.71: Vista da fachada do Condomínio dos Anjos



Figura 4.72: Vista do Condomínio dos Anjos e entorno imediato

O elevado padrão construtivo da Área, em geral, considerando os aspectos de estilo, as alturas médias e a manutenção, favorece a diferenciação do Condomínio dos Anjos. Essas diferenças parecem ser acentuadas pela existência de lotes vizinhos ao condomínio com galpões ou estacionamentos em condições ruins ou precárias de manutenção (Figura 4.72).

As piores condições da aparência do Condomínio dos Anjos, reforçadas pelas características do entorno imediato, tendem a inibir o uso dessas áreas por moradores do bairro, reduzindo o potencial de contato social entre eles e os moradores da habitação social.

4.2.3.6 Usos e equipamentos existentes na Área 2

A Área 2, com menor diversidade de usos que as Áreas 1 e 3 (Tabela 4.30), apresenta caráter fortemente residencial.

Tabela 4.30: Caracterização dos usos das edificações na Área 2

	Terrenos baldios ou edificações desocupadas	Edificações em obra	Edificações unifamiliares	Edificações unifamiliares c/ comércio e serviço	Edificações multifamiliares	Edificações multifamiliar c/ comércio e serviço	Equipamentos de comércio e serviço	Equipamentos comunitários	Equipamentos educacionais	Equipamentos de lazer cultura/esporte	Equipamentos de saúde	Equipamentos de segurança
N° edificações	6	1	147	17	95	9	47	4	6	2	-	-
% em relação área total construída	3,61%	0,40%	29,92%	3,76%	29,71%	5,28%	17,80%	1,58%	3,55%	4,40%	-	-
Área construída¹	334 (7,48 ha)											

Nota : (1) Terrenos baldios ou ocupados sem edificação foram considerados na sua área total; terrenos com edificação tiveram a área considerada em função da área construída

Nas vias locais concentram-se edificações residenciais unifamiliares e multifamiliares, enquanto na av. Ipiranga estão localizados, com maior freqüência, os equipamentos de usos comercial ou institucional.



Figura 4.73: Vista da av. Ipiranga



Figura 4.74: Creche particular na Rua Eça de Queiroz



Figura 4.75: Acesso à creche comunitária da ONG Odomode



Figura 4.76: Vista da FEPLAN na av. Ipiranga

Revendas de automóveis, distribuidoras de produtos automotivos, oficinas mecânicas, estacionamentos e postos de gasolina constituem os serviços mais comuns encontrados (Figura 4.73). Todavia, são também identificados, um equipamento religioso (Igreja Divino Mestre), uma escola de samba e seis instituições de ensino, sendo duas creches particulares (Figura 4.74) e duas comunitárias (Figura 4.75), uma escola estadual e um centro educacional – FEPLAN (Figura 4.76).

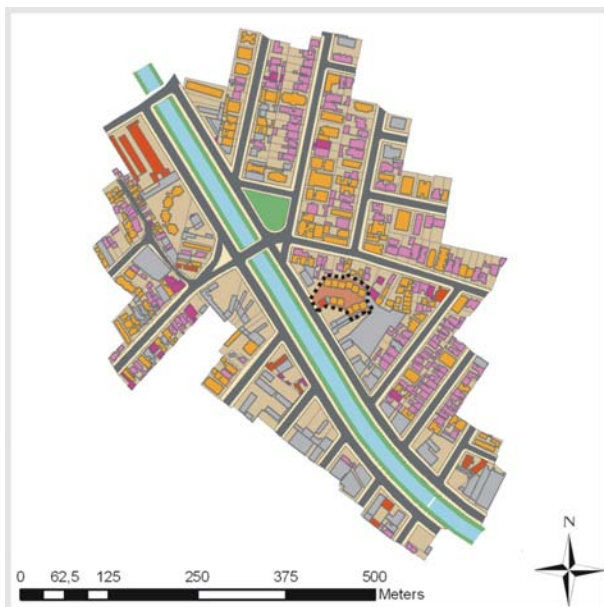


Tabela 4.31: Proporção entre os usos diversos e o uso residencial na Área 2

	Área 1	
	Nº edifícios	% em relação área total construída
Edificações residenciais	265	63,39%
Equip. exclusivamente de comércio e serviço básico	-	-
Outros usos	69	36,61%

Nota: (1) Percentagens calculadas em função da área construída e não do nº de edificações; (2) Lotes baldios ou sem edificação

LEGENDA

- Uso Residencial X Comércio e Serviços básicos
- Edific. residencial unifamiliar
- Edific. residencial multi-familiar
- Edific. resid. uni. c/ comércio e serviços
- Edific. resid. mult. c/ comércio e serviços
- Comércio e serviços básicos
- Outros
- Lote da habitação social

Figura 4.77: Mapa de uso residencial e de comércio e serviços básicos na Área 2

Como mostram a Figura 4.75 e a Tabela 4.31, existem poucos estabelecimentos de apoio ao uso residencial. Em geral, estes estão situados na av. Ipiranga (Figura 4.78), como por exemplo, um edifício residencial com lavanderia, lancheria e videolocadora (Figura

4.79), na esquina da rua Veador Porto, o Condomínio dos Anjos, com um pequeno bar e os postos de gasolina com serviços e pequeno comércio.



Figura 4.78: Ferragem na av. Ipiranga esquina da rua C. Corte Real



Figura 4.79: Comércio na base de um edifício residencial na av. Ipiranga



Figura 4.80: Propriedade do DEP, usada como área de lazer

Além disso, a pouca existência de espaços públicos de lazer tem levado moradores da habitação social a utilizar outros lugares, como por exemplo, um espaço privado e desocupado do DEP (Departamento de esgoto Pluvial), na av. Ipiranga (4.80).

Nota-se, também, que em distâncias superiores aos 400 metros considerados para a área de análise, dentro do raio de 1 quilômetro a partir da habitação social, existem alguns equipamentos de maior porte, como os supermercados Zaffari e Gessepel e o Shopping Bourbon.

4.2.4 Área 2: Apropriação dos espaços abertos e potencial de interação social na vizinhança

4.2.4.1 Atividades realizadas na Área 2

Observações sistemáticas das atividades realizadas nos espaços abertos pelos moradores e usuários em geral foram realizadas e sintetizadas nos dois mapas comportamentais apresentados a seguir (Figuras 4.81 e 4.82 – p. 127 e 128). Questionários e observações confirmam a pouca intensidade de uso das ruas.

A intensidade de movimento revela uma pequena variação durante os dias da semana, indicando redução do número de pessoas aos sábados e domingos (Anexo G – Tabela G.4) e confirmando a menor utilização dos moradores do bairro e do Condomínio dos Anjos durante os fins de semana.

Os usos mais frequentes (Anexo G – Tabela G.5) são os deslocamentos (39,85%), seguidos de trabalhar (17,95% – jardinagem, manutenção das calçadas e atividades de seguranças particulares) e ficar parado em pé (17% – atividade contemplativa).



LEGENDA

- Lotes da área de análise
- Lote da habitação social
- Espaços públicos de lazer
- Arroio Dilúvio

USO DAS EDIFICAÇÕES

- Edificação residencial uni ou multifamiliar
- Edificação residencial uni ou multifamiliar c/ comércio no térreo
- Equipamento de comércio e serviços
- Equipamentos diversos (comunitário, educação, segurança, saúde)
- Terreno baldio / desocupado / abandonado / em obra

USUÁRIOS

- Crianças
- Adolescentes
- Adultos
- Idosos

ATIVIDADES

- Atividades recreativas (ex.: brincar, jogar bola)
- Ficar parado em pé
- Ficar sentado
- Caminhar/deslocar-se
- Caminhar ou correr (exercício)
- Andar de bicicleta
- Trabalhar (ex.: cuidar jardim, lavar carro, vendedor ambulante)

BARREIRAS FÍSICAS - ESPAÇOS SEMPRIVADOS / PRIVADOS

- Muro baixo
- Muro alto
- Grade ou tela metálica (alta e baixa)

UTILITÁRIOS E MOBILIÁRIO URBANO

- Mobiliário diverso - playground
- Mobiliário diverso - bancos, cadeiras, mesas
- Lixeira
- Poste de eletricidade
- Poste de iluminação
- Semáforo
- Telefone público
- Caixa de correio
- Elementos fixos p/ propaganda
- Frades
- Grade de proteção/contenção

PEQUENAS EDIFICAÇÕES

- Ponto de Táxi
- Ponto de ônibus
- Chaveiro
- Banca de comida
- Banca de revista
- Guarita de segurança

VEGETAÇÃO

- Árvores
- Vegetação arbustiva
- Vasos e elementos decorativos
- Vegetação rasteira

ÁREA 2
 MAPA COMPORTAMENTAL
 SÍNTESE MANHÃS (FIGURA 4.81)



LEGENDA

- Lotes da área de análise
- Lote de habitação social
- Espaços públicos de lazer
- Arroio Dilúvio

USO DAS EDIFICAÇÕES

- Edificação residencial uni ou multifamiliar
- Edificação residencial uni ou multifamiliar c/ comércio no térreo
- Equipamento de comércio e serviços
- Equipamentos diversos (comunitário, educação, segurança, saúde)
- Terreno baldio / desocupado / abandonado / em obra

USUÁRIOS

- Crianças
- Adolescentes
- Adultos
- Idosos

ATIVIDADES

- Atividades recreativas (ex.: brincar, jogar bola)
- Ficar parado em pé
- Ficar sentado
- Caminhar/deslocar-se
- Caminhar ou correr (exercício)
- Andar de bicicleta
- Trabalhar (ex.: cuidar jardim, lavar carro, vendedor ambulante)

BARREIRAS FÍSICAS - ESPAÇOS SEMPRIVADOS / PRIVADOS

- Muro baixo
- Muro alto
- Grade ou tela metálica (alta e baixa)

UTILITÁRIOS E MOBILIÁRIO URBANO

- Mobiliário diverso - playground
- Mobiliário diverso - bancos, cadeiras, mesas
- Lixeira
- Poste de eletricidade
- Poste de iluminação
- Semáforo
- Telefone público
- Caixa de correio
- Elementos fixos p/ propaganda
- Frades
- Grade de proteção/contenção

PEQUENAS EDIFICAÇÕES

- Ponto de Táxi
- Ponto de ônibus
- Chaveiro
- Banca de comida
- Banca de revista
- Guarita de segurança

VEGETAÇÃO

- Árvores
- Vegetação arbustiva
- Vasos e elementos decorativos
- Vegetação rasteira

ÁREA 2

MAPA COMPORTAMENTAL
SÍNTESE TARDES (FIGURA 4.82)

O movimento de pessoas é mais intenso no período da tarde (Anexo G – Tabela G.5), especialmente nas atividades como andar de bicicleta (77%), ficar parado em pé (58,8%), deslocamentos (55,3%) e ficar sentado (27,9%). O uso da bicicleta por adultos, como meio de transporte (Figura 4.83), e os deslocamentos estão concentrados na av. Ipiranga. Estes últimos, de modo especial, ocorrem com maior frequência junto às paradas de ônibus (Figura 4.84), nos postos de gasolina, no acesso do Condomínio dos Anjos e perto de equipamentos de comércio nas esquinas das ruas Corte Real e Veador Porto (Figura 4.85).



Figura 4.83: Moradores do bairro caminham na rua Dario Pederneiras



Figura 4.84: Pessoas concentram-se nas paradas de ônibus na av. Ipiranga



Figura 4.85: Moradores usam comércio do edifício na esquina da av. Ipiranga e rua Veador Porto

Moradores da Área (dos dois grupos socioeconômicos) afirmam ter o hábito de caminhar pelas ruas para deslocamentos (86,6%) e exercício físico (47%) e, também, de conversar com vizinhos nas calçadas e frentes dos edifícios (58,2%). Todavia, diferenças marcantes entre os grupos são observadas.

Entre moradores do bairro, a intensidade de movimento é pequena: a maior concentração de pessoas ocorre nos acessos de edificações multifamiliares, as caminhadas de exercício não parecem ser constantes (Figura 4.86) e são muito raras as situações de pessoas conversando nas calçadas, destacando-se, como exceção, a presença dos seguranças particulares (Figura 4.87) e a verificação de maior frequência de uso junto ao acesso das habitações irregulares na rua La Plata.



Figura 4.86: Moradores do bairro caminham na rua Dario Pederneiras



Figura 4.87: Seguranças particulares na rua Corte Real



Figura 4.88: Crianças do Condomínio dos Anjos caminham pela av. Ipiranga



Figura 4.89: Moradores concentrados em frente ao Condomínio dos Anjos

Entre moradores do Condomínio dos Anjos, o movimento é mais intenso: observam-se grupos de jovens e crianças circulando do acesso do condomínio até a esquina da rua Euclides da Cunha, seja para ir à praça Ruy Teixeira ou acessar estabelecimentos comerciais e a escola no lado oeste da av. Ipiranga (Figura 4.88). É comum, também, ver moradores parados, sentados ou em pé, conversando ou brincando em frente aos acessos da edificação (Figura 4.89).

As observações nos espaços semiprivados e privados sustenta a maior intensidade de usos dos moradores do Condomínio dos Anjos em relação aos moradores do bairro, verificada nos questionários, conforme Tabela 4.32:

Tabela 4.32: Uso dos espaços semiprivados ou semipúblicos por tipo de morador na Área 2

Uso dos espaços privados e semiprivados ²	Morador do Condomínio dos Anjos	Morador do bairro	Média de atividades ¹	
			Morador do Condomínio dos Anjos	Morador do bairro
Cuidar de jardins	13 (43,3%)	19 (51,4%)	44,77	25,27
Brincadeiras de crianças	28 (93,3%)	12 (32,4%)		
Praticar esportes	21 (70,0%)	2 (5,4%)	U, chi ² =232,000 sig.= 0,000	
Descansar	22 (73,3%)	19 (51,4%)		
Estacionar	21 (70%)	11 (29,7%)		
Apenas como circulação	1 (3,3%)	8 (21,6%)		
Secar roupa	0	0		

Nota: 1. Os valores tratam das médias dos valores ordinais (somatório do número de atividades realizadas pelo morador nos espaços privados ou semiprivados, obtidos a partir do teste Mann-Whitney - U). Quanto maior o valor, mais atividades diferentes o morador realiza; 2. Foram considerados apenas os espaços de recuo de jardim e passeios junto aos recuos. Salienta-se que entre moradores da habitação social, na Área 2 o pátio central de acesso às edificações é entendido como extensão do espaço semipúblico.

Ocasionalmente podem ser identificados moradores do bairro em frente às suas residências, brincando, conversando ou cuidando do jardim (Figuras 4.90 e 4.91), mas o uso de áreas comuns (acesso e pátio central) do Condomínio dos Anjos, ao contrário, é muito freqüente (por exemplo, Figura 4.92), em especial nos fins de semana, quando moradores colocam cadeiras no pátio e no acesso junto a av. Ipiranga (Figura 4.93) para conversar, tomar chimarrão ou beber cerveja.

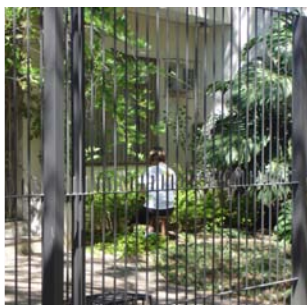


Figura 4.90: Moradora do bairro cuidando do jardim na rua La Plata

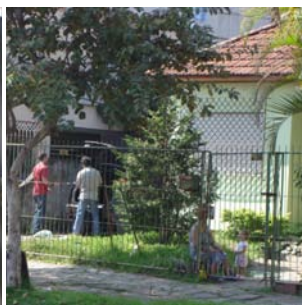


Figura 4.91: Moradores do bairro brincando no recuo de jardim, rua Gonçalves Ledo



Figura 4.92: Crianças brincando no acesso do Condomínio dos Anjos



Figura 4.93: Moradores se reúnem no acesso do Condomínio dos Anjos

Muitos moradores (76,1% para os dois grupos em conjunto) afirmam usar o comércio básico (padarias, lancherias, mini-mercados) da Área, entretanto poucas pessoas foram identificadas carregando sacolas de compras pelas ruas. Indentificaram-se-se apenas

alguns fluxos de moradores do bairro, na rua La Plata, e de moradores do Condomínio dos Anjos, na rua Gonçalves Ledo, possivelmente direcionados para o Supermercado Gessepel, o estabelecimento mais próximo (embora fora dos limites da Área 2). A inexistência de equipamentos próximos pode estar afetando no meio de transporte utilizado, favorecendo o uso do carro, em especial para moradores do bairro.

Predomina a presença de crianças e adolescentes na praça Rui Teixeira (esquina rua Cel. Corte Real – Figura 4.94), confirmando o uso dos espaços públicos de lazer maior entre crianças (59,7% em geral) que entre adultos (47% em geral). Também é observado nos mapas comportamentais mais moradores da habitação social que do bairro, em concordância com as diferenças encontradas quanto às respostas dos questionários que indicam maior uso das praças por crianças ($\chi^2=10,725$, sig=0,005) e adultos ($\chi^2=12,977$, sig=0,002) do Condomínio dos Anjos que do bairro. De modo particular, no turno da manhã há um grupo de babás com algumas crianças do bairro (Figura 4.95) e, no turno da tarde, algumas crianças da habitação social. Por causa do ponto de táxi existente, a praça ainda é usada como descanso desses motoristas.



Figura 4.94: Moradores usam a praça Ruy Teixeira



Figura 4.95: Babas e crianças do bairro deslocam-se em direção à Praça



Figura 4.96: Usuários não moradores no posto de gasolina, rua Gonçalves Ledo

Cabe ressaltar que um número maior de pessoas, em geral não moradores do lugar, concentra-se nos dois postos de gasolina localizados na av. Ipiranga (Figura 4.96), um ao lado do Condomínio do Anjos (habitação social) e outro na esquina com a rua Gonçalves Ledo. Este último, em especial, distribui gás natural, o que parece favorecer, no final da tarde, a identificação de muitos taxistas, abastecendo seus veículos, descansando e conversando no lugar.

4.2.4.2 Atividades associativas na Área 2

A participação de atividades associativas não é intensa, todavia o número de moradores do bairro que realizam alguma delas é maior que nas Áreas 1 e 3. Moradores do Condomínio dos Anjos freqüentam a associação de moradores do conjunto, comunidades

religiosas e clubes; 26,7% deles, no entanto, não estão engajados em nenhuma comunidade. Entre moradores do bairro, as atividades mais comuns são as comunidades religiosas, associações de moradores ou similares e o uso de academias e clubes. A possibilidade de interação entre os dois grupos de moradores nessas atividades é extremamente pequena, apenas a Igreja Divino Mestre, no Bairro Partenon, é local comum de uso entre eles (Anexo H – Tabela H.2).

4.2.4.3 Interação social entre vizinhos na Área 2

A tabela 4.33 apresenta as diferenças entre moradores do bairro e do Condomínio dos Anjos quanto às dimensões que caracterizam a interação social na Área 2.

Tabela 4.33: Caracterização dos indicadores da interação social na vizinhança por tipo de morador – Área 2

	Médias ordinais ^{1,2}				
	Apoio mútuo na vizinhança	Relacionamento na vizinhança	Ligação com a vizinhança	Laços de amizade na vizinhança	Interação social na vizinhança (indicador geral)
Morador do Condomínio dos Anjos	36,03	32,38	30,82	35,87	33,48
Morador do bairro	32,35	35,31	36,58	32,49	34,42

Nota: 1. Os valores tratam das médias dos valores ordinais (relativos ao somatório das variáveis relacionadas a cada dimensão da interação social, obtidos a partir do teste Mann-Whitney - U). Quanto maior o valor, maior o favorecimento da interação. 2. Não há diferenças estatisticamente significativas entre os moradores, mas as médias indicam tendências no comportamento.

Moradores do bairro tendem a perceber melhores relações sociais na vizinhança e maior ligação com os vizinhos que os moradores do condomínio, enquanto, estes tendem a perceber maior apoio mútuo entre vizinhos e a apresentar maior quantidade de laços de amizade na Área (400x400 m, previamente definida conforme metodologia) (Tabela 4.33).

Para o *apoio mútuo na vizinhança* (ver componentes deste indicador na Tabela 3.7 e Anexo F2), a *possibilidade de ter a companhia de vizinhos quando necessário* foi correlacionada com a *satisfação com os moradores da Área* (Spearman, $c=0,430$, $sig=0,00$) e com a *percepção de amizades* (Spearman, $c=0,436$, $sig=0,000$), embora apenas entre moradores do bairro. Semelhante ao encontrado na Área 1, a rede de relacionamentos sociais dos moradores do bairro da Área 2 tende a ser favorecida pelo potencial de suporte afetivo e pela satisfação com os vizinhos.

Para o *relacionamento social na vizinhança* (ver componentes deste indicador na Tabela 3.7 e Anexo F2), há correlação entre a *percepção de desavenças entre vizinhos* e o *sentimento de insegurança* (Spearman, $c=0,417$, $sig=0,001$). Como na Área 1, moradores do bairro identificam menos problemas na vizinhança (barulhos e desavenças entre vizinhos), apresentando melhor relações sociais que moradores do condomínio.

Na caracterização da *ligação com a vizinhança* (ver componentes deste indicador na Tabela 3.7 e Anexo F2), o *sentimento de estar em casa* foi correlacionado à *percepção de que a Área favorece o contato com amigos ou família* (Spearman, $c=0,398$, $sig=0,001$). Esta

associação tende a ser mais forte entre moradores do bairro (Spearman, $c=0,677$, $\text{sig}=0,000$). Identificou-se maior número de respondentes do condomínio que do bairro com o sentimento de não pertencer à Área e de entender que a moradia em outro lugar da cidade favoreceria maior contato com amigos ou família.

A *interação social vizinhança* (ver componentes deste indicador na Tabela 3.7 e Anexo F2) da Área não sugere contato social entre os dois grupos, mas destaca os comportamentos semelhantes entre moradores do condomínio e do bairro em relação à interação social na vizinhança. Os resultados demonstram que moradores do conjunto tendem a apresentar maior número de amizades, sentindo-se mais suportados afetivamente (apóio mútuo) pela vizinhança, enquanto moradores do bairro apresentam melhores relações sociais e maior ligação (identificação) com a vizinhança.

4.2.5 Área 3: Caracterização da estrutura do ambiente construído

4.2.5.1 Estrutura fundiária e densidade de edificações na Área 3

A estrutura fundiária da Área 3 é destacada na Figura 4.97:

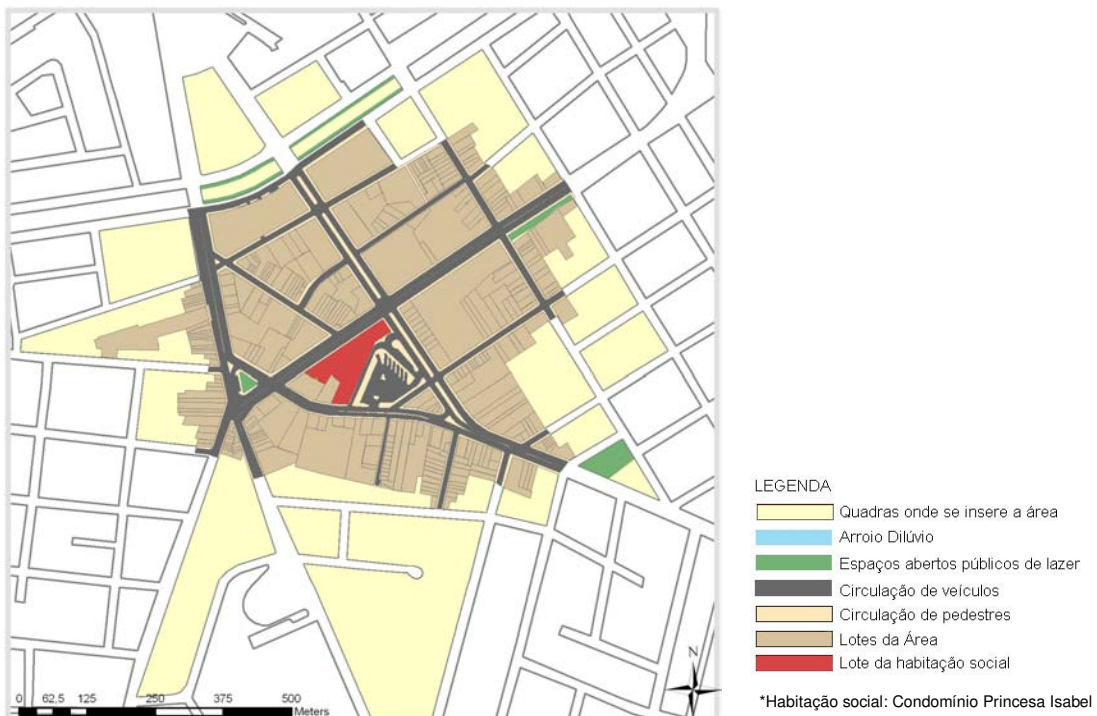


Figura 4.97: Estrutura Fundiária da Área 3

Com 38,30 hectares, a Área apresenta quarteirões de formas diversas, cujas áreas variam em torno de 92%. As intersecções entre as ruas acontecem a cada 0,68 hectares, em média, conforme verificado na Tabela 4.34.

Tabela 4.34: Quantidade e dimensão dos quarteirões na Área 3

	Quarteirões				Intersecções		
	Nº de quarteirões	Perímetro	Perímetro do quarteirão do Condomínio Princesa Isabel	Área	Área do quarteirão do Condomínio Princesa Isabel	Nº de intersecções	Nº de intersecções por hectare
Média	33	567,37 m	518,60 m	18136,7 m ²	11356,5 m ²	26	0,68
Desvio Padrão		303,0 m		16728,2 m ²			

Nota: Quarteirões que tangenciavam ou interseccionavam o círculo com raio de 400 m foram consideradas para a análise de área

A Área 3 apresenta o menor número de intersecções dentre as áreas de análise, implicando menos opções de deslocamento. Apesar disso, o quarteirão onde está localizado o Condomínio Princesa Isabel apresenta dimensões menores (59,7%) que a média da Área, além da existência de intersecções entre ruas junto aos acessos do condomínio. Essas características influenciam a maior abrangência da área (até 400 m de deslocamento) para moradores da habitação social, favorecendo o encontro entre moradores do bairro e da habitação social.

Tabela 4.35: Diferenças quanto ao tamanho de lotes e edificações da habitação social e do bairro e caracterização dos acessos às edificações na Área 3

	Lotes				Edificações		Acessos				
	Nº total de lotes na área*	Nº lotes por hectare	Área dos lotes de estudo	Área do lotes Condom. Princesa Isabel	Área das edificações de estudo	Área das edificações do Condom. Princesa Isabel	Nº total de acessos	Nº acessos/hectare	Nº acessos Condom. Princesa Isabel ²	Menor distância acessos na Área	Menor distância acessos Condom. Princesa Isabel
Média	340	8,87	770,03 m ²	8304,77 m ²	329,71 m ²	822,198 m ³	544	14,20 acessos/ha	12 (0,22%)	7,50 m	8,63
Desvio Padrão			1632,94 m ²		591,55 m ²					172,98 m ²	7,05 m

1. Dos nº total de acessos, 3 são acessos ao Condomínio Princesa Isabel e 9 são às atividades comerciais existentes no térreo do condomínio. Destaca-se que são 30 blocos de apartamento, mas todos com acesso para o pátio interno do conjunto edificado.

Conforme demonstra a Tabela 4.35, a área dos lotes apresenta alta variação (212%): são observados lotes pequenos (mais adequados a unidades residenciais unifamiliares) e lotes grandes ocupados por empresas, equipamentos institucionais e conjuntos residenciais. Portanto, a variação das áreas dos lotes tende a estar implicada na variabilidade da dimensão das edificações (179%) e das distâncias entre os acessos (94%), e, conseqüentemente, em possibilidades muito diferentes de contato social entre os moradores da Área. Dentre as variações, destacam-se os lotes e edificações de grandes dimensões existentes, que implicam a redução do número de acessos privados e de possibilidades de contato entre moradores que circulam pelas ruas, entrando e saindo de suas residências.

As dimensões do lote e das cinco edificações do Condomínio Princesa Isabel são muito superiores aos valores médios identificados na Área. Além disso, embora exista contato com o espaço público (passeio) na extensão de 230 metros, há apenas três acessos (Figura 4.98), um para cada eixo viário adjacente ao condomínio, distantes 29 m, 38 m e 48 m das edificações de moradores da Área.



Figura 4.98: Mapa de edificações e localização dos acessos à edificação na Área 3

Os afastamentos entre moradores do bairro e do Condomínio Princesa Isabel são maiores que as distâncias médias entre os acessos encontradas na Área em geral, diminuindo as possibilidades de encontros entre os dois grupos socioeconômicos. As distâncias entre os acessos (maiores entre grupos distintos e menores dentro do mesmo grupo) parecem favorecer o potencial de contato social dentro de cada grupo socioeconômico, mas tendem a reduzi-lo entre os dois grupos.

4.2.5.2 Dinâmica do movimento na Área 3

A Figura 4.99 e a Tabela 4.36 destacam as propriedades sintáticas relativas à estrutura espacial da Área 3:

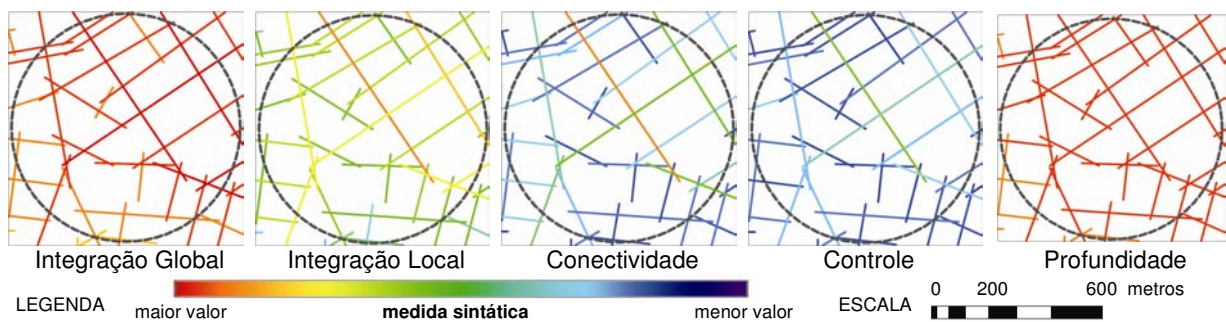


Figura 4.99: Mapas das medidas sintáticas da Área 3

Tabela 4.36: Valores das medidas sintáticas para as ruas da Área 3

Nome da rua	Integração Global	Integração Local	Conectividade	Controle	Profundidade
Rua Delegado Grant	0,4669	2,2018	3	0,4028	6
Av. Prof. Oscar Pereira	0,4717	2,7757	8	2,9173	6
Rua Marcílio Dias	0,4725	3,1017	11	1,6963	6
Rua Pedro Modesto Rampi	0,473	2,0974	2	0,3409	5
Rua General Caldwell	0,473	3,0295	9	1,1874	7
Rua Ramiro D'Ávila	0,4769	2,5714	4	0,7969	6
Praça Princesa Isabel	0,4783	2,5969	3	0,3803	5
Av. Bento Gonçalves	0,48	2,5059	4	0,9831	4
Rua Prof. Freitas F. Castro	0,482	3,0767	6	0,8429	5
Rua Onofre Pires	0,4849	2,9711	3	0,2859	4
Rua Vicente da Fontoura	0,4853	2,6249	4	0,6691	4
Rua Leopoldo Bier	0,4859	3,091	9	2,1206	5
Av. da Azenha	0,4857	3,5176	14	2,3004	5
Av. Ipiranga	0,4863	3,1156	6	0,8301	5
Rua Domingos Crescêncio	0,4921	3,1843	11	2,1317	5
Rua Santana	0,4973	3,5456	20	3,1781	4
Av. João Pessoa	0,4975	3,9855	37	7,3338	4
Rua Vicente da Fontoura	0,4979	3,2987	13	1,8166	4
Av. Princesa Isabel	0,4985	3,4973	17	4,0157	5
Av. Bento Gonçalves	0,4991	3,4564	17	3,454	3
médias	0,48424	3,01225	10,05	1,884195	4,9
Sinergia do sistema parcial (somente linhas axiais da área)		Inteligibilidade do sistema parcial (somente linhas axiais da área)			
Correlação entre integração global x integração local		0,782048846		Correlação entre conectividade X integração global	
		0,669960471			

Considerando as medidas globais, a Área apresenta alta *integração global* (R_n) (valor médio: 0,4874) no sistema axial da cidade de Porto Alegre e destaca, quanto à *integração local* (R_{n3}), as avenidas João Pessoa, Azenha, Princesa Isabel, Bento Gonçalves e rua Santana. Além disso, diversos eixos estão integrados local e globalmente, o que favorece a movimentação de “estranhos” e de moradores na Área.

Os eixos mais integrados são também os mais *conectados* e de maior *controle*, permitindo a diferenciação de eixos de maior potencial de movimento (em especial de “estranhos”) e eixos mais favoráveis ao uso dos moradores (ruas Ramiro D’Ávila, Onofre Pires, Domingos Crescêncio).

O Condomínio Princesa Isabel localiza-se junto aos eixos mais integrados e conectados do sistema e, conseqüentemente, com maior potencial de movimento (“de estranhos” e moradores). Isso implica que o potencial de interação social entre moradores da habitação social e moradores do bairro é favorecido.

4.2.5.3 Acessibilidade Visual na Área 3

A leitura do mapa Fundo-Figura (Figura 4.100) destaca a presença dos eixos viários (que seccionam a Área) e a heterogeneidade do parcelamento fundiário, em especial pela presença de vazios nos quarteirões (que não são espaços públicos de lazer) identificados como áreas semiprivadas ou desocupadas e destinadas ao estacionamento de veículos.



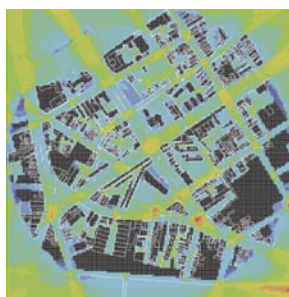
Figura 4.100: Mapa Fundo-Figura da Área 3

O quarteirão do Condomínio Princesa Isabel, de modo especial, é delimitado fortemente por três eixos viários. Esses eixos constituem barreiras à circulação de pedestres e, ao mesmo tempo, destacam a presença da habitação social em relação ao entorno.

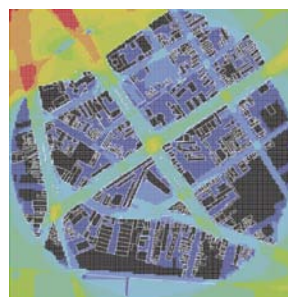
Como demonstram a Figura 4.101 e a Tabela 4.36, os acessos do condomínio estão adjacentes a espaços altamente integrados visualmente, o que favorece o maior potencial de movimento nessas localizações e no perímetro do quarteirão.

Tabela 4.37: Medidas de visibilidade na Área 3

	Controle Visual	Controlabilidade Visual	Integração Visual
Valor mais baixo na Área 3	0,10	0,03	1,96
Valor mais alto na Área 3	2,30	0,27	9,33
Acesso interno do Condomínio dos Anjos	0,68	0,26	3,16
Acesso na av. João Pessoa	0,90	0,14	7,13
Acesso na av. Princesa Isabel	1,22	0,15	7,46
Acesso na av. Bento Gonçalves	0,85	0,09	5,7



Controle visual



Controlabilidade visual



Integração visual

LEGENDA maior valor  medida sintática menor valor

Figura 4.101: Mapas das medidas de visibilidade da Área 3

De modo especial, os acessos nas avenidas João Pessoa e Princesa Isabel estão mais acessíveis visualmente (*controlabilidade*) para moradores da Área que o acesso da avenida Bento Gonçalves. Isso implica que nesses acessos há maior interferência da acessibilidade visual, possibilitando a percepção das diferenças e semelhanças entre os moradores do bairro e da habitação social.

4.2.5.4 Espaços abertos públicos no ambiente residencial na Área 3

A Tabela 4.38 apresenta a distribuição dos espaços públicos e privados na Área 3.

Tabela 4.38: Proporções dos espaços públicos e privados na Área 3

	Espaços privados e semiprivados (lotes)	Espaços abertos públicos			Arroio Dilúvio
		Espaços públicos de lazer (praças, parques e áreas verdes)	Circulação de pedestres	Circulação de veículos	
Área (% em relação área total da Área 3)	25,72 ha (66,54%)	0,58ha (2 praças) (1,44%)	4,46 ha (11,54%)	7,91 ha (20,48%)	-
Total		12,93 ha (33,46%)			
		38,65 ha			

Como na Área 2, metade dos espaços abertos públicos (51,3%) é destinado ao uso de pedestres. Existem duas praças, a Henrique Halpen e a Princesa Isabel (Figura 4.102), ambas localizadas na av. Princesa Isabel. A segunda, em especial, apresenta área reduzida e está no cruzamento de 3 eixos viários importantes, caracterizando o espaço como rótula viária e dificultado fortemente o seu acesso.



Figura 4.102: Praça Princesa Isabel



Figura 4.103: Parada de ônibus - av. João. Pessoa



Figura 4.104: Avenida Azenha, via larga e de fluxo intenso

O impacto dos eixos viários na Área 3 implica a menor presença de usos associativos e de permanência (ficar em pé ou sentado conversando, brincar) nos espaços abertos, pois como demonstram a Figura 4.105 e a Tabela 4.39 (p. 139), a maior parte das vias é arterial. Esses eixos apresentam larguras de aproximadamente 25 metros para faixa de rolamento e fluxo muito intenso de veículos, em especial de ônibus, em decorrência do Terminal João Pessoa e dos corredores para transporte coletivo (ex.: Figura 4.103). Os fluxos mais intensos são destacados nas avenidas Princesa Isabel e Azenha (Figura 4.104).

O condomínio Princesa Isabel é desfavorecido, em termos da apropriação dos espaços públicos adjacentes, em decorrência de estar localizado entre as barreiras conformadas pelas avenidas Princesa Isabel, Bento Gonçalves e João Pessoa e pelo Terminal de ônibus.



Figura 4.105: Mapa de eixos viário na Área 3

Tabela 4.39: Caracterização dos eixos viários na Área 3

	Via Arterial	Via Coletora	Via Local	Via de Pedestres
Somatório dos eixos viários (% Proporção tipo de via na Área 2)	4870 m (62,7%)	627,48 m (8,1%)	2164 m (27,9%)	99 m (1,3%)
Total	7760,48 m			

Nota: Eixos viários com canteiro central existente foram quantificados como dois eixos.

TIPO DE VIAS

- arterial
 - coletora
 - local
 - pedestres
 - lote da habitação social
- *Habitação social: Condomínio Princesa Isabel

Tabela 4.40: Caracterização da largura e manutenção das calçadas na Área 3

	Largura do passeio público ¹			Estado de conservação das Calçadas(%) ¹				
	< 1,5 m	3 m < X > 1,5m	> 3 m	Bom	Regular	Ruim	Precário	Em obra
% em relação ao total da Área 3	7,7%	34,5%	57,7%	8,8%	59,1%	27,9%	3,9%	0,3%

Nota: 1. As percentagens (%) consideradas quanto à largura da calçada são definidas em função do lote lindeiro. As calçadas não foram quantificadas por metro linear ou quadrado, trecho a trecho.

Apesar disso, as calçadas no quarteirão onde está o condomínio apresentam condições de largura (4,5 m) e manutenção (bom estado) superiores as da Área em geral (ver Tabela 4.40). Isso tende a favorecer o deslocamento de moradores e de usuários da cidade nessas imediações, aumentando as possibilidades de contato social, mesmo que passivo, entre moradores da habitação social e moradores do bairro.



Figura 4.106: Mapa de arborização na Área 3

Tabela 4.41: Arborização na Área 3

Nº total de árvores	677
Nº árvores/ hectare	17,68 árvores/ha

Nota: A vegetação arbustiva não consta desta quantificação, mas está representada nos mapas síntese de comportamento.

LEGENDA

- Árvores
 - Arroio Dilúvio
 - Espaços abertos públicos de lazer
 - Circulação de pedestres
 - Lotes da Área
 - Lote da habitação social
- *Habitação social: Condomínio Princesa Isabel

Embora exista arborização em quase todas as ruas (ver Figura 4.106 e Tabela 4.41), a Área 3 é a menos arborizada das áreas de análise. Ruas locais ou coletoras apresentam mais árvores e são mais sombreadas que as arteriais, destacando-se as ruas Domingos Crescêncio (Figura 4.107) e Vicente da Fontoura, pelo sombreamento e caráter mais residencial, e as avenidas Bento Gonçalves e Azenha, pela aridez propiciada pela inexistência de árvores.

A ausência de arborização nos limites do Condomínio, em especial na av. Princesa Isabel (Figura 4.108), favorece a visibilidade do lugar, diferenciando-o da quadra frontal, onde há sombreamento. Isso, no entanto, tende a diminuir com o tempo, já que foram plantadas árvores ao longo de toda a fachada.



Figura 4.107: Rua Domingos Crescêncio, rua arborizada e local



Figura 4.108: Condomínio Princesa Isabel, calçada em boas condições



Figura 4.109: Av. João Pessoa, mobiliário urbano e arborização



Figura 4.110: Bancas de revista na rua Domingos Crescêncio

A Área apresenta diversos elementos urbanos (utilitários, mobiliário e pequenas edificações) distribuídos em todas as vias (Tabela 4.42), em especial nas arteriais (por exemplo, Figuras 4.109 e 4.110).

Tabela 4.42: Caracterização dos elementos construtivos das calçadas na Área 3

	Iluminação	Utilitários e mobiliários (total: 404) *							Pequenas edificações					
		Correio	Lixeira	Mobiliário	Telefone público	Barreira	Grade-proteção	Semáforo	Banca de comida	Banca de revista	Chaveiro	Guarita de segurança	Parada de ônibus	Ponto de táxi
% em relação ao total da Área 3	185	3 0,5%	16 2,5%	130 21%	46 10,2%	164 40,6%	7 1,1%	38 7,8%	7 10,3%	6 4,7%	2 1,6%	18 14,9%	31 30,1%	4 5,6%
Nº de elementos/ha de espaço público	14,3 postes/ha	195 (15,08 utilitários/ha) Favorecem o uso				209 (16,16 utilitários/ha) Controle do movimento			59 (4,56 edificações/ha)					

Nota: *Mobiliário representa: bancos, cadeiras, mesas e brinquedos infantis em praças; Barreiras representam: frades ou similares.

Destacam-se: o número elevado de paradas de ônibus, promovendo maior circulação de pessoas (moradores e “estranhos”), as barreiras (frades e semáforos), controlando o deslocamento nas vias de maior fluxo, e a diversidade de pequenas edificações, favorecendo atividades de maior permanência nos espaços abertos públicos.

Na quadra do condomínio a presença de bares com cadeiras e a existências de muretas que contornam os jardins favorecem a utilização das calçadas, permitindo que as pessoas sentem e realizem atividades associativas e contemplativas, tais como conversar ou ficar parado observando o movimento.

4.2.5.5 Aparência das edificações na Área 3

Na Área 3, predominam edificações de arquitetura moderna ou contemporânea como é destacado na Figura 4.111 e na Tabela 4.43:

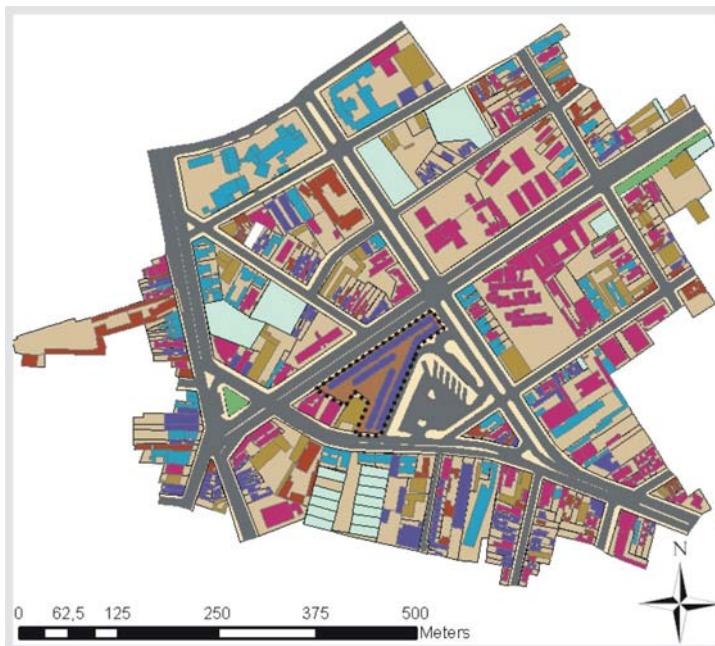


Tabela 4.43: Estilo das edificações na Área 3

	% em relação à área ocupada total
Popular	15%*
Historicista/Eclético	10%
Art Déco/Protomoderno	17%
Moderno/Contemporâneo	31%
Industrial	12%
Sem edificação ou em obra	15%

Nota: (1) Percentagens calculadas em função da área construída e não do n° de edificações; (2) Lotes baldios ou sem edificação foram considerados na área total; (3) * indica características da habitação social.

LEGENDA

Estilo das Edificações

- Terreno baldio
- Popular
- Historicista/Eclética
- Art Deco/Protomoderna
- Modernista/Contemporânea lazer
- Industrial
- Em obra
- Lote de habitação social

Figura 4.111: Mapa de estilos das edificações na Área 3

A variação de estilos (ex.: Figura 4.112) é percebida na presença de casas populares (Figura 4.113), edifícios de pequenas fábricas e depósitos em arquitetura industrial e em edificações multifamiliares nos estilos Art Déco (Figura 4.114) ou moderno, principalmente.



Figura 4.112: Edificações de estilo e alturas variadas na rua Domingos Crescêncio



Figura 4.113: Casas populares na rua Leopoldo Bier



Figura 4.114: Edifício em estilo Art Déco na av. João Pessoa

A maior parte da área construída (Figura 4.115 e Tabela 4.44) apresenta até 2 pavimentos, no entanto, apesar do perfil edificado ter altura predominantemente baixa, a Área é muito heterogênea.



Tabela 4.44: Altura das edificações na Área 3

	% em relação à área ocupada total
1 pavimento	42%
2 pavimentos	27%
3 pavimentos	10%
4 pavimentos	17%*
5 a 8 pavimentos	3%
mais de 10 pavimentos	7%
sem edificação ou em obra	15%

Nota: (1) Percentagens calculadas em função da área construída e não do n° de edificações; (2) Lotes baldios ou sem edificação foram considerados na área total; (3) * indica características da habitação social.

LEGENDA

Altura das edificações

Terreno baldio	7 pavimentos
1 pavimento	8 pavimentos
2 pavimentos	9 pavimentos
3 pavimentos	10 pavimentos
4 pavimentos	11 ou mais pavimentos
5 pavimentos	Em obra
6 pavimentos	Lote da habitação social

Figura 4.115: Mapa de alturas das edificações na Área 3

Observa-se que, em geral, edificações mais recentes (modernas e contemporâneas), localizadas aleatoriamente na Área, apresentam mais de 5 pavimentos. Além disso, em vias arteriais, como as avenidas Bento Gonçalves e Princesa Isabel, há maior variação nas alturas, e em ruas com menor fluxo de veículos concentram-se casas térreas e sobrados.

As condições de manutenção das edificações são muito variadas como mostram a Figura 4.116 e Tabela 4.45:



Tabela 4.45: Manutenção das edificações na Área 3

	% em relação à área ocupada total
Bom	23%
Regular	35%
Ruim	23%
Precário	4%
sem edificação ou em obra	15%

Nota: (1) Percentagens calculadas em função da área construída e não do n° de edificações; (2) Lotes baldios ou sem edificação foram considerados na área total.

LEGENDA

Estado de conservação das edificações

Terreno baldio
Boa
Regular
Ruim
Precário
Em obra
Lote da habitação social

Figura 4.116: Mapa de manutenção das edificações na Área 3

O padrão construtivo na Área 3 é, em geral, inferior ao encontrado nas Áreas 1 e 2. Pichações nas fachadas, lotes e edificações abandonadas, áreas de estacionamento e habitações populares são os locais que mais contribuem para a verificação da pior qualidade de manutenção.

A av. Azenha e a rua Leopoldo Bier são destacadas pela manutenção ruim de suas edificações (Figura 4.117), enquanto a av. Princesa Isabel e as ruas Domingos Crescêncio e Onofre Pires (Figura 4.118), pela existência de edifícios com maior qualidade formal e boa manutenção.



Figura 4.117: Edifícios em frente ao Condomínio Princesa Isabel, na esquina da av. João Pessoa



Figura 4.118: Casas térreas e sobrados na rua Onofre Pires



Figura 4.119: Condomínio Princesa Isabel (esquerda) se assemelha na altura ao entorno imediato

O condomínio Princesa Isabel tem como linguagem formal uma arquitetura de habitação social. Apresenta 4 pavimentos, revestimento em reboco alisado com detalhes em cerâmica e aberturas com esquadrias metálicas (ferro). As edificações apresentam condições boas de manutenção, pois são muito recentes (inauguradas em 2005 e 2006).

As características deste Condomínio, associadas à heterogeneidade da Área, em termos de estilo, altura e manutenção das edificações, favorecem a identificação de semelhanças entre moradores do bairro e da habitação social (Figura 4.119). De modo especial, as boas condições de manutenção e as semelhanças entre o Condomínio Princesa Isabel e o entorno imediato tendem a estimular o uso dessas áreas por moradores do bairro, favorecendo o potencial de contato social entre eles e os moradores da habitação social.

4.2.5.6 Usos e equipamentos existentes na Área 3

Na Área 3 predominam os usos institucionais e comerciais como demonstra a Tabela 4.46, a seguir:

Tabela 4.46: Caracterização dos usos das edificações na Área 3

	Terrenos baldios ou edificações desocupadas	Edificações em obra	Edificações unifamiliares	Edificações unifamiliares c/ comércio e serviço	Edificações multifamiliares	Edificações multifamiliar c/ comércio e serviço	Equipamentos de comércio e serviço	Equipamentos comunitários	Equipamentos educacionais	Equipamentos de lazer cultura/esporte	Equipamentos de saúde	Equipamentos de segurança
N° edificações	5	1	75	31	61	46	124	8	4	-	4	8
% em relação área total construída	3,57%	0,31%	5,77%	3,69%	15,89%	12,46%	35,39%	5,70%	2,14%	-	8,33%	6,75%
Área construída¹	367 (13,22 ha)											

Nota : (1) Terrenos baldios ou ocupados sem edificação foram considerados na sua área total; terrenos com edificação tiveram a área considerada em função da área construída

Os hospitais Ernesto Dorneles e Instituto do Coração (Figura 4.120), o Palácio da Polícia (Figura 4.121), associado com as diversas delegacias e com o Detran (Departamento de Trânsito), o centro comercial da av. Azenha (Figura 4.122) e os equipamentos religiosos (igrejas) são os grandes atratores da Área, contribuindo para o aumento do número de pessoas, especialmente de não moradores, que circulam nas ruas. Depósitos, laboratórios e estacionamentos (Figura 4.123) existentes na Área, também tem impacto sobre o uso da Área, mas ao contrário dos primeiros, tendem a desfavorecer a circulação de pessoas nas suas adjacências.



Figura 4.120: Instituto do Coração



Figura 4.121: Palácio da Polícia



Figura 4.122: Comércio na av. Azenha



Figura 4.123: Estacionamento av. Azenha

A presença de equipamentos atratores e a existência do Terminal João Pessoa implicam no aumento do volume de circulação de veículos específicos, como ambulâncias, carros de polícia, ônibus e caminhões, o que tende a dificultar a circulação de pedestres, inibindo atividades recreativas ou de descanso no espaço público das ruas.

A grande quantidade de estabelecimentos institucionais e de comércio e serviços têm como conseqüência a redução do uso residencial. Em comparação às Áreas 1 e 2, esta é a que apresenta menor freqüência de edificações com este uso (ver Figura 4.124 e Tabela 4.47, a seguir).



Tabela 4.47: Proporção entre os usos diversos e o uso residencial na Área 3

	Área 3	
	Nº edifícios	% em relação área total construída
Edificações residenciais	204	37,87%
Equip. exclusivamente de comércio e serviço básico	34	4%
Outros usos	129	58,13%

Nota: (1) Percentagens calculadas em função da área construída e não do nº de edificações; (2) Lotes baldios ou sem edificação

LEGENDA

- Usos Residencial X Comércio e Serviços básicos
- Edific. residencial unifamiliar
- Edific. residencial multi-familiar
- Edific. resid. uni. c/ comércio e serviços
- Edific. resid. mult. c/ comércio e serviços
- Comércio e serviços básicos
- Outros
- Lote da habitação social

Figura 4.124: Mapa de uso residencial e de comércio e serviços básicos na Área 3

A menor quantidade de uso residencial e, também, a existência de poucos espaços de lazer no bairro (Figura 4.125) tende a reduzir o potencial de contato social entre moradores. Todavia, a presença variada de comércio e serviços básicos, como mini-mercados, padarias, farmácia, fruteiras e lanchonetes, apóiam o uso residencial, possibilitando aos moradores realizarem atividades próximas ao lugar de moradia.



Figura 4.125: Praça Henrique Halpen – av. Princesa Isabel



Figura 4.126: Comércio básico na av. Santana



Figura 4.127: Comércio no térreo do Condomínio Princesa Isabel

Comércio e serviços estão distribuídos pela Área, principalmente, nas avenidas Azenha, Bento Gonçalves e Princesa Isabel e nas ruas Domingos Crescêncio e Ramiro D’Ávila e Santana (Figura 4.126). Também o térreo do Condomínio Princesa Isabel (Figura 4.127) e o quarteirão onde está inserido apresentam diversos estabelecimentos deste tipo, propiciando maior uso desta área pelos moradores, o que aumenta as possibilidades de interação social entre moradores do bairro e da habitação social.

4.2.6 Área 3: Apropriação dos espaços abertos e potencial de interação social na vizinhança

4.2.6.1 Atividades realizadas na Área 3

Observações sistemáticas das atividades realizadas nos espaços abertos pelos moradores e usuários em geral foram realizadas e sintetizadas nos dois mapas comportamentais apresentados a seguir (Figuras 4.128 e 4.129 – p. 147 e 148).

Questionários e observações revelam que o movimento nas ruas é intenso. De modo geral, as observações comportamentais demonstram grande variação na quantidade de usuários durante a semana: sábados e domingos apresentam em torno da metade de usuários identificados em dias úteis (Anexo G – Tabela G.7). Isso parece ser justificado pela concentração de usuários junto aos equipamentos institucionais (Figuras 4.130 e 4.131) e de comércio e às paradas de ônibus, permitindo inferir que muitos dos que freqüentam a área em dias úteis não são moradores.



Figura 4.130: Calçada junto ao Instituto do Coração



Figura 4.131: Colégio Inácio Montanha na av. Azenha

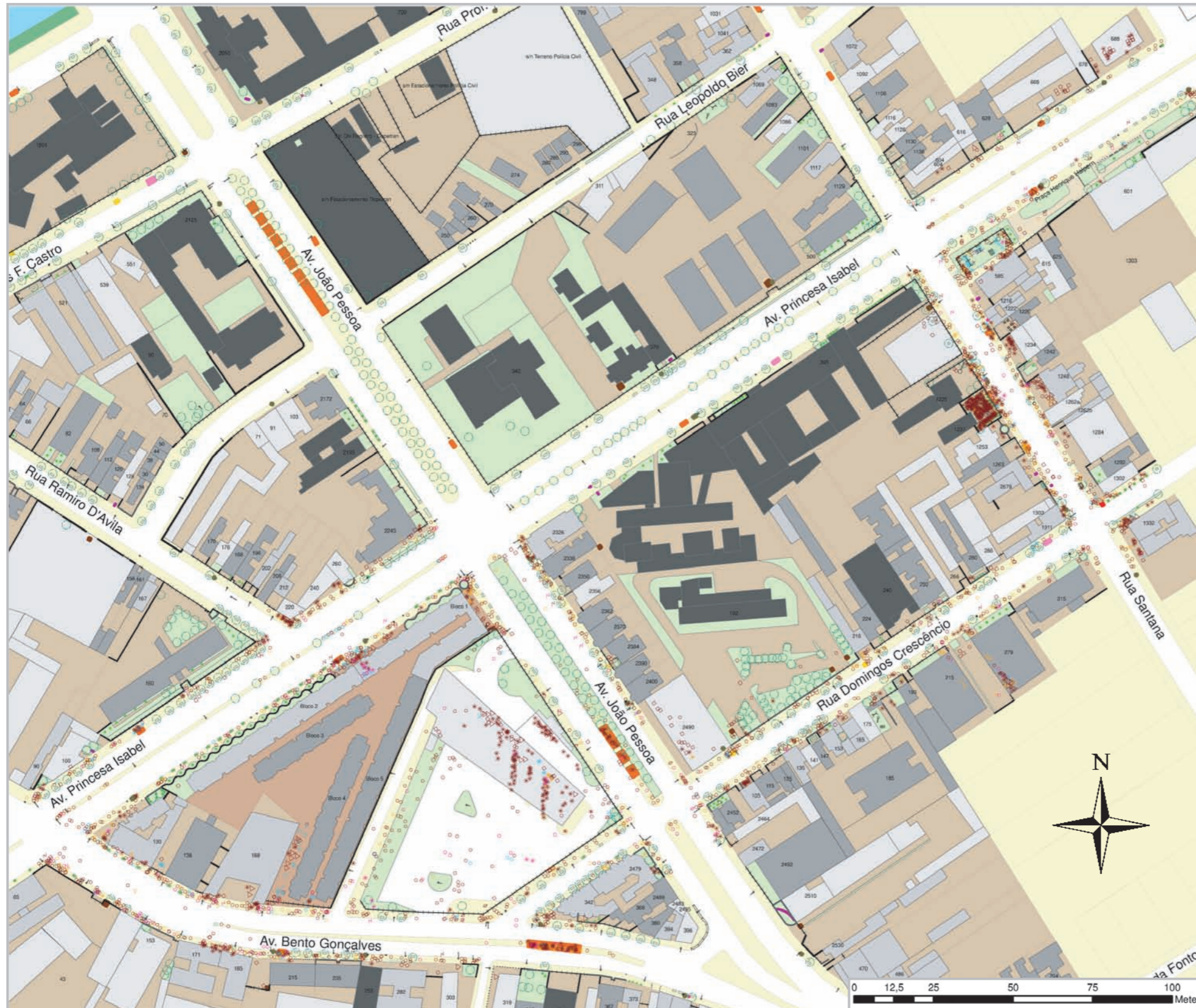


Figura 4.132: Terminal João Pessoa



Figura 4.133: Parada de ônibus na av. Azenha

Os usos mais freqüentes (Anexo G – Tabela G.8) são os deslocamentos e ficar parado em pé. Além disso, semelhante às Áreas 1 e 2, a intensidade de movimento no final das tardes é superior (35,2%) ao movimento das manhãs, estando fortemente associada à presença do Terminal João Pessoa (Figuras 4.132) e das diversas paradas de ônibus (Figuras 4.133), locais para os quais se deslocam grande parte dos fluxos de pedestres, concentrando muitos usuários, moradores e não moradores, à espera de transporte no final do dia de trabalho ou escola.



LEGENDA

- Lotes da área de análise
- Lote da habitação social
- Espaços públicos de lazer
- Arroio Dilúvio

USO DAS EDIFICAÇÕES

- Edificação residencial uni ou multifamiliar
- Edificação residencial uni ou multifamiliar c/ comércio no térreo
- Equipamento de comércio e serviços
- Equipamentos diversos (comunitário, educação, segurança, saúde)
- Terreno baldio / desocupado / abandonado / em obra

USUÁRIOS

- Crianças
- Adolescentes
- Adultos
- Idosos

ATIVIDADES

- Atividades recreativas (ex.: brincar, jogar bola)
- Ficar parado em pé
- Ficar sentado
- Caminhar/deslocar-se
- Caminhar ou correr (exercício)
- Andar de bicicleta
- Trabalhar (ex.: cuidar jardim, lavar carro, vendedor ambulante)

BARREIRAS FÍSICAS - ESPAÇOS SEMPRIVADOS / PRIVADOS

- Muro baixo
- Muro alto
- Grade ou tela metálica (alta e baixa)

UTILITÁRIOS E MOBILIÁRIO URBANO

- Mobiliário diverso - playground
- Mobiliário diverso - bancos, cadeiras, mesas
- Lixeira
- Poste de eletricidade
- Poste de iluminação
- Semáforo
- Telefone público
- Caixa de correio
- Elementos fixos p/ propaganda
- Frades
- Grade de proteção/contenção

PEQUENAS EDIFICAÇÕES

- Ponto de Táxi
- Ponto de ônibus
- Chaveiro
- Banca de comida
- Banca de revista
- Guarita de segurança

VEGETAÇÃO

- Árvores
- Vegetação arbustiva
- Vasos e elementos decorativos
- Vegetação rasteira

ÁREA 3
 MAPA COMPORTAMENTAL
 SÍNTESE MANHÃS (FIGURA 4.128)



LEGENDA

- Lotes da área de análise
- Lote da habitação social
- Espaços públicos de lazer
- Arroio Dilúvio

USO DAS EDIFICAÇÕES

- Edificação residencial uni ou multifamiliar
- Edificação residencial uni ou multifamiliar c/ comércio no térreo
- Equipamento de comércio e serviços
- Equipamentos diversos (comunitário, educação, segurança, saúde)
- Terreno baldio / desocupado / abandonado / em obra

USUÁRIOS

- Crianças
- Adolescentes
- Adultos
- Idosos

ATIVIDADES

- Atividades recreativas (ex.: brincar, jogar bola)
- Ficar parado em pé
- Ficar sentado
- Caminhar/deslocar-se
- Caminhar ou correr (exercício)
- Andar de bicicleta
- Trabalhar (ex.: cuidar jardim, lavar carro, vendedor ambulante)

BARREIRAS FÍSICAS - ESPAÇOS SEMPRIVADOS / PRIVADOS

- Muro baixo
- Muro alto
- Grade ou tela metálica (alta e baixa)

UTILITÁRIOS E MOBILIÁRIO URBANO

- Mobiliário diverso - playground
- Mobiliário diverso - bancos, cadeiras, mesas
- Lixeira
- Poste de eletricidade
- Poste de iluminação
- Semáforo
- Telefone público
- Caixa de correio
- Elementos fixos p/ propaganda
- Frades
- Grade de proteção/contenção

PEQUENAS EDIFICAÇÕES

- Ponto de Táxi
- Ponto de ônibus
- Chaveiro
- Banca de comida
- Banca de revista
- Guarita de segurança

VEGETAÇÃO

- Árvores
- Vegetação arbustiva
- Vasos e elementos decorativos
- Vegetação rasteira

ÁREA 3
 MAPA COMPORTAMENTAL
 SÍNTESE TARDES (FIGURA 4.129)

Apesar do intenso movimento, foi possível identificar moradores da Área em deslocamento com sacolas, desde locais de comércio básico na av. Bento Gonçalves (Figura 4.134) (utilizados intensamente por moradores dos dois grupos socioeconômicos), e nas ruas Domingos Crescêncio (Figura 4.135) e Ramiro D’Ávila, confirmando os questionários quanto ao hábito de caminhar no bairro (deslocamento) (86,6% dos moradores em geral) e de usar o comércio local (85,5% dos moradores em geral).



Figura 4.134: Comércio na av. Bento Gonçalves



Figura 4.135: Comércio na rua Domingos Crescêncio



Figura 4.136: Taxistas na esquina da rua Santana

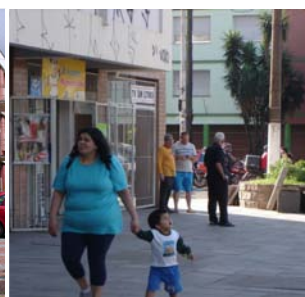


Figura 4.137: Moradores no acesso do Cond. Princesa Isabel na av. João Pessoa

Pessoas caminhando ou correndo (exercícios físicos), conversando com vizinhos junto ao acesso dos edifícios e brincando são também observadas. Todavia, em função das limitações físicas causadas pelo fluxo intenso de veículos, apresentam freqüências de uso menores que os deslocamentos, concordando com as indicações dos respondentes. Estas atividades, visivelmente associadas à existência de cadeiras, mesas ou muretas, tendem a acontecer em locais distintos para moradores do bairro e do Condomínio Princesa Isabel: os moradores do bairro foram identificados caminhando nas ruas Santana e na av. João Pessoa e brincando ou conversando na rua Domingos Crescêncio (Figura 4.136). Os moradores do Condomínio foram observados conversando em frente aos acessos do condomínio (Figura 4.137) e brincando na lateral do Terminal João Pessoa; crianças nas calçadas não foram observadas, conforme descrito por esses moradores nos questionários.

A utilização de espaços semiprivados ou privados em frente às edificações (recuos de jardim) não são freqüentes (Tabela 4.48), de modo especial nas vias arteriais.

Tabela 4.48: Uso dos espaços semiprivados ou semipúblicos por tipo de morador na Área 3

Uso dos espaços privados e semiprivados ²	Morador do Condomínio Princesa Isabel	Morador do bairro	Média de atividades ¹	
			Morador do Condomínio Princesa Isabel	Morador do bairro
Cuidar de jardins	4 (12,9%)	11 (35,5%)	27,79	35,21
Brincadeiras de crianças	2 (6,5%)	4 (12,9%)		
Praticar esportes	0	1 (3,2%)	27,79	35,21
Descansar	9 (29,0%)	11 (35,5%)		
Estacionar	0	7 (22,6%)	27,79	35,21
Apenas como circulação	22 (71%)	12 (38,7%)		
Secar roupa	0	1 (3,2%)	Não significativa	

Nota: 1. Os valores tratam das médias dos valores ordinais (relativos ao somatório do número de atividades realizadas pelo morador nos espaços privados ou semiprivados), obtidos a partir do teste Mann-Whitney - U). Quanto maior o valor, mais atividades diferentes o morador realiza. 2 Foram considerados apenas os espaços de recuo de jardim e passeios junto aos recuos, áreas semiprivadas internas ao Condomínio Princesa Isabel não foram consideradas.

É possível identificar moradores do bairro descansando e conversando com vizinhos (Figura 4.138 e Figura 4.139) e crianças brincando nos recuos de jardim de ruas como Domingos Crescêncio, Santana e Ramiro D'Ávila.



Figura 4.138: Uso nos espaços semiprivados de um edifício da Área



Figura 4.139: Moradores conversando na rua Domingos Crescêncio



Figura 4.140: Jovens junto ao acesso do Condomínio Princesa Isabel



Figura 4.141: Uso nos espaços semiprivados do Condomínio Princesa Isabel

Poucos moradores do Condomínio Princesa Isabel podem ser observados conversando nos acessos (Figura 4.140), confirmando os questionários quanto à intensidade de uso nesses lugares. A maioria utiliza áreas de convívio do condomínio (Figura 4.141), sem contato com a rua, exceto na av. Bento Gonçalves, onde há jardins e uma circulação de veículos, na qual moradores colocam cadeiras e crianças brincam. A ausência de espaços em frente às edificações, protegidos por grades ou muros, deve estar limitando esse uso, principalmente se compararmos esse condomínio a outros dois edifícios na av. Princesa Isabel, onde há jardins e grades nos limites do lote, e taludes em torno de 1 m a 1,5 m entre o passeio e o acesso das edificações, favorecendo a presença de alguns moradores sentados e conversando.

Conforme os questionários e as observações, o uso de espaços abertos públicos de lazer por crianças e por adultos apresenta intensidade média. A praça Henrique Halpen (Figura 4.142) é usada por moradores de diversas faixas etárias, aparentemente dos dois grupos sociais: pela manhã, há idosos e crianças brincando, geralmente acompanhadas por algum adulto; pela tarde, predomina a presença de crianças e jovens; moradores do bairro passeando com seus cachorros também são observados. A praça Princesa Isabel, por outro lado, é usada como local de circulação e como ponto de táxi.

Especialmente nos fins de semana, quando há menor fluxo de ônibus, áreas limítrofes do Terminal João Pessoa são usadas por moradores do bairro e do condomínio, embora em locais distintos: áreas junto ao muro do Condomínio Princesa Isabel são mais usadas por seus moradores (Figura 4.143) e áreas próximas à calçada da rua Domingos Crescêncio são mais usadas por moradores do bairro.



Figura 4.142: Praça Henrique Halpen



Figura 4.143: Crianças do condomínio no Terminal João Pessoa

Destaca-se, ainda, pela manhã, a distribuição de fichas para o Instituto do Coração na av. Santana. Este uso eventual acontece apenas duas vezes por ano, em junho e novembro, e concentra muitos usuários não moradores da Área, como mostram as observações de comportamento, utilizando calçadas e a praça Henrique Halpen como espaço de descanso enquanto aguardam atendimento.

4.2.6.2 Atividades associativas na Área 3

A participação de atividades associativas não é intensa. Moradores do Condomínio Princesa Isabel freqüentam a associação de moradores do conjunto e comunidades religiosas, embora vários deles (25,8%) não realizem nenhuma dessas atividades, o que se verifica, também com quase a metade dos moradores do bairro (41,9%). Entre estes, o mais comum é a participação em comunidades religiosas e o uso de academias e clubes. A possibilidade de interação entre os dois grupos de moradores nessas atividades é extremamente pequena, havendo apenas um local comum de uso entre eles (Centro Espírita Dias da Cruz, no Bairro Azenha – Anexo H – Tabela H.3).

4.2.6.3 Interação social entre vizinhos na Área 3

A tabela 4.49 apresenta as diferenças entre moradores do bairro e do Condomínio Princesa Isabel, quanto às dimensões que caracterizam a interação social na Área 3.

Tabela 4.49: Caracterização dos indicadores da interação social na vizinhança por tipo de morador – Área 3

	Médias ordinais ^{1,2}				
	Apoio mútuo na vizinhança	Relacioname nto na vizinhança	Ligação com a vizinhança	Laços de amizade na vizinhança	Interação social na vizinhança (indicador geral)
Morador do Condomínio dos Anjos	31,55	28,02	32,27	29,63	30,44
Morador do bairro	31,45	34,98	30,73	33,37	32,56

Nota: 1. Os valores tratam das médias dos valores ordinais (relativos ao somatório das variáveis relacionadas a cada dimensão da interação social, obtidos a partir do teste Mann-Whitney - U). Quanto maior o valor, maior o favorecimento da interação. 2. Não há diferenças estatisticamente significativas entre os moradores, mas as médias indicam tendências no comportamento.

A *percepção de apóio mútuo* (ver componentes deste indicador na Tabela 3.7 e Anexo F2) é muito semelhante para os dois grupos. No entanto, moradores do bairro tendem a perceber *melhores relações sociais na vizinhança* que os do condomínio e, estes, diferentemente do que ocorre nas Áreas 1 e 2, tendem a apresentar maior quantidade de *laços de amizade*, e menor *ligação com os vizinhos* que os do bairro.

Para o *apoio mútuo na vizinhança* (ver componentes deste indicador na Tabela 3.7 e Anexo F2), a *possibilidade de ter a companhia de vizinhos quando necessário* está correlacionada com a *satisfação com os moradores da Área* (Spearman, $c=0,449$, $sig=0,006$) e com a *percepção de amizades* (Spearman, $c=0,287$, $sig=0,024$). Para a *satisfação com os moradores* foi encontrada, também, correlação com a *percepção de homogeneidade* entre eles (Spearman, $c=0,251$, $sig=0,049$). A homogeneidade percebida entre moradores parece favorecer a satisfação e a percepção de suporte afetivo na vizinhança, o que não ocorreu nas Áreas 1 e 2.

Na caracterização do *relacionamento social na vizinhança* (ver componentes deste indicador na Tabela 3.7 e Anexo F2), estão correlacionados a *percepção de conflitos entre vizinhos* e o *sentimento de insegurança* (Spearman, $c=0,280$, $sig=0,001$). Como nas demais áreas de análise, moradores do bairro identificam menos problemas na vizinhança (barulho de vizinhos), sugerindo melhor satisfação com as relações sociais que os moradores do condomínio.

Para *ligação com a vizinhança* (ver componentes deste indicador na Tabela 3.7 e Anexo F2), o *sentimento de estar em casa* foi correlacionado à *percepção de que a Área favorece o contato entre amigos ou família* (Spearman, $c=0,391$, $sig=0,002$). Moradores do condomínio e do bairro tendem a apresentar maiores semelhanças quanto à percepção de não pertencer à Área e de entender que a moradia em outro lugar da cidade favoreceria maior contato com amigos ou família. Com base nas freqüências, nota-se que moradores do bairro parecem ter menor identificação com o lugar que os das Áreas 1 e 2, embora não existam diferenças estatisticamente significativas.

A *interação social* (ver componentes deste indicador na Tabela 3.7 e Anexo F2) da Área 3 não sugere contato social entre os dois grupos, mas destaca os comportamentos mais semelhantes entre moradores do condomínio e do bairro em relação à interação social na vizinhança. Os resultados demonstram que moradores do bairro tendem a apresentar maior número de amizades e menor percepção de conflitos sociais. Todavia, moradores dos dois grupos parecem perceber de forma semelhante suporte afetivo (apóio mútuo) favorecido pelas relações sociais na Área.

4.2.7 Comparação entre a intensidade de uso nas Áreas e o sistema de atividade e lugares utilizado pelos moradores

Na caracterização das atividades cotidianas e na localização destas seja no lugar de moradia, no centro ou em outros bairros da cidade, descreve-se o uso simultâneo, ou não, de moradores da habitação social e do bairro. A similaridade entre os grupos na utilização de áreas adjacentes à moradia sugere, pelo menos, a possibilidade de contatos passivos, identificando, assim, a interação social entre eles.

4.2.7.1 Uso do bairro de moradia

A intensidade de uso (Tabela 4.50) em cada uma das áreas parece ser influenciada pela densidade habitacional e pela existência de equipamentos e espaços públicos de lazer, sendo encontrado maior uso do espaço e maior diversidade de atividades, onde há maior concentração de pessoas e maior atividades possibilitadas pelo ambiente construído (ver itens 4.2.1, 4.2.3 e 4.2.5).

Tabela 4.50: Comparação entre o número de usuários nas ruas estudadas por área

Área de estudo	Densidade habitacional (A)	Relação entre densidades	Percurso analisado ¹ (em metros) (B)	Nº de pessoas ² observadas (C)	Relação de nº de pessoas por percurso ³ (C/B = D)	Relação de entre nº de pessoas por metro de percurso
Área 1	142 hab/ha	55% maior que Área 2	1410 m	2470	1,75 pes/m	243% maior que Área 2
Área 2	91,69 hab/ha	1	1520 m	774	0,51 pes/m	1
Área 3	125,43 hab/ha	37% maior que Área 2	1300 m	2060	1,58 pes/m	210% maior que Área 2

Nota: 1. Percurso definido para realização dos mapas comportamentais conforme metodologia; 2. Nº de pessoas contadas no mapa síntese das tardes da 1ª semana de observações; 3. A Área 1 apresenta densidade 14,09% maior que a Área 3. A diferença quando comparados os valores de pessoas/m é levemente alterada, havendo 15,70% mais pessoas na Área 1 que na Área 3.

O número de pessoas observadas por percurso analisado é maior na Área 1, seguido pela Área 3 e muito menor na Área 2, como mostra a tabela 4.50. A intensidade de uso das calçadas para atividades sociais também difere muito, estando mais presente entre moradores da Área 1, onde os usos “ficar sentado”, “brincar/fazer exercícios” e “correr/passear” representam 22,3% do uso total, enquanto 18,8% do uso na Área 2 e 9,7% na Área 3. Destaca-se que, apesar da baixa frequência de uso na Área 2, a proporção de atividades sociais (como conversar e brincar) é maior que na Área 3, corroborando a observação de maior presença de usuários não moradores nesta última, o que é ainda reforçado pela grande diminuição do volume de movimento (mais de 100%) nos fins de semana.

Essas variações corroboram resultados obtidos nos questionários. A maior frequência de usos no bairro de moradia acontece na Área 1, seguida, alternadamente,

pelos Áreas 2 e 3 (dependendo do tipo de atividade) para: *realização de caminhadas* (lazer) ($\chi^2=13,247$, sig=0,010), *uso de praças ou parques* ($\chi^2=18,792$, sig=0,001), *uso de calçadas para conversar com vizinhos* ($\chi^2=11,536$, sig=0,021) e *permanência no bairro nos fins de semana* ($\chi^2=12,182$, sig=0,016).

A verificação dos tipos de uso no bairro de moradia aponta para as *compras diárias ou básicas realizadas em pequenos estabelecimentos de comércio e serviços* como a atividade mais freqüente (78,4% dos respondentes) e comum a todas as Áreas, mesmo que com menor intensidade na Área 2, como demonstraram as observações de comportamento (4.2.4).

O *uso de cinemas* (28,6% dos respondentes) e o *uso de bares e restaurantes* (43,3% dos respondentes) são pouco freqüentes, revelando que os dois grupos socioeconômicos, independentemente da Área, tendem a não realizar estas atividades no bairro.

As maiores diferenças entre os grupos são identificadas em função do (1) *uso de praças e parques próximos ao local de moradia* ($\chi^2=29,112$, sig=0,000) e (2) *da permanência no bairro nos fins de semana* ($\chi^2=6,545$, sig=0,038), mais freqüentes na Área 1, e menor nas Áreas 3 e 2, respectivamente, e mais freqüentes para moradores da habitação social que para moradores do bairro.

De modo geral, independentemente da área de análise, moradores da habitação social, realizam mais atividades nos locais próximos à moradia do que os moradores do bairro, como por exemplo, o *uso de comércio e serviços básicos* ($\chi^2=6,545$, sig=0,038), de *praças e parques* ($\chi^2=6,545$, sig=0,038) e de *calçadas para conversar ou descansar* ($\chi^2=7,749$, sig=0,021).

Quando isolada cada uma das áreas, as maiores diferenças entre moradores do bairro e da habitação social acontecem na Área 2, onde existem mais limitações do ambiente construído, em termos de quantidade de equipamentos existentes. Isso parece inibir o uso por parte de moradores do bairro, em especial, já que mais moradores do Condomínio dos Anjos utilizam mais o bairro para o *comércio e serviços básicos* ($\chi^2=10,725$, sig=0,005), *uso de praças e parques* ($\chi^2=17,897$, sig=0,000), *uso de calçadas para conversar ou descansar* ($\chi^2=7,749$, sig=0,021) e *permanência no bairro nos fins de semana* ($\chi^2=7,749$, sig=0,021). Na Área 3 diferenças marcantes acontecem apenas quanto à *permanência no bairro nos fins de semana* ($\chi^2=15,493$, sig=0,000). Enquanto, na Área 1, onde há o maior número de praças e comércio e serviços básicos, é verificada a menor heterogeneidade no padrão de comportamento dos moradores.

Os resultados sugerem que o maior uso de um equipamento do bairro, seja o comércio, bares e restaurantes, ou parques e praças, favoreça o maior uso dos demais, a maior realização de caminhadas no bairro e a maior utilização das calçadas para conversar com os vizinhos. São destacadas, devido à reincidência, quando considerados todos os moradores em conjunto, ou isolando grupos sociais, as correlações entre: (1) *utilização do*

comércio básico do bairro e uso de bares e restaurantes do bairro (Sperman, $c=0,223$, sig.= 002); (2) *menor permanência do morador dentro da residência e o uso de calçadas para conversar com vizinhos* (Sperman, $c=0,288$, sig.= 000); (3) *realização de caminhadas (lazer) no bairro e uso de praças ou parques do bairro* (Sperman, $c=0,230$, sig.= 001); e (4) *maior uso de praças ou parques e maior uso de bares e restaurantes do bairro* (Sperman, $c=0,250$, sig.= 000).

Cabe ressaltar que o maior número de correlações entre os usos do bairro acontece na Área 1. O que provavelmente ocorre por causa das facilidades e recursos do ambiente construído, que favorece a maior utilização do bairro por seus moradores e um comportamento mais homogêneo entre moradores do bairro e do Jardim Planetário.

4.2.7.2 Uso de outros bairros

A caracterização do *uso de outros bairros* que não o de moradia apresenta grande variação entre as Áreas. Os comportamentos mais semelhantes quanto aos grupos socioeconômicos distintos acontecem na Área 1, como ocorreu quanto ao *uso do bairro de moradia*. A *utilização de outros bairros nos fins de semana* apresenta as maiores diferenças em relação às áreas de análise e aos grupos de moradores. Esse uso é menos freqüente na Área 3, seguidas das Áreas 1 e 2 ($\chi^2=9,893$, sig=0,042), e é maior entre moradores do bairro que entre os da habitação social ($\chi^2=7,191$, sig=0,027).

A *utilização de outras cidades nos fins de semana* é o aspecto mais semelhante e menos freqüente nas Áreas de análise. Contudo, moradores do bairro apresentam maior hábito de viajar para outras cidades (28,2% - 29 de 103) que os da habitação social (6,6% - 6 de 91) ($\chi^2=15,368$, sig=0,000), o que pode ser explicado em função das diferenças de renda dos grupos.

Estes dois usos destacam a menor mobilidade dos moradores da habitação social em relação ao bairro, já identificado anteriormente, em função do maior uso do bairro de moradia, e reforçam os resultados da Área 2, quanto à menor utilização das áreas próximas à moradia como ambiente de lazer ou descanso.

O *uso de outros bairros para compras em supermercados* acontece mais intensamente na Área 1 (64,6% - 42 de 65), seguida das Áreas 3 (41,9% - 26 de 62) e 2 (19,4% - 13 de 67) ($\chi^2=27,760$, sig=0,000) e o *uso de outros bairros para a maior parte das atividades realizadas pelo moradores* ocorre com maior freqüência na Área 1 (46,2% - 30 de 65), seguida das Áreas 2 (29,9% - 20 de 67) e 3 (22,6% - 14 de 62) ($\chi^2=11,152$, sig=0,025). Para os dois usos são encontrados padrões semelhantes de comportamento entre moradores dos dois grupos sociais.

O fato de *compras em supermercados* serem específicas e não tão freqüentes e, ainda, a compreensão dos moradores de que a maior parte das atividades representava trabalho ou escola, sugere que estes dois últimos usos não interferem diretamente na apropriação do bairro. Como foi observado nos mapas comportamentais e nos questionários, as maiores intensidade de movimento e freqüências de atividades próximas ao lugar de moradia acontecem na Área 1, local onde mais moradores utilizam supermercados fora do bairro e realizam atividades fora do bairro.

Para todos os grupos em conjunto, a *realização de compras em supermercados de outros bairros* está correlacionada à *realização da maior parte de atividades fora do bairro de moradia* (Sperman, $c=0,325$, sig.= 000), sugerindo que o fato de trabalhar e passar mais tempo em atividades fora do bairro favoreça a realização de atividades específicas como a de usar supermercados. Destaca-se, no entanto, que essa correlação é mais forte para a Área 1, onde não há supermercados próximos à moradia, implicando a necessidade de o uso de outros bairros.

A correlação entre o *uso de outros bairros no fim de semana* e o *uso de outras cidades no fim de semana* (Sperman, $c=0,407$, sig.= 000) ocorre para todos os grupos em conjunto, assim como isolando Áreas e grupos de moradores. A reincidência da correlação destaca esses usos como independentes da Área e do grupo socioeconômico e sugere que moradores que saem do bairro nos fins de semana, também são os que viajam para outras cidades.

De modo geral, as correlações tendem a ocorrer com mais freqüência entre moradores do bairro que entre os da habitação social, possivelmente devido ao maior uso de outros bairros nos primeiros e do uso mais próximo aos locais de moradia nos últimos.

4.2.7.3 Uso do centro

A maior parte dos moradores *raramente vai ao Centro* (da cidade) (64,4% dos respondentes). Todavia, mais moradores da habitação social (72,5%) que do bairro (53,4%) freqüentam o Centro para a *realização de serviços e atividades inexistentes no bairro de moradia* ($\chi^2=10,304$, sig=0,006).

De modo especial, é destacada a Área 2. Por um lado, há o maior número de moradores da habitação social (Condomínio dos Anjos) que utiliza o Centro para *atividades inexistentes próximas à moradia* ($\chi^2=12,379$, sig=0,002) e para *atividades de lazer* ($\chi^2=6,994$, sig=0,030). Por outro, existe o menor número de moradores do bairro que vai ao Centro para realizar qualquer atividade. Novamente, tal como ocorreu em relação ao uso do bairro de moradia e de outros bairros, a Área na qual há menor diversidade e quantidade de

equipamentos é onde existem as maiores diferenças entre os grupos socioeconômicos distintos.

Para todos os grupos em conjunto, o *uso eventual do Centro* está correlacionado à utilização do Centro para *realização de atividades ou serviços inexistentes no bairro de moradia* (Sperman, $c=0,407$, sig.= 000) e para *realização de atividades de lazer* (Sperman, $c=0,407$, sig.= 000). Isso sugere que, mesmo sendo pouco freqüente, o Centro tende a ser freqüentado para a realização de atividades específicas.

Para moradores do Condomínio dos Anjos, na Área 2, foi também encontrada a correlação negativa entre o *uso do centro para serviços inexistentes no bairro* e o *uso do Centro para atividades de lazer* (Spearman, $c=-0,423$, sig.=0,020), sugerindo que quanto mais freqüente é o uso do Centro para buscar serviços específicos e inexistentes no bairro de moradia, menos o Centro é utilizado como local de lazer.

De modo geral, *uso do Centro* parece interferir pouco na intensidade de atividades realizadas no bairro de moradia, já que não é freqüente nas áreas analisadas. Entretanto, as maiores diferenças entre os grupos socioeconômicos distintos identificadas na Área 2, reforçam a necessidade de utilizar outros bairros (o Centro, no caso dos moradores do Condomínio dos Anjos) quando as atividades não são favorecidas no ambiente de moradia.

4.2.7.4 Associação entre o uso do bairro, de outros bairro e do Centro

Na comparação entre os indicadores de *uso do bairro de moradia*, de *outros bairros* ou do *Centro* (Tabela 4.50), os resultados sustentam que moradores do bairro utilizam mais outros bairros que os da habitação social (U, $\chi^2=6,994$, sig=0,030) e que estes, tendem a utilizar mais lugares no Bairro e no Centro, embora, nessas situações a variação no comportamento dos grupos seja menor.

Tabela 4.51: Relação entre os indicadores de uso do bairro de moradia, de outros bairros e do Centro

	Médias ordinais ¹							
	Morador Habitação social	Morador do Bairro	Área 1		Área 2		Área 3	
			Morador Jardim Planetário	Morador do Bairro	Morador Condom. dos Anjos	Morador do Bairro	Morador Condom. Princ. Isabel	Morador do Bairro
Uso do bairro de moradia	104,80	90,04	36,23	30,23	39,13*	28,81*	30,94	32,06
Uso de outros bairros	88,57*	105,39*	30,92	34,79	30,32	36,99	28,35	34,65
Uso do Centro	102,99	92,65	33,50	32,57	41,05*	28,28*	30,23	32,77

Nota: 1. Os valores tratam das médias dos valores ordinais (relativos ao somatório das variáveis relacionadas a cada dimensão de uso, obtidos a partir dos testes Mann-Whitney – U e Kruskal-Wallis – K-W). Quanto maior o valor, maior o uso do *bairro* ou de *outros bairros* ou do *Centro*.

* Valores destacados apresentam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos.

Na Área 2, são destacados os padrões de uso mais heterogêneos: Moradores do Condomínio dos Anjos utilizam mais intensamente o *bairro de moradia* (U, $\chi^2=6,994$, sig=0,030)

e o *Centro* ($\chi^2=6,994$, sig.=0,030) quando comparados aos do bairro. Esses resultados parecem corroborar a compreensão da influência do ambiente construído na ampliação das diferenças de apropriação do bairro pelos grupos socioeconômicos distintos, já que as Áreas 1 e 3 favorecem o uso a partir de equipamentos de comércio e serviços e apresentam menor diferenças entre os seus moradores, enquanto na Área 2 isso não acontece.

Para todos os grupos em conjunto e, em alguns casos quando isolados Área ou morador, o *uso do bairro* está correlacionado negativamente ao *uso de outros bairros*, (Spearman, $c=-0,222$, sig.=0,002), ratificando que o maior número de atividades próximas do ambiente de moradia implica o menor número de atividades realizadas fora do bairro. Essa associação é mais forte para moradores do bairro do que para os da habitação social, já que usam outros bairros com maior intensidade. Isso é destacado na Área 2 (Spearman, $c=-0,468$, sig.=0,000), pois o uso do bairro de moradia é muito menor que nas demais Áreas.

4.2.7.5 Associação entre o uso da área e a interação social

Os resultados parecem confirmar que as relações sociais entre os moradores são influenciadas pelo padrão de uso dos ambientes residenciais. Para todos os respondentes em conjunto e isolando os grupos socioeconômicos, o *uso do bairro de moradia* está correlacionado com o *apóio mútuo na vizinhança* (Spearman, $c=0,246$, sig.=0,001) e com os *laços de amizade na vizinhança* (Spearman, $c=0,303$, sig.=0,000), enquanto o *uso de outros bairros* está negativamente correlacionado ao *apoio mútuo na vizinhança* (Spearman, $c=-0,232$, sig.=0,001). Isso sugere que maior o uso de espaços próximos à residência e menor o uso daqueles fora do bairro, maior a identificação e a satisfação com os moradores e mais amizades tendem a existir.

Na amostra total, o *uso do bairro de moradia* também está correlacionado à *realização de atividades nos espaços semiprivados* (Spearman, $c=0,266$, sig.=0,000), e esta, por sua vez, correlacionada ao *apoio mútuo* (Spearman, $c=0,206$, sig.=0,004) e aos *laços de amizade na vizinhança* (Spearman, $c=0,247$, sig.=0,001), reforçando novamente que maior o uso de espaços próximos à moradia, maior o potencial de contato entre moradores e maior a interação social entre os vizinhos.

Para moradores do Condomínio dos Anjos, na Área 2, onde há menor intensidade de uso, identifica-se a correlação negativa entre *uso de outros bairros* e o *relacionamento social na vizinhança* (Spearman, $c=-0,603$, sig.=0,001), o que parece ser corroborado pela alta correlação entre *desavenças entre vizinhos* e a *insegurança no lugar de moradia* (Spearman, $c=0,548$, sig.=0,002). Embora esses moradores não sejam os mais insatisfeitos com o *relacionamento na vizinhança*, os resultados sugerem que a falta de uso do bairro, na

medida que reduz o contato entre os moradores pode desencorajar as relações sociais e provocar conflito entre eles.

Ainda, a *participação em atividades associativas* está correlacionada a *ligação com a vizinhança* (Spearman, $c=0,151$, $\text{sig.}=0,036$) e *laços de amizade na vizinhança* (Spearman, $c=0,164$, $\text{sig.}=0,022$). De modo especial na Área 2, esta última correlação é um pouco mais forte (Spearman, $c=0,484$, $\text{sig.}=0,007$). Essas atividades (ex.: clubes e comunidades religiosas) não implicam necessariamente o uso do bairro, assim, elas podem estar estimulando o contato entre moradores devido à sua realização ou, simplesmente, estar revelando um comportamento mais favorável à interação social.

Não é possível dizer se os relacionamentos sociais incrementados pelo uso estão acontecendo entre moradores do bairro e da habitação social, mas os resultados sustentam a maior interação social em função de maior utilização dos lugares próximos à moradia, sugerindo, assim, que também o contato social entre moradores de grupos socioeconomicamente distintos seja favorecido nos ambientes onde há maior uso pelos dois grupos simultaneamente.

4.3 CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL COMPOSICIONAL E DO ESTILO DE VIDA DOS MORADORES

Conforme identificado na revisão da literatura, status socioeconômico (renda, ocupação e escolaridade), tempo de moradia, ciclo de vida e composição familiar permitem a definição de grupos distintos, caracterizados por estilos de vida específicos. Essas definições tendem a afetar as possibilidades de interação social, em função da alocação do tempo e dos recursos financeiros disponíveis. Baseado nisso, a seguir, são identificadas as características dos moradores do bairro e da habitação social, sendo associadas a essas, o uso do bairro e a interação social na vizinhança.

4.3.1 Status socioeconômico dos grupos

Os dados da Tabela 4.52 indicam, como era esperado em função da seleção da amostra, que os maiores níveis de escolaridade, as melhores condições de renda e a maior qualificação ocupacional ocorrem entre moradores do bairro que entre os da habitação social.

Tabela 4.52: Caracterização da escolaridade, da renda familiar e da ocupação por área e grupo de morador

	Área 1		Área 2		Área 3	
	Morador do Jardim Planetário	Morador do bairro	Morador do Condomínio dos Anjos	Morador do bairro	Morador do condomínio Princesa Isabel	Morador do bairro
% dos moradores da residência com até 1º grau completo	66,7% apresentam mais de 67% dos moradores da residência com no máximo o ensino básico	65,7% apresentam até 33% dos moradores da residência com no máximo o ensino básico	66,7% apresentam mais de 67% dos moradores da residência com no máximo o ensino básico	75,7% apresentam até 33% dos moradores da residência com no máximo o ensino básico	77,4% apresentam mais de 67% dos moradores da residência com no máximo o ensino básico	65,7% apresentam até 33% dos moradores da residência com no máximo o ensino básico
	U, $\chi^2=98,000$, sig.= 0,000		U, $\chi^2=79,000$, sig.= 0,000		U, $\chi^2=124,000$, sig.= 0,000	
% dos moradores da residência com até 2º grau completo	60% apresentam até 33% dos moradores da residência com no máximo ensino médio	40% apresentam até 67% dos moradores da residência com no máximo ensino médio	60% apresentam até 33% dos moradores da residência com no máximo ensino médio	73% apresentam até 33% dos moradores da residência com no máximo o ensino médio	80% apresentam até 33% dos moradores da residência com no máximo ensino médio	41,9% apresentam até 33% dos moradores da residência com no máximo ensino médio
	Não-significante		Não-significante		U, $\chi^2=60,000$, sig.= 0,015	
% dos moradores da residência com nível superior completo ou incompleto	Apenas 1 (3,3%) morador apresenta nível superior incompleto	42% apresentam mais de 67% dos moradores com ensino superior completo ou incompleto	Nenhum morador apresenta nível superior completo ou incompleto	59,1% apresentam mais de 67% dos moradores com ensino superior completo ou incompleto	Apenas 1 (3,3%) morador apresenta nível superior incompleto	29% apresentam mais de 67% dos moradores com ensino superior completo ou incompleto
	U, $\chi^2=124,000$, sig.= 0,000		U, $\chi^2=251,500$, sig.= 0,001		U, $\chi^2=199,500$, sig.= 0,000	
Escolaridade do respondente	56,7% - 1º grau 43,3% - 2º grau	42,9% - 2º grau 54,3% - 3º grau	50,0% - 1º grau 50,0% - 2º grau	21,6% - 2º grau 78,4% - 3º grau	74,2% - 1º grau 25,8% - 2º grau	45,2% - 1º grau 48,4% - 2º grau
	Cramér's V=0,714, sig=0,000		Cramér's V=0,828, sig=0,000		Cramér's V=0,744, sig=0,000	
Renda Familiar	83,3% - até 5 SM	57,1% - 5 a 22 SM 14,3% > 22 SM	96,7% - até 5 SM	70,3% - 5 a 22 SM 21,6% > 22 SM	93,5% - até 5 SM	54,8% - 5 a 22 SM 12,9% > 22 SM
	Cramér's V=0,557, sig=0,000		Cramér's V=0,882, sig=0,000		Cramér's V=0,636, sig=0,000	
Ocupação do respondente	23,3% - estrato D 36,7% - estrato C	29,4% - estrato B 29,4% - estrato A	36,7% - estrato D 50,0% - estrato C	16,2% - estrato B 51,4% - estrato A	22,6% - estrato D 29,0% - estrato C	16,1% - estrato C 19,4% - estrato B 16,1% - estrato A
	Cramér's V=0,695, sig=0,000		Cramér's V=0,814, sig=0,000		Cramér's V=0,537, sig=0,003	

* Foram adicionadas na tabela as informações (percentagens) mais descritivas para cada característica, definindo pelo menos 50% da amostra.

Na comparação entre os grupos, a Área 3 tende a apresentar níveis ligeiramente mais baixos de escolaridade, renda e qualificação ocupacional que as Áreas 1 e 2, tanto quando considerados todos os respondentes em conjunto como isolando moradores do bairro e da habitação social. Apesar disso, entre moradores do bairro, são identificadas diferenças estatisticamente significativas, apontando os níveis mais elevados de escolaridade na Área 2, onde há maior número de moradores com ensino superior, seguido das Áreas 1 e 3 (K-W, $\chi^2=4,849$, sig.= 0,001).

Os resultados confirmam, como comumente é encontrado na literatura, a correlação entre renda, escolaridade e ocupação (Tabela 4.53), indicando que quanto maior a qualificação da ocupação, maior é o nível de escolaridade e maior a renda familiar.

Tabela 4.53: Associação entre renda familiar, status na ocupação do morador e escolaridade do morador¹

	Associação das variáveis independente da área		Associação das variáveis considerando apenas moradores de cada área					
			Área 1		Área 2		Área 3	
	Escolaridade	Ocupação	Escolaridade	Ocupação ²	Escolaridade	Ocupação	Escolaridade	Ocupação
Ocupação	Cramér's V=0,517, sig=0,000 (figura 4.1.1)		Cramér's V=0,610, sig=0,000	Cramér's V=0,374, sig=0,057	Cramér's V=0,574, sig=0,000	Cramér's V=0,582, sig=0,000	Cramér's V=0,504, sig=0,000	Cramér's V=0,411, sig=0,022
Renda Familiar	Cramér's V=0,440, sig=0,000	Cramér's V=0,440, sig=0,000	Cramér's V=0,364, sig=0,002	Cramér's V=0,374, sig=0,057	Cramér's V=0,541, sig=0,000	Cramér's V=0,582, sig=0,000	Cramér's V=0,404, sig=0,000	Cramér's V=0,411, sig=0,022

¹ status na ocupação e escolaridade são referentes ao morador respondente do questionário; a renda trata da renda familiar indicada pelo respondente. ² Usando teste Monte Carlo, com confiabilidade de 99%, existe sig.= 0,049 para a associação entre escolaridade e renda dos moradores na Área 1.

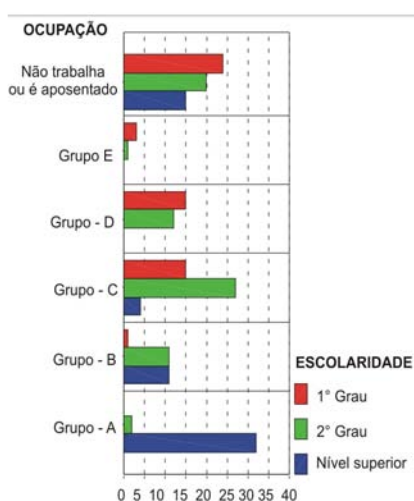


Figura 4.144: Gráfico da associação entre ocupação e escolaridade

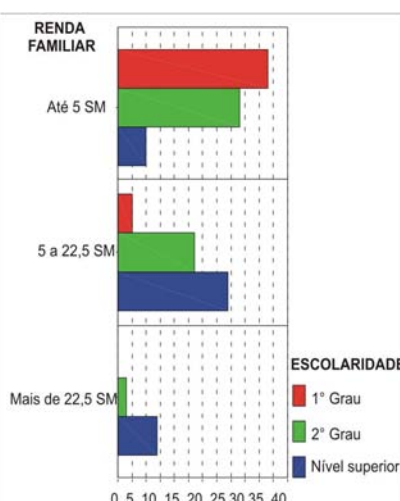


Figura 4.145: Gráfico da associação entre renda familiar e escolaridade

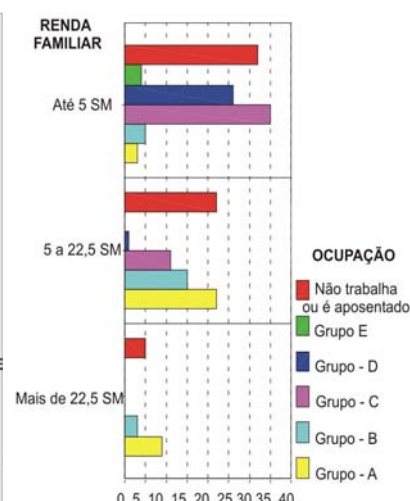


Figura 4.146: Gráfico da associação entre renda familiar e ocupação

Como mostram os gráficos das Figuras 4.144, 4.145 e 4.146, moradores com menor nível de escolaridade, em especial, aqueles com no máximo o primeiro grau completo, tendem a ter ocupações de menor qualificação (Grupos E e D) e com renda de até 5 salários mínimos. Já moradores com maior escolaridade, destacadamente os de nível superior tendem a ter ocupações com maior qualificação técnica (Grupos A e B) e com renda familiar, em geral, com mais de 5 e até 22,5 salários mínimos. Aposentados ou respondentes que não trabalham apresentam um comportamento menos homogêneo, tanto em termos de escolaridade, como de renda, eles constituem aproximadamente 25% dos moradores com renda com mais de 5 salários mínimos.

A associação dessas três variáveis num único indicador auxilia a definição *do status socioeconômico* dos moradores, permitindo a comparação entre os grupos, como mostra a Tabela 4.54:

Tabela 4.54: Variação do status socioeconômico por grupo de morador

	Área 1		Área 2		Área 3	
	Morador do Jardim Planetário	Morador do bairro	Morador do Condomínio dos Anjos	Morador do bairro	Morador do condomínio Princesa Isabel	Morador do bairro
Classificação do status socioeconômico na comparação dos 6 grupos	63,58	126,00	76,57	146,22	53,23	102,23
	K-W, $\chi^2=73,238$, sig.= 0,000 Os valores tratam das médias dos valores ordinais (obtidos a partir do teste Kruskal-Wallis – K-W). Quanto maior o valor, maior o status socioeconômico do grupo, considerando a comparação independente da área de estudo.					
Classificação do status socioeconômico na comparação em cada Área individualmente	635	1445	582,50	1695,50	732	1221
	U, $\chi^2=170,000$, sig.= 0,000		U, $\chi^2=117,500$, sig.= 0,000		U, $\chi^2=236,000$, sig.= 0,000	
	Os valores tratam dos somatórios dos valores ordinais (obtidos a partir do teste Mann-Whitney – U). Quanto maior o valor, maior o status socioeconômico do grupo, considerando a comparação apenas dentro das áreas de estudo.					

Os resultados reafirmam as pequenas variações identificadas anteriormente quando isoladas escolaridade, renda e ocupação, evidenciando a definição dos dois grupos socioeconômicos, especialmente para a comparação entre eles em cada Área. Confirmam-se, ainda, as melhores condições de status para a Área 2, seguida das Áreas 1 e 3, tanto em relação aos moradores do bairro como em relação aos da habitação social. Essas diferenças, no entanto, não interferem na caracterização clara dos dois grupos socioeconômicos, seja no conjunto total da amostra ou em relação a cada uma das áreas de análise.

Para a amostra total, o *status socioeconômico* está correlacionado com o *relacionamento social na vizinhança* (Spearman, $c=0,152$, sig.=0,035), e com o *uso de outros bairros* (Spearman, $c=0,204$, sig.=0,004), sugerindo que quanto maior o status, maior o nível de satisfação com as relações sociais entre os vizinhos e menor o conflito social. Ainda, em concordância com as verificações quanto ao uso de equipamentos do bairro ou fora dele, ratifica-se que o maior uso de outros bairros que não o de moradia é incrementado quanto maiores as condições de renda, escolaridade e ocupação.

Destaca-se nas Áreas 1 e 2, há influencia do *status socioeconômico* no *uso dos espaços semiprivados ou privados em frente às residências* (Área 1 - Spearman, $c=-0,437$, sig.=0,000; Área 2 – Spearman, $c=-376$, sig.= 002), significando que o uso do recuo de jardim para atividades como conversar, brincar e interagir com os vizinhos é mais freqüente entre moradores de menor status socioeconômico. Na Área 3, essas diferenças são menos identificadas, como demonstrado nas observações de comportamento, em razão das limitações do ambiente construído: a localização do Condomínio Princesa Isabel, entre os eixos de fluxo intenso de veículos, desfavorece o uso dos espaços em frente à edificação para atividades associativas, que tendem a ocorrer para moradores do Condomínio nos espaços internos de convívio.

4.3.2 Tempo de moradia

Os resultados demonstram que muitos dos respondentes (46,4%) residem no mesmo bairro ou na mesma residência há mais de 15 anos. Moradores do Jardim Planetário tendem a ser os mais antigos e os do Condomínio Princesa Isabel, os mais novos (Cramér's $V=0,499$, $sig=0,000$), como demonstra a Tabela 4.55 e a Figura 4.147:

Tabela 4.55: Diferenças e semelhanças quanto ao tempo de moradia por grupo de morador

	Área 1		Área 2		Área 3	
	Morador do Jardim Planetário	Morador do bairro	Morador do Condomínio dos Anjos	Morador do bairro	Morador do condomínio Princesa Isabel	Morador do bairro
Tempo de moradia por grupo de morador	93,3% > 15 anos	40,0% > 15 anos 31,4% - 5 a 15 anos 20% - 2 a 5 anos	40,0% > 15 anos 60,0% - 5 a 15 anos	43,2% > 15 anos 43,2% - 5 a 15 anos	16,1% - 1 a 2 anos 77,4% < 1 ano	58,1% > 15 anos 35,5% - 5 a 15 anos

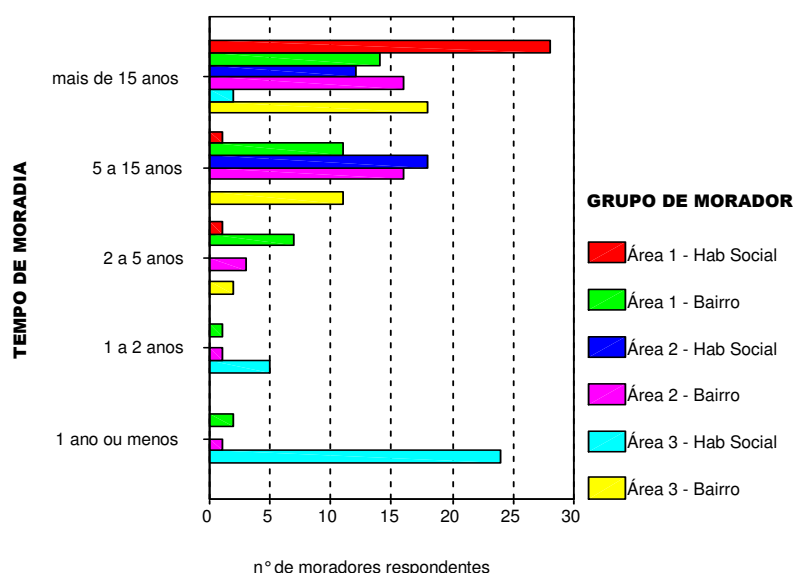


Figura 4.147: Gráfico de associação entre tempo de moradia e o grupo de morador

Na Área 3, onde a implantação do Condomínio Princesa Isabel é recente (2005/2006), são identificadas as maiores diferenças quanto ao tempo de moradia entre estes moradores e os do bairro, dos quais, mais da metade reside pelos menos há 15 anos no lugar (Cramér's $V=0,940$, $sig=0,000$). Destaca-se, contudo, que dentre os moradores “recém-chegados”, 15 famílias já habitavam a Área antes do projeto de regularização e foram reassentadas, em torno de 215 residiam em habitações irregulares (Vila Zero Hora) localizadas a 400 metros do empreendimento e apenas 10 famílias (aproximadamente) foram deslocadas de bairros distantes. Isso é particularmente importante porque tende a caracterizar certa familiaridade da maior parte dos moradores com a área de análise (Área 3), apesar do tempo de moradia no conjunto.

A tabela 4.56 destaca as associações entre o tempo de moradia e os indicadores de uso e interação social no bairro:

Tabela 4.56: Associação do tempo de moradia com indicadores de uso dos espaços semiprivados ou privados, dimensões da interação social na vizinhança e uso do bairro, de outros bairros e do centro

Tempo de moradia	Status sócio econômico	Uso dos espaços semiprivados junto à residência	Participação de atividades associativas	Laços de amizade entre vizinhos	Uso do Centro
Mais de 15 anos	94,03	115,34	106,48	107,97	107,88
5 a 15 anos	116,06	101,13	88,81	94,54	90,60
2 a 5 anos	141,00	76,92	73,08	95,42	89,27
1 a 2 anos	60,07	43,00	67,14	63,21	116,79
Menos de 1 ano	55,76	54,39	105,56	78,72	76,44
Diferenças estatísticas	K-W, $\chi^2=33,199$ sig.= 0,000	K-W, $\chi^2=37,282$ sig.= 0,000	K-W, $\chi^2=9,986$ sig.= 0,004	K-W, $\chi^2=12,229$ sig.= 0,016	K-W, $\chi^2=9,585$ sig.= 0,048

Nota: 1. os números representam as médias dos valores ordinais (obtidos a partir do teste Kruskal-Wallis – K-W), valores maiores indicando maior nível (uso ou característica) para o indicador analisado.

→ As setas vermelhas indicam a presença de uma variação linear da avaliação quanto ao uso e apreciação do aspecto analisado e, também, informa o sentido de variação.

Cabe ressaltar, primeiramente, que o tempo de moradia está associado ao status socioeconômico: moradores do bairro, nas três Áreas, apresentam entre 5 e 15 anos de moradia, enquanto os moradores da habitação social ou são muito novos ou residem a mais de 15 anos na área. Tal como o fator socioeconômico, outros aspectos também podem estar interferindo na associação entre *tempo de moradia*, *uso do bairro* e *interação social*, por isso são destacadas as relações (setas vermelhas na Tabela 4.59) caracterizadas por variação linear com o tempo de moradia, pois parecem revelar relação mais direta entre as variáveis.

O tempo de moradia tende a afetar, assim, o uso dos espaços semiprivados ou privados junto à residência e os laços de amizade na vizinhança, sugerindo que o maior tempo de moradia no bairro favorece o maior uso dos espaços adjacentes à residência (crianças brincando, atividades de jardinagem e conversas com vizinhos), bem como mais amizades entre os vizinhos no lugar de moradia.

4.3.3 Composição familiar e o uso dos espaços privados e semiprivados

Verifica-se que existe na habitação social maior número de residentes por unidade habitacional do que no bairro. A maior quantidade de pessoas por residência parece ser decorrente do número elevado de crianças e adolescentes em comparação aos moradores do bairro, para os quais, em 60% das famílias, não há crianças ou adolescentes.

A Tabela 4.57 descreve as características dos grupos em função da composição familiar:

Tabela 4.57: Caracterização da composição familiar por área e grupo de morador

	Área 1		Área 2		Área 3	
	Morador do Jardim Planetário	Morador do bairro	Morador do Condomínio dos Anjos	Morador do bairro	Morador do condomínio Princesa Isabel	Morador do bairro
Nº de moradores por residência	66,7% - 1 a 4 mor. 33,3% - 6 a 8 mor.	79,9% - 1 a 4 mor.	63,4% - 1 a 4 mor. 33,4% - 6 a 8 mor.	91,8% 1 a 4 mor.	48,5% - 1 a 4 mor. 51,7% - 6 a 8 mor.	84,4% - 1 a 4 mor.
	Não-significante		U, $\chi^2=298,500$, sig.= 0,001		U, $\chi^2=272,500$, sig.= 0,003	
Nº de crianças e adolescentes (0-18 anos) por residência	26,7% - 1 ou 2 30% - 3 ou 4	60,0% - 0 34,3% - 1 ou 2	46,7% - 1 ou 2 36,6% - 3 ou 4.	59,5% - 0 40,5% - 1 ou 2	32,3% - 1 ou 2 35,5% - 3 ou 4	67,7% - 0 32,3% - 1 ou 2
	U, $\chi^2=310,500$, sig.= 0,002		U, $\chi^2=230,000$, sig.= 0,000		U, $\chi^2=178,000$, sig.= 0,000	
Nº de adultos (19-60 anos) por residência	63,3% - 1 ou 2	65,8% - 1 ou 2	60,0% - 1 ou 2	70,2% - 1 ou 2	74,2% - 1 ou 2	51,6% - 1 ou 2
	Não-significante		Não-significante		Não-significante	
Nº de idosos (acima de 60 anos) por residência	73,3% - 0 26,6% - 1 ou 2	57,1% - 0 37,2% - 1 ou 2	90,0% - 0 10,0% - 1 ou 2	62,2% - 0 32,8% - 1 ou 2	80,6% - 0 19,3% - 1 ou 2	64,5% - 0 35,5% - 1 ou 2
	Não-significante		U, $\chi^2=408,500$, sig.= 0,015		Não-significante	

Essas diferenças são destacadas em função das variações de uso e de necessidades adequadas para cada faixa etária. Em geral, conforme a literatura, a existência de crianças tende a ser associada com a realização de atividades recreativas e educativas em locais próximos à residência, enquanto a maior presença de idosos sugere usos mais reclusos à residência em razão da menor mobilidade.

Como descreve a Tabela 4.58, a composição familiar tende a influenciar o tipo de atividades realizadas nos espaços privados e semiprivados junto à residência:

Tabela 4.58: Uso dos espaços semiprivados ou semipúblicos por área e por tipo de morador

Uso dos espaços semiprivados e privados*	Variação do nº de moradores por faixa etária na residência ¹					
	Nº de crianças e adolescentes (0 a 18 anos) na residência		Nº de adultos (19-60 anos) por residência		Nº de idosos (acima de 60 anos) por residência	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Cuidar de jardins	87,21	103,71	93,85	99,70	106,57	92,03
	K-W, $\chi^2=4,388$, sig.= 0,031		-		K-W, $\chi^2=4,781$, sig.= 0,029	
Brincadeiras de crianças	120,22	81,56	104,94	92,28	92,87	100,75
	K-W, $\chi^2=24,891$, sig.= 0,000		-		-	
Praticar esportes	128,59	91,13	108,79	95,19	88,42	99,36
	K-W, $\chi^2=13,616$, sig.= 0,000		-		-	
Praticar esportes²	104,79	89,25	102,94	91,34	95,63	99,62
	K-W, $\chi^2=4,130$, sig.= 0,042		-		-	
Estacionar	97,13	97,66	109,46	bairro	94,41	98,82
			K-W, $\chi^2=4,131$, sig.= 0,042		-	
Apenas como circulação	91,73	99,84	86,24	Bairro	102,46	95,49
	-		-		-	
Secar roupa	120,98	94,34	106	96,36	98,33	97,39
	K-W, $\chi^2=5,095$, sig.= 0,024		-		-	

Nota: 1. Os valores tratam das médias dos valores ordinais (obtidos a partir do teste Kruskal-Wallis – K-W). Quanto maior o valor no SIM que no NÃO, maior o nº de moradores de cada faixa etária por residência; 2. Praticar esportes foi identificado pelos moradores como brincadeiras com bola entre crianças.

Famílias com maior número de crianças e adolescentes tendem a realizar brincadeiras e esportes (brincadeiras com bola), e naquelas onde não há crianças ou adolescentes, em especial onde existe maior número de idosos, é verificado o hábito de cuidar do jardim. Destaca-se que, nas residências em que os adultos são maioria, não há atividades nos recuos de jardim, sendo estes usados apenas como circulação e estacionamento de veículos. Observa-se, ainda, que *secar roupa* é atividade exclusiva dos moradores do Jardim Planetário, o que é favorecido pelo tipo de edificação do conjunto (casas térreas e sobrados) e pelo espaço reduzido das unidades para essa atividade.

Como o maior número de crianças por residência é verificado entre moradores da habitação social e o de adultos e idosos, entre os moradores do bairro, destaca-se que na definição da *composição familiar* em paralelo à de *status socioeconômico* identificam-se variações na frequência e no tipo de uso dos espaços. A presença de crianças e adolescentes em atividades junto às edificações com maior frequência nas adjacências dos conjuntos regularizados é confirmada nas observações de comportamento (conforme apresentado nos mapas síntese de comportamento), da mesma forma a presença de adultos supervisionando essas atividades também é identificada. Moradores do bairro apresentam menor diversidade de atividades junto a suas moradias, bem como práticas menos favoráveis à interação social que os da habitação social.

4.3.4 Meios de transporte, alocação do tempo e principais atividades (trabalho e escola)

Conforme a literatura, o *status socioeconômico* do morador está associado à distribuição do tempo para a realização das atividades, afetando a possibilidade de contato social na vizinhança. Assim, *meio de transporte*, *local de trabalho*, *local de estudo dos filhos* e *tempo gasto no percurso trabalho-moradia* são utilizados para verificar diferenças entre os grupos e a probabilidade de interação entre eles.

a. Meios de transporte

Da amostra total, moradores do bairro (51,5%) tendem a usar com mais frequência automóvel particular ou táxi do que os da habitação social (13,2%) ($\chi^2=8,403$, sig=0,004), enquanto os moradores da habitação social (44%) tendem a deslocar-se a pé com mais frequência do que os do bairro (24,3%) ($\chi^2=31,760$, sig=0,000). O uso da bicicleta ou motocicleta é realizado preferencialmente por moradores da habitação social, e o da lotação é mais freqüente entre moradores do bairro, embora sejam os meios menos utilizados nos

deslocamentos. O ônibus é meio de transporte mais comum a todos os moradores, mesmo isolando área e grupo social.

A Tabela 4.59 apresenta os meios de locomoção utilizados em cada uma das Áreas, segundo o grupo de moradores:

Tabela 4.59: Meios de locomoção utilizados por área e por grupo de morador

Meio de locomoção	Área 1		Área 2		Área 3	
	Morador Jardim Planetário	Morador do Bairro	Morador Condomínio dos Anjos	Morador do Bairro	Morador Condomínio Princ. Isabel	Morador do Bairro
A pé	50%	28,6%	40%	13,5%	41,9%	32,3%
	-		$(\chi^2=6,138, sig.= 0,013)$		-	
Bicicleta ou motocicleta	3,3%	-	13,3%	-	3,2%	-
	-		$(\chi^2=5,247, sig.= 0,022)$		-	
Ônibus	50%	48,6%	53,3%	32,4%	64,5%	54,8%
	-		-		-	
Lotação	-	2,9%	3,3%	18,9%	3,2%	12,9%
	-		$(\chi^2=3,827, sig.= 0,050)$		-	
Automóvel particular ou táxi	26,7%	45,7%	10%	64,9%	3,2%	41,9%
	-		$(\chi^2=20,728, sig.= 0,000)$		$\chi^2=13,286, sig.= 0,000$	

Nota: As variáveis “meio de locomoção” não são excludentes, cada morador indicou os meios principais utilizados para deslocamento.

Dentre os seis grupos da amostra, moradores do bairro da Área 2 são os que menos andam a pé ($\chi^2=12,262, sig.= 0,031$) e os que mais usam o carro ($\chi^2=40,489, sig.= 0,031$). Ainda nessa Área, moradores da habitação social, são os que mais utilizam bicicletas ou motocicletas ($\chi^2=13,792, sig.= 0,017$). Isto corrobora os resultados obtidos através das observações de comportamento, que indicam menor volume de pessoas nas ruas e tende a ser explicado pela menor acessibilidade em função da estrutura do ambiente construído e pelo número reduzido de equipamentos no lugar, em comparação às Áreas 1 e 3.

Quando comparadas isoladamente, a Área 2 apresenta mais variação entre os grupos socioeconômicos: quatro dos cinco meios de locomoção analisados são diferentemente utilizados por moradores do bairro e da habitação social, enquanto isso acontece com um deles (automóvel particular ou táxi) na Área 3 e com nenhum, na Área 1. Isto sugere que, além das diferenças socioeconômicas entre os moradores, a facilidade de andar pelo bairro e a possibilidade de realizar as atividades desejadas no próprio bairro afeta o meio de locomoção adotado pelos moradores. Isso parece mais evidente entre os moradores do bairro, pois tem mais recursos financeiros e, conseqüentemente, mais opções para o deslocamento. Em termos de interação social para os dois grupos socioeconômicos, os resultados indicam que, em bairros onde as pessoas mais caminham e mais andam de ônibus, maior o potencial de encontro nos espaços abertos públicos e em pontos de ônibus.

Esses resultados são importantes quanto à interação social entre os dois grupos socioeconômicos porque revelam que em áreas urbanas mais favoráveis à apropriação dos

espaços públicos e ao uso dos equipamentos, os moradores tendem a caminhar mais pelo bairro, e o padrão de deslocamento dos grupos socioeconômicos distintos parece se tornar mais semelhante, ampliando as possibilidades de contato social entre eles.

b. Local de trabalho e local de estudo dos filhos

Considerando a amostra total, nota-se que predominam moradores da habitação social (37,4%) e do bairro (28,2%) que *trabalham em outro bairro que não o da moradia*, como descreve a Tabela 4.60, a seguir:

Tabela 4.60: Local de trabalho por área e por morador

Local de trabalho	Área 1		Área 2		Área 3	
	Morador Jardim Planetário	Morador do Bairro	Morador Condomínio dos Anjos	Morador do Bairro	Morador Condomínio Princ. Isabel	Morador do Bairro
Em outra cidade	0	2,9%	3,3%	8,1%	0	0
Em outro bairro	36,7%	31,4%	40%	35,1%	35,5%	16,1%
No mesmo bairro	13,3%	5,7%	26,7%	2,7%	9,7%	22,6%
Em casa	10%	22,9%	6,7%	10,8%	6,5%	9,7%
No centro	0	2,9%	3,3%	10,8%	3,2%	0
Não trabalha	40%	34,3%	20%	32,4%	45,2%	51,6%

Muitos moradores não trabalham (ou estão aposentados), sendo o número de moradores maior na Área 3, seguida das Áreas 1 e 2. Isso é destacado, pois sugere maior permanência no bairro de moradia e maior uso dos lugares próximos à residência nas Áreas 3, 2 e 1 (sucessivamente menor), possivelmente aumentando o potencial de interação entre os dois grupos socioeconômicos nesses lugares, respectivamente.

De modo geral, o local de trabalho varia entre os grupos socioeconômicos e para as diferentes Áreas ($\chi^2=21,997$, sig=0,015). Considerando que a interação social está relacionada à possibilidade de encontros no mesmo bairro, é destacado o trabalho no bairro de moradia (incluindo *mesmo bairro* e *em casa*): na Área 1, em torno de $\frac{1}{4}$ dos moradores do bairro (23,3%) e do Jardim Planetário (27,6%) trabalham no bairro onde moram; na Área 2, moradores do Condomínio dos Anjos (32,7%) trabalham mais no bairro de moradia que os moradores do bairro (13,5%); e na Área 3 moradores do Condomínio Princesa Isabel (16,3%) trabalham menos no bairro de moradia que os moradores do bairro (32,3%). Os resultados sugerem que o maior potencial de contatos passivos entre os moradores dos diferentes grupos socioeconômicos ocorre na Área 1 e o menor, ocorre na Área 3.

Para o *local de estudo dos filhos* (Tabela 4.64), as diferenças entre os grupos socioeconômicos são mais evidentes: moradores da habitação social tendem a utilizar instituições de ensino mais próximas ao local de moradia que os moradores do bairro ($\chi^2=14,849$, sig=0,001) e a apresentar menos opções de escolha das instituições de ensino, quase sempre escolas públicas ou de associações comunitárias (ver tabela em Anexo I).

Tabela 4.61: Local da instituição de ensino dos filhos por área e por grupo de morador

Local de escola dos filhos	Área 1		Área 2		Área 3	
	Morador Jardim Planetário	Morador do Bairro	Morador Condomínio dos Anjos	Morador do Bairro	Morador Condomínio Princ. Isabel	Morador do Bairro
Em outro bairro	3,3%	37,1%	13,3%	29,7%	41,9%	16,1%
No mesmo bairro	46,7%	5,7%	40%	10,8%	9,7%	12,9%
Não tem filhos ou filhos não estudam	50%	57,1%	46,7%	59,5%	45,4%	71%

Os resultados sugerem que para o *deslocamento moradia-escola dos filhos* existem poucas possibilidades de interação social entre os grupos socioeconômicos distintos, pois as diferenças no local da escola e do tipo de transporte utilizado tende reduzir o potencial de contatos passivos nos deslocamentos pelas ruas das Áreas: moradores da habitação social utilizam, predominantemente, escolas no mesmo bairro onde moram e deslocam-se a pé (por exemplo, nas observações identificaram-se grupos de crianças e adolescentes, deslocando-se com material escolar nas imediações dos conjuntos habitacionais), enquanto moradores do bairro, tendem a freqüentar estabelecimentos mais distantes e apresentam uso mais intenso do automóvel.

É destacado que quando existe proximidade das escolas em relação à moradia, observações de comportamento confirmam a maior freqüência de caminhadas como modo de deslocamento. Isso é evidenciado, de modo especial, nas Áreas 1 e 2: na Área 2, o uso do carro é mais intenso entre os moradores do bairro e as escolas (privadas em especial) estão mais distantes, como conseqüência, poucas crianças e adolescentes (exceto as do Condomínio dos Anjos) são verificados circulando pelas ruas e menor o potencial de interação social entre os dois grupos socioeconômicos; na Área 1, onde o hábito de caminhar é mais freqüente para todos os moradores e, também, onde estão localizadas escolas públicas e privadas, observam-se, especialmente nas ruas Santana e Jerônimo de Ornelas, muitas crianças dos dois grupos socioeconômicos acompanhadas por idosos ou adultos nos horários de saída da escola, o que tende a aumentar o potencial de contatos passivos entre moradores do bairro e da habitação social nos deslocamentos pela Área.

c. Associação do tempo de deslocamento trabalho-moradia, atividades e meio de locomoção utilizado

Considerando a discussão quanto ao padrão de localização do trabalho e da escola e o meio de transporte adotado, a seguir, são associados os resultados obtidos com o tempo de deslocamento no trajeto trabalho-moradia, a fim de verificar-se o potencial de encontros dos diferentes grupos socioeconômicos em função das variações de alocação do tempo e localização das atividades

Os gráficos a seguir (Figuras 4.148 e 4.149) destacam grande variação nos padrões de local de trabalho e de estudo, independentemente da Área e do grupo socioeconômico:

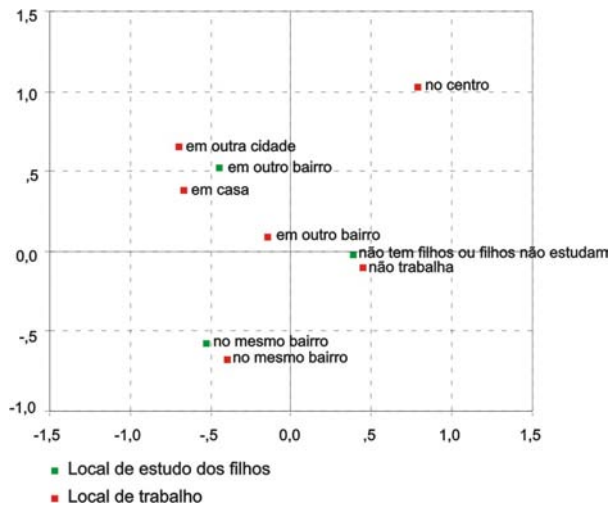


Figura 4.148: Análise de Correspondência entre local de estudo dos filhos e local de trabalho

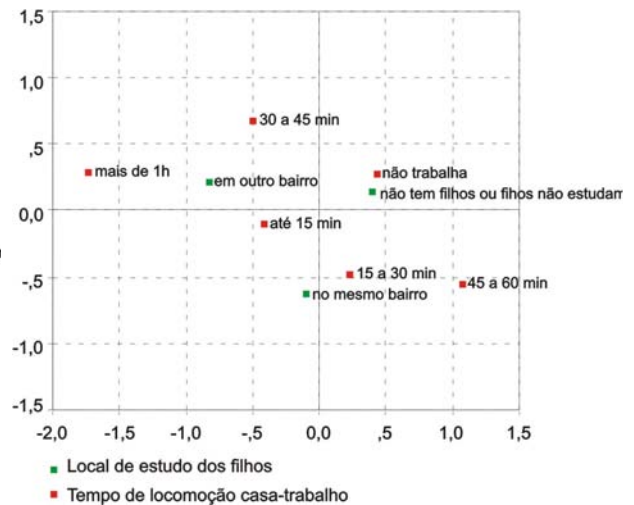


Figura 4.149: Análise de Correspondência entre tempo de locomoção casa-trabalho e local de estudo dos filhos

Nota: No gráfico da análise de correspondência, quanto mais próximos os componentes (■ ou ■) de cada variável dentro do mesmo quadrante, maior a associação entre eles. Posições próximas à origem (0,0) tendem a não representar relações estatisticamente significativas (valores de χ^2 obtidos a partir de tabulações cruzadas, devem ser usados em associação para interpretação confiável).

É verificado que 55,7% dos moradores não têm filhos (ou filhos não estudam), e quase a metade destes (43,5%) não trabalha ou está aposentada. Como identificado anteriormente, por esses moradores permanecerem mais tempo no bairro de moradia, há possivelmente favorecimento do potencial de interação (contatos passivos) entre moradores dos dois grupos.

Todavia, destaca-se que para os moradores que trabalham e têm filhos que estudam são encontradas certas tendências diferentes nos padrões entre os grupos socioeconômicos distintos:

- Para aqueles que *utilizam instituições de ensino no bairro de moradia*, verifica-se que: moradores da habitação social tendem a *trabalhar em outros bairros da cidade*, dependendo desde a moradia até o trabalho *até 15 minutos* ou de *15 a 30 minutos*; e moradores do bairro tendem a *trabalhar no mesmo bairro*, e o *tempo de deslocamento casa-trabalho* tende a ser de *até 15 minutos*.

- Para os que utilizam instituições de ensino de outros bairros, observa-se que: moradores da habitação social tendem a *trabalhar em outros bairros da cidade*, dependendo desde a moradia até o trabalho *até 15 minutos* ou de *15 a 30 minutos*; e moradores do bairro tendem a *trabalhar no mesmo bairro* ou *em casa*, e o *tempo de deslocamento casa-trabalho* tende a ser de *até 15 minutos*.

A verificação dos dados sugere que, independentemente de estudar ou trabalhar em outros bairros ou no bairro de moradia, moradores da habitação social tendem a depender

mais tempo nos deslocamento que moradores do bairro, o que é justificado pelos meios de locomoção, predominantemente, caminhada para os primeiros, e o automóvel, para os últimos. Portanto, diferenças no tempo de deslocamento e no tipo de transporte parecem influenciar no menor potencial de interação social entre os grupos socioeconômicos.

4.4 VERIFICAÇÃO DOS ATRIBUTOS MAIS EFETIVOS NA INTERAÇÃO SOCIAL ENTRE OS GRUPOS SOCIOECONOMICOS DISTINTOS

As relações entre atributos contextuais, composicionais (e variáveis dependentes) e o potencial de interação social entre grupos socioeconômicos distintos residentes em áreas urbanas são investigadas a partir das cinco hipóteses apresentadas a seguir. A verificação dos resultados analisa as atitudes e o comportamento dos respondentes de acordo com os questionários realizados, em associação com características físicas, perfil comportamental e relativo à interação social e perfil composicional, descritos, anteriormente, nos itens 4.2 e 4.3.

4.4.1 Hipótese 1: relações entre a estrutura do ambiente construído, apropriação dos espaços abertos e interação social

A *hipótese 1* investiga se: quanto mais a estrutura do ambiente construído apoiar a acessibilidade de atividades e a apropriação dos espaços abertos públicos próximos ao lugar de moradia, maior a probabilidade de interação social (contato) entre os moradores de grupos socioeconômicos distintos existentes na mesma área.

Para verificação desta hipótese, é avaliada a percepção de adequação da estrutura do ambiente construído para o uso em relação (1) aos quarteirões e à densidade da área, (2) às calçadas e aos elementos urbanos aí existentes, (3) à vegetação e (4) ao fluxo de veículos. Esta adequação é associada ao uso e à interação social na vizinhança como forma de identificar a influência da estrutura do ambiente construído quanto à apropriação dos espaços abertos públicos e ao potencial de interação social entre os grupos socioeconômicos distintos.

4.4.1.1 Adequação do tamanho dos quarteirões, densidade e uso

O *hábito de caminhar no bairro e a percepção de adequação do tamanho dos quarteirões* tendem a ser maiores para moradores na Área 1 (93,8% e 89,2%), seguidos

pelas Áreas 3 (87,1% e 85,5%) e 2 (86,6% e 76,1%). Para o total da amostra, há correlação entre *hábito de caminhar* e *adequação do tamanho dos quarteirões* (Spearman, $c=0,166$, $\text{sig.}=0,021$), demonstrando que quanto maior a percepção de adequação, maior a intensidade de deslocamentos. Isso é corroborado pelas diferenças encontradas quanto à facilidade de circulação devida à estrutura do ambiente construído e a intensidade de uso verificadas nas áreas de análise, ressaltando que o pouco movimento de pessoas na Área 2 e o intenso movimento nas Áreas 1 e 3 tende a ser influenciado por outros fatores (ex.: atividades e equipamentos disponíveis), além da estrutura do espaço.

O uso intenso ou exclusivo do automóvel é maior na Área 2 (32,8%), seguido pelas Áreas 1 (20%) e 3 (16,1%) ($\chi^2=11,006$, $\text{sig.}=0,026$). Essa diferença é destacada na comparação entre os grupos socioeconômicos distintos, já que moradores do bairro usam e possuem mais automóveis que moradores da habitação social ($\chi^2=27,055$, $\text{sig.}=0,003$), que, em geral, utilizam o ônibus ou andam a pé. Particularmente na Área 2, as diferenças entre os grupos são maiores ($\chi^2=11,006$, $\text{sig.}=0,026$), pois é nessa área que os moradores do bairro mais utilizam o carro (64,9%) e menos caminham nos seus deslocamentos (13,5%).

Para as três áreas em conjunto e isolando os grupos, estão correlacionados negativamente o *hábito de caminhar* e o *uso intenso do automóvel* (Spearman, $c=-0,287$, $\text{sig.}=0,000$), demonstrando que quanto maior o hábito de andar pelo bairro, menor o uso dos automóveis e vice-versa.

O *hábito de caminhar* e o *uso intenso do automóvel* afetam o *sentimento de segurança relacionado ao movimento de pessoas no bairro* (Spearman, $c=0,151$, $\text{sig.}=0,036$; Spearman, $c=-0,147$, $\text{sig.}=0,041$, respectivamente). Isso parece ser ratificado pelas diferenças quanto a esse sentimento que é menor entre moradores da Área 2 (41,8%), seguido pelos das Áreas 3 (61,3%) e 1 (64,6%) ($\chi^2=13,073$, $\text{sig.}=0,011$), em concordância com a intensidade de uso da rua verificada nessas Áreas (2, 3 e 1, com gradativamente maior uso).

Considerando o tamanho das quadras (e, intrinsecamente, número de conexões e acessibilidade), os resultados parecem sugerir que, quando a estrutura do ambiente construído favorece o hábito de caminhar, este uso tende a ocorrer com maior intensidade, contribuindo para o menor uso do carro e o maior sentimento de segurança na percepção do movimento de pessoas. Também a percepção deste movimento (associada aparentemente à proximidade entre os acessos e à densidade habitacional) parece estar relacionada ao tamanho dos quarteirões.

4.4.1.2 Adequação das calçadas e uso

Moradores da amostra total estão relativamente satisfeitos com a *aparência* e a *manutenção das calçadas*, destacando-se entre eles os da Área 2, um pouco mais satisfeitos que os demais, por apresentar-se as melhores condições das circulações de pedestre nesta Área.

Diferenças entre os grupos socioeconômicos revelam que moradores do bairro estão mais satisfeitos com a *aparência* ($\chi^2=14,999$, sig.= 0,001) e a *manutenção das calçadas* ($\chi^2=9,263$, sig.= 0,010), percebendo estas como *mais adequadas ao uso* ($\chi^2=6,076$, sig.= 0,048) que os moradores da habitação social. Isso é verificado, especialmente, nas Áreas 1 e 2, em razão das piores condições de pavimentação no Jardim Planetário e nas adjacências do Condomínio dos Anjos, mas é diferenciado na Área 3, pois moradores do Condomínio Princesa Isabel, onde as calçadas estão em boas condições, apresentam maior satisfação com a *aparência* destas que os moradores do bairro ($\chi^2=19,641$, sig.= 0,000).

Menos da metade dos moradores em geral (33,5%) considera que as *calçadas estão bem equipadas* (mobiliário e utilitários urbanos). Essa percepção é ligeiramente maior na Área 1, seguida das Áreas 3 e 2, em concordância com o maior número e diversidade de elementos urbanos identificados nessas áreas. A maior percepção de *iluminação pública* (Áreas 3, 2 e 1, gradativamente menor) não coincide com o maior número de postes de iluminação por hectare. Conforme verificado nas entrevistas, a arborização em certas ruas tende a reduzir a área iluminada, o que parece estar acontecendo de modo especial na Área 1, onde é percebida a maior insatisfação com a iluminação das ruas e, paradoxalmente, há a maior infraestrutura de iluminação.

Verifica-se, para a amostra total, que a *satisfação com a aparência das calçadas* está correlacionada à *iluminação pública suficiente* (Spearman, $c=0,233$, sig.=0,001) e a *calçadas bem equipadas* (Spearman, $c=0,168$, sig.=0,019), correlações que se tornam mais fortes entre moradores do bairro na Área 3 (Spearman, $c=0,687$, sig.=0,000; Spearman, $c=0,495$, sig.=0,005, respectivamente). Isso sugere que, embora condições de manutenção ou qualidade dos revestimentos sejam relevantes para a *aparência* das calçadas, os elementos urbanos que agregam maior funcionalidade, tais como iluminação, telefone público e lixeiras, também favorecem a satisfação com a sua *aparência*.

A associação entre *percepção de adequação das calçadas ao uso* e *satisfação com a aparência* (Spearman, $c=0,195$, sig.=0,007) parece corroborar que quanto melhor a *aparência* das calçadas, seja devido às condições da pavimentação ou em função dos elementos urbanos existentes, maior a percepção de que elas podem ser usadas. Em todas as Áreas foram observadas pessoas nas calçadas junto aos elementos urbanos existentes, fossem eles bancos, telefones públicos, bancas de revista e comida ou chaveiros. Isso

sugere que a maior percepção de adequação e satisfação com aparência das calçadas incrementa o potencial de interação social entre moradores do bairro e da habitação social em razão das maiores possibilidades de uso simultâneo das ruas pelos dois grupos.

Destaca-se, ainda, que a *utilização das calçadas por crianças* é maior na Área 1 (66,2%), seguida das Áreas 2 (41,8%) e 3 (16,1%) ($\chi^2=33,609$, sig.= 0,000) e maior entre moradores da habitação social que entre moradores do bairro, especialmente nas Áreas 1 e 2 (respectivamente, $\chi^2=8,121$, sig.= 0,017 e $\chi^2=10,364$, sig.= 0,006). Dois aspectos parecem ser importantes para a compreensão deste uso, um contextual e outro composicional. Primeiro, a grande presença de vias arteriais limita a presença de crianças nas calçadas, em especial na Área 3, o que é sustentado pelo menor uso verificado entre esses respondentes. Segundo, a maior quantidade de crianças nos espaços próximos a residência junto aos conjuntos de habitação social, evidenciada nas observações de comportamento, é devida a fatores composicionais: maior número de crianças por família neste grupo socioeconômico e a falta de recursos para uso de outros espaços de lazer tais como clubes.

4.4.1.3 Adequação da vegetação e uso

As observações de comportamento sugerem que a localização de pessoas para usos como “ficar parado em pé” ou “ficar sentado” está relacionada à presença de locais sombreados: nas três Áreas, há a coincidência de bancos de praça em áreas sombreadas por árvores; na Área 1, moradores colocam cadeiras sob as árvores nas praças Júlio A. Bozano e João Belém e em certos trechos da rua Jacinto Gomes; na Área 3, moradores conversando sob árvores estão ao longo da rua Domingos Crescêncio, na esquina da av. João Pessoa com a av. Princesa Isabel e na esquina da rua Ramiro D'Ávila com a av. Princesa Isabel; gramados em espaços públicos, de modo especial, nas Áreas 1 (nas praças em geral) e 3 (espaços do terminal de ônibus), apresentam usos como crianças brincando ou jogando futebol; na Área 2, a observação de pessoas conversando ou crianças brincando em espaços sombreados ou gramados é menor, ocorrendo, principalmente, no acesso das habitações irregulares da rua La Plata e na cancha de esportes do DEP, próximo ao Condomínio dos Anjos na av. Ipiranga.

A satisfação com a vegetação no bairro é maior para moradores da Área 2 (86,6%), seguidos da Área 1 (67,7%) e Área 3 (66,1%) ($\chi^2=12,857$, sig.= 0,012), o que está em acordo com a maior presença de árvores, respectivamente, nessas Áreas, sugerindo uma associação entre maior número de árvores e maior satisfação com presença da vegetação

Cabe destacar, na Área 1, que moradores do bairro (54,3%) estão menos satisfeitos com a vegetação que moradores do Jardim Planetário (83,3%) ($\chi^2=9,641$, sig.= 0,008). Essa menor satisfação entre moradores do bairro parece ser justificada pelo fato de 43,8% dos

respondentes insatisfeitos ou indiferentes quanto à presença da vegetação residirem na porção sul da av. Ipiranga, onde há menor número de árvores (perfazendo 70% – 7 de 10 – dos moradores do lado sul).

Além disso, a *satisfação em caminhar pelas ruas arborizadas do bairro* é freqüente para a maior parte dos moradores, independente da área ou do grupo social. Todavia, moradores das Áreas 1 e 2 tendem a ser os mais satisfeitos (83,8% e 83,9%, respectivamente), enquanto moradores da Área 3, os menos satisfeitos (74,2%). Isso possivelmente está sendo influenciado pela menor arborização na Área 3, pois, segundo os resultados, a *satisfação com a vegetação no bairro* está correlacionada com a *satisfação de caminhar nas ruas arborizadas do bairro*, tanto quando consideradas as três áreas em conjunto (Spearman, $c=0,476$, $sig.=0,000$) como quando considerada áreas ou grupos socioeconômicos individualmente.

Embora não possa ser dito que há maior volume de usuários nas ruas em função da arborização, os resultados parecem confirmar que a existência de árvores e vegetação favorece a presença de usuários de diferentes faixas etárias, em atividades como trocas e conversas entre vizinhos, jogos e brincadeiras entre crianças e, ainda, propiciando mais caminhadas pelo bairro. O estímulo da presença de vegetação à existência de atividades no espaço público das ruas parece promover o maior contato entre os moradores dos diferentes grupos sociais.

4.4.1.4 Adequação do fluxo de veículos e uso

Para as três áreas em conjunto, os moradores tendem a perceber pouca *influência do fluxo de veículos na dificuldade de caminhar pelo bairro*, embora, na Área 3 (46,8%) a influência desses fluxos seja maior que nas Áreas 2 (27,1%) e 1 (25,4%) ($\chi^2=9,923$, $sig.=0,042$), o que é corroborado pela maior quantidade de vias arteriais nas Áreas 3, 2 e 1 (sucessivamente menor). Os resultados também revelam que essa percepção é maior entre moradores da habitação social que entre moradores do bairro ($\chi^2=11,241$, $sig.=0,004$), de modo especial na Área 3, onde moradores do Condomínio Princesa Isabel, rodeado por vias de fluxo intenso de veículos (avenidas Princesa Isabel, João Pessoa e Bento Gonçalves) sentem mais intensamente os efeitos limitadores do sistema viário em termos de uso ($\chi^2=8,654$, $sig.=0,013$).

A *percepção da insuficiência de sinalizas e faixas de trânsito para garantir segurança aos pedestres*, embora semelhante quando comparadas as três Áreas, também demonstra maior insatisfação dos moradores da habitação social que do bairro ($\chi^2=10,791$, $sig.=0,004$), especialmente, na Área 1 ($\chi^2=11,241$, $sig.=0,004$), onde 63,3% dos moradores do Jardim Planetário identificam sinalizas e faixas de trânsito como insuficientes, enquanto

apenas 22,9% dos moradores do bairro. O problema verificado pelas entrevistas seria a travessia de crianças e idosos na rua Santana para os deslocamentos no sentido de padarias e da escola na esquina da av. João Pessoa com a rua Luiz Manoel.

Segundo os resultados, a insuficiência de sinaleiras e faixas de trânsito para a travessia de pedestres afeta a percepção de influência do fluxo de veículos na dificuldade em caminhar pelo bairro, tanto considerando as três áreas em conjunto (Spearman, $c=0,284$, $sig.=0,000$), como cada Área individualmente.

A localização prejudicada da habitação social nas três áreas em termos de proximidade às vias com intenso fluxo de veículos parece ser sustentada pelos resultados. Todavia, as diferenças encontradas, quando isolados os grupos socioeconômicos, permitem inferir que outros aspectos podem estar afetando a percepção de *influência do fluxo de veículos* e a *insuficiência de sinaleiras e faixas de trânsito*. O fato dos moradores da habitação social apresentarem maior hábito de caminhar e maior número de crianças brincando nas ruas e o fato dos moradores do bairro utilizarem automóveis mais intensamente, sugere a influência do estilo de vida na percepção de um ambiente mais ou menos adequado em termos da presença dos eixos viários.

A quantidade e o tipo de vias parecem particularmente importantes quanto à possibilidade de interação entre os moradores das áreas porque, por um lado, possibilitam a realização de atividades de pedestres (na Área 1) – o que tende a favorecer a interação –, e, por outro lado, podem privilegiar o automóvel em detrimento do uso da rua pelo homem (nas Áreas 2 e 3) – o que tende a inibir ou dificultar a interação. Entretanto, os efeitos negativos do sistema viário, quanto ao uso do espaço público na rua parece ser percebido diferentemente por grupos socioeconômicos distintos.

4.4.1.5 Associação da estrutura do ambiente construído e o uso e a interação social no bairro

Na comparação entre os indicadores de *adequação da estrutura do ambiente construído* (Tabela 4.62), as diferenças tendem a ser sustentadas pelas características físico-espaciais analisadas e descritas no item 4.1. Por um lado, a maior acessibilidade e o maior potencial de movimento observados na Área 1 são confirmados pelos respondentes, já que nessa Área moradores percebem maior *adequação do tamanho dos quarteirões*, que nas Áreas 3 e 2, respectivamente (KW, $\chi^2=15,730$, $sig=0,000$). Por outro, a presença de arborização mais densa nas ruas da Área 2 concorda com a maior percepção dos moradores de *adequação da vegetação* nessa Área (KW, $\chi^2=5,977$, $sig=0,050$), seguida das Áreas 1 e 3.

Tabela 4.62: Relação entre os indicadores de adequação da estrutura do ambiente construído e uso

	Médias ordinais ¹							
	Morador Habitação social	Morador do Bairro	Área 1		Área 2		Área 3	
			Morador Jardim Planetário	Morador do Bairro	Morador Condom. dos Anjos	Morador do Bairro	Morador Condom. Princ. Isabel	Morador do Bairro
Adequação do tamanho dos quarteirões, densidade e uso	111,04*	85,54*	37,33	29,29	39,65*	29,42*	34,06	28,94
			109,62*		76,28*		107,73*	
Adequação das calçadas e uso ²	102,88	92,74	30,25	35,36	30,50	36,84	35,89	27,11
			84,79		103,91		103,90	
Adequação da vegetação e uso	103,64	92,07	39,22*	27,67*	34,65	33,47	31,60	31,40
			95,54*		108,04*		88,16*	
Adequação do fluxo de veículos e uso	83,20*	110,13*	25,70*	39,26*	30,98	36,45	27,45	35,55
			97,18		102,54		92,39	
Adequação da estrutura do ambiente construído e uso	102,27	93,29	31,75	34,07	33,80	34,16	33,80	34,16

Nota: 1. Os valores tratam das médias dos valores ordinais (somatório das variáveis relacionadas a cada dimensão do ambiente construído, valores obtidos a partir dos testes Mann-Whitney – U e Kruskal-Wallis – K-W). Quanto maior o valor, maior a adequação e o uso dos indicadores; 2. a variável *uso das calçadas por crianças* foi eliminada do somatório em função do teste "reability analysis"; * Valores destacados apresentam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos.

Caminhando mais intensamente pelas ruas, moradores da habitação social são os que mais percebem os quarteirões como adequados, ($U, \chi^2=3454,500, sig=0,000$) enquanto moradores do bairro, que deslocam-se menos a pé, são os que mais percebem o fluxo de veículos e os utilitários de segurança de trânsito como adequados ($U, \chi^2=3385,500, sig=0,000$), especialmente na Área 1 ($U, \chi^2=306,000, sig=0,003$). Esses resultados reforçam as diferenças devidas ao estilo de vida, sugerindo que para moradores do bairro, quanto menor o uso das ruas, menor a percepção de influência dos fluxos de veículos para caminhar pelo bairro, e exatamente o oposto ao considerar-se os moradores da habitação social.

Em cada uma das Áreas, as diferenças mais expressivas entre os grupos socioeconômicos, quanto à percepção da adequação do ambiente construído, corroboram a influência da localização da habitação social em relação ao entorno, embora sejam percebidas, em especial para a Área 2, interferências do estilo de vida dos moradores: na Área 1, a localização do Jardim Planetário junto a duas praças arborizadas e intensamente utilizadas favorece, para seus moradores, a melhor percepção de adequação da arborização ao uso ($U, \chi^2=338,500, sig=0,004$); na Área 2, embora o Condomínio dos Anjos apresente acessibilidade reduzida em relação ao bairro, seus moradores caminham mais intensamente pelos quarteirões, percebendo-os como mais adequadas que os moradores do bairro ($U, \chi^2=385,500, sig=0,029$); na Área 3, o Condomínio Princesa Isabel é favorecido, quando comparado ao entorno, por calçadas em boas condições de manutenção e com diversidade de elementos urbanos, como resultado, esses moradores percebem as calçadas como mais adequadas ($U, \chi^2=307,500, sig=0,13$).

Para a amostra geral, o *uso do bairro de moradia* é afetado pela *adequação da vegetação* (Spearman, $c=0,149$, $\text{sig.}=0,039$) e do *tamanho dos quarteirões* (Spearman, $c=0,228$, $\text{sig.}=0,001$), enquanto o uso de outros bairros é negativamente influenciado pela *adequação das calçadas* (Spearman, $c=-0,157$, $\text{sig.}=0,029$) e do *tamanho dos quarteirões* (Spearman, $c=-0,244$, $\text{sig.}=0,001$). Isso sugere que a acessibilidade da estrutura do espaço urbano, a agradabilidade em termos de arborização e a aparência das calçadas favorecem o uso do bairro de moradia, reduzindo a utilização de outros lugares. Como consequência, há maior interação social, o que é sustentado pelas correlações entre a *adequação dos quarteirões* e o *relacionamento social na vizinhança* (Spearman, $c=0,159$, $\text{sig.}=0,027$) e a *adequação da vegetação* e a percepção de *apóio mútuo na vizinhança* (Spearman, $c=0,204$, $\text{sig.}=0,004$).

A *adequação dos fluxos de veículos* está associada ao *comportamento mais favorável ao uso da rua* (satisfação quanto ao contato visual com a rua e hábito de conversar nas calçadas) (Spearman, $c=0,221$, $\text{sig.}=0,002$) e ao *relacionamento social na vizinhança* (Spearman, $c=0,256$, $\text{sig.}=0,000$), sugerindo que espaços onde há maior percepção de segurança em função do volume de tráfego, maior, também, o desejo de utilizar as calçadas e melhores as relações entre os vizinhos.

Verificando a influência dos atributos físicos analisados, identifica-se para a amostra total que a *adequação da estrutura do ambiente construído* (indicador geral) influencia negativamente o *uso de outros bairros* (Spearman, $c=-0,247$, $\text{sig.}=0,001$) e afeta positivamente a percepção de *apoio mútuo na vizinhança* (Spearman, $c=0,187$, $\text{sig.}=0,009$), os *relacionamentos sociais entre vizinhos* (Spearman, $c=0,251$, $\text{sig.}=0,000$) e o *sentimento de ligação com a vizinhança* (Spearman, $c=0,182$, $\text{sig.}=0,011$). Isso implica que quanto mais favorável o ambiente construído para deslocamentos e uso das ruas, menos os moradores utilizam outros bairros da cidade, maior a possibilidade de uso simultâneo dos lugares próximos à residência por moradores do bairro e da habitação social, maior a satisfação e a identificação com os moradores da área, como também melhores os relacionamentos sociais (menor conflito).

A verificação de adequação dos atributos físico-espaciais analisados sustenta a hipótese de que quanto mais a estrutura do ambiente construído apóia a acessibilidade de atividades e a apropriação dos espaços abertos públicos próximos ao lugar de moradia, maior a probabilidade de interação social (contato) entre os moradores de grupos socioeconômicos distintos existentes na mesma área. A Área 1 destaca-se como a de melhores características para o favorecimento da interação social entre os moradores. Nela existem as condições mais propícias em relação às Áreas 2 e 3 quando verificados o tamanho das quadras, o traçado viário, proporção de intersecções de ruas por hectare,

quantidade de áreas de lazer e, ainda, menor interferência do sistema viário na circulação de pedestres.

4.4.2 Hipótese 2: relações entre aparência das edificações e interação social

A hipótese 2 investiga se: Quanto maior a semelhança na aparência das edificações da habitação social e das edificações da área em geral, maior a probabilidade de interação social (contato) entre os moradores dos dois grupos socioeconômicos.

Para verificar esta hipótese, para cada Área de análise, são identificados e associados aos moradores do bairro ou da habitação social, os lugares esteticamente atraentes e não atraentes, os inadequados às características do bairro e os inseguros. A seguir, é avaliada a satisfação com a aparência das edificações e a percepção de segurança do lugar, bem como a associação entre elas. Dessa forma, é investigado se diferenças ou semelhanças entre as edificações dos dois grupos socioeconômicos afetam o uso de áreas comuns e a probabilidade de interação social entre eles.

4.4.2.1 Lugares identificados pelos moradores em função da aparência ou da segurança

Os lugares percebidos pelos moradores como *esteticamente atraentes*, *esteticamente não atraentes*, *inadequados às características do bairro* e *inseguros* (e evitados para o uso) são identificados nos mapas a seguir (Figuras 4.147, 4.148 e 4.149). As características predominantes, em cada Área, relativas a altura, estilo arquitetônico, uso unifamiliar ou multifamiliar e manutenção das edificações, analisadas anteriormente (item 4.2), auxiliam a compreensão da atratividade das áreas.

Na Área 1, as ruas Santa Teresinha (26%) e Santana (ou edificações individuais existentes nessas ruas) são os lugares percebidos como mais atraentes, sendo identificados por moradores do bairro e da habitação social. As duas ruas, em especial a Santa Teresinha, apresentam edificações multifamiliares em estilo moderno ou protomoderno, com alturas semelhantes e manutenção boa ou regular.

O Jardim Planetário (habitação social) (ver Anexo J) é o local menos atraente (33%) e menos adequado às características do bairro (33%), sendo identificado respectivamente por 55% e 31% dos moradores do conjunto e 15% e 36% dos moradores do bairro. As edificações unifamiliares do conjunto, com 1 ou 2 pavimentos, em condições de manutenção ruim ou precária e em arquitetura popular, se diferenciam fortemente do entorno, o que parece contribuir para a percepção de inadequação e para o fato de não serem esteticamente atraentes.

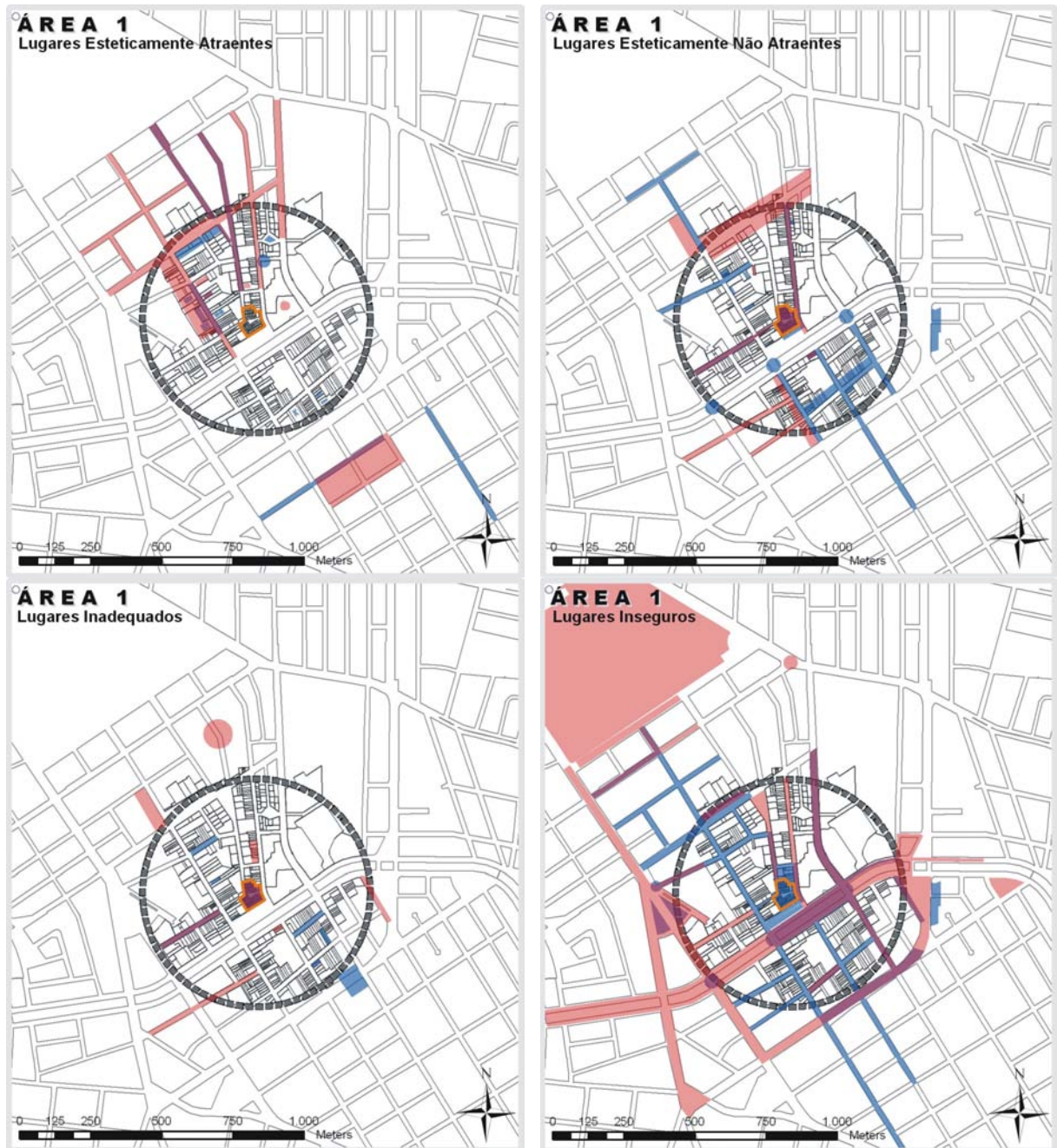


Figura 4.150: Lugares identificados na Área 1

Nota: Tabelas com a descrição e frequência dos lugares identificados pelos moradores estão no Anexo L – Tabelas L1.1 a L1.4.



Os locais inseguros tendem a ser muito variados e diferentemente percebidos pelos dois grupos socioeconômicos, como mostra a Figura 4.150. Para moradores do Jardim Planetário, o lugar mais inseguro é a rua Luiz Manoel junto a av. Santana, lugar de difícil travessia para acessar a Escola Ildefonso Gomes e os estabelecimentos de comércio próximos, sugerindo uma associação com o fator de tráfego, mais do que com algum fator estético. Por outro lado, para moradores do bairro, o Jardim Planetário é o local mais inseguro, concordando com as percepções anteriores de menos atraente e inadequado.

Na Área 2, diversos locais são identificados como atraentes, como mostra a Figura 4.151. As ruas Dário Pederneiras (15%) e Eça de Queiroz (17%) destacam-se, sendo identificadas como atraentes por moradores do bairro e da habitação social. As edificações dessas ruas, predominantemente de uso unifamiliar e estilo moderno, são bem mantidas e apresentam alto padrão construtivo.

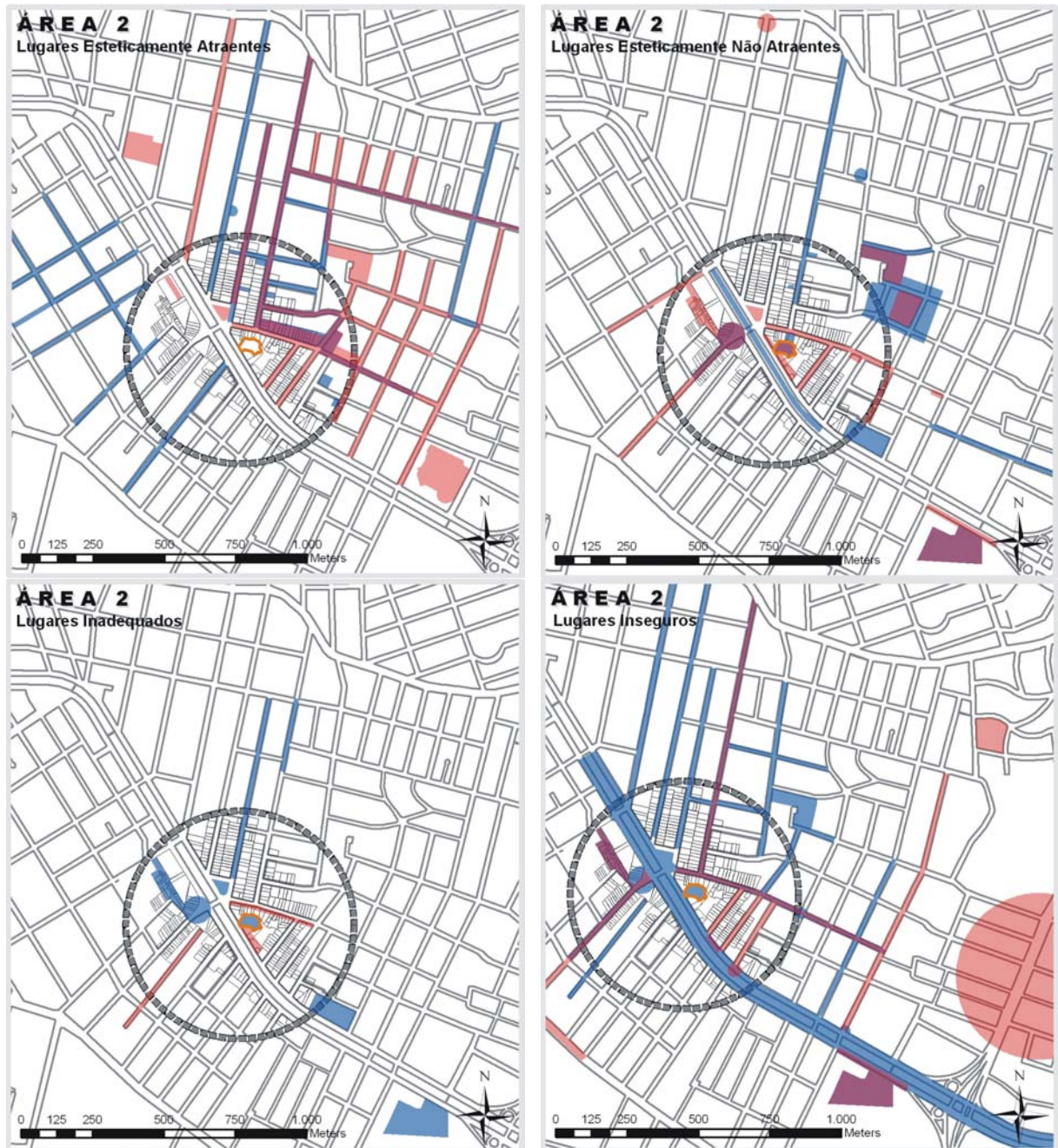
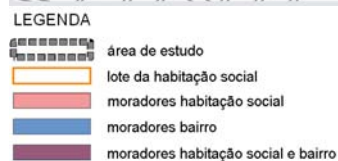


Figura 4.151: Lugares identificados na Área 2

Nota: Tabelas com a descrição e frequência dos lugares identificados pelos moradores estão no Anexo L – Tabelas L1.1 a L1.4.



Locais inadequados e não atraentes são pouco identificados. O Condomínio dos Anjos, a Vila Cachorro Sentado e a Praça das Nações são os menos atraentes para os dois grupos socioeconômicos, mas apenas o condomínio e a vila são percebidos como inadequados às características da Área. As adjacências do Condomínio dos Anjos na av. Ipiranga, em condições precárias de manutenção, são destacadas entre os moradores do condomínio como inadequadas (50%) e não atraentes (17%). Para moradores do bairro, os locais menos atraentes são o Condomínio Residencial na rua Felizardo (13%) e a Praça das Nações (13%), mas não há relevância entre as áreas inadequadas.

A Vila Cachorro Sentado (e áreas lindeiras em frente ao Bourbon Shopping na av. Ipiranga) é o local mais inseguro, sendo identificada pelos dois grupos. Para moradores do bairro, sobressaem-se também como inseguros o Condomínio dos Anjos (8%), a Praça das Nações, (8%) e a rua La Plata (14%).

A concordância entre locais não atraentes, inadequados às características do bairro e inseguros parece ocorrer como na Área 1. A figura 4.151 (ver também Anexo J) permite observar essas associações, embora a identificação dos locais varie para cada um dos aspectos analisados.

Na Área 3 (Figura 4.52), não existe homogeneidade na identificação dos lugares atraentes, mesmo quando isolados os grupos socioeconômicos. Todavia, a rua Maestro Mendana (fora dos limites da área de análise) tende a ser o local mais atraente para moradores do bairro (11%) e o Condomínio Princesa Isabel, para os seus próprios moradores (14%). Destaca-se quanto a este último que sua atratividade pode estar sendo favorecida pelas edificações serem novas (finalizadas em 2006) e em razão dos moradores do condomínio advirem de habitações precárias.

Locais não atraentes, inadequados e inseguros apresentam também grande variação nas identificações. Ao contrário das Áreas 1 e 2, a concordância entre esses três aspectos não é tão evidente, embora seja também percebida, especialmente em relação à atratividade e a insegurança.

Nesse sentido, a av. Azenha e as ruas Ramiro D'Ávila, Prof. Freitas e Castro e Marcílio Dias são identificadas como as menos atraentes e as mais inseguras (Anexo J), o que pode ser associado ao fato de apresentarem muitas edificações mal conservadas e terrenos baldios ou com estacionamento. Entre moradores do bairro ainda se destacam, nestes dois aspectos, a rua Leopoldo Bier e o Condomínio Princesa Isabel. Este último, em razão da identificação como inadequado às características do bairro, se sobressai: embora a altura, o uso multifamiliar e a boa manutenção favoreçam as semelhanças com as edificações do entorno, alguns moradores do bairro consideram-no inadequado, sugerindo que o estilo e o padrão de acabamento da edificação ou então fatores composicionais estejam interferindo nessa percepção.



Figura 4.152: Lugares identificados na Área 3

Nota: Tabelas com a descrição e frequência dos lugares identificados pelos moradores estão no Anexo L – Tabelas L1.1 a L1.4.

LEGENDA
 - - - - - área de estudo
 ■ lote da habitação social
 ■ moradores habitação social
 ■ moradores bairro
 ■ moradores habitação social e bairro

Cabe ressaltar que, na análise dos locais identificados pelos moradores, parece haver associação entre a percepção de atratividade e a de segurança. Além disso, nas três áreas, as edificações da habitação social tendem a ser identificadas pelos moradores do bairro como não atraentes, inadequadas às características do lugar e inseguras.

4.4.2.2 Aparência do bairro e nível de satisfação com as edificações

Para a amostra total, a *satisfação com a aparência das edificações do bairro* é influenciada pela *manutenção* (Spearman, $c=0,482$, $sig.=0,000$) e pelos estilos das edificações (Spearman, $c=0,156$, $sig.=0,030$). E a *percepção de locais esteticamente atraentes* está correlacionada à *satisfação com a aparência* (Spearman, $c=0,257$, $sig.=0,000$) e à *manutenção* (Spearman, $c=0,141$, $sig.=0,000$). Isso sugere que tanto melhor a manutenção das edificações e maior a satisfação com os diferentes estilos arquitetônicos existentes numa área, maior a satisfação com a aparência das edificações em geral e a identificação de locais atraentes.

As diferenças entre as Áreas corroboram esses resultados: moradores da Área 2 são os mais satisfeitos com a *aparência* ($\chi^2=12,706$, $sig.=0,012$) e com a *manutenção das edificações do bairro* ($\chi^2=10,035$, $sig.=0,037$), percebendo mais *locais atraentes* ($\chi^2=11,551$, $sig.=0,003$) que os moradores das Áreas 1 e 3. Conforme as características das edificações analisadas no item 4.1: na Área 2 apresentam-se as melhores condições de manutenção, melhor padrão construtivo e maior homogeneidade quanto a alturas, estilos e usos; na Área 1, condições intermediárias quanto a manutenção e homogeneidade das edificações; enquanto na Área 3, identificam-se as piores condições de manutenção, padrões construtivos variados e menor homogeneidade em relação a altura, estilo arquitetônico e uso das edificações.

Moradores da habitação social apresentam maior *satisfação com a aparência das edificações do lugar* que moradores do bairro ($\chi^2=16,692$, $sig.=0,000$), sugerindo para os primeiros um padrão de exigência menor com relação às variações estéticas (tais como altura, estilo, padrão construtivo), embora, quanto a *manutenção*, os dois grupos apresentem percepções semelhantes. Essas diferenças podem estar influenciando a maior *percepção de locais inadequados às características da área* por moradores do bairro que para os da habitação social ($\chi^2=13,869$, $sig.=0,001$).

Os resultados demonstram, quando considerados todos os moradores em conjunto, que a *percepção de locais inadequados às características da área* está negativamente associada à *satisfação com a aparência* (Spearman, $c=-0,290$, $sig.=0,000$), à *manutenção* (Spearman, $c=-0,171$, $sig.=0,000$) e aos *estilos das edificações* (Spearman, $c=-0,221$, $sig.=0,002$). Portanto, a falta de manutenção das edificações e a insatisfação com os estilos arquitetônicos favorecem a insatisfação com a aparência, propiciando a identificação de locais inadequados ao bairro.

A *percepção de locais inadequados* ainda é influenciada pela *presença de edificações antigas* (Spearman, $c=0,214$, $sig.=0,000$), todavia, parece estar existindo um desvio de significado, pois esta variável é afetada pela *manutenção* (Spearman, $c=0,277$,

sig.=0,023 – apenas na Área 2), indicando que edificações antigas estejam sendo associadas a edificações mal conservadas sem necessariamente remeterem a construções do início ou meados do século XX.

Cabe destacar, ainda, que *o desejo de identificar-se com o bairro a partir do local de moradia (tornando sua edificação mais semelhante ao entorno)*, ($\chi^2=5,879$, sig.= 0,05) tende a ocorrer mais intensamente entre moradores da habitação social, indicando que estes, embora mais satisfeitos que os do bairro com relação a aparência da Área em geral, não se satisfazem com a aparência da própria moradia. Isso parece ser sustentado pelos moradores das três áreas reurbanizadas, em especial no Jardim Planetário, que identificaram as edificações de seus conjuntos como não atraentes ou inadequadas.

A verificação dos atributos que mais influenciam na atratividade das edificações (manutenção e estilo) e a caracterização das diferenças entre os locais de moradia da habitação social e do bairro corroboram a identificação feita pelos moradores sobre os conjuntos: na Área 1, as piores condições de manutenção e o baixo padrão construtivo e formal (estético) do Jardim Planetário favorecem sua diferenciação do entorno e sua identificação como não atraente e inadequado; na Área 2, a topografia e a acessibilidade visual entre os dois grupos reduzem o reconhecimento do Condomínio dos Anjos pelos moradores do bairro, ainda assim, alguns moradores tendem a identificá-lo como não atraente e inadequado, seja pelas características formais ou pela influência das características precárias de manutenção das áreas lindeiras ao condomínio; na Área 3, a maior diversidade de características do bairro e as condições favoráveis de manutenção do Condomínio Princesa Isabel, não o tornam menos atraente, embora seja percebido como inadequado às características do bairro.

4.4.2.3 Percepção de segurança e uso e associação com a satisfação com a aparência

A *percepção de segurança no bairro* é afetada, na amostra total, pela *manutenção das edificações* (Spearman, $c=0,161$, sig.=0,025) e, especialmente na Área 2, é influenciada pela *satisfação com os estilos arquitetônicos* (Spearman, $c=0,269$, sig.=0,028), e, entre moradores do bairro, é também influenciada pela *aparência das edificações* (Spearman, $c=0,205$, sig.=0,038), destacadamente na Área 1, onde essa correlação é mais forte (Spearman, $c=0,529$, sig.=0,001). Isso corrobora a literatura quanto à influência da aparência e manutenção na percepção de segurança. Contudo, outros fatores relacionados à estrutura do ambiente construído, tais como o fluxo de veículos ou acessibilidade visual, podem estar interferindo, visto que a maior satisfação com a aparência e manutenção foram anteriormente identificadas na Área 2, seguidas das Áreas 1 e 3, enquanto a segurança é

melhor percebida na Área 1, sendo sucessivamente menos seguras as Área 2 e 3 ($\chi^2=9,533$, sig.= 0,049).

A *percepção de segurança* afeta o uso dos espaços (Spearman, $c=-0,307$, sig.=0,000), para a amostra total e nos grupos separadamente, sugerindo que quanto maior a segurança percebida, menor a influencia no uso dos espaços do bairro, ou seja, menos os lugares são evitados pelos moradores. Nas Áreas 1 e 2, onde respectivamente a percepção de segurança e a satisfação com a aparência são maiores, moradores tendem a identificar menor influencia da segurança para usar o bairro (Área 1 – 67,7% e Área 2 – 67,2%), enquanto na Área 3, esta influência tende a ser um pouco maior (80,6%).

Destaca-se que nas três Áreas moradores dos dois grupos socioeconômicos tendem a apresentar semelhanças nos sentimentos de segurança e percepção da influência da segurança no uso. Além disso, apesar das correlações entre segurança e manutenção ou estilo ou aparência das edificações revelarem certas diferenças entre os grupos, o significado dessas relações tende a ser o mesmo, revelando que a segurança é afetada pela satisfação com a aparência, seja em função de identificação de áreas atraentes ou inadequadas, ou devido à manutenção ou a presença de edificações antigas.

Sobretudo, os efeitos da percepção de segurança quanto ao uso, em cada uma das áreas, parece influir negativamente na possibilidade de interação social entre os grupos socioeconômicos distintos. A identificação dos conjuntos reurbanizados como não atraentes, inadequados e inseguros (e evitados) sugere a redução do uso de áreas adjacentes a essas edificações pelos moradores do bairro, desfavorecendo a interação social entre eles e os moradores da habitação social. Cabe ressaltar ainda que existem diferenças entre as áreas, como foi demonstrado na identificação dos lugares quanto à atratividade e a segurança (item 4.3.2.1 e Anexo J – Tabelas J1): onde são mais evidentes as condições precárias da habitação social em relação ao entorno, mais os moradores tendem a escolher o local como inseguro e evitado, o que ocorre mais intensamente na Área 1, seguida das Áreas 2 e 3.

4.4.2.4 Heterogeneidade do ambiente construído

As áreas de estudo são percebidas como homogêneas por aproximadamente 1/3 dos moradores, como demonstra a Tabela 4.63. Moradores da habitação social tendem a perceber o ambiente construído um pouco mais homogêneo que os moradores do bairro.

Tabela 4.63: Caracterização dos elementos influentes na percepção de heterogeneidade do bairro, por área e por tipo de morador

Heterogeneidade percebida em função de:	Área 1		Área 2		Área 3	
	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro
Tipos de edificações	53,3%	65,7%	30%	43,2%	22,6%	19,4%
Material construtivo das edificações	20%	20%	6,7%	10,8%	3,2%	-
Cores das fachadas	26,7%	25,7%	16,7%	2,3%	19,4%	8,5%
Manutenção das edificações	43,3%	51,4%	20%	21,6%	35,5%	38,7%
Tipo de entrada (recoo de jardim)	20%	28,6%	26,7%	27%	25,8%	19,4%
Presença de árvores e vegetação nas ruas	26,7%	48,6%	43,3%	37,8%	25,8%	32,3%
Manutenção das calçadas	33,3%	28,6%	36,7%	16,2%	12,9%	22,6%
O lugar onde moro é homogêneo	40%	20%	36,7%	29,7%	32,3%	35,5%

Nota: As variáveis "heterogeneidade física percebida" não são excludentes, cada morador indicou as que entendeu como mais influentes.

Dentre os moradores que percebem os ambientes como heterogêneos, três elementos em especial são verificados com maior frequência como influentes: os tipos de edificações do bairro (39,7% - 77 de 194), as árvores e a vegetação nas ruas (36,1% - 70 de 194) e a *manutenção das edificações no lugar* (35,1% - 68 de 194). Todavia, destaca-se que moradores da Área 1, percebem mais elementos heterogêneos que os das demais áreas: as *edificações* ($\chi^2=20,438$, sig.=0,000), os *materiais construtivos* ($\chi^2=11,805$, sig=0,003), as *cores das fachadas* ($\chi^2=7,911$, sig.=0,019) e a *manutenção dos edifícios* ($\chi^2=10,574$, sig.=0,005) são mais frequentes na Área 1 seguidas pelas Áreas 2 e 3 e a *presença vegetação nas ruas* tende a ser mais identificada na Área 2, seguidas das Áreas 1 e 3.

Apesar das diferenças entre os grupos socioeconômicos e, especialmente entre as Áreas, a percepção de heterogeneidade do ambiente construído parece ser influenciada pelo tipo e manutenção das edificações.

4.4.2.5 Associação entre aparência, segurança, homogeneidade do ambiente construído e interação social

A comparação entre os grupos (Área e grupo socioeconômico) quanto ao indicador de *satisfação com a aparência* (Tabela 4.64) destaca a importância e a influência da aparência das edificações e da homogeneidade do ambiente construído, pois as diferenças entre as Áreas são evidentes, enquanto, moradores do bairro e da habitação social tendem a apresentar percepções semelhantes em cada Área: a Área 2 apresenta as melhores condições de aparência e manutenção das edificações, favorecendo a maior satisfação dos seus moradores, seguidas das Áreas 1 e 3 (KW, $\chi^2=20,795$, sig.=0,000).

Tabela 4.64: Relação entre os indicadores de satisfação com a aparência, percepção de segurança e heterogeneidade do ambiente construído

	Médias ordinais ¹							
	Morador Habitação social	Morador do Bairro	Área 1		Área 2		Área 3	
			Morador Jardim Planetário	Morador do Bairro	Morador Condom. dos Anjos	Morador do Bairro	Morador Condom. Princ. Isabel	Morador do Bairro
Satisfação com a aparência das edificações	100,92	84,48	32,20	33,69	35,20	33,03	35,19	27,81
			86,51*		122,56*		81,94*	
Percepção de segurança e uso	96,60	96,52	34,98	31,30	34,30	33,76	30,89	32,11
			111,42*		96,42*		84,40*	
Heterogeneidade do ambiente construído	95,33	99,42	30,38	35,24	35,20	33,03	32,00	31,00
			112,22*		93,46*		86,43*	

Nota: 1. Os valores tratam das médias dos valores ordinais (somatório das variáveis relacionadas à adequação dos equipamentos e uso, valores obtidos a partir dos testes Mann-Whitney – U e Kruskal-Wallis – K-W). Quanto maior o valor, maior a satisfação com a aparência e maior a percepção de segurança; * Valores destacados apresentam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos.

A maior *percepção de segurança e uso* entre moradores da Área 1, seguidos dos das Áreas 2 e 3 (KW, $\chi^2=7,955$, sig.=0,019), sugere que outros fatores, além da satisfação com a aparência, estejam contribuindo para o sentimento de segurança. Isto é sustentado, na amostra total de respondentes, pela correlação entre a *percepção de segurança* e a *adequação do ambiente construído* (indicador geral) (Spearman, $c=0,326$, sig.=0,000). Quando agrupados os componentes (ver Tabela 3.7), a *satisfação com a aparência* afeta a *percepção de segurança* entre moradores do bairro (Spearman, $c=0,221$, sig.=0,025), embora não entre os da habitação social. Isso indica que a *acessibilidade da estrutura do ambiente*, a *adequação das calçadas*, a *arborização* e o *fluxo de veículos* tendem a influenciar fortemente a *percepção de segurança e o uso dos lugares*, apesar da influência verificada com relação à *aparência* e a *manutenção das edificações*.

A *heterogeneidade do ambiente construído*, que é mais intensa na Área 1, seguida das Áreas 2 e 3 (KW, $\chi^2=7,620$, sig.=0,022), está correlacionada negativamente à *satisfação com a aparência das edificações* (Spearman, $c=-0,221$, sig.=0,025), o que é mais forte entre moradores da habitação social, especialmente na Área 1 (Spearman, $c=-0,479$, sig.=0,007). Os resultados sugerem que a percepção de maior homogeneidade no bairro favorece a satisfação com a aparência do lugar. Na Área 1, por exemplo, onde a heterogeneidade foi mais sentida, moradores do bairro e da habitação social consideram o Jardim Planetário como esteticamente não atraente e inadequado às características do bairro: pelo conjunto ser muito diferente do entorno, há aumento da percepção de heterogeneidade, afetando negativamente a satisfação com a aparência do lugar.

A *satisfação com a aparência das edificações* afeta negativamente o *uso de outros bairros* (Spearman, $c=-0,251$, sig.=0,000) enquanto a *percepção de segurança* influi no *uso do bairro de moradia* (Spearman, $c=0,165$, sig.=0,021). Isso significa que a atratividade e a segurança do lugar incentivam o uso do bairro, promovendo maior apropriação dos espaços

abertos e, conseqüentemente, maior potencial de interação social entre moradores do bairro e da habitação social.

O *apóio mútuo na vizinhança* é afetado pela *satisfação com a aparência das edificações* (Spearman, $c=0,163$, $sig.=0,023$) e pela *heterogeneidade do ambiente construído* (Spearman, $c=-0,153$, $sig.=0,033$), sugerindo que a satisfação e a identificação com os moradores do bairro, influenciada pela atratividade das edificações e pela percepção de semelhanças entre elas, propicia maior contato social entre os moradores.

O *relacionamento social* e a *ligação com a vizinhança* são influenciados pela *satisfação com a aparência* (Spearman, $c=0,302$, $sig.=0,000$, Spearman, $c=0,232$, $sig.=0,001$, respectivamente) e pela *percepção de segurança* (Spearman, $c=0,163$, $sig.=0,023$, Spearman, $c=0,163$, $sig.=0,023$, respectivamente), essa *segurança*, em especial, afeta os *laços de amizade entre vizinhos* (Spearman, $c=0,206$, $sig.=0,004$). Isso ratifica que a maior atratividade e a maior segurança do bairro, favorecendo os relacionamentos sociais e a satisfação com o lugar, incrementam a interação social entre os moradores.

Por tudo isso, é sustentada a hipótese de que quanto maior a semelhança na aparência das edificações da habitação social e das edificações da área em geral, maior a probabilidade de interação social (contato) entre os moradores dos dois grupos socioeconômicos.

Os resultados sugerem que a aparência das edificações, influenciada pelo estilo e manutenção e pela percepção de heterogeneidade do ambiente construído, afeta a percepção de segurança e o uso do bairro, embora essa percepção também seja influenciada pela estrutura do ambiente construído. A identificação de maiores semelhanças entre edificações e no espaço das ruas favorece a maior apropriação do bairro, a identificação com moradores e a ligação com o lugar, promovendo maior intensidade de relações sociais entre os moradores. Ao contrário, a menor atratividade tende a inibir o uso e a interação social, o que permite estabelecer que:

- na área 1 existem diferenças entre altura, estilo e estado de conservação das edificações do Jardim Planetário e edificações do entorno, que são confirmadas na percepção da área do conjunto como não atraente, inadequada ao bairro e insegura;

- na Área 2, o Condomínio dos Anjos apresenta diferenças quanto ao estilo e altura das edificações em relação ao entorno, além disso, terrenos adjacentes, em estado precário, influenciam na percepção da aparência do conjunto. O Condomínio tende a ser identificado como não atraente, inadequado e inseguro por alguns moradores, embora com menos freqüência que na Área 1, o que parece ser devido a menor acessibilidade visual (topografia e características morfológicas) entre moradores do bairro e da habitação social;

- na Área 3, as menores diferenças quanto à altura, estilo e manutenção do Condomínio Princesa Isabel em relação às edificações do bairro tendem a favorecer a

menor identificação do condomínio como não atraente, inadequado e inseguro, embora isso seja verificado por alguns moradores.

Áreas adjacentes à habitação social tendem a ser menos apropriadas pelos moradores do bairro e menos identificadas com a Área em geral. Isso ocorre mais fortemente na Área 1, onde foram observados (observações de comportamento) muito poucos moradores do bairro circulando junto ao Jardim Planetário, seguida da Área 2, e em menor intensidade, na Área 3, na qual podem ser verificadas diversas pessoas (moradores e não moradores) deslocando-se pelas calçadas em torno do conjunto e usando estabelecimentos de comércio lindeiros. Como resultado, o contato social entre moradores do bairro e da habitação social é menos favorecido onde mais diferenças são identificadas entre as edificações dos dois grupos e, mais favorecido, na situação inversa. Vale recordar que também a estrutura do ambiente construído (acessibilidade física e visual) afeta a possibilidade de interação.

4.4.3 Hipótese 3: relações entre equipamentos existentes na área, atividades realizadas e interação social

A hipótese 3 investiga se: quanto mais os equipamentos existentes na Área apoiarem as atividades desejadas e necessárias aos moradores da habitação social e aos moradores do bairro, maior a intensidade de apropriação da área e maior a probabilidade de interação social (contato) entre os dois grupos socioeconômicos.

Para verificar esta hipótese, é avaliada a percepção de adequação dos equipamentos e dos usos existentes na área e são definidas as atividades e os lugares utilizados pelos moradores da habitação social e do bairro. A adequação dos equipamentos é associada ao potencial de interação social e ao uso do bairro, confirmando se equipamentos próximos à residência apóiam as atividades desejadas e necessárias aos moradores, definindo as possibilidades de uso próximo ao local de moradia, simultaneamente pelos dois grupos socioeconômicos, e a probabilidade de interação social entre eles.

4.4.3.1 Adequação dos equipamentos e usos na Área

As diferenças quanto à existência e à acessibilidade dos equipamentos nas áreas de análise (item 4.1) corroboram as variações de percepção dos moradores em relação a lugares e atividades presentes. A pequena quantidade de equipamentos na Área 2 é

destacada, quando comparada às Áreas 1 e 3, pelos aspectos de maior *insatisfação com o número de equipamentos institucionais no bairro* ($\chi^2=13,984$, sig.= 0,007), de menor *facilidade de acesso a equipamentos de saúde* ($\chi^2=15,117$, sig.= 0,004) e de maior *inexistência de comércio e serviços próximos* ($\chi^2=10,003$, sig.= 0,040). Essas verificações parecem influir no uso do lugar, pois na Área 2 há menor *uso de comércio e serviços do bairro* ($\chi^2=10,003$, sig.= 0,040) e maior *uso de shopping centers* ($\chi^2=13,330$, sig.= 0,010) que nas Áreas 1 e 3.

A existência diferenciada dos espaços públicos de lazer, em associação à acessibilidade desses lugares, sugere, também, a utilização maior ou menor de cada Área: as seis praças da Área 1 estão distribuídas e acessíveis por vias locais ou coletoras; a única praça da Área 2 está acessível, sendo conectada a três ruas locais e a um cruzamento importante (ruas La Plata e Euclides da Cunha e av. Ipiranga), e na Área 3, embora existam duas praças, uma acessível (na esquina da rua Santana e Av. Princesa Isabel) e outra não, (pois funciona como rótula viária), o fluxo intenso de veículos tende a inibir os deslocamentos. Como consequência, foi verificado nos questionários e confirmado nos mapas comportamentais, o maior *uso de praças e parques do bairro por crianças* na Área 1 seguida das Áreas 2 e 3 ($\chi^2=10,003$, sig.= 0,040) e o maior *uso de praças e parques do bairro por moradores adultos* na Área 1, seguida das Áreas 3 e 2 ($\chi^2=11,676$, sig.= 0,020).

Confirmando a influência dos equipamentos do bairro, a percepção de existência desses lugares tende a ser semelhantemente verificada pelos grupos socioeconômicos distintos. Diferenças entre eles são encontradas apenas quanto a dois dos seis aspectos analisados: moradores da habitação social percebem maior *adequação dos edifícios de escritório ao estilo de vida do lugar* ($\chi^2=12,308$, sig.= 0,002) e maior *facilidade de acesso a escolas e creches* ($\chi^2=14,399$, sig.= 0,001).

Um dos possíveis motivos para a maior satisfação de moradores da habitação social com instituições educacionais próximas pode ser a presença de escolas públicas de ensino fundamental nas três Áreas de análise, e a existência de creches comunitárias (destinadas a grupos de baixa renda) junto a moradias desses grupos (Áreas 1 e 3) ou nas adjacências imediatas (Área 2). Assim, se por um lado, esses moradores são beneficiados com a facilidade do acesso a esses equipamentos, por outro, moradores do bairro, tendem a escolher estabelecimentos mais adequados às suas necessidades, independentemente da proximidade desses locais.

Na verificação das atividades realizadas pelos moradores, são identificadas variações significativas em três dos seis aspectos analisados quando comparados os grupos socioeconômicos. Para moradores da habitação social, há maior *utilização dos serviços e estabelecimentos de comércio existentes no bairro* ($\chi^2=9,089$, sig.= 0,011) e maior *uso de praças e parques próximos ao lugar de moradia por crianças* ($\chi^2=12,027$, sig.= 0,002),

enquanto, para moradores do bairro, há maior *uso de shopping centers* ($\chi^2=7,004$, sig.= 0,030).

Moradores do bairro apresentam maior mobilidade (uso do carro) e mais opções para acessar localizações desejadas, mesmo que distantes, como é o caso do shopping center, ou ainda, de espaços de lazer como clubes e centros esportivos. Já moradores da habitação social, com menor mobilidade e recursos financeiros, tendem a usar os espaços mais próximos à residência como o comércio local e as praças públicas. Essas diferenças refletem o estilo de vida e se tornam mais evidentes (através dos questionários e dos mapas comportamentais) quanto menor a diversidade de usos e facilidade de acesso aos equipamentos existentes próximos à moradia (Tabela 4.65). Na Área 1 onde há diversidade de usos, em especial de estabelecimentos de comércio e serviços básicos, são verificados a maior utilização do bairro e comportamentos mais semelhantes entre os grupos socioeconômicos distintos. Na Área 2, há poucos equipamentos e mais diferenças entre os grupos. E, na Área 3, há muitos serviços eventuais ou usos institucionais que favorecem a presença marcante de usuários não moradores, em detrimento do uso residencial e de atividades de apoio a ele, em razão disso algumas diferenças são encontradas entre os grupos quanto à adequação e ao uso dos lugares.

Tabela 4.65: Diferenças estatísticas no uso e equipamentos entre moradores do bairro e da habitação social

Existência de diferenças significativas entre os grupos sociais por área:	Área 1	Área 2	Área 3
Adequação do n° de edifícios de escritório à vida dos moradores do lugar	-	($\chi^2=7,087$, sig.= 0,029)	($\chi^2=8,621$, sig.= 0,013)
Uso freqüente de comércio e serviços básicos presentes no bairro	-	($\chi^2=9,089$, sig.= 0,011)	
Utilização de praças e/ou parques do bairro por crianças	-	($\chi^2=12,977$, sig.= 0,002)	($\chi^2=8,130$, sig.= 0,017)
Satisfação com a proximidade de escolas e creches	-	($\chi^2=7,919$, sig.= 0,019)	-

Nota: Variáveis cujas relações estatísticas não foram encontradas estão omitidas.

Muitas das correlações confirmam a dependência entre maior percepção de equipamentos, maior satisfação com a presença desses no bairro e maior realização de atividades nas adjacências do lugar de moradia. Algumas correlações são destacadas nesse sentido: por um lado, o *uso de shopping centers* está associado negativamente à *satisfação com quantidade de equipamentos institucionais* (Spearman, $c=-0,278$, sig.=0,024), ao *uso do comércio e serviços do bairro* (Spearman, $c=-0,246$, sig.=0,001), à *utilização de parques e praças por crianças* (Spearman, $c=0,299$, sig.=0,015 – apenas na Área 2) e ao *uso de locais de lazer do bairro pelos moradores adultos* (Spearman, $c=-0,380$, sig.=0,002 – apenas na Área 2); e, por outro, o *uso de comércio e serviços básicos do bairro* está associado à *existência e proximidade desses estabelecimentos* (Spearman, $c=0,297$, sig.=0,000), à *possibilidade de ir a pé a praças e parques* (Spearman, $c=0,200$, sig.=0,005),

ao uso de praças e parques por crianças (Spearman, $c=0,217$, $sig.=0,002$) e ao uso de locais de lazer do bairro por moradores adultos (Spearman, $c=0,177$, $sig.=0,014$).

Além disso, conforme a literatura, a incompatibilidade de usos ou usuários numa mesma área pode interferir na redução de usos desses espaços (item 1.4.3.3). Verifica-se que a percepção de pessoas indesejáveis no uso dos lugares do bairro está negativamente associada à satisfação com o número de equipamentos institucionais (Spearman, $c=-0,204$, $sig.=0,004$), à existência de comércio e serviços próximos (Spearman, $c=-0,184$, $sig.=0,010$), ao uso freqüente de comércio e serviços do bairro (Spearman, $c=-0,285$, $sig.=0,000$) e a utilização dos espaços de lazer do bairro por moradores adultos (Spearman, $c=-0,398$, $sig.=0,001$ – apenas na Área 1). Isso sugere que a maior percepção de adequação dos usos e dos moradores existentes no lugar favorece a satisfação com os equipamentos existentes, propiciando maior uso dos espaços, enquanto a percepção de inadequação de usos ou moradores reduz a satisfação com o lugar e o uso deste.

4.4.3.2 Lugares usados e distâncias entre a moradia e a atividade realizada

A seguir, são verificados os lugares específicos utilizados pelos moradores, identificando aqueles que, usados simultaneamente pelos diferentes grupos socioeconômicos, permitem a interação social entre os moradores do bairro e os da habitação social. Foram caracterizados cinco aspectos: local de compras básicas ou diárias, local de compras específicas, local para a prática de esportes, local de lazer diurno e local de lazer noturno.

Também foram identificadas as distâncias desde a moradia até os serviços ou equipamentos desejados (Tabela 4.66), de forma a permitir a verificação das diferenças no deslocamento dos distintos grupos e a associação com a localização dos equipamentos escolhidos.

Tabela 4.66: Variação das distâncias entre moradia-equipamento por área e por tipo de morador

Distâncias ¹ entre casa e local de:		Área 1				Área 2				Área 3			
		Morador da habitação social		Morador do bairro		Morador da habitação social		Morador do bairro		Morador da habitação social		Morador do bairro	
		%	Média ²	%	Média ²	%	Média ²	%	Média ²	%	Média ²	%	Média ²
Compras básicas ou diárias	D1	43%	29,07	26,5%	35,53	-	33,20	-	29,91	19,4%	29,98	26,7%	32,05
	D2	10%		23,5%		26,7%		15,6%		32,3%			
	D3	13,3%		5,9%		26,7%		46,9%		16,1%			
	D4	23,3%		14,7%		16,7%		34,4%		12,9%			
	D5	10%		7,8%		30%		3,1%		19,4%			
Diferenças estatísticas		Não significativa				Não significativa				Não significativa			
Compras específicas	D1	14,3%	33,46	21,9%	27,91	3,3%	43,40	9,1%	21,64	45,2%	29,23	23,3%	32,83
	D2	17,9%		34,4%		-		21,2%		12,9%			
	D3	64,3%		34,4%		-		9,1%		3,2%			
	D4	-		6,3%		6,7%		39,4%		38,7%			
	D5	3,6%		3,1%		90%		21,2%		-		6,7%	
Diferenças estatísticas		Não significativa				K-W, $\chi^2=26,761$, $sig.=0,000$				Não significativa			

(continuação) Tabela 4.66: Variação das distâncias entre moradia-equipamento por área e por tipo de morador

Distâncias ¹ entre casa e local de:		Área 1				Área 2				Área 3			
		Morador da habitação social		Morador do bairro		Morador da habitação social		Morador do bairro		Morador da habitação social		Morador do bairro	
		%	Média ²	%	Média ²	%	Média ²	%	Média ²	%	Média ²	%	Média ²
Praticar esporte	D1	4,5%	25,25	21,7%	20,85	35,3%	21,26	14,3%	24,05	-	21,28	33,3%	15,40
	D2	9,1%		21,7%		17,6%		23%		33,3%			
	D3	45,5%		21,7%		-		23%		11,1%		8,3%	
	D4	22,7%		8,7%		35,3%		17,9%		22,2%		20,8%	
	D5	18,2%		26,1%		11,8%		17,9%		33,3%		16,7%	
Diferenças estatísticas		Não significante				Não significante				Não significante			
Lazer diurno	D1	21,4%	26,20	13,8%	31,71	27,6%	22,48	10,3%	32,06	14,3%	25,21	7,1%	31,79
	D2	39,3%		20,7%		41,4%		13,8%		14,3%		14,3%	
	D3	21,4%		44,8%		17,2%		17,2%		17,9%		3,6%	
	D4	3,6%		17,2%		-		20,7%		35,7%		42,9%	
	D5	14,3%		3,4%		13,8%		37,9%		17,9%		32,1%	
Diferenças estatísticas		Não significante				K-W, $\chi^2=10,920$, sig.= 0,001				Não significante			
Lazer noturno	D1	13,8%	26,67	3,7%	30,46	25%	22,48	12%	32,06	16,7%	27,22	23,1%	29,98
	D2	24,1%		23,6%		25%		8%		30%		26,9%	
	D3	27,6%		18,5%		3,6%		16%		40%		11,5%	
	D4	24,1%		3,7%		25%		8%		10%		15,4%	
	D5	10,3%		11,1%		21,4%		56%		3,3%		23,1%	
Diferenças estatísticas		Não significante				K-W, $\chi^2=5,467$, sig.= 0,019				Não significante			

Nota: (1) D1, D2, D3, D4 e D5 representam intervalos de distâncias categorizados em função das distâncias reais entre equipamento-moradia calculadas no ARCGIS. Os intervalos variam para cada um dos equipamentos. (2) os números representam as médias dos valores ordinais (obtidos a partir do teste Kruskal-Wallis – K-W), quanto maior o valor, maior a distância percorrida.

Os afastamentos desde a moradia até os locais de compras básicas são semelhantes para os dois grupos socioeconômicos. Diferenças entre as Áreas (Anexo L – Tabela L1), todavia, indicam maiores distâncias na Área 2 e menores nas Áreas 3 e 1 (K-W, $\chi^2=6,817$, sig.= 0,033). Na identificação dos locais utilizados (Anexo L – Tabela L2.1), moradores do bairro tendem a concentrar suas atividades em supermercados, embora, nas Áreas 1 e 3, o uso de pequenos comércios (padarias ou fruteiras) do bairro também seja comum. Os moradores da habitação social tendem a apresentar padrões diferentes nas três áreas: na Área 1, é usado o pequeno comércio em geral; na 2, supermercados (Zaffari e Gessepel); e na 3, o pequeno comércio em geral e um supermercado (o Bird, na Azenha). Em cada Área, em torno de 1/3 dos lugares identificados parece a ser freqüentado pelos dois grupos: onde há mais equipamentos de comércio e serviços básicos, na Área 1 e 3, há mais locais de uso comum para moradores do bairro e da habitação social, enquanto onde há menor presença desses estabelecimentos, na Área 2, existe menor número de locais comuns.

A maior diversidade e quantidade de locais de comércio e serviços nas Áreas 1 e 3 associadas às menores distâncias no deslocamento moradia-comércio sugerem o favorecimento de mais espaços comuns para moradores dos grupos socioeconômicos distintos nessas Áreas, quando comparadas à Área 2, onde há menos estabelecimentos comerciais e maiores distâncias.

Nos afastamentos desde a moradia até os locais de compras específicas são verificadas diferenças entre as áreas e entre os grupos socioeconômicos (Anexo L – Tabela

L1). As maiores distâncias acontecem para moradores da Área 2, seguidos pelos da Áreas 1 e 3 (K-W, $\chi^2=53,729$, sig.= 0,000), e são menores para moradores do bairro que para os da habitação social (K-W, $\chi^2=5,051$, sig.= 0,025). Moradores do bairro tendem a utilizar centros de compras (supermercados ou shopping Centers), embora nas Áreas 1 e 3, também ocorra o uso do bairro Centro (Anexo L – Tabela L2.2). Já moradores do jardim Planetário e do Condomínio dos Anjos tendem a concentrar suas atividades no Centro e os do Condomínio Princesa Isabel no Centro e no comércio da av. Azenha.

As maiores distâncias para moradores dos conjuntos e o uso do Centro, especialmente na Área 2 (mais afastada do Centro e onde há menos equipamentos no bairro), reforçam a relevância desse local em termos de uso para moradores da habitação social. Diferentemente, para moradores do bairro, a maior variedade de locais de compra e o uso de shopping centers, destaca à diversidade de opções e os maiores recursos desse grupo. O estilo de vida dos moradores parece influir fortemente na realização de compras específicas, desfavorecendo a existência de espaços comuns de uso entre os grupos socioeconômicos distintos.

Os afastamentos desde a moradia até o local de prática de esportes são os menores, quando comparados aos das demais atividades, sugerindo que esportes sejam realizados mais próximos ao ambiente residencial. Moradores do bairro (Anexo L – Tabela L2.3) tendem a apresentar maior variedade de locais, utilizando academias, clubes, ruas próximas à moradia e espaços públicos de lazer. Moradores da habitação social fazem uso de ruas próximas à moradia e de espaços públicos de lazer. Na Área 1, a proximidade do parque da Redenção parece favorecer o uso comum do maior número de moradores do bairro (34,28%) e do Jardim Planetário (50,0%); na Área 2, isso tende a ocorrer em relação a ESEF-UFRGS (moradores do bairro – 20%; Condomínio dos Anjos - 12,9%), e, na Área 3, a inexistência de locais de lazer de maior porte próximos à residência, favorece o uso das ruas do bairro como o local comum aos grupos (moradores do bairro – 24,3%; Condomínio Princesa Isabel – 21,2%).

Os locais mais comuns aos moradores do bairro e da habitação social para a prática de esportes tendem a ser os espaços públicos de lazer de grande porte da cidade (ex.: parques da Redenção, Marinha do Brasil e Moinhos de Vento), sugerindo que apesar da simultaneidade de uso, não necessariamente exista a interação social devido ao tamanho e diversidade de atividades nesses lugares. Contudo, a utilização das ruas para caminhar ou correr (exercícios) identificada pelos dois grupos socioeconômicos, nas três Áreas, sugere o favorecimento da interação social entre esses moradores em lugares próximos à residência.

Para os afastamentos entre moradia e local de lazer são encontradas diferenças entre as Áreas e os grupos socioeconômicos (ver Anexo L – Tabela L1.1). As maiores distâncias acontecem na Área 3, onde há mais deslocamentos para fora da cidade, seguida

das Áreas 2 e 1 (K-W, $\chi^2=12,516$, sig.= 0,002). As menores distâncias para moradores da habitação social que para os do bairro (K-W, $\chi^2=11,025$, sig.= 0,001) sugere a utilização de espaços urbanos mais próximos ao local de moradia entre os primeiros. A identificação dos locais para lazer (Anexo L – Tabela L2.4) descreve algumas semelhanças a todos os moradores, como ficar em casa e a utilização do Parque da Redenção e do Parque Marinha do Brasil, ambos locais públicos de grande porte. Moradores da habitação social tendem a concentrar suas atividades no uso de equipamentos públicos de lazer, enquanto para moradores do bairro os comportamentos parecem ser diferenciados em cada uma das áreas.

Na Área 1, moradores do Jardim Planetário e do bairro tendem a aproveitar os recursos do ambiente, utilizando as praças mais próximas e o Parque da Redenção. Na Área 2, moradores do Condomínio dos Anjos tendem a usar locais públicos de lazer dos bairros Petrópolis, Partenon e Jardim Botânico e a área central do condomínio, enquanto os do bairro tendem a usar equipamentos públicos de lazer de grande porte (Parque Moinhos de Vento), shopping centers e clubes privados. Na Área 3, moradores do Condomínio Princesa Isabel tendem a usar locais públicos de lazer próximos, enquanto os do bairro parecem usar com mais frequência shopping centers, locais públicos de lazer de grande porte e locais no interior ou no litoral.

É relevante notar que o uso de praças e parques próximos ao local de residência parece acontecer com maior frequência onde há maior número desses equipamentos presentes, como no caso da Área 1. Havendo menor existência desses equipamentos nas adjacências da moradia, os moradores da habitação social tendem a utilizar locais públicos de lazer mais distantes, os moradores do bairro se inclinam a usar locais de caráter semipúblico (clubes e shopping centers). Todavia, a presença de equipamentos públicos de lazer de pequeno porte (ex.: praças e playgrounds) nas áreas de análise, embora favoreça a maior intensidade de uso, não sugere necessariamente a maior interação social entre os dois grupos socioeconômicos, pois nas observações de comportamento, o uso simultâneo dos grupos nesses locais foi pouco identificado.

Por fim, para os afastamentos entre moradia e locais de lazer noturno são verificadas diferenças entre as Áreas e entre os grupos socioeconômicos (Anexo L – Tabela L1). Distâncias tendem a ser maiores na Área 2, seguida das Áreas 1 e 3 (K-W, $\chi^2=6,581$, sig.= 0,037). Novamente, as menores distâncias para moradores da habitação social que para os do bairro (K-W, $\chi^2=5,935$, sig.= 0,015) revelam a utilização de locais mais próximos à moradia no primeiro grupo. A identificação dos locais (Anexo L – Tabela L2.5) utilizados sugere forte discrepância entre os grupos socioeconômicos, pois há grande diversidade de lugares e pouca (6%) coincidência entre os dois grupos. Apesar da variabilidade dos lugares, este é o uso onde mais facilmente identifica-se a influência dos aspectos

socioeconômicos: moradores da habitação social tendem a usar bares, lancherias, danceterias e bingos, enquanto os do bairro utilizam shopping centers, restaurantes e bares. Nas três Áreas, “Stuttgart”, “Clube Ipiranguinha” e “Chop 1”, estabelecimentos na av. Princesa Isabel, são usados pelos moradores da habitação social, e bares do bairro Cidade Baixa, da rua Padre Chagas e da av. Goethe são usados por moradores do bairro. Para atividades de lazer noturno, o uso de espaços comuns pelos dois grupos socioeconômicos é praticamente inexistente.

Também informações relativas aos mapas mentais e às entrevistas (30 entrevistas – realizadas na Etapa 1), permitiram a análise das áreas e a comparação entre os grupos, como mostra a Figura 4.153:

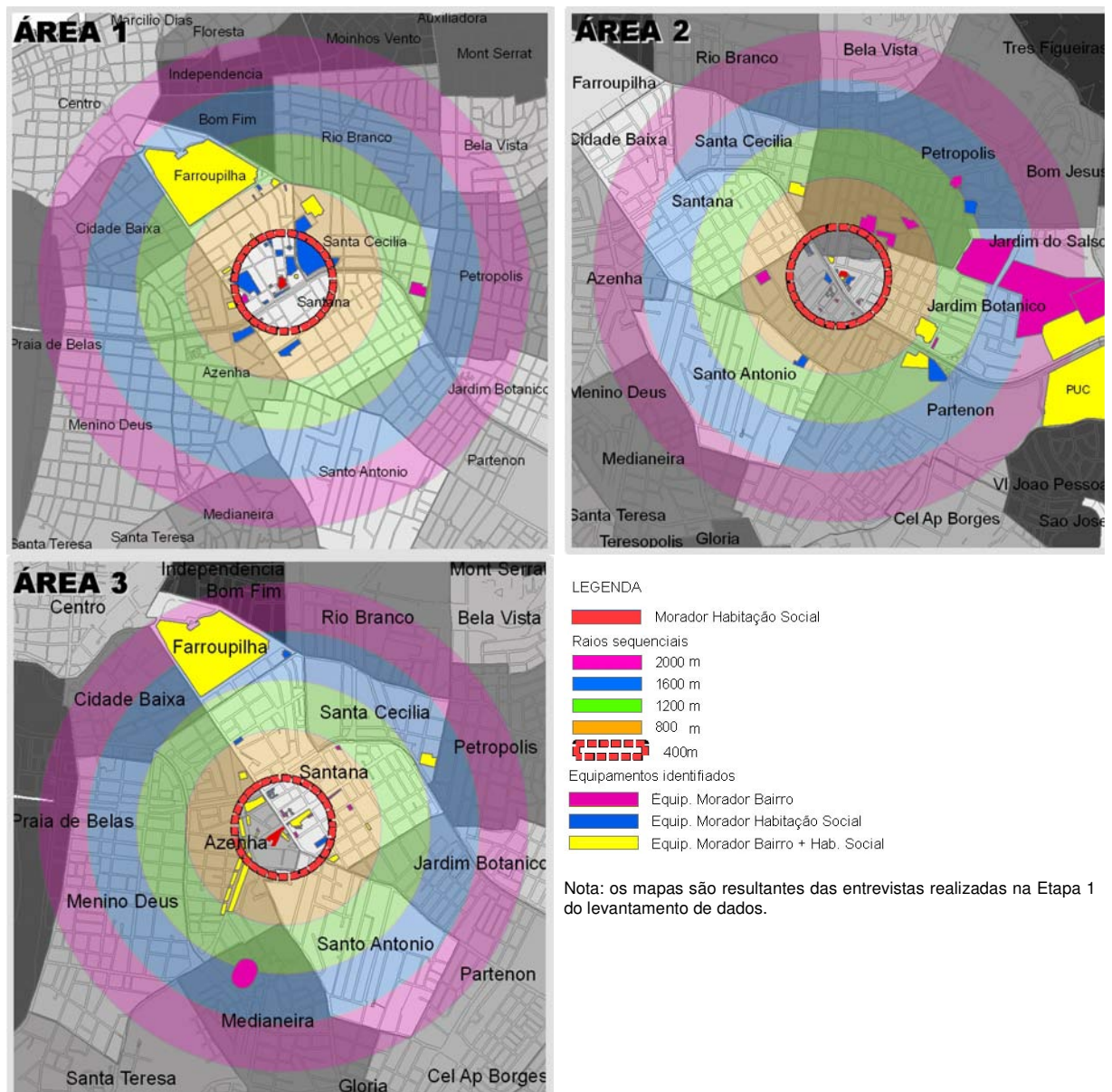


Figura 4.153: Mapa dos equipamentos usados pelos moradores segundo as entrevistas

Apesar do tamanho reduzido da amostra, os resultados corroboram as informações dos questionários quanto aos aspectos verificados nas três áreas: identifica-se que dos equipamentos percebidos ou mais usados pelos dois grupos socioeconômicos, menos da metade deles é coincidente, confirmando a utilização de lugares diferenciados em função das características composicionais dos moradores.

Um terço dos equipamentos identificados é comum aos dois grupos na Área 1 e 3 e apenas um quarto deles é comum na Área 2. Essa menor coincidência na Área 2 parece reforçar os aspectos contextuais identificados como influentes na menor facilidade de circulação e menor apropriação dos espaços abertos dessa área.

A maior parte dos equipamentos tende a estar localizada até 400 metros de distância, quando verificada a proximidade entre estes e o centro da habitação social: em todas as áreas, mais da metade dos equipamentos coincide com a primeira medida de circunferência (Figura 3.150). Há, no entanto, variações quanto a distâncias e distribuição dos equipamentos identificados, independentemente do grupo socioeconômico, sugerindo a interferência das características físicas de cada bairro na definição dos lugares usados, especialmente na Área 2, como sugere a comparação das distâncias equipamento-moradia entre as áreas e os grupos socioeconômicos.

4.4.3.3 Associação entre adequação dos equipamentos e a interação social

A comparação do indicador de *adequação dos equipamentos e uso* (Tabela 4.66), reforça maior uso e adequação na Área 1, onde há mais diversidade e quantidade equipamentos de apoio ao uso residencial, seguida pela Área 3, e 2 (K-W, $\chi^2=22,176$, sig.= 0,000) e reafirma as diferenças devidas à maior percepção de adequação e uso de equipamentos próximos à moradia por moradores da habitação social que pelos do bairro (U, $\chi^2=3473,500$, sig.= 0,004), apontando para as maiores diferenças entre os grupos onde o ambiente é menos adequado, a Área 2.

Tabela 4.67: Relação entre os indicadores de adequação dos equipamentos e uso

	Médias ordinais ¹							
	Morador Habitação social	Morador do Bairro	Área 1		Área 2		Área 3	
			Morador Jardim Planetário	Morador do Bairro	Morador Condom. dos Anjos	Morador do Bairro	Morador Condom. Princ. Isabel	Morador do Bairro
Adequação dos equipamentos e uso	107,83*	85,24*	34,00	30,18	41,78*	26,60*	33,61	29,39
			116,81*		71,93*		100,48*	

Nota: 1. Os valores tratam das médias dos valores ordinais (somatório das variáveis relacionadas à adequação dos equipamentos e uso). Quanto maior o valor, maior a adequação e o uso do indicador; * Valores destacados apresentam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos.

Para a amostra total, a adequação dos equipamentos e uso afeta positivamente o uso do bairro de moradia (Spearman, $c=0,375$, $\text{sig.}=0,000$) e negativamente o uso de outros bairros (Spearman, $c=-0,128$, $\text{sig.}=0,128$), significando que a maior quantidade e diversidade dos equipamentos existentes nas áreas aumentam o uso do bairro de moradia, em detrimento do uso de outros bairros da cidade. Isso é verificado especialmente entre moradores do bairro, quando isolados os grupos sociais e as Áreas de análise (Anexo M – Tabela M4.2), indicando que esses moradores tendem a modificar mais seus hábitos quanto ao uso de lugares próximos à moradia quando o ambiente construído é mais favorável. Portanto, os resultados sugerem que quanto maior a adequação dos equipamentos, maior a probabilidade de uso simultâneo do bairro pelos moradores dos dois grupos socioeconômicos, o que favorece o contato social entre eles.

Na Área 2, existe correlação entre *adequação dos equipamentos e uso dos espaços semiprivados e privados* (Spearman, $c=0,388$, $\text{sig.}=0,001$), indicando que os moradores mais propensos a usar equipamentos do bairro, também tendem a usar os espaços junto à residência para mais atividades como conversar com vizinhos, jardinagem e outras.

Além disso, os *laços de amizade*, para a amostra total, também são influenciados pela *adequação dos equipamentos e uso* (Spearman, $c=0,375$, $\text{sig.}=0,000$), reafirmando que a interação social, nesse caso, em termos de vizinhos com quem se conversa, é beneficiada pela maior possibilidade de usos disponíveis e desejáveis no bairro de moradia, o que é corroborado, nas observações de comportamento na Área 1, pelo intenso movimento de pessoas conversando nas calçadas ou nas praças e acessando o comércio de abastecimento básico local.

Os dados sustentam a hipótese de que quanto mais os equipamentos próximos à residência apoiarem as atividades desejadas e necessárias aos moradores da habitação social e aos moradores do bairro, maior a intensidade de apropriação da área e maior a probabilidade de interação social (contato) entre os dois grupos socioeconômicos. Destaca-se, sobretudo, que a quantidade e a diversidade de equipamentos não é condição para a maior interação entre os grupos, mas sim o tipo de equipamento disponível no lugar. O que parece claro comparando a intensidade de estabelecimentos comerciais e institucionais, da Área 3, que atraem usuários de toda a cidade, em relação aos locais de comércio, escolas e espaços públicos de lazer, predominantes na Área 1, que são mais favoráveis ao uso residencial, incentivando atividades associativas entre os moradores.

Também as diferenças relativas ao estilo de vida dos moradores do bairro e da habitação social tendem a influenciar nos locais possíveis de interação, indicando que: (1) a existência de equipamentos de apoio ao uso residencial (padarias, minimercados, fruteiras) favorece o uso de espaços comuns aos dois grupos socioeconômicos, aumentando o potencial de interação social entre eles; (2) diferenças nas distâncias percorridas para

realizar compras específicas e na identificação dos lugares utilizados, especialmente do Centro por moradores da habitação social e de shopping centers por moradores do bairro, sustentam a pouca probabilidade de interação social entre os dois grupos em relação a essas atividades; (3) na realização de práticas desportivas, as diferenças entre os grupos, em razão do estilo de vida, sugerem que a interação social entre moradores do bairro e da habitação social possa ser influenciada pela adequação do ambiente construído exclusivamente quanto às caminhadas nas ruas do bairro; (4) a ausência de espaços públicos de lazer (em especial nas Áreas 2 e 3) inibe o uso da Área para atividades de lazer, principalmente entre moradores do bairro, que tendem a ter outras opções (clubes, centros esportivos), além disso, a identificação de usos em espaços ou horários distintos para moradores do bairro e da habitação social sugere pouca interação social entre eles para o lazer diurno; (5) o lazer noturno parece sofrer muita influência dos fatores composicionais, inibindo fortemente a interação social em função dos diferentes locais usados pelos moradores do bairro e da habitação social.

4.4.4 Hipótese 4: relações entre a percepção de heterogeneidade entre grupos e a interação social

A hipótese 4 investiga se: quanto menor a percepção de heterogeneidade entre moradores da habitação social e moradores do bairro, maior a semelhança quanto à intensidade de interação social dentro do mesmo grupo de moradores e entre os dois grupos socioeconômicos.

Para verificar esta hipótese, é avaliada a percepção dos grupos socioeconômicos quanto à semelhança entre os moradores do lugar, a existência de grupos distintos no bairro e à segregação no uso dos lugares. A percepção de homogeneidade dos moradores é associada ao potencial de interação social e ao uso do bairro, a fim de verificar seus efeitos na probabilidade de interação social entre os grupos socioeconômicos distintos.

4.4.4.1 Percepção da homogeneidade entre moradores

Respondentes da habitação social tendem a perceber mais intensamente, que os do bairro, a existência de grupos distintos de moradores na área ($\chi^2=13,874$, sig=0,001), a segregação no uso dos lugares do bairro ($\chi^2=18,463$, sig=0,000) e a menor semelhança entre os moradores do lugar (em relação aos hábitos ou comportamento) ($\chi^2=11,657$, sig=0,003). Essas diferenças são verificadas mesmo quando isoladas as Áreas de análise: a partir da afirmação de que “eles, lá fora, são parecidos”, moradores da habitação social,

especialmente, descrevem claramente, durante questionários ou nas entrevistas, a percepção das diferenças entre os grupos.

Destaca-se que moradores da Área 3 percebem mais intensamente a *existência de grupos distintos* ($\chi^2=12,182$, sig=0,016) e a *segregação no uso dos lugares do bairro* ($\chi^2=11,859$, sig=0,018), seguidos por moradores da Área 1 e 2. Embora não exista sustentação estatística, a análise dos resultados sugere que a acessibilidade visual entre os grupos é um fator relevante nessas relações: na Área 2, onde a percepção de heterogeneidade é menor, especialmente entre moradores do bairro, a identificação de diferenças entre os grupos parece ser influenciada pela pouca acessibilidade visual entre moradores do bairro e do Condomínio dos Anjos e pela menor intensidade de apropriação dos espaços abertos; na Área 1, onde a percepção de heterogeneidade é intermediária, a visibilidade entre os grupos socioeconômicos é pequena, todavia a tipologia das edificações do Jardim Planetário (casas térreas e sobrados) e o número de crianças e adolescentes nesses locais favorecem a identificação de diferenças entre os grupos no volume de movimento e no tipo de atividade nas calçadas e nos recuos de jardim; na Área 3, apesar de existir maior homogeneidade (em comparação às áreas 2 e 1) na aparência das edificações, no ambiente construído e no uso dos espaços semiprivados (moradores do Condomínio Princesa Isabel tendem a usar espaços internos ao conjunto), verifica-se alta acessibilidade visual entre os dois grupos socioeconômicos e grande percepção de heterogeneidade entre eles – para alguns moradores do bairro “*eles (habitação social) não deveriam estar numa localização tão privilegiada*”.

Para a amostra total, a *percepção de grupos distintos*, *percepção de segregação* e *percepção de semelhanças entre moradores do bairro* estão associadas entre si, como demonstra a Tabela 4.68.

Tabela 4.68: Associação entre variáveis da percepção de homogeneidade entre moradores

Associações		Amostra total de respondentes
Entre percepção de grupos distintos de moradores e:	Percepção de segregação dos grupos.	Spearman, c=0,245, sig.=0,001
Entre percepção de segregação dos grupos no uso dos espaços do bairro e:	Percepção de semelhança entre os moradores (comportamento).	Spearman, c=-0,157, sig.=0,029
Entre percepção de semelhança entre os moradores (comportamento) e:	Percepção de grupos distintos de moradores.	Spearman, c=-0,163, sig.=0,001

Os resultados sugerem que os moradores que sentem mais fortemente a heterogeneidade na vizinhança, seja na menor semelhança entre os vizinhos ou na existência de grupos distintos, percebem maior segregação no uso dos espaços do bairro.

4.4.4.2 Associação entre Percepção da heterogeneidade entre moradores e a interação social

A comparação do indicador de *percepção de homogeneidade* entre os grupos (Tabela 4.69) reforça a maior percepção de heterogeneidade entre os moradores da habitação social que entre os do bairro.

Tabela 4.69: Relação entre o indicador de percepção de homogeneidade entre moradores e os grupos

	Médias ordinais ¹							
	Morador Habitação social	Morador do Bairro	Área 1		Área 2		Área 3	
			Morador Jardim Planetário	Morador do Bairro	Morador Condom. dos Anjos	Morador do Bairro	Morador Condom. Princ. Isabel	Morador do Bairro
Percepção de homogeneidade entre moradores	76,75*	115,83*	25,65*	39,30*	27,97*	38,89*	24,74*	38,26*
			101,05		103,07		87,76	

Nota: 1. Os valores tratam das médias dos valores ordinais (soma dos valores relacionados à homogeneidade entre os moradores). Quanto maior o valor, maior a percepção de homogeneidade entre os moradores; * Valores destacados apresentam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos.

A *percepção de homogeneidade* está fortemente relacionada ao *comportamento mais favorável ao contato social nas ruas* (conversar com vizinhos nas calçadas, observar movimento nas calçadas) (Spearman, $c=0,875$, sig.=0,000), seja na amostra total de respondentes ou isolando áreas e grupos de moradores. Está, também, relacionada à *percepção de apoio mútuo na vizinhança* (Spearman, $c=0,330$, sig.=0,000) e ao *relacionamento na vizinhança* (Spearman, $c=0,189$, sig.=0,019). Moradores que percebem maior semelhança no comportamento dos vizinhos e menor segregação de grupos no uso dos espaços abertos do bairro estão mais propensos a conversar com outros moradores em frente às suas residências e nas calçadas, e tendem, também, a estar mais satisfeitos e mais identificados com os moradores do lugar, apresentando melhores relacionamentos entre os vizinhos (menor conflito).

Esses resultados são corroborados pela identificação de usos diferenciados e segregados, nas calçadas ou em frente às edificações, por moradores do bairro e da habitação social, de modo especial na Área 1, onde a separação é mais visível: os moradores de cada grupo socioeconômico tendem a se relacionar com moradores do próprio grupo e tendem a estar mais satisfeitos com essas relações quando percebem que seus vizinhos são mais parecidos. O fato de a homogeneidade favorecer o comportamento mais favorável ao contato social nas ruas não parece ser verificado, pois não há associação entre essa percepção e o maior volume de atividades sociais nas ruas (conversa entre vizinhos ou brincadeiras de crianças), especialmente nas observações de comportamento na Área 2, onde moradores percebem as menores diferenças na vizinhança, mas se apropriam pouco dos espaços abertos.

Por tudo isso, a hipótese de que quanto menor a percepção de heterogeneidade entre moradores da habitação social e moradores do bairro, maior a semelhança quanto à intensidade de interação social dentro do mesmo grupo de moradores e entre os dois grupos socioeconômicos não é sustentada. A maior percepção de homogeneidade parece estar associada à menor possibilidade de contato social entre os moradores, ou seja, à menor acessibilidade visual entre eles e, conseqüentemente, à menor possibilidade de identificar as diferenças. Em decorrência desta visibilidade, a maior homogeneidade identificada parece também indicar menor probabilidade de interação social entre moradores do bairro e da habitação social.

Cabe ressaltar, ainda, que o contato social com a rua e os relacionamentos sociais na vizinhança tendem a ser mais favorecidos quanto menor a heterogeneidade percebida entre os moradores. Essa menor heterogeneidade parece acontecer exatamente onde a visibilidade entre os grupos é menor, sugerindo, portanto, menores possibilidades de interação social entre os grupos socioeconômicos distintos e maiores possibilidades entre os moradores do mesmo grupo.

4.4.5 Hipótese 5: relações entre comportamento territorial, imagem dos grupos e interação social

A *hipótese 5* investiga se: quanto maiores as diferenças quanto à manifestação do comportamento territorial dos moradores dos grupos socioeconômicos distintos, maior a distinção da imagem dos grupos e a percepção de heterogeneidade e menor o potencial de interação social entre eles.

Para verificar a hipótese, o comportamento territorial dos moradores é avaliado em função das barreiras físicas e simbólicas, utilizadas para a delimitação dos espaços semiprivados e privados, e em função da personalização do território. Essas dimensões são verificadas em relação às diferenças no comportamento territorial entre os grupos socioeconômicos distintos, sendo associadas à percepção de homogeneidade entre os moradores e aos efeitos na interação social na vizinhança.

4.4.5.1 Comportamento territorial: barreiras físicas e a interação social

As barreiras físicas, definidas pelos moradores entre suas residências e o espaço público, e as atividades realizadas nos espaços privados e semiprivados e nas calçadas

junto à moradia, permitem avaliar as diferenças do comportamento territorial entre os grupos socioeconômicos distintos nas áreas de análise.

A definição das barreiras foi realizada a partir do levantamento físico (ver Figuras 4.36/4.37, 4.79/4.80 e 4.126/1.127) em função do tipo de controle e da visibilidade favorecidos pelos elementos adotados para a delimitação dos espaços privados e semiprivados.

O tipo de controle foi entendido em função de (ver anexo M – Tabela M1):

- menor controle do contato com o espaço público: edificação tipo “porta-e-janela” e recuo de jardim permeável (sem grades ou muros ou vegetação delimitando os espaços semiprivados ou privados);
- controle intermediário do contato com o espaço público: delimitação dos espaços semiprivados ou privados através de cercas-viva, muros de até 1,5 metros, grades altas ou baixas (e a combinação desses elementos);
- maior controle do contato com o espaço público: talude maior que 1,5 metros de altura junto à divisa, delimitação dos espaços semiprivados ou privados através de muros maiores que 1,5 metros de altura, grades (impedindo contato visual com a rua), vegetação densa (impedindo contato visual com a rua) (e a combinação desses elementos).

A visibilidade foi entendida a partir dos níveis de contato visual entre o espaço público e os espaços semiprivados definidos a partir da combinação dos diversos elementos (barreiras físicas) de controle utilizados pelos moradores. Maior a possibilidade de contato visual com espaços privados ou semiprivados caracteriza alta visibilidade, enquanto a menor possibilidade de contato visual define baixa visibilidade.

De modo geral, barreiras menos controladas tendem a acontecer na Área 1, seguida das Áreas 3 e 2 ($\chi^2=20,917$, sig=0,000): barreiras de menor controle, tais como muros baixos ou grades, são mais identificadas nas Áreas 3 e 1 e barreiras mais controladas são mais comuns na Área 2 ($\chi^2=50,584$, sig=0,000). Além disso, espaços semiprivados ou privados do bairro (para as três áreas) tendem a apresentar *visibilidade* alta ou média, e as da habitação social *visibilidade* alta ou baixa ($\chi^2=43,298$, sig=0,000), sendo muros baixos ou grades mais freqüentes entre os moradores do bairro e *muros altos ou grades (com maior controle)* mais comuns entre os da habitação social ($\chi^2=50,584$, sig=0,000).

Destaca-se, sobretudo, que o maior controle dos espaços semiprivados ou privados, adotado na habitação social, nem sempre é decorrente das necessidades ou aspirações desses moradores, diferentemente do que acontece no bairro: na habitação social, as definições dos projetos de regularização (nos caso das Áreas 2 e 3) configuram edificações com acessos voltados ao pátio central e, portanto, com menor contato visual para o espaço público e com maior controle dos espaços comuns dos conjuntos; para moradores do bairro

a relação, em geral, direta da edificação com a rua favorece a autonomia para definir o controle de contato desejado com os espaços públicos.

Para a amostra total, os *tipos de barreiras* estão associados ao *nível de visibilidade* entre a rua e os espaços privados ou semiprivados (Cramer's $V=0,321$, $sig=0,000$) Cabe, no entanto, ressaltar as diferenças entre os grupos socioeconômicos em cada Área (ver Anexo P1.1):

- na Área 1, onde moradores do Jardim Planetário têm mais autonomia sobre o controle dos espaços privados, em decorrência dos tipos arquitetônicos, há maior semelhança entre os grupos socioeconômicos. A maior parte das edificações (do bairro e do conjunto) é caracterizada pela existência de *grades ou muros baixos* e apresentam *alta e média* visibilidade;

- na Área 2, para moradores do bairro, as *grades e os muros* favorecem *alto e médio acesso visual* aos espaços privados ou semiprivados, enquanto para o Condomínio dos Anjos, a *visibilidade é predominantemente baixa*, já que 11 dos 12 blocos de apartamentos não apresentam acesso direto para a rua, e sim para um pátio central (barreiras: $\chi^2=41,458$, $sig=0,000$; visibilidade: $\chi^2=23,514$, $sig=0,000$). Além disso, moradores do condomínio não manifestaram a necessidade de colocação de grades ou outra barreira física para maior controle do contato com o espaço público;

- na Área 3, para moradores do bairro, predominam *grades e muros* e há *média visibilidade* e, para o Condomínio Princesa Isabel, elementos como *grades e muros, jardins, diferenças na topografia e a configuração das edificações* (muitas delas com acesso interno, sem contato com a rua) caracterizam *baixa acessibilidade visual* dos espaços privados (ou semiprivados) em relação à rua (barreiras: $\chi^2=7,810$, $sig=0,020$; visibilidade: $\chi^2=16,864$, $sig=0,000$). Neste caso, diferentemente da Área 2, houve necessidade de grades e muros para maior controle dos espaços semiprivados e privados, o que tende a favorecer a semelhança com a aparência dos recuos de jardim dos moradores do bairro.

A percepção de controle territorial é, ainda, medida em função da influência da presença de grades ou muros na percepção de segurança e de privacidade e na satisfação com a aparência do bairro, o que afeta a imagem do grupo.

A maior parte dos moradores nas Áreas 1 (90,8%), 2 (85,1%) e 3 (88,7%) tende a perceber maior *segurança na presença de grades e muros*. Essa percepção é ligeiramente maior entre moradores do bairro que os da habitação social ($\chi^2=10,443$, $sig.= 0,005$). Isso ocorre especialmente na Área 2 ($\chi^2=9,672$, $sig.= 0,008$), pois os moradores do Condomínio dos Anjos relacionam *o sentimento de segurança à presença de grades e muros*, com menor frequência que os do bairro. O que parece ser justificado pelo controle e vigilância favorecidos pela configuração das edificações do condomínio.

A presença de grades e muros é menos associada à necessidade de privacidade que à percepção de segurança. Os moradores da Área 2 (80,6%) e os da Área 1 (73,8%) são os que mais percebem que a privacidade é favorecida pelas grades ou muros, e os da Área 3 (53,2%), os que menos percebem essa relação ($\chi^2=21,673$, sig.= 0,000). No entanto, existem variações entre os grupos socioeconômicos: nas Áreas 1 e 2, moradores da habitação social, mais que os do bairro, tendem a perceber que a presença de barreiras físicas junto ao passeio favorece a privacidade (Área 1: $\chi^2=7,582$, sig.= 0,023), enquanto, na Área 3, ocorre o inverso, pois mais moradores do bairro associam grades e muros à percepção de privacidade que os do Condomínio Princesa Isabel e 3 ($\chi^2=8,148$, sig.= 0,017).

Além disso, a presença de grades e muros tende a afetar negativamente o nível de satisfação com a aparência do bairro, embora existam diferenças entre as Áreas. Moradores da Área 2 (70,1%), seguidos dos das Áreas 3 (54,8%) e 1 (46,9%) ($\chi^2=9,468$, sig.= 0,050) são os que menos associam essas barreiras à uma aparência positiva. Em geral, o controle do contato com os espaços público não é alto (Anexo M - Tabela M1), para todas as Áreas, as barreiras físicas mais comuns são as grades e os muros baixos (ou associação entre ambas), limitações maiores ao contato visual na interface público-privada tende a ser alcançada em função de vegetação mais densa nos recuos de jardim ou devido à topografia. De modo especial, onde há maior controle através dessas barreiras, o que ocorre na Área 2, seguida da Área 3, há também maior percepção de que esses elementos não influenciam positivamente a aparência do lugar.

Todavia, moradores da habitação social, diferentemente dos do bairro, em especial nas Áreas 1 (56,7%) e 3 (41,9%), tendem a relacionar a presença de grades e muros com uma aparência satisfatória do bairro ($\chi^2=16,845$, sig.= 0,000), o que sugere diferenças na imagem idealizada pelos dois grupos socioeconômicos. Nesse caso, isso pode estar ocorrendo em função de diferenças estéticas entre eles, ou em decorrência da aspiração dos moradores da habitação social de identificarem-se (status social) com os do bairro, a partir das barreiras físicas mais comuns utilizadas por estes. Como evidencia, verifica-se que, onde os moradores da habitação social apresentam maior autonomia sobre a inserção de barreiras (por exemplo, na delimitação das unidades residenciais do Jardim Planetário com muros e grades, ou na de colocação de grades nos acessos do Condomínio Princesa Isabel) mais semelhantes se revelam as soluções (barreiras) dos dois grupos socioeconômicos.

De modo geral, apesar das diferenças identificadas, os resultados sugerem que a existência de grades e muros no bairro corresponde a uma necessidade de segurança e de privacidade (no sentido de limitar o distanciamento com os outros), mas não, ou em menor grau, a uma necessidade estética. Especialmente entre moradores do bairro, foi manifestado, durante a aplicação dos questionários, o desejo de não precisar de grades e,

sim, de delimitar seus territórios apenas com jardins. Isso parece ser sustentado entre moradores do bairro da Área 2, onde há correlação negativa entre *percepção de segurança na presença de grades e muros* e a *percepção dos efeitos positivos dessas barreiras para a aparência do bairro* (Spearman, $c=-0,468$, $\text{sig.}=0,004$): nessa Área, onde existe maior número de grades ou muros, foi constatado maior nível de percepção de segurança e a maior insatisfação com a aparência do bairro por causa das barreiras.

O maior controle definido pelas barreiras, seja através de muros altos ou diferenças de topografia ou configuração das edificações, está associado à realização de diversas atividades nos espaços privados e semiprivados, tais como *crianças brincando* ou *jogando bola* (Cramer's $V=390$, $\text{sig}=0,000$), *moradores descansando* (Cramer's $V=197$, $\text{sig}=0,023$) e *estacionamento de veículos* (Cramer's $V=225$, $\text{sig}=0,007$).

A associação das diversas atividades com as barreiras físicas definidas pelos moradores indicam a necessidade de controle na interface entre espaços privados e semiprivados com o espaço público, seja por questões de segurança ou distanciamento dos outros (privacidade) como ficou demonstrado anteriormente. A realização de atividades sociais ou contemplativas, nos espaços privados ou semiprivados, é destacada, pois manifesta o desejo (mesmo que controlado) de contato com a rua e de interação social. Embora isso revele certas semelhanças entre os grupos socioeconômicos, a intensidade de uso, medida pelos questionários e observada nos diversos lugares das áreas analisadas, ressalta as diferenças no padrão de comportamento dos dois grupos socioeconômicos, promovendo um distanciamento entre eles, em função da imagem manifestada na aparência (barreiras) e no nível de apropriação dos espaços junto à moradia. Isso pode ser verificado diferentemente nas Áreas:

- Na Área 1, existem as maiores semelhanças entre os dois grupos quanto à definição de barreiras, além disso, moradores em geral tendem a utilizar os recuos de jardim e as calçadas adjacentes para a realização de atividades. Entretanto, o uso é intenso junto ao Jardim Planetário, especialmente com a presença de crianças e adolescentes brincando ou conversando nas calçadas, enquanto para moradores do bairro isso é muito menos freqüente, mesmo ocorrendo entre estas atividades como sentar ou conversar nos recuos de jardim ou em cadeiras colocadas nas calçadas de algumas ruas (quando não existem recuos nas edificações). De modo especial, o que se verifica é que os dois grupos tendem a não interagir, especialmente, moradores do bairro tendem a evitar a utilização de áreas próximas do conjunto. Alguns dos comentários dos moradores do bairro demonstram claramente essas diferenças identificando o Jardim Planetário como um território diferenciado ("a área deles").

- Na Área 2, para moradores do bairro, grades, muros e topografia definem o controle dos espaços semiprivados ou privados e o uso é muito pouco freqüente, embora sejam

identificados moradores conversando ou eventualmente descansando nesses lugares. Para o Condomínio dos Anjos, a configuração do projeto, por si só, favorece o controle, o uso é freqüente e, embora moradores fiquem parados conversando em frente ao conjunto, a maior parte das atividades acontece no pátio comum, controlada e protegida do espaço público. Moradores do bairro costumam não passar nas adjacências do conjunto, mas a definição de território (ex.: “eles” ou “deles”) não é tão evidente nos questionários e entrevistas como acontece na Área 1.

- Na Área 3, devido à extensão e à configuração do Condomínio Princesa Isabel, a definição de barreiras apresenta partes semelhantes e outras diferentes do entorno. Nesse sentido, a colocação de grades e a definição dos jardins reduzem as diferenças entre a aparência do conjunto e a do entorno. Além disso, a existência de áreas semiprivadas internas (pátio comum) no conjunto e a impossibilidade de apropriação dos espaços em frente à edificação por crianças, em especial, tende a favorecer maiores semelhanças entre os dois grupos socioeconômicos no tipo de uso realizado na interface entre os espaços públicos e os privados. Como demonstram as observações comportamentais e os questionários, não há diferenças significativas entre os dois grupos quanto ao uso dos espaços semiprivados ou privados em frente à moradia. Isso sugere maior possibilidade de identificação entre os grupos nessa área e, possivelmente, interação a partir do contato passivo decorrente do uso dos espaços em torno do conjunto, como é observado nos mapas comportamentais, nos locais próximos aos acessos do conjunto nas avenidas João Pessoa e Bento Gonçalves.

Verifica-se que existem diferenças de comportamento territorial entre os dois grupos socioeconômicos, em termos de tipo e quantidade de barreiras físicas introduzidas e de intensidade de uso e tipo de atividades realizadas (mais freqüência de uso para moradores da habitação social) nos espaços semiprivados e privados. Todavia, os resultados sugerem que quando existem pátios comuns internos, nos conjuntos da habitação social, e limitações para a apropriação dos espaços externos (calçadas adjacentes e recuos de jardim), os comportamentos que acontecem na interface público-privada tendem a ser semelhantes, favorecendo uma imagem menos heterogênea entre os grupos socioeconômicos distintos (ex.: Área 3 e 2). Isso não ocorre na Área 1, pois apesar das barreiras físicas das unidades individuais (unifamiliares) apresentarem certa semelhança com o entorno, a inexistência de limites claros entre espaços semiprivados do Jardim Planetário e os espaços públicos parece favorecer apropriação generalizada e intensa dos espaços adjacentes (calçadas) por parte desses moradores, diferenciando-se dos demais espaços do bairro em função do nível de apropriação. Isso parece afetar a imagem do conjunto, promovendo, de certa forma, a insatisfação por parte dos moradores do bairro que os identificam como grupo distinto.

4.4.1.1 Imagem do grupo e personalização do território

A personalização dos espaços semiprivados ou privados, através da inserção de jardins e elementos decorativos e da manutenção desses espaços, é um tipo de comportamento territorial que favorece a identificação do grupo a partir da construção e manutenção de uma imagem comum. Assim, a caracterização dos recuos de jardim, a percepção de que vizinhos cuidam desses espaços e a satisfação com a aparência deles são avaliadas para compreensão e comparação do comportamento dos moradores dos grupos socioeconômicos distintos.

De modo geral, considerando as três Áreas de análise e não apenas as edificações dos respondentes (Anexo M - Tabela M2), grande parte dos espaços semiprivados e privados apresentam vegetação e algum tipo de mobiliário (ex.: bancos, iluminação) e estão em estado regular de manutenção. Além disso, elementos decorativos nesses espaços tendem a ser pouco freqüentes, estando mais presentes entre moradores do bairro na Área 2 e quase inexistentes entre moradores da habitação social (apenas no Jardim Planetário).

Diferenças quanto à personalização dos espaços privados e semiprivados (recuos de jardim) entre os grupos socioeconômicos são destacadas, porque permitem a distinção ou a identificação entre os grupos. De modo geral, as maiores diferenças são encontradas na Área 1, seguidas da Áreas 2 e 3, como segue:

- na Área 1, predominam entre moradores do bairro recuos de jardim em estado regular, com vegetação e mobiliário urbano, diferindo dos espaços do Jardim Planetário que estão em estado regular ou precário e apresentam em diversos casos pequenas edificações como churrasqueiras ou espaços adaptados para área de serviço;

- na Área 2, a manutenção regular caracteriza recuos de jardim dos moradores dos dois grupos socioeconômicos, embora, entre os do bairro, sejam identificados vegetação, mobiliário e elementos decorativos e, entre os do Condomínio dos Anjos, exista apenas vegetação rasteira;

- na Área 3, apesar de existirem edificações sem recuo (32,9%) no bairro em geral, há semelhanças nos recuos de jardim de moradores do bairro e do Condomínio Princesa Isabel que apresentam, em geral vegetação e mobiliário.

A associação do nível de manutenção com os elementos que constituem o recuo de jardim (Área 1: Cramér's $V=0,816$, sig=0,000; Área 2: Cramér's $V=0,802$, sig=0,000; Área 3: Cramér's $V=0,824$, sig=0,000) e com a existência de elementos decorativos (Área 1: Cramér's $V=0,816$, sig=0,000; Área 2: Cramér's $V=0,764$, sig=0,000; Área 3: Cramér's $V=0,819$, sig=0,000) revela que moradores preocupados em manter seus espaços tendem a personalizá-los, inserindo mais elementos (vegetação e mobiliário) no jardim e introduzindo

ornamentos específicos, que tendem a revelar o cuidado com a aparência desses espaços e com a imagem do bairro.

Segundo os resultados obtidos, em função da análise do ambiente construído, existem diferenças de personalização (manutenção e ornamentos) nos recuos de jardim para moradores do bairro e da habitação social, em especial na Área 1, onde isso é mais observado, seguido das Áreas 2 e 3. Como consequência da aparência construída e mantida pelos moradores nesses locais, a maior possibilidade de identificação entre os dois grupos tende a ocorrer na Área 3, seguidas das Áreas 2 e 1. Isso parece ser corroborado pelos questionários, que revelam diferenças entre os dois grupos socioeconômicos quanto à percepção de que vizinhos cuidam dos seus jardins. Isto se torna mais evidente quando existem diferenças entre os espaços dos dois grupos:

- na Área 1, o Jardim Planetário apresenta manutenção e qualidade de ornamentação inferior à do entorno, moradores do bairro (60%) tendem a *perceber* mais intensamente que *os vizinhos mantêm os seus jardins* que moradores do conjunto (43,3%).

- na Área 2, espaços semiprivados do Condomínio dos Anjos apresentam manutenção regular, mas sem ornamentos ou jardins, enquanto no bairro a manutenção dos recuos de jardim é boa ou regular e, em geral, apresenta mobiliário, elementos decorativos e jardins. Moradores do bairro (86,5%) tendem a perceber mais intensamente que *os vizinhos mantêm os seus jardins*, que moradores do condomínio (60%).

- na Área 3, os recuos de jardim do Condomínio dos Anjos são bem mantidos, sendo caracterizados por jardins e grade, assemelhando-se ao entorno. Moradores do bairro (71%) e do condomínio (71%) tendem a perceber, semelhantemente, que *os vizinhos mantêm os seus jardins*.

A percepção de que vizinhos cuidam e mantêm seus jardins está associada à satisfação com a aparência dos espaços privados e semiprivados (Spearman, $c=0,445$, sig.=0,000). Isso reforça, por um lado, a percepção de responsabilidade e cuidado dos moradores (vizinhos) com o lugar e, por outro, revela que a personalização dos espaços (manutenção e ornamentos) tende a favorecer a satisfação com a aparência dos recuos.

Com efeito, as diferenças de manutenção e personalização dos espaços semiprivados ou privados, identificadas entre os grupos, e, também, a associação entre satisfação com a aparência desses espaços e a percepção de que moradores cuidam ou mantêm os seus jardins, sugerem que a aparência satisfatória dos espaços privados e semiprivados e o cuidado revelado pelos moradores nesses lugares favorece a identificação dos moradores (homogeneidade) e a criação de uma imagem coletiva. Isto é evidenciado através da manutenção observada em cada Área e da percepção de manutenção dos recuos de jardim pelos vizinhos: destacam-se nas Áreas 1 e 2, maiores diferenças entre os grupos socioeconômicos distintos e menor possibilidade de identificação entre eles e, na

Área 3, as maiores semelhanças e a maior possibilidade de identificação entre moradores do bairro e do Condomínio Princesa Isabel.

4.4.1.2 Associação entre comportamento territorial, percepção de homogeneidade e interação social

Na comparação dos indicadores do comportamento territorial (Tabela 4.70), ratifica-se que o controle do território (barreiras físicas) tende a ser maior entre moradores da habitação social que do bairro (U, $\chi^2=3137,500$, sig.= 0,000). Além disso, verifica-se que a *satisfação com a personalização do território* tende a ser maior na Área 2, seguida das Áreas 3 e 1 (K-W, $\chi^2=10,645$, sig.= 0,005), e a *percepção de controle territorial*, maior na Área 1, seguida das Áreas 2 e 3 (K-W, $\chi^2=16,845$, sig.= 0,000).

Tabela 4.70: Relação entre os indicadores do comportamento territorial entre moradores e os grupos

	Médias ordinais ¹							
	Morador Habitação social	Morador do Bairro	Área 1		Área 2		Área 3	
			Morador Jardim Planetário	Morador do Bairro	Morador Condom. dos Anjos	Morador do Bairro	Morador Condom. Princ. Isabel	Morador do Bairro
Controle do território (barreiras físicas)	114,52*	82,46*	32,98	33,01	47,30*	23,22*	35,76	27,24
			69,89		121,89		100,09	
Satisfação com a imagem (manutenção e aparência) do território	91,59	102,72	25,65*	39,30*	30,60	36,76	34,11	28,89
			85,37*		113,72*		92,69*	
Percepção de controle territorial	104,28	90,50	25,65*	39,30*	36,25	32,18	28,21	34,79
			111,49*		91,22*		88,28*	

Nota: 1. Os valores tratam das médias dos valores ordinais (relativos ao somatório das variáveis relacionadas ao comportamento territorial, obtido a partir dos testes Mann-Whitney – U e Kruskal-Wallis – K-W). Quanto maior o valor, maior a manifestação do comportamento territorial; * Valores destacados apresentam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos.

Não foram encontradas relações estatísticas entre os indicadores do comportamento territorial, na amostra total, mas apenas na Área 1, quando isolados os grupos socioeconômicos: há correlação entre a *satisfação com a personalização do território* e a *percepção de controle territorial*, tanto para moradores do bairro (Spearman, $c=0,394$, sig.=0,021) como para os do Jardim Planetário (Spearman, $c=0,401$, sig.=0,028). Isso sugere que quanto mais a percepção de que grades e muros favorecem o controle do território (privado ou semiprivado) maior a satisfação com a aparência e com o cuidado que os vizinhos revelam nos espaços privados e semiprivados. Isso implica que a definição de barreiras físicas e a personalização nos recuos de jardim se reforçam na delimitação dos espaços semiprivados e privados, favorecendo a percepção de segurança e privacidade e a satisfação com a aparência do lugar.

Na amostra total, a *percepção de homogeneidade dos moradores* está relacionada à *satisfação com a imagem do território* (Spearman, $c=0,401$, sig.=0,028), e esta *satisfação* correlacionada à *percepção de apoio mútuo na vizinhança* (Spearman, $c=0,171$, sig.=0,017)

e à *ligação com os vizinhos* (Spearman, $c=0,183$, sig.=0,011). Isso demonstra que, a partir da aparência satisfatória dos recuos de jardim e da percepção de cuidado dos moradores com seus jardins, moradores tendem a identificarem-se como um grupo (homogêneo), tornando-se mais satisfeitos com o lugar de moradia e percebendo mais relacionamentos amigáveis no bairro.

Por outro lado, embora exclusivamente na Área 1, a *percepção de homogeneidade dos moradores* está negativamente associada à *percepção de controle territorial* (Spearman, $c=-0,317$, sig.=0,011) e, está última, negativamente correlacionada ao *comportamento mais favorável ao contato social nas ruas* (Spearman, $c=-0,222$, sig.=0,002). Esses resultados sugerem, especialmente na Área 1, onde essa correlação foi verificada, que a heterogeneidade entre moradores parece aumentar a percepção ou a necessidade de controle e segurança dos espaços privados e semiprivados, indicando intensificação do controle territorial, a partir da definição de barreiras físicas, e menor desejo de contato com vizinhos nas calçadas ou espaços em frente à residência, o que reduz a probabilidade de interação social entre moradores do bairro e da habitação social.

Na amostra total e para as áreas separadamente, a *percepção de controle territorial* também está correlacionada ao *uso dos espaços semiprivados e privados* (Spearman, $c=0,278$, sig.=0,000). Ou seja, na medida em que moradores percebem que grades ou muros funcionam, regulando a segurança e a privacidade desejadas, as atividades nos espaços semiprivados e privados tendem a acontecer. Isso sugere que, quando o controle territorial se demonstra mais eficiente, há mais possibilidades de contato passivo no uso desses espaços e, possivelmente, maior potencial de interação social entre os grupos socioeconômicos distintos. Entretanto, diferenças identificadas no padrão de comportamento entre eles podem limitar o desejo de contato entre os grupos, como ocorre na Área 1, onde há maior percepção de heterogeneidade entre moradores.

Por tudo isso, a hipótese 5 parece ser sustentada. Para a amostra total, a possibilidade de identificação de uma imagem comum, definida a partir do comportamento territorial (personalização e aparência dos espaços privados e semiprivados), favorece a percepção de homogeneidade, a satisfação com o lugar e os relacionamentos entre os vizinhos, o que possivelmente tende a favorecer a interação social entre os dois grupos socioeconômicos (embora não fique claro se houve identificação de uma imagem comum entre moradores dos diferentes grupos socioeconômicos). Além disso, corroborando a hipótese, na Área 1, é confirmado que diferenças no comportamento territorial, a partir de barreiras físicas e da personalização dos espaços privados e semiprivados e em função das atividades aí realizadas, favorecem a percepção de heterogeneidade entre os moradores e aumentam o desejo de evitar contato com os espaços públicos a partir da moradia, implicando menor potencial de interação social entre os grupos socioeconômicos distintos.

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os principais resultados alcançados a partir da investigação dos fatores que afetam a interação social entre grupos distintos residentes em áreas urbanas comuns são apresentados a seguir:

Conforme a caracterização dos usos e da interação social na vizinhança, verificou-se:

Para atividades associativas (clubes, associações, ONGs), apenas a participação em comunidades religiosas permite algum tipo de contato social, mesmo que muito pequeno, entre moradores do bairro e da habitação social.

Na vizinhança, a percepção de apoio mútuo, relacionamento social, a ligação com vizinhos e os laços de amizade tendem a ser semelhantemente caracterizados para os dois grupos socioeconômicos, embora moradores da habitação social tendam a apresentar maior número de amizades e maior conflito entre vizinhos, enquanto moradores do bairro tendam a estar mais satisfeitos com os relacionamentos e mais conectados à vizinhança.

Moradores da habitação social tendem a utilizar mais o bairro de moradia que moradores do bairro, seja para atividades de compras ou na apropriação das calçadas (brincadeiras de crianças, vizinhos conversando). Entretanto, o uso de um equipamento do bairro (ex.: comércio, bares, espaços públicos de lazer) estimula o uso de outros equipamentos do lugar, favorecendo atividades nos espaços semiprivados e privados, a apropriação das calçadas e as conversas entre os vizinhos, propiciando, assim, maior satisfação e identificação entre moradores e mais amizades no bairro.

Moradores do bairro tendem a utilizar mais outros bairros que os da habitação social, especialmente para compras específicas (supermercado, por exemplo) e no fim de semana. Quanto maior o uso de outros bairros, menor o uso do bairro de moradia, o que tende a reduzir o contato entre os vizinhos, desencorajando as relações sociais entre eles.

O uso do centro, embora pequeno, é maior entre moradores da habitação social que do bairro e está associado à realização de compras ou serviços específicos, não existentes no bairro.

Conforme a caracterização do status socioeconômico e do estilo de vida, verificou-se:

O maior status socioeconômico, definido por melhores condições de renda, escolaridade e qualificação da ocupação, favorece o uso mais intenso de outros bairros que não o de moradia e a maior satisfação com os relacionamentos entre os vizinhos (menor conflito).

A apropriação dos espaços privados (ou semiprivados) é mais intensa entre moradores da habitação social e do bairro, especialmente para atividades recreativas ou sociais. Destaca-se que atividades recreativas são mais freqüentes onde há mais crianças e adolescentes (moradores da habitação social), atividades como descansar ou cuidar o jardim são mais freqüentes onde há adultos e idosos (moradores do bairro) e a utilização desses espaços apenas como acesso ou estacionamento acontece onde há mais adultos (moradores do bairro).

O tempo de moradia favorece o uso dos espaços privados e semiprivados para atividades contemplativas ou sociais e estimula mais relações amigáveis no bairro.

Em decorrência dos meios de locomoção utilizados, moradores da habitação social, independente de utilizarem locais próximos ou distantes para a moradia e o trabalho, despendem mais tempo nos deslocamentos que os moradores do bairro. As diferenças no tipo de transporte e no tempo de deslocamento desfavorecem o contato social entre os grupos socioeconômicos distintos nas ruas do bairro de moradia.

Conforme hipótese 1, verificou-se:

A adequação dos quarteirões, em termos de tamanho e acessibilidade física favorece o hábito de caminhar, contribuindo para o menor uso do carro e para o aumento da percepção de segurança em relação ao movimento de pessoas no bairro.

A satisfação com a aparência das calçadas e a percepção de adequação das calçadas são influenciadas pela manutenção da pavimentação e pela existência de mobiliários urbanos, tais como iluminação, telefone público, lixeiras, bancas de revista ou comida. Nas calçadas bem equipadas foram observadas mais pessoas se apropriando dos espaços abertos.

A satisfação com a vegetação do bairro favorece caminhar pelas ruas, sentar nas calçadas e praças e realizar atividades associativas (brincar ou conversar).

A quantidade e o tipo de vias existentes no bairro afeta a apropriação dos espaços abertos públicos, embora isso seja mais percebido entre moradores da habitação social, pois andam mais a pé que os do bairro. Estes últimos tendem a utilizar mais intensamente o carro quando o ambiente é menos favorável às caminhadas.

Adequação da estrutura do ambiente e agradabilidade (em termos de aparência das calçadas e arborização) favorece o uso do bairro em detrimento do uso de outros bairros, estimula os relacionamentos sociais entre os vizinhos e a satisfação e identificação com a vizinhança. Esta adequação, por favorecer a apropriação das ruas e o uso do bairro, tende a aumentar a probabilidade de contato social entre moradores do bairro e da habitação social.

Conforme hipótese 2, verificou-se:

O estilo e a manutenção das edificações afetam a satisfação com a aparência das edificações no bairro: maior manutenção e homogeneidade quanto a alturas, estilos e uso das edificações tendem a ser mais atraentes para os moradores. A heterogeneidade do ambiente construído, especialmente quanto aos aspectos *tipo e manutenção das edificações e arborização das ruas*, afeta negativamente a *percepção da aparência das edificações*.

A satisfação com a aparência e a manutenção das edificações afeta a percepção de segurança do lugar: locais identificados como não atraentes e inadequados tendem a ser também reconhecidos como inseguros (e evitados).

As piores condições de manutenção ou a diferença de estilos e alturas das edificações dos moradores da habitação social em relação ao entorno tendem a favorecer a identificação desses lugares como não atraentes, inadequados e inseguros.

Também a maior adequação da estrutura do ambiente construído favorece o sentimento de segurança, especialmente, entre moradores da habitação social.

Atratividade do lugar e segurança tendem a estimular a apropriação do bairro de moradia, em detrimento de outros bairros. Além disso, satisfação com a aparência das edificações e a percepção de segurança e maior homogeneidade do ambiente construído favorecem a identificação e satisfação com os moradores do bairro, promovendo melhores relacionamentos sociais (menor conflito) e mais laços de amizade entre vizinhos.

A identificação de mais semelhanças entre as edificações dos moradores do bairro e da habitação social tende a favorecer a interação social em função da maior identificação entre os moradores, maior ligação com o lugar e maior probabilidade de interação entre os grupos socioeconômicos distintos.

Conforme hipótese 3, verificou-se:

Quanto maior a existência e diversidade de equipamentos próximos à moradia maior o uso do bairro seja para acessar os estabelecimentos desejados ou realizar atividades de lazer. A menor diversidade de equipamentos tende a influenciar mais no comportamento de moradores do bairro que da habitação social, em função da maior mobilidade e dos recursos financeiros dos primeiros (acessam locais mais distantes e desejados quando necessário). A existência e o uso dos equipamentos do bairro favorece os laços de amizade entre os vizinhos.

Nem todas os equipamentos estimulam o uso do bairro pelos grupos socioeconômicos distintos devido às diferenças quanto aos locais utilizados para atividades

de compras básicas e específicas, prática de esportes, lazer diurno e noturno. Para compras específicas e lazer noturno inexistem a possibilidade de uso simultâneo pelos moradores do bairro e da habitação social, os primeiros apresentam maior diversidade de locais fora do bairro de moradia e os últimos tendem a usar o Centro e locais menos variados de lazer; compras básicas, lazer diurno e caminhadas ou corridas (esporte) pelas ruas do bairro podem ser realizadas em lugares comuns aos dois grupos, quando há, próximo à moradia, estabelecimentos de comércio e serviços básicos, instituições de ensino, praças e parques e calçadas adequadas. Essas atividades estimulam os deslocamentos a pé em detrimento do uso de veículos e favorecem a interação social entre os grupos socioeconômicos distintos.

Conforme hipótese 4, verificou-se:

A presença de grupos distintos e a de segregação no uso do bairro é mais percebida entre moradores da habitação social que entre os do bairro, enquanto estes últimos percebem mais semelhanças entre os vizinhos.

A maior percepção de diferenças entre os moradores e a maior percepção de que existem grupos distintos no bairro influem na percepção de segregação no uso dos espaços próximos ao local de moradia.

A homogeneidade entre os moradores, caracterizada pela menor percepção de diferenças entre os moradores e menor segregação, estimula atividades sociais (conversas) nas calçadas do bairro, a satisfação e a identificação com os vizinhos e melhores relacionamentos na vizinhança (menor conflito).

Destaca-se que a percepção de homogeneidade entre os moradores parece estar associada a menor possibilidade de identificação dos moradores da habitação social pelos moradores do bairro, sugerindo influência da acessibilidade visual (em termos de estrutura do espaço) entre os espaços dos dois grupos socioeconômicos. Quanto maior o contato visual entre os grupos maior a percepção de heterogeneidade, quanto menor o contato visual maior a percepção de homogeneidade, existindo em ambos os casos, redução do potencial de interação social entre os grupos socioeconômicos distintos. A homogeneidade tende a favorecer a interação social entre moradores do mesmo grupo social.

Conforme hipótese 5, verificou-se:

Em geral, o tipo de barreiras físicas introduzidas pelos moradores está associado com o nível de visibilidade entre a rua e os espaços privados e semiprivados desejados, indicando variações no controle do território. Quando moradores da habitação social apresentam maior autonomia sobre a possibilidade de inserção de barreiras físicas,

delimitando seus territórios, mais semelhantes tendem a se tornar as soluções utilizadas pelos dois grupos socioeconômicos.

De modo geral, a presença de grades e muros tende a estar associada com a maior percepção de segurança e de privacidade (no sentido de limitar o distanciamento dos outros), mas não à aparência satisfatória do lugar. Destaca-se, no entanto, que entre moradores da habitação social, em especial nas Áreas 1 e 2, a presença de grade ou muros tende a favorecer uma imagem positiva do lugar.

Quando o controle territorial (barreiras físicas) se demonstra mais eficiente, sendo relacionado com a percepção de segurança e de privacidade e com a satisfação com a aparência, parece haver maior possibilidade de contato passivo entre moradores em função do uso dos espaços privados e semiprivados. Já que a realização de atividades nos espaços privados e semiprivados tende a ocorrer quando existe maior controle do contato visual e físico com a rua, o que sugere a necessidade de segurança ou de um certo grau de distanciamento dos outros para o uso desses lugares.

A existência de espaços semiprivados e privados controlados e internos ao conjunto e as limitações dos eixos viários para realização de atividades em frente às edificações parecem favorecer, aos moradores da habitação social, o uso dos espaços internos dos conjuntos em detrimento dos espaços externos. Isso sugere maior semelhança no comportamento manifestado na interface público-privada, favorecendo uma imagem menos heterogênea entre os grupos socioeconômicos distintos, o que tende a aumentar a interação social entre eles.

Barreiras físicas (ex.: grades ou muros) e a personalização dos recuos de jardim se reforçam na delimitação dos espaços privados e semiprivados favorecendo a satisfação com segurança, privacidade e aparência do lugar e permitindo a criação de uma imagem coletiva.

A aparência satisfatória dos espaços privados e semiprivados e o cuidado revelado pelos moradores nesses lugares favorece a identificação dos moradores (homogeneidade) e de uma imagem coletiva, promovendo maior satisfação com o lugar e estimulando relações amigáveis próximas ao local de moradia.

A percepção de heterogeneidade entre os moradores parece aumentar a necessidade de controle territorial e inibir o desejo de contato social entre os vizinhos nos espaços abertos. Isso sugere que quanto menos semelhante o comportamento territorial dos grupos socioeconômicos (definição de barreiras, personalização e manutenção dos recuos de jardim e atividades realizadas nesses espaços) maior heterogênea é a imagem comunicada pelos grupos distintos, maior a percepção de heterogeneidade e menor a identificação e a probabilidade de interação social entre eles.

5 CONCLUSÕES E RELEVÂNCIA DOS RESULTADOS

5.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo é apresentada a conclusão geral do trabalho. Inicialmente são abordados os aspectos relativos ao problema de pesquisa, aos objetivos e aos métodos adotados. Após, são sintetizados os resultados da hipótese investigada e discutidos os principais resultados. Por fim, destacam-se as limitações do estudo, a relevância dos resultados e as implicações destes para o planejamento urbano.

5.2 PROBLEMA DE PESQUISA, OBJETIVOS E MÉTODOS

Esta pesquisa investigou os atributos que afetam a interação social entre grupos heterogêneos em áreas urbanas consolidadas. Conforme a literatura, verificou-se que a existência de diferentes grupos no mesmo ambiente pode favorecer a interação social harmoniosa ou o conflito social e a segregação. Foi destacada a importância de estudos relativos ao relacionamento social dos indivíduos no contato entre grupos distintos para adequação de políticas e de projetos que atendam às necessidades humanas nos ambientes urbanos (Stokols, 1995).

Um estudo comparativo foi realizado em três áreas selecionadas na cidade de Porto Alegre, caracterizadas por populações de rendas médias e altas, que sofreram intervenção urbana a partir de projetos de regularização fundiária com a inserção de habitações sociais (para grupos de baixa renda).

A comparação entre as áreas, baseada na percepção dos moradores e na avaliação do padrão comportamental nos espaços abertos (ruas, espaços privados e semiprivados junto à residência e espaços públicos de lazer), contribui para a compreensão do papel dos espaços urbanos no relacionamento de grupos sociais heterogêneos no ambiente residencial. Destaca-se que este trabalho, embora amplie os conhecimentos na área de

ambiente comportamento, faz parte de estudos em contínuo desenvolvimento que com certeza não se esgotam aqui.

A coleta de dados consistiu na caracterização do ambiente construído a partir de levantamentos físicos e levantamentos de arquivo, na definição do perfil dos usuários, através da aplicação de entrevistas, questionários, observações de comportamento e de levantamento fotográfico. A análise de dados contou com a utilização de recursos computacionais estatísticos, de SIG (Sistemas de Informação Geográfica), de análise sintática e de análise de acessibilidade visual. Os múltiplos métodos de coleta e análise de dados possibilitaram a complementaridade dos resultados obtidos, incrementando a compreensão e a validade da investigação, mostrando-se, dessa forma, favoráveis ao desenvolvimento de uma metodologia adequada para avaliar o desempenho de ambientes projetados quanto aos efeitos na interação social.

A partir da avaliação de desempenho na comparação das áreas, este estudo atingiu um de seus principais objetivos, o de avaliar os projetos implementados através das políticas habitacionais do Estado, medindo a efetividade de ocupação e interação social entre os grupos socioeconômicos distintos nesses ambientes e verificando os aspectos de projeto mais favoráveis ou menos favoráveis à interação social entre grupos distintos nas situações analisadas.

Embora mais estudos sejam necessários, ao analisar três situações específicas, implicadas na existência de grupos socioeconômicos distintos residentes em áreas urbanas comuns, este trabalho responde o problema de pesquisa sobre os atributos composicionais e contextuais que mais afetam a intensidade de interação social entre moradores de grupos heterogêneos em ambientes residenciais comuns. Com isso, a partir das generalizações admitidas e limitações existentes, aponta para a viabilidade de projetos de regularização fundiária, destinada a grupos de baixa renda, em áreas urbanas consolidadas e ocupadas, predominantemente, por grupos de maior status socioeconômico.

5.3 HIPÓTESES

Os resultados analisados possibilitaram chegar a considerações conclusivas sobre atributos espaciais, sociais e mecanismos inter-relacionados, dependentes desses atributos, quanto aos efeitos por eles exercidos na interação social quando existem grupos heterogêneos residentes em áreas urbanas comuns.

Cinco hipóteses foram exploradas para verificar quais fatores são mais efetivos no favorecimento da interação social entre grupos distintos em áreas urbanas consolidadas,

ocupadas por moradores de rendas média ou alta, e onde é inserida (re-inserida) uma população de baixa renda. A sustentação das relações investigadas é apresentada a seguir:

Para a hipótese 1 foi sustentado que: *Quanto mais a estrutura do ambiente construído apoiar a acessibilidade de atividades e a apropriação dos espaços abertos públicos próximos ao lugar de moradia, maior a probabilidade de interação social (contato) entre os moradores de grupos socioeconômicos distintos, existentes na mesma área.*

Para a hipótese 2 foi sustentado que: *Quanto maior a semelhança entre a aparência das edificações da habitação social e das edificações da área em geral, maior a probabilidade de interação social (contato) entre os moradores dos dois grupos socioeconômicos.*

Para a hipótese 3 foi sustentado que: *Quanto mais os equipamentos próximos à residência apoiarem as atividades desejadas e necessárias aos moradores da habitação social e aos moradores do bairro, maior a intensidade de apropriação da área e maior a probabilidade de interação social (contato) entre os dois grupos socioeconômicos.*

Para a hipótese 4 não foi sustentado que: *Quanto menor a percepção de heterogeneidade entre moradores da habitação social e moradores do bairro, maior a semelhança quanto à intensidade de interação social dentro do mesmo grupo de moradores e entre os dois grupos socioeconômicos.*

Os resultados demonstram que a percepção de maior homogeneidade aconteceu quando houve menor contato visual (acessibilidade visual) entre os grupos socioeconômicos distintos, o que impedia a identificação das diferenças entre eles, mas, também, reduzia o potencial de interação social.

Para a hipótese 5 é sustentado que: *Quanto maiores as diferenças em relação à manifestação do comportamento territorial dos moradores dos grupos socioeconômicos distintos, maior a distinção da imagem dos grupos e a percepção de heterogeneidade e menor o potencial de interação social entre eles.*

Os resultados sustentam apenas na Área 1 que diferenças no comportamento territorial, a partir da presença de barreiras físicas e da personalização dos espaços privados e semiprivados e em função das atividades aí realizadas, favorecem a percepção de heterogeneidade entre os moradores e aumentam o desejo de evitar o contato com os espaços públicos a partir da moradia, implicando menor potencial de interação social entre os grupos socioeconômicos distintos. E sustentam para toda a amostra a possibilidade de identificação de uma imagem comum e da homogeneidade do grupo, a partir do comportamento territorial (personalização e aparência dos espaços privados e semiprivados), influenciando na satisfação com o lugar e nos relacionamentos entre os

vizinhos (embora não fique claro se houve identificação de uma imagem comum entre moradores dos diferentes grupos socioeconômicos).

Conforme os resultados, aspectos composicionais e contextuais articulam-se de forma interdependente, afetando o padrão de uso e de interação social que acontece nas áreas analisadas. Evidências demonstram que, na existência de moradores socioeconomicamente distintos residentes em áreas comuns, atributos espaciais (estrutura do ambiente construído, aparência e percepção de segurança e adequação dos equipamentos e atividades existentes) afetam mais fortemente o potencial de interação social entre os grupos heterogêneos que os fatores composicionais (status socioeconômico, tempo de moradia, composição familiar, alocação do tempo, necessidade de privacidade e comportamento espacial). Destaca-se que diferenças entre os grupos, decorrentes do estilo de vida, ou seja, dos fatores composicionais, afetam a possibilidade de contato social entre eles. No entanto, quanto mais adequado o ambiente construído, em termos de estrutura e equipamentos, e quanto mais semelhante a aparência das edificações dos moradores dos grupos distintos, verifica-se que menor é a identificação das diferenças no padrão de uso dos espaços do bairro e mais propícia a interação social entre eles.

A partir das hipóteses identificadas, demonstra-se a viabilidade de realização de projetos de regularização fundiária que se inserem na malha urbana consolidada e promovem o contato social entre diferentes grupos. Os resultados obtidos, ao mesmo tempo em que apontam para a importância dos aspectos físicos do ambiente, destacam limitações e necessidades que devem ser consideradas nas decisões projetuais desse tipo de intervenção urbana, a fim de que seja favorecida uma interação social harmoniosa entre grupos socioeconômicos distintos. Esses resultados são discutidos a seguir.

5.4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foi identificado na revisão da literatura que a interação social, mecanismo de comunicação entre os indivíduos, é indissociável da dimensão espacial e dos significados e regras sociais que a caracterizam (entre outros, Rapoport, 1978, Hillier & Hanson, 1984). Essa relação recíproca e dependente entre os ambientes físico e social é evidenciada pelos resultados desta pesquisa. Quando comparadas as três áreas de análise, quanto à interação social entre os grupos socioeconômicos distintos, verifica-se que modificações na estrutura espacial do ambiente estão associadas a padrões de comportamento diferenciados entre as Áreas. De modo especial, a maior adequação do ambiente em relação às preferências estéticas e à possibilidade de realizar atividades no bairro parece

favorecer comportamentos mais similares entre os diferentes grupos socioeconômicos, enquanto um ambiente menos adequado (quanto a esses aspectos) parece propiciar maiores diferenças no perfil comportamental. Isso sugere que em situações onde as características contextuais são adequadas e favoráveis ao uso, as características composicionais tendem a afetar menos intensamente a intensidade de apropriação do bairro, sendo, como consequência, favorecido o potencial de interação social entre moradores dos diferentes grupos socioeconômicos, na realização de suas atividades diárias no bairro.

Os resultados evidenciam que a mobilidade e as possibilidades de escolha (dependente de recursos financeiros) são aspectos composicionais, influenciados pelo status socioeconômico, que diferenciam o comportamento espacial dos grupos, como argumenta Michelson (1987), afetando o potencial de interação social entre eles, como sugere Schoisser (1981 apud Sodeur, 1986). Os resultados demonstram que moradores de menor status socioeconômico despendem mais tempo nos deslocamentos casa-moradia e utilizam mais os espaços do bairro (ex.: escolas dos filhos), deslocando-se predominantemente a pé ou de ônibus para a realização de suas atividades, quando comparados aos moradores dos grupos de maior status, que utilizam mais freqüentemente o automóvel. Essas diferenças tendem a afetar a interação social, reduzindo as possibilidades de contato passivo entre os moradores nos deslocamentos diários pelas calçadas e nos locais como pontos de ônibus.

Apesar disso, foi verificado que a estrutura do ambiente construído (em termos de tamanho das quadras, número de conexões entre as ruas, adequação das calçadas e do fluxo de veículos) tende a minimizar as diferenças de perfil comportamental dos grupos, pois afeta a apropriação dos espaços abertos, influenciando a maior ou menor intensidade de deslocamentos a pé pelo bairro e interferindo no potencial de encontros entre os grupos socioeconômicos distintos. Esses resultados corroboram o argumento de Altman & Chemers (1989) quando afirmam que o tipo de interação que acontece num lugar é expresso no padrão de ocupação da área. Nesse sentido destaca-se que: (1) eixos mais integrados do sistema estão associados à maior presença de equipamentos e de pedestres nas ruas, como afirmam Hillier et al. (1993), favorecendo maior potencial para interação social entre os grupos distintos; e, também, que eixos mais profundos do sistema tendem a revelar áreas segregadas, apontando, de modo especial na Área 1, para o surgimento nesses locais de uso distinto (e separado) para moradores dos dois grupos socioeconômicos; (2) utilitários, mobiliário urbano e iluminação favoreceram a percepção de adequação das calçadas, incrementando a apropriação dos espaços abertos públicos, corroborando resultados de Basso (2001); a vegetação, em especial a presença de árvores, favorece

maior realização de atividades associativas (conversas entre vizinhos e brincadeiras de crianças à sombra) e a existência de moradores de diferentes faixas etárias nos espaços abertos, como demonstra a literatura (entre outros, Taylor, Kuo & Depooter, 2004), aumentando as possibilidades de contato social entre os moradores dos grupos distintos.

Em relação à composição familiar, variável dependente do perfil socioeconômico, identifica-se maior número de moradores, crianças e adolescentes, entre a população de menor status socioeconômico. Isso, em termos de comportamento, indicou que maior número de crianças e adolescentes está associado ao maior uso dos espaços abertos (públicos ou privados) adjacentes à residência, corroborando resultados identificados por Basso (2001). A intensidade e o tipo de atividades realizadas revelam um padrão de comportamento espacial e favorecem o reconhecimento de uma imagem idealizada e reconhecida por moradores do mesmo grupo como adequada, permitem a identificação da heterogeneidade entre moradores e, como resultado, reduzem o desejo de contato social no espaço aberto, desfavorecendo a interação social entre os grupos socioeconômicos distintos.

No entanto, é evidenciado nos resultados que esse processo de criação da imagem coletiva e distinção dos grupos, como argumentado na literatura (entre outros, Rapoport, 1978; Altman & Chemers, 1989; Taylor, 1988; Twigger-Ross & Uzzel, 1996), não ocorre somente a partir das atividades sociais ou contemplativas nos espaços adjacentes à moradia, mas também devido a outras dimensões do comportamento territorial, tais como a presença de barreiras físicas (ex.: grades, muros) e de personalização (manutenção e ornamentos) nos espaços semiprivados e privados, e em função da aparência das edificações (manutenção e atratividade). De maneira continuada, os moradores avaliam a reputação dos seus espaços em termos de edificações, espaços privados e semiprivados e de atividades desenvolvidas pelos moradores na interface público-privada. Essa avaliação tende a revelar que a heterogeneidade percebida no ambiente (social e físico) desfavorece a ligação com o lugar de moradia e a apropriação dos espaços, reduzindo a interação social entre os diferentes grupos que coabitam uma mesma área urbana. Dessa forma, os resultados corroboram diversos argumentos na literatura que associam atratividade do lugar e identificação do grupo (Twigger-Ross & Uzzel, 1996), ou atratividade do lugar e aumento do uso (Gehl, 1987, Lay, 1992), ou, ainda, identificação com o lugar e regulação dos contatos sociais (Altman & Chemers, 1989; Taylor, 1988).

A relevância desses resultados quanto à criação da imagem e à distinção entre os grupos socioeconômicos heterogêneos é devida, em especial, ao fato de que, nas três áreas analisadas, a habitação social é identificada, por alguns moradores (dos dois grupos), como local não atraente, inadequado às características do bairro, inseguro e por tudo isso evitado

(quanto à circulação nas adjacências). Corroborando estudos como os de Billig & Chrchman (2003) e de Perkins & Taylor (1996) que apontam para a associação de lugares não atrativos e a heterogeneidade do ambiente construído com conflitos e o desejo de não usar certos espaços, este trabalho revela a importância da adequação dos espaços projetados para a habitação social aos ambientes urbanos em que são inseridos. Espaços adequados e integrados ao entorno tendem a favorecer a satisfação com o lugar, reduzindo as possibilidades de conflito social ou segregação no uso dos lugares e aumentando o potencial de interação social entre os grupos distintos.

A análise do sistema de atividades e lugares dos moradores demonstra como argumentam diversos autores (Rapoport, 1986; Bonnes & Secchiaroli, 1995; Bonaiuto et al., 2004), que a estruturação espacial da cidade varia de acordo com os grupos socioeconômicos, em função das atividades e instituições representativas utilizadas por eles. Isso é evidenciado na verificação de que grupos socioeconômicos distintos realizam *compras específicas* (vestuário, por exemplo), *lazer noturno* e *esportes* em locais diferentes, indicando que para essas atividades não há possibilidade de interação social em função das características composicionais. Nesse sentido, ainda, corroborando estudos de Bonnes & Secchiaroli (1995), moradores tendem a organizar suas atividades em um sistema de dois sub-lugares, identificados neste estudo, como *centro-bairro de moradia*, para moradores da habitação social, e como *bairro de moradia-outros bairros* ou *residência-outros bairros*, para moradores do entorno (cujo status socioeconômico é maior).

Apesar dessas diferenças, salienta-se que equipamentos de comércio e serviços básicos, espaços públicos de lazer próximos aos locais de moradia e espaços adequados para circulação propiciam maior frequência de atividades nas ruas (deslocamentos, principalmente), conforme argumentado por Moudon et al. (2006). Destacadamente, atividades de compras diárias e lazer diurno tendem a acontecer no bairro de moradia e em locais comuns aos diferentes grupos socioeconômicos quando há adequação da estrutura espacial e dos equipamentos existentes no lugar, salientando esses atributos espaciais para a possibilidade de interação social entre eles, no uso cotidiano dos espaços próximos à moradia. De modo especial, moradores de maior status socioeconômico, por apresentarem mais recursos financeiros e mobilidade, tendem a escolher outras opções de uso, que não o bairro, quando este não é adequado às suas necessidades, ou tendem a utilizar mais intensamente o bairro, quando este é favorável às atividades de compras básicas ou lazer diurno e ao deslocamento a pé.

Admite-se, no entanto, que os grupos, identificando-se como heterogêneos, parecem manifestar a preferência por não se relacionarem, utilizando serviços ou equipamentos separados, quando possível, corroborando o estudo de Billig e Churchman (2003). Isto é

evidenciado na Área 1 (Jardim Planetário), onde a existência de diversas praças no ambiente favoreceu o uso segregado entre os grupos socioeconomicamente distintos.

Nota-se que a análise das quatro dimensões da interação social, propostas por Skjaeveland & Garling (1997), permitiram a caracterização do padrão de relacionamento social no ambiente residencial. Em função dos aspectos *apoio mútuo na vizinhança, relacionamento social na vizinhança, ligação com a vizinhança e laços de amizade na vizinhança*, foi possível a comparação do comportamento social dos grupos heterogêneos (tipo de interação, satisfação com os relacionamentos sociais e identificação com o grupo), embora essas variáveis não tenham indicado quando a interação social acontecia entre moradores de grupos distintos. Conclui-se, de modo geral, que a adaptação dessas dimensões, já aplicadas no contexto norte-americano e europeu, parece ser eficiente na compreensão do comportamento relativo à interação social na realidade brasileira.

Por fim, este estudo busca responder às reflexões de diversos autores quanto aos efeitos positivos ou negativos que podem surgir na proximidade territorial de grupos distintos (entre outros, Rapoport, 2003; Ribeiro, 2005; Stokols, 1995) e, também, em relação ao papel dos programas de regularização fundiária no sentido de promover a democratização do acesso à cidade (por exemplo, Lago, 2004). Os resultados demonstram que, quando os projetos de habitação social são realizadas de maneira mais adequada às necessidades dos usuários, em termos de apropriação do espaço urbano e de interação social desejadas, maiores as possibilidades de uso simultâneo de lugares comuns pelos diversos grupos, menor a segregação sócio-espacial e maior o potencial de promover a igualdade de direitos sobre o uso da cidade. Com base na discussão apresentada, três aspectos são ressaltados a seguir, porque apresentam relação direta com a efetividade das políticas de intervenção urbana.

Primeiro, a questão da percepção de homogeneidade entre moradores, caracterizada especialmente através das edificações e do comportamento territorial, parece um dos aspectos mais importantes quanto às intervenções nas políticas habitacionais que tratam de diferentes grupos socioeconômicos em áreas urbanas comuns. É destacado, nesse sentido, que:

- moradores da habitação social são os que mais percebem a heterogeneidade e a segregação e, também, o conflito social (desavenças ou insatisfação na vizinhança);
- do ponto de vista dos moradores do bairro: as maiores diferenças favorecem a maior percepção de inadequação do conjunto inserido e a maior percepção de que este é um lugar inseguro e, por isso, evitado;
- do ponto de vista do planejamento urbano: a inadequação do conjunto ao ambiente do entorno favorece o surgimento de vazios urbanos ou territórios de conflito, ou seja,

projetos incongruentes com o entorno favorecem a falta de uso e dinamicidade nos espaços urbanos.

O segundo aspecto atinge mais especificamente o planejamento urbano: a maior miscigenação de usos no bairro favorece a apropriação dos espaços abertos por moradores de diferentes grupos socioeconômicos. A existência de estabelecimentos de comércio e serviços básicos (tais como mini-mercados, padarias, fruteiras, chaveiros, bancas de revista e lancherias), instituições de ensino, praças e parques, propicia a intensificação de caminhadas pelo bairro para a realização das atividades desejadas. Essas caminhadas favorecem contatos passivos e eventuais entre os moradores do mesmo grupo e de grupos socioeconômicos distintos. A intensificação do uso do bairro de moradia propicia maior ligação e a satisfação com o lugar de moradia.

Terceiro, destaca-se a importância da acessibilidade visual e da configuração das edificações do conjunto: a redução do contato visual entre moradores dos bairros existentes e dos grupos inseridos nas regularizações pode ser decorrente da localização do conjunto na malha urbana ou da definição projetual dos acessos a essas edificações. Embora a menor visibilidade favoreça a percepção de homogeneidade e a satisfação dos moradores de renda mais alta (por não haver contato com a habitação social), a falta de acessibilidade visual e física do espaço urbano entre os grupos, tende a favorecer a formação de guetos marginalizados e estereotipados, por onde ninguém passa senão os próprios moradores da habitação social. Assim como na questão da aparência das edificações, a acessibilidade visual pode gerar vazios urbanos, menor dinamicidade nos espaços abertos ou conflito social e segregação. A relevância destes resultados está em projetar espaços articulados com a malha urbana e em acordo com as circulações existentes (largura de ruas, dimensão dos quarteirões, conexões entre ruas), não restringindo o deslocamento nas imediações das habitações sociais.

A partir dos três aspectos previamente destacados é possível estabelecer uma relação comparativa entre as áreas analisadas nesse estudo, quanto ao potencial de interação entre os grupos socioeconômicos distintos. Para a Área 1, verifica-se que características da malha urbana (articulações e acessibilidade física) e equipamentos existentes tendem a favorecer a circulação e o uso dos espaços públicos. Apesar disso, decisões projetuais para a habitação social, em termos de implantação (menor acessibilidade visual do conjunto; não há limites definidos para espaço privado, semiprivado e público) e de caracterização formal (tipologia das edificações) afetam fortemente a imagem do grupo de baixa renda, inibindo e reduzindo o potencial de interação social entre moradores do bairro e do Jardim Planetário (especialmente em áreas próximas à da regularização). Na Área 2, a situação tende a ser mais restritiva: o projeto da habitação

social parece adequado em termos de configuração do conjunto (há definição dos espaços privados, semiprivados e públicos), todavia, outros fatores tendem a ser fortemente influentes para um baixo potencial de interação social entre os dois grupos socioeconômicos, são eles: diferenças formais entre edificações dos dois grupos socioeconômicos; aspectos como a localização isolada e pouco acessível, física e visualmente, do Condomínio dos Anjos em relação aos moradores do bairro; e, ainda, a ausência de equipamentos e atividades que favoreçam a circulação e o uso do espaço das ruas. Por fim, comparada às duas situações anteriores, a Área 3 parece apresentar o melhor potencial para a interação social entre os grupos distintos: primeiramente, há acessibilidade visual e física entre edificações da habitação social e do bairro, o que, associado à menor homogeneidade do bairro, devido à estética das edificações e ao projeto de habitação social integrado ao entorno (volumetria e recuos), e, também, em razão de definições claras dos espaços de uso privado, semi-privado e público, parece favorecer menor diferenciação entre os grupos socioeconomicamente distintos, em termos de imagem e de uso dos espaços públicos em frente às edificações; além disso, a malha urbana é integrada e articulada, apesar do tráfego intenso de veículos, a Área apresenta quantidade e diversidade de equipamentos – em especial de estabelecimentos básicos de comércio e serviços –, o que favorece a circulação e o uso das ruas, inclusive nas áreas lindeiras do Condomínio Princesa Isabel, aumentando, assim, o potencial de interação social entre moradores do bairro e da habitação social.

Enfim, ressalta-se que intervenções urbanas, interessadas em regularização de áreas de habitação social em bairros cujo perfil socioeconômico é elevado, devem estar preocupadas com a integração e articulação com o entorno, segundo: (1) aspectos formais dos projetos das edificações (estética, volumetria e recuos), que favoreçam a semelhança entre áreas novas e antigas; (2) aspectos relativos à configuração do conjunto (definição de espaços privados, semiprivados e públicos), que permitam o uso e o contato social desejado aos moradores da habitação social (mais intenso), sem favorecer a distinção (imagem social) dos demais moradores do entorno; (3) localização do conjunto em quarteirões articulados com o entorno, visual e fisicamente; e (4) busca de áreas miscigenadas (diversidade de equipamentos e usos), a fim de promover maior circulação e apropriação dos espaços públicos.

5.5 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

A abordagem da interação social é complexa e abrangente, necessitando da combinação de diversas dimensões (físico-espaciais, composicionais e mecanismos

interdependentes dessas). Como decorrência, um número grande de variáveis precisou ser avaliado para permitir maior compreensão do problema.

Muitos dados foram coletados para a análise deste estudo, todavia nem todas as relações entre eles foram investigadas, seja por falta de tempo ou pela inviabilidade de investigar novas formas de combinar técnicas de SIG e recursos estatísticos (as quais demonstraram-se úteis nessa pesquisa). Dessa forma, limitaram-se os resultados, embora outros relevantes ainda pudessem ter sido identificados. Dentre os dados coletados e não explorados, identificam-se, por exemplo, diferenças entre os grupos socioeconômicos quanto: a extensão da área de abrangência de uso e a extensão da área em termos de limites do bairro percebido pelos moradores (definida a partir de mapas mentais), percepção dos residentes quanto aos aspectos espaciais e de relacionamento social necessários para a satisfação com o bairro, entre outros.

Além disso, por causa da quantidade de dados necessários para a análise, os questionários se tornaram longos e, em alguns casos, especialmente quando moradores responderam estes individualmente, a identificação gráfica dos locais usados ou evitados ficou incompleta, desfavorecendo algumas dimensões da análise.

Ainda é destacado que, pela coleta e análise dos dados terem sido inteiramente desenvolvida pela pesquisadora desta dissertação, não foi viável em função do tempo trabalhar com outras áreas ou uma amostra maior de cada grupo analisado. Outras áreas para comparação e uma amostra mais abrangente ampliariam a validade e a precisão obtidas neste estudo.

Por tudo isso, fica evidente que mais estudos sobre a interação social entre grupos socioeconômicos distintos são necessários. Outros aspectos, que não os investigados aqui, podem contribuir e complementar essa compreensão. Além disso, considerando os benefícios da combinação de SIG e recursos estatísticos, parece interessante explorar novos modos de ampliar, com esses recursos, a discussão e a validade dos resultados quanto à abrangência (área física) de apropriação dos espaços urbanos.

5.6 RELEVÂNCIA DOS RESULTADOS E SUGESTÕES

Esta pesquisa corrobora vários estudos que indicam a percepção de heterogeneidade entre grupos como elemento incrementador de conflitos ou de não-uso dos espaços. Entretanto, destaca-se que diversos atributos espaciais tendem a minimizar os efeitos da heterogeneidade socioeconômica quando: permitem um padrão de comportamento mais similar entre os diferentes grupos, em função do favorecimento aos deslocamentos a pé e maior permanência nos espaços abertos, seja pela maior adequação

da estrutura do ambiente construído, ou pela existência de equipamentos adequados às necessidades dos moradores; favorecem a identificação de semelhanças na aparência das edificações e dos espaços privados e semiprivados entre grupos distintos, considerando estilo, manutenção e padrão de recuos.

Na estruturação da pesquisa, a utilização de múltiplos métodos de análise e coleta de dados tornou possível associar o número elevado de variáveis necessárias para a investigação da interação social. Destacam-se: (1) o processo de redução (a partir dos escores) das variáveis como procedimento importante para viabilizar a análise estatística não paramétrica neste estudo; (2) e a utilização de diversos mapas temáticos, possibilitados a partir do SIG, pela complementação e aprofundamento do estudo, especialmente para o entendimento do sistema de lugares e atividades dos diferentes grupos estudados e a associação dos locais atraentes, não atraentes, inadequados e inseguros identificados pelos moradores.

A metodologia permitiu a descrição e compreensão da realidade analisada, considerando o potencial de apropriação dos espaços urbanos e de interação social. A partir da combinação da análise físico-espacial com a satisfação e o uso dos espaços pelos moradores dos diferentes grupos, a metodologia se demonstrou adequada à problemática e, pela sistemática adotada, capaz de ser reaplicada para outras situações semelhantes de investigação.

Limitações do estudo foram destacadas anteriormente, além disso, generalizações desta pesquisa para outros lugares devem ser cautelosas, devido às especificidades sócio-culturais e ao tipo de intervenção urbana analisadas. Todavia, espera-se que os resultados da análise possam favorecer as decisões de projeto relacionadas, especialmente, à produção da habitação social em áreas urbanas consolidadas e, também, que a sistemática de análise possa ser replicada em novos estudos preocupados com a interação social entre grupos distintos em situações urbanas diversas das estudadas aqui, como por exemplo, em áreas de subúrbio ou quanto à convivência de grupos com diferenças étnicas, etc.

Por fim, considerando os efeitos dos atributos físico-espaciais na interação social entre grupos distintos residentes em áreas urbanas consolidadas, ocupadas por população de status socioeconômico médio e alto, nas quais há a (re)inserção de grupos de baixa renda através de programas de regularização fundiária, destaca-se que:

- a regularização da habitação social, embora satisfaça, de certa forma, o problema da inadequação ou carência habitacional, pode não resolver o problema de segregação ou intolerância entre os grupos, caso os projetos implantados sejam inadequados e incongruentes aos espaços de entorno.

- a aparência e a configuração das edificações são dois aspectos que favorecem a percepção de adequação das habitações sociais, sugerindo a necessidade de serem consideradas como diretrizes para o projeto, apesar das limitações de recursos financeiros que implicam padrões construtivos geralmente baixos.

A pesquisa realizada sustenta a importância dos atributos do ambiente construído para a compreensão do comportamento dos diferentes grupos que coabitam na cidade. Fica destacada aqui a relevância desses aspectos no sentido de minimizar os efeitos da heterogeneidade característica dos espaços urbanos, especialmente quando decorrente de transformações sociais e físicas favorecidas por políticas de reurbanização. Os resultados obtidos ampliam o entendimento da interação social entre grupos socioeconomicamente distintos residentes em áreas urbanas comuns, podendo, assim contribuir para novas pesquisas sobre o tema e para intervenções urbanas mais adequadas às necessidades humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário ilustrado de Arquitetura**. São Paulo: ProEditores, 1998, vol 1.

ALFONSIN, Betânia de Moraes. Urbanizador Social: emergência de um novo paradigma para a democratização do acesso à terra em Porto Alegre. In: Damásio, Cláudia (Org.). **Urbanizador Social: da informalidade à pareceria**. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2006.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. **Na TV - pressupostos de gênero, classe e raça que estruturam a programação**. Disponível em <<http://www.desafio.ufba.br/gt4-008.html#2>>. Acesso em 13 de julho de 2006.

AL-HOMOUD, Majd & TASSINARY, Louis G. Social interactions at the neighborhood-level as a function of external space enclosure. **Journal of Architecture and Planning Research**, 21 n. 1, 2004, pp. 10-23.

ALTMAN, Irwin & CHEMERS, Martin M. **Culture and environment**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

APPLEYARD, Donald & LINTELL, Mark. The Environmental Quality of City Streets: The Residents' Viewpoint. **Journal of American Institute of Planners**, v. 2, n. 38, p. 84-101, mar. 1972.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

BARROS, Marilisa Berti de Azevedo. **A utilização do conceito de classe social nos estudos dos perfis epidemiológicos: uma proposta**. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 269-273, ago. 1986.

BASSO, Jussara Maria. **Investigação de fatores que afetam o desempenho e a apropriação de espaços abertos públicos: o caso de Campo Grande – MS**. Porto Alegre, UFRGS, 2001. Dissertação (Mestrado Planejamento em Planejamento Urbano) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

BECHTEL, Robert B.; MARANS, Robert M., MICHELSON, William. (Orgs.). **Methods in environmental and behavioral research**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1987.

BENEVOLO, Leonardo. **A história da cidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

BENTLEY, Ian; ALCOCK, Alan; SMITH, Graham; MURRAIN, Paul; MCGLYNN, Sue. **Responsive Environments**. London: Architectural Press, 1985.

BILLIG, Miriam & CHURCHMAN, Arza. Building walls of brick and breaking walls of separation. **Environment and Behavior**, v. 35, n.2, p. 227-249, mar. 2003.

BONAIUTO, Marino; BONNES, Mirilia; CONTINISIO, Massimo. Neighborhood evaluation within a multiplace perspective on urban activities. **Environment and Behavior**, v. 36, n.1, p. 42-69, jan. 2004.

BONNES, Mirilia & SECCHIAROLI, Gianfranco. **Environmental Psychology. A psychosocial introduction**. London, Sage Publications, 1995. cap. 4 e 5.

CANTER, David. The Facets of Place. In: Moore, G. MARANS, R. (eds.). **Advances in environmental behavior and design. Toward the integration of Theory, Methods, Research, and Utilization**. New York: Plenum Press, 1997. v. 4. cap. 4, p. 109-146.

CARDOSO, Adauto L.; RIBEIRO, Luiz César Q. Os Municípios e as Políticas Habitacionais. In: ABIKO, Alex Kenya & ORNSTEIN, Sheila Walbe (eds). **Coletânea Habitare: Inserção Urbana e Avaliação Pós-Ocupação (APO) da Habitação de Interesse Social**. São Paulo: Coletânea Habitare/FINEP, 2002. v. 1, p. 15-33.

CARR, Stephen; FRANCIS, Mark; RIVLIN Leanne & STONE, Andrew. **Public Space**. Cambridge, Cambridge University Press, 1992.

CZARNOWSKI, Thomas. The Street as Communications Artifact. In: ANDERSON, Stanford. **On Streets**. Cambridge, The Mit Press, 1991.

CONDE, Luiz Paulo & MAGALHÃES, Sérgio. Favela-Bairro: uma outra história da cidade do Ri de Janeiro: Viver Cidades, 2004.

D'ÁVILA, Naida. **DEM HAB: com ou sem tijolos, a história das políticas habitacionais de Porto Alegre**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 2000.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

DEM HAB. Produção Habitacional: obras executadas, 1989 – 2003 (Tabela de dados). Porto Alegre: DEM HAB (Departamento Municipal de Habitação), 2003.

DIXON, John. Contact and Boundaries. Locating the social psychology of intergroup relations. **Theory & Psychology**, v. 11, n. 5, p. 587-608, 2001.

FERREIRA, J. Globalização e urbanização subdesenvolvida. **São Paulo em perspectiva**, v. 14, n. 4, p. 10-20, 2000.

JÁUREGUI, Jorge Mario. *Megacidades, exclusão e mundialização. Do ponto de vista da América Latina*. **Arquitextos**, n. 23, abril 2003. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq023/arq023_02.asp>. Acessa em 2 novembro de 2005.

FRICK, Dieter (Ed.). **The Quality of Urban Life: Social, Psychological, and Physical Conditions**. Walter de Gruyter: Berlin and New York, 1986.

GANS, Herbert J. Planning and Social Life: friendship and Neighbor Relations in Suburban Communities. In: Proshansky, Iltelson & RiVin. *Environmental Psychology: (...)*. 1976

GARLING, Tommy; GOLLEDGE, Reginald G. Environmental Perception and Cognition. In: ZUBE, Ervin; MOORE, Gary. **Advances in Environment, behavior and design**. Plenum Press: New York and London, 1989. v. 2, p. 203-236.

GEHL, Jan. **Life Between Buildings. Using Public Spaces**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1987.

GYMPEL, Jan (Souza, Virgínia Blanc de – Tradução). **História da Arquitetura: da Antiguidade aos Nossos Dias**. Colônia: Könemann, 2001.

GOFFMAN, Erving. **The presentation of Self in Every Day Life**. Doubleday, New York, 1959

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAGGERTY, Lee J. Differential Social Contact in Urban neighborhoods: Environmental vs. Social Demographics Explanations. **The Sociological Quarterly**. Summer 1982, n. 23 p. 359-372.

HEFT, Harry. The relevance of Gibson' Ecological Approach to Perception for Environment – Behavior Studies. In: Moore, G. MARANS, R. (eds.). **Advances in environmental behavior and design. Toward the integration of Theory, Methods, Research, and Utilization**. New York: Plenum Press, 1997. v. 4. cap. 3, p. 71-108.

HILLIER, B. & HANSON, J. **The Social Logic of Space**. Cambridge, Cambridge University Press, 1984.

HILLIER, Bill; BURDETT, Richard; PEONIS, John; & PENN, Alan. Creating Life: Or, Does Architecture Determine Anything? **Architecture and Behavior**, v. 3, n. 3, p. 233-250, 1987.

HILLIER, Bill. Against enclosure. In: Teymur, necdet; Markus, Thomas A.; & Wolley, Tom. **Rehumanizing housing**. London: worths, 1988, p. 63-88.

HILLIER, Bill; PENN, Allan; HANSON, Jullienne; GRAJEWSKI, T.; & XU, J. Natural movement: or, configuration and attraction in urban pedestrian movement. **Environment and Planning B: Planning and Design**, v. 20 p. 29-66, 1993.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores – 2004**. Rio de Janeiro: IBGE, 2005.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JORGE, Wanda. **Periferia e favelização avançam nas grandes cidades da América Latina**. Ciência e Cultura, abr/jun. 2005, vol. 57, n. 2, p. 912.

KAPLAN, Stephen; KAPLAN, Rachel. **Cognition and Environment: Functioning in an Uncertain World**. Ulrich's: Michigan, 1983. cap 1-4.

KHALIL, Husam & ZIMRING, Craig. **Does street layout predict social interaction?** EDRA 97. Conference, Montreal, Canada, 1997.

KEARNEY, Anne R. Residential Development Patterns and Neighborhood Satisfaction. Impacts of Density and Nearby Nature. **Environmental and Behavior**, v. 38, n. 1, p. 112-139, jan. 2006.

KIFER, Flávio; LUZ, Maturino. A arquitetura de Porto Alegre. **ELARQ**, n. 33, p. 38-49, fev 2000.

KIM, Joongsub & KAPLAN, Rachel. Physical and Psychological factors in sense of community. New urbanism Kentlands and Nearby Orchard Village. **Environment and Behavior**, v. 36, n.3, p. 42-69, mai. 2004.

LAGO, Luciana C. Os Instrumentos de Reforma Urbana e o Ideal de Cidadania: as contradições em curso. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v. 6, n. 2, p. 27-34, 2004.

LANG, J. **Creating Architectural Theory: The Role of the Behavioral Sciences in Environmental Design**. New York, Van Nostrand Reinhold Company, 1987.

LAY, Maria Cristina Dias. Site Layout, territorial organization and social behavior in the residential environment. In: J Teklenburg, J. vanAdel, J. Smeets, & A. Seidel (eds.), **Shifting Balances**. Eindhoven, the Netherlands; EIRASS, p. 187-201, 1998.

LAY, Maria Cristina Dias. **Responsive Site Design, User Environmental Perception and Behaviour**. Tese de Doutorado, School of Architecture, Oxford Brookes University, 1992.

LAY, Maria Cristina Dias and Reis, Antonio Tarcísio L. The impact of housing quality on the urban image. In: NEARY, S.J., SYMES, M.S. and BROWN, F.E. (ed.). **The Urban Experience - A People-Environment Perspective**. Proceedings 13th International Conference of the IAPS), Manchester (UK). 13-15 July 1994. Acessado em <http://iaps.scix.net/cgi-bin/works/Show?iaps_13_1994_008>

LAY, Maria Cristina Dias; REIS, Antônio Tarcísio. L. Análise Quantitativa na Área de Estudos Ambiente-Comportamento. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 21-36, 2005.

LEVITAS, Glória. Anthropology and Sociology of Streets. In: ANDERSON, Stanford. **On Streets**. Cambridge, The Mit Press, 1991.

LI, Fuzhong; FISHER, John K.; BROWNSON, Ross C; BOSWORTH, Mark. Multilevel modeling of built environment characteristics related to neighbourhood walking activity in older adults. **Journal of Epidemiology Community Health**, n. 59, p. 558-564, 2005.

LYNCH, Kevin. **Site Planning**. Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology, 1973. Cap. 1-4.

LYNCH, Lynch. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LISKA, Allen E.; SANCHIRICO, Andrew; REED, Mark. Fear of Crime and Constrained Behavior Specifying and Estimating a Reciprocal Effects Model. **Social Forces**, n. 66, v. 1, p. 827-837, 1988.

MARICATO, Ermínia. O urbanismo na periferia do mundo globalizado. **São Paulo em perspectiva**, v. 14, n. 4, p. 21-33, 2000.

MARQUES, Sérgio Moacir. A Porto Alegre recente. **ELARQ**, n. 33, p. 35-37, fev 2000.

MENEGAT, Rualdo; PORTO, Maria Luiza; CARRANO, Clovis Carlos & FERNANDES, Luís A. Dávila. **Atlas Ambiental de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

MICHELSON, Willian. Groups, Aggregates and the Environment. In: ZUBE, Ervin; MOORE, Gary. **Advances in Environment, behavior and design**. Plenum Press: New York and London, 1987. v. 1, p. 161-185.

Media Brasil – 2000 - Disponível em <http://www.cmbr.com.br/graficos/brasil-02.html>. Acesso em 13 de julho de 2006.

MORAES, Aldovan de Oliveira. **Mapa da irregularidade fundiária de Porto Alegre**. Porto Alegre: Demhab, 2000.

MOSER, Gabriel, Ratiu, Eugénia, FLEURY-BAHI, Ghazlane. **Appropriation and interpersonal relationships. From Dwelling to City through the neighborhood**. In: Environment and Behavior, v. 34, n. 1, p. 122-136, jan. 2002.

MOUDON, Anne Vernez; LEE, Chanam; Cheadle, Allen D.; Garvin, Cheza; Johanson, Donna; Schimdt, Thomas L.; Wheathers, Robert D. & LIN, Lin. Operational Definitions of Walkable Neighborhood: Theoretical and Empirical Insights. **Journal of Physical Activity and Health**, v. 3, n. 1, S99-S117, 2006.

NASAR, Jack L. Urban Design Aesthetics. In Moore, G. & Marans, R. (eds.). **Advance in Environmental, Behavior, and Design. Volume 4**. New York: Plenum Press, 1997. P. 149-193.

NEWMAN, Oscar. **Creating Defensible Space**. U.S. Department of Housing and Urban Development Office of Policy Development and Research, 1996.

OBSERVA POA. **Observatório da Cidade de Porto Alegre**. Disponível em: <<http://www.observapoa.palegre.com.br/>>. Acesso em 26 maio de 2006.

PDDUA, 2000 – **PORTO ALGRE. PDDUA. Lei comentada**. Porto Alegre, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2000.

PERKINS, D.D.; MEEKS, J.W.; & TAYLOR, R.B. The physical environment of street blocks and resident perceptions of crime and disorder: Implications for theory and measurement. **Journal of Environmental Psychology**, v. 12, p. 21-34, 1992.

PERKINS, D.D.; FLORIN, P.; RICH, R.C.; WANDERSMAN, A. & CHAVIS, D.M. Participation and the social and physical environment of residential blocks: Crime and community context. **American Journal of Community Psychology**, v. 17, p. 83-115, 1990.

PERKINS, D.D.; TAYLOR, R.B. Ecological assessments of community disorder: their relationship to fear of crime and theoretical implications. **American Journal of Community Psychology**, v. 24, n. 1, p. 63-45, fev 1996.

PMPA. **Condomínio Princesa Isabel em Fase de Andamento**. Disponível em <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cs/default.php?reg=61257&p_secao=3&di=2006-01-31>. Acesso em 31 janeiro de 2006.

RAPOPORT, Amos. **Cultura Arquitectura e Diseño**. Edicions UPC: Barcelona, 2003.

RAPOPORT, Amos. The Use and Design of Open Spaces in Urban Neighborhoods. In: FRICK, Dieter (Ed.). **The Quality of Urban Life: Social, Psychological, and Physical Conditions**. Walter de Gruyter: Berlin and New York, p. 159-175, 1986.

RAPOPORT, Amos. Designing for Diversity. In: JUDD, B.; DEAN, J. BROWN, D. (Eds.). **Housing Issues n. 1: Design for Diversification**. Raia Camberra, ACT, 1985.

RAPOPORT, Amos. **Aspectos humanos de la forma urbana. Hacia una confrontación de las ciencias sociales con el diseño de la forma urbana**. Barcelona, Editora Gustavo Gili, 1978. cap. 1 e 5.

REIS, Antonio Tarcísio da Luz. Relação entre níveis de manutenção, limpeza, personalização, aparência, satisfação e principais alterações realizadas nas habitações. In: **Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído** (7. : 1998 : Florianópolis, SC). Qualidade no processo construtivo: anais. Florianópolis: Npc/ecv/Ctc/UFSC, 1998. v. 1, p. 597-604.

REIS, Antônio Tarcísio L.; LAY, Maria Cristina Dias. **As técnicas de APO como instrumento de análise ergonômica do ambiente construído**. 1. ed. PORTO ALEGRE: ANTAC, 1995. v. 1. 31 p.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa & SCALON, Maria Celi. Class mobility in Brazil from a comparative perspective. **Dados**, v.44, n.1, p.0-0, 2001.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. Segregação residencial e Segmentação Social: o “efeito de vizinhança” na reprodução da pobreza nas Metrôpoles Brasileiras. In: XI Encontro Nacional da ANPUR, 2005, Salvador. **XI Encontro Nacional da ANPUR**. Belo Horizonte : ANPUR, 2005.

RIBEIRO, Luiz César Q.; LAGO, Luciana C..O Espaço Social das Grandes Metrôpoles Brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v. 2, n. 3, p. 111-129, 2000.

ROSSI, Aldo. **Arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROFÉ, Yodan. Space and community. The spatial foundations of urban neighborhoods. **Berkeley Planning Journal**, n. 10, p. 107-125, 1995.

SANOFF, Henry. **Visual Research Methods in Design**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1991. cap. 1-2.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **A cidade como um jogo de cartas**. Projeto: São Paulo, 1988, p. 15-46.

SARKIS, Hashim. From the Introduction. **CASE: Le Corbusier's Venice Hospital**. Harvard Graduate School of Design and Prestel, fev 2002. Disponível em: http://www.gsd.harvard.edu/research/publications/case/book_venice_excerpt.htm

SIEGEL, Sidney, CASTELLAN, N. John Jr. **Estatística não-paramétrica para as ciências do comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SILVA, G. B. Critérios de estratificação social. **Rev. Saúde Pública**, 1981, n. 15, p. 38-45.

SCALON, Maria Celi. **Mapeando Estratos: Critérios para Escolha de uma Classificação**. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p.337-375, 1998.

SCHMIDT, Carlos; LAY, Maria Cristina Dias; OLIVEIRA, Carina E. H.; HORTA, Eduardo de Oliveira. A Habitação social em Porto Alegre. **RdE – Revista de Desenvolvimento Econômico**, n. 15, jan. 2007.

SKJAEVELAND, Oddvar & GARLING, Tommy. Effects of interactional space on neighbouring. **Journal of Environmental Psychology**, n. 17, p. 181-198, 1997.

SKJAEVELAND, Oscar; GARLING Tommy and MAELAND, John. A multidimensional measure of neighboring. **American Journal of Community Psychology**. v. 24, n. 3, p. 413-436, 1996.

SODEUR, Wolfgang. Social Networks in Urban Neighbourhoods. In: Dieter (Ed.). **The Quality of Urban Life: Social, Psychological, and Physical Conditions**. Walter de Gruyter: Berlin and New York, cap. 5, p. 61-72, 1986.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2004.

SMOLKA, Martim; DAMÁSIO, Cláudia. Urbanizador Social: uma experiência de política fundiária em Porto Alegre. In: Damásio, Cláudia (Org.). **Urbanizador Social: da informalidade a parceria**. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2006.

SPM - SCERETARIA DE PLANEJAMENTO MUNICIPAL. Disponível em <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?reg=7&p_secao=43>. Acesso em 17 julho 2006.

STATISTIC SOLUTION. **Correspondence analysis**. Disponível em: <<http://www.statisticssolutions.com/correspondence-analysis.htm>>. Acessado em 2007.

STOKOLS, Daniel. The paradox of environmental psychology. **American Psychologist**, v. 10, n. 50, p. 821-837, out. 1995.

STRÖHER, Eneida Ripoll. A habitação coletiva na obra do arquiteto Emil Bered, na década de 50 em Porto Alegre. In: Weimer, Güinter. **Arquitetura: história, teoria e cultura**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

SULLIVAN, Willian C.; KUO, Frances E & DEPOOTER, Sthepen E.. The Fruit of Urban Nature. Vital Neighborhood Spaces. **Environmental and Behavior**, v. 36, n. 5, p. 678-700, set. 2004.

TALEN, Emily. Sense of Community and neighbourhood Form: An Assessment of the Social Doctrine of New Urbanism. **Urban Studies**, v. 36, n. 8, p. 1361-1379, 1999.

TALEN, Emily. Measuring the Public Realm: A Preliminary Assessment if the Link Between Public Space and Sense of Community. **Journal of Architectural and Planning Research**, vol. 17, n. 2, p. 344-359, 2000.

TAYLOR, Andrea F.; WILEY, Angela; KUO, Frances E. & SULLIVAN, William C. Growing up in the inner city: green spaces as places to grow. **Environmental and Behavior**, v. 33, p. 3-27, 1998.

TAYLOR, Ralph B. **Human territorial functioning: An empirical, evolutionary perspective on individual and small group territorial cognitions, behaviors, and consequences**. New York, Cambridge University, cap. 5, 8, 1988.

TAYLOR, Ralph .B. Neighborhood Responses o disorder and local attachments: The Sistic Model of Attachment, Social Disorganization, and Neighborhood Use Value. **Sociological Forum**, v. 11, n. 1, p. 41-74, 1996.

TSIOMIS, Yannis. Projeto urbano, embelezamento e reconquista da cidade. In: Machado, Denise Barcello Pinheiro; Vasconcellos, Eduardo Mendes (org.). **Cidade e imaginação**. Rio de Janeiro: PROURB/UFRJ, 1996, p.24-29.

TURNER, Alasdair. **Dephtmap 4 – A Researcher's Handbook**. Bartlett School of Graduate Studies, UCL, London, 2004.

Disponível em <<http://www.vr.ucl.ac.uk/dephtma/dephtma4.pdf>>

TURNER, Alasdair. Analyzing the visual dynamics of spatial morphology. **Environment and Planning B: Planning and Design**, v. 5, n. 30, p. 657-676, 2003.

TWIGGER-ROSS, Clare L. & UZZEL, David L. Place and Identity Process. **Journal of Environmental Psychology**, n. 16, p. 205-220, 1996.

UZZEL, David L., POL, Enric, BADENAS, David. Place identification, social cohesion, and environment sustainability. **Environment and Behavior**, v 34,n. 1, p. 26-53, jan 2002.

WEIMER, Güinter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WERNER, C.; BROWN, B.; ALTMAN, I. Transactionally Oriented Research: Examples and Strategies. In: Bechtel, Robert B.; Churchman, Arza (eds.). **Handbook of Environmental Psychology**. London: Wiley, 2002.

ANEXO A

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

Tabela utilizada para realização do levantamento físico

	entorno	Quadra:	Nº do lote:	Nº da foto:	RELAÇÃO DO ESPAÇO PRIVADO COM O ESPAÇO PÚBLICO				
	projeto				Localização do lote na quadra	Lote em meio de quadra			
Rua:						Esquina			
						Ponta em rua s/ saída			
					Relação com o lote e o espaço público	S/ recuo			
						Recuo frontal			
						Recuo lateral esquerdo			
						Recuo lateral direito			
CARACTERIZAÇÃO DA EDIFICAÇÃO DE EQUIPAMENTO PÚBLICO					Passoio público	Junto ao meio fio	Ocorrências	Vegetação	
Edificação Residencial	Unifamiliar							Árvores	
	Multifamiliar				Peq Edificação				
Unifamiliar – base com comércio ou serviço					Mobiliário				
Multifamiliar – base com comércio ou serviço					Iluminação				
Equipamento	Educativo	Educação infantil			Faixa de circulação	Material	S/ calçamento		
		Escola 1º Grau					Basalto/grês/ pedra		
		Escola 2º Grau					Ladrilho hidráulico		
		Escola Técnica					Cerâmica		
		Faculdade					Cimento		
	Atividade Comunitária	Igreja/Sinagoga			Manutenção	Boa			
		Biblioteca				Regular			
		Centro bairro/centro comunitário				Ruim			
		Outros				Precária			
	Saúde	Ambulatório			Largura da faixa de circular	Elementos decorativos			
		Posto de Saúde				Sinais de vandalismo			
		Hospital Geral				< 1,5m			
		Hospital Especializado				1,5m < x < 3m			
	Segurança	Outro			< 3m				
		Posto de polícia/delegacia							
Comércio e Serviços	Comércio de abastecimento básico e serviços básicos			Junto a divisa	Ocorrências	Vegetação			
	Comércio eventual e serviços gerais (prestadoras de serviço)					Árvores			
	Comércio raro (especializado / grande porte)					Peq Edificação			
Altura	1 pavimento			Manutenção	Mobiliário				
	2 pavimentos				Iluminação				
	3 pavimentos				Boa				
	4 pavimentos				Regular				
	5 ou + pavimentos				Ruim				
Estilo	Popular (?)			Caracterização da divisa (interface entre público e privado)	Precária				
	Historicista/ eclética (subdividir)				Elementos decorativos				
	Art Deco/Protomoderna				Sinais de vandalismo				
Material	Modernista ou contemporâneo			Caracterização do recuo de jardim	Ocorrências	Vegetação			
	Industrial					Árvores			
	Madeira					Peq Edificação			
	Alvenaria					Mobiliário			
	Concreto aparente					Iluminação			
Padrão das aberturas	Concreto			Atividades e usos	Jardim				
	Madeira				Área de lazer infantil				
	PVC ou similar				Área esportiva				
	Metálica				Área para estar ou descanso				
Cobertura	Material	Metálica		Manutenção	Estacionamento				
		Concreto			Boa				
		Asfáltico			Regular				
	Tipo Inclinação	Cerâmica				Ruim			
		plana				Precária			
Manutenção (da superfície externa da edificação)	Tempo edificação	30° – 45°		Elementos decorativos (vasos, enfeites)	Sinais de vandalismo				
		> 45°							
		Década de 1950 ou anterior							
	Década de 1960 ou 1970								
	Década de 1980								
Estado de conservação	Tempo edificação	Década de 1990 ou posterior							
		Boa							
		Regular							
		Ruim							

ANEXO B

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

Tabela 3.3: Síntese das principais características de cada área, quando comparados os dois grupos sociais:

Caracterização da variável		Áreas pré selecionadas - Relação do Área com as edificações da habitação social existente									
		Área 1 - Jardim Planetário		Área 2 - Cond. Dona Eugênia		Área 3 - Cond. Lupicino Rodrigues		Área 4 - Cond. Do Anjos		Área 5 - Cond. Princesa Isabel	
Tamanhos (n° de unidades residenciais) da habitação social	Grupo social	93 unidades		15 unidades		60 unidades		72 unidades (12 blocos de apartamento)		240 unidades (30 blocos - 5 edifícios)	
		Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro
Dimensão lotes	Largura e pavimentação das calçadas	44 m²	150 a 1000 m²	1300 m²	500 a 1000 m²	3400 m²	200 a 8000 m²	2600 m²	500 m²	6690 m²	107 a 1500 m²
		2 m grês	> 3 m basalto	3 m grês	> 3 m basalto	4 m basalto	> 3 m basalto	> 3,5 m basalto	> 3 m basalto	> 3,5 m basalto	> 3 m basalto
Tipos edificadidos	Mortologia	Casas térreas ou sobradadas	Edificação multifam. (2 a 4 pavim.)	Sobradados	Casas térreas e edificação multifam. (5 a 8 pavim.)	Sobradados	Casas térreas e multifam. (1 ou 2 pavim.)	Edificação multifam. (3 pavim.)	Casas térreas	Multifam. (4 pavim)	Casas térreas e multifam. (1 ou 2 pavim.)
		Médio	Médio	Médio	Médio	Local	Intenso e médio	Intenso	Médio	Intenso	Intenso e médio
Fluxo veículos	Legibilidade	Médio	Médio	Médio	Médio	Local	Intenso e médio	Intenso	Médio	Intenso	Intenso e médio
		Recuo frontal	Recuo frontal e sem recuo	Recuo frontal	Recuo frontal	Recuo frontal e ocupações no fundo do lote	Recuo frontal e sem recuo	Recuo frontal e ocupações no fundo do lote	Recuo frontal	Recuo frontal	Recuo frontal e sem recuo
Uso do espaço semiprivado	Fechamento dos lotes	Área de serviço ou de estar	Jardim ou estacionar veículo	Lazer e estacionar veículo	Jardim	Área de serviço ou de estar	Jardim	Lazer e estacionar veículo	Jardim	Jardim	Jardim
		Gradens ou muro baixo	Gradens e "porta e janela"	Gradens	Gradens e talude	Gradens	Gradens e "porta e janela"	Gradens	Gradens	Gradens	Gradens e "porta e janela"
Visibilidade das edificações	Acessibilidade visual entre habitação social e moradores do bairro	variada	alta	média	alta	variada	alta	variada	alta	variada	alta
		Baixa	Média	Média	Baixa/média	Média	Alta				
Equipamentos e espaços abertos públicos próximos	Equipamentos e espaços abertos públicos próximos	Mais de 15 equipamentos (19)	Menos de 15 equipamentos (9)	Mais de 15 equipamentos (25)	Menos de 15 equipamentos (12)	Mais de 15 equipamentos (19)	Menos de 15 equipamentos (12)	Mais de 15 equipamentos (25)	Menos de 15 equipamentos (12)	Mais de 15 equipamentos (19)	Menos de 15 equipamentos (19)

ANEXO C1

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

SÍNTESE LEVANTAMENTO FÍSICO: ÁREA 1 – CONDOMÍNIO JARDIM PLANETÁRIO
(ÁREA 1 DE ANÁLISE – ÁREA 1 DA PRÉ-SELEÇÃO) (amostra de 491 lotes)

		VARIÁVEIS	CARACTERÍSTICAS DO CONTEXTO CONSOLIDADO	CARACTERÍSTICAS DO PROJETO DE HABITAÇÃO SOCIAL			
Fatores contextuais	Entorno e definição do lugar	Estrutura fundiária	Tamanho da Quadra	Dimensões e formatos variados. Áreas variam de 0,8 ha a 5 ha. E formatos tendem a ser retangulares.	Área da quadra onde se insere o projeto: 1,36 ha.		
			Tamanho dos Lotes	Lotes de dimensões variadas: de 150 m ² a 1.000 m ² , predominando lotes médios e pequenos.	Área total: 5.800 m ² (habitação unifamiliares, dimensão dos lotes bastante reduzidas)		
			Quantidade de habitações (considerando n° de lotes residenciais, não o de domicílios)	74,5% (289 de 387)	93 unidades habitacionais		
		Calçadas e Vegetação	Largura das calçadas (medidos lote a lote)	79,6% (309 de 387) c/ mais de 3m		Largura na parte externa é maior que 3 m, internamente é menor.	
				Caracterização do meio-fio e da extensão da calçada	vegetação – árvores – iluminação – pequenas edificações – mobiliário	29,4% (114 de 388): nenhuma ocorrência; 46,4% c/ árvores, 42,8% tem vegetação, 26,6% tem iluminação pública e 16% tem mobiliários	Estão presentes: arborização e vegetação, iluminação e telefone público.
					Pavimentação	60,1 % (233 de 388): basalto	Grês
			Manutenção		62,4 % (242): estado regular	Áreas regular e áreas ruins	
		Personalização	Insignificante	Não há			
		Caracterização da calçada junto à divisa do lote	vegetação – árvores – iluminação – pequenas edificações – mobiliário	94,9 % (335 de 353): nenhuma ocorrência	Está em construção o jardim junto a divisa		
		Circulação de veículos no ambiente residencial			Área c/ vias de fluxo médio e intenso: Av. Santana, Av. Jerônimo de Ornelas e Av. Ramiro Barcelos. Um eixo arterial: Av Ipiranga.	O conjunto fica localizado junto a Av. Santana, margeando a Av. Ipiranga (há uma praça que separa o projeto e a avenida).	
	Aparência Visual	Tipo	Residencial	15,2% (59 de 387) unifamiliar 9,8%(38) unifam. c/ comércio 41% (159) multifamiliar 8,5% (33) multi. c/ comércio	Habitação unifamiliar (casa térrea e sobrado). Presença de equipamento comunitário (praça e creche) e de comércio e serviços no projeto.		
			Equipamentos	23,5% (91 de 388) são algum equipamento. 19,1% (125 de 388) são comércio ou serviço.			
		Altura das edificações		29,9% (115): 1 pav.; 21,9%: 2 pav.; 11,7%:3pav; 21,6%: 4 pav.		1 e 2 pavimentos	
		Estilo		37,6% (144): moderno/ contemporânea 20,4% (78): popular 19,6% (75): Art Deco/Protomoderno		Edificação popular	
		Tempo da Edificação (estimado)		47,3% (181) anterior a 1950		Construção 1995	
		Material de acabamento	Edificação	80,6% alvenaria (c/ uso combinado de outros materiais) 25,1% utiliza cerâmica (c/ uso combinado de outros materiais)		Material principal: alvenaria	
			Aberturas	32,5 % (124): madeira; 20,6% PVC		Esquadrias em ferro e vidro	
		Manutenção (estado de conservação)		61,5% (236) regular; 21,4% (82) ruim		Regular e Ruim	
		Vandalismo		7,3% (28) c/ sinais de vandalismo		Há sinais de vandalismo	
		Personalização		11,7% (45) c/ elementos decorativos		Não há	
Legibilidade e comportamento territorial	Clareza e definição hierárquica do lugar	Relação da edificação c/ o lote (recuos)		38,2% (148) recuo frontal; 22% s/ recuo; 14,7% recuo frontal e lateral.	Recuo frontal		
		Caracterização da divisa (barreiras físicas e simbólicas)		21,4% (83)c/ porta e janela 34,5% (134) c/ grades 11,3%(43) muro alto (>150cm)	Acesso privado se dá por jardim permeável, muro baixo ou grade.		
	Marcação e personalização o dos espaços	Elementos presentes (vegetação – árvores – iluminação – pequenas edificações – mobiliário)		Em 25,4% dos casos não há recuo e em outros 22,8% não há nenhum elemento. Assim, vegetação rasteira (49,7%) e árvores (26,8%) são os mais frequentes.		Em poucas unidades há vegetação ou árvore.	
		Usos (jardim, estar, lazer, esporte, estacionamento, área serviço, acesso apenas)		28,4% (110) há apenas jardim, 16,8% apenas estacionamento.		Usos principais: estar/descanso e área de serviço.	
		Manutenção do espaço semiprivado		40% (154) regular; 17,4 (67) Boa		Regular e Ruim	
		Vandalismo		Insignificante			
	Personalização		13,2% (51) c/ motivo decorativo		Há alguns casos		
Controle territorial e segurança	Visibilidade (dos acessos e edificações)		80,2% (311) alta; 11,9% (41) média; 7,5% (21) baixa.		Alta visibilidade p/ edificações externas do conjunto.		
Ambiente gerenciável	Equipamentos	Lotes desocupados		2,6% dos lotes são baldios (3) ou estão abandonados/desocupados (7)			
		Função do Equipamento	Lazer	4 praças, 1 equipamento cultural			
			Educação	3,9 % (11) equipamentos de ensino			
			Comunitários	3 equipamentos comunitários			
			Saúde	Nenhum equipamento de saúde			
			Segurança	Nenhum equipamento de segurança			
Comércio e Serviços	Dos 74 casos de comércio e serviço, 46 são de serviços gerais e comércio eventual; 10 de estacionamento e 9 de abastecimento básico.						

ANEXO C2

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

**SÍNTESE LEVANTAMENTO FÍSICO: ÁREA 2 – CONDOMÍNIO RESIDENCIAL DOS ANJOS
(ÁREA 2 DE ANÁLISE - ÁREA 4 DA PRÉ-SELEÇÃO) (amostra de 321 lotes)**

		VARIÁVEIS	CARACTERÍSTICAS DO CONTEXTO CONSOLIDADO	CARACTERÍSTICAS DO PROJETO DE HABITAÇÃO SOCIAL		
Fatores contextuais	Entorno e definição do lugar	Estrutura fundiária	Tamanho da Quadra	Dimensões e formatos variados. Áreas variam de 1,0 ha a 2,5 ha. Formatos tendem a ser retangulares.	Área da quadra onde se insere o projeto: 2,5 ha. Trapezoidal.	
			Tamanho dos Lotes	Tamanhos médios predominam (em torno de 500 m ²). Mas há uma variação de 250 m ² a 5.000 m ²	Área total: 2.600 m ²	
			Quantidade de habitações (considerando n° de lotes residenciais, não o de domicílios)	79,9% (254 de 318)	12 blocos de apartamento	
		Calçadas e Vegetação	Largura das calçadas (medidos lote a lote)		87,4% (278 de 318) c/ mais de 3m	3,5 m
			Caracterização do meio-fio e da extensão da calçada	vegetação – árvores – iluminação – pequenas edificações – mobiliário	21,4% (68 de 318): nenhuma ocorrência; 66,1% c/ vegetação, 58,6% c/ árvores, 32,1% tem iluminação pública e 19,5% tem mobiliários.	Presença de mobiliário e iluminação.
				Pavimentação	70,4% (224 de 318): basalto	Basalto
				Manutenção	46,9 % (285): regular; 24,5 % (78): ruim	Regular
			Personalização	Insuficiente	Não há	
		Caracterização da calçada junto à divisa do lote	vegetação – árvores – iluminação – pequenas edificações – mobiliário	89,3% (284 de 318) nenhuma ocorrência. 9,4% c/ vegetação.	Não há.	
		Circulação de veículos no ambiente residencial			Área c/ vias de fluxo médio e local e um eixo arterial: Av. Ipiranga.	O conjunto localiza-se no eixo arterial (av. Ipiranga).
	Aparência Visual	Tipo	Residencial	42,8% (136 de 318) unifamiliar 4,4%(14) unifam. c/ comércio 30,2% (96) multifamiliar 2,5% (8) multi. c/ comércio	Habitação multifamiliar c/ base comercial em um dos blocos (12 blocos de apartamento – 82 unidades habitacionais).	
			Equipamentos	16,7% (53 de 318) são algum equipamento. 13,8% (44 de 318) são comércio ou serviço.		
		Altura das edificações		55,3% (176): 1 pav.; 21,1% (67): 2 pav.; 7,9%: 3pav; 6,6%: 4 pav.; 5%: 5 a 8 pav.	3 pavimentos	
		Estilo		51% (162): moderno/contemporânea 16,1% (51): historicista/ecletico 24,6% (78): Popular	Edificação popular	
		Tempo da Edificação (estimado)		50,5% (160) décadas de 1960 e 1970	Construção 2001	
		Material de acabamento	Edificação	79,1% alvenaria; 12% cerâmica;	Alvenaria e cerâmica	
			Aberturas	32,8 % (104): madeira; 22,1% Metal	Esquadrias de ferro	
		Manutenção (estado de conservação)		57,7% (183) regular; 20,2% (64) boa	Regular	
		Vandalismo		2,5% (8) c/ sinais de vandalismo	Não há sinais de vandalismo	
		Personalização		1,9% (6) c/ elementos decorativos	Não há	
	Legibilidade e comportamento territorial	Clareza e definição hierárquica do lugar	Relação da edificação c/ o lote (recuos)		Recuo frontal + 1 lateral (considerando bloco em contato com a rua).	
			Caracterização da divisa (barreiras físicas e simbólicas)		Acesso Permeável (Jardim Permeável)	
		Marcação e personalização dos espaços	Elementos presentes (vegetação – árvores – iluminação – pequenas edificações – mobiliário)		Presença de vegetação rasteira.	
Usos (jardim, estar, lazer, esporte, estacionamento, área serviço, acesso apenas)			Usos principais: jardim, estar, estacionamento.			
Manutenção do espaço semiprivado			Regular			
Vandalismo			Insuficiente			
Personalização		24,8% (79) c/ motivo decorativo.	Não está presente.			
Controle territorial e segurança		Visibilidade (dos acessos e edificações)		Alta visibilidade (apesar de blocos estarem no interior do lote).		
	Lotes desocupados		0,6 % dos lotes estão abandonados/desocupados (2)			
Ambiente gerenciável	Equipamentos	Função do Equipamento	Lazer	1 equipamento cultural (escola de samba), 1 praça.		
			Educação	1,5% (5) equipamentos de ensino		
			Comunitários	1,2% (4) equipamento comunitário		
			Saúde	1 equipamento de saúde		
			Segurança	Nenhum equipamento de segurança		
		Comércio e Serviços	Dos 44 casos de comércio e serviço, 2 são abastecimento básico; 39 serviços gerais e comércio eventual; 1 comércio especializado; 1 serviços municipais; e 1 estacionamento.			

ANEXO C3

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

**SÍNTESE LEVANTAMENTO FÍSICO: ÁREA 3 – CONDOMÍNIO RESIDENCIAL PRINCESA ISABEL
(ÁREA 3 DE ANÁLISE – ÁREA 5 DA PRÉ-SELEÇÃO) (amostra de 340 lotes)**

		VARIÁVEIS	CARACTERÍSTICAS DO CONTEXTO CONSOLIDADO	CARACTERÍSTICAS DO PROJETO DE HABITAÇÃO SOCIAL		
Fatores contextuais	Entorno e definição do lugar	Estrutura fundiária	Tamanho da Quadra	Dimensões e formatos variados. Áreas variam de 1,5 ha a 5 ha. E formatos tendem a ser retangulares.	Área da quadra onde se insere o projeto: 1,2 há. Formato irregular em leque.	
			Tamanho dos Lotes	Lotes de dimensões bastante variadas: de 107 m ² a 15.000 m ² (diversidade de usos)	Área do lote: 6.690 m ² (com 5 blocos residenciais)	
			Quantidade de habitações (considerando n° de lotes residenciais, não o de domicílios)	56 % (198 de 353)	2 edifícios c/ 55 unidades (estão em construção outros 3 blocos residenciais)	
	Calçadas e Vegetação	Caracterização do meio-fio e da extensão da calçada	Largura das calçadas (medidos lote a lote)	57,5% (203 de 353) c/ mais de 3m	Largura aproximada: 3,5 m	
			vegetação – árvores – iluminação – pequenas edificações – mobiliário		37,4% (132 de 353): nenhuma ocorrência; 33% tem iluminação pública e 31% contem árvores; 22% tem vegetação e 20 % tem mobiliários (ponto de ônibus, hidrante, lixeira etc)	Estão presentes: arborização e vegetação, iluminação, ponto de ônibus e telefone público.
				Pavimentação	69,4 % (245 de 353): basalto	Basalto
				Manutenção	59,2 % (209): estado regular	Boa manutenção
			Personalização	Insignificante	Não há	
	Caracterização da calçada junto à divisa do lote	vegetação – árvores – iluminação – pequenas edificações – mobiliário	94,9 % (335 de 353): nenhuma ocorrência	Está em construção o jardim junto a divisa		
	Circulação de veículos no ambiente residencial			Área c/ vias de fluxo intenso: Av. João Pessoa, Av. Princesa Isabel, Av. da Azenha.	O conjunto fica localizado na esquina da Av. Princesa Isabel com a Av. João Pessoa.	
	Aparência Visual	Tipo	Residencial	21,2% (75 de 353) unifamiliar 6,2%(22) unifam. c/ comércio 16,4% (58) multifamiliar 12,2% (43) multi. c/ comércio	Habitação multifamiliar c/ base de comércio e serviços.	
			Equipamentos	40,8% (144 de 353) são algum equipamento. 27,6% (125 de 353) são de comércio e serviços.		
		Altura das edificações			42,5% (150): 1 pav.; 27,2%: 2 pav.; 12,5%: 4 pav.	4 pavimentos
			Estilo		30,3% (107): popular 26,1% (92): moderno/contemporâneo	Edificação popular
			Tempo da Edificação (estimado)		41,6% (147) anterior a 1950	Construção 2004/2005
			Material	Edificação	60,6% (214): acabamento alvenaria	Material principal: alvenaria
				Aberturas	33% (118): madeira; 23,8% metal	Esquadrias em alumínio
			Manutenção (estado de conservação)		42,8% (151) regular; 32,6% (115) ruim	Boa conservação (nova)
			Vandalismo		15,9% (56) c/ sinais de vandalismo	Não há sinais de vandalismo
			Personalização		7% (25) c/ elementos decorativos	Não há
	Clareza e definição hierárquica do lugar	Relação da edificação c/ o lote (recuos)		31,7% (112) recuo frontal 30,3% (107) s/ recuo	Recuo frontal	
			Caracterização da divisa (barreiras físicas e simbólicas)	29,5% (104) c/ porta e janela 23,8% (84) c/ grades 12, 2%(43) jardim permeável	A transição par o acesso privado se dá por jardim permeável (comércio) e grade (habitação).	
		Elementos presentes (vegetação – árvores – iluminação – pequenas edificações – mobiliário)			Em 32,6% dos casos não há recuo e em outros 25,8% não há nenhum elemento. Assim, vegetação rasteira (14,7%) e árvores (13,3) são os mais freqüentes.	Vegetação rasteira presente nos espaços de transição para o ambiente privado.
Usos (jardim, estar, lazer, esporte, estacionamento, área serviço, acesso apenas)				25,2% (89) há apenas jardim, 16,1% apenas estacionamento,	Espaço de jardim	
Manutenção do espaço semiprivado				35,1% (124) regular; 17,8 (63) ruim	Jardim em obra	
Vandalismo				Insignificante		
Personalização		7% (25) apresenta motivo decorativo ou elementos similares	Não parece haver sinais.			
Controle territorial e segurança	Visibilidade (dos acessos e edificações)		81,6% (288) alta visibilidade 11,6% (41) média visibilidade 5,9% (21) baixa visibilidade	Alta visibilidade do conjunto		
Ambiente gerenciável	Equipamentos	Função do Equipamento	Lotes desocupados	1,7% dos lotes são baldios (4) ou estão abandonados/desocupados (2)		
			Lazer	2 praças		
			Educação	5 equipamentos de ensino		
			Comunitários	10 equipamentos comunitários: 4 igrejas e outras associações (6)		
			Saúde	2 hospitais e 2 centros assistenciais e de pesquisa		
			Segurança	9 lotes relacionados		
Comércio e Serviços	Dos 125 casos de comércio e serviço, 66 são de serviços gerais e comércio eventual e 36 para abastecimento básico.					

ANEXO D

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

ENTREVISTA (ETAPA 1) PARA IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA			
Nº entrevista:	Data:	Horário:	Nome do entrevistado:

Prezado Morador(a),

Esta pesquisa faz parte de um estudo que busca entender como os espaços residenciais satisfazem às necessidades dos diferentes grupos de pessoas que moram dentro do mesmo bairro na cidade. Esta entrevista tem o objetivo de saber onde o senhor acha que o seu bairro inicia e termina e, também, quem são os moradores do seu bairro, se existe vários grupos de pessoas ou se são todos um único grande grupo.

Para descobrir essas informações é preciso da sua ajuda. Por isso, gostaria que o senhor(a) respondesse a algumas perguntas e desenhasse um mapa do seu bairro:

1. Você pode me dizer como é o seu bairro? Como você acha que são as suas características, qual a aparência dele e o tipo de atividades que existem (serviços, comércio, praças e parques, escolas, hospitais, etc.)?			
2. O que, especialmente, você gosta no bairro? Por quê?			
3. E o que você não gosta no bairro? Por quê?			
4. O que, na aparência do bairro, te agrada mais? Por quê?			
5. O que, na aparência do bairro, te agrada menos ou te desagradava completamente? Por quê?			
6. De uma maneira geral, juntando as coisas que gosta e que não gosta, você está satisfeito com a aparência do seu bairro, ou não?			
7. Você acha seguro ou inseguro morar aqui? Quais os lugares mais seguros para você? Por quê? Quais os lugares mais inseguros? Por quê?			
8. Você evita de passar por certas ruas ou lugares? Quais lugares? E quais os motivos?			
9. Você poderia desenhar um mapa do seu bairro? <i>(Pausa: Na medida que o entrevistado for desenhando, é necessário fazer algumas observações.)</i> Não esqueça de mostrar onde você acha que seu bairro começa e termina <i>(Pausa)</i> . Desenhe as ruas e coloque os nomes delas também. Marque, os lugares que você costuma ir ou que você considera mais importante. <i>(Pausa)</i> Marque os lugares que você acha mais seguros e menos inseguros. <i>(Folha anexa)</i>			
10. Quem são os moradores do bairro para você? O que eles fazem? São novos ou são mais velhos? Há crianças?			
11. Como você se sente em relação aos seus vizinhos e em relação às pessoas que moram no seu bairro? Gosta das pessoas daqui? O clima é agradável e amigável, ou não? Está satisfeito com vizinhos e moradores do seu bairro? Por quê?			
12. Como você acha que as pessoas que moram em outros lugares da cidade enxergam o seu bairro? Você concorda com a visão deles?			
13. Você gosta de morar aqui? Por quê?			
INFORMAÇÕES GERAIS			
1. ÁREA 1. Planetário 2. D. Eugênia 3. Lupicínio 4. Dos Anjos 5. Princesa Isabel	2. ENDEREÇO rua / avenida: n°/ apto:	3. A quanto tempo mora na área? <div style="text-align: center;"> <input type="text"/> <input type="text"/> anos </div>	
4. Sexo: 1. Feminino <input type="checkbox"/> 2. Masculino <input type="checkbox"/>	5. Qual faixa etária? 1. 19 a 40 anos <input type="checkbox"/> 2. 40 a 60 anos <input type="checkbox"/> 3. mais de 60 anos <input type="checkbox"/>	12. Qual atividade profissional?	15. Qual o nível educacional? 1. Nunca foi a escola <input type="checkbox"/> 2. Ensino fundamental <input type="checkbox"/> 3. Ensino Médio <input type="checkbox"/> 4. Superior incompleto <input type="checkbox"/> 5. Superior completo <input type="checkbox"/>

ANEXO E1

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

ÁREA DE ANÁLISE 1 - ÁREA PRÉ-SELECIONADA 1

0	Que bairro você mora?	Morador Habitação social						total	Morador bairro					total	Frequência	
		1	2	3	4	5	6		1	2	3	4	5		Nº casos	%
Bairro	Santana	1	1	1	1	1	1	6	1	1		1	1	4	10	91%
	Bom Fim							0			1			1	1	9%
1	Como é seu bairro?															
Limites do bairro	Av. João Pessoa	1				1	1	3	1	1		1	1	4	7	64%
	Av. Ipiranga	1						1		1	1	1		3	4	36%
	Av. José Bonifácio/Av. Venâncio Aires (limites próximos)	1		1	1	1	1	5	1	1			1	3	8	73%
	Av. Santana	1	1	1	1			4			1			1	5	45%
	R. Luis de Camões		1					1						0	1	9%
	R. Jacinto Gomes		1					1						0	1	9%
	R. Santa Teresinha							1						0	1	9%
	Av. Ramiro Barcelos			1	1	1		3	1	1	1		1	4	7	64%
	Av. Protásio Alves / Av. Osvaldo Aranha							0			1	1	1	3	3	27%
	Av. Princesa Isabel				1			1						0	1	9%
	Av. Olinto de Oliveira							0						0	0	0%
	Av. Vicente da Fontoura				1			2						0	2	18%
	Av. Silva Só						1	1				1		1	2	18%
	Av. Bento Gonçalves							0	1					1		
R. Jaime Telles					1		1						0	1	9%	
Características e atividades	Arquitetura mais antiga (aspecto positivo)						0			1	1		2	2	18%	
	Predominância de edificações residenciais					1	1	2		1	1	1	1	4	6	55%
	Ausência de supermercados próximos	1						1					1	1	2	18%
	Ausência de Policiamento - inseguro	1						1		1		1	3	4	36%	
	Baixa Frequência de comércio e serviços básicos		1					1					0	1	9%	
	Equipamentos de saúde: Hospital de Pronto Socorro, Hospital de Clínicas e Posto de Saúde Modelo.	1				1		2			1	1	2	4	36%	
	Presença de bares		1					1					0	1	9%	
	Presença de praças e parques: Parque da Redenção		1			1	1	3	1	1		1	3	6	55%	
	Facilidade de acesso aos diversos equipamentos (saúde, comércio, Centro Comercial João pessoa, educação).	1		1	1	1	1	5	1	1	1	1	5	10	91%	
	Facilidade de transporte e locomoção para diversos pontos da cidade (proximidade do centro)			1	1	1	1	4	1	1	1		3	7	64%	
Bom de morar							0	1		1		2	2	18%		
2	O que, especialmente, você gosta no bairro? Porquê?															
	Proximidade/acesso aos equipamentos diversos			1				1			1		1	2	3	27%
	Acesso aos equipamentos de saúde: Hospital de Pronto Socorro, Hospital de Clínicas, Instituto do Coração, Hospital Ernesto Dorneles.							0	1				1	1	9%	
	Facilidade de serviços de transporte público							0			1		1	1	9%	
	Planetário - lugar para lazer e descanso	1						1					0	1	9%	
	Parque da Redenção - Lugar para lazer e descanso	1	1			1		3		1		1	3	6	55%	
	Centro Comercial João Pessoa (concentra serviços e comércios diversos)	1						1					0	1	9%	
	Bom sistema de Iluminação pública			1				1					0	1	9%	
	O conjunto Jardim Planetário				1			1					0			
	Arborização							1				1		0		
	Ausência de edifícios muito populosos							0	1				1	1	9%	
3	E o que você não gosta no bairro? Porquê?															
	Insegurança dentro do conjunto Jardim Planetário	1						1					0	1	9%	
	Falta de privacidade dentro do conjunto (Planetário)			1	1											
	Barulho excessivo (ambulâncias)							0	1				1	1	9%	
	Insegurança (violência, assalto).					1		1		1			1	2	18%	
	Infraestrutura de coleta de água pluvial: alagamentos							0	1			1	2	2	18%	
	O conjunto Jardim Planetário (falta de privacidade, insegurança).							0			1		1	1	9%	
Falta supermercado							0				1	1	1	9%		
4	O que, na aparência do bairro, te agrada mais? Porquê?															
	A limpeza do bairro em geral	1						1					0	1	9%	
	Av. Santana: decoração de Natal	1				1		2					0	2	18%	
	Centro Comercial João Pessoa (vitrines)		1					1					0	1	9%	
	Arborização			1			1	2		1	1		2	4	36%	
	Edificações do bairro (arquitetura mais antiga e edificações contemporâneas): são bonitas			1				1				1	2	2	18%	
	Conjunto Jardim Planetário - casas da frente conservadas				1			1					0	1	9%	
	Rua Sta. Teresinha - edificações e conjunto da rua bonitos e agradáveis						1	1				1	1	2	3	27%
	Rua José Bonifácio - conjunto bonito							0	1				1	1	9%	
	Parque da Redenção							0		1	1		2	2	18%	
	Fachadas e recuos de jardim no bairro							0				1	1	1	9%	
5	O que, na aparência do bairro, te agrada menos ou te desagrada completamente? Porquê?															
	Nada	1	1					2					0	2	18%	
	Sujeira dentro da "vila" (Jardim Planetário)			1	1	1		3		1		1	2	5	45%	
	Alagamentos			1				1	1				1	2	18%	
	Iluminação Pública				1			1					0	1	9%	
	Sujeira nas calçadas (lixo, detritos de animais).				1	1		2	1		1		2	4	36%	
	Iluminação Pública (iluminação sobreposta à copa das árvores: é péssima)							0					0	0	0%	
	Jacinto Gomes: rua mais feia							0					0	0	0%	
	Poliuição/sujeira nas edificações							0		1			1	1	9%	
	Av. Jerônimo de Ornelas e Av. Santana: mal conservadas - degradem a imagem do bairro							0			1		1	1	9%	

ANEXO E1

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

6 Juntando as coisas que gosta e que não gosta, você está satisfeito com a aparência do seu bairro, ou não?																
	Satisfeito: bom de morar, acessibilidade fácil e transporte público.	1	1	1		1	1	5	1	1	1	1	1	5	10	91%
	Nem satisfeito sem insatisfeito							0						0	0	0%
	Insatisfeito				1			1						0	1	9%
7 Você acha seguro ou inseguro morar aqui? Quais os lugares mais seguros para você? Quais os lugares mais inseguros?																
Seguro	É seguro		1			1		2		1				1	3	27%
	Jardim Planetário (uns cuidam dos outros, apesar dos assaltos e do tráfico de drogas).	1						1						0	1	9%
	Av. Santana - iluminada e movimentada			1				1						0	1	9%
	Proximidade com Palácio da Polícia e 10° Delegacia					1		1						0	1	9%
	Av. João Pessoa - iluminada, movimentada.					1		1						0	1	9%
	R. Laurindo							0						0	0	0%
	Praça Júlio Bozano							0			1			1	1	9%
Inseguro	É inseguro	1		1		1	3	1		1	1	1		4	7	64%
	Insegurança é geral na cidade	1					1	2			1	1		2	4	36%
	R. Luiz Manoel - muito escura	1					1							0	1	9%
	Av. Ramiro Barcelos - escura, deserta.	1		1			2			1				1	3	27%
	Parque da Redenção - inseguro no final da tarde		1				1							0	1	9%
	R. Jacinto Gomes - escura, deserta.					1		1						1	2	18%
	R. Laurindo - escura					1		1						0	1	9%
	Av. Santana - tráfego intenso de veículos						1	1						0	1	9%
	Av. Ipiranga - insegurança nas pontes							0			1			1	1	9%
	Proximidades Jardim Planetário							0				1		1	1	9%
	Praça Major Joaquim de Queiroz							0				1		1	1	9%
	Da Av. Santana a Av. Osvaldo Aranha							0			1			1	1	9%
	8 Você evita de passar por certas ruas ou lugares? Quais lugares? E quais os motivos?															
Evita	Não Apenas tem cuidado	1	1			1	1	4				1		1	5	45%
	Av. Ramiro Barcelos - escura, deserta.			1				1						0	1	9%
	Entre Santana e João Pessoa, atrás do Palácio da Polícia.							0	1					1	1	9%
	Proximidades Jardim Planetário							0		1	1			2	2	18%
	Av. Ipiranga - insegurança nas pontes							0		1				1	1	9%
9 Você poderia desenhar um mapa do seu bairro?																
Elementos citados	Ruas e Avenidas: R. Sta. Teresinha, R. Vespúcio Abreu, Av. Santana, Av. João Pessoa, Av. Bento Gonçalves, Av. Ipiranga, Av. Jerônimo de Ornelas, R. Luiz Manoel, Av. Venâncio Aires, Av. Silva Só, Av. Ramiro Barcelos, Av. Protásio Alves, Av. Ipiranga, Av. Osvaldo Aranha, R. Laurindo, R. Jacinto Gomes, Rua Olinto de Oliveira.															
	"Vila" (Jardim Planetário)															
	Equipamentos de lazer: Parque da Redenção, Praça Júlio A. Bolzano, Praça João Paulo I, Praça Major Joaquim de Queiroz, Praça Del. C. A. Gadret.															
	Equipamentos educacionais: Escola Sta. Rosa de Lima, Colégio Estadual Júlio de Castilhos, UFRGS.															
	Equipamentos comunitários: Igreja Sta. Teresinha, Planetário.															
	Equipamentos de saúde: Centro de Saúde Modelo, Hospital de Pronto Socorro, Hospital de Clínicas.															
	Equipamentos de segurança:															
Equipamento de comércio e serviço: Centro Comercial João Pessoa, Bar do Beto, Borracharia Chacrinha, MC Donald's.																
10 Quem são os moradores do bairro para você? O que eles fazem? São novos ou são mais velhos? Há crianças?																
	Predominantemente idosos e aposentados no bairro	1	1	1			1	4	1		1			2	6	55%
	Predominância de crianças no Jardim Planetário	1	1	1		1	1	5						0	5	45%
	Predominam jovens							0	1		1			2	2	18%
	Diversidade de idades				1	1	1	3			1	1	1	3	6	55%
	Jardim Planetário - população pobre					1		1	1		1	1	1	4	5	45%
	Predomina população de renda média - pequena população de rendas mais altas					1		1	1	1	1	1	1	5	6	55%
11 Como você se sente em relação aos seus vizinhos e em relação às pessoas que moram no seu bairro?																
	Pouca intimidade/amigável - boa relação com moradores mais antigos do bairro - satisfeito	1		1				2	1		1		1	3	5	45%
	Pouca intimidade/amigável - insatisfeito							0				1		1	1	9%
	Pouca intimidade/amigável - conhecidos no bairro e má relação com moradores do conjunto				1		1	2		1				1	3	27%
	A relação entre vizinhos é boa e freqüente - relacionamento com moradores do bairro e do conjunto		1			1			2					0	2	18%
12 Como você acha que as pessoas que moram em outros lugares da cidade enxergam o seu bairro? Você concorda?																
	Imagem negativa do lugar (Jardim Planetário): violência e insegurança. Concordo.							0						0	0	0%
	Imagem negativa do lugar (Jardim Planetário): violência e insegurança. Discordo.	1						1						0	1	9%
	Imagem positiva do bairro (existência dos equipamentos e acessibilidade; bom de morar, arborizado). Concordo.			1	1	1	1	4	1	1	1	1	1	5	9	82%
	Imagem negativa do bairro. Bairro movimentado e violento. Discordo							0				1		1	1	9%
	Existe a imagem de um bairro residencial. Isso não é verdade							0						0	0	0%
13 Você gosta de morar aqui? Porquê?																
Sim	Lugar Tranquilo	1						1				1		1	2	18%
	Comodidade (existência dos equipamentos e acessibilidade)		1	1	1	1		4	1	1	1	1	1	5	9	82%
	Costume, mas moraria em outro bairro.					1		1						0	1	9%
	Arborizado							0			1			1	1	9%
Não							0						0	0	0%	

ANEXO E2

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

ÁREA DE ANÁLISE 2 - ÁREA PRÉ-SELECIONADA 4

0		Morador hab. social					total	Morador bairro					total	Frequência	
Que bairro você mora?		1	2	3	4	5		1	2	3	4	5		Nº casos	%
Bairro	Bairro Jardim Botânico	1	1	1	1	1	0	1		1	1	1	0	0	0%
	Bairro Partenon						0						0	0	0%
	Bairro Petrópolis						0		1				0	0	0%
1		Como é seu bairro?													
Limites do bairro	Av. Protásio Alves	1	1	1	1		4		1			1	2	6	60%
	Av. Ipiranga	1	1	1		1	4	1	1	1	1	4	8	80%	
	R. Eça de Queiroz	1	1		1		3				1	1	4	40%	
	Av. Salvador França	1	1				2			1	1	2	4	40%	
	R. Guilherme Alves			1	1		2		1			1	2	4	40%
	Av. Silva Só				1		1						0	1	10%
	Av. Bento Gonçalves					1	1						0	1	10%
	R. da Plata					1	1				1	1	2	3	30%
	R. Barão do Amazonas					1	1						0	1	10%
	R. São Manoel					1	1	1					1	1	10%
	R. Vicente da Fontoura						0		1				1	1	10%
	R. Felizardo						0			1			1	1	10%
	Praça Rui Teixeira						0			1			1	1	10%
R. Felipe de Oliveira						0				1		1	1	10%	
Características e atividades	Muito bom.	1					1			1		1	2	20%	
	Facilidade de acesso aos diversos equipamentos (saúde, supermercados, escolas, posto de saúde e hospital, Igreja).	1	1	1	1		4	1		1	1	1	4	80%	
	Facilidade de serviços de transporte público	1	1				2			1			1	3	30%
	Facilidade de acesso ao comércio e serviços básicos (farmácias, supermercados).					1	1		1				1	2	20%
	"Nível social do bairro é bom": pessoas de alto poder aquisitivo (aspectos positivos e negativos) (ex.: r. Eça é uma das mais seletas do bairro)	1		1			2					1	1	3	30%
	Zaffari Ipiranga		1			1	2			1			1	3	30%
	Pouca atividade comercial voltada para jovens		1				1						0	1	10%
	Escola de samba			1			1						0	1	10%
	Bairro predominantemente residencial				1		1		1			1	2	3	30%
	Bairro tranquilo. Seguro.				1	1	2					1	1	3	30%
	Bourbon Ipiranga				1	1	2	1			1		2	0	0%
	Supermercado Andes						0	1					1	1	10%
	Arroio Dilúvio: transtorno em dias de chuva						0	1					1	1	10%
	Fácil acessibilidade/localização.						0		1			1	2	0	0%
	Investimentos: substituição de edificações térreas por outras multifamiliares ou uso misto.						0		1				1	1	10%
Barão do Amazonas: rua comercial.						0				1		1	1	10%	
Bairro arborizado.						0					1	1	1	10%	
2		O que, especialmente, você gosta no bairro? Porquê?													
	Minha residência.	1					1						0	1	10%
	Solidariedade das pessoas (colaboração de supermercados, escolas e moradores).	1					1						0	1	10%
	Bairro tranquilo.		1				1		1				1	2	20%
	Segurança à noite entre a Bourbon Ipiranga e Zaffari Ipiranga		1				1						0	1	10%
	Escola de samba			1			1						0	1	10%
	Pela proximidade/acesso aos equipamentos diversos				1		1	1					1	2	20%
	Danceterias e Bourbon Shopping					1	1						0	1	10%
	Próximo ao centro.						0		1		1		2	2	20%
	Fácil acessibilidade/localização.						0			1			1	1	10%
	Bairro arborizado.						0			1			1	1	10%
	População predominante de classe média: homogênea (embora tenham vilas na Av. Ipiranga Cachorro sentada e outra ao lado da escola de samba)						0				1		1	1	10%
	Fato de ser bairro residencial (presença de casas e sobrados).						0					1	1	1	10%
	3		E o que você não gosta no bairro? Porquê?												
	Tráfego de drogas (barulho que causam, é intenso).	1	1	1			3						0	3	30%
	Tráfego intenso de veículos (Av. Ipiranga (barulho e movimento)/R. da Plata)		1				1				1		1	2	20%
	Do Arroio Dilúvio/Riacho Ipiranga (insetos, bichos, transtorno em dias de chuva).				1		1						1	1	10%
	Vila Cachorro Sentado					1	1				1		1	2	20%
	Dificuldade de criar vínculos de amizade, casas afastadas umas das outras.						0	1					1	1	10%
	Transformação: casas térreas em edifícios.						0		1				1	2	20%
	Escola de samba incomoda no período do carnaval.						0					1	1	1	10%
4		O que, na aparência do bairro, te agrada mais? Porquê?													
	Ajuda mútua dentro do Condomínio dos Anjos.	1					1						0	1	10%
	O cuidado (ajuda) que os moradores tem no bairro pelas pessoas idosas.	1					1						0	1	10%
	Equipamentos educacionais para diversas idades: creche comunitária, SASI (educação para jovens e adultos).	1					1						0	1	10%
	Centro comunitário: Odomodê (para jovens e crianças até 16 anos).	1					1						0	1	10%
	Edificações do bairro: bem conservadas	1					1						0	0	0%
	Edificações novas do bairro: chamam atenção.	1					1			1			1	2	20%
	A limpeza do bairro em geral		1	1			2	1					1	3	30%
	Edificações no bairro são bonitas		1		1		2						0	2	20%
	Arborização		1				1		1			1	2	3	30%
	Praça das Nações			1			1						0	1	10%
	Bourbon Ipiranga (boa localização).						0						0	0	0%
	Conservação das fachadas e jardins.					1	1	1					1	2	20%
	Jardim Botânico (o parque)						0			1			1	1	10%
	Bairro bom p/ caminhar: áreas verdes, diferentes percursos (declividade das ruas).						0					1	1	1	10%
	Homogeneidade do bairro (casas conservadas, não há cortiço).						0					1	1	1	10%
	Bairro tranquilo.						0						1	1	10%
5		O que, na aparência do bairro, te agrada menos ou te desagradava completamente? Porquê?													
	Sujeira do bairro.	1					1						0	1	10%

ANEXO E2

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

	Telefones públicos quebrados	1				1						0	1	10%	
	Sujeira nas calçadas (lixo, detritos de animais).					0						1	1	10%	
	Arroio Dilúvio: traz sujeira/é feio.			1	1										
	Manutenção de praças.											1	1	10%	
	Calçadas mal conservadas											1	1	10%	
	Casas antigas mal conservadas.					0						1	1	10%	
	Alagamentos.					0			1			1	1	10%	
	Atrás do Bourbon, próximo ao Colégio Otávio de Souza: feio.					0			1			1	1	10%	
	Assaltos e violência					0	1					1	1	10%	
	Não há comércio pequeno, apenas supermercados.					0		1				1	1	10%	
6	Juntando as coisas que gosta e que não gosta, você está satisfeito com a aparência do seu bairro, ou não?														
	Satisfeito. (acessibilidade, tranquilidade, arborização, praças).	1		1	1	1	4	1	1	1	1	1	5	9	90%
	Nem satisfeito sem insatisfeito					0						0	0	0%	
	Insatisfeito					0						0	0	0%	
7	Você acha seguro ou inseguro morar aqui? Quais os lugares mais seguros para você? Quais os lugares mais inseguros?														
Seguro	É seguro		1			1	2						0	2	20%
	R. Veado Porto: tem policiamento					1									
	Da av. Ipiranga até a av. Protásio Alves é mais seguro que outros lugares.					1	1						0	1	10%
	Do Bourbon Ipiranga até o Condomínio dos Anjos		1				1						0	1	10%
Inseguro	É inseguro	1		1				1	1	1	1	1			
	Perto da PUC é mais inseguro.					0							0	0	0%
	Não há policiamento.	1				1	1	1	1				3	4	40%
	O medo traz mudança de comportamento: torna o bairro menos passível de ser usado.					0						1	1	1	10%
	Assaltos e roubos frequentes, violência generalizada.			1	1		2		1				2	4	40%
	Vila Cachorro Sentado					0				1			1	1	10%
	Praça das Nações Unidas					0				1			1	1	10%
	Construções novas: bairro visado.					0			1	1			3	3	30%
	No horário da noite.					0	1						1	1	10%
	Praças em geral.					0		1					1	1	10%
8	Você evita de passar por certas ruas ou lugares? Quais lugares? E quais os motivos?														
Não	Apenas tem cuidado	1					1						0	1	10%
	Andar nas ruas fora do Bairro Petrópolis (R. da Plata já é possível sentir a diferença do bairro). Evita de andar para o lado da av. Salvador França o lado de cá do Jardim Botânico é quase Bairro Petrópolis.						0			1	1	1	3	3	30%
	Condomínio dos Anjos, Vila Cachorro Sentado.						1	1				1	1	2	20%
	Praça das Nações Unidas						0					1	1	1	10%
	Av. Ipiranga (próximo ao Shopping Bourbon).						1						0	1	10%
	Evita passar pelas passarelas da av. Ipiranga (insegurança e fluxo de veículos)				1			1					1	2	20%
	Evita andar na rua.						0			1			1	1	10%
	R. da Plata (escura e insegura)				1			1					0	1	10%
	Evita de subir as ruas internas do bairro em direção a Av. Protásio Alves.		1					1					0	1	10%
	9	Você poderia desenhar um mapa do seu bairro?													
Elementos citados	Ruas e Avenidas: Av. Protásio Alves, Av. Ipiranga, R. Felipe de Oliveira, R. Ferreira Viana, R. da Plata, R. Langendonck, Av. Salvador França, Av. Barão do Amazonas, R. Machado de Assis, R. Faria Santos, R. Eça de Queiroz, R. Guilherme Alves, R. Gonçalves Iedo, R. Veríssimo Rosa, R. Itaborá, R. Dário Pederneiras, R. Corte Real, R. Lucas de Oliveira, R. Vicente da Fontoura.														
	Condomínio do Anjos, Vila Cachorro Sentado.														
	Equipamentos de lazer: Praça Nações Unidas, Jardim Botânico, Praça Rui Teixeira, Praça Araribóia (campo de futebol), Escola de Samba.														
	Equipamentos educacionais: Colégio Sta. Inês, Escola Leopoldo Tietböhl, ESEF-UFRGS.														
	Equipamentos comunitários: Clube Petrópolis Tênis Clube, Clube Farrapos, Igreja Divino Mestre, Centro comunitário Odeonê.														
	Equipamentos de saúde: Hospital da PUC														
Equipamentos de segurança:															
Equipamento de comércio e serviço: Shopping Bourbon Ipiranga, CTG 35, Zaffari Ipiranga, Postos de Gasolina da Ipiranga, AMRIGS.															
10	Quem são os moradores do bairro para você? O que eles fazem? São novos ou são mais velhos? Há crianças?														
Não	Predominância de moradores de rendas média e alta (Pequenos empresários, comerciantes, profissionais liberais e trabalhadores em geral).	1		1	1	1	4	1	1		1		3	7	70%
	Av. Ipiranga/Av. Bento: baixo poder aquisitivo e Av. Ipiranga/Av. Protásio: alto poder aquisitivo.						1						0	1	10%
	Diversidade de grupos sociais (trabalhadores na maioria).		1				1						0	1	10%
	Predominância de crianças		1				1						0	1	10%
	Carroceiros e drogados incomodam (bairro Partenon).						0	1					1	1	10%
	Diversidade de idades.										1				
	Predominância de pessoas idosas e adultos.						0			1		1	2	2	20%
11	Como você se sente em relação aos seus vizinhos e em relação às pessoas que moram no seu bairro?														
Não	Pouca intimidade - satisfeito.						0		1		1		2	2	20%
	Pouca intimidade. Relacionamento inexistente. Insatisfeito											1			
	Pouca intimidade/amigável/preconceito com moradores mais pobres.		1	1			2						0		
	A relação entre vizinhos é boa e freqüente / amigos íntimos dentro do bairro	1				1	2			1			1	3	30%
	Pouca intimidade/amigável, poderia ser melhor. Amigos íntimos de dentro e fora do bairro					1	1						0	1	10%
	Pouca intimidade/amigável, poderia ser melhor. Amigos íntimos fora do bairro						0	1					1	1	10%
12	Como você acha que as pessoas que moram em outros lugares da cidade enxergam o seu bairro? Você concorda?														
Não	Imagem positiva do bairro (bairro excelente, acessibilidade, localização). Concordo.	1	1	1	1	1	5				1		1	6	60%
	Imagem elitista (tradicional e conservadora do bairro - homogeneidade). Concordo.											1			
	Imagem elitista do bairro. Discordo.								1	1					
	Imagem negativa (bairro Partenon) por causa das vilas: falta de homogeneidade incomoda. Concordo.						0	1					1	1	10%
13	Você gosta de morar aqui? Porquê?														
Sim	Costume. Gosto. Sempre morei aqui.	1					1		1	1			2	3	30%
	Comodidade (existência dos equipamentos, acessibilidade, localização, tranquilidade).		1	1	1		3					1	1	4	40%
	Conheço muitas pessoas. Tenho bom relacionamento no bairro					1	1								
	Arborizado, bonito. Bom de morar. Tranquilo.						0						0	0	0%
Não	Não gosto do condomínio, não tem privacidade.				1		1						0	1	10%
	Não. Preferia morar em um bairro mais calmo.											1			
	Não gosto da falta de contatos entre as pessoas no bairro (Partenon)						0	1					1	1	10%

ANEXO E3

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

ÁREA DE ANÁLISE 3 - ÁREA PRÉ-SELECIONADA 5

0		Morador hab. social						MB	Morador bairro					MP	Frequência	
Que bairro você mora?		1	2	3	4	5	6		1	2	3	4	5		Nº casos	%
Bairro	Azenha	1					1	2						0	2	18%
	Santana		1	1	1	1		4	1	1	1	1	1	5	9	82%
1 Como é seu bairro?																
Limites do bairro	Av. Azenha	1						1			1		1	2	3	27%
	Av. Ipiranga	1	1			1		3	1	1	1	1	1	5	8	73%
	Av. Santana	1		1			1	3						0	3	27%
	Av. Bento Gonçalves		1	1	1			3	1	1				3	6	55%
	Av. São Luís				1			1						0	1	9%
	Av. Princesa Isabel			1	1	1		3						0	3	27%
	Av. João Pessoa				1	1		2		1		1		2	4	36%
	Praça Jaime Teles			1			1	2						0	2	18%
	Av. Jerônimo de Ornelas							0						0	0	0%
	R. Vicente da Fontoura						1	0						0	0	0%
	R. Érico Veríssimo						1	1						0	1	9%
	R. Luis de Camões		1					1	1		1			2	3	27%
	Av. Venâncio Aires/av. José Bonifácio (limites próximos)							0		1	1	1	1	4	4	36%
	R. Veríssimo Rosa							0				1		1		
							0						0	0	0%	
características e atividades	Diversidade de equipamentos: supermercado, comércio diversificado, bancos, farmácia, praças, escolas, hospital, bares, creches.	1			1			2	1			1	1	3	5	45%
	Comércio auto-suficiente na av. Azenha (tem todas as lojas presentes no centro).	1		1		1	1	4						0	4	36%
	Facilidade de serviços de transporte público.			1				1	1	1	1			3	4	36%
	Centralizado/localização.		1					1						0	1	9%
	Centro Comercial João Pessoa	1	1					2	1					1	3	27%
	Supermercado Nacional, Supermercado Zaffari Ipiranga, Supermercado Bird.	1				1		2		1		1		2	4	36%
	Equipamentos de saúde (referências): Instituto de Cardiologia, Hospital Ernesto Dorneles.		1	1	1	1	1	5	1		1	1	1	4	9	82%
	Lazer: restaurantes, bares, clubes de dança.		1	1		1		3						0	3	27%
	Presença de praças: Praça Jaime Teles, Parque da Redenção.		1					1		1	1	1	1	4	5	45%
	Cinema no bairro não tem mais: havia o Castelinho	1	1					2						0	2	18%
	Falta segurança				1			1						0	1	9%
	Equipamentos de Segurança: Palácio da Polícia, Polícia Civil, Polícia Federal, Bombeiros.						1	1				1		1	2	18%
	Escola de samba Acadêmicos da Orgia		1					1						0	1	9%
	Era bairro residencial: estão surgindo muitos edifícios.							0	1					1	1	9%
	Bairro Tranquilo							0	1					1	1	9%
	Faculdades próximas							0						0	0	0%
Bairro de classe média: não há desocupados, mendigos.							0		1				1	1	9%	
Bom de morar/Gosto de tudo		1	1		1	1	4	1	1	1		1	4	8	73%	
2 O que, especialmente, você gosta no bairro? Porquê?																
Proximidade/aceso aos equipamentos diversos		1				1	2						0	2	18%	
Centralizado/localização.							0						0	0	0%	
Facilidade de serviços de transporte público			1			1	2						0	2	18%	
Diversidade de comércio na av. Azenha.	1						1			1			1	2	18%	
danceterias			1				1						0	1	9%	
Equipamentos de Saúde			1		1		2						0	2	18%	
Movimentação intensa de pessoas.				1			1			1		1	2	3	27%	
Gosto da vizinhança/me relaciono bem com os vizinhos					1		1	1	1		1		3			
É um bairro calmo.							0		1				1			
Faculdades próximas							0			1			1	1	9%	
Proximidade com a Redenção							0		1				1	1	9%	
3 E o que você não gosta no bairro? Porquê?																
Assaltos frequentes (esquina Av. Princesa Isabel com Av. João Pessoa).	1						1				1	1	2	3	27%	
Barulho excessivo de veículos e fluxo intenso de automóveis e ônibus.	1		1				2						0			
Vandalismo (pichação e violência) e barulho de jovens na madrugada - 5ª-feira a Domingo (cervejarías: Cervejaria Stuttgart)	1				1	1	3	1	1	1		1	4	7	64%	
Falta de policiamento/Falta de segurança			1	1			2						0	2	18%	
Falta de iluminação			1				1						0	1	9%	
							0						0	0	0%	
Gosto de tudo		1					1						0	1	9%	
4 O que, na aparência do bairro, te agrada mais? Porquê?																
Jardins particulares em frente às residências e aos edifícios.	1						1						0	1	9%	
Há muitas residências bonitas: arquitetura antiga (São Manoel, Santana, São Luiz).		1	1				2	1			1	1	3	5	45%	
Há mais residências que edifícios no bairro, mas estão mal conservadas.		1					1						0	1	9%	
Arborização na Av. João Pessoa e av. Princesa Isabel /arborização em geral.			1	1			2		1	1			2	4	36%	
Edificações novas são bonitas.			1				1						0	1	9%	
O movimento das pessoas (crianças e jovens indo para a escola, para o trabalho).				1			1				1		1	2	18%	
Praça Princesa Isabel					1		1						0	1	9%	
Edificações em geral.							0		1				1	1	9%	
Comércio da Azenha é bonito, mas podia estar melhor conservado.							0				1		1	1	9%	
5 O que, na aparência do bairro, te agrada menos ou te desagradava completamente? Porquê?																
Não existe.						1	1						0	1	9%	
Congestionamento nas avenidas principais.		1					1						0	1	9%	
Vandalismo: pichações, baderna.			1	1	1	1	4		1				1	5	45%	
Iluminação Pública							0						0	0	0%	
Falta de manutenção/conservação dos prédios.			1				1	1					1	2	18%	
Baderna jovens das cervejarías							0			1			0			
Falta de manutenção da via pública			1				1						0	1	9%	
Falta de segurança.				1			1						0	1	9%	
Arroio Dilúvio: sujeira, cheiro, falta de manutenção.					1		1				1		1	2	18%	
Edificações do Condomínio João Pessoas estão bonitas, mas não precisavam estar aqui: muita mistura, aglomeração de pessoas.							0				1		1	1	9%	

ANEXO E3

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

	Falta de conservação do passeio público.								0	1				1	2	2	18%
6	Juntando as coisas que gosta e que não gosta, você está satisfeito com a aparência do seu bairro, ou não?																
	Satisfeito. Teria que melhorar manutenção das avenidas, iluminação pública, policiamento.		1	1		1	1	4			1	1	1	1	4	8	73%
	Nem satisfeito sem insatisfeito. Mas adoro o Condomínio João Pessoa.				1			1							0	1	9%
	Insatisfeito. Poderia ser melhor: trânsito, segurança, relação entre moradores, manutenção.	1						1	1						1	2	18%
7	Você acha seguro ou inseguro morar aqui? Quais os lugares mais seguros para você? Quais os lugares mais inseguros?																
Seguro	É seguro (de 2ª feira a 5ª feira, depois tem vandalismo por causa das cervejarias).							0			1				2	2	18%
	Dentro do condomínio João Pessoa.			1	1			2							0	2	18%
	Av. Princesa Isabel: iluminada e com policiamento.							0				1			1	1	9%
								0							0	0	0%
								0							0	0	0%
Inseguro	É inseguro	1	1	1	1	1	1	6	1		1			1	3	9	82%
	Assaltos frequentes: pessoas são assaltadas à luz do dia, Av. João Pessoa/Av. Princesa Isabel.	1	1					2						1	1	3	27%
	Falta policiamento.					1		1							0	1	9%
	Terminal João Pessoa: moradores de rua, abandonado.		1		1			2							0	2	18%
	Vandalismo (pichação e violência) na madrugada/festas - 5ª-feira a Domingo.					1		1							0	1	9%
	Vila na R. Leopoldo Bier. Tráfego de drogas na esquina da Gomes Jardim c/ Leopoldo Bier.		1					1			1				2	3	27%
	Escola de samba Acadêmicos da Orgia			1				1							0	1	9%
	R. Ramiro D'Ávila: escuro.						1		1						0	1	9%
	R. Marçílio Dias: escuro.						1		1						0	1	9%
	Praça Jaime Teles: escura.						1		1						0	1	9%
	Sair à noite.						1	1				1			1	2	18%
R. Domingos Crescêncio: escura.							0					1		1	1	9%	
8	Você evita de passar por certas ruas ou lugares? Quais lugares? E quais os motivos?																
Não	Apenas tem cuidado	1						1	1	1	1				3	4	36%
	Caminhar à noite.		1					1						1	1	2	18%
	R. Leopoldo Bier, próximo à vila.							1						1	1	2	18%
	R. São Luis, à noite: escuro e deserto.			1				1							0	1	9%
	Pontes na Av. Ipiranga: meninos de rua, assalto.						1		1						0	1	9%
	R. Ramiro D'Ávila: escuro.							1							0	1	9%
	R. Domingos Crescêncio: escura.								0				1		1	1	9%
R. Freitas e Castro							1	1						0	1	9%	
9	Você poderia desenhar um mapa do seu bairro?																
Elementos citados	Ruas e Avenidas: Av. Santana, Av. João Pessoa, Av. Bento Gonçalves, Av. Ipiranga, Av. Azenha, Av. Bento Gonçalves, Av. Oscar Pereira, Av. Azenha, R. Leopoldo Bier, R. São Manoel, R. São Luiz, R. Ramiro D'Ávila, R. Freitas e Castro, R. Vicente da Fontoura, Av. Venâncio Aires, Av. Protásio Alves, R. Ramiro Barcelos, R. Domingos Crescêncio, Av. Jerônimo de Ornelas, R. Gomes Jardim.																
	Condomínio João Pessoa.																
	Equipamentos de lazer: Praça Princesa Isabel, Praça Jaime Teles, Parque da Redenção.																
	Equipamentos educacionais: Escola Sta. Rosa de Lima, Colégio Estadual Júlio de Castilhos, UFRGS.																
	Equipamentos comunitários: Terminal da Azenha, Igreja de Jesus Cristo dos Santos do Sétimo dia.																
	Equipamentos de saúde: Instituto de Cardiologia, Hospital Ernesto Dorneles, Instituto de Pesquisa Brasileiro, Pinel.																
Equipamentos de segurança: Palácio da Polícia, Polícia Federal.																	
Equipamento de comércio e serviço: Centro Comercial João Pessoa, Comércio na Azenha, Farmácia Panvel da João Pessoa, Cervejaria Stuttgart.																	
10	Quem são os moradores do bairro para você? O que eles fazem? São novos ou são mais velhos? Há crianças?																
	Predominantemente idosos e aposentados no bairro		1	1	1	1	1	4	1		1				2	6	55%
	Predominância de crianças no Condomínio João Pessoa.				1	1		2							0	2	18%
	Predomina jovens/ adultos.	1						1					1		1	2	18%
	Faixa etária mista: todas as idades												1		1		
	População de renda média: bairro. População de renda baixa: condomínio.							1							0	1	9%
	Diversidade de grupos sociais (alta renda, média renda e baixa renda).		1	1		1	1	3			1	1	1	3	6	55%	
	Predomina população de renda média.	1	1					2	1	1					2	4	36%
11	Como você se sente em relação aos seus vizinhos e em relação às pessoas que moram no seu bairro?																
	Boa relação c/ moradores do condomínio. Pouca relação c/ moradores do bairro. Satisfeito.		1		1	1		3							0	3	27%
	Pouca intimidade/amigável. Satisfeito.						1	1			1	1	1	1	4		
	Boa relação c/ moradores do bairro. Satisfeito.							0	1						1		
	Indisposição entre moradores do bairro e do condomínio.			1				1			1				1	2	18%
	Pouca relação c/ moradores do condomínio. Insatisfeito.				1			1							0	1	9%
	É boa a relação entre vizinhos (moradores do bairro e do conjunto). Há medo dos vizinhos que vem (Vila Zero Hora)	1						1							0	1	9%
12	Como você acha que as pessoas que moram em outros lugares da cidade enxergam o seu bairro? Você concorda?																
	Imagem positiva do bairro (existência dos equipamentos e acessibilidade; bom de morar, arborizado). Concordo.	1	1	1	1	1	1	6	1	1				1	3	9	82%
	Imagem negativa do bairro. Discorda							0				1	1		2	2	18%
	Existe a imagem de um bairro residencial. Isso não é verdade							0							0	0	0%
13	Você gosta de morar aqui? Porquê?																
Sim	Lugar Tranquilo							0							0	0	0%
	Comodidade (existência dos equipamentos e acessibilidade, bom relacionamento).			1	1	1	1	5	1	1	1		1	1	4	9	82%
	Costume, gosto do bairro.	1					1	2					1		1	3	27%
	Arborizado							0							0	0	0%
Não								0						0	0	0%	

INSTRUÇÕES GERAIS QUANTO AO PREENCHIMENTO DO QUESTIONÁRIO
(Questionários deixados com moradores do bairro)

Prezado Morador(a),

O(A) senhor(a) está recebendo um KIT com um mapa e um jogo com perguntas que serão usados em conjunto durante o preenchimento do questionário.

Todas as perguntas são extremamente importantes para a definição dessa pesquisa. Por isso, peço, por gentileza, que não deixe de responder a nenhuma das questões para não invalidar o questionário.

Algumas informações gerais:

1. O questionário pode ser respondido entre 30 e 40 minutos, segundo 12 testes pilotos realizados.
2. As questões são na grande parte de múltipla escolha, rapidamente respondíveis.
3. Grande parte das questões trata de sentenças afirmativas ou negativas, para as quais é necessário apenas informar se concorda ou discorda.
4. Se achar conveniente, na questão 33, você pode usar as questões de 09 a 31 para indicar suas opções.
5. As questões número 34, 66, 85, 86 e 102 permitem a escolha de mais de uma resposta.
6. Para as questões que solicitam a indicação no mapa (08, 54, 59, 60, 61, 84, 103, 119, 120, 121, 122 e 123):
 - a. Marcar prédios, ruas ou áreas da maneira que achar mais fácil. Use, por exemplo, círculos, quadrados, pinte com caneta, lápis ou caneta hidrocor, como preferir.
 - b. Após marcar os edifícios/casas ou ruas desejados, indique o número da questão junto ao desenho.

Caso tenha qualquer dúvida e deseje entrar em contato comigo, por favor utilize um dos meios abaixo que atenderei o(a) senhor(a) prontamente:

Telefone residencial: 33413135

Fax: 33413135

Celular: 93144208

Email: pgambim@terra.com.br

Muito obrigada pelo seu tempo e pela sua contribuição. São de grande importância para este trabalho!

Paula Silva Gambim - Arquiteta e Urbanista

Mestranda do PROPUR – UFRGS

Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano

ANEXO F2 - QUESTIONÁRIO

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

1. N.º questionário 2. Data 3. Área de estudo A1 A2 A3 4. Sexo M F 5. Morador Pj. Bairro

APRESENTAÇÃO

Prezado Morador(a),

Esta pesquisa faz parte de um estudo que busca entender como os espaços residenciais satisfazem às necessidades dos diferentes grupos de pessoas que moram dentro do mesmo bairro na cidade e como esses grupos se relacionam no bairro. O objetivo deste questionário é saber o que o(a) senhor(a) pensa da aparência física do seu bairro, dos equipamentos e infraestrutura existente e dos moradores locais. Também é interesse entender como utiliza os espaços do bairro e como se relaciona com os moradores locais.

Para descobrir essas informações preciso da sua ajuda. Por isso, gostaria que completasse o questionário a seguir, indicando a opção que corresponde melhor à sua opinião. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas, o que interessa é a sua opinião sincera.

Gostaria que soubesse que o uso deste questionário é acadêmico. Todas as informações ditas aqui são confidenciais e os respondentes do questionário não serão identificados.

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O ENTREVISTADO

Gostaria de algumas informações gerais sobre a moradia. Por favor, me diga:

6. Em que bairro você mora? 4. Bairro Bom Fim 7. Bairro Jardim Botânico 1 ano ou menos
 1. Bairro Azenha 5. Bairro Petrópolis 8. Bairro Santana
 3. Bairro Santa Cecília 6. Bairro Santo Antônio 9. Outro

7. Há quanto tempo você mora nesse bairro?
 Mais de 15 anos 5 a 15 anos 2 a 5 anos 1 a 2 anos

8. Qual o nome da sua rua? Identifique seu local de residência no mapa, por favor.

Associar respostas do morador às características físicas da residência e do lote (no ArcGIS ou no SPSS).

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A SATISFAÇÃO COM O LUGAR ONDE MORAVA

Identifique o GRAU DE IMPORTÂNCIA das características e atividades listadas abaixo de acordo com o que você acha necessário existir no lugar onde mora (na onde você mora e áreas/ruas vizinhas) para que esteja satisfeito em morar nele.

Diferenças quanto às preferências do ambiente.

	Muito importante	Importante	Mais ou menos importante	Pouco importante	Não é importante
9. Aparência das calçadas.	1	2	3	4	5
10. Presença de vegetação (arborização).	1	2	3	4	5
11. Iluminação pública.	1	2	3	4	5
12. Facilidade de transporte (proximidade com pontos de ônibus, locação ou táxi).	1	2	3	4	5
13. Proximidade de avenidas de fluxo rápido.	1	2	3	4	5
14. Movimento de pessoas nas ruas.	1	2	3	4	5
15. Aparência dos edifícios.	1	2	3	4	5
16. Manutenção dos edifícios.	1	2	3	4	5
17. Predominância de casas (mais casas que edifícios).	1	2	3	4	5
18. Proximidade de comércio e serviços básicos (farmácia, mini-mercado, padaria, lotérica, etc.).	1	2	3	4	5
19. Proximidade de equipamentos educacionais (creche e escolas).	1	2	3	4	5
20. Proximidade de equipamentos de saúde (hospitais e postos de saúde).	1	2	3	4	5
21. Proximidade de equipamentos de segurança (posto de polícia, delegacia).	1	2	3	4	5

22. Proximidade de praças e parques.	1	2	3	4	5
23. Proximidade de equipamentos de lazer (cinema, teatro, centro cultural).	1	2	3	4	5
24. Proximidade de supermercados.	1	2	3	4	5
25. Proximidade de shopping centers.	1	2	3	4	5
26. Proximidade do Centro.	1	2	3	4	5
27. Segurança no lugar onde mora.	1	2	3	4	5
28. Moradores presentes no lugar onde mora.	1	2	3	4	5
29. Relação com a vizinhança.	1	2	3	4	5
30. Existência de amigos ou familiares na vizinhança.	1	2	3	4	5

31. Como você se sente em relação ao lugar onde você mora (rua onde mora e áreas/ruas vizinhas)?

Muito satisfeito Satisfeito Nem satisfeito nem insatisfeito Insatisfeito Muito insatisfeito

32. Você poderia indicar os dois motivos mais importantes para a sua resposta (anterior) quanto à satisfação ou insatisfação com o lugar onde você mora?

Percepção de homogeneidade do ambiente físico.

33. Você identifica diferenças no lugar onde mora em relação a que características (marque mais de uma alternativa quando for o caso)?

Tipo de edifícios (residências/prédios) Materiais dos edifícios Cor dos edifícios Manutenção dos edifícios
 Entrada dos edifícios Vegetação nas ruas Cuidado das calçadas Nenhum opção. O lugar onde mora é parecidíssimo/homogêneo.
 34. Quando você está retornando para sua casa, você tem a sensação de ter chegado "em casa" quando está... (por favor, indique no mapa).
 Nas ruas vizinhas à dia Na sua quadra Na frente de casa (portão do edifício) Dentro de casa
 35. Se você tivesse de se mudar, onde você gostaria de morar?
 O mesmo bairro Outro bairro. Qual?

Percepção da homogeneidade dos moradores.

Indique se concorda ou discorda da seguinte afirmativa:

	Concordo muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo muito
36. Acho que existem certas pessoas que não se encaixam no lugar onde mora.	5	4	3	2	1
37. Onde mora (rua onde mora e áreas/ruas vizinhas) tem alguns lugares que são usados apenas por um grupo ou outro de moradores.	1	2	3	4	5
38. Eu me sinto muito à vontade de frequentar todos os lugares e equipamentos (praças, comércio, serviços) do bairro.	1	2	3	4	5
39. Eu costumo usar os espaços próximos à minha residência (entrada do edifício ou casa ou na calçada) para conversar com meus vizinhos.	1	2	3	4	5
40. Não gosto de ficar observando o movimento da calçada.	5	4	3	2	1

ANEXO F2 - QUESTIONÁRIO

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O ESPAÇO FÍSICO DO BAIRRO EM GERAL.
Por favor, pense honestamente a respeito das afirmações sobre o lugar onde você mora (tua onde mora e áreas/ruas vizinhas) e as atividades realizadas e responda se concorda ou não concorda.

	Concordo muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo muito
41. As quadras têm um tamanho adequado e por isso acho agradável caminhar por elas.	1	2	3	4	5
42. Não sei se as quadras têm tamanho adequado porque não costumo andar a pé.	5	4	3	2	1
43. Utilizo o carro para ir aos lugares que preciso, sei bem eles próximos ou distantes.	1	2	3	4	5
44. É seguro andar pelo bairro porque há sempre o movimento de moradores entrando ou saindo dos edifícios ou casas.	1	2	3	4	5

Calçadas (dimensões, aparência, manutenção, uso, iluminação, equipamentos e mobiliário).

45. As calçadas têm largura adequada para a quantidade de pessoas que as utilizam.	1	2	3	4	5
46. As crianças costumam brincar nas calçadas.	1	2	3	4	5
47. As calçadas do bairro têm uma aparência legal.	1	2	3	4	5
48. Os moradores não costumam manter e limpar plantando árvores e flores.	5	4	3	2	1
49. As ruas não são bem iluminadas à noite.	5	4	3	2	1
50. Existem telefones públicos, lixeiras e caixas de correio.	1	2	3	4	5

Vegetação

51. As árvores e a vegetação existentes são um dos aspectos mais bonitos do lugar onde moro.	1	2	3	4	5
52. Gosto muito de caminhar pelas ruas arborizadas do lugar onde moro.	1	2	3	4	5

Segurança e uso

53. O lugar onde moro é inseguro por isso não gosto de caminhar pelas ruas.	5	4	3	2	1
54. Não gosto de passar por certos lugares de onde moro porque são inseguros. (Indique no mapa os lugares inseguros, quando existirem).	5	4	3	2	1

Fluxo de veículos

55. O fluxo de veículos nas ruas dificulta as caminhadas no lugar onde moro.	1	2	3	4	5
56. Sinalização e faixas de trânsito existentes no lugar onde moro não são suficientes para dar segurança às pessoas que caminham nas ruas.	5	4	3	2	1

Aparência das edificações

57. Os edifícios e as casas do lugar onde moro são bonitos.	1	2	3	4	5
58. Os moradores costumam pintar e fazer a conservação dos edifícios e das casas no lugar onde moro.	1	2	3	4	5

59. Existem áreas do lugar onde moro onde os edifícios ou as casas são muito bonitos. (Indique no mapa os lugares bonitos, quando existirem).	1	2	3	4	5
---	---	---	---	---	---

60. Existem áreas do bairro que não são bonitas porque os moradores não cuidam dos edifícios e das casas. (Indique no mapa esses lugares, quando existirem).	5	4	3	2	1
--	---	---	---	---	---

61. Gostaria que algumas áreas fossem modificadas porque os edifícios e as casas não combinam com o bairro. (Indique no mapa os esses lugares, quando existirem).	1	2	3	4	5
---	---	---	---	---	---

62. Não gosto da mistura de estilos de edifícios e de casas no lugar onde moro.	5	4	3	2	1
63. Acho que existem muitos edifícios e casas antigas no bairro.	1	2	3	4	5
64. Gostaria que o meu edifício ou casa fosse diferente para ficar mais parecido com o bairro.	1	2	3	4	5

Clareza e definição hierárquica do lugar

Gosto da posição do meu edifício ou casa em relação à calçada ou rua (posição do edifício/casa no terreno e distância até a calçada. Por exemplo, existência ou não de jardim entre a porta do edifício ou casa e a calçada).	1	2	3	4	5
---	---	---	---	---	---

66. Você costuma utilizar a área da frente da sua casa ou edifício para (marque mais de uma alternativa quando for o caso):

Plantar jardim	1	Crianças brincarem	2	Praticar esportes	3	Sentar ao sol / à sombra (descansar)	4
Estacionamento	5	Só tralega (entrar/sair)	6	Secar roupa	7		

Por favor, pense honestamente a respeito das afirmações sobre o seu bairro e as atividades realizadas e responda se concorda ou não concorda.

Concordo muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo muito
----------------	----------	---------------------------	----------	----------------

Marcação e personalização dos espaços

67. Os moradores costumam cuidar dos jardins ou espaços nas frentes dos seus edifícios ou casas.	1	2	3	4	5
68. Os jardins ou espaços nas frentes dos edifícios ou casas são bonitos.	1	2	3	4	5

Controle territorial e segurança

69. Os edifícios e as casas ficam mais seguros quando tem grades e muros na frente.	1	2	3	4	5
70. As grades e os muros na frente dos edifícios e das casas deixam o bairro mais bonito.	1	2	3	4	5
71. Grades e muro na frente dos edifícios e das casas dão mais privacidade para os moradores.	1	2	3	4	5

Equipamentos do bairro

72. A quantidade de edifícios de escritório que existe no lugar onde moro é adequada à vida dos moradores do local.	1	2	3	4	5
73. Não gosto da quantidade de equipamentos institucionais (hospitais, postos policiais, prédios universitários, prédios administrativos) que existem no lugar onde moro.	5	4	3	2	1
74. Utilizo bastante o comércio básico e os serviços (mercadinhos, lotéricas, xerox, sapatarias, farmácias) do lugar onde moro.	1	2	3	4	5
75. Quando preciso comprar alguma coisa vou até um shopping.	1	2	3	4	5
76. Quando preciso comprar alguma coisa vou até um supermercado.	1	2	3	4	5
77. As crianças costumam utilizar as praças e os parques do lugar onde moro.	1	2	3	4	5
78. Uma coisa boa do lugar onde moro é que as crianças têm escolas e creches acessíveis.	1	2	3	4	5
79. No lugar onde moro, existem praças e parques onde posso ir a pé.	1	2	3	4	5
80. Não costumo ir aos locais de lazer existentes no lugar onde moro.	5	4	3	2	1

ANEXO F2 - QUESTIONÁRIO

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

100. Qual o local de estudo dos seus filhos? (por favor, indique o nome da escola e indique no mapa quando possível).

Em outra cidade Em outro bairro No mesmo bairro Não tem filhos ou filhos não estudam

101. Você costuma participar de algumas das seguintes atividades (não é preciso que aconteçam dentro do bairro):

A associação de moradores Comunidade religiosa (igreja, centros sinagoga ou semelhantes) Clube social ou esportivo (clube, academia ou semelhantes) Trabalho voluntário em ONGs ou assemblhados Nenhuma dessas

102. Indique o nome do local e o endereço da(s) atividade(s) que indicou na questão anterior, e, quando for possível, aponte o local no mapa.

Pense nas atividades que você costuma realizar e indique se concorda ou discorda das seguintes afirmativas:

	Concordo muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo muito
103. Vou ao mercado do lugar onde moro (rua onde moro e áreas/ruas vizinhas) para as compras diárias.	1	2	3	4
104. Quando estou no bairro, eu passo a maior parte do tempo dentro de casa.	1	2	3	4
105. Costumo caminhar pelas ruas do bairro (tanto para exercício quanto lazer).	1	2	3	4
106. Sempre que posso, utilizo as praças / parques do bairro.	1	2	3	4
107. Vou ao cinema no meu bairro.	1	2	3	4
108. Costumo frequentar bares e restaurantes no meu bairro.	1	2	3	4
109. Nos fins de semana, fico nas calçadas do bairro (desansando, caminhando ou conversando com amigos ou conhecidos).	1	2	3	4
110. Nos fins de semana fico sempre em casa.	1	2	3	4
111. Normalmente, faço as compras de mercado em outros bairros.	1	2	3	4
112. A maior parte das coisas que faço são fora do bairro.	1	2	3	4
113. Não costumo ficar no bairro nos fins de semana.	5	4	3	2
114. Não costumo ficar em Porto Alegre nos fins de semana.	5	4	3	2

Uso do centro.

115. Eu vou ao centro para buscar serviços (ex: produtos, objetos, médicos, dentistas) que faltam no bairro.	1	2	3	4	5
116. Eu vou ao centro para passear (visitar amigos, locais de lazer, olhar vitrines).	1	2	3	4	5
117. Eu raramente vou ao centro.	1	2	3	4	5

Indique um local que você costuma utilizar com frequência para cada uma das seguintes atividades. Por favor, indique o nome, endereço do local e aponte no mapa, quando possível. (O lugar não precisa ser no seu bairro).

118. Compras diárias	
119. Compras diversas	
120. Esporte	
121. Lazer diurno	
122. Lazer noturno	

81. É fácil ir até hospitais ou posto de saúde na minha casa.	1	2	3	4	5
82. Não existe comércio ou serviços próximos a minha casa.	5	4	3	2	1
83. Não gosto de ir aos locais de comércio e serviços ou praças e parques do bairro por causa das pessoas que costumam utilizá-los (por favor, se for possível, identifique no mapa).	5	4	3	2	1

84. A vista da janela da minha casa é...

Muito agradável Agráável Nem agradável nem desagradável Desagradável Muito desagradável

85. Da janela de onde você mora é possível ver (marque mais de uma alternativa quando for o caso):

O movimento de pessoas nas calçadas Praças e parques Edifícios e casas Áreas vazias e desocupadas A ou as casas Outro

INTERAÇÃO SOCIAL NA VIZINHANÇA

Atos de apoio mútuo na vizinhança.

	Concordo muito	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo muito
86. Gosto dos moradores do lugar onde moro (rua onde moro e áreas/ruas vizinhas).	1	2	3	4	5
87. Acho que os moradores do lugar onde moro são parecidos.	1	2	3	4	5
88. Se eu precisar de um pouco de companhia, eu posso ir até um vizinho conhecido.	1	2	3	4	5
89. Eu tenho feito novos amigos vivendo nesse bairro.	1	2	3	4	5
90. O barulho que meus vizinhos fazem pode ser um grande problema.	1	2	3	4	5
91. Me irrito com meus vizinhos com frequência.	1	2	3	4	5
92. Nunca me senti realmente seguro no lugar onde moro.	5	4	3	2	1
93. Gosto muito da minha residência.	1	2	3	4	5
94. Não me sinto em casa nessa vizinhança.	5	4	3	2	1
95. Eu teria mais contato com amigos e família se eu morasse em outra parte da cidade.	1	2	3	4	5

Leões: íntimos ou de amizade com os vizinhos.

96. Com quantos dos seus vizinhos você costuma conversar ou cumprimentar quando encontra na rua?

Vários (mais de 10 vizinhos) Alguns (7 a 9 vizinhos) Poucos (3 a 6 vizinhos) Muito poucos (1 ou 2 vizinhos) Nenhum

INFORMAÇÕES SOBRE ATIVIDADES E LUGARES FREQUENTADOS

Atividades e lugares usados:

97. Qual o local do seu trabalho? (por favor, informe o endereço e indique no mapa se for possível).

Em outra cidade <input type="checkbox"/>	Em outro bairro <input type="checkbox"/>	O mesmo bairro <input type="checkbox"/>	Em casa <input type="checkbox"/>	No centro <input type="checkbox"/>	Não trabalha <input type="checkbox"/>
Até 15 min <input type="checkbox"/>	15 a 30 min <input type="checkbox"/>	30 a 45 min <input type="checkbox"/>	45 a 60 min <input type="checkbox"/>	Mais de 1 h <input type="checkbox"/>	Não trabalha <input type="checkbox"/>

99. Que transporte você costuma utilizar?

A pé Bicicleta/moto Ônibus Lotação Carro ou táxi

ANEXO F2 - QUESTIONÁRIO

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

Características sócio-demográficas: A última etapa da pesquisa serve para definir quem são os moradores do bairro. Começando por você, cite todos os moradores da sua residência (não indique os nomes, use, por exemplo, pai, mãe, filho, avô) indicando sexo, faixa etária, estado civil, nível educacional e profissão / ocupação. Para responder as questões sobre faixa etária, estado civil e nível educacional, utilize a legenda junto a tabela.

123	124		125		126		127		128
	Sexo	Faixa etária	Estado Civil	Nível educacional	Profissão ou Ocupação				
	1 Masculino	1 Menos de 10 anos	1 Casado	1 Nunca foi à escola					
	2 Feminino	2 De 11 a 18 anos	2 Solteiro	2 1º grau incompleto					
		3 De 19 a 40 anos	3 Viúvo	3 1º grau completo					
		4 De 41 a 60 anos		4 2º grau incompleto					
		5 Mais de 61 anos		5 2º grau completo					
				6 Universitário Incompl.					
				7 Universitário completo					
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									

129. Por gentileza, indique a faixa que melhor representa a sua renda familiar.

- Até R\$ 350,00 1
- R\$ 350,00 até R\$ 700,00 2
- R\$ 701,00 até R\$ 1.750,00 3
- R\$ 1.751,00 até R\$ 2.625,00 4
- R\$ 2.626,00 até R\$ 4.375,00 5
- R\$ 4.376,00 até R\$ 6.125,00 6
- R\$ 6.126,00 até R\$ 7.875,00 7
- R\$ 7.876,00 até R\$ 9.625,00 8
- R\$ 9.626,00 até R\$ 13.125,00 9
- Mais de R\$ 13.125,00 10

Muito obrigada pela sua contribuição.
 Sua participação foi realmente importante para a realização desse trabalho.

Paula Silva Gambini - Arquiteta e Urbanista

ANEXO F3 – QUESTIONÁRIO COM SÍNTESE DE FREQUÊNCIAS

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

1. N° questionário	2. Data	3. Área de estudo		4. Sexo		5. Morador		
194 questionários no total	Do dia 22 de outubro até 1 de dezembro de 2006		Hab social	Bairro	Feminino	Masculino	Habitação social	Bairro
		A1 (33,5%)	30 resp.	35 resp.	113 resp. (58,2%)	81 resp. (41,8%)	91 resp. (46,9%)	103 resp. (53,1%)
		A2 (34,5%)	30 resp.	37 resp.				
		A3 (32%)	31 resp.	31 resp.				

APRESENTAÇÃO

Prezado Morador(a),

Esta pesquisa faz parte de um estudo que busca entender como os espaços residenciais satisfazem às necessidades dos diferentes grupos de pessoas que moram dentro do mesmo bairro na cidade e como esses grupos se relacionam no bairro. O objetivo deste questionário é saber o que o(a) senhor(a) pensa da aparência física do seu bairro, dos equipamentos e infraestrutura existente e dos moradores locais. Também é interesse entender como utiliza os espaços do bairro e como se relaciona com os moradores locais.

Para descobrir essas informações preciso da sua ajuda. Por isso, gostaria que completasse o questionário a seguir, indicando a opção que corresponde melhor à sua opinião. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas, o que interessa é a sua opinião sincera.

Gostaria que soubesse que o uso deste questionário é acadêmico. Todas as informações ditas aqui são confidenciais e os respondentes do questionário não serão identificados.

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O ENTREVISTADO

Gostaria de algumas informações gerais sobre as moradia. Por favor, me diga:

6. Em que bairro você mora?

- | | | |
|---|---|---|
| <input type="checkbox"/> 1 Bairro Azenha | <input type="checkbox"/> 4 Bairro Bom Fim | <input type="checkbox"/> 7 Bairro Jardim Botânico |
| <input type="checkbox"/> 2 Bairro Partenon | <input type="checkbox"/> 5 Bairro Petrópolis | <input type="checkbox"/> 8 Bairro Santana |
| <input type="checkbox"/> 3 Bairro Santa Cecília | <input type="checkbox"/> 6 Bairro Santo Antônio | <input type="checkbox"/> 9 Outro _____ |

7. Há quanto tempo você mora nesse bairro?

	Área 1		Área 2		Área 3	
	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social
Tempo de moradia por grupo de morador	93,3% > 15 anos	40,0% > 15 anos 31,4% - 5 a 15 anos 20% - 2 a 5 anos	40,0% > 15 anos 60,0% - 5 a 15 anos	43,2% > 15 anos 43,2% - 5 a 15 anos	16,1% - 1 a 2 anos 77,4% < 1 ano	58,1% > 15 anos 35,5% - 5 a 15 anos

8. Qual o nome da sua rua? Identifique seu local de residência no mapa, por favor.

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A SATISFAÇÃO COM O LUGAR ONDE MORA

Identifique o GRAU DE IMPORTÂNCIA das características e atividades listadas abaixo de acordo com o que você acha necessário existir no lugar onde mora (rua onde você mora e áreas/ruas vizinhas) para que esteja satisfeito em morar nele.

Diferenças quanto às preferências do ambiente.

++ Muito Importante; + Muito Importante; +/- Mais Ou Menos Importante; - Pouco Importante; -- Não É Importante

		Área 1		Área 2		Área 3	
		Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro
9.	Aparência das calçadas.	90,0% (27) ++OU+	91,4% (32) ++OU+	100% (30) ++OU+	85,7% (33) ++OU+	90,3% (28) ++	87,1% (27) ++OU+
10.	Presença de vegetação (arborização).	90,0% (27) ++OU+	91,4% (32) ++OU+	86,6% (26) ++OU+	97,2% (35) ++OU+	87,1% (27) ++OU+	93,5% (29) ++OU+
11.	Iluminação pública.	100% (30) ++OU+	100% (35) ++OU+	100% (30) ++OU+	100% (33) ++OU+	100% (10) ++OU+	100% (31) ++OU+
12.	Facilidade de transporte (proximidade com pontos de ônibus, lotação ou táxi).	100% (30) ++OU+	100% (35) ++OU+	100% (30) ++OU+	97,3% (36) ++OU+	100% (31) ++OU+	93,6% (29) ++OU+

ANEXO F3 – QUESTIONÁRIO COM SÍNTESE DE FREQUÊNCIAS

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

(continuação) Diferenças quanto às preferências do ambiente.

		Área 1		Área 2		Área 3	
		Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro
13	Proximidade de avenidas de fluxo rápido.	73,4% (22)++ou+ 10,0% (3) +/- 16,7% (5) --ou-	65,9% (25) ++ou+ 11,4% (4) +/- 22,9% (8) --ou-	46,7% (17) ++ou+ 13,3% (8) +/- 30,0% (17) --ou-	54,0% (20) ++ou+ 27% (10) +/- 18,9% (7) --ou-	61,3% (19)++ou+ 16,1% (5) +/- 22,6% (7) --ou-	48,4% (15) ++ou+ 32,3% (10) +/- 19,4% (6) --ou-
14.	Movimento de pessoas nas ruas.	43,4% (13) ++ou+ 33,3% (10) +/- 23,3% (7) --ou-	54,3% (19) ++ou+ 28,6% (10) +/- 16,1% (6) --ou-	36,6% (11) ++ou+ 26,7% (8) +/- 36,7% (11) --ou-	41,7% (15) ++ou+ 33,3% (12) +/- 25% (7) --ou-	51,6% (16) ++ou+ 29,0% (9) +/- 19,3% (6) --ou-	45,2% (16) ++ou+ 32,3% (10) +/- 22,6% (7) --ou-
15.	Aparência dos edifícios.	73,3% (22) ++ou+ 6,7% (2) +/- 20,0% (6) --ou-	77,2% (27)++ou+ 8,6% (3) +/- 14,3% (5) --ou-	70% (21) ++ou+ 13,3% (4) +/- 16,6% (5) --ou-	78,4% (29) ++ou+ 10,8% (4) +/- 10,8% (4) --ou-	77,4% (24) ++ou+ 9,7% (3) +/- 12,9% (4) --ou-	83,9% (26) ++ou+ 9,7% (3) +/- 6,4% (2) --ou-
16.	Manutenção dos edifícios.	96,7% (29) ++ou+	91,4% (32) ++ou+	96,7% (29) ++ou+	89,2% (33) ++ou+	96,7% (30) ++ou+	87,1% (27) ++ou+
17.	Predominância de casas (mais casas que edifícios).	30% (9) ++ou+ 10% (3) +/- 60,0% (18) --ou-	25,8% (9)++ou+ 25,7% (9) +/- 48,5% (17) --ou-	20% (8) ++ou+ 6,7% (2) +/- 73,3% (22) --ou-	45,9% (17) ++ou+ 29,7% (11) +/- 24,3% (9) --ou-	32,3% (10) ++ou+ 3,2% (1) +/- 64,5% (20) --ou-	28,7% (12) ++ou+ 3,2% (1) +/- 58,1% (18) --ou-
18.	Proximidade de comércio e serviços básicos .	96,7% (29) ++ou+	94,3% (33) ++ou+	100% (30) ++ou+	89,2% (33) ++ou+	93,6% (29) ++ou+	87,1% (27) ++ou+
19.	Proximidade de equipamentos educacionais (creche e escolas).	96,6% (29) ++ou+	71,4% (25)++ou+ 8,6% (3) +/- 20% (9) --ou-	100% (30) ++ou+	70,2% (26) ++ou+ 10,8% (4) +/- 18,9% (7) --ou-	100% (31) ++ou+	77,5% (12) ++ou+ 12,9% (1) +/- 9,7% (3) --ou-
20.	Proximidade de equipamentos de saúde (hospitais e postos de saúde).	100% (30) ++ou+	97,1% (34)++ou+	100% (30) ++ou+	78,4% (29) ++ou+ 10,8% (4) +/- 10,8% (4) --ou-	100% (31) ++ou+	77,5% (12) ++ou+ 12,9% (1) +/- 9,7% (3) --ou-
21.	Proximidade de equipamentos de segurança (posto de polícia, delegacia).	96,7% (29) ++ou+	84,7% (30)++ou+ 14,3% (5) +/-	83,4% (25) ++ou+ 3,3% (1) +/- 13,4% (4) --ou-	88,3% (29) ++ou+ 13,5% (5) +/- 8,1% (3) --ou-	96,8% (30) ++ou+	83,9% (26) ++ou+ 6,5% (2) +/- 9,7% (3) --ou-
22.	Proximidade de praças e parques.	76,7% (23) ++ou+ 10% (3) +/- 6,7% (2) --ou-	82,9% (19) ++ou+ 8,6% (3) +/- 8,6% (3) --ou-	90,0% (27) ++ou+ 6,7% (2) +/- 3,3% (1) --ou-	81,1% (30) ++ou+ 8,1% (3) +/- 10,8% (4) --ou-	74,2% (16) ++ou+ 6,5% (2) +/- 18,3% (6) --ou-	77,5% (24) ++ou+ 12,9% (4) +/- 9,7% (3) --ou-
23.	Proximidade de equipamentos de lazer (cinema, teatro, centro cultural).	60% (18) ++ou+ 13,3% (4) +/- 26,6% (8) --ou-	48,5% (17) ++ou+ 17,1% (6) +/- 34,3% (3) --ou-	70% (21) ++ou+ 6,7% (2) +/- 23,3% (7) --ou-	51,3% (19) ++ou+ 29,7% (11) +/- 18,9% (7) --ou-	61,3% (19) ++ou+ 6,5% (2) +/- 32,3% (10) --ou-	51,6% (16) ++ou+ 25,8% (8) +/- 22,6% (7) --ou-
24.	Proximidade de supermercados.	100% (30) ++ou+	91,4 (32) ++ou+	100% (30) ++ou+	91,9% (34) ++ou+	100% (30) ++ou+	83,9% (30) ++ou+ 12,9% (4) +/-
25.	Proximidade de shopping centers.	56,6% (17) ++ou+ 10% (3) +/- 33,3% (10) --ou-	37,1% (13) ++ou+ 25,7% (9) +/- 37,1% (13) --ou-	36,3% (14) ++ou+ 16,7% (5) +/- 36,7% (11) --ou-	35,7% (13) ++ou+ 27% (10) +/- 37,8% (14) --ou-	64,5% (20) ++ou+ 3,2% (1) +/- 32,3% (10) --ou-	35,5% (11) ++ou+ 29% (9) +/- 25,5% (11) --ou-
26.	Proximidade do Centro.	90% (27) ++ou+	50% (17) ++ou+ 26,5% (9) +/- 23,5% (8) --ou-	66,7% (20) ++ou+ 10% (3) +/- 23,3% (7) --ou-	37,8% (14) ++ou+ 21,6% (8) +/- 40,5% (15) --ou-	80,6% (25) ++ou+ 19,3% (6) --ou-	48,4% (15) ++ou+ 6,5% (2) +/- 45,2% (14) --ou-
27.	Segurança no lugar onde mora.	100% (30) ++ou+	97,1% (34) ++ou+	100% (30) ++ou+	97,3% (35) ++ou+	100% (31) ++ou+	100% (31) ++ou+
28.	Moradores presentes no lugar onde mora.	86,6% (26) ++ou+ 3,3% (1) +/- 10% (3) --ou-	77,6% (27) ++ou+ 5,7% (2) +/- 17,2% (6) --ou-	56,6% (17) ++ou+ 13,3% (4) +/- 30% (9) --ou-	81,1% (30) ++ou+ 16,2% (6) +/- 2,7% (1) --ou-	45,2% (14) ++ou+ 9,7% (3) +/- 45,2% (14) --ou-	67,8% (21) ++ou+ 12,9% (4) +/- 19,3% (6) --ou-
29.	Relação com a vizinhança.	93,3% (28) ++ou+	91,4% (32) ++ou+	93,3% (28) ++ou+	81,1% (30) ++ou+ 10,8% (4) --ou-	87,1% (27) ++ou+ 12,9% (4) +/-	83,9% (26) ++ou+ 9,7% (3) +/-
30.	Existência de amigos ou familiares na vizinhança.	76,6% (23) ++ou+ 6,7% (2) +/- 16,7% (5) --ou-	54,3% (19) ++ou+ 17,1% (6) +/- 28,6% (10) --ou-	70% (21) ++ou+ 3,3% (1) +/- 26,7% (8) --ou-	59,2% (22) ++ou+ 24,3% (9) +/- 16,2% (6) --ou-	74,2% (33) ++ou+ 25,9% (8) --ou-	51,6% (16) ++ou+ 22,6% (7) +/- 25,8% (6) --ou-

ANEXO F3 – QUESTIONÁRIO COM SÍNTESE DE FREQUÊNCIAS

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

31. Como você se sente em relação ao lugar onde mora (rua onde mora e áreas/ruas vizinhas)?

	Área 1 (65 respondentes)		Área 2 (67 respondentes)		Área 3 (62 respondentes)	
	Morador da habitação social (30 respondentes)	Morador do bairro (35 respondentes)	Morador da habitação social (30 respondentes)	Morador do bairro (37 respondentes)	Morador da habitação social (31 respondentes)	Morador do bairro (31 respondentes)
Muito insatisfeito ou insatisfeito	2 (6,7%)	5 (14,3%)	2 (6,7%)	1 (2,7%)	3 (9,7%)	0
Nem satisfeito nem insatisfeito	1 (3,3%)	5 (14,3%)	5 (16,7%)	3 (8,1%)	11 (35,5%)	4 (12,9%)
Muito satisfeito ou satisfeito	27 (90,0%)	25 (71,4%)	23 (76,7%)	33 (89,2%)	17 (54,8%)	44 (71,0%)

32. Você poderia indicar os dois motivos mais importantes para a sua resposta (anterior) quanto à satisfação ou insatisfação com o lugar onde você mora?

Motivos para satisfação ou insatisfação*	Área 1		Área 2		Área 3	
	Morador da habitação social (30 respondentes)	Morador do bairro (35 respondentes)	Morador da habitação social (30 respondentes)	Morador do bairro (37 respondentes)	Morador da habitação social (31 respondentes)	Morador do bairro (31 respondentes)
Aparência das calçadas	9 (22,86%)	-	-	-	-	-
Facilidade de transporte	13 (20% de 65 respondentes)	9 (22,86%)	5 (7,5% de 67 respondentes)	-	3 (4,5% de 62 respondentes)	10 (32,26%)
Movimento de pessoas nas ruas	7 (23,33%)	16 (24,6% de 65 respondentes)	11 (36,67%)	13 (19,4% de 67 respondentes)	9 (29,03%)	19 (30,6% de 62 respondentes)
Próximo comércio e serviços básicos	-	-	-	9 (24,32)	5 (16,13%)	6 (19,35%)
Proximidade de equipamentos educacionais	5 (7,7% de 65 respondentes)	10 (14,9% de 67 respondentes)	10 (14,9% de 67 respondentes)	-	11 (17,7% de 62 respondentes)	15 (48,39%)
Proximidade de equipamentos de saúde	10 (33,33%)	19 (54,29%)	11 (36,67%)	-	12 (38,71%)	15 (48,39%)
Proximidade de supermercados	29 (44,6% de 65 respondentes)	14 (20,9% de 67 respondentes)	8 (26,67%)	-	27 (43,5% de 62 respondentes)	-
Proximidade do Centro	5 (7,7% de 65 respondentes)	10 (14,9% de 67 respondentes)	3 (4,5% de 62 respondentes)	-	7 (22,58%)	8 (25,81%)
Boa relação com vizinhos	6 (20%)	11 (31,43%)	7 (23,33%)	-	7 (22,58%)	8 (25,81%)
Segurança no lugar onde mora	17 (26,2% de 65 respondentes)	9 (13,4% de 67 respondentes)	15 (24,2% de 62 respondentes)	-	15 (24,2% de 62 respondentes)	-
Heterogeneidade percebida em função de:	-	-	14 (46,67%)	-	-	6 (19,35%)
Tipos de edificações	-	-	17 (25,4% de 67 respondentes)	-	7 (11,3% de 62 respondentes)	-
Material construtivo das edificações	8 (26,67%)	7 (20%)	6 (20%)	-	11 (35,48%)	-
Cores das fachadas	15 (23,1% de 65 respondentes)	9 (13,4% de 67 respondentes)	9 (13,4% de 67 respondentes)	-	14 (22,6% de 62 respondentes)	-
Manutenção das edificações	8 (26,67%)	-	5 (16,67%)	16 (43,24%)	-	12 (38,71%)
Tipo de entrada (recuo de jardim)	11 (16,9% de 65 respondentes)	21 (31,34% de 67 respondentes)	13 (20,96% de 62 respondentes)	-	13 (20,96% de 62 respondentes)	-
Presença de árvores e vegetação nas ruas	6 (20%)	6 (17,14%)	-	-	6 (19,35%)	-
Manutenção das calçadas	12 (18,5% de 65 respondentes)	6 (9,0%)	6 (9,0%)	-	9 (14,5% de 62 respondentes)	-
O lugar onde moro é homogêneo	-	-	-	-	-	-

Percepção de homogeneidade do ambiente físico.

33. Você identifica diferenças no lugar onde mora em relação a que características (marque mais de uma alternativa quando for o caso)?

Heterogeneidade percebida em função de:	Área 1		Área 2		Área 3	
	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro
Tipos de edificações	53,3%	65,7%	30%	43,2%	22,6%	19,4%
Material construtivo das edificações	20%	20%	6,7%	10,8%	3,2%	-
Cores das fachadas	26,7%	25,7%	16,7%	2,3%	19,4%	8,5%
Manutenção das edificações	43,3%	51,4%	20%	21,6%	35,5%	38,7%
Tipo de entrada (recuo de jardim)	20%	28,6%	26,7%	27%	25,8%	19,4%
Presença de árvores e vegetação nas ruas	26,7%	48,6%	43,3%	37,8%	25,8%	32,3%
Manutenção das calçadas	33,3%	28,6%	36,7%	16,2%	12,9%	22,6%
O lugar onde moro é homogêneo	40%	20%	36,7%	29,7%	32,3%	35,5%

34. Quando você está retornando para sua casa, você tem a sensação de ter chegado "em casa" quando está... (por favor, indique no mapa).

Limites do lugar de moradia	Área 1		Área 2		Área 3	
	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro
Limites do bairro	33,3%	34,3%	40%	29,7%	35,5%	38,7%
Ruas vizinhas	26,7%	34,3%	26,7%	37,8%	6,5%	12,9%
Quarteirão de moradia	20%	14,3%	13,3%	21,6%	3,2%	19,4%
Em frente à moradia	0	8,6%	13,3%	8,1%	22,6%	9,7%
Dentro de casa	20%	8,6%	6,7%	2,7%	32,3%	19,4%

ANEXO F3 – QUESTIONÁRIO COM SÍNTESE DE FREQUÊNCIAS

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

35. Se você tivesse de se mudar, onde você gostaria de morar?

O mesmo bairro. Outro bairro. Qual? _____

Percepção da homogeneidade dos moradores.

Indique se concorda ou discorda da seguinte afirmativa:

C – CONCORDO	C/D – NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	D – DISCORDO
--------------	---------------------------------	--------------

		Área 1						Área 2						Área 3					
		Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro		
		C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D
36.	Acho que existem certas pessoas que não se encaixam no lugar onde moro.	70%	6,7%	23,3%	42,9%	22,9%	34,3%	63,3%	13,3%	23,3%	32,4%	35,1%	32,4%	80,6%	6,5%	12,9%	64,5%	6,5%	2,9%
37.	Onde moro (rua onde mora e áreas/ruas vizinhas) tem alguns lugares que são usados apenas por um grupo ou outro de moradores.	66,7%	-	33,3%	42,9%	8,6%	48,6%	63,3%	6,7%	30%	35,1%	27%	37,8%	80,6%	3,2%	16,1%	45,2%	3,2%	51,6%
38.	Eu me sinto muito à vontade de frequentar todos os lugares e equipamentos (praças, comércio, serviços) do bairro.	80%	3,3%	16,7%	82,9%	5,7%	11,4%	96,7%	-	3,3%	64,9%	10,8%	24,3%	93,5%	6,5%	-	77,4%	9,7%	12,9%
39.	Eu costumo usar os espaços próximos à minha residência (entrada moradia ou na calçada) para conversar c/ vizinhos.	60%	3,3%	36,7%	60%	2,9%	37,1%	60%	16,7%	23,3%	56,8%	5,4%	37,8%	35,5%	-	64,5%	25,8%	2,9%	45,2%
40.	Não gosto de ficar observando o movimento da calçada.	58,7%	3,3%	40%	40%	14,3%	45,7%	50%	10%	40%	43,2%	21,8%	35,1%	58,1%	19,4%	22,6%	67,7%	6,5%	25,8%

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O ESPAÇO FÍSICO DO BAIRRO EM GERAL

Por favor, pense honestamente a respeito das afirmações sobre o lugar onde você mora (rua onde mora e áreas/ruas vizinhas) e as atividades realizadas e responda se concorda ou não concorda:

C – CONCORDO	C/D – NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	D – DISCORDO
--------------	---------------------------------	--------------

Quadras (dimensão, nº de acessos privados).

		Área 1						Área 2						Área 3					
		Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro		
		C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D
41.	As quadras têm um tamanho adequado e por isso acho agradável caminhar por elas.	93,3%	-	6,7%	85,7%	8,6%	5,7%	73,3%	6,7%	20%	78,4%	8,1%	13,5%	93,5%	3,2%	3,2%	77,4%	9,7%	12,9%
42.	Não sei se as quadras têm tamanho adequado porque não costumo andar a pé.	3,3%	3,3%	93,3%	2,9%	2,9%	94,3%	6,7%	6,7%	86,7%	5,4%	8,1%	86,5%	3,2%	6,5%	93,3%	12,9%	3,2%	83,9%
43.	Utilizo o carro para ir aos lugares que preciso, sejam eles próximos ou distantes.	13,3%	3,3%	83,3%	25,7%	2,9%	71,4%	16,7%	6,7%	76,7%	45,9%	16,2%	37,8%	9,7%	3,2%	87,1%	22,6%	9,7%	67,7%
44.	É seguro andar pelo bairro porque há sempre o movimento de moradores entrando ou saindo dos edifícios ou casas.	76,7%	3,3%	20%	54,3%	20%	25,7%	56,7%	6,7%	36,7%	29,7%	16,2%	54,1%	58,1%	22,6%	19,4%	64,5%	12,9%	22,6%

ANEXO F3 – QUESTIONÁRIO COM SÍNTESE DE FREQUÊNCIAS

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

Calçadas (dimensões, aparência, manutenção, uso, iluminação, equipamentos e mobiliário).

		Área 1						Área 2						Área 3					
		Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro		
		C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D
45.	As calçadas têm largura adequada para a quantidade de pessoas que as utilizam.	66,7%	20%	13,3%	77,1%	11,4%	11,4%	76,7%	16,7%	6,7%	100%	-	-	74,2%	22,6%	3,2%	74,2%	12,9%	12,9%
46.	As crianças costumam brincar nas calçadas.	83,3%	6,7%	10%	51,4%	8,6%	40%	63,3%	6,7%	30%	24,3%	13,5%	62,2%	22,6%	9,7%	67,7%	9,7%	12,9%	77,4%
47.	As calçadas do bairro têm uma aparência legal.	50%	30%	20%	37,1%	22,9%	40%	46,7%	40%	13,3%	48,6%	29,7%	21,6%	58,1%	38,7%	3,2%	16,1%	35,5%	48,4%
48.	Os moradores não costumam manter e limpar as calçadas (consertando alguma coisa ou plantando árvores e flores).	46,7%	30%	23,3%	34,3%	22,9%	42,9%	33,3%	40%	26,7%	21,6%	16,2%	62,2%	22,6%	32,3%	45,2%	29%	19,4%	51,6%
49.	As ruas não são bem iluminadas à noite.	53,3%	30%	16,7%	45,7%	22,9%	31,4%	20%	46,7%	33,3%	45,9%	24,3%	29,7%	25,8%	29%	45,2%	35,9%	29%	35,5%
50.	As ruas do lugar onde moro são bem equipadas, existem telefones públicos, lixeiras e caixas de correio.	36,7%	23,3%	40%	34,3%	11,4%	54,3%	40%	23,3%	36,7%	18,9%	27%	54,1%	41,9%	29%	29%	32,3%	19,4%	48,4%

Vegetação

		Área 1						Área 2						Área 3					
		Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro		
		C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D
51.	As árvores e a vegetação existentes são um dos aspectos mais bonitos do lugar onde moro.	83,3%	10%	6,7%	54,3%	25,7%	20%	86,7%	10%	33%	86,5%	13,5%	-	64,5%	22,6%	12,9%	67,7%	6,5%	25,8%
52.	Gosto muito de caminhar pelas ruas arborizadas do lugar onde moro.	93,3%	6,7%	-	74,3%	8,6%	17,1%	86,7%	-	13,3%	81,1%	8,1%	10,8%	74,2%	16,1%	9,7%	74,2%	6,5%	19,4%

Segurança e uso.

		Área 1						Área 2						Área 3					
		Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro		
		C	C/D	D	C	N/D	D	C	N/D	D	C	N/D	D	C	N/D	D	C	N/D	D
53.	O lugar onde moro é inseguro por isso não gosto de caminhar pelas suas ruas.	20%	10%	70%	14,5%	28,6%	57,1%	30%	23,3%	46,7%	37,8%	21,6%	40,5%	38,7%	19,4%	41,9%	38,7%	19,4%	41,9%
54.	Não gosto de passar por certos lugares de onde moro porque são inseguros. (Indique no mapa os lugares inseguros, quando existirem).	63,3%	3,3%	33,3%	71,4%	2,9%	25,7%	73,3%	-	26,7%	62,2%	13,5%	24,3%	83,9%	-	16,1%	77,4%	6,5%	16,1%

Fluxo de veículos.

		Área 1						Área 2						Área 3					
		Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro		
		C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D
55.	O fluxo de veículos nas ruas dificulta as caminhadas no lugar onde moro.	36,7%	10%	53,3%	20%	11,4%	68,6%	30%	3,3%	66,7%	21,6%	8,1%	70,3%	64,5%	3,2%	32,3%	29,0%	16,1%	54,8%
56.	Sinalização e faixas de trânsito existentes no lugar onde moro não são suficientes para dar segurança às pessoas que caminham nas ruas.	63,3%	13,3%	23,3%	22,9%	20%	57,1%	56,7%	0%	43,3%	37,8%	8,1%	54,1%	41,9%	3,2%	54,8%	32,3%	6,5%	61,3%

ANEXO F3 – QUESTIONÁRIO COM SÍNTESE DE FREQUÊNCIAS

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

Aparência das edificações.

		Área 1						Área 2						Área 3					
		Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro		
		C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D
57.	Os edifícios e as casas do lugar onde moro são bonitos.	63,3%	30%	6,7%	42,9%	34,3%	22,9%	90%	6,7%	3,3%	62,2%	35,1%	2,7%	64,5%	35,5%	-	32,3%	38,7%	29%
58.	Os moradores costumam pintar e fazer a conservação dos edifícios e das casas no lugar onde moro.	53,3%	36,7%	10%	54,3%	22,9%	22,9%	66,7%	33,3%	-	67,6%	27%	5,4%	51,6%	35,5%	12,9%	41,9%	41,9%	16,1%
59.	Existem áreas do lugar onde moro onde os edifícios ou as casas são muito bonitos. (Indique no mapa os lugares bonitos, quando existirem).	90%	-	10%	54,3%	14,3%	31,4%	100%	-	-	83,8%	5,4%	10,8%	67,7%	16,5%	25,8%	54,8%	9,7%	35,5%
60.	Existem áreas do bairro que não são bonito porque os moradores não cuidam dos edifícios e das casas. (Indique no mapa esses lugares, quando existirem).	80%	6,7%	23,3%	13,3%	17,1%	11,4%	83,3%	-	16,7%	48,6%	16,2%	35,1%	61,3%	-	38,7%	61,3%	3,2%	35,5%
61.	Gostaria que algumas áreas fossem modificadas porque os edifícios e as casas não combinam com o bairro. (Indique no mapa os esses lugares, quando existirem).	46,7%	-	53,3%	31,4%	11,4%	57,1%	26,7%	-	73,3%	21,6%	18,9%	59,5%	29%	-	71%	51,6%	9,7%	38,7%
62.	Não gosto da mistura de estilos de edifícios e de casas no lugar onde moro.	23,3%	13,3%	63,3%	14,3%	14,3%	71,4%	6,7%	6,7%	86,7%	13,5%	24,3%	62,2%	12,9%	3,2%	83,9%	9,7%	9,7%	80,6%
63.	Acho que existem muitos edifícios e casas antigas no bairro.	50%	16,7%	33,3%	37,1%	11,4%	51,4%	50%	10%	40%	40,5%	18,9%	40,5%	64,5%	6,5%	29%	77,4%	9,7%	12,9%
64.	Gostaria que o meu edifício ou casa fosse diferente para ficar mais parecido com o bairro.	46,7%	10%	43,3%	28,6%	5,7%	65,7%	16,7%	-	83,3%	10,8%	8,1%	81,1%	45,2%	-	54,8%	25,8%	6,5%	67,7%

Posição da edificação no lote

		Área 1						Área 2						Área 3					
		Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro		
		C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D
65.	Gosto da posição do meu edifício ou casa em relação à calçada ou rua (posição do edifício/casa no terreno).	60,0%	6,7%	33,3%	23,1%	-	86%	83,5%	13,3%	3,3%	89,2%	2,7%	8,1%	96,8%	-	3,2%	77,4%	6,5%	16,1%

66. Você costuma utilizar a área da frente da sua casa ou edifício para (marque mais de uma alternativa quando for o caso):

Uso dos espaços semipúblicos	Área 1						Área 2						Área 3					
	Morador da habitação social		Morador do bairro		Morador da habitação social		Morador do bairro		Morador da habitação social		Morador do bairro		Morador da habitação social		Morador do bairro			
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não		
Cuidar de jardins	13 (43,3%)	17 (56,7%)	13 (37,1%)	22 (62,9%)	13 (43,3%)	17 (56,7%)	19 (51,4%)	18 (48,6%)	4 (12,9%)	27 (87,1%)	11 (35,5%)	20 (64,5%)						
Brincadeiras de crianças	23 (76,7%)	7 (23,3%)	11 (31,4%)	24 (68,6%)	28 (93,3%)	2 (6,7%)	12 (32,4%)	25 (67,6%)	2 (6,5%)	29 (93,5%)	4 (12,9%)	27 (87,1%)						
Praticar esportes	13 (43,3%)	17 (56,7%)	13 (37,1%)	22 (62,9%)	21 (70,0%)	9 (30,0%)	2 (5,4%)	35 (94,6%)	0	31 (100%)	1 (3,2%)	30 (96,8%)						
Descansar	26 (86,7%)	4 (13,3%)	16 (45,7%)	19 (54,3%)	22 (73,3%)	8 (26,7%)	19 (51,4%)	18 (48,6%)	9 (29,0%)	22 (71,0%)	11 (35,5%)	20 (64,5%)						
Estacionar	10 (33,3%)	20 (66,7%)	9 (25,7%)	26 (74,3%)	21 (70%)	9 (30,0%)	11 (29,7%)	26 (70,3%)	0	31 (100%)	7 (22,6%)	24 (77,4%)						
Apenas como circulação	0	30 (100%)	13 (37,1%)	22 (62,9%)	1 (3,3%)	29 (96,7%)	8 (21,6%)	29 (78,4%)	22 (71%)	9 (29%)	12 (38,7%)	19 (61,3%)						
Secar roupa	21 (70%)	9 (66,7%)	0	35 (100%)	0	30 (100%)	0	36 (100%)	0	31 (100%)	1 (3,2%)	30 (96,8%)						

ANEXO F3 – QUESTIONÁRIO COM SÍNTESE DE FREQUÊNCIAS

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

Por favor, pense honestamente a respeito das afirmações sobre o seu bairro e as atividades realizadas e responda se concorda ou não concorda:

C – CONCORDO	C/D – NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	D – DISCORDO
--------------	---------------------------------	--------------

Marcação e personalização dos espaços

		Área 1						Área 2						Área 3					
		Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro		
		C	C/D	D	C	N/D	D	C	N/D	D	C	N/D	D	C	N/D	D	C	N/D	D
67.	Os moradores costumam cuidar dos jardins ou espaços nas frentes dos seus edifícios ou casas.	43,3%	26,7%	30%	68,6%	17,1%	14,3%	60%	33,3%	6,7%	86,5%	8,1%	5,4%	71%	19,4%	9,7%	71%	9,7%	19,4%
68.	Os jardins ou espaços nas frentes dos edifícios ou casas são bonitos.	40%	50%	10%	62,9%	28,6%	8,6%	80%	16,7%	3,3%	75,7%	21,6%	2,7%	58,1%	38,7%	3,2%	48,4%	25,8%	25,8%

Controle territorial e segurança

		Área 1						Área 2						Área 3					
		Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro		
		C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D
69.	Os edifícios e as casas ficam mais seguros quando têm grades e muros na frente.	93,3%	3,3%	3,3%	88,6%	8,6%	2,9%	73,3%	3,3%	23,3%	94,6%	5,4%	-	80,8%	3,2%	16,1%	96,8%	-	3,2%
70.	As grades e os muros na frente dos edifícios e das casas deixam o bairro mais bonito.	90%	3,3%	6,7%	60%	17,1%	22,9%	90%	3,1%	6,7%	73%	8,1%	18,9%	35,8%	3,2%	61,3%	71%	3,2%	25,8%
71.	Grades e muro na frente dos edifícios e das casas dão mais privacidade para os moradores.	56,7%	16,7%	26,7%	14,7%	20,6%	64,7%	23,3%	16,7%	60%	8,1%	13,5%	78,4%	41,9%	9,7%	48,4%	22,6%	16,1%	61,3%

Equipamentos do bairro

		Área 1						Área 2						Área 3					
		Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro		
		C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D
72.	A quantidade de edifícios de escritório que existe no lugar onde moro é adequada à vida dos moradores do local.	93,3%	3,3%	3,3%	77,1%	8,6%	14,3%	86,7%	-	13,3%	75,7%	18,9%	5,4%	74,2%	-	25,8%	77,4%	16,1%	6,5%
73.	Não gosto da quantidade de equipamentos institucionais (hospitais, postos policiais, prédios universitários, prédios administrativos) que existem no lugar onde moro.	-	6,7%	93,3%	8,6%	2,9%	88,6%	20%	3,3%	76,7%	18,9%	16,2%	64,9%	-	3,2%	96,8%	9,7%	6,5%	90,3%
74.	Utilizo bastante o comércio básico e os serviços (mercadinhos, lotéricas, xerox, sapatarias, farmácias) do lugar onde moro.	90%	3,3%	6,7%	82,9%	11,4%	5,7%	93,3%	-	6,7%	62,2%	8,1%	29,7%	90,3%	6,5%	3,2%	80,6%	12,9%	6,5%
75.	Quando preciso comprar alguma coisa vou até um shopping.	16,7%	13,3%	70%	28,6%	17,1%	54,3%	33,3%	10%	56,7%	58,3%	13,9%	27,8%	22,6%	6,5%	71%	19,4%	19,4%	61,3%
76.	Quando preciso comprar alguma coisa vou até um supermercado.	83,3%	3,3%	13,3%	72,7%	12,1%	15,2%	90%	10%	-	86,5%	10,8%	2,7%	90,3%	6,5%	3,2%	80,6%	6,5%	12,9%
77.	As crianças costumam utilizar as praças e os parques do lugar onde moro.	83,3%	6,7%	10%	82,9%	2,9%	14,3%	83,3%	10%	6,7%	40,5%	24,3%	18,9%	58,1%	22,6%	19,4%	41,9%	6,5%	51,6%

ANEXO F3 – QUESTIONÁRIO COM SÍNTESE DE FREQUÊNCIAS

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

(continuação) Diferenças quanto às preferências do ambiente.

		Área 1						Área 2						Área 3					
		Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro		
		C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D
78.	Uma coisa boa do lugar onde moro é que as crianças têm escolas e creches acessíveis.	93,3%	-	6,7%	74,3%	17,1%	8,6%	96,7%	3,3%	-	70,3%	24,3%	5,4%	90,3%	9,7%	-	74,2%	22,6%	3,2%
79.	No lugar onde moro, existem praças e parques onde posso ir a pé.	100%	-	-	91,4%	2,9%	5,7%	93,3%	3,3%	3,3%	83,3%	2,7%	13,5%	83,9%	12,9%	3,2%	93,5%	3,2%	3,2%
80.	Não costumo ir aos locais de lazer existentes no lugar onde moro.	33,3%	3,3%	63,3%	25,7%	2,9%	71,4%	26,7%	2,0%	53,3%	51,4%	10,8%	37,8%	41,9%	16,1%	41,9%	2,9%	19,4%	51,6%
81.	É fácil ir até hospitais ou posto de saúdes.	100%	-	-	100%	-	-	96,7%	-	3,3%	78,4%	10,8%	10,8%	96,8%	3,2%	-	100%	-	-
82.	Não existe comércio ou serviços próximos a minha casa.	3,3%	3,3%	93,3%	2,9%	2,9%	94,3%	2,0%	6,7%	73,3%	18,9%	13,5%	67,5%	-	6,5%	93,5%	3,2%	-	96,8%
83.	Não gosto de ir aos locais de comércio e serviços ou praças e parques do bairro por causa das pessoas que costumam utilizá-los (por favor, se for possível, identifique no mapa).	13,3%	6,7%	80%	8,6%	2,9%	88,6%	26,7%	10%	63,3%	16,2%	13,5%	70,3%	16,1%	6,5%	77,4%	16,1%	6,5%	77,4%

84. A vista da janela da minha casa é...

Muito agradável Agradável Nem agradável nem desagradável Desagradável Muito Desagradável

85. Da janela de onde você mora é possível ver (marque mais de uma alternativa quando for o caso):

O movimento de pessoas nas calçadas Praças e/ou parques Edifícios e/ou casas Áreas vazias e/ou desocupadas Outro

INTERAÇÃO SOCIAL NA VIZINHANÇA

C – CONCORDO	C/D – NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	D – DISCORDO
--------------	---------------------------------	--------------

Atos de apoio mútuo na vizinhança.

		Área 1						Área 2						Área 3					
		Morador da habitação social			Morador do bairro			Moradora habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro		
		C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D
86.	Gosto dos moradores do lugar onde moro (rua onde mora e áreas/ruas vizinhas).	46,7%	4,3%	10%	74,3%	17,1%	8,6%	76,7%	23,3%	0	7,3%	21,6%	5,4%	7,1%	25,8%	3,2%	7,1%	22,6%	6,5%
87.	Acho que os moradores do lugar onde moro são parecidos.	16,7%	23,3%	60%	40%	22,9%	37,1%	33,3%	3,3%	63,3%	37,8%	2,7%	35,1%	22,6%	19,4%	58,1%	41,9%	22,6%	35,5%
88.	Se eu precisar de um pouco de companhia, eu posso ir até um vizinho conhecido.	73,3%	3,3%	23,3%	60%	8,6%	31,4%	83,3%	3,3%	13,3%	56,8%	13,5%	29,7%	74,2%	6,5%	19,4%	58,1%	6,5%	35,5%
89.	Eu tenho feito novos amigos vivendo nesse bairro.	60%	6,7%	33,3%	54,3%	28,6%	17,1%	63,3%	10%	26,7%	43,2%	24,3%	32,4%	58,1%	9,7%	32,3%	51,6%	16,1%	32,3%

ANEXO F3 – QUESTIONÁRIO COM SÍNTESE DE FREQUÊNCIAS

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

(Relacionamentos) Desavenças na vizinhança.

		Área 1						Área 2						Área 3					
		Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro		
		C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D
90.	O barulho que meus vizinhos fazem pode ser um grande problema.	46,7%	0	53,3%	31,4%	20%	48,6%	50%	0	50%	29,7%	8,1%	62,2%	54,8%	6,5%	38,7%	16,1%	6,5%	77,4%
91.	Me irrita com meus vizinhos com frequência.	33,3%	10%	56,7%	29%	5,7%	91,4%	16,7%	6,7%	76,7%	8,1%	10,8%	81,1%	9,7%	6,5%	83,9%	12,9%	9,7%	77,4%
92.	Nunca me senti realmente seguro no lugar onde moro.	16,7%	6,7%	76,7%	17,1%	8,6%	74,3%	6,7%	20%	73,3%	8,1%	2,7%	64,9%	16,1%	6,5%	77,4%	9,7%	19,4%	71%

Ligação com a vizinhança.

		Área 1						Área 2						Área 3					
		Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro		
		C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D
93.	Gosto muito da minha residência.	93,3%	0	6,7%	85,7%	5,7%	8,6%	93,3%	3,3%	3,3%	97,3%	2,7%	0	93,5%	0	6,5%	80,6%	12,9%	6,5%
94.	Não me sinto em casa nessa vizinhança.	20%	3,3%	76,7%	29%	2,9%	94,3%	10%	6,7%	83,3%	2,7%	2,7%	94,6%	19,4%	9,7%	71%	19,4%	0	80,6%
95.	Eu teria mais contato com amigos e família se eu morasse em outra parte da cidade.	16,7%	6,7%	33,3%	11,4%	28,6%	17,1%	16,7%	10%	26,7%	2,7%	24,3%	32,4%	12,9%	9,7%	32,3%	19,4%	16,1%	32,3%

Laços Íntimos ou de amizade com os vizinhos.

96. Com quantos dos seus vizinhos você costuma conversar ou cumprimentar quando encontra na rua?

N° de vizinhos que costuma conversar	Área 1			Área 2			Área 3		
	Morador da habitação social	Morador do bairro		Morador da habitação social	Morador do bairro		Morador da habitação social	Morador do bairro	
Muito poucos (0 a 2)	13,3%	11,4%		10%	13,5%		19,4%	13,9%	
Poucos (3 a 6)	10%	17,1%		23,3%	29,7%		32,3%	22,6%	
Vários (mais de 7)	76,7%	71,4%		66,7%	56,8%		48,4%	61,3%	

INFORMAÇÕES SOBRE ATIVIDADES E LUGARES FREQUENTADOS

Atividades e lugares usados:

97. Qual o local do seu trabalho? (por favor, informe o endereço e indique no mapa se for possível).

Local de trabalho	Área 1		Área 2		Área 3	
	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro
Em outra cidade	0	2,9%	3,3%	8,1%	0	0
Em outro bairro	36,7%	31,4%	40%	35,1%	35,5%	16,1%
No mesmo bairro	13,3%	5,7%	26,7%	2,7%	9,7%	22,6%
Em casa	10%	22,9%	6,7%	10,8%	6,5%	9,7%
No centro	0	2,9%	3,3%	10,8%	3,2%	0
Não trabalha	40%	34,3%	20%	32,4%	45,2%	51,6%

98. Quanto tempo, em média, você demora da sua casa até o seu trabalho?

Tempo de deslocamento	Área 1		Área 2		Área 3	
	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro
Até 15 min	33,3%	45,7%	53,3%	35,1%	22,6%	32,3%
15 a 30 min	23,3%	11,4%	26,7%	21,6%	12,9%	12,9%
30 a 45 min	3,3%	5,6%	3,3%	2,7%	6,5%	-
45 a 60 min	-	-	-	2,7%	6,5%	3,2%
Mais de 1h	-	-	-	5,4%	6,5%	3,2%
Não trabalha	40%	34,3%	16,7%	32,4%	45,2%	48,4

99. Que transporte você costuma utilizar?

Meio de locomoção	Área 1		Área 2		Área 3	
	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro
A pé	50%	28,6%	40%	13,5%	41,9%	32,3%
Bicicleta ou motocicleta	3,3%	-	13,3%	-	3,2%	-
Ônibus	50%	48,6%	53,3%	32,4%	64,5%	54,8%
Lotação	-	2,9%	3,3%	18,9%	3,2%	12,9%
Automóvel particular ou táxi	26,7%	45,7%	10%	64,9%	3,2%	41,9%

ANEXO F3 – QUESTIONÁRIO COM SÍNTESE DE FREQUÊNCIAS

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

100. Qual o local de estudo dos seus filhos? (por favor, indique o nome da escola e indique no mapa quando possível).

Local de escola dos filhos	Área 1		Área 2		Área 3	
	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro	Morador da habitação social	Morador do bairro
Em outro bairro	3,3%	37,1%	13,3%	29,7%	41,9%	16,1%
No mesmo bairro	46,7%	5,7%	40%	10,8%	9,7%	12,9%
Não tem filhos ou filhos não estudam	50%	57,1%	46,7%	59,5%	45,4%	71%

101. Você costuma participar de alguma das seguintes atividades (não é preciso que aconteçam dentro do bairro):

Participação em atividades associativas (tipo)	Área 1				Área 2				Área 3			
	Morador da habitação social		Morador do bairro		Morador da habitação social		Morador do bairro		Morador da habitação social		Morador do bairro	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Associação de moradores ou assemelhados	9 (30%)	21 (70%)	2 (5,7%)	33 (94,3%)	17 (56,7%)	13 (2,7%)	11 (29,7%)	36 (97,3%)	12 (38,7%)	19 (61,3%)	-	31 (100%)
Comunidades religiosas	10 (33,3%)	20 (66,7%)	13 (37,1%)	22 (62,9%)	12 (40%)	18 (60%)	11 (29,7%)	26 (70,3%)	16 (51,6%)	15 (48,4%)	12 (38,7%)	19 (61,3%)
Clubes ou academias	7 (23,3%)	23 (76,7%)	9 (25,7%)	26 (74,3%)	4 (13,3%)	26 (86,7%)	15 (40,5%)	22 (59,5%)	2 (6,5%)	29 (93,5%)	13 (41,9%)	18 (58,1%)
Trabalhos voluntários ou ONGs	1 (3,3%)	29 (96,7%)	2 (5,7%)	33 (94,3%)	1 (3,3%)	29 (96,7%)	4 (10,8%)	33 (89,2%)	-	31 (100%)	1 (3,2%)	30 (96,8%)
Nenhuma atividade associativa	4 (13,3%)	26 (96,7%)	17 (48,6%)	18 (51,4%)	8 (26,7%)	22 (73,3%)	10 (27%)	27 (73%)	8 (25,8%)	23 (74,2%)	13 (41,9%)	18 (58,1%)

102. Indique o nome do local e o endereço da(s) atividade(s) que indicou na questão anterior, e, quando for possível, aponte o local no mapa.

Pense nas atividades que você costuma realizar e indique se concorda ou discorda das seguintes afirmativas:

C – CONCORDO	C/D – NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	D – DISCORDO
--------------	---------------------------------	--------------

Uso do bairro.

	Área 1						Área 2						Área 3					
	Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro		
	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D
103.	Vou ao mercado do lugar onde moro (rua onde moro e áreas/ruas vizinhas) para as compras diárias.																	
	83,3%	6,7%	10%	71,4%	11,4%	17,1%	93,3%	3,3%	3,3%	59,5%	5,4%	35,1%	80,6%	6,5%	12,9%	77,4%	3,2%	19,4%
104.	Quando estou no bairro, eu passo a maior parte do tempo dentro de casa.																	
	66,7%	10%	23,3%	54,3%	14,3%	31,4%	76,7%	10%	13,3%	62,2%	21,6%	16,2%	87,1%	0	12,9%	71%	3,2%	19,6%
105.	Costumo caminhar pelas ruas do bairro (tanto para exercício quanto lazer).																	
	70%	10%	20%	68,6%	2,9%	28,6%	40%	20%	40%	52,8%	19,4%	27,8%	48,4%	3,2%	48,4%	54,8%	9,7%	35,5%
106.	Sempre que posso utilizo as praças / parques do bairro.																	
	73,3%	0	26,7%	65,7%	11,4%	22,9%	70%	13,3%	16,7%	18,9%	23,7%	51,4%	38,7%	12,9%	48,4%	45,2	6,5%	48,4%
107.	Vou ao cinema no meu bairro.																	
	26,7%	10%	63,3%	20%	11,4%	68,6%	20%	10%	70%	45,9%	8,1%	45,9%	16,1%	6,5%	77,4%	2,9%	12,9%	58,1%
108.	Costumo frequentar bares e restaurantes no meu bairro.																	
	46,7%	16,7%	36,7%	45,7%	8,6%	45,7%	36,7%	10%	53,3%	35,1%	16,2%	48,6%	48,4%	6,5%	45,2%	48,4%	16,1%	35,4%
109.	Nos fins de semana, fico nas calçadas do bairro (descansando, caminhando ou conversando).																	
	46,7%	13,3%	40%	28,6%	8,6%	62,9%	46,7%	3,3%	50%	10,8%	16,2%	7,3%	19,4%	3,2%	77,4%	19,4%	0	80,6%
110.	Nos fins de semana fico sempre em casa.																	
	40%	16,7%	43,3%	17,1%	28,6%	54,3%	43,3%	20%	36,7%	8,1%	23,7%	62,2%	67,7%	12,9%	19,4%	19,4%	19,4%	61,3%

ANEXO F3 – QUESTIONÁRIO COM SÍNTESE DE FREQUÊNCIAS

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

Uso de outros bairros.

		Área 1						Área 2						Área 3					
		Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro		
		C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D
111.	Normalmente, faço as compras de mercado em outros bairros.	63,3%	0	36,7%	65,7%	5,7%	28,6%	26,7%	6,7%	66,7%	13,5%	8,7%	78,4%	33,7%	3,2%	58,1%	45,2%	6,5%	48,4%
112.	A maior parte das coisas que faço são fora do bairro.	50%	3,3%	46,7%	42,9%	17,1%	40%	20%	16,7%	63,3%	37,8%	21,6%	40,5%	22,6%	12,9%	64,5%	22,6%	9,7%	67,7%
113.	Não costumo ficar no bairro nos fins de semana.	16,7%	20%	63,3%	25,7%	17,1%	57,1%	20%	26,7%	53,3%	18,9%	45,9%	35,1%	12,9%	9,7%	77,4%	32,3%	22,6%	45,2%
114.	Não costumo ficar em Porto Alegre nos fins de semana.	3,3%	10%	86,7%	5,7%	22,9%	71,4%	0	3,3%	96,7%	10,8%	21,6%	67,6%	0	3,2%	96,8%	6,5%	16,1%	77,4%

Uso do centro.

		Área 1						Área 2						Área 3					
		Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro			Morador da habitação social			Morador do bairro		
		C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D	C	C/D	D
115.	Eu vou ao centro para buscar serviços que faltam no bairro.	73,3%	3,3%	23,3%	62,9%	11,4%	25,7%	83,3%	0	16,7%	43,2%	16,2%	40,5%	61,3%	3,2%	35,5%	54,8%	6,5%	38,7%
116.	Eu vou ao centro para passear (visitar amigos, lazer).	20%	10%	70%	17,1%	5,7%	77,1%	33,3%	3,3%	63,3%	8,1%	8,1%	83,8%	16,1%	6,5%	77,4%	9,7%	3,2%	87,1%
117.	Eu raramente vou ao centro.	66,7%	3,3%	30%	60%	8,6%	31,4%	60%	16,7%	23,3%	62,2%	16,2%	21,6%	80,6%	6,5%	12,9%	58,1%	3,2%	38,7%

Indique um local que você costuma utilizar **com frequência** para cada uma das seguintes atividades. Por favor, indique o nome, endereço do local e aponte no mapa, quando possível. (O lugar não precisa ser no seu bairro).

118.	Compras diárias
119.	Compras diversas
120.	Esporte
121.	Lazer diurno
122.	Lazer noturno

Ver anexo L

Características sócio-demográficas: A última etapa da pesquisa serve para definir quem são os moradores do bairro:

Começando por você, cite todos os **moradores da sua residência** (não indique os nomes, use, por exemplo, pai, mãe, filho, avó) indicando sexo, faixa etária, estado civil, nível educacional e profissão / ocupação. Para responder as questões sobre faixa etária, estado civil e nível educacional, utilize a legenda junto à tabela:

123	124		125					126			127				128		
Relação de Moradores da residência	Sexo		Faixa etária					Estado Civil			Nível educacional				Profissão ou Ocupação		
	Masculino	Feminino	Menos de 10 anos	De 11 a 18 anos	De 19 a 40 anos	De 41 a 60 anos	Mais de 61 anos	1	2	3	1	2	3	4		5	6
1	1	2															
2																	
3																	
4																	
5																	
6																	
7																	
8																	
9																	
10																	

129. Por gentileza, indique a faixa que melhor representa a sua **renda familiar**:

- | | |
|--|---|
| Até R\$ 350,00 <input type="checkbox"/> | R\$ 4.376,00 até R\$ 6.125,00 <input type="checkbox"/> |
| R\$ 350,00 até R\$ 700,00 <input type="checkbox"/> | R\$ 6.126,00 até R\$ 7.875,00 <input type="checkbox"/> |
| R\$ 701,00 até R\$ 1.750,00 <input type="checkbox"/> | R\$ 7.876,00 até R\$ 9.625,00 <input type="checkbox"/> |
| R\$ 1.751,00 até R\$ 2.625,00 <input type="checkbox"/> | R\$ 9.626,00 até R\$ 13.125,00 <input type="checkbox"/> |
| R\$ 2.626,00 até R\$ 4.375,00 <input type="checkbox"/> | Mais de R\$ 13.125,00 <input type="checkbox"/> |

ANEXO G

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

Tabelas síntese das observações comportamentais

Tabela G.1: Quantificação do uso por dia da semana, durante duas semanas consecutivas – Área 1

	Semana 1 (n° pessoas)				Semana 2 (n° pessoas)			
	Características	Manhãs	Tardes	Varição ¹	Características	Manhãs	Tardes	Varição ¹
Domingo	sol	316	320	1,3% maior	nublado/eleição	308	246	21% menor
Segunda-feira	sol	264	355	34,5% maior	sol	268	346	29,1% maior
Terça-feira	sol	231	389	68,4% maior	nublado	324	316	0,05% menor
Quarta-feira	sol	318	386	21,4% maior	chuva	269	257	0,05% menor
Quinta-feira	chuva/nublado	249	312	25,3% maior	sol/feriado	187	289	54,5% maior
Sexta-feira	sol	291	348	19,5% maior	sol	241	300	24,5% maior
Sábado	sol	136	358	163,2% maior	nublado	221	192	0,13% menor
Total	-	1805	2468	36,7% maior	-	1818	1946	7% maior

1. Variação de movimento do turno da tarde em relação ao turno da manhã.

Tabela G.2: Quantificação do uso segundo atividade verificada – Área 1

	Manhãs (n° pessoas)			Tardes (n° pessoas)		
	Somatório	Semana 1	Semana 2	Somatório	Semana 1	Semana 2
Deslocamentos	2126	999	1035	2293	1276	1007
Andar de bicicleta	101	44	54	151	86	63
Brincar/esporte	126	52	71	397	238	155
Trabalhar²	234	99	133	167	96	69
Passear/correr	134	75	52	170	81	88
Ficar sentado	455	250	195	556	306	240
Ficar parado em pé	591	286	278	714	385	324
Total	3767	1805	1818	4448	2468	1946

1. O termo trabalhar indica atividades de jardinagem, limpeza de calçadas e atividades de trabalho em geral como as realizadas por porteiros, seguranças particulares, vendedores ambulantes e catadores de lixo.

Tabela G.3: Quantificação do uso segundo faixa etária do morador – Área 1

	Manhãs (n° pessoas)			Tardes (n° pessoas)		
	Somatório	Semana 1	Semana 2	Somatório	Semana 1	Semana 2
Crianças	450	206	230	816	467	342
Adolescentes	408	215	192	546	299	240
Adultos	2569	1224	1236	2708	1519	1169
Idosos	340	160	160	378	183	195
Total	3767	1805	1818	4448	2468	1946

Tabela G.4: Quantificação do uso por dia da semana, durante duas semanas consecutivas – Área 2

	Semana 1 (n° pessoas)				Semana 2 (n° pessoas)			
	Características	Manhãs	Tardes	Varição ¹	Características	Manhãs	Tardes	Varição ¹
Domingo	chuva/nublado	63	101	60% maior	sol	105	66	33% menor
Segunda-feira	chuva/sol	69	119	72,5% maior	sol	72	129	79% maior
Terça-feira	sol	105	117	11,4% maior	sol	98	118	20,4% maior
Quarta-feira	sol	85	118	38,8% maior	sol/feriado	110	115	0,05% maior
Quinta-feira	sol	99	130	31,3% maior	sol	92	164	78,3% maior
Sexta-feira	sol	101	97	4% menor	nublado/chuva	89	95	6,7% maior
Sábado	Nublado/sol	94	92	2% menor	chuva	50	98	96% maior
Total	-	616	774	25,6% maior	-	616	785	7% maior

1. Variação de movimento do turno da tarde em relação ao turno da manhã.

Tabela G.5: Quantificação do uso segundo atividade verificada – Área 2

	Manhãs (n° pessoas)			Tardes (n° pessoas)		
	Somatório	Semana 1	Semana 2	Somatório	Semana 1	Semana 2
Deslocamentos	441	237	204	685	365	320
Andar de bicicleta	61	36	25	108	63	45
Brincar/esporte	68	26	42	49	11	38
Trabalhar¹	283	156	127	202	100	102
Passear/correr	81	44	37	76	33	43
Ficar sentado	111	41	70	142	58	84
Ficar parado em pé	187	76	111	297	144	153
Total	1232	616	616	1559	774	785

1. O termo trabalhar indica atividades de jardinagem e limpeza de calçadas e atividades de trabalho em geral como as realizadas por porteiros, seguranças particulares, vendedores ambulantes e catadores de lixo.

ANEXO G

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

Tabela G.6: Quantificação do uso segundo faixa etária do morador – Área 2

	Manhãs (n° pessoas)			Tardes (n° pessoas)		
	Somatório	Semana 1	Semana 2	Somatório	Semana 1	Semana 2
Crianças	133	56	77	224	74	81
Adolescentes	104	59	45	155	115	109
Adultos	897	458	439	1075	526	549
Idosos	88	43	45	105	59	46
Total	1232	616	616	1559	774	785

Tabela G.7: Quantificação do uso por dia da semana, durante duas semanas consecutivas – Área 3

	Semana 1 (n° pessoas)				Semana 2 (n° pessoas)			
	Características	Manhãs	Tardes	Varição ¹	Características	Manhãs	Tardes	Varição ¹
Domingo	chuva	80	67	16,2% menor	chuviscando/sol	120	187	55,8% maior
Segunda-feira	chuva/sol	257	394	53,3% maior	sol/nublado	247	363	47% maior
Terça-feira	sol	256	403	57,4% maior	sol	256	280	9,4% maior
Quarta-feira	sol	259	391	51% maior	chuva/nublado	198	405	104,5% maior
Quinta-feira	sol	283	370	30,7% maior	sol	290	281	3,2% menor
Sexta-feira	sol/chuva	285	308	8% maior	sol	212	351	65,6% maior
Sábado	chuva	144	127	12% menor	sol	187	215	15% maior
Total	-	1564	2060	31,7% maior	-	1497	2082	39% maior

1. Variação de movimento do turno da tarde em relação ao turno da manhã.

Tabela G.8: Quantificação do uso segundo atividade verificada – Área 3

	Manhãs (n° pessoas)			Tardes (n° pessoas)		
	Somatório	Semana 1	Semana 2	Somatório	Semana 1	Semana 2
Deslocamentos	1532	760	772	2001	972	1029
Andar de bicicleta	35	16	19	73	34	39
Brincar/esporte	42	15	27	121	32	89
Trabalhar¹	246	111	135	146	74	72
Passear/correr	77	34	43	69	21	48
Ficar sentado	189	109	80	199	93	116
Ficar parado em pé	940	519	421	1533	844	689
Total	3061	1564	1497	4142	2060	2082

1. O termo trabalhar indica atividades de jardinagem e limpeza de calçadas e atividades de trabalho em geral como as realizadas por porteiros, seguranças particulares, vendedores ambulantes e catadores de lixo.

Tabela G.9: Quantificação do uso segundo faixa etária do morador – Área 3

	Manhãs (n° pessoas)			Tardes (n° pessoas)		
	Somatório	Semana 1	Semana 2	Somatório	Semana 1	Semana 2
Crianças	166	75	91	345	142	203
Adolescentes	230	114	116	459	217	242
Adultos	2280	1190	1090	3138	1593	1545
Idosos	385	185	200	200	108	92
Total	3061	1564	1497	4142	2060	2082

ANEXO H

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

Local de participação de comunidade religiosa

Tabela H.1: Local da comunidade religiosa por área e por tipo de morador – Área 1

Local da comunidade religiosa	Área 1	
	Morador da habitação social	Morador do bairro
Não participa	19 63,3%	23 65,7%
Centro Cavaleiros de São Jorge	1 3,3%	0
Igreja Deus é Amor - Rodoviária	2 6,7%	0
Igreja Menino Deus	0	1 2,9%
Igreja Nossa Senhora do Líbano	0	2 5,7%
Igreja Santos dos Últimos Dias	1 3,3%	0
Igreja Santa Teresinha	0	3 8,6%
Igreja São Francisco	3 10,0%	4 11,4%
Igreja Universal (Oscar Pereira)	4 13,3%	0
Instituto de Filosofia	0	1 2,9%
diversos (fora do bairro)	0	1 2,9%

Tabela H.2: Local da comunidade religiosa por área e por tipo de morador – Área 2

Local da comunidade religiosa	Área 2	
	Morador da habitação social	Morador do bairro
Não participa	18 60,0%	28 75,7%
Centro Cavaleiros de São Jorge	0 ,0%	1 2,7%
Igreja Divino Mestre	8 26,7%	3 8,1%
Igreja Nossa Senhora do Líbano	0 ,0%	1 2,7%
Igreja Santo Antônio	0 ,0%	1 2,7%
Igreja Santos dos Últimos Dias	1 3,3%	0 ,0%
Igreja Santa Cecília	0 ,0%	1 2,7%
Igreja São Luiz	0 ,0%	2 5,4%
Igreja Universal (Oscar Pereira)	1 3,3%	0 ,0%
Igreja da Graça (Bento Gonçalves)	1 3,3%	0 ,0%
Parada 32 Viamão	1 3,3%	0 ,0%

Tabela H.3: Local da comunidade religiosa por área e por tipo de morador – Área 3

Local da comunidade religiosa	Área 3	
	Morador da habitação social	Morador do bairro
Não participa	15 48,4%	19 61,3%
Assembléia Deus (Bento)	3 9,7%	0
Av Protásio Alves	0	1 3,2%
Centro	0	1 3,2%
Centro Cavaleiros de São Jorge	0	1 3,2%
Centro Dias da Cruz	1 3,2%	1 3,2%
Centro Espírita S Luiz	0	2 6,4%
Igreja Brasa	1 3,2%	0
Igreja Nossa Senhor de Lourdes	6 19,4%	0
Igreja Nossa Senhora do Líbano	0	1 3,2%
Igreja Restauração	1 3,2%	0
Igreja São Francisco	0	3 9,7%
Igreja Universal (Oscar Pereira)	4 12,9%	0
Ponte Colombo	0	1 3,2%
Tuiuti/André da Rocha	0	1 3,2%

ANEXO I

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

Local da instituição de ensino dos filhos

Tabela I.1: Local da instituição de ensino dos filhos por área e por tipo de morador – Área 1

Local da instituição de ensino dos filhos	Área 1	
	Morador da habitação social	Morador do bairro
Não tem filhos/filhos não estudam	15 50,0%	26 74,3%
Apeles (escola estadual)	0 .0%	1 2,9%
Colégio Farroupilha (particular)	0	1 2,9%
Colégio Rainha do Brasil (particular)	0 .0%	1 2,9%
Colégio Santa Cecília (particular)	0 .0%	2 5,7%
Creche Comunitária do Jardim Planetário	3 10,0%	0 .0%
Escola Estadual Ildelfonso Gomes	3 10,0%	0 .0%
Escola Estadual Luciana de Abreu	6 20,0%	1 2,9%
Escola Estadual Paulo Gama	1 3,3%	0 .0%
Escolinha Redenção (creche estadual)	1 3,3%	0 .0%
Instituto de Educação (estadual)	0 .0%	1 2,9%
Instituto Espírita Amigo Germano (comunitária)	1 3,3%	0 .0%
PUC-RS	0 .0%	1 2,9%
Tempo de Crescer (creche particular)	0 .0%	1 2,9%

Tabela I.2: Local da instituição de ensino dos filhos por área e por tipo de morador – Área 2

Local da instituição de ensino dos filhos	Área 2	
	Morador da habitação social	Morador do bairro
Não tem filhos/filhos não estudam	14 46,7%	29 78,4%
Apeles (escola estadual)	2 6,7%	0
Colégio Rainha do Brasil (particular)	0	1 2,7%
Colégio Santa Cecília (particular)	0	1 2,7%
Colégio Santa Inês (particular)	0	1 2,7%
Colégio Militar	0	1 2,7%
Daqui eu Fico (creche particular)	0	1 2,7%
Escola Estadual Emílio Kemp	12 40,0%	0
Escola Estadual Otávio de Souza	2 6,7%	0
PUC-RS	0	1 2,7%
UFRGS	0	2 5,4%

Tabela I.3: Local da instituição de ensino dos filhos por área e por tipo de morador – Área 3

Local da instituição de ensino dos filhos	Área 3	
	Morador da habitação social	Morador do bairro
Não tem filhos/filhos não estudam	15 48,4%	24 77,4%
Apeles (escola estadual)	0 .0%	1 3,2%
Castelo Encantado (creche particular)	0 .0%	1 3,2%
Colégio Estadual Saint Hilaire	1 3,2%	0 .0%
Creche Tio Barnabé (creche estadual)	3 9,7%	0 .0%
EJA (Willian Richard) – Escola Estadual	1 3,2%	0 .0%
Escola Crista do Brás	0 .0%	1 3,2%
Escola Estadual Duque de Caxias	2 6,5%	1 3,2%
Escola Estadual Emílio Massot	6 19,4%	0 .0%
Escola Estadual Inácio Montanha	0 .0%	1 3,2%
Escola Estadual Protásio Alves	1 3,2%	0 .0%
Escola Estadual Raul Pilla	1 3,2%	0 .0%
Escola Estadual Souza Lobo	1 3,2%	0 .0%
IPA	0 .0%	1 3,2%
PUC-RS	0 .0%	1 3,2%

ANEXO J

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

Tabela J1.1: Lugares esteticamente muito atraentes por Área e por grupo socioeconômico

Área de análise	Lugares esteticamente muito atraentes	Morador habitação social		Morador do bairro		Total		
		Nº de indicações	%	Nº de indicações	%	Nº de indicações	%	
ÁREA 1	R Sta Teresinha	14	28%	7	23%	21	26%	28,6% (6 de 21) são lugares indicados apenas por moradores do bairro.
	R Santana - entre S. Luiz e Laurindo	2	4%	0	0%	2	2%	
	R Ramiro Barcelos	2	4%	0	0%	2	2%	
	R Vieira de Castro	1	2%	2	6%	3	4%	
	R Santana	9	18%	1	3%	10	12%	
	Ed. Santana (resid. novo)	5	10%	5	16%	10	12%	
	Pça Joaquim de Queiroz		0%		0%	0	0%	
	Av Jerônimo de Ornelas	1	2%	1	3%	2	2%	
	Ed. Santana (Ed. Cordeiro)	6	12%	1	3%	7	9%	
	Ed. modernista Santana esq Laurindo	1	2%	0	0%	1	1%	
	Ed. Santana (modernista)	2	4%	4	13%	6	7%	33,3% (7 de 21) são indicados apenas por moradores da habitação social.
	Ed Santana (Construtora Colla)	1	2%	2	6%	3	4%	
	Ed. Santana (azul/pilotis)		0%	1	3%	1	1%	
	R Olavo Bilac	1	2%		0%	1	1%	
	Planetário (Observatório)	1	2%		0%	1	1%	
	Ed. Esquina Santa Teresinha (modernista)	3	6%		0%	3	4%	
	Ed. Novo R Leopoldo Bier		0%	2	6%	2	2%	
	Pça Júlio Bolzano		0%	2	6%	2	2%	
	R Domingos Crescêncio	1	2%	1	3%	2	2%	
	Ed. Novo R Gomes Jardim		0%	1	3%	1	1%	
R São Manoel		0%	1	3%	1	1%	38,1% (7 de 21) são lugares comuns aos dois grupos.	
TOTAL	50	100%	31	100%	81	100%		
ÁREA 2	R São Manoel		0%	1	2%	1	1%	33,3% (13 de 39) são lugares indicados apenas por moradores do bairro.
	R Vicente da Fontoura		0%	2	3%	2	2%	
	R Monsenhor Veras		0%	1	2%	1	1%	
	R Veador Porto		0%	1	2%	1	1%	
	R São Francisco		0%	1	2%	1	1%	
	R Luiz de Camões		0%	1	2%	1	1%	
	R Monteiro Lobato		0%	2	3%	2	2%	
	Zaffari Ipiranga	1	2%		0%	1	1%	
	Ed. Av Ipiranga esq R Veador Porto	9	14%		0%	9	7%	
	Pça das Nações	1	2%		0%	1	1%	
	Av Lucas de Oliveira	4	6%		0%	4	3%	
	Jardim Botânico	4	6%		0%	4	3%	
	Pça Rui Teixeira	1	2%		0%	1	1%	
	R Corte Real		0%	7	12%	7	6%	
	R Dário Pederneiras	8	12%	10	17%	18	15%	
	R Eça de Queiroz	9	14%	12	20%	21	17%	
	R Reis Louzada		0%	3	5%	3	2%	
	R Farias Santos	2	3%	1	2%	3	2%	
	R Ferreira Viana		0%	2	3%	2	2%	
	R Guilherme Alves	1	2%		0%	1	1%	
	R Gonçalves Ledo	1	2%	1	2%	2	2%	
	R La Plata	3	5%	4	7%	7	6%	
	R Machado de Assis	1	2%	1	2%	2	2%	
	R Itaboraí	2	3%	1	2%	3	2%	
	Ed. Novo na R La Plata	6	9%	3	5%	9	7%	
	R Carlos de Carvalho	1	2%		0%	1	1%	
	Ed Novo R Veríssimo Rosa		0%	2	3%	2	2%	
	Ed Novo R Buenos Aires		0%	1	2%	1	1%	
	R Professor Langendonck	1	1%		0%	1	0%	
	R Buenos Aires	1	1%		0%	1	0%	
	R Vitor Hugo	1	2%		0%	1	1%	
	R Chile	2	3%		0%	2	2%	
	R Felizardo	1	2%	1	2%	2	2%	
R Borges do Canto	1	2%		0%	1	1%		
Bourbon Ipiranga	1	2%		0%	1	1%		
Av Barão do Amazonas		0%	1	2%	1	1%		
R Saicã	1	2%		0%	1	1%		
R Mariz de Barros	1	2%		0%	1	1%		
Viaduto da Carlos Gomes	1	2%		0%	1	1%		
TOTAL	65	100%	59	100%	124	100%	44% (17 de 39) são indicados apenas por moradores da habitação social.	
Av Bento Gonçalves	1	4%		0%	1	2%		
Av Ganzo		0%	1	4%	1	2%		
Av Jerônimo de Ornelas	1	4%	1	4%	2	4%		
Av João Pessoa	1	4%		0%	1	2%		
Av Nunes Machado	1	4%		0%	1	2%		
Av Princesa Isabel	1	4%	1	4%	2	4%		
Conjunto Princesa Isabel	4	14%	1	4%	5	9%		
R Barão do Triunfo	2	7%		0%	2	4%		
R Bastian	1	4%		0%	1	2%		
R Domingos Crescêncio	1	4%	2	7%	3	5%		
R Gen Caldwell	1	4%	1	4%	2	4%		
R Germano Hasslocher	1	4%		0%	1	2%		
R Gomes Jardim		0%	2	7%	2	4%		
R Guilherme Schell	1	4%	1	4%	2	4%		
R Laurindo		0%	1	4%	1	2%		
Ed. Novo na R Leopoldo Bier		0%	1	4%	1	2%		
R Maestro Mendana		0%	3	11%	3	5%		
R Plácido de Castro		0%	1	4%	1	2%		
R Pedro Rampi		0%	1	4%	1	2%		
R Ramiro D'Avila	2	7%		0%	2	4%		
R Santana	1	4%	2	7%	3	5%		
R São Luiz	1	4%	1	4%	2	4%		
R Vicente da Fontoura		0%	2	7%	2	4%		
Ruas Marcílio dias	1	4%		0%	1	2%		
Terminal João Pessoa	1	4%		0%	1	2%		
Cond. Princesa Isabel (edif frente inst cor)	2	7%		0%	2	4%		
Cond. Princesa Isabel (edif frente hab social)	1	4%	2	7%	3	5%		
Shopping João Pessoa	1	4%		0%	1	2%		
Ed. Novo na R Domingos Crescêncio	1	2%	2	4%	3	3%		
Av Ipiranga próximo à Zero Hora	1	2%		0%	1	1%		
Instituto do Coração		0%	1	4%	1	2%		
TOTAL	28	100%	27	100%	55	100%	39% (12 de 39) são indicados apenas por moradores da habitação social.	
							32% (10 de 39) são lugares comuns aos dois grupos.	

Nota: Nem todos os moradores indicaram lugares. As porcentagens dizem respeito à indicações realizadas.

ANEXO J

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

Tabela J1.2: Lugares esteticamente não atraentes por Área e por grupo socioeconômico

Área de análise	Lugares esteticamente não atraentes	Morador habitação social		Morador do bairro		Total		
		Nº de indicações	%	Nº de indicações	%	Nº de indicações	%	
ÁREA 1	R Santana c/ Venâncio Aires		0%	1	3%	1	2%	54% (13 de 24) são lugares indicados apenas por moradores do bairro. 17% (4 de 24) são indicados apenas por moradores da habitação social. 29% (7 de 24) são lugares comuns aos dois grupos.
	Av Jerônimo de Ornelas c/ R Santana	1	3%		0%	1	2%	
	R Laurindo	1	3%	2	6%	3	5%	
	Pontes da Av Ipiranga		0%	3	9%	3	5%	
	R Luiz Manoel	3	10%	5	15%	8	13%	
	R Laurindo c/ R Santana		0%	1	3%	1	2%	
	Estacionamento da R Santana		0%	1	3%	1	2%	
	R Jacinto Gomes	2	7%	1	3%	3	5%	
	R Leopoldo Bier	1	3%	2	6%	3	5%	
	R Laurindo		0%	1	3%	1	2%	
	Casa abandonada na R Santana		0%	2	6%	2	3%	
	Beco na R Laurindo	1	3%		0%	1	2%	
	Borracharia esq R Santana		0%	1	3%	1	2%	
	Jardim Planetária (conjunto)	16	55%	5	15%	21	33%	
	R Santana (entre Ipiranga e Princesa Isab)	1	3%	1	3%	2	3%	
	Jacinto Gomes		0%	1	3%	1	2%	
	R Gomes Jardim esq Av Ipiranga	1	3%	1	3%	2	3%	
	R Prof Freitas e Castro	1	3%		0%	1	2%	
	Av Jerônimo de Ornelas	1	3%		0%	1	2%	
	Jacinto Gomes esq Jardim Planetário		0%	2	6%	2	3%	
R Gomes Jardim esq R Leopoldo Bier		0%	1	3%	1	2%		
R Gomes Jardim		0%	1	3%	1	2%		
R São Luiz		0%	1	3%	1	2%		
Vila R São Luiz esq Princesa Isabel		0%	1	3%	1	2%		
TOTAL	29	100%	34	100%	63	100%		
ÁREA 2	Av Ipiranga		0%	1	7%	1	2%	24% (5 de 21) são lugares indicados apenas por moradores do bairro. 43% (9 de 21) são indicados apenas por moradores da habitação social. 33% (7 de 21) são lugares comuns aos dois grupos.
	R Veador Porto	1	3%		0%	1	2%	
	R Euclides da Cunha esq Av Ipiranga	3	9%	1	7%	4	8%	
	Condomínio dos Anjos	4	11%	2	13%	6	12%	
	Av Lucas de Oliveira esq Av Protásio	1	3%		0%	1	2%	
	Pça Araribóia	1	3%		0%	1	2%	
	Pça das Nações	1	3%	2	13%	3	6%	
	Pça Rui Teixeira	3	9%		0%	3	6%	
	Av Ipiranga próximo Cond dos Anjos	6	17%		0%	6	12%	
	Av Ipiranga próximo Cond Veador Porto		0%	1	7%	1	2%	
	R Euclides da Cunha	2	6%	1	7%	3	6%	
	R Eça de Queiroz		0%	1	7%	1	2%	
	R Gonçalves Ledo	1	3%		0%	1	2%	
	R La Plata	4	11%		0%	4	8%	
	Habit Irregular na rua La plata (esq Eça)		0%	1	7%	1	2%	
	Princesa Isabel esq R São Manoel	1	3%	1	7%	2	4%	
	R Buenos Aires	1	3%		0%	1	2%	
	Condomínio Residencial na R Felizardo	1	3%	2	13%	3	6%	
	R Valparaíso		0%	1	7%	1	2%	
	Vila Cachorro Sentado	4	11%	1	7%	5	10%	
Vila Sossego	1	3%		0%	1	2%		
TOTAL	35	100%	15	100%	50	100%		
ÁREA 3	Av Azenha		0%	5	19%	5	9%	28% (8 de 29) são lugares indicados apenas por moradores do bairro. 41% (12 de 29) são indicados apenas por moradores da habitação social. 31% (9 de 39) são lugares comuns aos dois grupos.
	Av Bento Gonçalves	2	7%	2	7%	4	7%	
	Av Princesa Isabel		0%	1	4%	1	2%	
	Conjunto Planetário	1	3%		0%	1	2%	
	Conjunto Princesa Isabel	1	3%	1	4%	2	4%	
	Pça Princesa Isabel		0%	1	4%	1	2%	
	R Barão do Triunfo	1	3%		0%	1	2%	
	R Botafogo	1	3%		0%	1	2%	
	R Domingos Crescêncio	1	3%		0%	1	2%	
	R Gomes Jardim		0%	2	7%	2	4%	
	R Guilherme Schell	1	3%	1	4%	2	4%	
	R Leopoldo Bier	1	3%	4	15%	5	9%	
	Av Bastian		0%	1	4%	1	2%	
	R Márcilio Dias	2	7%	3	11%	5	9%	
	R Visconde do Herval	1	3%		0%	1	2%	
	R P Freitas e Castro	3	10%	1	4%	4	7%	
	R Ramiro D'ávila	3	10%	1	4%	4	7%	
	R Santana	1	3%		0%	1	2%	
	R São Luiz		0%	1	4%	1	2%	
	R São Manoel	1	3%		0%	1	2%	
	R Vicente da Fontoura	1	3%	1	4%	2	4%	
	Terminal João Pessoa	1	3%		0%	1	2%	
	Vila Zero Hora	4	13%		0%	4	7%	
	Cond Lupicínio Rodrigues e entorno	1	3%		0%	1	2%	
	Pça Garibaldi	1	3%		0%	1	2%	
	R São Francisco	1	3%		0%	1	2%	
	Av Ganzo	1	3%		0%	1	2%	
	R Gen Caldwell		0%	1	4%	1	2%	
	Vila R São Luiz esq Princesa Isabel		0%	1	4%	1	2%	
TOTAL	30	100%	27	100%	57	100%		

Nota: Nem todos os moradores indicaram lugares. As porcentagens dizem respeito à indicações realizadas.

ANEXO J

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

Tabela J1.3: Lugares inadequados às características bairro por Área e por grupo socioeconômico

Área de análise	Lugares inadequados às características do bairro	Morador habitação social		Morador do bairro		Total		
		N° de indicações	%	N° de indicações	%	N° de indicações	%	
ÁREA 1	R Santana esq Av Jerônimo de Ornelas	1	8%		0%	1	4%	40% (6 de 15) são lugares indicados apenas por moradores do bairro. 47% (7 de 15) são indicados apenas por moradores da habitação social. 13% (2 de 15) são lugares comuns aos dois grupos.
	R Luiz Manoel	2	15%	2	14%	4	15%	
	R Santa Teresinha (perto Unimed)	1	8%		0%	1	4%	
	Jardim Planetário	4	31%	5	36%	9	33%	
	R Laurindo		0%	1	7%	1	4%	
	Av Ipiranga esq Gomes Jardim	1	8%		0%	1	4%	
	Borracharia esq R Santana		0%	2	14%	2	7%	
	Pça Del Gadret	1	8%		0%	1	4%	
	R Jacinto Gomes	1	8%		0%	1	4%	
	R Prof Freitas e Castro	1	8%		0%	1	4%	
	R Vitória		0%	1	7%	1	4%	
	R Leopoldo Bier esq Gomes Jardim		0%	1	7%	1	4%	
	R Leopoldo Bier (casa abandonada)		0%	1	7%	1	4%	
	Av Princesa Isabel (Bares)		0%	1	7%	1	4%	
	R São Luiz	1	8%		0%	1	4%	
TOTAL	6	100%	9	100%	15	100%		
ÁREA 2	Av Ipiranga próximo Cond dos Anjos	3	50%		0%	3	20%	69% (9 de 13) são lugares indicados apenas por moradores do bairro. 31% (4 de 13) são indicados apenas por moradores da habitação social. 100% (0 de 13) são lugares comuns aos dois grupos.
	Beco Euclides da Cunha		0%	1	11%	1	7%	
	Condomínio dos Anjos		0%	1	11%	1	7%	
	R Euclides da Cunha esq Av Ipiranga		0%	1	11%	1	7%	
	Escola de Samba	1	17%		0%	1	7%	
	Av Ipiranga próximo Cond Veador Porto		0%	1	11%	1	7%	
	Pça Rui Teixeira		0%	1	11%	1	7%	
	R Aurélio Porto	1	17%		0%	1	7%	
	R Dário Pedernheiras		0%	1	11%	1	7%	
	R Eça de Queiroz		0%	1	11%	1	7%	
	R La Plata	1	17%		0%	1	7%	
	Vila Cachorro Sentado		0%	1	11%	1	7%	
	Vila do Sossego		0%	1	11%	1	7%	
TOTAL	6	100%	9	100%	15	100%		
ÁREA 3	Av Azenha	1	8%		0%	1	4%	39% (7 de 18) são lugares indicados apenas por moradores do bairro. 39% (7 de 18) são indicados apenas por moradores da habitação social. 22% (4 de 18) são lugares comuns aos dois grupos.
	Av Princesa Isabel (trecho)		0%	1	7%	1	4%	
	Condomínio Lupicínio Rodrigues	1	8%		0%	1	4%	
	Condomínio Princesa Isabel	2	17%	3	20%	5	19%	
	Pça Princesa Isabel		0%	1	7%	1	4%	
	R Bento Gonçalves esq Av Princesa Isabel	1	8%		0%	1	4%	
	R Domingos Crescêncio		0%	1	7%	1	4%	
	R Prof Freitas e Castro	1	8%	1	7%	2	7%	
	R Leopoldo Bier	1	8%		0%	1	4%	
	R São Francisco	1	8%		0%	1	4%	
	R Marçílio Dias		0%	1	7%	1	4%	
	R Pedro Rampi (edifício abandonado)		0%	2	13%	2	7%	
	R Ramiro D'ávila	1	8%		0%	1	4%	
	R Santana		0%	1	7%	1	4%	
	R São Manoel	1	8%		0%	1	4%	
	R Vicente Fontoura esq Bento Gonçalves		0%	2	13%	2	7%	
	Terminal João Pessoa	1	8%	2	13%	3	11%	
	Vila Zero Hora	1	8%		0%	1	4%	
TOTAL	12	100%	15	100%	27	100%		

Nota: 1. Nem todos os moradores indicaram lugares. As porcentagens dizem respeito à indicações realizadas. 2. Em diversos casos a inadequação foi identificada tanto por características físicas da edificação como pela percepção de inadequação das pessoas residentes no lugar.

Tabela J1.4: Lugares inseguros e evitados por Área e por grupo socioeconômico

Área de análise	Lugares esteticamente muito atraentes	Morador habitação social		Morador do bairro		Total		
		N° de indicações	%	N° de indicações	%	N° de indicações	%	
ÁREA 1	R Leopoldo Bier	1	3%	1	2%	2	2%	50% (15 de 30) são lugares indicados apenas por moradores do bairro. 13% (4 de 30) são indicados apenas por moradores da habitação social. 37% (11 de 30) são lugares comuns aos dois grupos.
	R Venâncio Aires esq Av Protásio Alves	1	3%		0%	1	1%	
	Av Ipiranga	6	16%	2	4%	8	9%	
	R Ramiro Barcelos	3	8%	2	4%	5	6%	
	R Jacinto Gomes	2	5%		0%	2	2%	
	Av Ipiranga (quadras da UFRGS)	1	3%	2	4%	3	3%	
	R Luiz Manoel junto à habitação social	8	21%	2	4%	10	11%	
	R Luiz Manoel	1	3%	1	2%	2	2%	
	R Venâncio Aires		0%	1	2%	1	1%	
	Jardim Planetário		0%	7	14%	7	8%	
	R Santana		0%	3	6%	3	3%	
	Av João Pessoa	6	16%	2	4%	8	9%	
	Pça Joaquim de Queiroz	1	3%	1	2%	2	2%	
	Av Jerônimo de Ornelas esq R Santana		0%	3	6%	3	3%	
	R Laurindo esq R Sta Teresinha		0%	1	2%	1	1%	
	Parque da Redenção	1	3%		0%	1	1%	
	Pça Del Gadret		0%	2	4%	2	2%	
	R São Luiz	1	3%	1	2%	2	2%	
	R Olavo Bilac		0%	1	2%	1	1%	
	Jacinto Gomes esq Jardim Planetário		0%	3	6%	3	3%	
	R Gomes Jardim		0%	3	6%	3	3%	
	R Laurindo esq Av João Pessoa		0%	2	4%	2	2%	
	R Santa Teresinha	1	3%		0%	1	1%	
	R Gomes Jardim es R Leopoldo Bier		0%	1	2%	1	1%	
	Av Jerônimo de Ornelas		0%	1	2%	1	1%	
	Pça São Francisco	1	3%	1	2%	2	2%	
	Av Princesa Isabel	4	11%	2	4%	6	7%	
	Pontes da Av Ipiranga		0%	3	6%	3	3%	
	Vila R São Luiz esq Princesa Isabel		0%	2	2%	2	1%	
	R Prof Freitas e Castro		0%	1	2%	1	1%	
TOTAL	38	100%	51	100%	89	100%		

Nota: Nem todos os moradores indicaram lugares. As porcentagens dizem respeito à indicações realizadas.

ANEXO J

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

(continuação) Tabela J1.4: Lugares inseguros e evitados por Área e por grupo socioeconômico

Área de análise	Lugares inseguros e evitados	Morador habitação social		Morador do bairro		Total		
		Nº de indicações	%	Nº de indicações	%	Nº de indicações	%	
ÁREA 2	Av Ipiranga	2	5%	3	6%	5	6%	48% (14 de 29) são lugares indicados apenas por moradores do bairro. 21% (6 de 29) são indicados apenas por moradores da habitação social. 31% (9 de 29) são lugares comuns aos dois grupos.
	Av Ipiranga/ La Plata		0%	1	2%	1	1%	
	Av Princesa Isabel	1	3%		0%	1	1%	
	Condomínio do Anjos		0%	4	8%	4	4%	
	Próximo Jardim Botânico	2	5%	1	2%	3	3%	
	Pça Araribóia	1	3%		0%	1	1%	
	Pça das Nações		0%	4	8%	4	4%	
	Pça Rui Teixeira		0%	2	4%	2	2%	
	R Aurélio Porto		0%	1	2%	1	1%	
	R Barão do Amazonas		0%	2	4%	2	2%	
	R Corte Real		0%	2	4%	2	2%	
	R Dário Pederneiras		0%	3	6%	3	3%	
	R Euclides da Cunha	3	8%	1	2%	4	4%	
	R Eça de Queiroz	1	3%	2	4%	3	3%	
	R Farias Santos		0%	1	2%	1	1%	
	R Felizardo		0%	1	2%	1	1%	
	R Gonçalves Ledo	1	3%		0%	1	1%	
	R Guilherme Alves	1	3%	1	2%	2	2%	
	R La Plata	1	3%	7	14%	8	9%	
	R Machado de Assis	2	5%	1	2%	3	3%	
	R Reis Louzada		0%	1	2%	1	1%	
	R Riveira		0%	1	2%	1	1%	
	R Veríssimo Rosa	2	5%		0%	2	2%	
Vila Cachorro Sentado	19	48%	8	16%	27	30%		
Vila do Sossego	2	5%	1	2%	3	3%		
R Euclides da Cunha esq Av Ipiranga		0%	1	2%	1	1%		
Av Ipiranga próximo Cond Veador Porto		0%	1	2%	1	1%		
Av Bento Gonçalves	1	3%		0%	1	1%		
Av Ipiranga próximo Av Cristiano Fischer	1	1%		0%	1	1%		
TOTAL	40	100%	50	100%	90	100%		
ÁREA 3	Av Azenha	4	7%	4	9%	8	8%	25% (9 de 36) são lugares indicados apenas por moradores do bairro. 33% (12 de 36) são indicados apenas por moradores da habitação social. 42% (15 de 36) são lugares comuns aos dois grupos.
	Av Bento Gonçalves	3	5%	2	5%	5	5%	
	Av Getúlio Vargas	1	2%		0%	1	1%	
	Av Princesa Isab/ Av Bento Gonçalves	3	5%		0%	3	3%	
	Av Princesa Isabel	2	4%	3	7%	5	5%	
	Av Erico Veríssimo	3	5%		0%	3	3%	
	Cemitérios	1	2%		0%	1	1%	
	Conj Lupicínio Rodrigues	4	7%	1	2%	5	5%	
	Conjunto Planetário	1	2%	2	5%	3	3%	
	Conjunto Princesa Isabel		0%	2	5%	2	2%	
	Fundos Olímpico		0%	1	2%	1	1%	
	Pça Guilherme Schell		0%	1	2%	1	1%	
	Pça Garibaldi	1	2%	1	2%	2	2%	
	Pça Piratini	2	4%		0%	2	2%	
	R Barão do Triunfo	1	2%	1	2%	2	2%	
	R Botafogo	2	4%		0%	2	2%	
	R Domingos Crescêncio	1	2%	1	2%	2	2%	
	R Gen Caldwell	3	5%	2	5%	5	5%	
	Parque da Redenção		0%	1	2%	1	1%	
	R Guilherme Schell		0%	2	5%	2	2%	
	R Leopoldo Bier	1	2%	5	11%	6	6%	
	R Marcílio Dias	5	9%	2	5%	7	7%	
	R Prof Freitas e Castro	5	9%	1	2%	6	6%	
	R Pedro Rampi		0%	1	2%	1	1%	
	R Plácido de Castro		0%	1	2%	1	1%	
	R Ramiro D'ávila	6	11%	2	5%	8	8%	
	R Santana		0%	2	5%	2	2%	
	R São Luís	1	2%		0%	1	1%	
	R São Manoel		0%	1	1%	1	1%	
	R Vicente da Fontoura	1	1%	4	5%	5	3%	
R Vinte de Setembro	1	2%		0%	1	1%		
Vila do Sossego	1	2%	1	2%	2	2%		
R Monsenhor Veras	1	2%		0%	1	1%		
R Visconde do Herval	1	2%		0%	1	1%		
R Veador Porto	1	2%		0%	1	1%		
Vila Zero Hora	1	2%		0%	1	1%		
TOTAL	57	100%	44	100%	101	100%		

Nota: Nem todos os moradores indicaram lugares. As porcentagens dizem respeito à indicações realizadas.

ANEXO L

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

Tabela L1: Valores de χ^2 (Kruskal-Wallis) para a variação das distâncias entre moradia-equipamento por área e por grupo social

	Área, independente do grupo social		Grupo social(todas as áreas)			
	Área de estudo	Média	Grupo de Morador	Média		
Compras básicas ou diárias	Área 1	83,78	Morador da habitação social	90,90	Não significante	
	Área 2	107,81		Morador do bairro		96,94
	Área 3	90,69				
Compras específicas	Área 1	72,32	Morador da habitação social	101,43	K-W, $\chi^2=5,051$ sig.= 0,025	
	Área 2	131,58		Morador do bairro		84,13
	Área 3	71,98				
Praticar esporte	Área 1	66,40	Morador da habitação social	66,67	Não significante	
	Área 2	59,26		Morador do bairro		59,01
	Área 3	59,74				
Lazer diurno	Área 1	71,68	Morador da habitação social	73,62	K-W, $\chi^2=11,025$ sig.= 0,001	
	Área 2	83,15		Morador do bairro		98,23
	Área 3	103,54				
Lazer noturno	Área 1	84,11	Morador da habitação social	74,60	K-W, $\chi^2=5,935$ sig.= 0,015	
	Área 2	94,20		Morador do bairro		92,37
	Área 3	71,29				

Nota: Os números representam as médias dos valores ordinais, quanto maior o valor maiores as distâncias percorridas.

Tabela L2.1: Lugares utilizados para compras diárias ou básicas por área e por grupo social

Área de análise	Lugares de compras diárias ou básicas identificados	Morador habitação social		Morador do bairro		Total	
		N° de indicações	%	N° de indicações	%	N° de indicações	%
ÁREA 1	Armelim (açougue)	0	0,0%	1	2,4%	1	1,2%
	Big Cristal	1	2,4%	1	2,4%	2	2,4%
	Bird - Av Jerônimo Ornelas	5	12,2%	7	17,1%	12	14,6%
	Boteco Santana	1	2,4%	0	0,0%	1	1,2%
	Fruteira Jerônimo Ornelas/Jacinto G	0	0,0%	1	2,4%	1	1,2%
	Fruteira Santana/Laurindo	0	0,0%	1	2,4%	1	1,2%
	Minimercado Av Jerônimo de Ornelas	0	0,0%	1	2,4%	1	1,2%
	Nacional São Luiz	0	0,0%	2	4,9%	2	2,4%
	Nacional Venâncio	7	17,1%	0	0,0%	7	8,5%
	Nacional Érico Veríssimo	0	0,0%	1	2,4%	1	1,2%
	Padaria Luiz Manoel	6	14,6%	3	7,3%	9	11,0%
	Padaria Santana (casa)	9	22,0%	3	7,3%	12	14,6%
	Padaria Santana (prédio)	9	22,0%	1	2,4%	10	12,2%
	Pasta el Doce	0	0,0%	1	2,4%	1	1,2%
	Poko Preço	0	0,0%	4	9,8%	4	4,9%
	Zaffari Fernando Machado	0	0,0%	1	2,4%	1	1,2%
	Zaffari Ipiranga	3	7,3%	13	31,7%	16	19,5%
		41	100,0%	41	100,0%	82	100,0%
ÁREA 2	-	0	0,0%	3	6,8%	3	3,1%
	Big Cristal	2	3,8%	0	0,0%	2	2,1%
	Bourbon Ipiranga	12	23,1%	13	29,5%	25	26,0%
	Carrefour	8	15,4%	0	0,0%	8	8,3%
	Gessepel	22	42,3%	9	20,5%	31	32,3%
	Minimercado Carmelo (S Manoel)	0	0,0%	1	2,3%	1	1,0%
	Minimercado Di Mari	0	0,0%	1	2,3%	1	1,0%
	Nacional São Luiz	1	1,9%	0	0,0%	1	1,0%
	Nacional Venâncio	1	1,9%	0	0,0%	1	1,0%
	Padaria Barão do Amazonas	0	0,0%	1	2,3%	1	1,0%
	Padaria R Euclides da Cunha	1	1,9%	0	0,0%	1	1,0%
	Unisuper Bom Jesus	1	1,9%	0	0,0%	1	1,0%
	Zaffari Ipiranga	4	7,7%	16	36,4%	20	20,8%
		52	100,0%	44	100,0%	96	100,0%
ÁREA 3	Big Cristal	1	1,7%	0	0,0%	1	0,9%
	Bird - Av Azenha	20	33,9%	8	14,3%	28	24,3%
	Bourbon Ipiranga	0	0,0%	3	5,4%	3	2,6%
	Carrefour	3	5,1%	1	1,8%	4	3,5%
	Fruteira Delosbel	2	3,4%	3	5,4%	5	4,3%
	Fruteira Sérgio (Santana)	0	0,0%	3	5,4%	3	2,6%
	Gaúcho (Marcílio Dias)	5	8,5%	0	0,0%	5	4,3%
	Minimercado Capitâneo	0	0,0%	1	1,8%	1	0,9%
	Minimercado César	1	1,7%	0	0,0%	1	0,9%
	Minimercado Dussul	3	5,1%	1	1,8%	4	3,5%
	Minimercado Maffei	0	0,0%	4	7,1%	4	3,5%
	Minimercado Martins	1	1,7%	0	0,0%	1	0,9%
	Minimercado Palmar	0	0,0%	1	1,8%	1	0,9%
	Minimercado R Dom Crescêncio	0	0,0%	1	1,8%	1	0,9%
	Minimercado Ramiro D'ávila	5	8,5%	1	1,8%	6	5,2%
	Minimercado Rissul	1	1,7%	0	0,0%	1	0,9%
	Nacional São Luiz	7	11,9%	8	14,3%	15	13,0%
	Nacional Érico Veríssimo	6	10,2%	2	3,6%	8	7,0%
	Padaria Santana/Dom Crescêncio	0	0,0%	1	1,8%	1	0,9%
	Sacolão (Marcílio Dias)	1	1,7%	0	0,0%	1	0,9%
	SESI	1	1,7%	0	0,0%	1	0,9%
	Supermercados em geral	0	0,0%	1	1,8%	1	0,9%
	Zaffari Getúlio	0	0,0%	2	3,6%	2	1,7%
	Zaffari Ipiranga	1	1,7%	12	21,4%	13	11,3%
	Zaffari Lima e Silva	0	0,0%	3	5,4%	3	2,6%
	Unisuper	1	1,7%	0	0,0%	1	0,9%
		59	100,0%	56	100,0%	115	100,0%

ANEXO L

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

Tabela L2.2: Lugares utilizados para compras diversas ou específicas por área e por grupo social

Área de análise	Lugares de compras diversas ou específicas identificados	Morador habitação social		Morador do bairro		Total	
		N° de indicações	%	N° de indicações	%	N° de indicações	%
ÁREA 1	-	0	0,0%	2	4,5%	2	2,6%
	Av Azenha	3	9,1%	1	2,3%	4	5,2%
	Açogue Jerônimo Ornelas	0	0,0%	1	2,3%	1	1,3%
	Bourbon Ipiranga	0	0,0%	2	4,5%	2	2,6%
	Carrefour	1	3,0%	0	0,0%	1	1,3%
	Centro	20	60,6%	8	18,2%	28	36,4%
	Centro Útil	0	0,0%	1	2,3%	1	1,3%
	Fruteira Jerônimo Ornelas/Jaci	0	0,0%	1	2,3%	1	1,3%
	Loja Herina (Venâncio Aires)	0	0,0%	1	2,3%	1	1,3%
	Mercado Público	0	0,0%	1	2,3%	1	1,3%
	Minimercado Rissul	1	3,0%	0	0,0%	1	1,3%
	Nacional Érico Veríssimo	0	0,0%	1	2,3%	1	1,3%
	Poko Preço	1	3,0%	0	0,0%	1	1,3%
	Shopping Iguatemi	0	0,0%	2	4,5%	2	2,6%
	Shopping João Pessoa	5	15,2%	7	15,9%	12	15,6%
	Shopping Moinhos	0	0,0%	1	2,3%	1	1,3%
	Shopping Praia de Belas	2	6,1%	8	18,2%	10	13,0%
	Shopping Total	0	0,0%	1	2,3%	1	1,3%
Zaffari Ipiranga	0	0,0%	6	13,6%	6	7,8%	
		33	100,0%	44	100,0%	77	100,0%
ÁREA 2	Av Protásio Alves	0	0,0%	1	2,0%	1	1,2%
	Bourbon Ipiranga	0	0,0%	13	26,0%	13	15,7%
	Centro	27	81,8%	7	14,0%	34	41,0%
	Gessepel	1	3,0%	1	2,0%	2	2,4%
	Loja Homem (Benjamin Constant)	0	0,0%	1	2,0%	1	1,2%
	Lojas Bairro Bom Fim	0	0,0%	1	2,0%	1	1,2%
	R Silva Jardim	0	0,0%	1	2,0%	1	1,2%
	Shopping Iguatemi	2	6,1%	12	24,0%	14	16,9%
	Shopping Praia de Belas	2	6,1%	7	14,0%	9	10,8%
	Shopping Total	0	0,0%	3	6,0%	3	3,6%
	Zaffari Ipiranga	1	3,0%	3	6,0%	4	4,8%
		33	100,0%	50	100,0%	83	100,0%
ÁREA 3	Av Azenha	12	31,6%	4	8,7%	16	19,0%
	Av Bento Gonçalves	1	2,6%	0	0,0%	1	1,2%
	Av Independência	0	0,0%	1	2,2%	1	1,2%
	Av Protásio Alves	0	0,0%	1	2,2%	1	1,2%
	Bird - Av Azenha	0	0,0%	1	2,2%	1	1,2%
	Bourbon Ipiranga	0	0,0%	1	2,2%	1	1,2%
	Centro	16	42,1%	8	17,4%	24	28,6%
	Internet	0	0,0%	1	2,2%	1	1,2%
	Lojas Marcílio Dias	0	0,0%	1	2,2%	1	1,2%
	R Ramiro Barcelos	0	0,0%	1	2,2%	1	1,2%
	Shopping Iguatemi	0	0,0%	5	10,9%	5	6,0%
	Shopping João Pessoa	8	21,1%	7	15,2%	15	17,9%
	Shopping Moinhos de Vento	0	0,0%	3	6,5%	3	3,6%
	Shopping Praia de Belas	1	2,6%	11	23,9%	12	14,3%
	Shopping Total	0	0,0%	2	4,3%	2	2,4%
	Zaffari Ipiranga	0	0,0%	1	2,2%	1	1,2%
diversos fora bairro	0	0,0%	1	2,2%	1	1,2%	
		38	100,0%	49	106,5%	87	103,6%

ANEXO L

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

Tabela L2.3: Lugares utilizados para a prática de esporte por área e por grupo social

Área de análise	Lugares para a prática de esportes identificados	Morador habitação social		Morador do bairro		Total	
		Nº de indicações	%	Nº de indicações	%	Nº de indicações	%
ÁREA 1	-	7	23,3%	11	28,2%	18	26,1%
	ACM	0	0,0%	1	2,6%	1	1,4%
	Academia BioAtiva (Ramiro)	0	0,0%	1	2,6%	1	1,4%
	Academia Fitwell	0	0,0%	1	2,6%	1	1,4%
	Academia São Luís	0	0,0%	1	2,6%	1	1,4%
	Bairro (ruas)	1	3,3%	4	10,3%	5	7,2%
	Bairro Navegantes	1	3,3%	0	0,0%	1	1,4%
	Gasômetro	0	0,0%	1	2,6%	1	1,4%
	Marinha	1	3,3%	0	0,0%	1	1,4%
	PUC	0	0,0%	1	2,6%	1	1,4%
	Parcão	0	0,0%	2	5,1%	2	2,9%
	Parque Harmonia	1	3,3%	1	2,6%	2	2,9%
	Petrópolis Tênis Clube	0	0,0%	1	2,6%	1	1,4%
	Posto de Saúde Modelo	1	3,3%	0	0,0%	1	1,4%
	Pão dos Pobres	1	3,3%	0	0,0%	1	1,4%
	Pça Piratini	1	3,3%	0	0,0%	1	1,4%
	Pça Planetário	1	3,3%	0	0,0%	1	1,4%
	Redenção	15	50,0%	12	30,8%	27	39,1%
	em casa	0	0,0%	1	2,6%	1	1,4%
	R Laurindo	0	0,0%	1	2,6%	1	1,4%
	30	100,0%	39	100,0%	69	100,0%	
ÁREA 2	-	13	41,9%	8	20,0%	21	29,6%
	Academia Atlético	0	0,0%	1	2,5%	1	1,4%
	Bairro (ruas)	6	19,4%	6	15,0%	12	16,9%
	Bourbon Ipiranga	0	0,0%	1	2,5%	1	1,4%
	DEP	3	9,7%	0	0,0%	3	4,2%
	ESEF	4	12,9%	8	20,0%	12	16,9%
	Épicos (Ararybóia)	0	0,0%	1	2,5%	1	1,4%
	Gasômetro	1	3,2%	0	0,0%	1	1,4%
	Grêmio Náutico União	0	0,0%	2	5,0%	2	2,8%
	Litoral	0	0,0%	1	2,5%	1	1,4%
	Oficina do Corpo	1	3,2%	0	0,0%	1	1,4%
	PUC	0	0,0%	2	5,0%	2	2,8%
	Parcão	1	3,2%	1	2,5%	2	2,8%
	Petrópolis Tênis Clube	0	0,0%	6	15,0%	6	8,5%
	Pça das Nações	1	3,2%	0	0,0%	1	1,4%
	Quadra do Pinheiro (Bento Gonçalves)	1	3,2%	0	0,0%	1	1,4%
	Quadra Paulo Brito	0	0,0%	1	2,5%	1	1,4%
	Rota do Corpo (Guilherme Schell)	0	0,0%	1	2,5%	1	1,4%
	em casa	0	0,0%	1	2,5%	1	1,4%
		31	100,0%	40	100,0%	71	100,0%
ÁREA 3	-	16	48,5%	4	10,8%	20	28,6%
	Atlas (Princesa Isabel)	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%
	Bairro (ruas)	7	21,2%	9	24,3%	16	22,9%
	Cadica (Caldwell/Érico)	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%
	Escola Mané Garrincha	1	3,0%	0	0,0%	1	1,4%
	Gasômetro	1	3,0%	0	0,0%	1	1,4%
	Ginásio Tesourinha	1	3,0%	0	0,0%	1	1,4%
	Golfinho (São Manoel)	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%
	Marinha	3	9,1%	2	5,4%	5	7,1%
	Parcão	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%
	Partenon Tênis Clube	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%
	Pilates	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%
	Pça Henrique Halpern	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%
	Redenção	1	3,0%	8	21,6%	9	12,9%
	Rota do Corpo (Guilherme Schell)	0	0,0%	3	8,1%	3	4,3%
	Salão Ig NS Lourdes	1	3,0%	1	2,7%	2	2,9%
	Terminal João Pessoa	1	3,0%	0	0,0%	1	1,4%
	em casa	1	3,0%	2	5,4%	3	4,3%
	Via Corpus	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%
		33	100,0%	37	100,0%	70	100,0%

ANEXO L

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

Tabela L2.4: Lugares utilizados para a lazer diurno por área e por grupo social

Área de análise	Lugares de lazer diurno identificados	Morador habitação social		Morador do bairro		Total	
		N° de indicações	%	N° de indicações	%	N° de indicações	%
ÁREA 1	-	2	6,7%	3	7,3%	5	7,0%
	Bairro (ruas)	0	0,0%	2	4,9%	2	2,8%
	Bairro Menino Deus	0	0,0%	1	2,4%	1	1,4%
	Gasômetro	1	3,3%	0	0,0%	1	1,4%
	Ig Menino Deus	0	0,0%	1	2,4%	1	1,4%
	Marinha	2	6,7%	0	0,0%	2	2,8%
	Morro Sta Tereza	1	3,3%	0	0,0%	1	1,4%
	Parcão	0	0,0%	1	2,4%	1	1,4%
	Parque Harmonia	1	3,3%	1	2,4%	2	2,8%
	Pça Del Gadret	2	6,7%	0	0,0%	2	2,8%
	Pça João Paulo I	0	0,0%	1	2,4%	1	1,4%
	Pça Joaquim de Queiroz	1	3,3%	3	7,3%	4	5,6%
	Pça Julio Bolzano	0	0,0%	1	2,4%	1	1,4%
	Pça Planetário	3	10,0%	0	0,0%	3	4,2%
	Redenção	5	16,7%	17	41,5%	22	31,0%
	diversos	0	0,0%	1	2,4%	1	1,4%
	em casa	12	40,0%	9	22,0%	21	29,6%
		30	100,0%	41	100,0%	71	100,0%
ÁREA 2	-	0	0,0%	5	10,6%	5	5,7%
	Av Jerônimo de de Ornelas	0	0,0%	1	2,1%	1	1,1%
	Bairro (ruas)	1	2,5%	4	8,5%	5	5,7%
	Bairro Petrópolis	0	0,0%	1	2,1%	1	1,1%
	Bourbon Ipiranga	1	2,5%	5	10,6%	6	6,9%
	Centro	0	0,0%	1	2,1%	1	1,1%
	Col Padre Rambo	1	2,5%	0	0,0%	1	1,1%
	Condomínio dos Anjos	6	15,0%	0	0,0%	6	6,9%
	Estádio Eucaliptos	0	0,0%	1	2,1%	1	1,1%
	Grêmio Náutico União	0	0,0%	1	2,1%	1	1,1%
	Lami	1	2,5%	0	0,0%	1	1,1%
	Marinha	2	5,0%	0	0,0%	2	2,3%
	Parcão	0	0,0%	2	4,3%	2	2,3%
	Petrópolis Tênis Clube	0	0,0%	1	2,1%	1	1,1%
	Pça Araribóia	1	2,5%	0	0,0%	1	1,1%
	Pça Rui Teixeira	5	12,5%	0	0,0%	5	5,7%
	Pça das Nações	2	5,0%	0	0,0%	2	2,3%
	Pça Tamandari	1	2,5%	0	0,0%	1	1,1%
	Redenção	5	12,5%	5	10,6%	10	11,5%
	SESC	0	0,0%	1	2,1%	1	1,1%
	Shopping Iguatemi	0	0,0%	5	10,6%	5	5,7%
	Shopping Praia de Belas	0	0,0%	4	8,5%	4	4,6%
	Shopping Total	0	0,0%	1	2,1%	1	1,1%
diversos	1	2,5%	0	0,0%	1	1,1%	
em casa	12	30,0%	7	14,9%	19	21,8%	
interior/litoral	1	2,5%	2	4,3%	3	3,4%	
		40	100,0%	47	100,0%	87	100,0%
ÁREA 3	-	1	2,4%	1	2,6%	2	2,5%
	Alvorada	1	2,4%	0	0,0%	1	1,3%
	Assoc Subtenentes Soldados Brigada	0	0,0%	1	2,6%	1	1,3%
	Bairro Petrópolis	0	0,0%	1	2,6%	1	1,3%
	Bairro Pinheiro	1	2,4%	0	0,0%	1	1,3%
	Beira Rio	1	2,4%	0	0,0%	1	1,3%
	Bourbon Ipiranga	0	0,0%	1	2,6%	1	1,3%
	Gasômetro	2	4,9%	0	0,0%	2	2,5%
	Ipanema	0	0,0%	1	2,6%	1	1,3%
	Marinha	3	7,3%	4	10,5%	7	8,9%
	Parque Exposição Menino Deus	0	0,0%	1	2,6%	1	1,3%
	Pça Del Gadret	1	2,4%	0	0,0%	1	1,3%
	Parque Harmonia	1	2,4%	1	2,6%	2	2,5%
	Pça Henrique Halpern	3	7,3%	0	0,0%	3	3,8%
	Pça Planetário	1	2,4%	0	0,0%	1	1,3%
	Pça Piratini	1	2,4%	0	0,0%	1	1,3%
	Redenção	9	22,0%	7	18,4%	16	20,3%
	Shopping Iguatemi	0	0,0%	1	2,6%	1	1,3%
	Shopping Praia de Belas	2	4,9%	2	5,3%	4	5,1%
	Terminal João Pessoa	2	4,9%	0	0,0%	2	2,5%
	Vila Zero Hora	1	2,4%	0	0,0%	1	1,3%
diversos	1	2,4%	1	2,6%	2	2,5%	
em casa	8	19,5%	7	18,4%	15	19,0%	
interior/litoral	2	4,9%	8	21,1%	10	12,7%	
zona sul	0	0,0%	1	2,6%	1	1,3%	
		41	100,0%	38	100,0%	79	100,0%

ANEXO L

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

Tabela L2.5: Lugares utilizados para a lazer noturno por área e por grupo social

Área de análise	Lugares de lazer diurno identificados	Morador habitação social		Morador do bairro		Total		
		Nº de indicações	%	Nº de indicações	%	Nº de indicações	%	
ÁREA 1	-	1	2,9%	4	10,8%	5	7,0%	
	Acadêmicos da Orgia	1	2,9%	0	0,0%	1	1,4%	
	Av Goethe	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%	
	Av Venâncio Aires	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%	
	Bar do Beto	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%	
	Bar do Darci	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%	
	Bingo Lima e Silva	3	8,8%	0	0,0%	3	4,2%	
	Centro	3	8,8%	0	0,0%	3	4,2%	
	Chop 1	2	5,9%	0	0,0%	2	2,8%	
	Churrascaria Mamamia	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%	
	Churrascaria Santana	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%	
	Cidade Baixa	2	5,9%	6	16,2%	8	11,3%	
	Clube Farrapos	1	2,9%	0	0,0%	1	1,4%	
	Clube Ipiranguinha	2	5,9%	0	0,0%	2	2,8%	
	Clube da Saudade	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%	
	Conjunto Planetário	1	2,9%	0	0,0%	1	1,4%	
	Dr. Jackel	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%	
	Estância da Azenha	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%	
	Ipanema	1	2,9%	0	0,0%	1	1,4%	
	Lancheria Santana	2	5,9%	0	0,0%	2	2,8%	
	Mc Dinhos (Princesa Isabel)	1	2,9%	0	0,0%	1	1,4%	
	Prince (Protásio Alves)	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%	
	R Padre Chagas	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%	
	Shopping João Pessoa	1	2,9%	0	0,0%	1	1,4%	
	Shopping Moinhos	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%	
	Shopping Total	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%	
	Sta Mônica (Carlos Gomes)	0	0,0%	1	2,7%	1	1,4%	
	Stuttgart	2	5,9%	0	0,0%	2	2,8%	
	diversos	0	0,0%	2	5,4%	2	2,8%	
	em casa	11	32,4%	11	29,7%	22	31,0%	
			34	100,0%	37	100,0%	71	100,0%
	ÁREA 2	-	0	0,0%	6	13,6%	6	7,4%
		Av Goethe	0	0,0%	2	4,5%	2	2,5%
		Bairro Jardim Botânico	0	0,0%	1	2,3%	1	1,2%
Barranco		0	0,0%	1	2,3%	1	1,2%	
Bingo (Centro)		1	2,7%	0	0,0%	1	1,2%	
Bingo (João Pessoa/Venâncio)		1	2,7%	0	0,0%	1	1,2%	
Bora-Bora (Barão do Amazonas)		1	2,7%	0	0,0%	1	1,2%	
Bourbon Country		0	0,0%	1	2,3%	1	1,2%	
Bourbon Ipiranga		0	0,0%	5	11,4%	5	6,2%	
Cavanhas (Barão Amazonas)		1	2,7%	0	0,0%	1	1,2%	
Genouras Pastel		0	0,0%	1	2,3%	1	1,2%	
Centro		1	2,7%	0	0,0%	1	1,2%	
Chalaça (zona sul)		1	2,7%	0	0,0%	1	1,2%	
Chop 1		1	2,7%	0	0,0%	1	1,2%	
Churrascaria Santana		1	2,7%	0	0,0%	1	1,2%	
Cidade Baixa		1	2,7%	5	11,4%	6	7,4%	
Clube Imperial		1	2,7%	0	0,0%	1	1,2%	
Clube Ipiranguinha		1	2,7%	0	0,0%	1	1,2%	
Clube Rodeio		3	8,1%	0	0,0%	3	3,7%	
Pizzaria (Bento Gonçalves)		1	2,7%	0	0,0%	1	1,2%	
R Padre Chagas		0	0,0%	2	4,5%	2	2,5%	
Shopping Iguatemi		0	0,0%	4	9,1%	4	4,9%	
Shopping Moinhos de Vento		0	0,0%	1	2,3%	1	1,2%	
Shopping Nova Olaria		0	0,0%	1	2,3%	1	1,2%	
Shopping Praia de Belas		0	0,0%	3	6,8%	3	3,7%	
Strike (Av Cristiano Fischer)		1	2,7%	0	0,0%	1	1,2%	
Stuttgart		5	13,5%	0	0,0%	5	6,2%	
diversos		0	0,0%	5	11,4%	5	6,2%	
Velho Cardoso		1	2,7%	0	0,0%	1	1,2%	
Vitinho (Barão/Ipiranga)		1	2,7%	0	0,0%	1	1,2%	
em casa		14	37,8%	6	13,6%	20	24,7%	
			37	100,0%	44	100,0%	81	100,0%
ÁREA 3		Assembléia Deus (Bento Gonçalves)	1	2,6%	0	0,0%	1	1,4%
		Av Bento Gonçalves	1	2,6%	0	0,0%	1	1,4%
	Av Getúlio Vargas	0	0,0%	1	2,9%	1	1,4%	
	Av Goethe	1	2,6%	0	0,0%	1	1,4%	
	Av Venâncio Aires	0	0,0%	1	2,9%	1	1,4%	
	Bairro Azenha	0	0,0%	1	2,9%	1	1,4%	
	Bar Coimbra (Av Azenha)	1	2,6%	0	0,0%	1	1,4%	
	Bar P Freitas e Castro	1	2,6%	0	0,0%	1	1,4%	
	Bar do baixinho -conjunto	1	2,6%	0	0,0%	1	1,4%	
	Bar do Darci	0	0,0%	1	2,9%	1	1,4%	
	Bela Vista Plaza	0	0,0%	1	2,9%	1	1,4%	
	centro	1	2,6%	0	0,0%	1	1,4%	
	Chalaça (zona sul)	1	2,6%	0	0,0%	1	1,4%	
	Churrascaria Prenda Minha	1	2,6%	0	0,0%	1	1,4%	
	Churrascaria Santana	1	2,6%	0	0,0%	1	1,4%	
	Cidade Baixa	0	0,0%	4	11,4%	4	5,5%	
	Conjunto Princesa Isabel	3	7,9%	0	0,0%	3	4,1%	
	Grêlhatos (Vicente Fontoura)	0	0,0%	1	2,9%	1	1,4%	
	Ig Restauração	1	2,6%	0	0,0%	1	1,4%	
	Minuto (Princesa Isabel)	1	2,6%	0	0,0%	1	1,4%	
	Mc Dinhos (Princesa Isabel)	1	2,6%	0	0,0%	1	1,4%	
	Novo Hamburgo	0	0,0%	1	2,9%	1	1,4%	
	Papa X	2	5,3%	0	0,0%	2	2,7%	
	Pizzarias (Cristóvão Colombo)	1	2,6%	1	2,9%	2	2,7%	
	Restaurante São João	1	2,6%	0	0,0%	1	1,4%	
	Restinga	1	2,6%	0	0,0%	1	1,4%	
	R Padre Chagas	0	0,0%	1	2,9%	1	1,4%	
	Shopping Iguatemi	0	0,0%	2	5,7%	2	2,7%	
	Shopping João Pessoa	0	0,0%	1	2,9%	1	1,4%	
	Shopping Praia de Belas	0	0,0%	3	8,6%	3	4,1%	
	Stuttgart	2	5,3%	0	0,0%	2	2,7%	
	diversos	0	0,0%	3	8,6%	3	4,1%	
	em casa	15	39,5%	13	37,1%	28	38,4%	
			38	100,0%	35	100,0%	73	100,0%

ANEXO M

A INFLUÊNCIA DE ATRIBUTOS ESPACIAIS NA INTERAÇÃO ENTRE GRUPOS HETEROGÊNEOS EM AMBIENTES RESIDENCIAIS.

Tabela M1: Caracterização do tipo de fechamento e da visibilidade da moradia em relação ao espaço público por Área e por grupo socioeconômico

Aspectos relativos à necessidade de privacidade			Área 1		Área 2		Área 3	
			Morador do Jardim Planetário	Morador do bairro	Morador do Condomínio dos Anjos	Morador do bairro	Morador do Condomínio Princ. Isabel	Morador do bairro
Tipo de fechamento	cerca viva ou jardim permeável ou porta e janela	% de moradores	11 36,7%	7 20,0%	0 .0%	5 13,5%	6 19,4%	8 25,8%
	grade ou muro baixo	% de moradores	16 53,3%	24 68,6%	0 .0%	24 64,9%	25 80,6%	17 54,8%
	talude + muro alto	% de moradores	3 10,0%	4 11,4%	30 100,0%	8 21,6%	0 .0%	6 19,4%
Visibilidade	alta	% de moradores	18 60,0%	23 65,7%	7 23,3%	16 43,2%	7 22,6%	11 35,5%
	média	% de moradores	6 20,0%	11 31,4%	3 10,0%	17 45,9%	6 19,4%	17 54,8%
	baixa	% de moradores	6 20,0%	1 2,9%	20 66,7%	4 10,8%	18 58,1%	3 9,7%

Tabela M2: Caracterização dos recuos de jardim por Área e por grupo socioeconômico

		Área 1		Área 2		Área 3	
		Morador da habitação social (92 edificações)	Morador do bairro (417 edificações)	Morador da habitação social (12 edificações)	Morador do bairro (322 edificações)	Morador da habitação social (5 edificações)	Morador do bairro (359 edificações)
Não há recuo		3,3%	24%	-	5%	-	32,9%
Vegetação rasteira ou arbustiva Pequenas edificações		16,3%	21,2%	100%	23,3%	60%	14,2%
Vegetação + árvores ou pequenas edificações ou mobiliário		25%	1,2%	-	0,3%	-	0,3%
Nenhuma opção		35,9%	29,1%	-	46,6%	40%	21,2%
Ornamentos/elementos decorativos		13%	21,9%	-	23,6%	-	26,5%
Estado de conservação							
	Bom	3,3%	17,1%	-	26,7%	40%	10,9%
	Regular	39,1%	41,2%	100%	49,4%	60%	36,2%
	Ruim	34,3%	15,7%	-	15,5%	-	17,0%
	Precário	19,6%	1,2%	-	3,4%	-	1,4%

Nota: (1) percentagens calculadas em função do n° de edificações; (2) aspectos com frequências inferiores a 10% nos três grupos não constam na tabela.

Tabela M3.1: Associação entre indicadores do comportamento territorial

Associações		Área 1	
		Morador da habitação social	Morador do bairro
Entre satisfação com a personalização do território e:	Privacidade.	Spearman, c=-0,360, sig.=0,051	
	Percepção de controle territorial e segurança.	Spearman, c=0,401, sig.=0,028	Spearman, c=0,394, sig.=0,021

Tabela M3.2: Associação entre indicadores do comportamento territorial e uso dos espaços semiprivados ou privados, dimensões da interação social na vizinhança e uso do bairro, de outros bairros e do centro

Associações		Geral	Área, independente do grupo social			Grupo social (todas as áreas)	
			Área 1	Área 2	Área 3	Morador da habitação social	Morador do bairro
Entre percepção de homogeneidade e:	Privacidade.	Spearman, c=-0,107, sig.=0,137	Spearman, c=-0,092, sig.=0,024	Spearman, c=-0,150, sig.=0,227	Spearman, c=-0,066, sig.=0,609	Spearman, c=-0,029, sig.=0,784	
	Satisfação com a personalização do território.	Spearman, c=0,178, sig.=0,013					
	Percepção de controle territorial e segurança.	Spearman, c=-0,117, sig.=0,105	Spearman, c=-0,317, sig.=0,011	Spearman, c=-0,094, sig.=0,452		Spearman, c=-0,014, sig.=0,896	Spearman, c=-0,147, sig.=0,141
Entre satisfação com a personalização do território e:	Apoio mútuo na vizinhança.	Spearman, c=0,171, sig.=0,017					Spearman, c=0,202, sig.=0,041
	Ligação com a vizinhança.	Spearman, c=0,183, sig.=0,011	Spearman, c=0,273, sig.=0,028				Spearman, c=0,309, sig.=0,002
	Uso do bairro de moradia.		Spearman, c=0,278, sig.=0,025				
	Uso de outros bairros.	Spearman, c=-0,222, sig.=0,002		Spearman, c=-0,280, sig.=0,022		Spearman, c=-0,275, sig.=0,008	Spearman, c=-0,222, sig.=0,024
Entre percepção de controle territorial e segurança e:	Comportamento mais favorável ao contato social nas ruas.		Spearman, c=-0,310, sig.=0,013				
	Uso dos espaços semiprivados e privados.	Spearman, c=0,278, sig.=0,000	Spearman, c=0,546, sig.=0,000	Spearman, c=0,340, sig.=0,005		Spearman, c=0,407, sig.=0,000	Spearman, c=0,219, sig.=0,000
	Uso do bairro de moradia.	Spearman, c=0,168, sig.=0,020	Spearman, c=0,282, sig.=0,024				